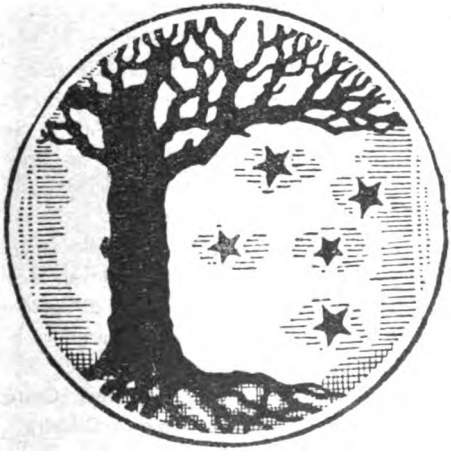
PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealógica Brasileira



ANO V — 1.º SEMESTRE DE 1944 — N.º 9

Digitized by Google

DELEGADOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Foram nomeados *Delegados* e *Representantes Oficiais* do *Instituto* nas localidades abaixo, os seguintes sócios, com plenos poderes (inclusive receber quantias): (1)

Anápolis (Goiáz)	Pe. José Trindade da Fonseca e Silva
Anicuns	Oscar Jaime
Araxá (Minas)	Sebastião de Afonseca e Silva
Barão Homem de Melo (Rio)	Reinaldo Maia Souto
Botucatú (S. Paulo)	Fausto Teixeira
Cachoeiro de Itapemirim (Esp. St.)	Dr. Wilson Lopes de Resende
Campina Grande (Paraiba)	Epaminondas Camara
Campinas	Dr. Teodoro de Sousa Campos Junior
Campos (Estado do Rio)	Dr. Alberto Frederico de Morais Lamengo
Caruarú (Pernambuco)	Capitão Luciano Cerqueira Pereira
Corrêias (Rio)	Lourenço Luiz Lacombe
Fartura	João Jacques Ribeiro do Vale
Formiga (Minas)	Dr. Coriolano Pinto Ribeiro
Franca	José Pedro Carvalho Junior
Goiânia (Goiáz)	Albatêmio Caiado Godói
Guaranesia (Minas)	Dr. Jorge Bueno de Miranda
Guaratinguetá (S. Paulo)	Frei Adalberto Ortman, O.F.M.
Itapolis	Julio da Silveira Sudário
José Bonifácio	Dr. Romeu Maia Souto
Lins	Dr. Elias Alves Corrêa
Livramento (R. G. do Sul)	Coronel Francisco Flores da Cunha
Lorena	Dr. Antônio da Gama Rodrigues
Mariana (Minas)	Cônego Raimundo Otávio Trindade
Ouro Fino (Minas)	Dr. Pompeu Rossi
Palmeiras (Goiaz)	Prof. Jurbas Jayme
Paracatú (Minas)	Prof. Olimpio Gonzaga
Paraíba do Sul	Pedro Gomes da Silva
Paranaguá (Paraná)	Major Guilherme de Lara Tupper
Pelotas (Rio G. S[illegible]	Exma. Snrta. Doutora Heloisa de Assumpção
Penápolis	Dr. Geraldo Cardoso de Melo
Petrópolis	Dr. Mario Aloisio Cardoso de Miranda
Piedade	Benedito Bueno de Camargo
Pindamonhangaba	Cap. Dr. Gustavo Adolfo Ramos de Melo
Pirenópolis (Goiaz)	Prof. José Assuêro de Siqueira
Ribeirão Preto	Prof. Dr. Oscar de Moura Lacerda
Rio Grande (Sul)	Octacilio Grafulha
Santo Angelo (Rio G. Sul)	Capitão Dr. Amyr Borges Fortes
Santos	Dr. Severino de Novais e Silva
São Bento Sapucaí	Dr. Paulo Emilio d'Alessandro
São Carlos	Prof. Nelson Camargo
São Gabriel (Rio G. Sul)	Celso Martins Schröder
São José dos Campos	Dr. Luiz de Azevedo Castro
Tanabí	Sebastião Almeida Oliveira
Taubaté	Dr. Felix Guisard Filho
Tietê	Dr. Francisco Veiga de Castro

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES MAR

5-6

(1) Uma das funções do Delegado será colher dados e documentos das principais famílias locais; bem como dados biográficos de pessoas de destaque, de preferência falecidas.

Digitized by Google

Revista Genealógica Brasileira

ORGÃO DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

Sede das reuniões: Rua Barão de Itapetininga, 120 (4º andar - sala 415) (Prédio Guatapará) Sede administrativa e redação: Rua Voluntários da Pátria, 2912 - Tel.: 3-8403 - Diretor-Responsável: Salvador de Moya - Dir.-Sec.: Comendador Mário Guastini - Red.-Sec. (subst.): Sinésio de Oliveira Piedade Trindade e Melo - Redatores: Drs. F. A. Carvalho Franco e Felipe Nery de Siqueira e Silva.

ANO V - N. 9	S. PAULO - BRASIL	1º SEMESTRE DE 1944

INSTITUTO GENEALÓGICO DO DIST. FEDERAL

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O Nobiliário de Torres da Bibliotéca Nacional

(Verbete Bibliográfico)

Heloisa Cabral da Rocha Werneck

Heloisa Cabral da Rocha Werneck

1.ª PARTE: *Descrição da obra* (1): a) autor b) título.

TORRES, Affonso de [? - 1647 (?)]

"Copia dos Nobeliarios de Affonso de Tor/-res que eu Antonio Jozé de Gouvea e Silva, mandei ti/rar de outra, que se conservava em Caza do Conde da Pon/te, Antonio Jozé de Mello e Torres, e que por sua morte / ficou a sua molher a Exma D. Anna Joaquina, / de Lancastre, que depois foi 2a. molher de Jozé Joaq.m / de Miranda Henriques, cuja copia hera Escrita / em vinte e sinco velumes, e eu a mandei reduzir a dés / Tomos maes velumozos /"

c) características.

Cod. em port., in-Fº gr., 370 x 252, papel de forma, letra do sec. 18 e anotações do sec. 19, 10 v. enc., ff do texto num. a tinta na época, 1º fº pr. em branco, 2º fº pr. com o título e o índice dos apelidos, outros ff. pr. com as armas pintadas a cor, texto no centro da pa. com margens laterais para observações e referências, aprox. 33 ll.as por pa. cheia. Cópia, inédito, s. data, Lisboa (?)

(1) Para a ficha e para o verbete.

Digitized by Google

2.ª PARTE: *Análise pessoal do catalogador* (2).

1.º VOL. O título transcrito acima ocorre ao alto do rº do 2º fº pr. num. a lapis posteriormente, seguem-se os dizeres:

"Tomo primeiro / Index dos apelidos que contem este Tomo com / as Armas que a elles pertencem / Caza de Bragança f. Nº 1 / Albuquerques f. 125 - N.º 2 / Azevedos f. 178 - Nº 3 / Alvarengas f. 292 vº - N.º 4 / Ataydes f. 297 - N.º 5 / Almeydas f. 334 vº - N.º 6 / Almadas f. 258 - N.º 7 / Azevedos Malafayas f. 231 - N.º 8 / "

O 3º fº pr. num. a lapis post. apresenta 7 brasões de armas no rº e 1 no vº pintados a côr e devidamente numerados, seguem-se 396 ff num. a tinta na época, dos quais os ff. 42 rº, 44 rº, 53 vº, 63 rº, 82 vº, 116 rº, 121 vº, 122 a 124 rº e vº, 218 rº e vº, 257 rº e vº, 279 vº, 291 rº, 292 rº, 322 rº, 334 rº, 367 vº, 377 rº, 391 vº, 392 a 396 rº e vº acham-se total ou quasi totalmente em branco. Termina no vº do fº com os seguintes dizeres:

"Diogo Firnandes Camela Nº 2º fº 2º de Gonçalo de Azevedo e de D. Lourença Camela / Pg. Por morte de seu irmão herdou a Caza de / seu Pay, e a Quinta de Val de Tanna em ??ierca / " (3)

2.º VOL. O título ocorre no 2º fº pr. num a lapis post.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Segundo / Index dos apelidos, e suas Armas / Britos f. - Nº 1 / Barretos - Fº 59 - Nº 2 - / Bendanhas - Fº 110 - Nº 3 - / Brum - fº 119 - Nº 4 - / Coutinhos - fº 120 - Nº 5 - / Cortes Reaes - fº 205 - Nº 6 - / Camellos - fº 225 - Nº 7 - / Sezares - fº 256 - Nº 8 / Cabraes - fº 226 - Nº 9 - / Cunhas - fº 280 - Nº 10 - / Cunhas, Senhores de Pombrº - 2º 382 - Nº 10 - / ".

Seguem-se as armas pintadas a cor e devidamente numeradas (com anotações a tinta feitas recentemente, nos ff pr. 3º vº e 4º rº. O texto tem 407 ff num. a tinta na época, e escrita com a mesma letra mas com tintas diferentes o que desmerece a estética geral. Nos ff 110 a 119 (Bendanhas) a tinta está muito desbotada dificultando a leitura.

Acham-se total ou quasi totalmente em branco os seg.tes ffos: 16 rº, 39 rº, 58 rº e vº, 102 a 109 rº e vº, 149 rº e vº, 154 vº, 156 vº, 158 vº, 174 vº, 183 vº, 201 vº, 202 rº, 204 rº e vº, 207 rº e v, 213 rº, 219 rº, 220 rº, 223 rº e vº, 224 vº, 231 vº, 232 rº, 233 rº, 241 vº, 242 vº, 243 rº, 255 vº, 262 vº, 265 vº, 278 rº, 279 rº e vº. Os ff 404 a 407 foram numerados a tinta recentemente, por ter desaparecido a numeração original. Termina no fº 407 rº:

"Cazou com Dª Elena de Castro Filha de Francisco Coelho de Castro e de D. Marianna de Figueiredo."

3.º VOL. O título ocorre no 2º fº pr. num. a lapis post.:

"Nobeliario de Torres / Tomo terceiro / Index dos apelidos e suas Armas / Castros - fº 2 - Nº 1 / Costas - fº 106 - Nº 2 / Caldeiras - fº 109 - Nº 3 / Camellos - fº 118

(2) Só para o verbete.
(3) Letras ilegíveis.

Digitized by Google

- Nº 4 / Camoens - fº 121 vº - Nº 5 - Vêr Ribeiro Soares e fº 127 vº / Carneiros - fº 129 - Nº 6 / Carvalhozas - fº 131 vº - Nº 7 / Cazal - fº 134 vº - nº 8 / Coresmas fº 139 - Nº 9 / Coutos - fº 146 - Nº 10 / Costas outros - fº 148 - Nº 2 / Castellos Brancos - fº 174 - Nº 11 / Cameras - fº 227 - Nº 12 / Eças - fº 276 - Nº 13 / Carrascos - fº 130 / ."

Na 7.ª linha do título há uma anotação a tinta feita recentemente. Seguem-se ff pr. 3º e 4º num. a lapis com anotações recentes. O cod. tem 300 ff. num. a tinta na época, mais 1 (um) fº final in., parece ter sido escrito por 3 pessoas em épocas diferentes, com características de letras dos sec. 18 e 19. Em letra do sec. 19 são feitas as anotações à margem nos ff. 174, 176, 177, 178, 179, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 205. Também as correções e acréscimos no texto nos ff 183 vº, 189 rº e vº, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 206 rº, 212, 214. Entre os ff. 181 e 182 há acréscimos em letra do séc. 19, feitos em tiras de papel coladas no códice. Entre ff. 232/233 e 247/248 o texto continua em ff. in. Ao ser encadernado ff. 102 e 107 foram colocados invertidos, ficando fº 107 entre ff. 101/103 e fº 102 entre 106/108. Termina no vº do fº 300:

"... Nam foi cazado, nem deixou geração."

4.º Vol. O título ocorre no 2º fº pr. in.:

"Nobeliario de Torres / Tomo quarto / Index dos apelidos e suas Armas / Correas - Fº 1 - Nº 1 / Carvalhos - fº 75 vº - Nº 2 / Cotrins - fº 109 - Nº 3 / Cunhas - fº 111 vº - Nº no 2º tomo / Cottas - fº 120 Nº 4 / Dourados - fº 124 vº - Nº 18 / Enserrabodes - fº 128 vº - Nº 16 / Estaços - fº 133 - Nº 17 / Foncequas - fº 135 - Nº 5 / Favilas - fº 150 vº - Nº 6 / Fialhos - fº 153 - Nº 19 / Gagos - fº 154 vº - Nº 17 / Freyres de Andr.e - fº 167 - Nº 8 / Farias - fº 197 - Nº 9 / Figueiredos - fº 212 vº - Nº 10 / Silvas - fº 237 - Nº 11 / Souto Mayores - fº 346 - Nº 12 / Sodrés - fº 352 - Nº 13 / Siqueiras - fº 357 vº - Nº 14 / Dragos - fº 125 vº Nº / Esmeraldos - fº 128 vº Nº 15 /"

Na 24ª linha há uma correção recente (130). Nos ff. 3, rº e vº e 4º rº ocorrem os brazões de armas devidamente numerados e pintados a cor. O texto tem 383 ff. num. a tinta na época e é escrito com letras diferentes, os ff. 167 a 345 tendo sido escritos por um único copista. Acham-se total ou quasi totalmente em branco os ff.: 41 vº, 42 vº, 43 vº, 44 vº, 45 vº, 46 vº, 47 vº, 48 vº, 52 vº, 54 vº, 60 vº, 108 rº e vº, 111 rº, 114 rº, 128 rº, 150 rº, 152 vº, 154 rº, 162 vº, 163 a 166 rº e vº, 273 rº, 341 vº, 345 rº, 351 vº. Há anotações e acréscimos em letras diferentes da do texto nos ff. 29, 30, 31, 32. 34, 37. Termina no fº 383:

"No anno de 1516 Servio no Prestes João de / Capitão de hum Navio Pero de Siqueira /."

5.º Vol. O título ocorre no 2º fº pr.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Quinto / Index dos apelidos, e suas armas / Gamas - fº 1 - Nº 1 / Gamas, de D. Vasco da Gama - fº 4 vº - Nº 2 / Mendonças - fº 41 - Nº 3

Digitized by Google

- Monizes - fº 115 vº - Nº 4 / Mascarenhas - fº 155 vº - Nº 5 / Soares de Alvergaria - fº 255 - Nº 6 / Soares outros - fº 299 - Nº 7 / Guerras - fº 40 /."

As armas pintadas a cor ocorrem no 3º fº pr. in. Entre ff. 159 e 160 há um acréscimo em f. de papel inf. colado no texto. Tem 267 ff. de texto escritas com letra e tintas diferentes, dos quais os ff. 40 vº, 258 rº, 263 vº, 267 vº, assim como o fº final in. acham-se total ou quasi totalmente em branco. Termina no rº do fº 267:

"D. Maria de Souza, morreu menina // D. Isabel de Souza /."

6.º Vol. O título ocorre no 2º fº pr. in.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Sexto / Index dos apelidos e suas Armas / Henriques - fº 1 - Nº 1 / Limas - fº 28 - Nº 2 / Lencastres - fº 80 - Nº 3 / Souzas - Fº 105 - Nº 4 / Souzas da Caza de arouches - fº 214 - Nº 3 /."

Seguem-se as armas pintadas a cor e devidamente numeradas no 3º fº pr. Dos 265 ff. de texto, num. a tinta na época e escritos com letra e tinta diferentes, acham-se total ou quasi totalmente em branco os seguintes: 79 vº, 102 e 103 rº e vº, 149 rº, 151 rº, 152 rº, 166 vº, 167 vº, 187 vº, 196 rº, 201 rº, 239 vº, 249 vº, 258 rº, 265 vº, 266 rº e vº e rº e vº dos 5 ff. finais in. Há anotações com letra do séc. 19 nos ff. 37 vº, 108, 134, 264, e um acréscimo em tira de papel colada entre os ff. 142/143. Termina no rº do fº 265 com as seguintes palavras:

"D. Brittes de Souza, que soccedeo na / caza, e cazou com Jorge da Silva, Guarda mor / dos Pinhais de Leiria /."

7.º Vol. O título ocorre no 2º fº pr.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Setimo / Index dos apelidos e suas Armas / Lobos - fº 1 e 23 - Nº 1 / Manoeis - fº 88 - Nº 2º - Lobos outros - fº 139 vº - Nº 1 / Lagartos - fº 139 vº - Nº 3 / Loureyros - fº 147 vº - Nº 4 / Leoens - fº 144 - Nº 5 / Lunas - fº 164 - Nº 7 / Lucenas - fº 168 - Nº 8 - Lins - fº 178 - Nº 9 / Macedos - fº 180 - Nº 10 / Mellos - fº 192 - Nº 11 / Mouras - fº 312 vº - Nº 12 / Lucas - fº 161 - Nº 6 /."

Seguem-se as armas pintadas a cor e devidamente numeradas nos ff. pr. 3 e 4. Há 364 ff. de texto, num. a tinta na época e escritos com letra e tintas diferentes, dos quais acham-se total ou quasi totalmente em branco os seguintes: 123 a 130 rº e vº, 143 vº, 160 vº, 163 rº, 167 rº, 208 vº, 226 vº, 239 rº, 269 rº, 274 rº, 289 vº, 310 vº, 312 rº, 327 vº, 356 vº. Há ainda 5 ff. finais in. e em branco. No fº 53 há anotação do século 19. Termina no rº do fº 363:

"Cazou com Britte da Costa filha de // de quem /."

Ainda no vº do fº 364 ocorre o título "Mouras" e a numeração 364.

Digitized by Google

8.º VOL. O título ocorre no 2º fº pr.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Oitavo / Index dos apelidos e suas armas / Menezes - fº 1 - Nº 1 / Mirandas - fº 155 - Nº 2 / Magalhaens - fº 201 - Nº 3 / Noronhas - fº 229 - Nº 4 /."

Seguem-se as armas pintadas a cor e devidamente numeradas, no 3º fº pr. As 339 ff. de texto, devidamente num. a tinta, na época, são escritas com uma só letra, embora as anotações posteriores sejam em letra do séc. 19, salientando-se as que se acham nos ff. 50, 72, 78 vº, 203, 205, 206, 211. Acham-se total ou quasi totalmente em branco os seguintes ff.: 35 rº, 90 rº, 94 vº, 98 vº, 132 rº, 149 vº, 153 rº, 154 vº, 170 rº, 184 vº, 194 rº, 195 vº, 198 rº, 199 vº, 200 rº e vº, 207 vº, 213 vº, 228 rº e vº, 243 vº, 244 vº, 254 vº, 318 rº, 336 a 339 rº e vº. Termina no vº do fº 335:

"Cazou, em Goa, mas não teve geração."

9.º VOL. O título ocorre no 2º fº pr. in.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Nono / Index dos apelidos, e suas armas / Oliveiras - fº 1 - Nº 1 / Pereiras Lacerdas - fº 25 vº - Nº 2 / Pessanhas - fº 52 vº - Nº 3 / Pachecos - fº 76 - Nº 4 / Perestrellos - fº 25 vº - Nº 5 / Povoas - Fº 100 vº - Nº 6 / Peixotos - fº 105 vº - Nº 7 / Rochas Peixotos - fº 131 vº - Nº 8 / Pereiras - fº 139 - Nº 9 / Ribeiros Cirnes - fº 328 - Nº 10 / Ravascos - fº 323 - Nº 11 /."

Seguem-se as armas a cor e devidamente numeradas nos ff. 3º e 4º pr. Os 330 ff. de texto devidamente numerados a tinta na época são escritos com letras e tintas diferentes. Acham-se total ou quasi totalmente em branco os seguintes ff.: 14 rº, 25 rº, 32 rº, 75 rº, 284 rº e vº, 322 vº, 324 vº. Há anotações com letra do séc. 19 nos seguintes ff.: 1 rº, 3 rº, 4 rº, 62 rº, 80 rº, 100 rº, 137 vº, 177 rº, 178 rº. Termina no vº do fº 330:

"Luiz Cid de Almeida Nº 1 fº 1 de Francisco / da Silva e Almeida e de vive neste anno de 1702 / Cazou com D. Leonor, fª do Dr. Francisco da Silva / e Souza. Deputado da Meza da Consciencia, e Mªl das Cal / das /."

10.º VOL. O título ocorre no 2º fº pr. in.:

"Nobeliario de Torres / Tomo Decimo / Index dos apelidos e suas Armas / Sás - fº 1 - Nº 1 / Sampayos - fº 55 vº - Nº 2 / Saldanhas - fº 122 vº - Nº 3 / Silveiras - fº 161 - Nº 4 / Tavoras - fº 187 - Nº 5 / Torres - fº 229 - Nº 6 / Vasconcellos - fº 251 - Nº 7 / Veigas - fº 346 vº - Nº 8 /."

As armas pintadas a cor e devidamente numeradas ocorrem no 2º fº pr. vº e no 3º fº pr. rº. Seguem-se 559 ff. num. a tinta na época, dos quais acham-se em branco total ou quasi totalmente os seguintes: 184 rº, 186 rº e vº, 205 vº, 228 rº e vº, 238 rº, 244 rº, 245 rº, 246 a 250 rº e vº, 270 rº, 272 rº, 274 vº, 331 vº, 316 rº, 353 vº, 559 vº. Há anotações do séc. 19 nos ff. 197, 255, 261, 314, 354. Entre os ff. 19/20, em tira de papel inferior colada no

Digitized by Google

códice, há um acréscimo em letra e tinta diferentes da do texto. Termina no f° 559 r° com o seguinte parágrafo:

"L. em tt° Pereiras Pg. / de quem não houve filhos, e deixou sua fazenda / a seu sobrinho João da Veiga, filho de Simão / da Veiga a fl. 354 deste mesmo Livro e tt° /."

3.ª PARTE: História e Crítica do autor e seus colaboradores e do assunto (4).

Analisando o título do códice em apreço, verificamos que três nomes se apresentam à nossa investigação: o autor, o possuidor da primeira cópia e o mandatário da segunda cópia. Passamos a estudá-los:

1) *Quem é Afonso de Torres, o genealogista?*

Diogo Barbosa Machado, in-Biblioteca Lusitana, p. 52, tomo 1, nos informa:

"Affonso de Torres. Nasceo em a Cidade de Lisboa de illustres progenitores, quaes forão João Ruiz de Torres Commendador de Monte Mór, o novo, da Ordem de Christo do Concelho del Rey Felippe II e D. Guiomar de Vilhena filha de Ruy Telles de Menezes Alcaide mor de Covilhãa, e de D. Leonor Manrique. Logo desde a puericia foi instruido naquellas artes dignas do seu nascimento. Chegando á idade adulta começou a aborrecer o ocio da patria, e aspirar á gloria immortal, que se alcança pelas armas, para cujo nobre intento concorreo seu Pay mandando-o para Flandres, que naquelle tempo era o mais famoso theatro de Marte, onde já como Soldado, já como Capitão executou singulares proezas. Restituido ao Reyno, casou com D. Catherina Mondragon, de quem como da segunda mulher D. Magdalena Henriquez, filha de D. Gonçalo da Costa Armeiro mór não teve successão. Passando a terceiras vodas se despozou com D. Violante Manrique, sua sobrinha filha de Ayres de Sousa de Castro Commendador da Alcaçova em Santarem, da qual teve a D. Leonor Manrique, que cazou com seu tio Francisco de Mello e Torres, Marquez de Sande, varão de summa prudencia e profunda politica. A mayor parte da vida passou em Lisboa tão inimigo de occupaçoens publicas, como amante da lição dos livros. Foy versado na Historia, e principalmente em huma das mais nobres partes della, qual he a Genealogia escrevendo Genealogias das Familias de Portugal. 8 tom. foli."

De posse destas valiosas informações, confrontamo-las com o que nos relata o próprio genealogista, no códice inédito, a respeito de sua família:

"Nobeliario de Torres" tomo 10 f° 231 r° e v°:

Diogo de Torres N° 1° f° 1° de Hernando da Ribeira y Cordova" (na pg. precedente Hernando de Torres y Cordova) "e de Isabel Fernandes. Passou a Portugal no tempo del Rey D. Manoel com seu irmão Affonso de Torres no anno de 1520, no de 1525 lhe concedeo hum privilegio que gozace de todas as liberdades do Reyno como que fosse natural delle, dando-lhe de morada 2400 rs. de Fidalgo Cavalero por mez faleceo no anno de 1547 esteve enterrado no Mosteiro de Sam Francisco desta cidade de Lisboa cujos ossos depois foram tresladados ao Capitulo do Carmo por ser interro seu de donde

(4) Só para o verbete.

Digitized by Google

se mudaram para a Capella de Jezuz do mesmo Mosteiro, que hoje hé da invocação de N. Senhora da Boa Morte."

Nob. Torres Tomo 10º:

"fº 232: "Affonço de Torres Nº 1 fº 1 de Diogo de Torres e de Brittes de Castilho pg" (na pg. precedente, linha 11, acha-se mencionado: "Affonço de Torres, o Mosso Nº 1 pg") "Foy o chefe da familia dos Torres, assim de Malaga, como de Roma, Sevilha e Portugal, conforme o declarou El Rey D. Sebastião por hum Alvará seu passado no anno de 1560 em que diz que Affonço de Torres hé o Chefe desta familia, por ser filho de Diogo de Torres, Irmão mais velho dos dois Irmãos que a este Reyno viver vieram, e que por ser dos Torres de Castella, possa uzar das mesmas armas que em Castella uza a mesma familia. O Campo Vermelho, sinco Torres de ouro, quadradas lavradas de preto, em Elmo de prata aberto, guarnecida de ouro paquife de ouro, e vermelho, e por timbre huma das Torres das Armas com sua Estrela vermelha assentada sobre ella. Estas Armas trouxe de Castella Diogo de Torres de Bujadas, debuxada e estampadas em hum instrumento de sua Nobreza feito em Vallado Rid por Antonio Rodrigues Tabalião publico, justificado conforme o direito em virtude do qual lhe mandou El Rey passar o sobredito Alvará. Possuhio hum Morgado, Affonço de Torres, que seu Pay instituio nesta Cidade de juro, e Cazas nellas. Teve huma Commenda da Ordem de Christo. Faleceo no anno de 1580 está enterrado na sua Capella do Carmo da invocação de Jezuz. No anno de 1565 foi acresintado a Fidalgo Escudeiro por ElRey Dom Sebastião. Foy Affonso de Torres muy favorecido da Emperatriz D. Izabel mulher do Emperador D. Carlos de quem tinha cartas de muitas honras, consta das que tem em seu poder D. Antonio de Atayde Conde de Castro que lhe ficaram de seu avô o Conde de Castanheira. Cazou com D. Violante de Mello filha de João de Mello, Alcaide mor de Castello devide e de D. Felipa de Abreu L. em ttº de Mello Pg de quem teve..."

Nob. Torres Tomo 10º, fº 333:

"João Rodriguez de Torres Nº 1 fº 1º de Affonso de Torres e de D. Violante de Mello pg. Teve a commenda de Montemor novo da Ordem de Christo que servio em Africa os primeiros annos de sua mossidade. Estudou na Universidade de Padua, esteve alguns em italia e Veneza onde a Senhoria lhe deu notaveis previlegios por sobrinho do Cardeal Torres; daqui tornou ao Reyno e chegou em tempo, passou no soccorro de Marzagão no anno de 1562 com hum navio a sua custa, provido de missionarios de guerra, e com homens bem liszidos o Capitam lhe encarregou hum dos Arriscados Portos da Fortaleza que deffendeo honradamte uzando nos mayores assaltos de alguns ardiz de guerra, fingindo com festas e demonstraçoens de Alegria o damno que do inimigo recebia e no mesmo tempo acodindo aos companheiros curando-os das feridas que trazião como fez a João de Mello do Algarve que se recolheo a sua tenda, por estes servissos lhe fez a Raynha D. Catharina muitas honras por ser quem neste tempo governava o Reyno, despois o occupou muitas vezes em levantar levas de gente, digo groças levas de gente na Comarca de ABeyra. Servio na jornada do Pinhão de Veles com D. Garcia Tello de Noronha no anno de e alguns nas Galés do Rno e em Tanger e 14 mezes com seis cavallos e sinco homens de pé sendo Capitam Lourenço Pires de Tavora no anno de 1565, e em tempo de Ruy deSouza Carvalho oito mezes. Passou a India honde servio

Digitized by Google

alguns annos igualmente trazendo muitas dividas. Faleceo no anno de 1607 esta enterrado no seu jazigo do Carmo. Cazou com D. Guimar de Vilhena, filha de Ruy Tellez de Menezes, Alcaide mor de Covilhãa e de D. Leonor Manrique. L. em tt° de Silvas Pg de quem teve

Martim Affonço de Torres - N° 1 morreo mosso"...

Nob. Tor. t. 10°, f° 234, lin. 12:

"Ruy Telles de Mello, N° 2 f° 2 de João Rodrigues de Torres e de D. Guimar de Vilhena Pg. Por morte de seu Irmão herdou o Morgado, e Commenda, e por *esta Cauza se chamou Affonço de Torres* por conforme a obrigação do Morgado. Passou a Flandres no anno de 1614 honde servio oito no terço de Dom João de Menezes, achando-se na tomada de Vizil, e nas demais occazioens de Guerra que em seu tempo houve."

"Cazou naquellas partes, por amores, com D. Margarida de Mondragon, filha de Francisco de Estanuinile Flamengo, e de D. Catharina de Mondragon, que era filha do Coronel Mondragon de quem não teve f^os^. Cazou segunda vez com D. Magdalena Henriques, filha de D. Gonçalo da Costa, Amador Mor do Reyno e de D. Joanna Henriquez. L. em tt° de Costas de quem nam teve g.^am^. Cazou 3ª vez em Santarem com D. Violante e Mendonça, sua sobrinha, filha de Ayres de Souza de Castro, Commendador do Ryo Mayor e Alpedriz e de D. Leonor Manrique. L. em tt° de Souzas Pg. de quem teve

"D. Leonor Manrique que nasceo a 27 de Outubro de 1633 em huma quinta feira.

João Rodrigues de Torres que nasceo a 7 de Agosto de 1734 e faleceo de dois annos, dois mezes e oito dias a 16 de Outubro de 1636.

D. Guimar de Vilhena que nasceo em o derradeiro de Agosto de 1635." (5)

Pelas transcrições de Diogo Barbosa Machado (Biblioteca Lusitana) e do "Nobeliario", vemos que o autor do códice original, Afonso de Torres é bisneto do primeiro Torres (Diogo de Torres) que veiu para Portugal em 1525, acompanhado de um irmão (Afonso de Torres, o velho). É neto de Afonso de Torres, o moço, 1° chefe da Casa de Torres, por alvará de D. Sebastião (1567). É filho do valente João Rodrigues de Torres também mencionado por Barbosa Machado e nas outras fontes consultadas, tais como:

a) Anselmo Braamcamp Freire, in-Livro Primeiro dos Brasões da sa. de Sintra, ed. 1930, p. 490:

"Affonso de Torres e D. Violante de Mello ... entre outros filhos, João Rodrigues de Torres Garcia e Mello. Casou João Rodrigues em com D. Guiomar de Vilhena, filha de Rui Telles de Menezes, alcaide mor da Couvilhã, e foi seu filho e sucessor outro Affonso de Torres, genealogista celebre, falecendo algum tempo antes de 7 de Setembro de 1647, data da carta padrão de cem mil reis de juros pertencentes ao morgado, a qual por sua morte foi dada a sua filha e sucessora D. Leonor Manrique de Torres (Torre do Tombo, Registo do Real Arquivo, 54° fl. 35)."

b) Cristovão Alão de Morais, in-Pedatura Lusitana-Hispânica (1667) publicada por Vasconcelos, Cruz e Freitas, Fas. 7 p. 397, n° 4:

(5) Nota do Catalogador: (Continua a nomenclatura da família com minúcias de datas, salientando-se o especial carinho com que menciona os filhos acima).

Digitized by Google

"Affonso (A) de Torres f° herdeiro deste em cuja casa e comenda sucedeo, e servio algũs anos em Flandres aonde casou cõ D. Maria de Mondragon que outros chamão de D. Cu.ª hirmã do Coronel D. Christovão de Mondragon a qual he a Hirmã do Coronel e não sua fi.ª como erradamente dissemos, não teve filhos. Casou 2.ª vez cõ D. Magdalena Henriques f.ª de D. G.lo da Costa Armeiro mor e de D. I.ª Henrique 1.ª M.er s.g. Casou 3.ª vez com D. Violante de Castro filha de Ayres de Souza de Santarem, e de D. Leonor Manrique de quem teve.

5) D. Guiomar que não casou

5) D. Leonor Manrique de Torres M.er de Franc.o de Mello de Torres primo de seu pai, depois Conde da Ponte e Marquez de Sande N° 4."

teve B:

5) Ruy Telles de Mens. que assistio ao Marques seu cunhado nas embaixadas da Inglaterra e França e hé do cons.o ultramarino.

[Nota à margem inf.or:]

(A) Este A° de Torres he o q̃ fez os livros de familias q̃ são mto. fidedignos."

O estudo comparativo das diversas transcrições acima, revela uma certa uniformidade das informações básicas, embora haja uma ou outra discrepância entre elas.

De início convém salientar a valiosa informação que nos dá o códice da B. N. — a do genealogista chamar-se Rui Teles de Melo, sendo que o apelido Teles lhe vinha do avô materno, Ruy Tellez de Menezes, e Melo da avó paterna, d.ª Violante de Melo, filha de João de Melo.

Sòmente após a morte do irmão, em data por nós ignorada, passou a chamar-se Afonso de Torres (ou Afonso de Torres Teles) para fins da morgadia e da comenda. E sob êste nome tradicional notabilizou-se como genealogista.

Uma discrepância que merece investigação por parte dos genealogistas portugueses (não dos brasileiros) é a menção que faz a Pedatura Lusitana de um Rui Teles de Mens. como sendo o terceiro filho de Afonso de Torres. Provavelmente houve confusão com o sogro do genealogista, Rui Teles de Menezes, Alcaide Mór de Covilhã. De acôrdo com o "Nobeliario" o único filho varão de Afonso Torres morreu aos "dois anos, dois meses e oito dias" e chamava-se João Rodrigues de Torres.

Há divergências ainda quanto ao parentesco do 1° Conde da Ponte com Afonso de Torres. De acôrdo com o "Nobeliario", a filha mais velha de Afonso de Torres, d.ª Leonor de Manrique, casou-se com o primo, primo em 1° gráu de seu pai, sendo filho de um tio paterno deste, de nome Garcia de Torres. Entretanto a Bib. Lus. menciona: "casou com seu *tio* Francisco de Mello de Torres" e a Pedatura Lusitana relata: "D. Leonor Manrique M.er de Franc.o de Mello de Torres *primo* de seu pai", o que está certo.

Nenhuma das obras consultadas menciona a data do nascimento de Afonso de Torres. Quanto a data provavel da sua morte (1647) indicada por Braamcamp Freire (Livro 1° dos Brasões da sala de Sintra), aceitamos com dúvida, embora seja citado documento existente na Torre do Tombo.

Digitized by Google

Afonso de Torres deve ter morrido ainda moço, pois, em 1635, ainda regista o nascimento de uma filha, d.ª Leonor de Vilhena. Além disso a data da sua ida para Flandres, em 1614, dá a entender que o genealogista não tinha ainda atingido os 60 anos em 1647. Diz Barbosa Machado que "chegando a idade adulta" êle partiu para Flandres. O que entenderia Diogo Barbosa Machado por "idade adulta"? Tanto podem ser os 12 anos, como os 15, os 18, os 20, os 25 anos. Não concordamos com a Biblioteca Lusitana quando diz que o Pai concorreu para a sua ida a Flandres. Tendo falecido em 1607, como indica o Nobiliário, seria impossivel que houvesse contribuido para a viagem do filho, em 1614.

2) *Quem é Antônio José de Melo de Torres, 3º Conde da Ponte?*

Pelo "Nobeliario" de Torres foi muito facil estabelecer a linhagem dos Condes da Ponte. O 1º Conde da Ponte, Francisco de Melo de Torres, 4º Marquês de Sande, era filho de Garcia de Torres, *tio* do genealogista Afonso de Torres. Casou-se com d.ª Leonor de Manrique, filha e herdeira de Afonso de Torres. Tiveram quatro descendentes, 1 varão e 3 mulheres (duas sem descendentes):

a) D.ª Margarida Josefa que se casou com Luis de Saldanha da Gama.

b) Garcia de Melo de Torres, 2º Conde da Ponte, que se casou com d.ª Maria Caetana de Menezes. Foram os pais do *3º Conde da Ponte, Antônio José de Melo de Torres* c.c. d.ª Ana Joaquina de Lancastre. Não deixou descendentes.

Extinguiu-se pois a linha varonil do 2º Conde da Ponte passando o título a ser usado pelos descendentes de sua filha d.ª Margarida Josefa, casada com Luis de Saldanha da Gama. E assim vamos encontrar na Baía (Brasil) o 6º Conde da Ponte, D. João de Saldanha da Gama de Melo e Torres, falecido aos 24 de maio de 1807.

3) *Quem é Antônio José de Gouvea e Silva?*

Não nos foi possivel investigar nem saber qual o interesse que teve em mandar tirar a cópia do Nobiliário de Torres. Sabemos entretanto que há uma ligação entre as duas famílias já que o Nobiliário, ao se referir a d.ª Leonor Manrique, avó do genealogista Afonso de Torres, indica: "L. em tt° de *Silvas* Pg", isto é: Ler em título dos Silvas. Há pois um entrelaçamento entre os Torres e os Silvas, o que explicará o interesse do mandatário desta 2.ª cópia do Nobiliário de Torres.

Quanto à importância do assunto, bastará a apreciação de Diogo Barbosa Machado, na Bib. Lus. Tomo I p. 52 e seg.:

"... Nesta grande obra se admira a vasta noticia da Historia, em que era profundamente douto Affonso de Torres, pois todas as familias de que escreve, estão illustradas com noticias das nossas Chronicas, e varios documentos extrahidos do Archivo Real, fazendo-se mais estimavel pela recta intensão, com que as escreveo sem a menor preocupação de alguma paixão dominante, que o impellisse a descobrir o mais leve defeito no esplendor de tantas familias."

Digitized by Google

Com razão Barbosa Machado salienta o valor da obra de Afonso de Torres. Vale como documento genealógico bastante documentado e autenticado, embora muitas datas e muitos nomes tenham ficado em branco. Vale pelo estilo fluente de cronista ingênuo, quebrando a monotonia das nomenclaturas genealógicas com citações da tradição oral, da heráldica poética, com narrações simples e vivas dos fatos históricos sem procurar esconder êrros ou prejudicar a lealdade dos indivíduos mencionados em seu livro. Como exemplo, podemos citar o Tomo 2 f° 266:

"CABRAIS. Os deste appelido dizem que uzam destas armas por descenderem de Carano Rey da Grecia: e que do tempo dos Gregos ficarão em Espanha, disto não temos outra certeza mais que a desta opinião referida pelas pessoas desta familia. João Rodrigues de Sá nas desqueriçoens que fez das Armas, e Brazoens da Nobreza Portugueza descreve o Escudo destas na forma seguinte:

De purpura celestial
Sobre prata mui luzente
A geração mui valente
Que da voz se diz Cabral
Trazem sem ouro differente
E para que estas se apontem
Escrito trazem na fronte
Seu esforço e lealdade
Naquela grãa Liberdade
Do Castello de Belmonte.
....."

Vale sobretudo como documento histórico-social, já que a utilidade da genealogia consiste no conhecimento psico-social de um povo. Sabemos que tôda pessoa humana, num momento dado, é o produto do meio mais condições sociais mais hereditariedade. E esta hereditariedade coletiva de famílias que se entrelaçaram, que se submeteram ao mesmos estatutos sociais, que trabalharam junto, que amaram, sofreram, ou odiaram em conjunto, é que foi formar o contingente social de uma nação em determinada época. Neste sentido a genealogia serve não sòmente à História, como à Sociologia e à alta Administração de um país. O Nobiliário tem, pois, um valor inestimavel para o Brasil, já que inúmeras são as indicações das famílias que se estabeleceram neste lado do Atlântico ou das personagens que desempenharam papel histórico na formação da nação brasileira.

4.ª PARTE: Histórico do códice (6)

Pesquisas efetuadas na Biblioteca Lusitana, de Diogo Barbosa Machado, e no próprio códice da B. N. nos facultam a formular as seguintes conclusões:

1.°) Existem três códices distintos da obra de Afonso de Torres: o original, a cópia do Conde da Ponte, a cópia de Gouvea e Silva (B. N.).

(6) Só para o verbete.

Digitized by Google

, 2.º) O ORIGINAL, presume-se por Barbosa Machado que tivesse o título "Genealogias das Famílias de Portugal" e fosse escrito em 8 tomos (In-fº):

"... Foy versado na Historia, e principalmente em huma das mais nobres partes della qual he a Genealogia escrevendo as Genealogias das Familias de Portugal 8 tom. foli."

"Estes Livros se acabarão no anno de 1630 cujos originaes se conservão na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes dos quaes mandou extrahir huma copia excellentemente escrita Garcia de Mello, e Torres segundo Conde da Ponte neto do author, que se guarda na sua casa. ..."

"De outra obra diversa da precedente se lembra Manoel de Gallegos na Prefação do Templo Memoria, onde fallando do quanto trabalhou para este Livro affirma *são tiradas estas noticias, humas dos Nobiliarios, e dos Annaes de Espanha, outras de papeis authenticos e Chronicas deste Reyno, em particular de huma, que está para dar a estampa Affonso de Torres, donde se inclue tudo o que he historico de Portugal.* Delle fazem memoria D. Franc. Manoel na Carta escrita a Manoel Themudo da Fonseca, que he a primeira das 4 Cent. das suas Cart. D. Luiz Salaz. e Casti. Hist. Gen. da Casa de Sylv. Part. 2 Liv. 9 cap. 26. N. 18. Joan. Soar. de Rit. in-Theatr. Lusit. Litter. letr. A n. 17, e o Padre D. Ant. Caet. de Sous. no Appar. á Hist. Gen. da Casa Real de Portug. pg. 71. § 54." (In Bib. Lus. T. I, p. 52).

Vemos pela expressão "De outra obra" que Afonso de Torres deixou outro códice. Seria o Nobiliário?

Entretanto tomaremos em consideração o 1.º título "Genealogias das Famílias de Portugal" para o original do códice em questão. Não podemos concordar com a data de 1630, dada por Barbosa Machado, para o final desta obra. O estilo do Nobiliário já apresentado nas transcrições acima (pp. 9, 10, 13) e sobretudo o carinho especial com que o próprio Afonso de Torres regista o nascimento dos filhos, demonstram cabalmente que, ainda em 1636, estava êle escrevendo a sua obra. Aliás, se morreu em 1647 porque haveria de interromper o trabalho em 1630?

Diz Diogo Barbosa Machado que a obra original se conservava na Casa do Marquês de Abrantes, casa esta entrelaçada com a casa dos Torres da qual é sucessora. Ignoramos o paradeiro atual dêste original nem sabemos se já foi publicado ou não. Os srs. genealogistas portugueses queiram perdoar-nos a ignorância.

3.º) A CÓPIA DA CASA DOS CONDES DA PONTE. A existência desta cópia é indiscutivel. Dela nos dá notícia Diogo Barbosa Machado (transcrição acima). Dela faz menção a cópia de Gouvea e Silva (vêr o título p. 1).

Porque teria o 2º Conde da Ponte, Garcia de Melo de Torres, mandado extrair uma cópia da obra original do avô, quando o original devia ser seu por efeito da Morgadia? Tudo leva a crer que quizesse atualizar a obra, ficando o original para um de seus irmãos Francisco Xavier de Melo e Jorge de Melo de Torres. Sabemos que a 1.ª cópia desenvolvia-se por 25 volumes e que tinha informações referentes ao século 18 como veremos adiante. O

Digitized by Google

que é certo é que a cópia de Gouvea e Silva, existente na B. N., foi tirada dos 25 volumes existentes na casa do Conde da Ponte e que estavam em poder da viuva do 3º Conde da Ponte.

A última referência que encontramos sôbre esta cópia, é a que se acha *no* códice existente na B. N. em forma de anotação escrita com letra do século 19, no vº do fº 190:

Nob. Tor. Tomo 3º fº 190vº.

"No livro 13 deste mesmo Affonso de Torres, no Appelido Castellos Brancos, e acrescentado por D. Antonio de Souza C. B. que offereceu toda a obra a D. Pedro de Lencastro 5º Conde de Villa Nova de Portimão, Comd. Mor da Ordm de Aviz, do Consº de S. Mag. e cuja obra *em 1843* estava exposta a venda na Livraria do falecido José Joaquim Pedro Lopes se dão ms. filhos bastardos do dito D. Francisco de Castello Branco Prior de Pombeiro pela ... que adeante se vê."

À guisa de informação diremos que o 7º Marquês de Vila Nova de Portimão, já com a varonia dos Távoras dos Condes de Alvor, foi o 5º Marquês de Abrantes. É bem possível que a Casa de Abrantes viesse a possuir tanto o original como esta 1.ª cópia que lhe cabia por herança dos Condes de Vila Nova de Portimão.

4.,) A CÓPIA DE GOUVÊA E SILVA ou O NOBILIÁRIO DE TORRES DA B. N. (2.ª cópia). O próprio título dá a origem dêste códice. Ignoramos quem era Antônio José de Gouvêa e Silva e também não sabemos como veio êste códice parar no Brasil. Podemos afirmar que não é cópia *exata* do original terminado ainda no séc. 17 e da cópia da Casa dos Condes da Ponte terminada no séc. 18. O códice de Gouvêa e Silva está muito ampliado dando notícias do final do séc. 18 e mesmo dos primeiros anos do séc. 19, como se poderá verificar pelos seguintes trechos:

Vol. 2, fº 261 vº: referindo-se a Luis Cesar de Menezes: "neste *anno de 1702* se acha Governo do Reino de Angola".

Vol. 3º, fº 107 vº: "e *neste anno de 1700* é Mal de Campo Gal na Prov. de Alentejo e Concelheiro de guerra. Passou a servir na india em *1752*".

Vol. 3º, fº 108 vº: "... André de Mello N, 2... Vice-Rey do Estado do Brazil de onde veio *em 1750*".

Vol. 3º, Fº 127 vº: "Joaquim Manoel Ribeiro Soares, Sogro de D. José de Noronha que viveo em *1788*. Irmão do Conde dos Arcos com mta. geração".

Vol. 3º, fº 161 vº, referindo-se a D. João Antônio Rodrigues da Costa: "... e neste anno de *1788* não tem fos".

Vol. 3º, fº 206 rº. Em forma de acréscimo: "Vem de Jº 1791 Ascendentes de Luis Carlos / d'Abreu Bacellar..." termina: "Em Julho de *1843* está Luiz Carlos / justo a cazar com D. Maria de Jezuz de Sou / sa Coutinho fº 4º dos 2os Marquezes de Borba".

Vol. 4º, fº 4,: "... neste anno de *1694* não é casado".

Digitized by Google

Vol. 5º, fº 28 vº: "D. Maria Magdalena de Portugal, fª herdeira de D. Luiz de Portugal e de D. Ignez da Silva pg / Cazou no anno de *1693*".

Vol. 6º, fº 255 vº: "Acabou a sua descendencia por morte de João Gabriel Lobo da Silva em Janº de *1806* seu Bisneto".

Vol. 9º, fº 330 v,: "... vive neste anno de *1702*".

Vol. 10, fº 298 vº: "Manoel de Vasconcellos que passou a India no anno de *1669*, donde voltou sem haver cazado *neste de 1698*".

Vol. 10, fº 340 rº: "... com quem está hoje a caza de Mafra neste *anno de 1697*".

Há pois anotações que datam de 1843, e notícias no próprio texto referentes ao ano de 1806. Não pode a cópia de Gouvêa e Silva ser uma cópia *exata* do original e do códice da casa dos Condes da Ponte.

Pertenceu o códice catalogado ao acervo da Biblioteca Fluminense e por extinção desta, em 1916, passou à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro da qual tem carimbos.

Ainda na Biblioteca Fluminense sofreu forte ataque de bichos, sobretudo do anóbio e do cupim. Ao passar para a B. N. foi inteiramente concertado e expurgado. Também foi encadernado nas oficinas da Biblioteca Nacional, conforme mencionado no carimbo adequado.

Atualmente há vestígios de novo ataque do anóbio, a tinta está cortando alguns ff., a encadernação precisa de ser reformada, a lombada estando solta em muitos volumes e os ff. preliminares descosidos.

Esta obra sem dúvida alguma, constitue uma das preciosidades da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

5.ª PARTE: *Referência*. Fontes de informação (7).

Bib. Lus. (D. B. M.) tomo 1. p. 52.
Br. Sal. Sint. (A. B. F.) ed. 1930, p. 490.
Ped. Lus. (C. A. M.) Fasc. 7, p. 397, Nº 4.
Cat. Bib. Fl., p. 307, it. 35.
Fich. B. N. (Ind. Top. I-22-1 a 10).
Liv. Reg. B. N. (Nº 487 - 1916).
Cl Dec. 929 (469).

Damos por terminado o Verbete Bibliográfico do Nobiliário de Torres da B. N. Desejamos apenas sugerir aos genealogistas que continuem a tarefa por mim iniciada, com os seguintes trabalhos:

1) Índice das referências ao Brasil no Nobiliário de Torres da B. N.

2) Índice onomástico (por nomes e por apelidos) dos 10 volumes do Nobiliário de Torres da B. N.

(7) Só para o verbete.

Digitized by Google

ÍNDICE ALFABÉTICO DAS FAMÍLIAS MENCIONADAS NO NOBILIÁRIO DE TORRES, DA BIBLIOTÉCA NACIONAL

POR

HELOISA CABRAL DA ROCHA WERNECK

Famílias	Vol.	Fólio	Brasão N.º	Ind. Top. B. N.
Albuquerques	I	125	2	I-22- 1
Almadas	I	258	7	I-22- 1
Almeydas	I	334vº	6	I-22- 1
Alvarengas	I	292vº	4	I-22- 1
Alvergaria, Soares de	V	255	6	I-22- 5
Andrade, Freyres de	IV	167	8	I-22- 4
Arouches, Casa de (vêr: Souzas da Casa de)	VI	214	3	I-22- 6
Ataydes	I	297	5	I-22- 1
Azevedos	I	178	3	I-22- 1
Azevedos Malafayas	I	231	8	I-22- 1
Barretos	II	59	2	I-22- 2
Bendanhas	II	110	3	I-22- 2
Bragança, Casa de	I	1	1	I-22- 1
Brancos, Castellos	III	174	11	I-22- 3
Britos	II	1	1	I-22- 2
Brum	II	119	4	I-22- 2
Cabraes	II	256	9	I-22- 2
Caldeiras	III	109	3	I-22- 3
Camellos	II	225	7	I-22- 2
Camellos	III	118	4	I-22- 3
Cameras	III	227	12	I-22- 3
Camoens	III	121vº	5	I-22- 3
Camoens (vêr: Ribeiro Soares)	III	127vº	5	I-22- 3
Carneiros	III	129	6	I-22- 3
Carrascos	III	130	—	I-22- 3
Carvalhos	IV	75vº	2	I-22- 4
Carvalhozas	III	131vº	7	I-22- 3
Castellos Brancos	III	174	11	I-22- 3
Castros	III	2	1	I-22- 3
Cazal	III	134vº	8	I-22- 3
Cesares (vêr: "Sezares")	II	256	8	I-22- 2
Cirnes, Ribeiro	IX	328	10	I-22- 9
Coresmas	III	139	9	I-22- 3
Correas	IV	1	1	I-22- 4
Cortes Reaes	II	205	6	I-22- 2
Costas	III	106	2	I-22- 3
Costas outros	III	148	2	I-22- 3
Cottas	IV	120	4	I-22- 4
Cotrins	IV	109	3	I-22- 4
Coutinhos	II	120	5	I-22- 2
Coutos	III	146	10	I-22- 3
Cunhas	II	280	10	I-22- 2
Cunhas	IV	111vº		I-22- 4
Cunhas, Senhores de Pombeiro	II	382	10	I-22- 2
Dourados	IV	124vº	18	I-22- 4

Digitized by Google

Famílias	Vol.	Fólio	Brasão N.º	Ind. Top. B. N.
Dragos	IV	125vº		I-22- 4
Eças	III	276	13	I-22- 3
Enserrabodes	IV	128vº	16	I-22- 4
Esmeraldos	IV	128vº	15	I-22- 4
Estaços	IV	133	17	I-22- 4
Farias	IV	197	9	I-22- 4
Favillas	IV	150vº	6	I-22- 4
Fialhos	IV	153	19	I-22- 4
Figueiredos	IV	212vº	10	I-22- 4
Foncequas	IV	135	5	I-22- 4
Freyres de Andrade	IV	167	8	I-22- 4
Gagos	IV	154vº	17	I-22- 4
Gamas	V	1	1	I-22- 5
Gamas, de D. Vasco da Gama	V	4vº	2	I-22- 5
Guerras	V	40		I-22- 5
Henriques	VI	1	1	I-22- 6
Lacerdas, Pereira	IX	25	2	I-22- 9
Lagartos	VII	139vº	3	I-22- 7
Lencastres	VI	80	3	I-22- 6
Leoens	VII	144	5	I-22- 7
Limas	VI	28	2	I-22- 6
Lins	VII	178	9	I-22- 7
Lobos	VII	1 e 23	1	I-22- 7
Lobos outros	VII	139	1	I-22- 7
Loureyros	VII	147vº	4	I-22- 7
Lucas	VII	161	6	I-22- 7
Lucenas	VII	168	8	I-22- 7
Lunas	VII	164	7	I-22- 7
Macedos	VII	180	10	I-22- 7
Magalhaens	VIII	201	3	I-22- 8
Malafayas, Azevedo	I	231	8	I-22- 1
Manoeis	VIII	88	2	I-22- 7
Mayores, Souto	IV	346	12	I-22- 4
Mascarenhas	V	155vº	5	I-22- 5
Mellos	VII	192	11	I-22- 7
Mendonças	V	41	3	I-22- 5
Menezes	VIII	1	1	I-22- 8
Mirandas	VIII	155	2	I-22- 8
Monizes	V	115vº	4	I-22- 5
Mouras	VII	312vº	12	I-22- 7
Noronhas	VIII	229	4	I-22- 8
Oliveiras	IX	1	1	I-22- 9
Pachecos	IX	76	4	I-22- 9
Peixotos	IX	105vº	7	I-22- 9
Peixotos, Rocha	IX	131vº	8	I-22- 9
Pereiras	IX	139	9	I-22- 9
Pereiras Lacerdas	IX	25vº	2	I-22- 9
Perestrellos	IX	25vº	5	I-22- 9
Pessanhas	IX	52vº	3	I-22- 9
Povoas	IX	100vº	6	I-22- 9
Ravascos	IX	323	11	I-22- 9
Reaes, Cortes	II	205	6	I-22- 2
Ribeiros Cirnes	IX	328	10	I-22- 9

Digitized by Google

Famílias	Vol.	Fólio	Brasão N.º	Ind. Top. B. N.
Ribeiro Soares	III	121vº	5	I-22- 3
Ribeiro Soares (vêr Camoens)	III	127vº	5	I-22- 3
Rochas Peixotos	IX	131vº	8	I-22- 9
Saldanhas	X	122vº	3	I-22-10
Sampayos	X	55vº	2	I-22-10
Sás	X	1	1	I-22-10
Sezares (vêr Cesares)	II	256	8	I-22- 2
Silvas	IV	237	11	I-22- 4
Silveiras	X	161	4	I-22-10
Siqueiras	IV	357vº	14	I-22- 4
Soares de Alvergaria	V	255	6	I-22- 5
Soares outros	V	259	7	I-22- 5
Soares, Ribeiro (vêr Camoens)	III	121vº	5	I-22- 5
Soares (vêr Ribeiro Soares)	III	127vº		I-22- 5
Sodrés	IV	352	13	I-22- 4
Souto Mayores	IV	346	12	I-22 4
Souzas	VI	105	4	I-22- 6
Souzas da Caza de Aroiches	VI	214	3	I-22- 6
Tavoras	X	187	5	I-22-10
Torres	X	229	6	I-22-10
Vasconcellos	X	251	7	I-22-10
Veigas	X	346vº	8	I-22-10

NOTA - Foi observada a grafia original dos apelidos acima.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Desembargador João Francisco de Oliveira Godói, de Goiás:

"Peço adquirir-me um exemplar da "Nobiliarquia Paulistana", de Pedro Taques. Falta-me na biblioteca essa obra, e, tendo adquirido agora o excelente "Índice", trabalho de valor, que tenho compulsado, é natural que só à vista da obra possa fazer algum trabalho construtivo."

Do Dr. Jaime Moniz de Aragão Dáquer, do Rio de Janeiro:

"Solicito de V. S. me sejam remetidas mais propostas, pois é meu intento apresentar um número bem elevado de sócios a-fim-de que, cada dia mais, os estudos genealógicos do Brasil tomem incremento, pois, no meu entender, êles representam profundo sentimento tradicional e patriótico."

Do Rev.mo P.e Pedro Maciel Vidigal, técnico da Divisão do Ensino Superior do Ministério da Educação e Inspetor Federal da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais:

"Dedicado aos estudos de genealogia a-ponto-de ser hoje considerado no Brasil a maior autoridade no assunto — é sem favor que o digo — V. Excia. poderá lançar a luz necessária sôbre o "caso" que me interessa."

Do Dr. Edmundo Augusto de Loiola, de São João da Bôa Vista:

"... pois considero de real importância êsse Instituto. Recebi também a "Revista", que achei admiravel, e muito agradeço."

Digitized by Google

1 Dr. Antônio Henriques Leal, o Plutarco Maranhense

2 Alexandre Henriques Leal

4 Tenente-Coronel Antônio Henrique Leal

8 Henrique Carrasco.

16

17

9 Maria da Conceição.

18

19

5 Ana Rosa de Carvalho Reis

10 Antônio de Carvalho Pinto e Sousa.

20 Manuel de Sousa Corrêa.

21 Felipa Maria Osória.

11 Lourença Maria Cantanhede.

22 José Cantanhede.

23 Francisca Teresa de Abreu.

3 Ana Rosa de Carvalho Reis

6 Antônio José dos Reis

12 Antônio Henoch dos Reis.

24

25

13 Ana Teresa Ferreira de Jesús Braçal.

26 José Henriques Ferreira Braçal.

27 Francisca de Araujo.

7 Maria Rosa de Carvalho

14 Antônio de Carvalho Pinto e Sousa.

28 Manuel de Sousa Corrêa.

29 Felipa Maria Osória.

15 Lourença Maria Cantanhede.

30 José Cantanhede.

31 Francisca Teresa de Abreu.

NOTAS — 22, filho de Faustino Mendes Cantanhede e de Isabel de Assunção Moniz (esta filha de José Moniz e Catarina Ribeiro); 23, filha de José Vivar de Abreu e de Agueda Meireles; 27, filha de Francisco Inácio Xavier de Araujo e de Teresa de Morais Rego (esta filha de Jacinto de Morais Rego e de Catarina da Costa).

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DO MARANHÃO

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Genealogia do Plutarco Maranhense

Dr. Antônio Henriques Leal

Dr. Antônio Henriques Leal, o Plutarco Maranhense

Nasceu a 25 de julho de 1828, na vila de Itapicurú-Mirim, no Estado do Maranhão e faleceu a 29 de setembro de 1885, no Rio de Janeiro, como reitor do Colégio Pedro II, sendo sepultado no cemitério de S. João Batista. O Dr. Antônio Henriques Leal, o Plutarco Maranhense, estudou preparatórios em Lisbôa, formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, tendo exercido com grande renome a clínica na capital de seu Estado natal. Foi político, liberal exaltado; presidente da Assembléia Provincial, jornalista e literato. Grande cultor da nossa língua, escreveu o Panteon Maranhense, obra em 4 volumes, em que traça a vida dos maranhenses ilustres, seus contemporaneos, como sejam Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Sotero dos Reis, Gomes de Sousa e outros. Escreveu mais: "Apontamentos para a História dos Jesuitas, no Brasil", "Locubrações", "Os Beckmann e Evaristo da Veiga" (inédito). Publicou, também, as obras póstumas de Gonçalves Dias, em 6 volumes, e João Lisbôa. Era Comendador da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem Científica, Mérito e Literária de S. Tiago, Cruz e Espada (Portugal), Palma da Academia Francesa. Por iniciativa do Instituto Histórico Maranhense, no 1.º Centenário de seu nascimento, em 1928, foi erigido um monumento à sua memória, na praça S. João, na capital do Maranhão, obra do escultor Antonino Freire.

A FAMÍLIA LEAL

Antônio Henriques Leal, Capitão, depois Tenente-Coronel de Ordenanças, nasceu na freguesia de N. S. da Anunciação, vila de Colares (Portugal),

Digitized by Google

irmão do Coronel Ricardo Nunes Leal (que foi negociante na praça de São Luiz do Maranhão), filhos de Henrique Carrasco e de Maria da Conceição. Antônio, no Maranhão, c.c. Ana Rosa de Carvalho, filha de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lourença Maria Cantanhede; n.p. de Manuel de Sousa Corrêa e de Felipa Maria Osório; n.m. de José Cantanhede e de Francisca Teresa de Abreu. Pais de:

F1) Ricardo Henriques Leal c.c. sua tia Inez Raimunda de Carvalho, filha de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lourença Maria Cantanhede; n.p. de Manuel de Sousa Corrêa e de Felipa Maria Osória; n.m. de José Cantanhede e de Francisca Teresa de Abreu. Pais de:

N1) Ricardo Henriques Leal, † menor.

N2) Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, † 15-III-1879, no Engenho Lincoln, no Ipixunassu; c.c. sua prima Maria Luiza Ferreira do Vale (vêr Vale - F6), filha do Capitão Domingos José Ferreira Vale e de Lourença Francisca Leal; n.p. de Francisco Joaquim Ferreira Vale e de Maria Joaquina Rita; n.m. do Tenente-Coronel Antônio Henriques Leal. Pais de:

Bn1) Ricardo Leal, † moço.

Bn2) Domingos Leal.

Bn3) Inez Leal, c.c. Dr. Fábio Nunes Leal, † 2-XII-1883.

Bn4) Lourença Leal, † 1883, c.c. Ildefonso Henoch de Berredo.

N3) Ana Rosa de Carvalho Leal, †, c.c. José Rodrigues de Faria Chaves, filho de Domingos José Chaves e de Rosa Angélica Pereira da Fonseca; n.p. de Manuel Rodrigues Chaves; n.m. de Manuel Pereira da Fonseca. Tiveram 5 filhos: Ricardo, Alfredo, José, Teófilo e Ana.

F2) Alexandre Henriques Leal, n. 12-XII-1800, † 28-XI-1870, c.c. sua prima Ana Rosa de Carvalho Reis, n. 16-XI-1803, † 27-XII-1886, no Rio de Janeiro (vêr Sousa - F4). Pais de:

N4) Luiza Fausta Leal, † pequena.

N5) Dr. Pedro Nunes Leal, c.c. sua prima d.ª Rita Claudia Galvão de Carvalho (vêr Sousa - N20). Pais de:

Bn5) Francisco Joaquim.

Bn6) Isabel Comba.

Bn7) Zenóbia.

Bn8) Alzira, † pequena.

Bn9) Afonso, † criança.

Bn10) Lourença Virgínia.

N6) Dr. Antônio Henriques Leal, o Plutarco Maranhense, n. 25-VII-1828, em Itapicurú-Mirim (Maranhão), † 29-IX-1885, no Rio de Janeiro, como reitor do Colégio Pedro II, sendo sepultado no Cemitério de S. João Batista. A 7-IV-1856, c.c. d.ª Rosa Maria Vieira, n. 30-V-1841, † 20-I-1884, filha de Antônio José Vieira, n. Portugal, negociante no Maranhão, e de d.ª Ana Francisca Cordeiro; n.p. de Custódio Miguel Vieira e de d.ª Rosa Maria Vieira, portuguesa; n.m. do Capitão Luiz Gonzaga Cordeiro e de Ana Vicência Faial. Pais de:

Digitized by Google

Bn11) Hugo Leal, n. 21-VII-1857, em S. Luiz do Maranhão, sendo batizado a 30-I-1860, na igreja S. João, † 16-III-1883. Jornalista, poeta e romancista, autor de "Rosa de Maio" (poesias); "Lucrécia" (romance) e "Comédia dos 20 anos" (poesias inéditas).

Bn12) D.ª Cora Leal, n. 1-V-1859, batizada na igreja S. João, em São Luiz do Maranhão, † 8-V-1921, solteira. Professora municipal na Capital Federal.

Bn13) D.ª Ana Rosa Leal, n. a 10 de novembro de 1861, sendo batizada na mesma matriz de S. João. A 29-VIII-1883, c.c. Antônio Joaquim Neto dos Reys, moço fidalgo, filho dos Condes de Carapebús (vêr "Anuário Genealógico Brasileiro", II, 132); n.p. dos Condes de Carapebús, com Grandeza (vêr, idem, II, 114); n.m. dos Condes de Baependí (vêr, idem, IV, 39). Pais de:

D.ª Rosa Maria Vieira Leal, esposa do Plutarco Maranhense

Tn1) D.ª Maria Antonia, n. e 14 de agosto de 1884, no Rio de Janeiro, sendo batizada a 6 de janeiro de 1885, na Matriz de S. Francisco Xavier do Engenho Velho; c.c. Bias Pimentel, oficial do Exército. Pais de:

Qn1) Ruderico, c.c. d.ª Vera Oiticica. Pais de:

Pn1) Ivan.

Qn2) D.ª Silvia, solteira.

Qn3) Bias, c.c. d.ª Helena Ferraz.

Qn4) D.ª Maria Antonieta, c.c. Olavo Mesquita. Pais de:

Pn2) Antônio Luiz.

Pn3) Roberto.

Qn5) Frederico, oficial do Exército, c.c. d.ª Zuleica Vieira.

Tn2) Hugo, n. 1-XI-1885, c.c. d.ª Heloisa Ferreira. Pais de:

Qn6) Regina Hortência, solteira.

Qn7) Luiza Isabel, solteira.

Tn3) Mário, n. 30-IV-1887, c.c. d.ª Vicentina Cesar. Pais de:

Qn8) Iolanda, solteira.

Qn9) D.ª Gilda, c.c. Francisco Barbosa, †, oficial de Marinha, aviador. Pais de:

Pn4) Lúcia.

Tn4) D.ª Francisca Hilda, n. 10-V-1893, c.c. Carlos de Sousa Dantas. Pais de:

Qn10) D.ª Maria Luiza, c.c. Gabriel Ferreira Filho.

Qn11) Maria Helena, solteira.

Digitized by Google

Qn12) Carlos Antônio, menor.

Tn5) Luiz Leal Neto dos Reys, n. 21-VI-1896, coronel-aviador, comandante da Base do Galeão (vêr biografia na "Revista Genealógica Brasileira", nº 8). A 21-XI-1927, c.c. d.ª Guiomar Fleury de Barros, n. 4-XI-1896, em Sebastiana (Estado do Rio), filha do General Alfredo Oscar Fleury de Barros e de d.ª Julieta de Queiroz. Pais de:

Qn13) Graziela, n. 22-II-1930, no Rio.

Qn14) Marlene, n. 4-IX-1935, no Rio.

Bn14) D.ª Alice, n. 23-XI-1863, batizada a 20-V-1864 (sendo seu padrinho o poeta Antônio Gonçalves Dias), † 27-XI-1937, c.c. João da Cruz Ferreira Santos, † 27-III-1926, filho dos Condes de Itacolomi.

Bn15) Antônio José, n. 8-II-1865, batizado a 9-III do mesmo ano, † 19-IX-1896, oficial do Exército, c.c. d.ª Maria Luiza Matoso Maia. Pais de:

Tn6) D.ª Maria Amalia, c.c. Dr. Arnaldo Medeiros. Pais de:

Qn15) Arnaldo, oficial da Marinha.

Qn16) Eduardo, oficial do Exército.

Tn7) Antônio Henriques, † aos 18 anos.

Bn16) General Alexandre Henriques Leal, n. 11-VI-1866, batizado a 28-III-1867. Reformado em 1930, como General de Divisão, chefe do Estado Maior do Exército. Condecorado com a Grã Cruz da Ordem Militar de Aviz (Portugal), Comendador da Legião de Honra (França), "Al Merito Militar", de 1.ª classe (Chile), Grande Oficial da Ordem do Sol (Perú), General Honorário do Exército Peruano. Casado com d.ª Cléa Portela. Pais de:

Tn8) Antônio José, n. 18-IV-1906, † 4-X-1920.

Tn9) D.ª Rosa Maria, n. 17-I-1908, c.c. Major João Dias Campos, † 9-IV-1940. Pais de:

Qn17) Maria Teresa, n. 23-IV-1929.

Tn10) Dr. Alexandre Henriques, n. 20-VI-1910, engenheiro eletricista, c.c. d.ª Riza de Freitas. Pais de:

Qn18) Maria Regina, n. 7-V-1938.

Qn19) Alexandre Henriques, n. 12-V-1939.

Bn17) D.ª Rosa Amélia, n. 21-II-1868, batizada a 8 de agosto, † a 3 de março de 1887, solteira.

N7) D.ª Inez Josefina Leal, c.c. João Alípio Galvão, c.s. (vêr Galvão, F1).

N8) Ricardo Nunes Leal, † com 32 anos.

N9) Maria Alexandrina Leal, solteira.

N10) Alexandre Henriques Leal, † com 8 anos.

N11) Dr. Fábio Nunes Leal.

N12) Ana Rosa Leal, n. 21-IV-1826, † 18-IX-1870, no Rio de Janeiro, c.c. seu tio Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, c.s. (vêr Reis, N7).

N13) Luiza Rosaura Leal, n. X-1830, † 5-III-1885, no Rio de Janeiro; c.c. Dr. Antônio Rego, † 7-IX-1883, no Rio de Janeiro, filho do Físico-Mór Dr. Antônio Rego e de Maria dos Prazeres. Pais de:

Digitized by Google

Bn18) Maria Luiza do Rego, c.c. seu primo Dr. Horácio Leal de Carvalho Reis, c.s. (vêr Reis, Bn32).
Bn19) Celeste, † criança.
N14) Maria Amalia Leal, c.c. seu sobrinho Antônio Henoch dos Reis, † 18-XII-1886, no Rio, c.s. (vêr Reis, Bn24).
N15) Maria Rosa Leal, † com 24 anos de idade.
F3) Lourença Francisca Leal, c.c. Domingos José Ferreira do Vale, c.s. (vêr Vale).

FAMÍLIAS ALIADAS À LEAL

ALMEIDA — I - José Oliveira Figueiredo e Almeida, c.c. Maria Vitória do Carmo, portugueses. Pais de:

II - João de Oliveira Figueiredo e Almeida, c.c. Maria Praxedes Cantanhede (vêr Cantanhede). Pais de:

F1) Luiz de Oliveira C. e Almeida, c.c. Clélia Leopoldina Ferreira de Carvalho, filha de Manuel de Carvalho Pinto e Sousa (vêr Sousa) e de Inês Raimunda Ferreira de Carvalho; n.p. de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lourença Maria Cantanhede; n.m. do Coronel Raimundo Ferreira de Assunção Parga e de Ana Isabel Lisboa. Pais de:
N1) Maria Praxedes, † menor.
N2) Maria Zeferina, † menor.
N3) João de Carvalho e Almeida.
N4) Dr. José de Carvalho e Almeida, c.c. d.ª Clarinda de Carvalho Reis, filha do Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis (vêr Reis - N7) e de Maria Rosa de Carvalho. Pais de:
Bn1) Luiz, n. 12-VIII-1876.
Bn2) Armida, n. 4-IV-1878.
Bn3) Osmar.
N5) Inês Filomena de Carvalho e Almeida.

ARAUJO — Francisco Inácio Xavier de Araujo, c.c. Teresa Xavier de Morais Rego (vêr Rego), filha de Jacinto de Morais Rego e de Catarina Costa. Pais de:

F1) Francisca Inácia Xavier de Araujo, c.c. José Henriques Ferreira Braçal, c.s. (vêr Braçal).
F2) José Miguel de Araujo, c.c. Teresa, filha de Inácio Henriques. Pais de:
N1) Benedita Rosa de Araujo, c.c. Inácio Pedro Quadros, c.s. (vêr).

BARREIROS — I - Antônio Moniz Barreiros, português, Capitão-Mór do Maranhão, casado em III-1622. Pais de:

II - Bartolomeu Moniz Barreiros, c.c. Maria da Costa. Pais de:
F1) Maria Moniz Barreiros, c.c. João Pinheiro, c.s. (vêr)
F2) Josefa Moniz Barreiros, c.c. Manuel Pereira Favacho (vêr).
F3) Feliciana Moniz Barreiros.
F4) Margarida Moniz Barreiros.

Digitized by Google

F5) Joana Moniz Barreiros, c.c. Paulo Pires Tourinho, c.s. (vêr Tourinho).
F6) P.e José Barreiros, jesuita.

Bibliografia: Pe. José de Morais, "História da Companhia de Jesús", pág. 68 e seg. (Rio de Janeiro, 1860).

BERREDO — I - Bernardo Pereira de Berredo, governador das províncias do Maranhão, Pará e Mazagão, casado. Pais de:

II - Antônio Pereira de Berredo, Capitão, c.c. Ana Eleutéria de Lemos. Pais de:

III - Manuel Veríssimo de Berredo, Tenente-Coronel, 1.a vez, c.c. Maria Barbosa Duarte Lisboa, † s.s.; 2.a vez, c.c. sua cunhada (irmã da 1.a esposa) Rita Duarte Lisboa, † s.s.; 3.a vez, c.c. sua cunhada (irmã das anteriores) Ana Duarte Lisbôa, as três filhas de João Duarte Lisboa (vêr Lisboa) e de Isabel Cantanhede. Pais de:

F1) Dr. Antônio Cesar de Berredo, † IV-1879, no Rio de Janeiro, c.c. Leopoldina Fausta dos Reis (vêr Reis - N8), filha de Antônio José dos Reis e de Maria Rosa de Carvalho. Pais de:

N1) Dr. Leopoldo Cesar de Berredo, c.c. Maria Virgínia de Morais Rego, filha do Capitão José Joaquim de Morais Rego e de Febrônia Mendes Cordeiro; n.p. de João Nepomuceno de Morais Rego e de Rosa Maria Pires Seabra; n.m. de Antônio Joaquim Cordeiro e de Maria Teresa Pinheiro. Pais de:

Bn1) Lucrécia Augusta de Berredo.
Bn2) Manuel Veríssimo de Berredo.

N2) Ildefonso Henoch de Berredo, c.c. sua prima Joaquina Amália de Berredo, † 8-XI-1875. Pais de:

Bn3) Branca Brites de Berredo.
Bn4) Armando Cesar de Berredo. † menor.
Bn5) Armando Cesar de Berredo.
Bn6) Antônio Cesar de Berredo.

N3) Álvaro Cesar de Berredo.
N4) Bernardo Cesar de Berredo.
N5) Manuel Veríssimo de Berredo.
N6) Zenaida Marapunina de Berredo, † 1876, c.c. seu primo (N9), Dr. Antônio Eduardo de Berredo, c.s. (vêr).
N7) Lubida de Berredo, c.c. Raimundo Joaquim dos Reis, c.s. (vêr Reis - Bn3).
N8) Ana Isabel de Berredo, c.c. Dr. Francisco Xavier dos Reis Lisbôa, c.s. (vêr).

F2) Manuel Veríssimo de Berredo Júnior, c.c. Amélia Soares Duarte. Pais de:

N8) Joaquina Amália de Berredo, † 8-XI-1875, c.c. seu primo (N2), Ildefonso, c.s. (vêr).
N9) Dr. Antônio Eduardo de Berredo, c.c. sua prima (N6), Zenaida Marapunina. Pais de:

Digitized by Google

Bn7) Ricardo.
Bn8) Amália.

BRAÇAL — I - Manuel Henrique Maria Ferreira.

II - José Henriques Ferreira Braçal, c.c. Francisca Inácia Xavier de Araujo (vêr Araujo), filha de Francisco Inácio Xavier de Araujo e de Teresa de Morais Rego. Pais de:

F1) Ana Teresa de Araujo, c.c. Antônio Henoch dos Reis (vêr Reis).

BULHÃO — I - Francisco de Oliveira Bulhão, c.c. Rosa Helena Lamagner (vêr Lamagner). Pais de:

II - Carlota Bulhão, c.c. José Antônio da Silva, de filiação ignorada. Pais de:

III - José Carlos Bulhão, c.c. Cesaltina Galvão de Carvalho. Pais de:

F1) Palmira de C. Bulhão, c.c. João Gonçalves Ferreira Nina, filho de Joaquim Gonçalves Nina e de Rosa Ferreira Nina. Tiveram dois filhos: Severo e Cesaltina.

F2) Otão de Carvalho Bulhão, da Marinha.

F3) José de Carvalho Bulhão, c.c. sua prima Georgina Leal Galvão (vêr Galvão). Pais de:

N1) Trajano.
N2) Isabel.

CANTANHEDE — Faustino Mendes Cantanhede, c.c. Isabel de Assunção Moniz, filha de José Moniz (vêr "Moniz") e de Catarina Pinheiro. Pais de:

F1) Manuel de Jesús Cantanhede, c.c. Albina da Rocha Trindade Pita. Pais de:

N1) Maria Praxedes de Cantanhede, c.c. João de Oliveira Figueiredo e Almeida.

F2) F2) José Cantanhede, c.c. Francisca Teresa de Abreu, filha natural do minorista Vivardo de Abreu e de Aguida Meireles. Pais de:

N2) Lourença Maria Cantanhede, c.c. Antônio de Carvalho Pinto e Sousa, c.s. (vêr Sousa).
N3) Manuel de Jesús Castanhede.
N4) Ana Joaquina Cantanhede.
N5) Isabel Cantanhede, c.c. João Duarte Lisboa, c.s. (vêr Lisboa).
N6) Lourenço Cantanhede.
N7) Gonçalo José Cantanhede.
N8) Josefa Maria Cantanhede.

FAVACHO — Manuel Pereira Favacho, c.c. Josefa Moniz Barreiros, filha de Bartolomeu Moniz Barreiro (vêr "Barreiro) e de Maria da Costa. Pais de:

F1) Catarina da Costa, c.c. Jacinto de Morais Rego, c.s. (vêr Rego).

GALVÃO — I - Antônio José Galvão, c.c. Joana Maria Lamagner (vêr Lamagner). Pais de:

Digitized by Google

II - Antônio Joaquim Galvão, c.c. Francisca Teresa de Carvalho, filha de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lourença Maria Cantanhede; n.p. de Manuel de Sousa Corrêa (vêr Sousa) e de Felipa Maria Osório; n.m. de José Cantanhede e de Francisca Teresa de Abreu. Pais de:

F1) João Alípio Galvão, c.c. Inez Josefina Leal, filha de Alexandre Henriques Leal (vêr Leal) e de Ana Rosa dos Reis; n.p. de Antônio Henriques Leal, português e de Ana Rosa de Carvalho; n.m. de Antônio José dos Reis e de Maria Rosa de Carvalho. Pais de:

N1) Antônio Joaquim, † criança.

N2) Ana Rosa, † criança.

N3) Eugênia, † criança.

N4) Olavo.

N5) Dr. Oscar, médico.

N6) Alexandre, † criança.

N7) Francisca Teresa Galvão, c.c. seu primo Antônio Joaquim Galvão de Carvalho (vêr Sousa - N17).

N8) Georgina Leal Galvão, c.c. José Antônio de Carvalho Bulhão, c.s. (vêr Bulhão).

N9) Eugênia, † criança.

N19) Manuel Bernardes, † criança.

N11) Inez Josefina Galvão, † 23-III-1876, c.c. Teófilo Alexandre Baima de Carvalho, c.s. (vêr Sousa - N28).

N12) Lourença Virgínia Galvão, c.c. Raimundo Feliciano Baima do Lago c.s. (vêr Lago).

N13) Zeferina Amália Galvão, 1.ª vez, c.c. Raimundo Feliciano Cantanhede, c.s. (vêr); 2.ª vez, c.c. Manuel Felício de Araujo, português, com 1 filho: Itajuba Araujo.

N14) Filomena Leal Galvão, † 1878, c.c. Benedito Moutinho, c.s.

N15) Filomena, † criança.

F2) Raimundo Valois Galvão. Em Sergipe, c.c. Emiliana Diniz Dantas, filha do Barão de Mearim. Pais de:

N16) Pedro, † criança.

N17) Çesaltina, c.c. Francisco Joaquim de Carvalho Leal.

N18) Antônio.

N19) Raimundo Diniz.

F3) Lourença Virgínia Galvão, † 15-V-1877, em Lisboa; 1.ª vez, c.c. Francisco Joaquim de Carvalho, c.s. (vêr Sousa - F11); 2.ª vez, c.c. Antônio Joaquim de Araujo Guimarães, † 1876, s.s., em Lisboa.

F4) Raimundo, † criança.

F5) Isabel, † criança.

F6) Antônio Pedro, † criança.

JAUFRET — I - José Jaufret, francês, c.c. Teresa de Araujo Quadros, filha de Inácio Pedro Quadros (vêr Quadros). Pais de:

II - Dr. José Ricardo Jaufret, † VIII-1878, c.c. sua prima-irmã, Maria Letícia Quadros, † V-1870 (vêr Quadros). Pais de:

Digitized by Google

F1) José Frederico, † criança.
F2) José Frederico Jaufret.
F3) Esmeralda Jaufret.
F4) Angelina Jaufret.

LAGO — Joaquim Mariano Baima do Lago, c.c. Emília Cantanhede, filha de Gonçalo Cantanhede e de Ana Joaquina do Lago. Pais de:
F1) Raimundo Feliciano Baima do Lago, c.c. Lourença Virgínia Galvão, filha de João Alípio Galvão (vêr Galvão). Pais de:
N1) Ana Gertrudes Baima do Lago, n. 1878, c.c. seu tio Dr. Oscar Lamagner Leal Galvão, c.s. (vêr).
N2) Francisca Inês Baima do Lago, c.c. João Barbosa Ferreira Júnior, com sucessão.
N3) Joaquim Mariano Baima do Lago.
Nb) João Alípio Baima do Lago.
N5) Maria Filomena Baima do Lago.

LAMAGNER — Pedro Lamagner, c.c. Isabel de Sousa Lopes, filha de João Lopes de Sousa (vêr Lopes). Pais de:
F1) Joana Maria Lamagner, 2.ª vez, c.c. Antônio José Galvão, c.s. (vêr Galvão).
F2) Rosa Helena Lamagner, c.c. Francisco de Oliveira Bulhão.

LISBOA — I - José Dutra Lisboa, c.c. Marcelina Nogueira do Lago. Pais de:
II - Joaquim José Lisboa, c.c. Ana Raimunda dos Reis, filha de Francisco Xavier dos Reis (vêr Reis) e de Luiza Bárbara de Morais Rego. Pais de:
F1) Dr. Francisco Xavier dos Reis Lisboa, c.c. d.ª Ana Isabel de Berredo, filha do Dr. Antônio Cesar de Berredo (vêr Berredo) e de Leopoldina Fausta dos Reis. Pais de:
N1) Gastão.
N2) Raimundo.
N3) José Clementino.
N4) Ana.

LISBOA — João Duarte Lisboa, c.c. Isabel Cantanhede (vêr Cantanhede), filha de José Cantanhede e de Francisca Teresa de Abreu. Pais de:
F1) Maria Barbosa Duarte Lisboa, 1.ª vez, c.c. João Pinheiro, s.s.; 2.ª vez, c.c. Tenente-Coronel Manuel Veríssimo de Berredo, s.s.
F2) Leonor Duarte Lisboa.
F3) Rita Duarte Lisboa, c.c. seu cunhado Tenente-Coronel Manuel Veríssimo de Berredo, s.s.
F4) Ana Duarte Lisboa, c.c. seu cunhado Manuel Veríssimo de Berredo, c.s. (vêr Berredo).

Digitized by Google

LOPES — João Lopes de Sousa, c.c. Helena Corrêa de Araujo, filha de Paulo Pires Tourinho (vêr Tourinho). Pais de:
F1) Isabel de Sousa Lopes, c.c. Pedro Lamagner, c.s. (vêr Lamagner).

MENDES — I - Joaquim José Mendes, c.c. Ana Maria Corrêa do Lago. Pais de:

II - João Raimundo Mendes, c.c. Ana Raimunda dos Reis (vêr Reis - F2).

III - Joaquim Antônio Mendes, c.c. Cândida Rosa de Morais Rego (vêr Rego - Bn3). Pais de:

IV - Dr. Braulino Cândido do Rego Mendes, † 9-X-1875, na vila de S. Bento, onde era juiz de direito, c.c. Cândida Ubaldina dos Reis (vêr Reis - Bn4). Pais de:
F1) Tercília.
F2) Francisca Raimunda, † criança.
F3) João Inácio, † criança.
F4) Joaquim, † criança.

MONIZ — José Moniz, c.c. Catarina Pinheiro, filha de João Pinheiro e de Maria Moniz Barreiros (vêr Pinheiro). Pais de:
F1) Isabel de Assunção Moniz, c.c. Faustino Mendes Cantanhede, português, c.s. (vêr).

MOREIRA — I - Manuel Rodrigues Moreira, c.c. Luiza Moreira Pereira Colares. Pais de:

II - Alexandre Colares Moreira, c.c. Maria Isabel de Assiz. Pais de:

III - João Pedro Colares Moreira, c.c. Hortência Alzira Quadros (vêr Quadros). Pais de:
F1) Artur.
F2) Alexandre.
F3) Joana, †.

PALHANO — Jerônimo José de Matos Palhano, c.c. Maria Isabel. Pais de:
F1) Rodrigo Antônio de Matos Palhano, c.c. Maria Lauriana. Pais de:
N1) Romualdo Palhano, c.c. sua sobrinha-prima (Bn2) Luiza Palhano.
F2) Antônio José de Matos Palhano, c.c. Isabel Margarida Pinto Cardoso, filha de Manuel José Pinto Guimarães e de Bárbara Francisca Pereira Cardoso. Pais de:
N2) Fábio Palhano, c.c. Luisa Benigna Ferreira de Carvalho (vêr Sousa, N10). Pais de:
Bn1) Fábio Palhano Júnior.
Bn2) Luiza Palhano, c.c. seu tio-primo (N1) Romualdo Palhano.
Bn3) Trasibula Palhano, c.c. Luiz Canuto de Jesús, tendo um filho:
Qn1) Anísio.
Bn4) Antônio.
Bn5) Anísio.

 Digitized by Google

Bn6) Inez, † com 6 anos.
Bn7) Otaviano.
Bn8) Raimundo.
Bn9) Manuel.
Bn10) Delfina.

PINHEIRO — João Pinheiro, c.c. Maria Moniz Barreiros, filha de Bartolomeu Moniz Barreiros e de Maria da Costa (vêr "Barreiros"). Pais de:
F1) Catarina Pinheiro, c.c. José Moniz, c.s. (vêr).
F2) Maria Natária Pinheiro.
F3) Luiz Pinheiro.

QUADROS — Inácio Pedro Quadros, filho de Luiz Boudoin, francês, e de Ana de Quadros, c.c. Benedita Rosa de Araujo, filha de José Miguel de Araujo (vêr Araujo). Pais de:
F1) Luiz Miguel Quadros, † 8-I-1879, c.c. Maria Amália dos Reis, filha de Antônio José dos Reis e Maria Rosa de Carvalho (vêr Reis). Pais de:
N1) Dr. Luiz Miguel Quadros, † louco, em 13-XII-1875; c.c. Maria Teresa Belfort, filha do Comendador José Joaquim Teixeira Vieira Belfort e de Maria Rita Tavares da Silva Belfort. Pais de:
Bn1) José.
Bn2) Eurico.
Bn3) Luiz.
N2) Fábio Alexandrino dos Reis Quadros, c.c. Luiza Bárbara de Morais Rego (vêr Rego - Tn7). Pais de:
Bn4) Nemesio.
Bn5) Maria Amália.
Bn6) Luzia.
N3) Américo Vespúcio dos Reis Quadros.
N4) Dr. Carlos Alberto Quadros, c.c. Amélia Augusta de Miranda, filha de Francisco Antônio de Miranda e de Amélia Augusta Mendes; n.p. de Vicente Antônio de Miranda e de Floripes de Miranda. Pais de:
Bn7) Umbelina.
Bn8) Amélia, n. Lisboa.
N5) Inácio Quadros, c.c. Francisca Nina Coco, filha de Domingos Nina Coco e de Maria Amália Nogueira; n.p. de João Gonçalves de Jesús e de Amália Ribeiro Nogueira. Pais de:
Bn7) Noemi.
Bn8) Samuel.
Bn9) Carlos.
Bn10) Luiz, † criança.
Bn11) Domingos.
Bn12) Luiz.
N6) Benjamin Constant Quadros.
N7) Maria Letícia Quadros, † V-1870, c.c. seu primo-irmão Dr. José Ricardo Jaufret, † VIII-1878, c.s. (vêr Jaufret).

Digitized by Google

N8) Cândida Celeste Quadros, c.c. Francisco José Ribeiro, c.s. (vêr Ribeiro).

N9) Hortência Alzira Quadros, 1.ª vez, c.c. João Pedro Colares Moreira, c.s. (vêr Moreira); 2.ª vez, em 1877, c.c. Dr. Manuel Barbosa Alvares Ferreira, viuvo, magistrado sergipano.

F2) Teresa de Araujo Quadros, c.c. José Jaufret, francês, c.s. (vêr Jaufret).

REGO — Jacinto de Morais Rego, c.c. Catarina da Costa, filha de Manuel Pereira Favacho (vêr Favacho) e de Josefa Moniz Barreiro. Pais de:

F1) Teresa de Morais Rego, c.c. Francisco Inácio Xavier de Araujo, c.s. (vêr Araujo).

F2) Antônio Manuel de Morais Rego, c.c. Mônica de Assunção de Sousa Martins Gomes (ou Guimarães). Pais de:

N1) Jacinto Antônio de Morais Rego, c.c. Ana Rosa de Azevedo, filha de Manuel Francisco de Azevedo e de Eulália Maria da Conceição Almeida. Pais de:

Bn1) Manuel Francisco de Morais Rego, c.c. Luiza Isaura de Carvalho Pinto e Sousa (vêr Sousa - F12). Pais de:

Tn1) Joaquim Ricardo de Morais Rego, c.c. Juliana dos Santos Franco, filha do Major Miguel Arcanjo Henriques Franco, português, e de Ana Raimunda dos Santos Azevedo; n.p. de José Henriques Coelho Franco e n.m. do Coronel Eugênio Fernandes dos Santos, português e de Maria Eugênia dos Santos Azevedo. Pais de:

Qn1) Luiza Rosaura de Morais Rego, c.c. Benedito do Lago, filha de Marcelino do Lago e Arcelina Rosa Frazão. Pais de:

Pn1) Cisaltina.

Pn2) Joaquim Ricardo.

Qn2) Ana Rosa de Morais Rego.

Qn3) Manuel Francisco de Morais Rego.

Qn4) Miguel, † criança.

Tn2) Jacinto Antônio de Morais Rego.

Tn3) Antônio Cícero de Morais Rego.

Tn4) Maria Miguelina de Morais Rego, c.c. seu primo João Juliano de Morais, c.s. (vêr).

Tn5) Ana Rosa de Morais Rego.

Tn6) Lourença Eulália de Morais Rego.

N2) Raimundo João de Morais, 1.ª vez, c.c. Ana Isabel Cantanhede. Pais de:

Bn2) Ana Joaquina de Morais Rego, c.c. Maurício Antônio de Carvalho (vêr Sousa - F7).

Bn3) Cândida Rosa de Morais Rego, c.c. Joaquim Antônio Mendes, c.s. (vêr Mendes - III).

Bn4) Francisca Raimunda de Morais Rego, c.c. José Clementino dos Reis, c.s. (vêr Reis - N9).

N2) 2.ª vez, c.c. Ana Isabel de Morais Cantanhede, filha de Faustino José Cantanhede e de Ana Joaquina de Morais Rego. Pais de:

Digitized by Google

Bn5) Antônio Gabriel de Morais Rego, c.c. Pureza Maria do Vale, filha de Antônio Dias do Vale e de Ana Rosa da Silva. Pais de:
Tn7) Luzia Bárbara de Morais Rego, c.c. Fábio Alexandrino dos Reis Quadros, c.s. (vêr Quadros - N2).
Bn6) João Juliano de Morais Rego, c.c. sua prima (Tn4) Maria Miguelina de Morais Rego. Pais de:
Tn8) Ana Isabel de Morais Rego, † criança.
Tn9) Luiza Rosaura de Morais Rego, † criança.
Tn10) Dr. Raimundo João de Morais Rego.
Tn11) Vitoriano de Morais Rego, † criança.
Tn13) Lídio de Morais Rego, † criança.

REIS — I - Domingos dos Reis Pinheiro, c.c. Ana da Costa. Pais de:
II - José da Costa Reis, c.c. Fortunata Bernarda de Sá, filha do Capitão Diogo Bernardo de Sá e de Rosa Maria de Jesús. Pais de:
III - Antônio Henoch dos Reis, c.c. Ana Teresa Ferreira de Jesús Braçal, filha de João Henriques Ferreira Braçal (vêr Braçal). Pais de:
F1) Antônio José dos Reis, c.c. Maria Rosa de Carvalho (vêr Sousa - F6). Pais de:
N1) Antônio Henoch dos Reis, † solteiro.
N2) Ana Rosa dos Reis.
N3) José Clementino dos Reis, 1.ª vez, c.c. Francisca Raimunda de Morais Rego (vêr Rego - Bn4). Pais de:
Bn1) Ana Rosa dos Reis.
Bn2) José Cândido dos Reis, c.c. Maria José Baima, filha de Sérgio Antônio Rodrigues Baima e de Maria Gertrudes Baima; n.p. do Coronel Antônio Rodrigues dos Santos e de Maria Gertrudes Baima; n.m. de Joaquim Zeferino Baima e de Joana Gertrudes Baima. Pais de:
Tn1) Maria Gertrudes.
Tn2) Augusto Omar.
Bn3) Raimundo Joaquim dos Reis, c.c. Lubida de Berredo (vêr Berredo - N7). Pais de:
Tn3) Armida.
Tn4) Estela.
Tn5) Francisca.
Bn4) Cândida Ubaldina dos Reis, c.c. Dr. Braulino Cândido do Rego Mendes, † 9-X-1875, na vila de S. Bento, onde era juiz de direito, c.s. (vêr Mendes - IV).
Bn5) Maria Rosa dos Reis.
Bn6) Augusta Clélia dos Reis, c.c. Antônio Cesar Baima de Carvalho, c.s. (vêr Sousa - N29).
Bn7) Francisca Raimunda dos Reis.
N3) 2.ª vez, c.c. Ana Rosa de Carvalho (vêr Sousa - N17). Pais de:
Bn8) Américo Ingaiba dos Reis.
Bn9) Zulmira dos Reis.
Bn10) Antônio José dos Reis.

Digitized by Google

Bn11) Maurício Antônio dos Reis.
Bn12) Herculana dos Reis, † criança.
Bn13) América de Carvalho Reis.

N4) Joaquim Firmino dos Reis, 1.ª vez, c.c. sua prima Clementina Rita de Carvalho, † s.s.; 2.ª vez, c.c. sua cunhada (irmã da 1.ª esposa) Lourença Florentina de Carvalho (vêr Sousa - N19). Pais de:

Bn14) Raimundo Alexandrino de Carvalho Reis, c.c. Teresa de Jesús Teixeira da Silva, filha de Higino Antônio da Silva e de Luiza Rita Teixeira; n.p. do Capitão Lourenço Antônio da Silva e de Ana Josefa Rodrigues; n.m. de Antônio Lopes Teixeira e de Teresa de Jesús Fernandes. Pais de:

Tn6) Eduardo.
Tn7) Joaquim.
Tn8) Higino.

Bn15) Maurício Antônio de Carvalho Reis.
Bn16) Euclides de Carvalho Reis, Capitão, na guerra do Paraguai; † sem sucessão.
Bn17) Antônio Carlos de Carvalho Reis, † solteiro.
Bn18) Clementina de Carvalho Reis, † solteira
Bn19) Licurgo de Carvalho Reis.
Bn20) Ernesto de Carvalho Reis, † criança.
Bn21) Platão de Carvalho Reis.
Bn22) Maria Rosa de Carvalho Reis.
Bn23) Ana Rosa de Carvalho Reis.

N5) Maria Amália dos Reis, c.c. Luiz Miguel de Quadros, † 8-I-1879, c.c. (vêr Quadros - F1).

N6) Herculana Celeste dos Reis, † solteira.

N7) Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, c.c. sua sobrinha Ana Rosa Leal, n. 21-IV-1826, † 18-IX-1870, no Rio de Janeiro (vêr Leal - N12). Pais de:

Bn24) Antônio Henoch dos Reis, † 18-XII-1886, no Rio de Janeiro, c.c. sua tia Maria Amália Leal (vêr Leal - N14). Pais de:

Tn9) Ricardo, † criança.
Tn10) Maria Rosa Leal dos Reis.
Tn11) Mário, † poucos dias depois de nascido.

Bn25) Dr. Aarão de Carvalho Reis, c.c. d.ª Mariana Martins Furtado, filha do Conselheiro Francisco José Furtado. Pais de:

Tn12) Armida, n. 10-IV-1876.
Tn13) Fábio Alexandrino, n. 3-III-1878.

Bn26) Zenóbia dos Reis, † de 5 anos.
Bn27) Euclides dos Reis (I), † de dentição.
Bn28) Euclides dos Reis (II), † de dentição.
Bn29) Lucano dos Reis.
Bn30) Zaira dos Reis.
Bn31) Armida dos Reis, † de 16 anos.
Bn32) Dr. Horácio L. de C. Reis, c.c. sua prima Maria Luiza Rego (vêr

Digitized by Google

Leal - Bn18). Pais de:
Tn14) Ana Rosa.
Tn15) Maria dos Prazeres, n. 4-I-1877, em Lisboa.
Tn16) Luiza Celeste.
Bn33) Clarinda dos Reis, c.c. Dr. José de Carvalho e Almeida, c.s. (vêr Almeida - N4).
Bn34) Alzira dos Reis, a 31-I-1878, c.c. Dr. Fábio Hostílio de Morais Rego. Pais de:
Tn17) João Batista, n. 20-I-1879, † criança.
Tn18) João Batista.
Bn35) Maria Ana, † criança.
Bn36) Alexandre Henriques, † criança.
N8) Leopoldina Fausta dos Reis, c.c. Dr. Antônio Cesar de Berredo, † IV-1879, no Rio de Janeiro, c.s. (vêr Berredo - F1).
N9) Diniz de Carvalho Reis, † criança.
F2) Ana Raimunda de Jesús, c.c. João Raimundo Mendes, c.s. (vêr Mendes - II).
F3) Francisco Xavier dos Reis, c.c. Luzia Bárbara de Morais Rego.
F4) Maria Joaquina dos Reis, c.c. Manuel Maria Serra.
F5) Raimundo Ildefonso dos Reis, † aos 2 anos de idade.

RIBEIRO — I - Tenente-Coronel Leandro José Ribeiro, c.c. Leonarda Maria Mendes. Pais de:

II - Raimundo Carlos Ribeiro, c.c. Isabel Garcia. Pais de:

III - Francisco José Ribeiro, c.c. Cândida Celeste Quadros (vêr Quadros). Pais de:
F1) Augusto, † criança.
F2) Edengardo Ribeiro.
F3) Maria Celeste Ribeiro.

SOUSA — I - Manuel de Sousa Corrêa, c.c. Felipa Maria Osória, portugueses. Pais de:

II - Antônio de Carvalho Pinto e Sousa, português. No Maranhão, c.c. Lourença Maria Cantanhede, filha de José Cantanhede (vêr Cantanhede). Pais de:
F1) Antônio de Carvalho Pinto e Sousa, † solteiro.
F2) Maria Isabel de Carvalho Pinto e Sousa, † solteira.
F3) José de Carvalho Pinto e Sousa, † solteiro.
F4) Ana Rosa de Carvalho, c.c. Capitão Antônio Henriques Leal e foram avós do Plutarco Maranhense (vêr Leal - F2).
F5) Francisca Teresa de Carvalho, c.c. Antônio Joaquim Galvão, c.s. (vêr Galvão).
F6) Maria Rosa de Carvalho, c.c. Antônio José dos Reis, c.s. (vêr Reis).
F7) Joaquim de Carvalho Pinto e Sousa, † solteiro.
F8) Manuel de Carvalho Pinto e Sousa, alferes. A 14-I-1817, c.c. Inez Raimunda Ferreira Lisboa Parga, filha do Coronel Raimundo Ferreira de As-

Digitized by Google

sunção Parga e de Ana Isabel Lisboa; n.p. de Alexandre Ferreira da Cruz e de Mariana Clara de S. José (portugueses); n.m. de Francisco Xavier Lisboa [1] e de Helena Teresa de Jesús [2]. Pais de:

Bn1) Luiza, † criança.

Bn2) Luiza Filomena de Carvalho, c.c. seu primo (Bn10), Júlio Máximo de Carvalho, c.s. (vêr).

Bn3) Maria Filomena de Carvalho.

N2) Raimundo Alexandrino Ferreira de Carvalho, c.c. Raimunda Joaquina de Oliveira Costa, filha de Martinho de Oliveira Costa e de Mariana da Rocha Trindade; n.p. de João de Oliveira da Costa e de Luiza Bernarda da Trindade; n.m. de José da Rocha Pita e de Susana Maria da Trindade (naturais da Baía). Pais de:

Bn4) Olímpia Amélia Oliveira de Carvalho, c.c. José Inácio de Azevedo, filho de Felipe Luiz de Azevedo Teixeira e de Raimunda Benedita da Cruz; n.p. do Capitão José Maria de Azevedo Teixeira e de Joana Maria da Rocha Trindade; n.m. de Amaro Alves da Cruz e de Maria Bárbara da Silva. Tiveram 6 filhos: Polinice, Clélia, Aristides, Ilderico, Filomena e Irinéa.

Bn5) Filomena Leonor Oliveira de Carvalho.

Bn6) Sirene Clementina Oliveira de Carvalho, c.c. José Luiz de Azevedo Teixeira, irmão de José Inácio (Bn4). Tiveram 3 filhos: Leopoldina, Leonesa e Corina.

Bn7) Zulmira Tolentina Oliveira de Carvalho.

Bn8) Zulmira Leonesa Oliveira de Carvalho.

N3) Clélia Leopoldina Ferreira de Carvalho, c.c. Luiz de Oliveira Cantanhede e Almeida, c.s. (vêr Almeida).

N4) Augusto Máximo Ferreira de Carvalho, c.c. Maria Joaquina da Encarnação, filha de Luiz José Lopes Malhão e de Maria Joaquina de Jesús; n.m. de Francisco Nunes Ferreira e de Ana Francisca de Jesús. Pais de:

Bn9) Ana Amélia, † criança.

Bn10) Júlio Máximo de Carvalho, c.c. sua prima (Bn2) Luiza Filomena de Carvalho. Pais de:

Tn1) Naida.

Tn2) Júlio.

Tn3) Tancredo.

Tn4) Augusto.

N5) Júlio de Carvalho, † criança.

N6) Ana Isabel Ferreira de Carvalho, c.c. seu primo-irmão (N16) Mariano Olímpio de Carvalho, c.s. (vêr).

N7) Antônio de Carvalho, c.c. sua prima Raimunda Josefina Baima de Carvalho, filha do Tenente Raimundo Alexandre de Carvalho e de Maria Cecília Baima; n.p. de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lou-

(1) Filho de João Duarte da Costa e de Angélica Maria Serejo.
(2) Filha de José Dutra da Costa e de Josefa Coutinho de Azevedo.

Digitized by Google

rença Maria Cantanhede; n.m. do Coronel Antônio Rodrigues dos Santos e de Maria Gertrudes Baima. Pais de:

Bn11) Urquisa de Carvalho, † de 8 anos.

Bn12) Raimundo de Carvalho, † de 3 anos.

Bn13) Neomisia Ernestina de Carvalho.

Bn14) Garibaldo de Carvalho, † de 7 anos.

Bn15) Antônio de Carvalho, † de 18 meses.

Bn16) Maria Cecília de Carvalho.

Bn17) Joaquim de Carvalho, † de 30 dias.

Bn18) Orfisa de Carvalho.

Bn19) Teófilo de Carvalho.

N8) Cândida Filomena Ferreira de Carvalho.

N9) Júlio Cesar Ferreira de Carvalho, † criança.

N10) Luiza Benigna Ferreira de Carvalho, c.c. Fábio Palhano, c.s. (vêr Palhano).

N11) Dr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho.

N12) Leonila Florentina Ferreira de Carvalho, † solteira.

N13) Joaquim Antônio Ferreira de Carvalho, c.c. sua prima Clementina Rita Baima de Carvalho (viuva do Dr. Raimundo Vale de Carvalho); n.p. de Antônio de Carvalho Pinto e Sousa e de Lourença Maria Cantanhede; n.m. do Coronel Antônio Rodrigues dos Santos e de Maria Gertrudes Baima. Pais de:

Bn20) Raimundo Alexandre de Carvalho.

Bn21) Adalgisa Isabel de Carvalho.

Bn22) Inez Raimunda de Carvalho.

N14) Maria Filomena Ferreira de Carvalho.

N15) Clementina Rosa Ferreira de Carvalho, † em consequência do 1.º parto, c.c. Diogo Manuel de Sousa, português, s.s.

F9) Capitão Maurício Antônio de Carvalho, c.c. Ana Joaquina de Morais Rego (vêr Rego - Bn2). Pais de:

N16) Teniente-Coronel Mariano Olímpio de Carvalho, c.c. sua prima-irmã (N16) Ana Isabel Ferreira de Carvalho. Pais de:

Bn23) Ana, † criança.

Bn24) Zaira Amélia de Carvalho.

N17) Ana Rosa de Carvalho, c.c. José Clementino dos Reis, c.s. (vêr Reis - N3).

N18) Clementina Rita de Carvalho, † s.s.; c.c. Joaquim Firmino dos Reis.

N19) Lourença Florentina de Carvalho, c.c. seu cunhado Joaquim Firmino dos Reis, c.s. (vêr Reis - N4).

F10) Inez Raimunda de Carvalho.

F11) Francisco Joaquim de Carvalho, c.c. sua sobrinha Lourença Virgínia Galvão, † 15-V-1877, em Lisboa (vêr Galvão - F3). Pais de:

N20) Antônio Joaquim Galvão de Carvalho, c.c. sua prima Francisca Teresa Galvão (vêr Galvão - N7).

N21) Isabel Comba Galvão de Carvalho, c.c. Dr. Vitorino de Araujo Guimarães, português.

Digitized by Google

N22) Cesaltina Galvão de Carvalho, c.c. João Carlos Bulhão, c.s. (vêr Bulhão).
N23) Rita Cláudia Galvão de Carvalho, c.c. seu primo Dr. Pedro Nunes Leal, c.s. (vêr Leal - N5).
N24) Dr. Trajano Galvão de Carvalho, c.c. sua prima Maria Gertrudes Baima de Carvalho, filha de Raimundo Alexandre de Carvalho. Pais de:
Bn25) Cesaltina Francisca Galvão de Carvalho.
Bn26) Lourença Virgínia Galvão de Carvalho.
F12) Luiza Rosaura de Carvalho (gêmea de F13), c.c. Manuel Francisco de Morais Rego, c.s. (vêr Rego - Bn5).
F13) Tenente Raimundo Alexandre de Carvalho (gêmeo de F12), c.c. d.ª Maria Cecília Baima, filha do Coronel Antônio Rodrigues dos Santos e de Maria Gertrudes Baima; n.p. de Francisco Rodrigues e de Quitéria Maria; n.m. de Caetano Inácio de Mendonça e de Maria Gertrudes Felizarda Baima. Pais de:
N25) Josefina, † criança.
N26) Ana Rosa, † criança.
N27) Antônio, † criança.
N28) Maria Gertrudes Baima de Carvalho.
N29) Clementina Rita Baima de Carvalho, c.c. seu primo-irmão (N32) Dr. Raimundo Alexandre, s.s.
N30) Raimunda Josefina Baima de Carvalho.
N31) Teófilo Alexandre Baima de Carvalho, c.c. Inez Josefina Leal Galvão, † 23-III-1876 (vêr Galvão - N11). Pais de:
Bn27) Goetz G. de Carvalho, 1.ª vez, c.c. Raimunda Coqueira; 2.ª vez, c.c. Raimunda Teles. Pais de:
Tn5) Ubirajara.
Tn6) Parajara.
Tn7) Jurací.
Tn8) Tabajara.
Bn28) Almira G. de Carvalho, c.c. Joaquim de Albuquerque Serejo. Pais de:
Tn9) Jandire.
Tn10) Amazonia.
Tn11) Jatir.
Tn12) Timbirano.
Bn29) Lourença Virgínia G. de Carvalho, c.c. João José Fernandes Veiga. Pais de:
Tn13) Potiguar.
Tn14) Coema.
Tn15) Jurandir.
N29) Antônio Cesar Baima de Carvalho, c.c. Augusta Clelia dos Reis (vêr Reis - Bn6). Pais de:
Bn30) Trajano de Carvalho.
Bn31) Hermínia de Carvalho.
Bn32) José Clementino de Carvalho.

Digitized by Google

Bn33) Laura de Carvalho.

F14) Major Antônio Lourenço de Carvalho, 1.ª vez, c.c. Maria Amália Rodrigues Baima, filha do Coronel Antônio Rodrigues dos Santos, português, e de Maria Gertrudes Baima; n.p. de Francisco Rodrigues e de Quitéria Maria; n.m. de Caetano Inácio de Mendonça e de Maria Gertrudes Felizarda Baima. Pais de:

N30) Maria Amália Baima de Carvalho, c.c. Tenente-Coronel Joaquim Serapião da Serra, filho de Francisco João Serra e de Leonor Francisca Duarte Lisboa; n.p. de Antônio José da Serra Freire e de Maria de Jesús Vilas-Lobo; n.m. de João Duarte Lisboa e de Isabel Cantanhede. Tiveram 8 filhos: Dr. Antônio, Leonor (c.c. seu tio João Emiliano - N35, c.s.); Maria, Francisco, Elvira (c.c. Adriano Pedro dos Santos, c.s.); Vitório, Celuta e Zuleida.

F14) 2.ª vez, c.c. Ana Maria Duarte Vale, filha de Manuel Duarte, português, e de Ana Josefa do Vale; n.m. de João do Vale e Maria da Encarnação. Pais de:

N31) Ricardo Antônio, † solteiro.

N32) Dr. Raimundo Alexandre Vale de Carvalho, † s.s., c.c. sua prima-irmã (N26) Clementina Rita.

N33) Alexandre Magno, † solteiro.

N34) Lourença Gualdina.

N35) João Emiliano Vale de Carvalho, c.c. sua sobrinha Leonor Serra (filha de N30). Pais de:

Bn34) Joaquim de Carvalho Serra.

Bn35) Maria Amália de Carvalho Serra.

Bn36) Celuta, † criança.

Bn37) Natan, † criança.

N36) Ana Maria Vale de Carvalho, c.c. José Francisco de Morais Rego, †.

F15) Gabriel de Carvalho Pinto e Sousa, † solteiro.

TOURINHO — Paulo Pires Tourinho, c.c. Joana Moniz Barreiro, filha de Bartolomeu Moniz Barreiro e de Maria da Costa. Pais de:

F1) Helena Corrêa de Araujo, c.c. João Lopes de Sousa, c.s. (vêr Lopes).

VALE — I - Francisco Joaquim Ferreira do Vale, c.c. Maria Joaquina Rita, portugueses. Pais de:

II - Domingos José Ferreira do Vale, c.c. Lourença Francisca Leal (vêr Leal - F3). Pais de:

F1) Luiza, † criança.

F2) Ana Rosa, † criança.

F3) Raimundo José Ferreira Vale, Tenente-Coronel, 1.ª vez, c.c. d.ª Raimunda Franco, filha do dr. Dionísio Rodrigues Franco e de Inez Maria Cotrim. Pais de:

N1) Dr. José Joaquim Franco Vale, c.c. Anardina.

F3) 2.ª vez, c.c. Amália Soeiro Lobo, filha do Coronel Manuel Teles da Silva Lobo e de Ana Soeiro. Pais de:

Digitized by Google

N2) Ricardo Henrique Ferreira Vale.
N3) Raimundo José Ferreira Vale.
N4) Benjamim Ferreira Vale.
N5) Colatino Ferreira Vale.
N6) Dr. Domingos José Ferreira Vale.
N7) Luzia Ferreira Vale.
N8) Aglae Ferreira Vale, † criança.
N9) Eneas Ferreira Vale.
N10) Teófilo Ferreira Vale.

F4) Dr. José Joaquim Ferreira Vale, Visconde do Desterro (vêr), título estrangeiro, c.s.

F5) Antônio Henriques Ferreira Vale, † solteiro.

F6) Maria Luiza Leal Vale, c.c. Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, † 15-III-1879, c.s. (vêr Leal, N2).

F7) Ana Amélia Leal Vale, 1.ª vez, c.c. Comendador Domingos da Silva Pôrto. Pais de:
N11) Lourença.

F7) 2.ª vez, c.c. Major Álvaro Duarte Godinho. Pais de:
N12) Eugênia.

F8) Luzia Leal Vale, † solteira.

F9) Inez Leal Vale, c.c. Dr. Raimundo Teixeira Mendes, filho do Tenente, Coronel Raimundo Teixeira Mendes e de Rosa da Costa Alvarenga. Pais de:
N13) Raimundo.
N14) Ildebrando.
N15) Rosa.

Referências ao Instituto e suas publicações

De d.ª Heloisa Cabral da Rocha Werneck, do Rio de Janeiro:

"Recebi os "Subsídios Genealógicos", de Carlos da Silveira. Esta série especializada do Instituto Genealógico Brasileiro é realmente interessante. Assim apresentando, na simplicidade de artigos, ou por outra, de verdadeiras palestras, em horas calmas, em momentos de convivência íntima e familiar com a nossa gente, com o nosso passado, o estudo da genealogia se nos apresenta despido de soberba, de vã glória. Realmente, como diz o sr. Carlos da Silveira, a genealogia não é sòmente nobiliarquia. Há linhagens sem brazões, sem heráldica, muito mais nobres e muito mais puras do que as que figuram nos nobiliários. Entretanto, não podemos destruir o passado, nem abolir para sempre as séries biológico-sociais impregnadas do *ambiente em que viveram*. Os "Subsídios" são, realmente, de grande utilidade."

Do Coronel Laurênio Lago, do Rio de Janeiro:

"Eles (os "Índices") representam grande esforço e trabalho, sendo seu autor digno de merecidos louvores."

Digitized by Google

INST. GENEALÓGICO DO R. G. DO NORTE
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Câmaras e Miranda-Henriques

Adauto Miranda Raposo da Câmara
(Do Instituto Genealógico Brasileiro)

Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara

Êste despretensioso trabalho acerca da origem de minhas famílias paterna e materna terá apenas o merecimento de ser o primeiro que se publica, abrindo, assim, o caminho a outros pesquisadores que se queiram aproveitar honestamente das acuradas investigações a que procedo há alguns anos. Aquelas famílias se acham radicadas no Brasil desde os princípios do século XVIII, ambas oriundas de Portugal. Na "Nobiliarquia Pernambucana", Borges da Fonseca já se refere, aquí e alí, a *Câmaras* e *Mirandas*, entrelaçados com primitivos povoadores da capitania de Duarte Coelho. Sua monumental obra de linhagista foi escrita em 1771, poucos anos após aquelas famílias se terem constituido definitivamente no Nordeste. Eis a razão por que não se encontra na "Nobiliarquia" a crônica dos *Câmaras* e *Miranda-Henriques*. *Esta omissão está justificada* pelo próprio autor, quando, na "Noticia da causa que houve para escrever-se este livro genealógico", assim se externa:

"Tambem advirto que escrevo das familias de que pude haver noticias e não de todas e assim não duvido que me fiquem por escrever muitas familias, ainda das mais principais, o que advirto para que, daqui a cem ou a duzentos anos, se aparecer este livro, que pode ser não haja quem diga, *Vg.*, quem é fulano, quem eram seus avós, no ano de tantos um fuão escreveu um livro das gerações nobres não fez caso da sua porque seus

Digitized by Google

avós ainda não eram nomeados ....." ("Nobiliarquia Pernambucana", Vol. II, pág. 443, *in Anais* da Biblioteca Nacional).

I

OS CÂMARAS

Fundada, no Rio Grande do Norte, em 1738, pelo casamento do português Manuel Raposo da Câmara, da ilha de S. Miguel, com a natalense Antonia da Silva, desde então se expandiu a família Soares Raposo da Câmara naquele Estado, entrelaçando-se com outras dignas famílias, igualmente de excelente cepa.

Filiam-se os Câmaras do Rio Grande do Norte à melhor gente de Portugal, descendentes, em linha reta, dos donatários de S. Miguel, que tão brilhante posição tiveram entre a nobreza do reino.

O apelido Câmara passou das Astúrias para Portugal, onde se corrompeu em Cambra. Segundo o Visconde Sanches de Baena (*Índice Heráldico*, pg. XXXVIII), a família Câmara, em Portugal, é mais moderna, ainda que descenda, por linha feminina, dos Câmaras asturianos. E continua o insigne linhagista:

"Foi o chefe desta João Gonçalves da Câmara de Lobos, a quem el-rei D. Afonso V deu armas, em 4 de Julho de 1460, e cujos descendentes são as primeiras casas dêste reino, como é constante".

João Gonçalves Zarco foi, com Tristão Vaz Teixeira, o descobridor da Ilha da Madeira, em 1419. Explorando-a, deu em uma lapa de lobos marinhos. O local ficou conhecido pela designação de "Câmara de Lobos". (*As Saudades da Terra* - Dr. Gaspar Frutuoso).

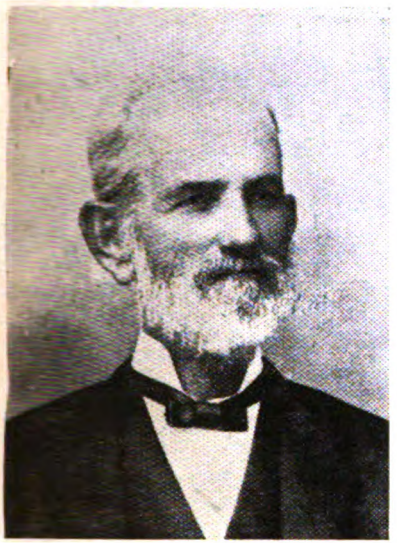
El-rei D. Afonso V, quando lhe concedeu brasão de armas, ampliou-lhe a mercê, acrescentando aos seus nomes os de Câmara de Lobos, isto na data já citada, 4 de julho de 1460, quando nasceu uma nova e magnífica estirpe em Portugal. O apelido Lobos desapareceu com o desuso por parte dos seus titulares, permanecendo o Câmara.

O escudo d'armas de João Gonçalves Zarco da Câmara está descrito no "Cancioneiro de Rezende", vol. II, págs. 372 e 373, ed. de Stuttgart, 1848:

Nuuma torre de menajem
dous lobos querem trepar
em campo, cor d'um pumar,
que são armas da lynhajem
mui dina de nomear.
Câmara he seu apelydo
em Portugual muy sabido
& na ylha da Madeira,
que sua vida primeyra
d'estes a tem recebido.

(De Joam RRoiz de Saa, decrarando alguuns escudos d'armas d'algumas lynhajens de Portuguall, que sabya donde vynham.)

Digitized by Google



Antero Frederico Borges de Miranda Henriques (1819-1915)

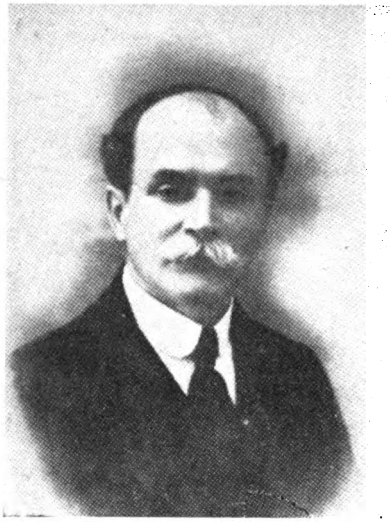
Zeferina Maria Cunha de Miranda Henriques (1828 - 1890)

Miguel Soares Raposo da Câmara (1838 - 1923)

Urbana Leopoldina Sales da Câmara (1844 - 1924)

Digitized by Google

Augêncio Virgílio de Miranda Henriques (1854 - 1916) e Josefa Nazaré de Miranda



Prof. Teódulo Soares Raposo da Câmara

Aura Augusta de Miranda Câmara

Vanda Zaremba da Câmara

Digitized by Google

Descendem de João Gonçalves Zarco da Câmara os Condes de Vila Franca e da Ribeira Grande, senhores da Ilha de S. Miguel. Um tio de Pedro Álvares Cabral, Diogo Cabral, casou com uma filha de João Gonçalves Zarco - Beatriz Gonçalves da Câmara.

A munificência real em relação a esta família afirmou-se em múltiplas demonstrações, através das gerações: a concessão do título de Condes de Vila Franca (1583), de Condes da Ribeira Grande (1662), e elevação dêstes ao marquesado (1855).

Os Câmaras foram detentores de dous morgadios na Ilha de S. Miguel, por vários séculos. Um membro desta família foi um dos pioneiros do sistema feudal de colonização do Brasil, onde se acredita que tenha estado: João de Melo da Câmara, irmão de Rui Gonçalves da Câmara, donatário da Ilha de S. Miguel. Dirigiu êle, a propósito, uma carta a D. João III (*História da Colonização Portuguesa no Brasil*, Vol. III). O eminente Diogo de Gouveia, escrevendo a D. João (*Idem, ib.*) lamentava que não tivesse sido aceito o alvitre daquele fidalgo, que se propunha trazer dois mil ilhéus para o Brasil. El-rei não só deixou de atender ao plano, como, talvez levado pelas intrigas de Cristovão Jaques, esqueceu João de Melo da Câmara na partilha do território brasileiro em capitanias.

Outro Câmara, D. Guido Augusto da Câmara e Ataide, 5.º Conde da Ribeira Grande, foi uma das vítimas da crueldade do Marquês de Pombal. Suspeito de haver contribuido para o financiamento (!) do atentado contra a vida de D. José I, segundo o depoimento do Duque de Aveiro, foi conservado nas prisões do Estado, mesmo depois de reconhecida sua absoluta inocência. Falecido em 1770, só depois da queda do truculento déspota português é que a família teve conhecimento da morte do seu chefe.

Com a vinda da Côrte Portuguesa, para aquí se transferiram vários titulares da família Câmara, que desempenhavam altos cargos junto ao Rei. O 7.º Conde da Ribeira Grande, D. José Maria Antônio Gonçalves Zarco da Câmara, faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1820. Aquí nasceram seus filhos, D. Francisco e d.ª Maria Rita Gonçalves Zarco da Câmara, tendo esta desposado o 10.º Conde dos Arcos.

A mesma origem dos Câmaras norte-riograndenses têm os Correas da Câmara gauchos. (Aurélio Porto - *Os Correas da Câmara*, in "Anais do Itamaratí", 1937). O mesmo se pode dizer dos Matosos da Câmara, dentre os quais sobressai Eusébio de Queiroz Coitinho Matoso da Câmara, nascido em Angola. Um Raposo da Câmara casou em Angola com uma Matoso, daí se originando uma família ilustre que mais tarde se transplantou para o Brasil. (V. notícia sôbre os Gagos da Câmara, *in* "A Nobreza na Restauração de Portugal", Lisboa, 1940, Vol. 1).

Os Câmaras estabeleceram-se no Brasil antes do atentado contra D. José I, e já vieram cruzados com os Raposos, acerca de quem informa o Visconde Sanches de Baena (*Op. cit.* Pg. CXLIX):

Digitized by Google

"Os Raposos têm a mesma varonia que os Menezes: foi desta familia Egas Loureiro Raposo, de quem descendeu Gil Vaz Raposo, que, por uma filha sua, é descendente dos Lobos da cidade de Beja.

"Esta familia tem por armas um escudo franchado, o primeiro, que é o de cima, enxaquetado de prata e azul, de peças meudas, e o de baixo da mesma forma; os dos lados, de prata com um crescente vermelho apontado em cada um; timbre, um raposo de ouro."

Por que teriam emigrado? Desconhecem-se documentos que permitam afirmações categóricas. Não será demais admitir que a odiosa instituição do morgadio houvesse contribuido para isto. Sabe-se que, por êste instituto, existente em Portugal desde o século XIV, só os primogênitos de famílias nobres eram beneficiados com a administração e usofruto dos bens paternos. Os outros filhos eram realmente desherdados. Tinham de procurar meios de viver decente e dignamente. Como, naqueles tempos, não ficava bem a um fidalgo trabalhar como qualquer mortal, se falhava o casamento rico, o recurso era demandar plagas estranhas, na luta pela existência. No estudo de Aurélio Porto sôbre os Correas da Câmara, encontra-se a prova de que esta família era igualmente detentora de um morgadio em S. Miguel, como afirma um irmão de Patrício Correa da Câmara, em petição que se acha na Biblioteca Nacional. Havia na Ilha de S. Miguel dois morgados da família Câmara, e ainda na Ilha Terceira, onde os Correas eram radicados.

Um dos morgados coube a um Câmara do Rio Grande do Norte, Joaquim Soares da Câmara Júnior, falecido em Natal, em 1876, pai de Joaquim Soares Raposo da Câmara e João Carlos Soares da Câmara, falecidos há poucos anos naquela capital, onde eram figuras de grande respeitabilidade. O último morgado vendeu, por Cr.$ 40.000,00 os bens vinculados, que valeriam Cr.$ 800.000,00! A transação foi efetuada na rua Voluntários da Pátria, em Natal, na casa que ainda hoje pertence aos herdeiros de João Carlos Soares da Câmara - os Drs. Anfilóquio, Cleto e Lélio Soares da Câmara.

No Rio Grande do Norte, os Câmaras sempre se distinguiram pelos seus predicados de honradez, austeridade, operosidade e cultura intelectual. Muitos são os representantes desta família que, em dois séculos de atuação na vida pública, se impuseram à confiança e acatamento dos seus contemporâneos, para o exercício dos mais altos cargos administrativos e políticos. Além de senhores-de-engenho, fazendeiros e industriais, têm militado brilhantemente no magistério, no jornalismo, no foro, na medicina, na engenharia, no parlamento estadual e federal.

II

OS MIRANDA-HENRIQUES

A vasta e prestigiosa família de minha mãe foi transplantada de Portugal para o Brasil no século XVIII. Fundou-a, no Nordeste, Francisco Xavier de Miranda Henriques, que, durante quase 19 anos, exerceu no Brasil os elevados postos de Capitão-Mór e Governador das Capitanias do Rio

Digitized by Google

Grande do Norte (11 anos e meio), Ceará (4 anos) e Paraíba (3 anos). Era Cavalheiro professo na Ordem de Cristo, Moço Fidalgo da Casa Real, aparentado com as famílias mais ilustres do Reino. Os Miranda-Henriques tiveram posição de excepcional relevo entre a nobreza lusitana. Desde o século XVII se entrelaçaram com a família dos Condes de Avintes. Uma neta do 1.º Conde, Teresa de Borbon, filha do 2.º Conde (D. Antônio de Almeida), casou, em 1694, com D. Álvaro da Silveira e Albuquerque, que foi Governador do Rio de Janeiro, de 1702 a 1704, e faleceu em 1716. Entre outros filhos, tiveram Maria de Borbon, que casou com Antônio de Miranda Henriques, Senhor das Vilas de Carapito e Cadriceira, Comendador de Santo Estevão de Passos, na Ordem de Cristo e outras; foi Governador e Capitão General de Mazagão, do Conselho de Sua Majestade. Foram pais de José Joaquim de Miranda Henriques, que nasceu a 4 de dezembro de 1718, e casou com a Condessa Ana de Lima, viuva do 4.º Conde da Ilha - e de Manuel de Miranda Henriques, Cônego da Basílica Patriarcal, nascido a 30 de abril de 1722 (1). Sôbre a origem desta família escreve o Visconde Sanches de Baena (*Índice Heráldico*, pág. LXXXVI):

"Henriques, de Castela. Descende esta familia, sem dúvida, de D. Fernando Henriques, filho natural do rei D. Henrique de Castela e de D. Brites Peres de Ângulo, que, vindo para Portugal, foi neste reino tratado como filho de rei, e dele procedem os senhores das Alcáçovas, e por fêmea todos os Miranda Henriques, e muitas outras famílias; porque todos folgavam de se aparentar com eles. São suas armas o escudo mantelado: os dois campos altos vermelhos, e em cada um seu castelo de oiro, o de baixo de prata com um leão vermelho."

Luiz de Miranda Henriques, "herdeiro da casa de seu pai", comendador de S. Julião, Santo André de Sever, Santa Maria de Pena Águia e de Santa Eulália de Balzar, na Ordem de Cristo, casou, em 3 de dezembro de 1702, com Madalena Luiza de Borbon, irmã de D. Pedro de Mascarenhas de Carvalho, nascido em 1670, feito Conde S. Domil por D. João V, que o despachou para Vice-Rei da Índia, em 1732. Luiz de Miranda Henriques foi Coronel do Regimento da Armada e General de Batalha, posto em que serviu na guerra de 1704". (D. Antônio Caetano de Sousa, *op. cit.*, vol. XI, págs. 910 e segs.).

O Rio de Janeiro foi governado, de 1633 a 1637, por um Miranda Henriques - Rodrigo - que foi Cabo Militar da Praça da Baía, Capitão da Companhia de Arcabuzeiros, e sucedeu e Salvador Correa de Sá e Benevides no govêrno de Angola, onde faleceu, em 1652. (Pizarro - *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, tomo II, pág. 250; Baltasar da Silva Lisboa - *Anais do Rio de Janeiro*, pág. 113, tomo I).

Quanto às armas dos Miranda-Henriques, assim se expressa G. L. dos Santos Ferreira (*Armorial Português*, Lisboa, 1925, pág. 167, I Parte):

. . . . . .

(1) Sôbre os Miranda-Henriques ler o Cap. XV do Vol. XI da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 1743, de D. Antônio Caitano de Sousa, intitulado "De D. Branca de Eça e sua descendência", pág. 764.

Digitized by Google

"765 — Henriques (de D. Fernando Henriques). De vermelho, com um castelo de oiro, de três torres; mantelado de prata, carregado de dois leões de púrpura, o da direita voltado (2).

"Timbre — O castelo do escudo, a torre do meio encimada por um leão de púrpura, sainte."

O fundador da família Miranda Henriques no Brasil, o velho Capitão-Mór, pertencia ao ramo Sandomil, isto é, à mais alta nobreza de Portugal. No *Perfil do Marquês de Pombal,* Camilo Castelo Branco descreve (págs. 17 a 41) o torneio havido em Lisboa, em 1738, por inciativa do Visconde de Vila Nova de Cerveira, estribeiro-mór da Princesa do Brasil, o qual "convocou trinta e dois fidalgos da primeira grandeza, para festejarem o natalício da futura rainha D. Maria Vitória, com escaramuças militares, ao estilo africano, e corrida de touros pelos fidalgos mais peritos e celebrados nessa prenda". Os nobres constituiam quatro grupos ou fios, de oito cada um, encabeçados por um guia. O 4.º grupo era assim composto:

GUIA Conde S. Miguel

Cavaleiros
- D. Francisco de Menezes (Ericeira)
- Visconde de Vila Nova de Cerveira (Teles)
- D. Álvaro José Botelho (S. Miguel)
- *Francisco Xavier de Miranda Henriques* (Sandomil)
- D. Marcos de Noronha (Arcos)
- *José Joaquim de Miranda Henriques*

Contra-guia D. Luiz de Sousa (Calhariz)

Eis a alta jerarquia do Capitão-Mór que, no ano seguinte àquela cavalhada, assumia o govêrno do Rio Grande do Norte, no qual se manteria por quase doze anos, austero, decente, de uma probidade proclamada pelos documentos da época e pelos historiadores que têm apreciado a sua administração naquela Capitania e nas do Ceará e da Paraíba. Tendo assumido o govêrno a 18 de dezembro de 1739, deixou-o a 30 de maio de 1751. Foi muito combatido, em virtude, única e exclusivamente, de sua irredutivel integridade, que não vacilava em contrariar interesses prejudiciais à causa pública. O Senado da Câmara de Natal chegou a representar a El-Rei contra o Governador, um pouco desprimorosamente, diga-se de passagem, porque êle já estava aguardando substituto quando ocorreu a lembrança da representação:

"Temos por notícia que se acha provido Pedro de Albuquerque e Melo para Capitão-Mór desta Capitania ... Diremos a V. Majestade que os governadores estarem mais de três anos causa grande descômodo ao povo, porque se afeiçoam a algumas pes-

(2) "Em Espanha trocam a ordem do *mantelado*, tomando por lugar principal o *mantel*, e por lugar secundário o *campo do escudo*. Assim usam, em Portugal, a casa das Alcáçovas e os Miranda-Henriques."

. . . . . .

As armas dos Miranda-Henriques ornam o teto do Paço de Sintra. (Anselmo Braancamp Freire - *Os Brasões da Sala de Sintra*, 3 vols.).

Digitized by Google

soas e por razão destas fazem injustiças." (Tavares de Lira - *História do Rio Grande do Norte*, pág. 325).

Sôbre êle escreveu o ilustre historiador norte-riograndense, desembargador Antônio Soares, na "República", de Natal, 13 de julho de 1930:

"Miranda Henriques era Moço Fidalgo da Casa Real e contava, ao tempo da nomeação, 18 anos, 11 meses e 29 dias de serviço no Reino de Portugal e na praça de Mazagão, a principio como soldado de Cavalaria no regimento de que foi Coronel-Brigadeiro o Marquês de Marialva. Em 1733, ainda em Mazagão, continuou voluntariamente no serviço da praça, como soldado infante, passando depois a cavaleiro, "acobertado com armas e cavalo à sua custa"; e, outra vez soldado infante, ocupou o posto de capitão da infantaria, por patente do governador da dita praça, João Jacques de Magalhães. Em todo êsse tempo, "sem nenhuma nota" — diz a Patente Real — Miranda Henriques achou-se em várias ocasiões de combates travados contra os mouros, mostrando "valor e assistindo as suas obrigações com pontualidade e obediência". Nos dois anos seguintes, entrou em novos recontros, portando-se com abnegação e coragem. Em 1736, constando que uma embarcação moura achava-se ancorada para dentro do cabo de Azamor, o governador de Mazagão, Bernardo Pereira de Berredo, enviou, para capturá-la, dois barcos armados em guerra, indo em um deles o capitão Miranda Henriques, que agiu "com grande valor e distinção". A diligência foi executada com êxito, conseguindo os expedicionários, na mesma noite, a rendição da nau inimiga, que, com a guarnição de 28 homens e o seu carregamento de fazendas, foi, pela manhã, conduzida para Mazagão."

Miranda Henriques, deixando o govêrno do Rio Grande do Norte em 1751, regressou ao Reino, segundo se presume. Em 22 de abril de 1755, assumiu o Governo do Ceará, deixando-o em 11 de janeiro de 1759. Em 20 de abril de 1761, assumiu o govêrno da Paraíba, que deixou a 20 de abril de 1764.

Era pobre, segundo o testemunho dos contemporâneos e segundo se infere da altiva carta que endereçou ao rei, em 20 de março de 1757, queixando-se das misérias que passava, com o ridículo vencimento de Cr.$ 400,00 anuais, tendo chegado ao ponto de tomar um empréstimo de Cr.$ 100,00 ao cofre dos órfãos, e se não fôra a intervenção de seu secretário, Caetano José Correa, figuraria o nome da autoridade mais graduada da capitania entre os daqueles que mendigaram do govêrno êsse pequeno obséquio (Barão de Studart - *Notas para a História do Ceará*). Endereçou uma petição ao Capitão General de Pernambuco, requerendo uma anuidade de Cr.$ 200,00 para residência, pois no Rio Grande do Norte tinha direito a aposentadoria, e no Ceará não a tinha, embora a tivesse o ouvidor. O Capitão General concedeu-lhe o favor pleiteado. Seu ato, porém, não foi aprovado, e Miranda Henriques foi intimado a restituir aquela importância ao erário. Durante os largos anos em que exerceu aquele cargo, em três Capitanias, não logrou nenhuma melhoria nos proventos que auferia: Cr.$ 400,00 anuais. Acabou, após uma permanência tão demorada no Nordeste brasileiro, se afeiçoando à região, onde se fixou definitivamente, após a sua missão governa-

Digitized by Google

mental na Paraíba. Adquiriu alí uma propriedade, tradicionalmente conrecida por "Bolandeira", em Areia, proveniente de um primitivo engenho de descaroçar algodão. Seu primogênito e homônimo, patriarca sertanejo, era chamado "Xavier da Bolandeira". Tôda a família saída daquela terra mater passou a ser nomeada "Bolandeira", como um título de nobreza, revivescência de velho costume feudal, que vinculava à terra o destino de seus fundadores e povoadores.

A família Miranda Henriques, no Nordeste, procede dêste venerando Capitão-Mór, que faleceu em avançada idade, na Paraíba. Espalhou-se pelo Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, e seus descendentes conservam aquelas virtudes esplêndidas que eram atributo do digno genearca. É uma grei imensa de fazendeiros, comerciantes, doutores, políticos, sacerdotes. Em Pernambuco nasceu Antônio Henriques de Miranda, e, na Paraíba, Manuel Lobo de Miranda Henriques, filhos de João José de Miranda Henriques, o segundo dos quais foi revolucionário em 1817, tendo permanecido preso nas Cadeias da Relação da Baía; presidente das Províncias de Alagoas (1831) e Rio Grande do Norte (1833); deputado geral, eleito e reconhecido, à Câmara nati-morta de 1842. Foi o pai de Aristides Lobo, que era, assim, um legítimo Miranda Henriques, nascido na Paraíba. Membro eminente desta família foi o Arcebispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, lustre do episcopado brasileiro, falecido em 1935. Era primo e amigo de meu avô materno, Augêncio Virgílio de Miranda Henriques. Em sua homenagem é que recebi, na pia batismal, o nome que tenho. Em uma de suas visitas pastorais pelo interior do Rio Grande do Norte, àquele tempo sob a jurisdição episcopal da Paraíba, fui por êle crismado, em Mossoró, onde residiam meus pais e avós. De S. Excia. Revma. recebi preciosas informações sôbre as origens da família no Nordeste, cartas infelizmente extraviadas quando transferi minha residência para o Rio de Janeiro. Da correspondência com que me honrou, resta apenas um cartão, em que resolvia uma dúvida genealógica, assim redigido:

"Exmo. Am.º e Parente Dr. Adauto da Câmara. Afetuosas saudações. A causa da demora de minha resposta à sua prezada carta foi a pesquisa que fazer, sem nenhum resultado, infelizmente. Apenas fiquei certo do que supunha o Exmo. Sr. Dr. Soares (3), isto é, o chamado Capitão-Mór do engenho Bolandeira, na freguesia da Cidade de Areia, era o filho mais velho do Capitão-Mór que deixou o Governo dêsse Estado em 1751. Certamente êsse título de Capitão-Mór seria de herança. Com os meus afetuosos cumprimentos, faço os mais sinceros votos de felicidade verdadeira ao nosso bom Deus. *D. Adauto A. de Miranda Henriques.* Paraíba, 12-VIII-1930."

Meu bisavô materno, Antero Frederico Borges de Miranda Henriques, era neto do Capitão-Mór e Governador Francisco Xavier de Miranda Henriques, entroncando, assim, na melhor gente lusitana. Faleceu quasi centenário, em Parelhas, Rio Grande do Norte, aos 23 de abril de 1915, dei-

(3) Desembargador Antônio Soares, escritor e linhagista, antigo Presidente da Côrte de Apelação e da Acadêmia de Letras do Rio Grande do Norte.

Digitized by Google

xando uma descendência bíblica: 18 filhos, 110 netos, 119 bisnetos, segundo registrou "A República", de Natal, noticiando o seu passamento.

APONTAMENTOS PARA A ÁRVORE DE COSTADO DE MEUS FILHOS, MÁRIO E HENRIQUE ZAREMBA DA CÂMARA

I - O português Manuel Raposo da Câmara, natural da Ilha de S. Miguel, casou, em 1738, na freguesia de S. José de Mipibú, Rio Grande do Norte, com Antonia da Silva, de Natal. Pais de:

II - Manuel Raposo da Câmara Júnior, que casou com Maria da Anunciação de Ramos, natural da Paraíba, filha legítima de Gonçalo Soares da Câmara Oliveira e Ana Maria do Nascimento, êle natural de Natal, e ela da Paraíba. Pais de:

F1) Miguel Soares da Câmara (III), que continua.
F2) Maria Raposo da Câmara Oliveira.
F3) Felipa da Câmara Soares, nascida em 1.º de maio de 1767.

III - Miguel Soares da Câmara casou com Francisca Maria de Jesús, filha legítima de Manuel Martins da Costa Baião e de Luzia do Ó da Cunha, proprietários do sítio "Laranjeiras", em S. José de Mipibú; neta paterna do português Domingos Martins da Costa Baião e de Catarina da Silveira. Pais de:

F1) Miguel Soares da Câmara (III), que continua.
F2) Miguel Soares Raposo da Câmara.
F3) José Barbosa Caminha Raposo da Câmara.
F4) Maria Manuela da Câmara (Cota).
F5) Francisca Antonia da Câmara (IV), que continua, nascida em 23 de janeiro de 1784, em São José de Mipibú.
F6) Ana Joaquina da Câmara.

IV - Francisca Antonia da Câmara (1.ª da nome) que continua, casou com o seu primo Francisco Xavier Machado, filho legítimo de Antônio Pires da Silveira e de Josefa Maria da Silva, proprietários do "Manimbú", neto paterno de Domingos Martins da Costa Baião e Catarina da Silveira de Macedo; e neto materno de Caetano Machado da Cunha e Rosa Maria da Silva. Pais de:

F1) José Soares da Câmara.
F2) João Soares da Câmara.
F3) Teresa Soares da Câmara.
F4) Francisca Antonia da Câmara (V), que continua.

V - Francisca Antonia da Câmara (2.ª do nome) casou com o seu primo Sebastião José de Vasconcelos, filho legítimo de Antônio da Rocha Pita e Maria do Ó da Soledade; neto paterno de José Lauriano Cardoso e Claudia Maria de Jesús, que residiam nas margens do S. Francisco, Santo Antônio do Urubú, Bahia, donde Antônio da Rocha Pita emigrou para o Rio Grande do Norte, com um irmão, que casou no Ceará-Mirim, no mesmo Estado, fugidos, segundo tradição da família, de São Paulo, onde estudavam, por se terem comprometido na Inconfidência Mineira. Pais de:

Digitized by Google

F1) Francisco Severiano da Câmara.
F2) João Soares Raposo da Câmara Pita.
F3) Josefina Paulina da Câmara.
F4) Maria Altina da Câmara, que casou com o professor Francisco Bethlem. Sem sucessão.
F5) Inácia Celestina da Câmara, primeira esposa do professor Francisco Bethlem, de quem houve os seguintes filhos:
N1) Agrícola Bethlem Câmara, que casou com Maria Luiza Lobo Câmara. Faleceu como Capitão do Exército, deixando entre outros filhos, o Coronel Agrícola Lobo Câmara Bethlem, professor da Escola Militar.
N2) Agricio, falecido, sem sucessão.
N3) Orículo.
N4) Francisca. Foi casada com Umbelino Álvares, comerciante em Recife. Pais do Dr. Olívio Álvares, clínico no Rio de Janeiro.
F6) Miguel Soares Raposo da Câmara (VI), que continua.

VI - Miguel Soares Raposo da Câmara, que casou com Urbana Leopoldina de Sales Câmara, filha legítima de Alexandre Francisco de Sales e Cândida Lúcia da Encarnação Sales; neta paterna de Francisco de Sales e Silva e Maria José de Barros, moradores que eram na Pituba, em S. José de Mipibú; neta materna de Gabriel Arcanjo Barbosa de Góis Lira e Joana Francisca Barbosa, moradores em S. José, donde eram naturais. Foram os pais de dezessete filhos, dos quais se criaram sete:

F1) Isabel Leopoldina da Câmara, falecida, sem sucessão.
F2) Teódulo Adolfo Raposo da Câmara, residente no Rio de Janeiro (VII), que continua.
F3) Urbana Leopoldina da Câmara Filha, falecida. Casou com Manuel Tavares Guerreiro da Silva, falecido. Pais de:
N1) Manuel Tavares Guerreiro, conferente da Alfândega de Santos, onde reside. Casou com Edite Seabra de Melo. Pais de:
Bn1) Múcio, falecido na infância.
Bn2) Murilo, falecido na infância.
Bn3) Genaro, solteiro.
Bn4) Manuel, solteiro.
Bn5) José, solteiro.
Bn6) Evaldo, solteiro.
Bn7) Danilo, solteiro.
Bn8) Norma, solteira.
F4) Eulália Leopoldina da Câmara, solteira, residente em Natal.
F5) Cândida Leopoldina da Câmara, residente no Rio de Janeiro. Casou com Godofredo Leonardo de Bakker, natural do Rio Grande do Norte, filho legítimo de João André de Bakker e Ana Maria de Bakker, êle natural da Bélgica e ela de S. José de Mipibú; neto paterno de João Cornélio de Bakker, engenheiro militar, e de Ana de Bakker, naturais da Bélgica, e materno de Joaquim de Araujo Costa e Ana Umbelina de Araujo Costa, ambos naturais do Rio Grande do Norte. Pais de:

Digitized by Google

N2) Dr. Godofredo Jacaúna de Bakker, falecido em 1934, no Rio de Janeiro. Foi casado com Cecí Corlette Pereira. Pais de:

Bn9) Marina.

Bn10) Carlos Augusto.

N3) João Piragibe de Bakker, do Banco do Brasil, casado com Maria Natércia Ribeiro de Bakker, natural do Rio Grande do Norte. Pais de:

Bn11) Miriam.

Bn12) Alberto.

Bn13) Murilo.

Bn14) Múcio.

Bn15) Armando.

Bn16) João.

N4) Dr. Godescardo Ibirapitanga de Bakker, fiscal do imposto de Consumo em Minas Gerais. Casado com Cleonice Ribeiro de Bakker, natural do Rio Grande do Norte. Pais de:

Bn17) Arivaldo, estudante de Medicina.

Bn18) Amaurí.

Bn19) Evandro.

Bn20) Leda.

N5) Irací, solteira.

F6) Emília Leopoldina da Câmara, solteira, residente em S. José de Mipibú.

F7) Amália Leopoldina da Câmara Bakker, viuva de Valfredo Bakker. Pais de:

N6) Haroldo.

N7) Iracema.

N8) Deusdedit.

VII - Teódulo Adolfo Raposo da Câmara, professor aposentado do Ateneu Norte-Riograndense, de Natal. Reside no Rio de Janeiro. Casado com Aura Augusta de Miranda, filha legítima de Augêncio Virgílio de Miranda Henriques e Josefa Nazaré de Miranda; neta materna de Jerônimo Francisco Xavier da Cunha e Vicência Rosalina da Conceição; neta paterna de Antero Frederico Borges de Miranda Henriques e Zeferina Maria da Cunha de Miranda; quarta-neta do Capitão-Mór e Governador das Capitanias do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba - Francisco Xavier de Miranda Henriques. Pais de:

F1) Mário (8-XI-1896 - 14-IX-1921). Cursava o 4.º ano de Medicina, na Bahia, quando faleceu, sem sucessão.

F2) Adauto Miranda Raposo da Câmara (VIII).

F3) José (2-IV-1900 - 2-VIII-1900).

F4) Gilberto (24-XII-1901 - 14-X-1905).

F5) Godofredo (4-I-1904 - 19-VII-1919). Faleceu em Natal. Cursava o 1.º ano da Escola Politécnica, do Rio de Janeiro.

F6) Aura Iarací, solteira.

F7) Gilberto (5-II-1908 - 2-X-1908).

F8) Maura Jací, solteira.

Digitized by Google

F9) Alberto Miranda Raposo da Câmara, nascido aos 3 de dezembro de 1911, em Natal. Médico no Rio de Janeiro. Casado com Lourdes Pedrosa Napoleão da Silva, filha legítima de Fernando Napoleão da Silva e Alzira Pedrosa. Pais de:

N1) Vanda Maria, nascida em 24-VII-1942.

F10) Clélio Miranda Raposo da Câmara. Cirurgião-dentista, residente no Rio de Janeiro, solteiro, nascido em Natal, aos 28 de agosto de 1915, sem sucessão.

VIII — Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara, nascido em Mossoró, Rio Grande do Norte, aos 14 de março de 1898. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife. Antigo chefe de Polícia e Diretor da Imprensa Oficial daquele Estado. Advogado e Professor no Rio de Janeiro. Membro da

Vitoldo Zaremba

Pere Bouzas Zaremba

Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; antigo professor catedrático de História do Brasil do Ateneu Norte-Riograndense, de Natal. Casou, aos 22 de dezembro de 1928, em Natal, com Vanda Zaremba, nascida no Rio de Janeiro, filha legítima de Vitoldo Zaremba e Pere Bouzas Zaremba; neta paterna do engenheiro João Estanislau Zaremba e Amélia Nauencz (nascida Condessa Dombski); neta materna de Eduardo Bouzas, engenheiro e Josefa Peralva Bouzas; bisneta paterna de Estanislau Zaremba e Wilhermina Sczytowsky e do Conde Adalberto Dombski e Hermínia Dombski; bisneta materna de Benito Bouzas e Benita Chavanellas Bouzas. Pais de:

F1) Mário Zaremba da Câmara, nascido em Natal, aos 3 de outubro de 1929.

F2) Henrique Zaremba da Câmara, nascido no Rio de Janeiro, aos 14 de janeiro de 1939.

Digitized by Google

IRMÃOS DE VANDA ZAREMBA DA CÂMARA

1) Halina (2-I-1914 - 10-II-1915).
2) Lídia (2-VII-1916), casada com o Dr. Alexandre Dijesu do Couto, natural de Mossoró, Rio Grande do Norte. Advogado e professor no Rio de Janeiro. Pais de: Maurício, Ronald, Maria Lídia.
3) Jorge Vitoldo (10-X-1918 - 26-II-1919).
4) Estanislau Vitoldo (8-IX-1920). Solteiro. Estudante de Engenharia.
5) Vera Ianina (16-VIII-1923). Solteira. Professora.

A FAMÍLIA ZAREMBA

Na Polônia, ao adquirir o castelo de Jablonowo, mudou o primitivo nome de Zaremba para Jablonowski. São citados entre os seus principais membros: João Estanislau Jablonowski, grande General da Coroa, nascido em 1634 e morto em 1702. Seguiu a carreira das armas, distinguiu-se sob Czarniecki, sob Sobieski, diante de Viena - 1683 - tomou parte nas diversas campanhas e negociações que se sucederam até a paz de Carlowitz, e recebeu do Imperador Leopoldo o título de Príncipe do Santo Império romano. Sua filha Ana desposou Rafael Leczinski, do qual teve um filho, Estanislau, rei da Polônia, depois duque de Lorena; João Estanislau II, filho do precedente, nascido em 1670, morto em 1732, grande chanceler da Coroa. Escrevia em polonês, francês e latim, com igual elegância. Deixou várias obras: "Escrúpulos sem escrúpulo", "Ilustrações dos pecados da nação polonesa" - 1730; "Memórias" (1698-1700), publicadas em 1862; José Alexandre, príncipe Jablonowski, palatino de Novgorod, nascido em 1711, morto em Leipzig, para onde se retirara, quando das perturbações políticas que agitaram seu país, em 1777. Leipzig deve-lhe a fundação de uma Academia (1768), que ainda subsiste, a "Sociedade Jablonowiana". É dele a primeira carta da Polônia, e dele se citam: "O império dos Sarmatas" (1742); "Heráldica" (1742), em polonês; "Museum Polonicum" (1752).

NOTAS

Assento de batismo de meu bisavô paterno Sebastião José de Vasconcelos, copiado por meu avô Miguel Soares Raposo da Câmara, de fls. 115 do L. de 1788 a 1810 da Matriz de S. José de Mipibú:

"SEBASTIÃO, branco, filho legítimo de Antônio da Roxa Pita e de Maria do Ó da Soledade, neto paterno de José Lauriano Cardoso e de Claudia Maria de Jesús, naturais de Santo Antônio do Urubú, nas margens do rio São Francisco, Província da Baía, onde residem, e materno do Capitão Manuel Martins da Costa Baião e de Lusia do Ó da Cunha, naturais desta freguesia, nasceu aos 20 de janeiro de 1793, sendo batizado a 2 de fevereiro do dito ano. Foram seus padrinhos o Capitão João José da Cunha, casado, e d.ª Antonia Xavier de Barros." Assinado pelo pároco João Damasceno Xavier Carneiro.

-★-

Assento de batismo do meu bisavô paterno Alexandre Francisco de Sales e Silva (L. 8º dos anos de 1800 a 1814, fls. 158v., da Matriz de S. José:

Digitized by Google

"ALEXANDRE, branco, filho legítimo de Francisco de Sales e Silva e sua mulher Maria José de Barros, moradores na Pituba e naturais desta freguesia de Santa Ana, de S. José de Mipibú, nasceu aos 3 de agosto de 1813, e batizado aos 20 do dito mês do mesmo ano, na Igreja Matriz da mesma Vila de S. José. Foram padrinhos Francisco José d'Abreu Guimarães e sua mulher Ana Maria Dantas. Para constar fiz êste assento, que assino. O Vigário João Dias Pereira."

-★-

Assento de batismo de uma filha do meu tris-avô paterno Gabriel Arcanjo de Lira (fls. 135 do L. de batismo de 1787 a 1818 da Matriz de S. José de Mipibú):

"CUSTÓDIA, branca, filha legítima de Gabriel Arcanjo de Lira e de sua mulher Joana Francisca Barbosa, naturais desta freguesia de S. José de Mipibú, neta paterna de José Barbosa Ribeiro e de sua mulher, e materna de João Manuel da Silva e de sua mulher Marciliana Barbosa, nasceu a 17 de novembro do ano de 1799 mil setecentos noventa e nove. Foram padrinhos João Manuel e Ana Maria. O Vigário João Dias Pereira."

-★-

Cipriano Pereira da Cunha, natural de Penedo, morou em Recife, onde casou com Maria das Neves, natural de Olinda. Foram residir em S. José de Mipibú, para onde levaram três filhas: Luzia do Ó da Cunha, que casou com Manuel Martins da Costa Baião; Isabel Pereira da Cunha, que casou com Antônio da Rocha Freire; e Arcângela Pereira da Cunha, que casou com Clemente de Barros, de Natal, filho do português Braz de Barros e de sua mulher, Isabel da Rocha, da Paraíba.

-★-

O português Domingos Martins da Costa Baião, natural do Pôrto, casou no Cobé (Paraíba), com Catarina da Silveira de Macedo. Foram os pais de:

F1) Manuel Martins da Costa Baião, que casou com Luzia do Ó da Cunha.
F2) Antônio Pires da Silveira, que casou com Josefa Maria da Silva.
F3) João Manuel da Silveira, que casou com Marciliana Barbosa.
F4) Antonia da Silveira de Macedo, que casou com Antônio Pires de Macedo.
F5) Maria do Ó da Silveira, que casou com Arsênio de Barros Brandão.
F6) Ana Maria da Silveira de Macedo, que casou com João Francisco Ribeiro.
F7) Joana Maria da Silveira, que casou duas vezes: a 1.ª com Manuel Mendes Barbosa, e a 2.ª com o Capitão-Mór Manuel da Rocha Machado (L. de 1772 a 1788, fls. 184, Matriz de S. José de Mipibú).
F8) Teresa de Jesús Macedo, que casou com Firmiano de Abreu de Lira.
F9) Francisca Maria de Jesús de Macedo, que casou com José Ferreira de Melo.

-★-

Manuel Martins da Costa Baião, filho de Domingos Martins da Costa Baião e de Catarina da Silveira de Macedo, casou com Luzia do Ó da Cunha, e foram pais de:

Digitized by Google

F1) Antônio Martins da Costa Baião.
F2) José Pereira da Cunha.
F3) Francisca Maria de Jesús.
F4) Vicência Maria da Cunha.
F5) Teresa Maria de Jesús.
F6) Maria do Ó da Soledade.

-★-

Irmãos do meu bisavô paterno Sebastião José de Vasconcelos:

1) Manuel da Rocha Pita.
2) João Pita de Vasconcelos.
3) Nicácio da Rocha Pita Vasconcelos.
4) Teodosia Vasconcelos.
5) Teresa Maria do Amor Divino.

DOCUMENTO ENCONTRADO NO LIVRO DE REGISTRO DE TOMBO DA CÂMARA DE SÃO JOSÉ DE MIPIBÚ

"Aos trinta dias do mês de agosto de 1787 mil setecentos e oitenta e sete, foi MIGUEL SOARES da CÂMARA e sua mulher FRANCISCA MARIA de JESÚS, nomeados: êle Professor Público, para ensinar meninos; e ela Professora Pública, para ensinar meninas, na Vila de S. José de Mipibú, por despacho do Governador Geral de Pernambuco, Paraíba e mais Capitanias anexas, Capitão General e Conselheiro de Sua Majestade Fidelíssima, José Cesar de Menezes, cujo título foi passado por Manuel Barbosa da Silva Garcia, Oficial Maior da Secretaria do Governo de Pernambuco, subscritada pelo Secretário da mesma, D. Antônio Pio de Lucena e Castro, registrado às folhas cento e cincoenta e nove, verso (159) do Livro de Registro do Senado da Câmara desta Vila de S. José de Mipibú. Eu, escrivão do Senado da Câmara, o registrei em fé de verdade, e fica por mim e o nomeado assinado. SEBASTIÃO BATALHA. O nomeado MIGUEL SOARES da CÂMARA."

315

765

Brasões de armas dos Câmaras (315) e Henriques (765)

Digitized by Google

EXPEDIENTE

(REGULAMENTO DA REVISTA)

1.º A Revista é semestral. Assinatura anual (paga adiantadamente): Cr.$ 15,00; número avulso: Cr.$ 8,00.

2.º) Para serem publicados no número correspondente ao 2.º semestre, os artigos devem chegar à Redação antes de 1.º de janeiro; para o número do 1.º semestre, antes de 1.º de julho.

3.º) Não se devolvem originais, os quais devem ser datilografados de um só lado do papel, com dois espaços, sem emendas e na ortografia oficial.

4.º) A revisão das provas tipográficas é feita sómente para verificar sua fidelidade com o original, não sendo permitidas alterações neste (conforme contrato com a tipografia).

5.º) Os artigos devem vir completos, já redigidos em sua fórma definitiva.

6.º) Devido às dificuldades postais, não podemos mandar provas tipográficas para fóra da Capital.

7.º) As colaborações dos Estados devem vir com o "Visto" do Presidente do Instituto Estadual, o que significa que está de acôrdo e aprova a publicação.

8.º) O Instituto faz sacrifícios pecuniários para publicar a Revista; porisso, os colaboradores que quiserem ornar seus artigos com clichés, devem custea-los.

9.º) Devido ao excesso de colaboradores, os artigos devem ocupar um espaço máximo de dez páginas; os autores dos que excederem devem optar entre: a) interromper o artigo e publicá-lo em dois ou mais números da Revista; b) publica-lo na íntegra, pagando o autor a quantidade de páginas excedentes; c) publica-lo na íntegra, ficando o autor privado de colaborar nos números imediatos (ou no número imediato).

10.º) Verificando-se que houve colaboração errada ou inexata, será excluido o seu autor do número dos colaboradores. O mesmo se dará com autores de escritos publicados nas mesmas condições.

11.º) Os números anteriores da Revista estão esgotados; queremos adquirí-los, para servir novos sócios que pretendem colecioná-los.

12.º) Os registrados com valor devem indicar o remetente, a-fim-de serem evitados aborrecimentos recíprocos. Recebemos várias quantias, ignorando quem as remeteu.

13.º) Solicitamos uma fotografia de cada sócio, para o Arquivo.

14.º) Solicitamos aos nossos leitores que suspendam provisoriamente a remessa de novas colaborações, visto que, devido ao grande número de originais que temos retido em nossa redação, lutamos ainda com a grande carência de espaço em nossa publicação. Dessa forma, aguardam a respectiva publicação centenas de originais que, naturalmente, terão preferência.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do escritor Luis Felipe de Castilhos Goicochêa, do Rio de Janeiro:

"Acuso o recebimento de seu amavel cartão e das quatro publicações, magníficas aliás, do Instituto Genealógico Brasileiro de sua digníssima presidência. Admiro sinceramente sua operosidade, e a de seus companheiros de diretoria, que conseguem, numa terra onde a genealogia poucos cultores tem, manter em dia e tão opulentamente as publicações em que são resguardadas coisas de nosso passado."

Do Desembargador João Francisco de Oliveira Godói, de Goiás:

"Estou de posse do n.º 8 da "Revista Genealógica Brasileira" ontem aquí chegada. A seus esforços, deve ela a continuidade de seu existir, preenchendo assim a alta finalidade prometida no seu programa inicial. Grato e parabens por mais êste esforço, concretizado em realização tão util" "... serei sempre o admirador entusiasta de sua obra e de seu valor, e o companheiro fraco, é certo, mas constante de seus ideais e de suas realizações eficientes, em pról da Tradição e da História."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Genealogia

Primeira conferência pública realizada pelo Instituto Genealógico Brasileiro, Seção da Bahia em 24 de novembro de 1942 na sua séde, por Herman Neeser.

Herman Neeser

Herman Neeser

A genealogia é a ciência que se dedica ao estudo dos antepassados, que descreve e explica as relações de parentesco, sobretudo as que existem entre sêres humanos. Não é mais como em tempos idos um méro passatempo dos nobres, nem uma caduquice de algum excêntrico, mas sim um movimento da atualidade. O conhecimento e a reconstituição da história de tôdas as famílias, por mais modestas que sejam, mostra-nos as suas contribuições na obra comum da história local e na construção da Pátria. Mais ainda ela reune, estabelece e analisa fatos que em relação à biologia e ao estudo da hereditariedade são de grande valor científico. Diariamente aperfeiçoam-se os métodos de pesquisas, a técnica de comprovar dados e cataloga-los. Presumo que a maioria dos caros leitores conhecem os estudos iniciais e preliminares da genealogia; após termos colhido e colecionado em minuciosas pesquisas os dados essenciais, passamos a indagar qual a maneira mais apropriada de coordena-los e apresenta-los.

Cristalizaram-se na prática dois métodos bem distintos: a forma histórica, que vem descrita no texto, e a forma técnica na qual se procura expôr

Digitized by Google

se facil e nitidamente, está suprimindo por completo o uso da estrela sobreposta à cruz:

★ Nato, né

~ Batisado, baptisé

ou

⚸ Batisado, baptisé.

B - MATRIMÔNIO

Para êste acontecimento temos que considerar vários casos excepcionais que podem emergir conjuntamente em todo trabalho extensivo.

São êstes os seguintes:

1 - Particular:

a) Noivado em consequência de uma promessa recíproca dos nubentes.
b) Assinatura de um contrato de casamento pelos parentes dos nubentes.
c) Ocasião em que a noiva passa a conviver com o noivo.

2 - Eclasiástico:

d) Participação do noivado na paróquia.
e) Promulgação por parte da igreja
f) Conceção do dimissorial.
g) Casamento religioso.

3 - Civil:

h) Entrada no Registro Civil.
i) Proclamação pelo órgão oficial.
j) Casamento civil.

Nesta enumeração não consideramos nem o importante problema das diferentes confessões em relação ao casamento religioso, nem tão pouco o do casamento entre estrangeiros no qual as datas das participações dos respectivos paises mostram sempre grandes divergências.

Em trabalhos que se expandem por várias épocas estendendo-se a vários paises — e hoje em dia é esta forma de trabalhar muito comum — deparamos com quasi a totalidade dos exemplos acima citados. Instituir para cada um dêstes casos um sinal especial seria irrisório. O que desejamos finalmente é achar a data mais próxima, ou a que mais se aproxime do ponto teorético do início do matrimônio. Perguntamos pois qual a data mais importante, a do noivado ou a do matrimônio, e logo veremos que no decorrer dos séculos, independente de lugar e confessão, houve uma modificação em relação a estas cerimônias. Séculos passados correspondia o noivado ao matrimônio atual, como nós o conhecemos hoje, abrangendo tôdas as formalidades e direitos do mesmo. Êste costume originou-se da necessidade de assegurar-se descendentes, ou melhor, herdeiros para as chácaras e granjas, assim que no caso em que a mulher não concebia logo após o noivado, era o mesmo anulado e desmanchado. Êste costume não desapareceu por com-

Digitized by Google

pleto e é ainda professado em várias aldeias europeias. Sòmente muito mais tarde foi que o casamento tomou a si o direito anteriormente concedido ao noivado. O sinal geralmente usado para indicar o enlace tem a forma de duas alianças entrelaçadas, cuja interpretação na matemática é o da infinidade, eterno como também deve ser o matrimônio. Outro sinal pouco usado é o da multiplicação, dois traços diagonais cruzados:

∞ { casado, noivado, proclamado
marié, fiancé, anoncié

ou

× casado, noivado, proclamado.

Achando alguem a necessidade de discriminar mais nitidamente um caso excepcional, pode êle acrescentar uma respectiva abreviatura antes da data em apreço.

Para designar o divórcio ou desquite usa-se o sinal do enlace separado por um traço vertical:

o|o { divórcio, desquite.
divorcié.

A união ilegítima que é muito mais propagada do que pensamos, indica-se com um traço lateral unindo os dois círculos da aliança.

o-o { União ilegítima.
alliance illegitime.

C - FALECIMENTO

Os sinais geralmente usados para êste acontecimento são:

† Falecido, morto.

⚔ Morto em campanha, tombé

Ao contrário do uso nos climas tropicais de enterrar-se os mortos dentro de 24 horas, é costume nos climas frios a expor-se o cadáver durante três dias antes de entrega-lo à terra. Êste costume foi creado como precaução contra casos de morte aparente. A data do enterro é precedida de um sinal em forma de um retângulo indicando a cova, que tem a vantagem de ser muito mais facilmente desenhado do que o outro sinal também usado para o mesmo fim, de uma cruz sobreposta a um triângulo.

▭ Enterrado, enseveli, ou

† △ Enterrado, enseveli

Diariamente cresce o número das pessoas que desejam que seus restos mortais sejam incinerados, costume êste já muito adotado. O sinal que designa êste ato é o de uma urna na qual é colocada a cinza.

⊔ Incinerado, incineré

Digitized by Google

os resultados das pesquisas em quadros, tabelas ou desenhos gráficos. Êste último método tem sofrido uma certa negligência pelos amadores da genealogia, o que na maioria dos casos é motivada pelas dificuldades oriundas das respectivas leis fundamentais que são:

Nitidez, sinópse, minúcia e fácil interpretação.

Em um espaço limitadissimo é necessário expor minuciosamente o máximo possível da dados referentes a uma pessoa, o que requer, fora dos pontos essenciais acima aludidos ainda os de brevidade e os de facil gravação. O nosso empenho para solucionar êste problema é muito facilitado com o uso dos sinais genealógicos, dentre êstes os mais comuns e por todos conhecidos são a * (estrela) que indica nascimento, e a † (cruz) que representa falecimento. Pesquisando velhos alfarrábios genealógicos, almanaques e documentos eclesiásticos, deparamos com inúmeros sinais usados para semelhantes fins. Costumava-se empregar os sinais dos planetas para indicar os dias da semana:

DIAS	SINAIS		EQUIV. NA HERÁLDICA A
Domingo	☉	Sol	Ouro
Segunda-feira	☾	Lua	Prata
Terça-feira	♂	Marte	Vermelho
Quarta-feira	☿	Mercúrio	Púrpura
Quinta-feira	♃	Júpiter	Azul
Sexta-feira	♀	Venus	Verde
Sábado	♄	Saturno	Preto

Os sinais zodiacais empregam-se para designar um certo período do ano no qual o Sol passa na respectiva constelação:

MESES					ESTAÇÕES		
DESIGNAÇÃO ANTIGA		DESIGNAÇÃO MODERNA			HEMISF. BOREAL		HEMISF. AUSTRAL
Março	21.III	— 20.IV	Aries	♈	Primavera	=	Outono
Abril	21.IV	— 21.V	Taurus	♉			
Maio	22.V	— 21.VI	Geminii	♊			
Junho	22.VI	— 23.VII	Cancer	♋	Verão	=	Inverno
Julho	22.VII	— 23.VIII	Leo	♌			
Agosto	24.VIII	— 23.IX	Virgo	♍			
Setembro	24.IX	— 23.X	Libra	♎	Outono	=	Primavera
Outubro	24.X	— 22.XI	Escorpião	♏			
Novembro	23.XI	— 22.XII	Sagitario	♐			
Dezembro	23.XII	— 21.I	Capricornio	♑	Inverno	=	Verão
Janeiro	22.I	— 19.II	Aquario	♒			
Fevereiro	20.II	— 20.III	Pisces	♓			

Quando antigamente um dêsses sinais era usado como designação de um certo mês, denotava isto que o Sol entrava naquele mês no respectivo

Digitized by Google

zodiaco. Hoje em dia, o sinal que serve para indicar o mês, é o da constelação que ocupa a maior fração do mesmo. Êstes sinais desapareceram por completo da literatura genealógica moderna, e com razão; as pessoas que se dedicam ao estudo de seus antepassados são na maioria amadores, e não querem iniciar suas pesquisas com o estudo de uma linguagem complicada de sinais, para descobrirem em que data um de seus tataravós contraíra o matrimônio. Infelizmente não existe ainda um método uniforme; todo estudioso neste assunto possue seu próprio sistema de expor seus trabalhos, mas apesar disto deparamos na maioria deles com uma certa analogia. Minha intenção é selecionar o habitualmente empregado e aconselhar o que fôr mais adequado para o uso geral, baseando-me nas seguintes normas:

Cada sinal deve diferenciar-se nitidamente do outro.
Ser facil, ligeiro e claramente desenhado.
Gravar-se facilmente na memória.
Ser interpretado sem dificuldade por nativos e estrangeiros.

NASCIMENTO, CASAMENTO E FALECIMENTO

Um dos problemas que mais desnorteia na genealogia é a incerteza de uma data em relação a um determinado acontecimento. Consultando os livros paroquiais não sabemos em muitos casos, se o padre ou vigário inscreveu os nubentes no ato da promulgação, no da licença do casamento ou no dia do matrimônio. A mesma dificuldade encontramos no livro de óbitos. Foi a notação efetuada no dia do falecimento ou no do enterro? No caso em que as declarações foram feitas por terceiros, torna-se a divulgação da data certa quasi que impossível, o que nos coloca na situação, se quisermos ser minuciosos, de introduzir não somente sinais especiais para indicar o nascimento, matrimônio e falecimento, como também para os casos excepcionais e menos conhecidos. Uma discriminação nítida dos mesmos em todos os trabalhos genealógicos poupará muito aborrecimento.

A - NASCIMENTO

Nos velhos livros de batismo encontramos sòmente a data do batismo, raramente mencionavam-se as datas de nascimento. Nos livros de registros do Estado Civil figuram, ao contrário, exclusivamente as datas de nascimento. Nos trabalhos genealógicos que partem da atualidade (tabela de ascendência) ou que atingem a mesma (tabela de descendência), figuram alternativamente ou em conjunto as datas acima referidas. Um lance na literatura nos mostra as inúmeras variedades de designa-las. Já no início somos forçados a eliminar as simples abreviaturas como o n. (nascido) e o bp. (batisado) por não corresponderem à exigência da interpretação em tôdas as linguas estrangeiras. O sinal mais adequado para designar o nascimento é a ★ (estrela) cuja adotação está vastamente propagada. Menos unificado é o sinal de batismo, mas também neste caso verificamos que o símbolo ondulado, que nos faz vir à memória a água do batismo e tem a vantagem de desenhar-

Digitized by Google

se facil e nitidamente, está suprimindo por completo o uso da estrela sobreposta à cruz:

★ Nato, né

~ Batisado, baptisé

ou

⚸ Batisado, baptisé.

B - MATRIMÔNIO

Para êste acontecimento temos que considerar vários casos excepcionais que podem emergir conjuntamente em todo trabalho extensivo.

São êstes os seguintes:

1 - Particular:

a) Noivado em consequência de uma promessa recíproca dos nubentes.
b) Assinatura de um contrato de casamento pelos parentes dos nubentes.
c) Ocasião em que a noiva passa a conviver com o noivo.

2 - Eclasiástico:

d) Participação do noivado na paróquia.
e) Promulgação por parte da igreja
f) Conceção do dimissorial.
g) Casamento religioso.

3 - Civil:

h) Entrada no Registro Civil.
i) Proclamação pelo órgão oficial.
j) Casamento civil.

Nesta enumeração não consideramos nem o importante problema das diferentes confessões em relação ao casamento religioso, nem tão pouco o do casamento entre estrangeiros no qual as datas das participações dos respectivos paises mostram sempre grandes divergências.

Em trabalhos que se expandem por várias épocas estendendo-se a vários paises — e hoje em dia é esta forma de trabalhar muito comum — deparamos com quasi a totalidade dos exemplos acima citados. Instituir para cada um dêstes casos um sinal especial seria irrisório. O que desejamos finalmente é achar a data mais próxima, ou a que mais se aproxime do ponto teorético do início do matrimônio. Perguntamos pois qual a data mais importante, a do noivado ou a do matrimônio, e logo veremos que no decorrer dos séculos, independente de lugar e confessão, houve uma modificação em relação a estas cerimônias. Séculos passados correspondia o noivado ao matrimônio atual, como nós o conhecemos hoje, abrangendo tôdas as formalidades e direitos do mesmo. Êste costume originou-se da necessidade de assegurar-se descendentes, ou melhor, herdeiros para as chácaras e granjas, assim que no caso em que a mulher não concebia logo após o noivado, era o mesmo anulado e desmanchado. Êste costume não desapareceu por com-

Digitized by Google

pleto e é ainda professado em várias aldeias europeias. Sòmente muito mais tarde foi que o casamento tomou a si o direito anteriormente concedido ao noivado. O sinal geralmente usado para indicar o enlace tem a forma de duas alianças entrelaçadas, cuja interpretação na matemática é o da infinidade, eterno como também deve ser o matrimônio. Outro sinal pouco usado é o da multiplicação, dois traços diagonais cruzados:

∞ { casado, noivado, proclamado
marié, fiancé, anoncié

ou

× casado, noivado, proclamado.

Achando alguem a necessidade de discriminar mais nitidamente um caso excepcional, pode êle acrescentar uma respectiva abreviatura antes da data em apreço.

Para designar o divórcio ou desquite usa-se o sinal do enlace separado por um traço vertical:

o|o { divórcio, desquite.
divorcié.

A união ilegítima que é muito mais propagada do que pensamos, indica-se com um traço lateral unindo os dois círculos da aliança.

o-o { União ilegítima.
alliance illegitime.

C - FALECIMENTO

Os sinais geralmente usados para êste acontecimento são:

† Falecido, morto.

⚔ Morto em campanha, tombé

Ao contrário do uso nos climas tropicais de enterrar-se os mortos dentro de 24 horas, é costume nos climas frios a expor-se o cadáver durante três dias antes de entrega-lo à terra. Êste costume foi creado como precaução contra casos de morte aparente. A data do enterro é precedida de um sinal em forma de um retângulo indicando a cova, que tem a vantagem de ser muito mais facilmente desenhado do que o outro sinal também usado para o mesmo fim, de uma cruz sobreposta a um triângulo.

▭ Enterrado, enseveli, ou

† △ Enterrado, enseveli

Diariamente cresce o número das pessoas que desejam que seus restos mortais sejam incinerados, costume êste já muito adotado. O sinal que designa êste ato é o de uma urna na qual é colocada a cinza.

⊔ Incinerado, incineré

Digitized by Google

De facil interpretação são os sinais da cruz anteposta à estrela:

†★ { Nato morto / né mort

e o da estrela anteposta à cruz:

★† { Nasceu vivo mas faleceu no mesmo dia / né et mort le même jour

II - DATAS DUVIDOSAS E INCERTAS

Carecemos geralmente de datas precisas de nascimento e morte no período anterior à introdução dos livros paroquiais. Nesses casos costuma-se indicar a primeira e a última datas mencionadas e comprovadas por meio de documentos que possam relacionar-se mais aproximadamente aos acontecimentos acima aludidos. Mas infelizmente deparamos, na maioria das vezes, nos trabalhos genealógicos, com anotações indecisas, confusas e mal definidas para exprimir tais acontecimentos, que nos deixam completamente em dúvida com relação aos fatos a que elas se deviam referir. Recentemente procura-se remediar estas faltas da seguinte forma: *Tôda menção documental deve ser posta em parênteses,* em quanto as datas que sabemos com certeza referirem-se ao começo da vida ou outros acontecimentos devem ser indicados *sem parentêses,* especialmente quando o dia estiver mencionado, mesmo não estando comprovado se êle se refere ao nascimento ou batismo, ou se ao falecimento ou enterro. Seguem-se alguns exemplos; para simplificar deixo de indicar o dia e mês:

(1624, 1688) = mencionado como vivo nos anos de 1624 e 1688
(1624 - 1628) = mencionado como vivo, primeiram. em 1624 e, por último, em 1628
1624 - 1688 = ★ ou ≈ 1624; † ou □ 1688
(1658) = vivo em 1658
1624 - } = ★ ou ≈ 1624
- 1688 } = † ou □ 1688
1624 - (1658) = ★ ou ≈ 1624; vive ainda em 1658
(1658) - 1688 = já vivia em 1658; † ou □ 1688

Frequentemente acha-se o pesquisador obrigado a calcular aproximadamente uma data ao deparar com uma indicação de idade revelando os anos, meses e, por vezes, até os dias. Todos os que já tiveram ocasião de confrontar e comparar semelhantes informações com os livros paroquiais, verificaram que, na maioria das vezes, êstes dados não correspondiam à verdade. O mesmo se dá com o cálculo de gerações, o qual se baseia geralmente no espaço de 30 anos. É, pois, necessário expor tôdas estas datas como não exatas, o que é feito de diferentes maneiras, por exemplo: pondo-se um

Digitized by Google

ponto de interrogação após a data em apreço. Êste sinal é mundialmente compreendido, mas, por sua vez, deixa-nos em dúvida quanto à exatidão da data; no entanto, colocando a abreviação da palavra latina "circa" (que se recomenda por ser muito curto), precisa-se a data com mais facilidade:

* 1859? = duvidoso se nasceu efetivamente nêste ano; pode também ter nascido 20 anos antes.

* ca. 1859 = nasceu mais ou menos em 1859; só pode ter nascido poucos anos antes ou depois.

Por meio de outras instruções podemos precisar com mais minúcia e exatidão um acontecimento. Alguém nasceu ou faleceu antes ou depois de uma certa data ou entre duas datas. Neste último caso devemos, para evitar enganos, indica-las sempre por meio de um traço oblíquo:

† antes 1874

† 1872/1874 ou simplificado: 1872/74

O sentido nêstes dois casos não é exatamente igual; quando o sinal da cruz e a palavra "antes" precede a data, quer isto dizer que a referida pessôa morreu num tempo indeterminado e ignorado antes desta data. No segundo exemplo a morte ocorreu entre as duas datas. Nunca devemos colocar o sinal da cruz atrás da data. Todo parêntese deve ser lido como mencionado.

† (1874) = mencionado como morto em 1874, já tinha morrido naquela época

e da mesma forma:

∞ (1925) = em 1925 já era casado

RECAPITULAÇÃO

O começo e o fim de um acontecimento sempre sem parênteses, menções sempre em parentêses.

Juiz 1630 = foi nomeado Juiz nesta data.

Juiz (1630) = mencionado como Juiz; pode ter ocupado anteriormente êste cargo.

Juiz 1630 - 1639 = foi nomeado Juiz em 1630 e ocupou o cargo até 1639.

Juiz (1630 - 1639) = que de 1630 a 1639 ocupou êste cargo; talvez antes e após estas datas.

Juiz 1630, 1639 = exerceu a função em 1630 e em 1639; no interim estava o cargo sendo exercido por outra pessôa.

Juiz (1630) (1639) = ocupou êste cargo em 1630, talvez também antes e depois; a mesma cousa ocorreu em 1639. No interim outra pessôa desempenhou a função

Juiz (1630 / 1639) = exerceu o cargo alguma vez, entre 1630 e 1639.

Êste método devia-se adotar na bibliografia genealógica:

Sousa (1426) - 1501 - 1942

Digitized by Google

quer isto dizer que o nome Sousa acha-se documentado pela primeira vez em 1426, mas que a descendência direta sem interrupção começa na respectiva crônica em 1501 e vai até 1942.

III - INDICAÇÕES DOS MESES

Qual o modo mais prático de indicarem-se os meses? Em velhos documentos encontramos as seguintes designações:

7bro, 8bro, 9bro, 10bro ou VIIbro, VIIIbro, IXbro, Xbro

Não quer isto dizer que esta designação representava o sétimo, oitavo, nono e décimo mês do ano, mas sim os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro. Hoje já se não usam estas designações. Geralmente escreve-se o nome do mês em apreço ou a sua abreviação em cifras romanas ou árabes. Tôdas estas formas têm suas vantagens e desvantagens:

25 de setembro de 1942	—	2 de dezembro de 1942.
25 IX. 1942	—	2. XII. 1942.
25. 9. 1942	—	2. 12. 1942.
25. set. 1942	—	2. dez. 1942.

A mais usada e ao mesmo tempo a que dá margem a mais enganos é a designação por meio de cifras romanas. Falta-nos hoje a prática para usa-las e o leigo que ora se dedica aos trabalhos genealógicos não tem a experiência necessária para transcreve-las no lugar dos respectivos meses e vice-versa. Podemos livrar-nos dos frequentes enganos e equívocos ocasionados por elas, usando em seu lugar os números árabes. Por sua vez, quando repetidos os mesmos várias vezes na mesma linha encontramos a desvantagem de dificultar demasiadamente a facil interpretação. O mais adequado é, sem dúvida, escrever na íntegra o nome do mês ou abrevia-lo em 2 ou 3 letras:

Ja.	Jul
Fe.	Ag.
Mar.	Se.
Ab.	Ou.
Maio	No.
Jun.	De.

IV - EXPOSIÇÕES GRÁFICAS

Na descrição gráfica de parentescos cristalizou-se um certo método: as linhas retas horizontais e as aspas designam descendência certa, linhas interruptas ou pontuadas, uma relação provavel. A exposição em forma de feixe de linhas, partindo dos pais para os diferentes filhos, só é usada nas tabelas de descendência portuguesa, espanhola e brasileira; em todos os outros paises é uso demonstrar-se a relação de consanguinidade em forma de aspas

Digitized by Google

horizontais. *Nas tabelas de ascendência ou costado, abrem-se as aspas para o lado dos progenitores; nas de descendência, para o lado dos descendentes:*

A - RELAÇÃO DE CONSANGUINIDADE

A

B C D = B, C, D, são irmãos e descendem em linha reta de A. (A pode tambem designar os pais).

E

∞ I. F
∞ II. G

I. II. II. = H, J, K são entre si irmãos, mas H descende das primeiras
H. J. K. nupcias de E com F; J e K descendem do segundo matrimônio de E com G.

E

∞ 1. F
∞ 2. G

1 2 2 = (Idem).
H J K

L? { M, N, O } = M, N, O são com tôda certeza irmãos, mas a descendência de L é duvidosa.

P, Q, R } S = P, Q, R são provavelmente irmãos, o que põe o grau de parentesco para com S em dúvida.

W

T U V = T e U são irmãos; V, provavelmente; isto se reflete na sua descendência de W.

X

Y Z a b = Y e Z são entre si irmãos, da mesma maneira a e b. A descendência de Y e Z de X é certa, mas a descendência de a e b é incerta.

Suposições (o que ainda é menos do que provavel) são representadas sem as linhas nos lugares em que figurariam se fossem certas:

Digitized by Google

c
d e f = d, e, f podem ser filhos de c.
h i

k l m n o = k - o são com tôda certeza irmãos e podem ser filhos de h ou i.

Nas tabelas de ascendência ou costado usa-se o mesmo método, mas figurando de maneira diferente, por reunirem as aspas os progenitores e não os irmãos. Uniões ilegítimas são tratadas como se fossem legítimas.

A { B, C } = A é filho legítimo de B e C.

D? { E, F } = D é provavelmente filho do casal E e F.

J { G, H } = Não temos a certeza que G e H sejam os verdadeiros pais, o que põe a descendência de J em dúvida.

M { L, K } = Temos a certeza que M é filho de K, mas a descendência de L não está comprovada.

Quando na tabela de descendência temos conhecimento do primogênito da estirpe mas começando a descendência certa e sem interrupção sòmente algumas gerações mais adeante, então ligamos as duas pessoas por meio de uma linha ondeada vertical. Caso seja duvidoso ou incerto, se o primeiro portador do apelido que viveu em tempos remotos tem ligação com a estirpe, é esta feita com uma linha pontuada ondeada vertical.

A
B = A é um ascendente certo e comprovado de B, mas entre os dois existem várias gerações cujos representantes desconhecemos.

B - TABELAS GENEALÓGICAS

Para expor as pesquisas genealógicas em forma de tabela, quadros e tábuas adotaram-se universalmente três métodos que diferem bastante entre si.

Digitized by Google

1. *A Tabela Genealógica de descendência*: Parte-se de uma pessôa ou casal determinado, seja êle avô, bisavô ou qualquer outro antepassado, e dele dá-se notícia de todos os seus descendentes, incluindo também as filhas casadas e seus respectivos descendentes de apelidos diversos.

2. *A tabela Genealógica agnática*: É geralmente a mais usada e diferencia-se da acima mencionada por limitar-se exclusivamente à descendência masculina, digo nas pessoas que *herdam* e *transmitem* o *apelido* paterno da estirpe. As filhas constam na tabela emquanto solteiras; quando casadas, figura sòmente o nome do marido mas não a descendência, que passa para a tabela genealógica da família do marido, o que é lógico, pois seus filhos usam o apelido do pai.

Estas tabelas começam geralmente de cima para baixo, com o nome do primogenito da linhagem, em baixo do qual se dispõem as gerações que se seguem em linhas fechadas horizontais. Na disposição lateral, começa-se no lado esquerdo, aparelhando verticalmente as gerações para a direita. De grande vantagem é a enumeração das gerações em cifras romanas à margem do quadro, e em algarismos árabes tôdas as pessoas representadas na tabela. Começa-se no primogênito da estirpe com o n.º 1 e continua-se por tôdas as gerações — sempre da esquerda para a direita. As aspas devem abranger todos os filhos de um casal, indicando-os como irmãos.

O leigo é muitas vezes induzido a classificar a tabela genealógica como "árvore genealógica", a-pesar-de serem suas formas bem diferentes e de facil distinção. A árvore genealógica é a estrutura figurativa de apresentar-se o desenvolvimento de uma família em forma de árvore. É lógico que as pessoas devem ser dispostas de uma maneira diferente da adotada na tabela. Como a árvore cresce de baixo para cima, aparece o primogenito da estirpe, não na parte superior, mas em baixo no tronco, no lugar mais grosso, frequentemente em conjunto com o brasão da família, e sobreposto a êle seguem as gerações, desenvolvendo-se lateralmente em ramos, galhos até aos últimos rebentos nas extremas folhas verdejantes da copa. A-pesar-da forma sensitiva e poética de comparar o desenvolvimento da estirpe com a sorte de uma árvore, penso que na época em que vivemos, tendemos mais a dar preferência à tabela clara e sóbria. As tabelas nos transmitem da mesma maneira a verdadeira imagem do destino e sucessão da estirpe por tôdas as épocas, tôdas elas têm suas formas peculiares e próprias de irregular expressividade, de acôrdo e conformidade com a força de crescimento e expansão do tronco; de um relance vemos todo o contorno de uma linhagem e facilmente a compreendemos.

3. *Tabela de ascendência ou costado*: Partindo de uma pessoa definida e procurando todos os seus ascendentes, ela nos transmite não sòmente os antepassados do mesmo apelido, mas também todos os antepassados maternos. Começando com o "probante" passa aos 2 progenitores, ascende aos seus 4 avós e galga aos 8 bisavós, 16 tataravós e aos 32, 64, 128, etc. antepassados. Emquanto que as tabelas de descendentes apresentam um quadro irregular e sempre variado, conserva a tabela de costado sempre sua estrutura simétrica e proporcional. A enumeração dos antepassados parte do pro-

Digitized by Google

bante (1) passa a seu pai (2) a sua mãe (3), seus avós (4-7), bisavós (8-15) assim fila por fila da esquerda para a direita. Esta enumeração, por si tão simples, oferece ainda à nossa memória uma singular ajuda: a partir dos progenitores, encontramos em todos os antepassados masculinos números *pares*, em todos os antepassados femininos números *impares;* além disso ostenta todo antepassado, seja êle maculino ou feminino, metade do número do seu progenitor; tôda esposa, o número imediato impar do seu marido; e mais ainda, todo o número que se achar à margem extrema esquerda indica a quantidade de antepassados constantes na respectiva fila que denominamos "geração". A linha que transcorre na margem extrema da esquerda (1, 2, 4, 8, 16, etc.) designamos de "tronco" é a que transmite o nome de família, o apelido do probante; ela conduz de progenitor a progenitor da estirpe e representa a única relação com a tabela de descendência varonil. A linha que parte de 1 para 3, 7, 15, 31, etc., e que se encontra no lado oposto, na margem extrema direita, nos leva de progenitora à progenitora. Esta linha, que muda de apelido em cada nova geração, classificamos como a "linha materna".

Outro fenômeno interessante é o da "homogeneidade de antepassados" também denominado "implexo de antepassados". Percorrendo os quadros de ascendentes, constatamos que, a partir de um momento que difere sempre mas que nunca falha, tal ou qual personagem reaparece várias vezes entre os antepassados, e essa divergência aumentará em cada geração que remontarmos para trás.

Os atrativos da tabela de costado induziram-nos a configura-la e adapta-la para diferentes fins. Ao lado da antiga tabela brasonada, aparecem hoje as de fisionomias, com as fotografias dos ascendentes; as tabelas de ascendência sociológica, onde os ascendentes são classificados com suas profissões: nas tabelas de ascendência de moléstias ou vocações, para pesquisas de hereditariedade, estas últimas de carater puramente científico — desiste-se de mencionar os nomes e datas, indicando-se sòmente o sexo com um:

Quadrado □ pessôa masculina
Circulo ○ pessôa feminina
Triângulo △ pessôa de sexo desconhecido (crianças mortas antes de serem batizadas, abortos, etc.).

Êste novo método tem quasi que completamente suprimido o antigo usado na Biologia, o do sinal do planeta Marte ♂ para o sexo masculino e o do planeta Venus ♀ para o sexo feminino.

O espaço para a exposição tabelar gráfica é limitado; para trabalhos muitos extensos somos obrigados a recorrer a outros meios para solver êste problema, o que só podemos conseguir com o

C - SISTEMA EM FORMA DE LISTA

Todos os métodos que acabamos de mencionar, deixam-se facilmente transcrever na sua ordem numérica já adotada, para o sistema de lista.

Digitized by Google

1. *A lista de descendência agnática* é geralmente apresentada na "forma interrupta". Começa-se com o primogênito (I. 1) abaixo do qual figuram em ordem cronológica todos os seus filhos e filhas (II. 2....) com suas respectivas famílias. Os filhos varões que por sua vez constituiram família figurarão com esposa e flihos na próxima geração sob seu respectivo número de ordem. Esta forma apresenta tôdas as famílias que existiram durante uma geração, e passa sòmente depois — na mesma forma expressiva e clara — para as famílias da próxima geração, e assim por deante.

2. *Lista de descendência*: observamos o método indicado e seguido na "Revista" e no "Anuário" do Instituto Genealógico, que é o método contrário ao acima divulgado e chama-se "método continuo". Ao primogenito sucede o filho mais velho (F1), depois — talvez em inúmeras páginas — sua descendência completa até a data de hoje, e sòmente depois disso é que se começa com o segundo descendente (F2). Para cada geração recua-se um pequeno espaço da esquerda para a direita. As abreviações geralmente usadas no texto são:

F	= filho	f	= filho de
N	= neto	nm.	= neto materno
Bn	= bisneto	np.	= neto paterno
Tn	= trineto	n	= neto de
Qn	= quarto-neto		
Pn	= pentaneto		

Êste método só traz vantagem quando se trata da publicação de poucas gerações, e que não ultrapassam de 100 a 150 anos ou sejam 4-6 gerações. Para períodos mais longos pula êste método de forma perturbadora entre os vários séculos e destróe todo o quadro de um desenvolvimento cronológico. É aconselhavel em trabalhos mais extensos usar-se a forma anterior "interrupta", por ser mais conveniente e mais clara.

3. *A lista de ascendência ou costado*: transcrevem-se os dados na tabela na sua ordem numérica começando com o probante (I. 1.) puxa-se um traço horizontal abaixo dêstes dados para isola-los da próxima geração onde figuram os progenitores (II.2 e 3), divide-se novamente com um traço a seguinte geração (III. 4-7) e assim por deante.

Antes de findar a palestra quero chamar a atenção de todos os caros ouvintes presentes para o fato que o essencial nos trabalhos genealógicos não é a indicação do nome de um antepassado. O nome sem outros dados biográficos é como um belíssimo quadro sem moldura! A moldura completa o quadro como os dados biográficos completam e dão vida ao trabalho genealógico, que só desta maneira se torna um trabalho científico e de valor. Outra necessidade essencial é a indicação das fontes. Não queremos de forma alguma duvidar da idoneidade do pesquisador, e quem tiver a sua conciência limpa e não quiser esconder alguma irregularidade não deve temer em absoluto, mencionar as fontes, abrindo mão ao controle e à crítica. Só desta maneira podemos esperar e obter a confiança do público para com os

Digitized by Google

nossos trabalhos. Publicamos os mesmos não por egoismo e para nos dar importância, mas exclusivamente pela causa, para facilitar a outros as pesquisas, e isto só pode ser realizado, se incluirmos um índice aos nossos trabalhos. Êste índice deve sempre ser feito na ordem alfabética dos *apelidos* (nomes de família); as vantagens que êle oferece em comparação ao índice de prenome (João, Antônio, etc.) são incalculaveis. As pesquisas são geralmente feitas para descobrir-se um indivíduo cujo nome de família já é conhecido, no momento que descobrirmos o seu prenome, identificamo-lo, e não temos mais necessidade de continuar com pesquisas.

Propositalmente inclui certas exigências, mas nada poderia melhor justificar nossos trabalhos, revelar nosso crédito científico do que uma longa lista de publicações perfeitas e sem defeitos.

Bibliografia: - Le Généalogiste Suisse, Berne; - ERICH WENTSCHER: Einführung in die praktische Genealogie; - PAUL ARNOLD GRUN: Leseschlüssel zu unserer alten Schrift; - ERICH WASMANNSDORFF: Die Ahnentafel; - Almanach de Gotha - Revista Genealógica Brasileira - Archives Héraldiques Suisses.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do sr. Agnelo Arlington Fleurí Curado, de Goiânia:

"Quero também, com os agradecimentos, dizer que muito me interesso pelo recebimento do "Anuário" e da "Revista".

Do Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, presidente da Federação das Academias de Letras:

"Em meu e em nome da Federação das Academias de Letras do Brasil, renovo as homenagens ao ilustre patrício, lamentando que não tivessemos podido prestá-las na altura de seus méritos."

Do Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro, de Tietê:

"Agradeço o "Anuário" (V) e o volume da "Revista", do 2.º semestre, ambos interessantes e o que mais é, saidos no devido tempo, a-pesar das dificuldades do momento. Meus parabens!"

Do sr. Antônio B. Martins Aranha, do Rio:

"Acabo de receber o 8.º número da "Revista Genealógica Brasileira". Como os anteriores, excelente."

Do sr. Benedito Pires de Almeida, de Tietê:

"Há uns dez dias recebi o último número da querida "Revista Genealógica Brasileira" de que o amigo é o diretor e viga mestra. Achei um número excelente como os anteriores, cheio, atraente e com a mais variada e selecionada matéria". "Tenho feito para o Instituto sob sua criteriosa orientação tudo o que me é possível e continuarei a trabalhar por êle, dentro de minhas fôrças". "Não quero fechar esta carta sem mencionar que concordo e aprovo as justíssimas palavras do Dr. Carvalho Franco, com referência ao distinto amigo. Sem favor nem lisonja afirmo que si não fosse V. S. o Instituto Genealógico Brasileiro não seria a esplendida realidade de hoje. E' preciso fazer Justiça."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DO ESTADO DO RIO
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O Batistério do Duque de Caxias

"Ex.mo e Rev.mo Snr. - Diz o Ex.mo Marquez de Caxias Luis Alves de Lima e Silva, que tendo justificado o seu baptismo no ano de 1843 por não ter apparecido o assento no livro da Parochia e desejando ter por certidão o theor da Sentença proferida nos mesmos autos de justificação: por isso P. a V. Ex.cia Rev.ma se Digne mandar passar a referida certidão: por cuja Graça E. R. M.ce" (1).

Duque de Caxias

* * *

"P. Palacio da Conceição 5 de março de 1856 - Bispo Conde Capelão Mór" (2).

* * *

"Joze Antonio da Silva Chaves, Conego da Santa Igreja Cathedral e Capela Imperial do Rio de Janeiro, Commendador da Ordem de Christo, por Sua Magestade o Imperador, Examinalor Synodal, Secretario do Bispado e da Camara Ecleziastica por S. Ex.cia Rev.ma, etc.

CERTIFICO que revendo os autos, em que o Ex.mo então Barão de Caxias justificou seo Baptismo, nelles a fls. cinco se acha lançada a sentença do theor seguinte: - Hei por justificado ser o Ex.mo Barão de Caxias Luiz Alves de Lima e Silva filho legitimo do Ex.mo Senador Tenente General Francisco de Lima e Silva e de sua mulher a Ex.ma Dona Maria Candida d'Oliveira Belo, natural e baptisado na Freguezia de Inhomerim pelo Reverendo Vigario Agostinho Lopes de Laet, sendo seos padrinhos o Brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva seo avô paterno e Dona Ana Quiteria Joaquina de Oliveira sua avó materna; tendo nascido eos vinte e cinco de agosto de mil e oitocentos e tres e sido baptisado poucos dias depois, visto o que deposerão as testemunhas do Justificante. Portanto, se lhe dê instrumento com o theor dos autos, afim de se fazerem os assentos e verbas necessarios onde competir. Rio nove de janeiro de mil oitocentos e quarenta e quatro. Monsenhor Nepomuceno." - Nada mais continha a dita sentença proferida

(1) Despacho em continuação.
(2) A certidão, em continuação ao requerimento original, no mesmo papel.

Digitized by Google

nos mencionados autos aos quaes me reporto. Em fé do que, e em observancia ao Despacho retro passou-se a presente Certidão que vai por mim subscrita e assignada. Rio seis de março, digo, em cinco de março de mil oitocentos e cincoenta e seis. Eu Conego Joze Antonio da Silva Chaves, Secretario da Camara Ecleziastica a subscrevi e assignei. O Conego Joze Antonio da Silva Chaves" (3).

* * *

Por êsse documento se vê que o Duque de Caxias não conseguiu descobrir onde se achava o assento de seu batismo. Êste foi encontrado pelo infatigavel pesquisador Dr. Carlos Grandmasson Rheingantz, e já o publicamos na pág. 56 do último "Anuário" (vol. 5 - 1943), reproduzindo-o novamente, a seguir:

CÓPIA DO ASSENTO DE BATISMO DO DUQUE DE CAXIAS

LUIZ - Aos doze dias do mez de setembro de mil oitocentos e tres annos na freguezia de Inhomerim (sic) de licença do Parocho desta, baptisou e poz os santos Oleos o Padre Agostinho Lopes de Laet a LUIZ, innocente filho legitimo do tenente Francisco de Lima (4) natural da freguezia de Sam José desta cidade e de Dona Mariana Candida Bella, natural da freguezia de Sam Pedro e Sam Paulo da Parahiba, neto por parte paterna do tenente coronel José Joaquim de Lima e Silva, natural do Algarve, cidade de Lagos, e Dona Joanna Maria da Fonseca Costa natural desta cidade, e pela parte materna do Coronel Luiz Alves de Freitas Bello, natural da Freguezia de Monte Real bispado de Leiria e Dona Ana Quiteria Joaqna de Oliveira natural da freguezia de Nossa Senhora da Piedade da villa de Barbacena, bispado de Mariana, nasceu a 26 (sic) de agosto do corrente anno, de que fiz este assento. - O Coad.or D. Alexandre Fidel. de Ar.o (Igreja da Candelaria, Livro 9, folha 78).

No mesmo livro constam os assentos de batismos dos irmãos do Duque de Caxias:

1. Ana de Lima e Silva, nascida a 1-IX-1802.
2. Luis Alves de Lima e Silva, acima, nascido a 25 de agosto de 1803 e não 26 como consta do assento de seu batismo. É o Duque de Caxias.
3. José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, nascido a 7-X-1809 e batizado a 25-X. É o futuro Conde de Tocantins.
4. Francisco de Lima e Silva, nasceu a 12-IV-1811.
5. Carlos Miguel de Lima e Silva, nasceu a 25-IX e batizado a 10-X-1813.
6. Camilo de Lima e Silva, nasceu a 2-II-1815.
7. Carlota Guilhermina de Lima e Silva, nasceu a 11-III-1817, casou com o seu tio, o Barão de Suruí.
8. Carolina de Lima e Silva, nasceu a 6-X-1818.

Todos êstes assentos de batismo se encontram na Igreja da Candelária.

(3) O manuscrito está arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Lata 393, documento n.o 18.231.

(4) Francisco de Lima e Silva, posteriormente Marechal, Senador e Regente do Império, nasceu no Rio de Janeiro (São José) a 8-VI-1785, faleceu no Rio de Janeiro a 2-XII-1853, casou-se na Candelária a 7-XI-1801 com Mariana Cândida de Oliveira Belo, nascida na Paraiba do Sul em 1782 e falecida no Rio de Janeiro a 11-XI-1841. Tiveram 9 filhos mas apenas encontrou-se assentos de 8.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE SÃO PAULO
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Achegas a um brasonário paulista

Notas histórico-genealógicas (★) de
F. de A. Carvalho Franco
Notas heráldicas (★★) de
Roberto Thut

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA

Os Taques da capitania de São Paulo descendem todos de Pedro Taques, nascido em Setubal, filho de Francisco Taques Pompeu, natural de Brabante, na Bélgica, e de sua mulher a lusitana Inês Rodrigues.

O Dr. Inácio Xavier Paes de Campos e Mesquita, que se dedicou muitos anos aos estudos genealógicos, em São Paulo, escreveu num manuscrito que deixou inédito, com as árvores de costado dos seus ascendentes, que êsses Taques são da mema família dos Tacks ou Tassis da Bélgica, que depois se tornaram os La Tour e Tassis. Em abono desta afirmativa, cita uma obra que não pudemos conferir: "Marques d'Honneur de la maison de Tassis", de Chiffletins. Acreditamos porém que esta referência tenha fundamento e, conforme já escrevemos algures, o tronco dos Taques advindo ao Brasil: "étoit un Portugais nommé Pierre Tack, qui parloit bon Flamand". As armas dos La Tour e Tassis, são as seguintes: "Écartelé, au I et IV d'argent, á la tour de gueules, portillée d'azur, accompagnés de deux sceptres de même, fleurdelisés d'or et passés en sautoir derriére la tour, qui est la Torre, ou la Tour; au II et III d'or, au lion de gueules, armé, lampassé et couronné d'azur, qui est Valsassine; sur le tout d'azur, au blaireau courant d'argent, qui est Tassis. L'écu timbré de la couronne de Prince, supporté par deux lions,

(★) Texto composto em "redondo".
(★★) Texto composto em "grifo".

Digitized by Google

et posé sur un manteau semé ou chargé des émaux des armes et doublé d'hermines". Destas armas se conclue que o escudo dos Tacks ou Tassis na Bélgica era, em campo azul, um texugo corrente de prata. Êstes Tassis ou La Tour e Tassis provém de Martino de La Torre, o Gigante, que serviu com o imperador Conrado II e foi valoroso cruzado. Teve um filho de nome Jacob de la Torre, o qual sempre viveu no seu condado e senhorio de Balsasina (Valsassine), propagando-se assim a família até chegar em Rogério de Tassis, que foi gentilhomem da câmara e monteiro-mór do imperador Maximiliano I em cuja côrte residiu, tendo se casado com Alegre de Albricio da qual teve por filhos, entre outros, a João Batista de Tassis, que foi o primeiro que exerceu o ofício de correio-mór nos Estados de Flandres. Foi camareiro-mór de Maximiliano I e depois, passando o Império a D. Carlos V, arquiduque da Áustria, rei das Espanhas e imperador da Alemanha, o mesmo confirmou no dito João Batista de Tassis o referido posto de correio-mór que vinha sendo exercido por Francisco de Tassis, tio de João Batista, por carta dada em Saragoça, aos 18 de agôsto de 1518. Fez também Carlos V mercê a êle e seus irmãos da sua Águia Imperial, para que a pudessem usar nas suas armas e insígnias, sendo que os Tassis usavam até então apenas as arma dos Torrianos, seus progenitores, que era apenas uma torre e na ponta do escudo o texugo (taso) que deu o símbolo e nome aos desta ilustre família. Acrescenta D. Luis de Vilar y Pascual, de onde tiramos esta notícia e que longamente escreveu sôbre os Tassis, que as armas desta família na Espanha eram: "un escudo cortado; en lo alto, en campo de oro, aguila sable imperial; y en lo bajo, en campo azur, un puerco-espin al natural, y en la punta del escudo un taso de plata". O texugo serve mais de que qualquer outro para arma parlante, escreve o Conde G. Guelfi Camajani, citando tôdas variantes de escudos dos Tassis da Itália (1). Explicada assim a origem dos Taques brasileiros, vejamos o que sôbre o primeiro deles, isto é, Pedro Taques, escreveu o seu descendente Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que foi um dos nossos maiores linhagistas: "Passou ao Brasil feito secretário dêste Estado, em companhia de D. Francisco de Sousa, sétimo governador-geral do mesmo Estado em 1591 (2). Depois de residir na cidade da Bahia até 1598, teve D. Francisco de Sousa ordem de El-rei Felipe de Castela para passar a São Paulo e fazer entablar as novas minas de ouro, que já os paulistas Afonso Sardinha e Pedro Sardinha, seu filho, haviam descoberto em 1597 na serra de Jaguamimbaba, que hoje se conhece pela

(1) Cf. Récueil des voyages qui ont servi á l'établissement et aux progrés de la compagnie des Indes Orientales - Séconde Edition - A Amsterdam, aux dépens d'Estienne Roger - 1710,1716 - II, 7, - Carvalho Franco "Manhas de dom Francisco de Sousa", no "Estado de São Paulo", de 8 de novembro de 1937. Nobiliaire des Pays-Bas et du conté de Bourgogne - par Divisiane, seigneur de Hoove - Louvain, 1760-11, 513. Dom Luis Vilar y Parcual - Diccionário históriro, genealógico y héraldico de las familias ilustres de la monarquía española. Madrid, 1860 - V, 438 e segs. Conte G. Guelfi Camajani - Dizionario Araldico - Milano, 1921 - págs. 695,696.

(2) Dom Francisco de Sousa chegou à Bahia em 9 de junho de 1591.

Digitized by Google

nomenclatura de Mantiqueira e na de Jaraguá e Vuturuna; e com efeito se achou D. Francisco de Sousa em São Paulo em novembro de 1599 (3) e com êle o secretário de Pedro Taques. Em julho de 1602 se recolheu de São Paulo D. Francisco de Sousa para o reino (4), donde voltou em 1609 feito governador e administrador-geral das minas de ouro e prata, descobertas e por descobrir, das três capitanias do Espírito Santo, Rio de Janeiro e de São Paulo, as quais ficaram separadas da jurisdição do governador-geral da Bahia por provisão do rei Filipe, passada em Lerma, aos 15 de julho de 1608 (5). E trouxe a mercê de marquês das minas, com trinta mil cruzados de juro e herdade, que depois se verificou em seu neto D. Francisco de Sousa, terceiro conde do Prado e primeiro marquês das minas por carta de 7 de janeiro de 1670 (6). Trouxe mais D. Francisco de Sousa o poder de dar o fôro de fidalgo da casa real e o "dom" (7) para mulheres a quatro pessoas, por alvará passado em Madrid a 2 de janeiro de 1608; outro alvará para poder dar o fôro de cavaleiro fidalgo a cem pessôas, datado em Madrid a 2 de janeiro de 1608; outro também da mesma data para conferir dezoito hábitos da Ordem de Cristo, doze com tença de vinte mil reis e seis com tença de cincoenta mil reis; outro alvará para dar a serventia dos ofícios vitalícios

---

(3) Sôbre esta viagem de dom Francisco de Sousa a capitania de São Vicente e os fatos que alí se desenvolveram com referência ao descobrimento das riquezas minerais. vide os nossos trabalhos: "Os companheiros de D. Francisco de Sousa", Rio, 1929 e "Dom Francisco de Sousa e o início do impulso bandeirante", Rev. Inst. Hist. São Paulo, XXIX, 247 e segs.

(4) Diogo Botelho, nomeado substituto de D. Francisco de Sousa no governo-geral do Brasil, chegou a Pernambuco em 1 de abril de 1602, tomando posse em Olinda. Dom Francisco de Sousa continuou no entanto em São Paulo, como simples particular, engolfado no seu sonho de riquezas, tendo se retirado da vila sòmente depois que Diogo Botelho em carta de 19 de março de 1605, chamou-o à Bahia.

(5) A provisão de Felipe II, nomeando D. Francisco de Sousa capitão-geral e governador dessas capitanias, vem datada de Madrid a 2 de janeiro de 1608. O alvará de administrador das minas por tempo de cinco anos tambem é de Madrid, a 28 de março de 1608. Registo Geral, I, 188-190. A patente que veiu para o governador-geral D. Diogo de Menezes apresentar a D. Francisco de Sousa, a-fim-de lhe dar posse em Olinda, onde se achava dito governador-geral, é que é datada de Lerma, 15 de junho (e não julho) de 1608. Essa posse deu-se a 3 de novembro de 1609. Registo Geral, I. 196, a 198.

(6) Braancamp Freire - Brasões da Sala de Sintra - Coimbra, 1921, I, 219. Sanches de Baêna - Grandes de Portugal - Lisbôa, 1885, II, 348 e D. Antônio Caetano de Sousa - Memórias Históricas e Genealógicas - Lisbôa, 1755 - pág. 161.

(7) O título de *dom* era muito estimado em Portugal e ao princípio sòmente os da Casa Real e os ricos homens podiam usa-lo. A sua concessão e delimitação vem expressas na Ordenação, livro V, tit. 92 § 7. Um estudo pormenorisado sôbre o assunto poder-se-á encontrar em Antônio de Vilasbôas e Sampaio - Nobiliarquia Portuguesa - Lisbôa, 1754, págs. 19 e segs.

Digitized by Google

em nome da Majestade. E outros mais alvarás de diversas regalias, os quais todos se acham registados na câmara de São Paulo, livro título 1607 (8). E dos mesmos ou da maior parte deles faz menção D. António Caetano de Sousa, clérigo regular da Divina Providência, no seu livro "Título dos Grandes de Portugal", tratando do marquês das Minas (9). Em São Paulo casou Pedro Taques com d.ª Ana de Proença, natural de São Paulo, filha de António de Proença, moço da câmara do infante D. Luiz, entre duzentos e treze moços da câmara que teve o dito infante, que foi duque de Beja por mercê de seu pai El-rei D. Manuel e senhor das vilas de Salvaterra, Covilhã, Serpa e Almada e da cidade de Ceuta, em África. O dito António de Proença ocupou os empregos de que fazemos menção em título de Proenças, onde mostramos que fora casado em Santos com d.ª Maria Castanho, cuja qualidade veja-se em dito título de Proenças. Pedro Taques faleceu em São Paulo com muito avançada idade, tendo ocupado todo o tempo no real serviço; porque, acabando o de secretário do Estado do Brasil em 1602, em que se recolheu para o reino D. Francisco de Sousa, serviu os cargos honrosos da república (10). Voltando em 1609 D. Francisco de Sousa com os poderes de que já fizemos menção, deu a Pedro Taques o ofício de juiz de orfãos da vila de São Paulo vitalício por provisão datada de 6 de junho de 1609, que se acha registada na câmara de São Paulo. Êste, como fica dito, faleceu em São Paulo com testamento a 26 de outubro de 1644, como se vê nos autos de inventário de seus bens no cartório primeiro do tabelião de notas, maço de inventários antigos, letra P, o de Pedro Taques, com testamento. Nele declarou a sua naturalidade, seus empregos e os nomes de seus pais, que fôra casado com d.ª Ana de Proença, de cujo matrimónio tivera oito filhos de um e outro sexo, e declarou também as pessoas com quem tinha casado suas duas filhas e de todos iremos fazendo menção" (11).

Entre êsses filhos de Pedro Taques houve um de nome Lourenço Castanho Taques, grande bandeirante e potentado paulista, que casando-se com d.ª Maria de Lara, filha de D. Diogo de Lara, teve entre outros filhos a Pedro Taques de Almeida, que é aqui o nosso biografado. Dêle deu extensa notícia na sua preciosa "Nobiliarchia" Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Tambem dêle nos ocupamos no nosso trabalho "Os capitães-mores vicentinos" e ali referimos que foi nomeado para o cargo de capitão-mór da ca-

---

(8) Registo Geral, I, 155 a 237.

(9) A obra de D. António Caetano de Sousa citada não tem a denominação que lhe da Pedro Taques e sim a de "Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal" e dela se conhecem quatro edições, tôdas de Lisbôa. A primeira é de 1739, a segunda de 1742, a terceira de 1755 e a quarta fac-simile desta última, de 1933.

(10) Pedro Taques foi almotacel em 1613 e obteve, alem de outras datas de chãos, uma sesmaria nas cabeceiras do Ancanditiva, em 30 de janeiro de 1639. Morava na denominada fazenda da Ribeira do Iguatanga, nos arredores de São Paulo.

(11) Pedro Taques de Almeida Paes Leme - "Nobiliarchia" - Segunda Edição, I,

Digitized by Google

pitania de São Vicente, pelo governador-geral, em provisão datada de 8 de outubro de 1683. Tomou posse na câmara de São Vicente a 4 de março de 1684. Durou o seu govêrno até a investidura de Tomaz Fernandes de Oliveira, a 15 de fevereiro de 1688.

Por ter tomado posse na câmara de São Vicente não n'o quiseram reconhecer como capitão-mór, os camaristas de São Paulo, antes formaram culpa contra êle por rebeldia à provisão do marquês de Cascais que elevava a vila de Piratininga à cabeça da capitania.

Ainda mesmo com a renovação da sua provisão de capitão-mór, por ter mudado o govêrno geral, concedida a 5 de setembro de 1684, por D. Antônio Luiz de Sousa, marquês das Minas, com o cumpra-se da Câmara de São Vicente de 24 de dezembro do mesmo ano, persistiu a teima da edilidade paulistana, com a agravante de estar desobedecendo a uma sentença da Relação da Bahia, que dava ganho de causa nêsse assunto à Câmara de São Vicente.

Com a renovação porém do mandato dos camaristas de São Paulo, no ano seguinte, requereu Pedro Taques de Almeida, ao ouvidor Diogo Arias de Araujo, que lhe fosse dada pelos mesmos a posse de seu cargo, apresentando para isso os fundamentos e o histórico da questão numa petição que foi despachada a 16 de janeiro de 1685.

Após certa relutância, resolveu a Câmara referida empossar a Pedro Taques de Almeida, o que fez a 28 de fevereiro do ano mencionado de 1685, registando a provisão dada pelo marquês das Minas, a 1 de março do mesmo ano. Ficava assim terminada a questão da "cabeça da capitania", que dêsse modo se mantinha na vila de São Vicente.

Azevedo Marques, certamente levado pelo fato de Diogo Arias de Araujo ser procurador do marquês de Cascais, menciona-o como capitão-mór vicentino em 1684. Benedito Calixto na sua bastante errada "Relação dos capitães-móres governadores da capitania de Itanhaen", também o inclue como loco-tenente dos condes de Vimieiro, o que tudo não é exato. Êsse personagem, que desde 1664 exerceu em São Paulo o cargo de capitão mór de tôdas as aldeias de índios da capitania, foi sucessivamente ouvidor desde 1671, com jurisdição prorrogada por várias vezes, procurador da corôa, da fazenda e do fisco real e finalmente, sargento-mór da capitania. Em 1684, acumulava com o cargo de ouvidor com alçada, os cargos de procurador da corôa e do fisco real.

Pedro Taques de Almeida agiu nos fatos referentes à Colônia do Sacramento e numa agitação da vila de São Paulo, tendo como causa a posse temporal das aldeias indígenas. Foi também capitão da fortaleza do Itapema, vedor da gente de guerra em Santos, provedor da fazenda real por mais de uma vez na mesma vila, juiz da alfândega, alcaide-mór da capitania, administrador do real padroado e fidalgo da casa real, tendo tido brasão d'armas passado em Lisbôa. Foi personagem de grande prestígio perante a côrte e junto ao govêrno-geral e por sua interferência foi nomeado o capitão-mór D. Simão de Toledo Piza e destituido do cargo o ouvidor-geral

Digitized by Google

João Saraiva de Carvalho. Deu uma nova forma administrativa às aldeias de índios do real padroado, com aprovação régia, tendo sido dêsse modo um dos mais distintos governadores da capitania vicentina no século XVII [12].

Seu descendente Pedro Taques, o grande linhagista, acentuou-lhe bastante a fidalguia, acrescentando que teve o mesmo fôro e moradia do seu bisavô Antônio Rodrigues de Almeida [13]. O seu brasão de armas foi dado pelo Rei de armas Portugal Antônio de Aguiar, em Lisbôa a 5 de julho de 1707. A carta fora concedida em virtude de uma sentença de fidalguia, passada em nome de Sua Majestade e pela chancelaria da côrte, promulgada pelo Dr. Gonçalo da Cunha Vilas-Boas, no desembargo do dito Senhor. São essas armas as seguintes:

"Um escudo esquartelado posto ao balom; no primeiro quartel as armas dos Taques, que são o escudo partido em faxa, na primeira em campo de ouro uma águia imperial de duas cabeças, e sôbre ela uma corôa real, a segunda campo de prata e partido outra vez em pala, na primeira sôbre um campo verde um porco azul, e na segunda um penhasco azul; no segundo quartel as armas dos Proenças que são escudo partido em pala, a primeira de campo verde com uma águia preta de duas cabeças armada de ouro, a segunda em campo azul cinco flores de liz de ouro em santor; no terceiro quartel as armas dos Laras, que são em campo de prata duas caldeiras pretas guarnecidas de ouro nas bocas, essas postas em pala; no quarto quartel as armas dos Morais, que são o escudo partido em pala, no primeiro em campo sanguinho uma torre de prata picada e lavrada de preto, assentada junto ao rio de água com o telhado de ouro, e sôbre ela uma bandeira de prata, na segunda

---

(12) Sôbre Pedro Taques de Almeida pode-se consultar: - Atas - VII, 270-271-275 - VIII, 127. - Afonso de T. Taunay - História seiscentista de São Paulo - III, caps. VII e VIII. - Azevedo Marques - Apontamentos - II, 103-240-243. - Benedito Calixto - Capitanias Paulistas - 127 a 140. - Capitania de Itanhaen, cit., 478. - Documentos Históricos - VI, 156-207. - XI. 100, 102-109-116-122-123-133-134-152-227. - Pedro Taques - Nobiliarquia - XXXIII, 1ª, 41 - Publicações do Arquivo Nacional - XI, 92. - Registo Geral - III, 390-442-447-452-458-541. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo - VII, 71. - XIV, 140. - Silva Leme. - Genealogia - IV, 257.

(13) Antônio Rodrigues de Almeida, segundo Pedro Taques, na sua "Nobiliarchia" veiu para São Vicente em 1547 e teve o fôro de fidalgo da casa d'El-rei D. João III. Em 1556, passou ao reino onde o donatário lhe fez mercê dos ofícios de escrivão da ouvidoria e das datas de sesmarias. Estando para embarcar de regresso, foi nomeado por d.ª Isabel de Gambôa, viuva de Pedro Lopes de Sousa, capitão-mór ouvidor da capitania de Santo Amaro e, como tal, concedeu datas de terra de 1557 a 1568.

Na biografia dêsse ilustre povoador vicentino, Pedro Taques transcreve na íntegra três sesmarias que lhe foram dadas. A primeira em terras de Piratininga, em 1550. A segunda no território do Rio de Janeiro, em 1565. E finalmente a terceira, em Santos, compreendendo as águas do Cubatão, em 1567.

Do segundo dêsses documentos se lê que arribára a São Vicente cerca de 1541. Dos demais se conclue que mandára vir do reino a sua esposa d.ª Maria Castanho e duas filhas, tendo prestado muitos e valiosos serviços para estabilização da capitania.

Digitized by Google

em campo de prata uma amoreira verde com raizes; elmo de prata aberto e guarnecido de ouro e paquife dos metais e cores das armas; timbre a águia das armas dos Taques, e por diferença um trifólio de sua côr" (14).

Observa-se que as armas dos Laras aquí descritas são outras que não as mencionadas em Santos Ferreira, que as diz provenientes da casa de Nájera. Interessante que Egon Prates Pinto, no seu "Armorial Brasileiro" que vinha sendo publicado na "Revista da Semana", transcreveu a carta de brasão-de-armas de Pedro Taques de Almeida, mas o desenho dessas armas alí feito por L. G. Loureiro está errado quanto às armas dos Laras de São Paulo, pois copiou-as da descrição de Santos Ferreira (15). As armas dos Laras de São Paulo são como vêm descritas no brasão de Pedro Taques de Almeida: em campo de prata, duas caldeiras de negro, em pala, com bocais de ouro e não como as desenhou L. G. Loureiro: em campo vermelho, duas caldeiras em pala, xadrezadas de ouro e negro, com azas duplamente serpentíferas. Aliás, essas armas existem desde muito em Portugal e as descreve Pinho Leal no seu "Dicionário". Apenas alí diz que o timbre dos Laras é meio *galo* de prata, malhado de negro, com coleira de púrpura guarnecida de ouro e a boca aberta e Santos Ferreira declara que é um *galgo* de prata, sainte, malhado de negro, coleirado de vermelho, guarnecido de ouro, com a boca aberta. Parece-nos que Santos Ferreira corrigiu demais (16).

Vimos demonstrando, através vários de nossos escritos, que tôda nossa história quinhentista ainda encerra muita sombra. Assim quanto a êste personagem, parece que de São Vicente passou à Bahia, por ocasião da vinda do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, e alí fez parte do seu corpo de homens-de-armas, tendo tido baixa em fins de abril de 1550, como se constata do seguinte documento:

"A dez de junho de quinhentos e cincoenta, passou o provedor-mór mandado para Gonçalo Ferreira, tesoureiro, pagar a Antônio Rodrigues de Almeida, que foi assentado por homem de armas, três mil e quinhentos réis, de sete meses a razão dos ditos quinhentos réis por mês de seu soldo, e que por êle com conhecimento do dito Antônio Rodrigues feito pelo escrivão do seu cargo, e com certidão do escrivão da matrícula, em que declarasse ficar posta a verba em seu título, que houve o dito pagamento a conta do seu soldo lhe sejam levados em conta. O qual Antônio Rodrigues foi riscado ao derradeiro de abril da dita éra por ser provido de outro ofício da capitania de São Vicente."

Por outro lado, tendo obtido uma sesmaria no Rio de Janeiro, também parece que para alí se mudou nos últimos anos da sua vida, tendo sido tabelião do público e judicial e escrivão da câmara municipal, em 1572. Seu filho André de Almeida, é certo que alí viveu e veiu a falecer. - Cf. Rev. Trim. XXXIII, 1ª parte, pág. 200. - Doc. Hist. da Bib. Nacional, vol. XIII da série, págs. 313/314. - Arc. do Dist. Federal, 4º ano. págs. 101/105.

(14) Sanches de Baêna - Arquivo Heráldico Genealógico, cit. I, 685.

(15) Santos Ferreira - Armorial Português - Lisbôa, 1920 - I, 180.

(16) Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho e Leal - Portugal Antigo e Moderno - Dicionário geográfico, estatístico, etc., etc. - Lisbôa, 1873-1890 - IV, 53.

Digitized by Google

Casou o capitão-mór Pedro Taques de Almeida em São Paulo com d.ª Ângela de Siqueira, filha de Luiz Pedroso de Barros e de sua mulher d.ª Leonor de Siqueira, e faleceu na mesma cidade a 4 de agôsto de 1724 e sua mulher em 1728. Deixou entre seus filhos oito de que se tem notícia, a saber:

I - José de Gois e Morais – Foi proposto pelo donatário da capitania de São Vicente para o cargo de capitão-mór da mesma em 27 de outubro de 1704, sendo mandado nomear por El-rei a 4 de novembro do mesmo ano. Não exerceu porém o cargo, residindo a êsse tempo nas suas lavras de Minas Gerais.

Propoz êle ao donatário, marquês de Cascais, comprar-lhe a capitania por quarenta mil cruzados e como Francisco do Amaral Gurgel, também oferecesse igual quantia, aumentou mais quatro mil cruzados para ser o preferido, como tudo consta da Consulta Ultramarina de 12 de agôsto de 1709. O genealogista Pedro Taques, seguido por todos que escreveram sôbre o assunto, narra que houve por essa ocasião quem ponderasse a D. João V a utilidade de ficarem incorporadas à sua fazenda as cincoenta léguas de costa, que o marquês de Cascais queria vender a José de Góis e Morais e por isso mandou aquele monarca que se adquirisse a capitania de São Vicente pelo preço oferecido.

Fato porém que muitos poucos conhecem é que êsse gesto do soberano português resultou de terem os moradores da vila de São Paulo resolvido dar ao marquês de Cascais a mesma quantia prometida por José de Góis e Morais, propondo que a jurisdição da capitania ficasse com a Metrópole, mediante certas condições.

O Conselho Ultramarino opinou que se aceitasse essa proposta, caso não fossem julgadas exorbitantes as condições, pondo-se na capitania no "posto de capitão-mór pessoa de maior suposição do que escolhem os donatários, que são uns feitores seus, sem graduação de serviços para acudirem à sua defesa".

O monarca porém decidiu, por despacho de 4 de abril de 1709, que se comprasse a capitania pelo erário régio, dando-se o preço estipulado e ficando a mesma incorporada à sua corôa.

José de Góis e Morais foi por duas vezes juiz ordinário da vila de São Paulo e sucedeu no posto ao sargento-mór de Santos, Manuel Lopes de Medeiros. Teve lavras de ouro nas Minas Gerais, onde acumulou grande fortuna, tanto que não o abalou a perda dos quarenta mil cruzados que já havia remetido a Lisbôa e por se ter malogrado a compra da capitania, empregára na aquisição de fazendas que se perderam no mar, roubadas por um corsário francês. Possuiu em Curitiba três estâncias de criação, além de várias sesmarias. Em 1718 teve patente de guarda-mór das minas de Paranapanema e veiu a falecer em São Paulo, a 20 de agôsto de 1763.

Digitized by Google

Casou-se com Ana da Ribeira Leite e teve dêsse seu casamento cinco filhos [17].

II - Apolônia de Araujo. Casou-se em 12 de fevereiro de 1695 com Martinho de Oliveira Leitão. Sem geração.

III - Branca de Almeida. Casou-se em 13 de fevereiro de 1695, com Antônio Pinto Guedes. Deixou geração.

IV - Maria de Araujo. Casou-se com Francisco Mateus Rendom, tendo deixado geração.

V - Leonor de Siqueira Paes. Casou-se em 17 de setembro de 1701 com Bartolomeu Paes de Abreu, grande sertanista, natural de São Sebastião, tendo deixado geração [18].

VI - Teresa de Araujo. Faleceu solteira em 1762.

VII - Catarina de Siqueira Taques. Faleceu solteira em 1745.

VIII - Ângela de Siqueira. Faleceu solteira em 1770.

NOTAS HERÁLDICAS

Para a execução do desenho do brasão dêste trabalho, nos orientamos nas considerações que seguem:

1.º quartel - *Além da expressão paradoxal "partida em faxa", a primeira observação, que nos cabe fazer, é sôbre as particularidades da águia da primeira partição. Na carta de brasão descreve-se "uma águia imperial de duas cabeças, e sôbre ela uma corôa real [19]." Pelos termos "sôbre ela (a águia) uma corôa real", seria de se interpretar que a referida ave estivesse encimada ou rematada por uma corôa real mas, na realidade, não é o que se dá, pois as duas cabeças da águia estão coroadas. Na bôa técnica de brasonar, para se entender que as duas cabeças são coroadas, basta enunciar-se "uma águia de duas cabeças* coroada" *(no singular), isto é, a águia é* coroada, *mas sendo de duas cabeças, entende-se que ambas são coroadas.*

Na segunda partição dêste primeiro quartel, ou seja no partido, enuncia-se de uma só vez o campo das duas partições, o que não é de bôa técnica

---

(17) Cf. Anais da Bib. Nacional. - XXXIX, 295-319-320-322-323. Azevedo Marques - Apontamentos Históricos - II, 37. - Documentos Interessantes - LI, 278. - Pedro Taques - Nobiliarquia - Rev. Trim. XXXIII, 1ª 49. - Silva Leme, Genealogia IV, 259.

(18) Sôbre Bartolomeu Paes de Abreu, além do que dele escreveu Pedro Taques na sua "Nobiliarquia", 2ª ed., I, 149 e segs., consulte-se: - Afonso de E. Taunay - "Um grande bandeirante". - Anais do Museu Paulista, I, 417 e segs. - Silva Leme - Genealogia - II, 473 e segs. - Azevedo Marques - Apontamentos Históricos - Rio, 1879 - I, 57. Inventários e Testamentos - XXV, 449 e segs. Documentos Interessantes - XVI, 106. XXIV, 117.

(19) *Em Sanches de Baêna, por um êrro tipográfico, consta uma "corsa" em vez de uma "corôa".*

Digitized by Google

em Heráldica. Em seguida descrevem-se as figuras do 1º do partido, nos seguintes termos: "... sôbre um campo verde um porco azul". Ora, já o fato de se descrever o campo de duas distintas partições de uma só vez, muito embora do mesmo esmalte (prata), e já o emprêgo do termo "campo" poderiam dar margem a errôneas interpretações. Mas, analisando-se cuidadosamente, depreende-se que o termo "campo" foi empregado no sentido de terreno que, na Heráldica, se denomina terrado [20] ou planície. Tanto o terrado como a planície se constituem de uma campanha diminuta (de largura menor que a da ordinária) e se distinguem pelo traço que os destacam do campo do escudo. Na planície êsse traço é reto e, no terrado, irregularmente sinuoso.

Vemos que a carta de brasão designa, sôbre o terrado, "um porco azul". Tal fato deve nos afigurar extravagante, visto se tratar de um animal completamente estranho à fauna heráldica luso-brasileira, ainda mais que, mesmo fóra do terreno heráldico, o nome daquele animal anda sempre divorciado do asseio... Sendo a Heráldica simbólica por excelência, teria o porco representação pouco agradavel num brasão.

Como animal semelhante, vamos encontrar na armaria o ouriço (ou porco-espinho) e o javalí, no Brasil também chamado caetetú, catêto, queixada ou porco-do-mato [21]. Santos Ferreira pretende, para as armas dos Taques, um "javalí", mas devemos ter presente que aquele heraldista português assim o fez por mera interpretação, pois não existe e nem se conhece outra carta de brasão-de-armas dos Taques, a não ser a transcrita por Sanches de Baêna à pág. 685 de seu "Arquivo Heráldico Genealógico". Tanto assim que, no "Índice Heráldico", consignando as armas dos Taques, o mesmo Sanches de Baêna anota que assim "consta da carta de brasão passada ao capitão Pedro Taques de Almeida em 5 de julho de 1707, que existe registrada no arquivo da Câmara de São Paulo". Daí nossa convicção de que Santos Ferreira não teve outra fonte para atribuir, às armas em apreço, "um javalí". Apenas pretendeu corrigir um engano que se lhe afigurava.

Deve ter mesmo havido um engano, pois, como já dissemos, o porco não é uma figura peculiar da nossa heráldica. Vejamos se, de fato, seria um "javalí", como corrigiu Santos Ferreira e foi endossado por Egon Prates no seu "Armorial Brasileiro" (fig. 4).

Sendo a carta de brasão-de-armas de Pedro Taques de Almeida a única fonte existente e conhecida na heráldica portuguesa [22] em que se descrevem as armas dos Taques, devemos volver nossas vistas à origem destas armas.

---

(20) Também chamado "terreiro".

(21) Rodolfo von Iheringh - "Dicionário dos Animais do Brasil", S. Paulo, 1940.

(22) Não póde haver dúvida de que a carta de brasão-de-armas de Pedro Taques é a única fonte conhecida, em face do que anota Sanches de Baêna e pelo fato de Vilas-Boas e Sampaio não se referir a essas armas, pois a sua "Nobiliarchia Portuguesa" é de 1676 e a carta de brasão, de 1707. Se existisse outra fonte ou fosse conhecida, Santos Ferreira teria anotado qualquer coisa, mas preferiu silenciar por ser uma corrigenda sua.

Digitized by Google

Conforme demonstra ineditamente Carvalho Franco, os Taques têm sua origem nos Taxis dos Paises-Baixos, cujo nome se aportuguesou, isto é, o som gutural do "x" foi transformado "qu" e a vogal "i", num "e".

Como fitalista que somos, o nome Taxis não nos é estranho, pois a família Thurn e Taxis celebrizou-se, em eras passadas, por ser a dinastia que dispunha do previlégio de exploração do serviço postal em quasi tôda Europa, como os Matta em Portugal.

Segundo um estudo do nosso confrade da Filatelia sr. Valter Heckmann [23], a dinastia postal dos Thurn e Taxis teve início no nobre italiano Francesco del Tasso, de Bérgamo, onde nasceu em 1460, ao qual o Imperador Maximiliano I, em 1491, concedeu previlégios e regalias para executar o serviço postal na Alemanha, dando-lhe o título de Mestre Geral dos Correios. Obtendo permissão para que seus estafetas e postilhões atravessassem o território francês, Francesco del Tasso celebrou um convênio com o rei Felipe I da Espanha, estabelecendo uma linha de correio entre Madrid e Bruxelas, ou seja, entre a Espanha e Paises-Baixos.

Posteriormente, Carlos I, rei de Espanha e, depois, imperador da Alemanha sob o nome de Carlos V, concedeu em 12 de novembro de 1516 maiores regalias a Francesco del Tasso, de sorte que a linha postal passou a ligar Madrid com Napoles, Roma e Viena.

Tendo falecido em 1517, Francesco del Tasso foi substituido por seu irmão Gianbatista, a quem Carlos V confirmou tôdas as regalias e previlégios, com direitos hereditários. Mais tarde, a família Tasso foi agraciada com o título de príncipes, já então radicada na Alemanha, razão pela qual seu nome se germanizou para Fürst von Taxis (Príncipe de Taxis).

Desaparecendo a linha masculina dos Taxis, uma última herdeira casou-se com o Conde della Torre, de origem italiana. Desse consórcio, resultou na sua descendência a germanização dos dois nomes para Thurn und Taxis. *Nos Paises Baixos e na França seus descendentes se chamaram* Tour et Taxis.

O previlégio postal da família Thurn e Taxis existiu na Alemanha até 1 de julho de 1867, quando a Prússia adquiriu tôda a sua organização postal pela quantia de três milhões de talers. Êsse previlégio atingiu, portanto, a época dos selos postais, havendo duas espécies de selos, de acôrdo com o sistema monetário da região. Para os correios do norte, o valor dos sêlos eram em "groschen"; para os do sul, em "kreuzer".

Nêste ligeiro resumo, quasi todo êle extraído do trabalho do sr. Heckmann, verifica-se que os Taxis, de onde provêm os Taques de Portugal como nos mostra Carvalho Franco, tem sua origem nos Tasso, da Itália, cujas armas, com as variantes dos diversos ramos da família, têm por símbolo

---

(23) "Da origem dos Correios", palestra realizada em 5-VIII-1932, na séde da "União Filatélica Pôrto Alegrense", in *"Sul Filatélico", nº 4, pág. 196, P. Alegre - 1932.*

Digitized by Google

principal um texugo [24], *como figura parlante da referida família, pois* tasso *em italiano significa também texugo.*

Fica assim esclarecido que estamos em face de armas parlantes *e, porisso, as dos Taques não podem trazer nem um porco e nem um javalí, mas tão sòmente um texugo. Existe na biblioteca do Dr. Meneses Drummond, o raríssimo armorial universal (pranchas) de Rietstap* [25 e 25a]. *Segundo se verifica nas reproduções dessa obra, as armas dos Tour et Taxis, Taxis ou Tassi (figs. 1, 2, 3, 6 e 7) ostentam um texugo passante. No II vol. do suplemento dêsse armorial, continuado por V. H. Rolland* [26], *assim se descrevem as armas dos Tasso: "D'azur, au blaireau* passant *de sable, sur un terrasse de sinople; au chef d'or chargé d'une aigle de sable". Assim desenhamos o 1º do partido deste quartel, conservando os esmaltes consignados pela carta de brasão de Pedro Taques de Almeida, isto é, em campo de prata um texugo passante de azul sôbre um terrado de verde. São êstes os verdadeiros atributos desta partição das armas dos Taques.*

Vemos como mais uma vez a Heráldica presta sua colaboração à História e à Genealogia, pois em face do que ficou exposto, ela nos confirma a ligação dos Taques com os Taxis e êstes com os Tasso.

Infelizmente não encontramos explicação positiva para o fato de surgir, neste 1º quartel, um partido de campo do mesmo esmalte (prata) com um penhasco azul. Talvez o desconhecimento das caraterísticas do terrado, sôbre o qual se encontra o texugo, lhe tenha dado, à esquerda, uma indevida elevação, resultando um monte ou penhasco, alterando-se-lhe o respectivo esmalte. O fato de ambas partições terem o mesmo esmalte do campo é um indício de tal suposição.

2º quartel - *Para o 1º do partido das armas dos Proenças, Santos Ferreira consigna que a águia é armada (com unhas) e bicada (com bicos) de ouro, ao passo que, pelo texto da carta, é sòmente armada de ouro, sendo porisso bicada do seu próprio esmalte. Assim desenhamos o presente quartel, mesmo porque de fórma idêntica Vilas-Bôas descreve essa partição. Não há razão, portanto, para que Egon Prates, no caso presente, seguisse Santos Ferreira (fig. 4).*

Há, na primeira partição dêste quartel, uma aparente infração da primordial lei heráldica, pela superposição de côr sôbre côr (preto sôbre verde), mas tenhamos presente que, no caso, tal regra não se aplica, visto se tratar de uma águia preta, que se considera de sua côr.

3º quartel - *Carvalho Franco diz que as armas dos Laras, de São Paulo, trazem caldeiras pretas e não xadrezadas como descreve Santos Ferreira para*

---

(24) Mamífero carnívoro, de pernas curtas, plantigrado, de pêlo áspero e grosseiro. Pelos seus caracteres gerais, faz a transição entre o urso e a marta.

(25) V. H. Rolland - "Planches de l'Armorial Général de J. B. Rietstop", vol. VI, Haya, 1926, pranchas VII, X e XLI.

(25a) NOTA DA REDAÇÃO: *O Museu Histórico Nacional adquiriu êste ano um exemplar que se acha à disposição do público.*

(26) Ob. cit., sup., vol. II, págs. 596 e 682.

Digitized by Google

Fig. 1 - Armas dos Taxis (do Tirol), reproduzidas no Armorial de Rietstap, em que se observa, na primeira partição, campo de ouro com uma águia sainte de preto, coroada do campo e, na segunda, de azul com um texugo de prata, passante num terrado verde

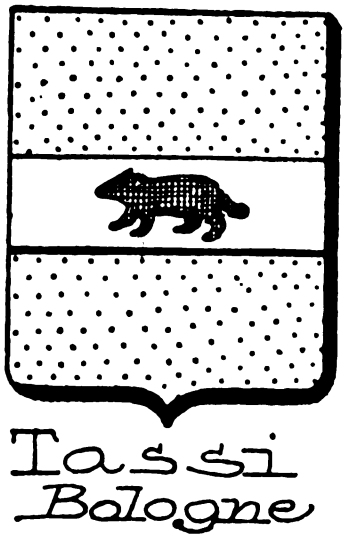


Fig. 2 - Armas dos Tassi (de Bolonha), reproduzidas no armorial de Rietstap, em que se nota, em campo de ouro, uma faxa cosida de prata carregada de um texugo passante de prata

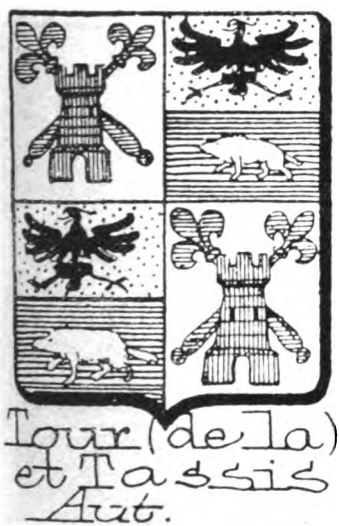


Fig. 3 - Armas dos La Tour et Tassis (da Áustria), reproduzidas no armorial de Rietstap, em cujos 2º e 3º quarteis vemos um cortado que tem, no 1º, em campo de ouro, uma águia de preto e, no 2.º, de azul com um texugo passante de prata

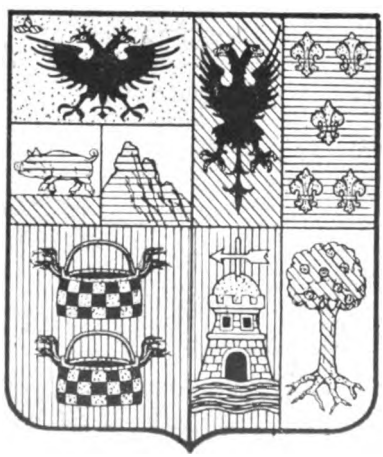


Fig. 4 - Como Egon Prates, no seu "Armorial Brasileiro", interpreta o brasão de armas de Pedro Taques de Almeida, concedido pela carta de 5-VII-1707

Digitized by Google

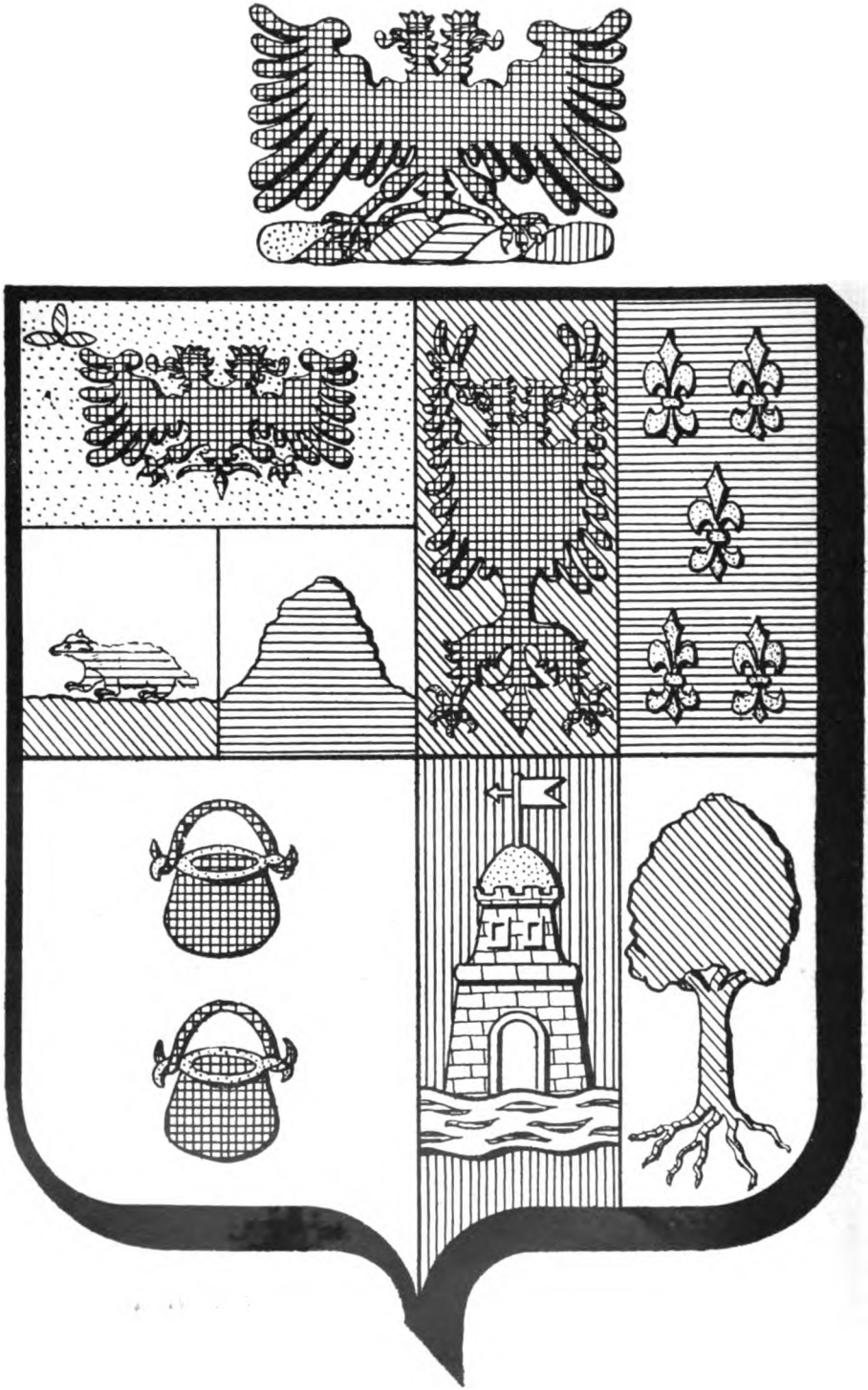


Fig. 5 - Desenho do brasão-de-armas de Pedro Taques de Almeida, executado pelo autor das notas heráldicas do presente trabalho, segundo sua interpretação da respectiva carta

Google

os de Portugal. Mas é de se vêr que êsse fato tem explicação em Vilas-Boas que as brasona nos mesmos termos da carta de brasão-de-armas de Pedro Taques de Almeida. E sabemos muito bem que a "Nobiliarquia Portuguessa" dêsse autor era o guia dos rei-de-armas de então. Isto nos mostra, como sucedeu com 1º do partido do 2º quartel, que não houve êrro por parte do rei-de-armas, mas vontade manifesta, baseada numa autoridade da época. Porisso, discordamos de Egon Prates, pela maneira como interpreta o presente quartel das armas de Pedro Taques de Almeida (fig. 4), seguindo Santos Ferreira, mas alterando o esmalte da asa das caldeiras (prata, em vez de xadrezada de ouro e preto).

4º quartel - A carta de brasão especifica que a torre é "picada e lavrada de preto". O termo picada significa que uma peça ou figura se acha salpicada ou pontilhada de outro esmalte. No caso da torre, das armas dos Morais, não encontramos razões que justifiquem tal particularidade. Abstendo-nos de terminologia heráldica, verifica-se que a palavra "picada" significa também "recorte" (na extremidade dos vestuários), o que nos leva a crêr que se pretendeu designar que as linhas contornadoras da torre fossem também de preto. A quem assim descreveu, pareceu necessária uma expressa designação dessa particularidade, por causa do lavrado (referência às juntas ou interstícios das pedras ou tijolos com que se constroe a torre), a-fim-de que não se interpretasse fosse de outro esmalte os demais traçados daquela figura. Segundo linguagem obsoleta, o verbo "picar" significava também lavrar a pedra, isto é, aparelha-la, dando-lhe uma fórma desejada. Confirma-se assim a interpretação de que a torre deve ter também em preto as suas linhas contornadoras, que lhe dão a fórma. No "Armorial Brasileiro" de Egon Prates, muito embora assim não se descreva, a torre se encontra desenhada aberta (com a porta) e iluminada (com as janelas) de preto (fig. 4).

Descreve em seguida a carta de brasão que a torre está "assentada junto ao rio de água".

Vejamos o que venha ser um rio, também chamado "ribeira". Essa peça heráldica nada mais é que uma "faxa ondada" (que também poderá ser uma "banda-ondada" se assim fôr indicado), tendo porisso, a mesma largura e ocupando o mesmo lugar da faxa. Mas é de se vêr que, tendo a faxa a largura de 2 módulos e que alguns autores, como Santos Ferreira, lhe dão a largura maior, correspondente a um terço da do escudo, o espaço do campo de escudo, acima de faxa, é bastante diminuto para conter uma figura esgalgada como seja a torre, sobretudo rematada por um catavento.

Daí se vê que se trata, no caso, de uma "onda" e não um "rio". Isto porque a onda é também uma faxa-ondada, porém de menor largura, localizando-se abaixo do lugar comum da faxa, próximo à ponta do escudo, de sorte a oferecer um espaço adequado a conter uma figura verticalmente alongada.

Podemos afirmar convictamente tratar-se de uma "onda" e não de um "rio", pelo errôneo emprêgo dêsse vocábulo, êrro êsse de que não escapou o

Digitized by Google

próprio Santos Ferreira que, no "Vocabulário" da sua citada obra, nos ensina a distinção dos dois termos, conforme explicamos, mas, ao descrever as armas dos Morais, se contradiz. Aliás, tal contradição é devida, a nosso ver, à heráldica francesa, em que os termos "onde" e "riviére" são puros sinônimos, indicando ambos a "onda" da heráldica portuguesa. No caso presente das armas dos Morais trata-se, portanto, de uma onda e não de um rio, cuja distinção explicamos linhas acima. Além disso, a torre não se acha assentada junto, mas sôbre a onda, pois aquela fortificação é sustida por esta peça.

Notamos ainda, no mencionado armorial de Egon Prates (fig. 4), que o catavento se acha mal desenhado, pois nele se vê a torre rematada por uma haste e esta carregada de uma seta. Não é por esta forma que se simboliza o catavento; êste se constitue de um guião ou pequena bandeira, flutuando para a esquerda do escudo e tendo, à direita, uma pequena seta indicadora da direção de onde procede o vento.

Quanto à segunda partição dêste quartel, devemos analisar as caracteristicas da árvore, que é descrita "uma amoreira verde com raizes", o que quer dizer achar-se arrancada. Segundo Santos Ferreira a amoreira das armas dos Morais é também arrancada, mas de outro esmalte (ouro), como também frutada (com frutas) dêsse mesmo metal. Assim também a desenhou L. G. Loureiro no "Armorial Brasileiro" de Egon Prates (fig. 4), mas a respectiva carta-de-brasão não se refere a tais particularidades. A nosso vêr, tal fato, não foi causado por um êrro ou omissão, pois da mesma fórma a referida árvore é descrita por Vilas-Boas e Sanches de Baêna. O Rei-de-armas concedeu concientemente uma amoreira apenas arrancada e, assim mesmo, de seu próprio esmalte.

* * *

Orientados pelo que ficou acima exposto, executamos o desenho do brasão de Pedro Taques de Almeida (fig. 5), o qual podemos descrever da seguinte maneira:

Esquartelado. O primeiro cortado: o I de ouro com uma águia bicéfala coroada de sable: o II de prata com um texugo passante de bláu num terrado de sinopla, partido de prata com um penhasco de bláu. O segundo de sinopla com uma águia bicéfala de sable, armada de ouro: partido de bláu com cinco flores-de-liz de ouro postas em aspa. O terceiro de prata com duas caldeiras de sable, arcadas de ouro, postas uma sôbre a outra. O quarto de goles com uma torre de prata, lavrada de sable, coberta de ouro e rematada por um catavento de prata, a torre assente numa onda de prata, aguada de bláu: partido de prata com uma amoreira arrancada de sinople. Timbre: a águia do primeiro quartel do escudo. E, por diferença, um trifólio de sinopla.

Digitized by Google

Fig. 6 - Armas de outro ramo dos Taxis (do Tirol), reproduzidas no armorial de Rietstap, em cujos 1º e 4º quarteis se vê um cortado que tem, no 1º, um campo de ouro, uma águia bicéfala de preto, tal como nas armas dos Taques do Brasil, com a diferença de ser a mesma coroada do campo; no 2º do cortado, em campo azul, um texugo de prata, armas estas semelhantes às dos mesmos Taques, com a diferença da troca dos esmaltes e da falta do terrado

Fig. 7 - Armas de mais outro ramo dos Taxis (do Tirol), reproduzidas no armorial de Rietstap, em que, num sôbre-o-todo, se notam as mesmas particularidades dos 1º e 4º quarteis das armas da fig. 6

Dr. Carvalho Franco, o historiador

Roberto Thut, o heraldista

Digitized by Google

Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme (1852-1919), o grande genealogista

Digitized by Google

Silva Leme e o conceito da Genealogia

Carlos da Silveira *

Dr. Carlos da Silveira

De 1900 a 1903, eu estive cursando a Escola Normal única, que então havia no Estado de São Paulo e tive dois colegas de turma, que deveis conhecer no campo da genealogia. Refiro-me a Carlos Martins Sodéro, já falecido, recentemente, e a Américo Brasiliense Antunes de Moura, o grande estudioso do passado de São Paulo e dos seus primeiros povoadores. Também era colega de turma Arnaldo Guilherme Cristiano, com quem sempre nos encontravamos, no "Triângulo", pois Arnaldo residia na hoje Praça da Sé e eu na Ladeira de São Francisco, numa casa de propriedade do Dr. Paulo de Sousa Queiroz, ora demolida, onde havia morado, em épocas mais antigas, Chico Aurélio, professor de geometria, o qual fazia preceder a explicação do teorema do quadrado da hipotenusa de uma frase que se tornou famosa.

Solenidades religiosas na Sé, ou na Ordem Terceira do Carmo faziam-nos encontrar, sistematicamente, na rua Direita, um grupo chefiado por pessoa, que Arnaldo cumprimentava afavel e respeitosamente. Além disso, por ocasião de procissões, com passagem obrigatória pela rua de São Bento, lá estava, na sua casa residencial, o mesmo conhecido de Arnaldo. E não era só nas manifestações religiosas. Também

* Conferência lida na 100ª sessão ordinária do Instituto Genealógico Brasileiro, realizada no dia 11-IX-1943, ao ser inaugurado, na séde, o retrato do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme (1852-1919).

Digitized by Google

nas profanas, carnavalescas, via-se o respeitavel cidadão, cercado de pessoas da família e de amigos, divertindo-se numas costumadas e tradicionais pescarias de chapéus masculinos que alguem, à porta da casa, fisgava, e alguem (talvez a própria dona da casa...), à sacada, puxava, com grande alegria para todos, inclusive aqueles que eram objeto da distinção, honrados no seu rápido papel de vítimas.

De uma feita, interrogado, o Arnaldo informou: "Êsse homem é o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, de Bragança". E acrescentou: "Muito distinto. Gente muito boa". Foi assim que conheci, de vista, o Dr. Silva Leme e a sua família, há pouco mais de quarenta anos.

Em 1904 entrei para sócio da Associação Beneficente do Professorado Público e lá comparecia, com frequência, numa época em que fui segundo secretário. Lembro-me bem de que o Professor Emílio Mário de Arantes, muito dado a preocupações genealógicas, conversava bastante a respeito da obra que o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme havia começado a publicar. Foi a primeira vez que ouvi falar na "Genealogia Paulistana", a qual, entretanto, só vim a conhecer, de fato, muito mais tarde.

De 1905 a 1917 tive um período de preocupações intensas, que me impediram quasi por completo o trato com assuntos genealógicos, e sòmente por volta de 1918 pude retornar a isso, iniciando pesquisas acerca de uns Carvalhos, sôbre os quais muito me adiantou o sr. Pio Correia de Almeida Morais, nosso prezado consócio, então residente, como eu, em São Carlos.

Comecei, também, por êsse tempo, a coordenar algumas notas, que possuia, a respeito da minha família. E foi só; por isso que, de 1921 a 1931, já de novo fixado aquí na Capital, não tive maneira de me ocupar de genealogia, a não ser alguma troca de idéias com o meu velho amigo e colega Dr. Américo Brasiliense Antunes de Moura, o qual, de longa data, na Escola Normal, vinha anotando dados genealógicos sôbre as alunas do curso e procurando criar nelas interêsses genealógicos, com a feitura de bem cuidadas árvores de costado.

Em novembro de 1932, distinta aluna minha, d.ª Odete Marinho Pompéia, procurou-me, como representante das colegas (eu estava lecionando, ao tempo, na Escola Normal da Praça da República), e me falou que a classe do 4º ano feminino especial desejava oferecer-me uma lembrança, consistente nalguma obra de pedagogia; indagava, pois, qual a que eu queria possuir. Respondi, imediatamente, que se o 4º ano feminino especial pretendia mesmo dar-me um presente, que consistisse êle na "Genealogia Paulistana", do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, o que muito me agradaria.

Ouvida a minha escolha, parece que não sem surpresa, entregaram-me os volumes. O primeiro deles traz a dedicatória: "Ao Dr. Carlos, uma expressão de amizade das alunas do 4º ano especial. São Paulo, 30-XI-1932".

Comecei a folhear, dêsse dia em diante, avidamente, a "Genealogia Paulistana", e a fazer anotações naquilo que a memória me permitia e devo declarar que da experiência de Américo Brasiliense Antunes de Moura muito me vali para o conhecimento que hoje tenho da obra, com a qual cheguei a ficar logo familiarizado e já não era sem tempo: fazia mais de trinta

Digitized by Google

anos que eu conhecera o autor dela, e cerca de vinte-e-oito que dela tivera a primeira notícia.

* * *

Eduardo Prado, num escrito sôbre o Padre jesuita Manuel de Morais, asseverou: "Pedro Taques, como todos os genealogistas, inspira pouca confiança, e como escritor pombalino ainda menos".

Entre pessimismo tão extremado do escritor paulista e o otimismo louvaminheiro dos que aplaudem sem reservas, cabe a opinião esclarecida de todos quantos ainda achem que a virtude está no meio termo.

Nêsse meio termo, para honra do genealogista do século dezoito, vamos encontrar, os que nos dedicamos a êsses assuntos, escritores de responsabilidade, entre os quais avulta Afonso d'Escragnolle Taunay.

É indispensavel fixar a veracidade de Pedro Taques, pois dela decorre a dos que se lhe seguiram. Muitos documentos paroquiais e de cartórios, que Pedro Taques compulsou, não existem mais, dados os dois séculos que nos separam do autor da "Nobiliarquia Paulistana". Provada que fosse a mendacidade do filho de Bartolomeu Pais de Abreu, estaria *ipso-facto* prejudicado qualquer trabalho posterior calcado sôbre êle, principalmente a "Genealogia Paulistana", do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.

Eis a opinião dêste: "Examinando os documentos dos arquivos, tivemos ocasião de verificar que Pedro Taques foi conciencioso na confecção da sua "Nobiliarquia Paulistana"; alguns êrros e discrepâncias encontramos em sua obra, que são efeitos de informações erroneas por êle colhidas, na impossibilidade de consultar pessoalmente alguns dêsses arquivos: êstes mesmos êrros provavelmente encontrareis nêste nosso trabalho, pois que, em relação às gerações de hoje, que aí vêm descritas, nos guiamos por informações; entretanto será facil ao leitor corrigi-los, na parte que lhe toca, ficando certo que é correta a ascendência de seus avós, provada, como está, por documentos".

Tem falhas a obra do Dr. Silva Leme? De certo que as tem, e o próprio autor as confessa sinceramente, no trecho que transcrevi.

Lidando, como lida qualquer genealogista digno dêsse nome, com um sem número de minúcias, para a feitura de qualquer trabalho da especialidade, mesmo o mais simples, é impossível não incorrer em lacunas e erros.

Ninguém pode negar que a análise minuciosa e segura dos documentos ainda existentes nos arquivos paroquiais e nos dos cartórios, e um ou outro, bem raro, em mãos de particulares, é o largo e seguro caminho para a boa pesquisa genealógica. Mas, quando falha de todo essa documentação, o que infelizmente se dá com frequência entre nós? Outro recurso não existe senão o das informações e eis aí, na insegurança delas, o grande escolho que se apresenta e com que se tem de avir o pesquisador.

Constituem notavel excepção as famílias que possuem o seu registo, ou caderno de apontamentos, o "livro de família", onde escriturem, mais ou menos minuciosamente, as ocorrências genealógicas dos nascimentos, casamentos e óbitos. Eu mesmo, nas minhas indagações sôbre êsses fatos,

Digitized by Google

apenas encontrei um livro de notas de família que, dado o interêsse da raridade, reproduzi no volume trinta e três da "Revista do Instituto Historico e Geografico de São Paulo".

Todo o mundo contenta-se com a tradição oral, que, sôbre ser curtíssima indo só até o primeiro avô e, às vezes, só até os pais, ainda opera por córtes, ao sabor de simpatias ou antipatias, concientes e subconcientes, nos casos em que é possível abranger bisavós, trisavós, tetravós e outros ascendentes.

Quando o pesquisador, pacientemente e teimosamente, interroga, a resposta comum, a regra geral, é um sincero "não sei". Se o pesquisador insiste e torna-se cacete, começam a aparecer os dados, muito incompletos, muito falhos, necessitando demorado e cuidadoso repasse.

Convém pôr em relevo, aquí, os perigosos informes dos que sabem demais e desconhecem dificuldades; têm ciência de tudo; estão preparados para quaisquer soluções. Se o crivo da crítica é necessário quanto aos que pouco sabem, é dez vezes mais necessário quanto aos que tudo conhecem e de tudo dão informações completas.

De todos êsses entraves, aquí ligeiramente relembrados, deveria ter o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme uma larguíssima experiência. Levando, como devia ter levado, a vida tôda a esboçar as linhas da sua obra genealógica, cuja realização lhe ocupou uma década de trabalhos exclusivos, há mister insistir na frequência com que o autor teria esbarrado com os espécimes variados da longa escala que começa nos que nada sabem (e parece não quererem saber), e vai acabar nos que tudo presumem conhecer.

* * *

Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777), escrevendo a sua quasi desconhecida "Nobiliarquia Paulistana - histórica e genealógica", da qual apenas um terço chegou até nós, prestou aos estudos históricos do Brasil um serviço que nunca é demasiado rememorar. Taunay, na página 42 do prefácio dessa obra, para o volume impresso em 1926 na Imprensa Nacional, diz: "Imenso devem o Estado de São Paulo e o Brasil a Pedro Taques e esta dívida, mais que secular, tão longe ainda de se saldar, precisa concretizar-se num monumento nacional.

"Inserta a *Nobiliarquia* na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, valeu a Pedro Taques o lugar glorioso que, sem discrepância, lhe assinam os historiadores entre os precursores da história brasileira."

Seguindo-lhe em parte as pegádas, sob o ponto de vista genealógico, o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme (1852-1919) legou às gerações posteriores os nove tomos da sua "Genealogia Paulistana" (1903-1905).

Bacharel em Direito, pela Faculdade daquí, em 1876; e engenheiro em 1880, formado na cidade norte-americana de Troy, no Estado de Nova York, portanto espírito maduro, preferiu batizá-los com a denominação de "Genealogia Paulistana", em lugar de "Genealogia Paulista", expressão esta mais ampla.

Optando, como optou, pelo adjetivo gentílico PAULISTANO (relativo à cidade de São Paulo), ao invés de PAULISTA (relativo ao Estado de São

Digitized by Google

Paulo), parece que a atenção do autor prendia-se ao bloco inicial daqueles povoadores quinhentistas que Américo Brasiliense Antunes de Moura tão bem analisou no seu notavel trabalho publicado em 1936, no volume vinte e cinco da "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", sob o título "Os povoadores do Campo de Piratininga". Admiravel bloco de povoadores, na verdade, do qual irradiou-se a gens paulistana para a terra paulista e para Minas Gerais, Goiáz, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Admiravel bloco de povoadores, em cujos predicados dé simplicidade, iniciativa, tenacidade, constância, disciplina, solidariedade, golpe de vista, espírito de decisão vamos todos nós, oriundos de tais avós, buscar a honra de uma tal ascendência.

Beneméritos os genealogistas que, na azáfama dos dias que passam, abrem clareiras no passado paulista de mais de quatrocentos anos, permitindo ver, sem solução de continuidade, toda a série de homens bons e esforçados, que formam a cadeia avoenga tetrasecular. Homens bons e esforçados, que se nobilitaram aquí no trabalho quotidiano, rijo, fatigante.

Se foi pois com o intuito de lembrar o bloco quinhentista da gente de São Paulo, que Silva Leme deu à obra o título que ela traz, melhor teria sido chamar, aos nove volumes, "Genealogia vicentina e piratiningana", mas o autor preferiu o critério de Pedro Taques e o trabalho saiu com o nome tão conhecido de "Genealogia Paulistana", a qual diverge muito da "Nobiliarquia", pela ausência dos preconceitos setecentistas que tanto enchiam o espírito do filho de Bartolomeu Paes de Abreu.

* * *

Muito mal se tem dito dos estudos de genealogia entre nós. Alega-se contra, uma porção de coisas:

— são estudos de nobiliarquia, próprios para envaidecer;
— são estudos perigosos, pois podem revelar fatos que as famílias procuram ocultar cuidadosamente;
— são estudos que põem a nu as origens às vezes muito modestas de certas famílias;
— são estudos capazes de revelar a existência de algum padre, na ascendência; ou de alguma pele por demais colorida de negras tintas.

Respondendo essas críticas, uma a uma, vê-se que ficam reduzidas a nada.

Se alguém vai estudar a sua ascendência, a-fim-de descobrir nobres, na família, a vaidade aparece, aí, como causa, e não como consequência das pesquisas feitas.

Relativamente a fatos escandalosos, desagradaveis sempre, que as famílias procuram ocultar, cuidadosamente, parece que a melhor censura que os elementos sadios de uma família podem fazer, às ocorrências desagradaveis, é esclarecê-las e, principalmente, localizá-las, para que se precisem e.

Digitized by Google

sobretudo, se limitem as responsabilidades. Tentar ocultar umas tantas coisas, que pretendemos desapareçam com o nosso silêncio, é desconhecer a psicologia humana, no capítulo da divulgação e da maledicência. A "boca pequena", falando, como sempre fala, "aquí entre nós que ninguém nos ouça", vale mais do que rádio de reclamo, com o registo ao máximo. Quanto mais se procurar esconder um "caso", digno do nome de "feio", mais êle correrá, agravado pelas deformações habituais.

Quanto às origens modestas das famílias, só a ignorância de questões comezinhas da evolução social pode articular a objeção. Quando Júlio Cesar se dizia descendente de Venus, para nobilitar-se aos olhos dos romanos do seu tempo, estava dando uma norma de conduta, talvez boa em certos meios ignorantes e predispostos. Entretanto, a todos seria util ler a maneira pela qual Guilherme da Normandía obteve soldados para a empresa que culminou na batalha de Hastings (14 de outubro de 1066). Em consequência dessa vitória, Guilherme distribuiu, aos sessenta mil companheiros da expedição, terras confiscadas aos vencidos. "Os soldados rasos, ainda na véspera carroceiros, alfaiates, vaqueiros, foram transformados em *cavaleiros*: os chefes tornaram-se *barões* ou *condes*". A atual nobreza da Inglaterra provém dessa gente.

Refere outro cronista: "Não querendo as regateiras de Lisboa obedecer a uma nova taxa e dizendo-se a el-rei Dom João III que em quanto as não mandasse açoitar não se emendariam, respondeu êle: que filhos de regateiras vinham a ser capitães na Índia, fidalgos de sua casa; e não queria de antemão deshonrá-los, mandando-lhes açoitar as mães".

Ainda nesta mesma ordem de idéias convinha compulsar as primeiras atas das vereanças de Santo André da Borda do Campo e de São Paulo de Piratininga (a importantíssima documentação que o espírito esclarecido de Washington Luiz fez imprimir) para a análise da modéstia dos primeiros povoadores daquí, respeitaveis antepassados de tantos que aquí nos encontramos agora neste recinto e de milhões de outros também paulistas e também brasileiros de quatrocentos anos.

Quanto à objeção mais séria, relativa à ascendência de padres e de negros, confesso que melhor fôra não existissem tais ascendentes, mas existem e em escala que não é de desprezar. Numa população grande e de origens tão diversas, nem todos poderiam mesmo ter ascendência perfeita, sob o ponto-de-vista da legitimidade e sob o ponto-de-vista do arianismo. Não compreendo em que, porém, êsses casos naturais e raciais devam impedir o surto de estudos genealógicos feitos sinceramente e com um fito de caráter científico e histórico.

* * *

Ao lado dessas pequenas desvantagens dos estudos genealógicos (concedendo-se que desvantagens o sejam), consistentes mais na fixação do que na revelação de uma tantas irregularidades e uns tantos pontos fracos que, aliás, ocorrem em tôdas as linhagens; quantos proveitos, quantos benefícios

Digitized by Google

nos permitem as pesquisas genealógicas sérias, bem orientadas, sem preconceitos, ideadas apenas com o intuito de bem servir ao indivíduo e à sociedade!

São essas pesquisas sérias, bem orientadas, sem preconceitos, ideadas apenas com o intuito de bem servir ao indivíduo e à sociedade, que formam a genealogia de que se ocupou o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, genealogia que traz benefícios porque:

a) concorre para o esclarecimento do passado, lançando luz sôbre fatos históricos, que assim ficam conhecidos de maneira mais completa;
b) prepara o espírito para estudos históricos dignos dêsse nome, por criar hábitos de exame e crítica de documentos;
c) regista séries de gerações, estabelecendo bases sólidas necessárias às induções biológicas;
d) mostra o papel que os antepassados de cada um tiveram, na época em que viveram, despertando, por isso, um sentimento de continuidade histórico-social, apto para gerar o senso do poder público, da responsabilidade social e da solidariedade nacional;
e) fortalece os vínculos de família, concorrendo bastante para impedir a dissolução e desagregação que ora se processam de modo tão intenso, tão deprimente e tão perigosamente;
f) revelando, como revela, as origens comuns, da nossa população paulista, desperta simpatias saudaveis e cria élos afetivos, duradouros e vantajosos, sob quaisquer pontos-de-vista.

* * *

Ampliando, como ampliou, sob êsse critério, o pouco que o destino ingrato nos legou da obra volumosa de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o trabalho do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, embora precisando de retoques, correções num ou noutro ponto, e de ampliações, não só pelo alargamento dos quadros, como também pelo natural decurso do tempo, representa um precioso conjunto de dados, alinhados muito honestamente, dignos de veneração e de alta estima.

Taunay, o incansavel Taunay, que todos conhecemos e admiramos no seu labor incessante pela história do Brasil e pela história de São Paulo, escrevendo no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, edição de domingo, 24 de setembro de 1933, sôbre "Silva Leme e o povoamento do Brasil Central pelos Paulistas", afirmou:

"Jamais será assás encarecido o imenso trabalho por Luiz Gonzaga da Silva Leme realizado, ao rever e ao recompor as velhas linhagens paulistas. E esfôrço feito com a mais absoluta honestidade e verdadeira inteligência dos fatos.

"Que penoso labor! Só quem conhece a intimidade de nossos acervos arquivais está em condições de avaliar o que deve ter custado a recomposição de tantos e tantos velhos fios genealógicos. Maltratadíssimos, trun-

Digitized by Google

cados, desbaratados, semi-devorados pelos insetos, viviam os nossos autos de filiação amontoados, a esmo, nos desvãos dos cartórios e dos pomposamente chamados "arquivos".

"Quão desagradavel o exame dêsses documentos, a cada passo convertidos em blocos duríssimos, argamassados pelas secreções dos curculionídeos e outros coleopteros da fauna papirofágica!

"Com inesgotavel paciência percorreu Silva Leme esta imensa mole de papeis. Servido por admiravel memória especializada, nele como que revivia a alma de Pedro Taques, seu primo longinquo.

"Não se limitou a seguir docilmente as indicações do predecessor. Examinou-lhe as deduções, discutiu, analisou-lhe as asseverações. Dele frequentemente divergiu, apresentando quadros novos dos fastos da disseminação dos povoadores primévos.

"Com infatigavel persistência e singular argúcia conseguiu Silva Leme recompor as linhagens referentes a numerosos capítulos da genealogia paulista. Referem-se por vezes a milhares e milhares de pessoas, como no caso dos *Camargos*. A outras reviu com a maior abundância, quando Taques as deixara sobremodo lacunosas, como quanto à família dos Buenos sucedeu.

"Assim a sua *Genealogia Paulistana*, além de tôda a reverência pela probidade dos informes, merece caloroso aplauso, graças à sua valia documental que representa".

Justíssimas palavras do historiador das Bandeiras Paulistas, em relação ao Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme!

Monumento de cultura paulista, ela, a "Genealogia Paulistana" (1903-1905), consolidada nos nove volumes que correm, ficará como extraordinário incentivo para todos os pesquisadores brasileiros!

Nucleo precioso de tão rico material para o esclarecimento da ascendência de milhões de brasileiros, a obra do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme permanecerá, cada vez mais lida e cada vez mais acatada.

É sob êste ponto-de-vista e sob êste critério de admiração, simpatia, amizade, e veneração, que o Instituto Genealógico Brasileiro inaugura hoje, na séde, ao realizar a sua centésima reunião ordinária, o retrato do notavel paulista, para que a imagem dele possa viver na memória de todos, assim como a "Genealogia Paulistana" já vem vivendo, desde o aparecimento, cerca de quatro decadas passadas.

Colocando, pois, o retrato do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, nesta sala, confesso que com isso muito se ufana o Instituto Genealógico Brasileiro, grupo de genealogistas esforçados, para os quais o exemplo do distinto bragantino é alto e perene fanal.

E antes de encerrar a leitura destas linhas desataviadas, pequeno tributo a tão destacado obreiro, cumpre-me agradecer, em nome da sociedade, ao distinto consócio Dr. José Hildebrando da Silva Leme, filho do homenageado, a oferta do retrato que passa a honrar êste local das nossas reuniões agradaveis e profícuas, onde esperamos que o espírito do pai ilustre esteja sempre presente na dádiva do filho generoso, em proveito de São Paulo e do Brasil.

Digitized by Google

Os Reis, de Tietê

F. A. Veiga de Castro

Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro

Em terras do município de Tietê, esta família começou em filhos do Alferes Antônio Manuel dos Reis para elas mudados, no meado do século passado. O Alferes vem descrito em Silva Leme (3º - 485), onde cumpre corrigir a notícia da sua descendência. Filho único de Manuel dos Reis, natural de Europa, e de Rosa Maria, era neto paterno de Antônio Fernandes e de Isabel Pires (?), e materno do Capitão Antônio Soares da Costa, europeu, e de Catarina Paes, ituana. Casou a primeira vez, em 1790, em Araritaguaba (Pôrto Feliz), com Gertrudes Maria de Melo, filha de Joaquim de Melo e de Ana Maria Teixeira (Silva Leme, 4º - 163). Dêste casamento houve oito filhos que assim vêm nomeados no inventário de sua mulher, iniciado em janeiro de 1828, existente no Cartório do 2.º Ofício, em Tietê, apenso aos autos de inventário dele, Alferes, do ano de 1851:

F1) Antônio, casado.
F2) Joaquim, solteiro, 27 anos.
F3) Luiz, solteiro, 19 anos
F4) José, solteiro, 18 anos, ausente para o Sul.
F5) Francisco, solteiro, 17 anos, ausente para o Sul.
F6) João, solteiro, 16 anos.
F7) Ana, solteira, 13 anos.
F8) Mâncio, solteiro, 8 anos.

Digitized by Google

Em 1832 o Alferes estava segunda vez casado com Clara Maria Teixeira, mencionada em Silva Leme, 6º - 291, natural de Goiáz e viuva do português Antônio Ferreira Gomes. Com filha de ambos êstes se casou o Alferes Domingos José de Faria, pai de Antônio Teixeira Goulart de Faria.

Clara Maria Teixeira faleceu em Pôrto Feliz, a 21 de novembro de 1857 e foi sepultada em Itú.

Do segundo casamento houve o Alferes os três filhos, assim nomeados no seu inventário, de 1851:

F9) Francisco de Paula Teixeira, solteiro, de 18 anos.

F10) Antônio de Paula Teixeira, solteiro, de 14 anos.

F11) Rita Teixeira da Fonseca, casada com Antônio Teixeira Goulart de Faria.

Viveu em Pôrto Feliz, com sítio e lavouras. Seu nome aparece, em 1797, na "Relação das pessoas que podem servir em Câmara, nesta Freguesia de Araritaguaba", Doc. Interessantes, Vol. III; também no "Termo de vereança Extraordinaria a 12 de outubro de 1822 em que se aclamou, 1.º Imperador do Brasil ao Sr. D. Pedro de Alcantara", Arq. do Estado de São Paulo, livro de Atas da Câmara de Pôrto Feliz, inédito.

Faleceu a 8 de dezembro de 1850 na cidade de Itú, como declarou para abertura do testamento, seu genro Antônio T. Goulart de Faria.

O monte dividendo pelos oito herdeiros, no inventário da sua primeira mulher, foi de Cr.$ 19.050,945; do seu próprio inventário, o partivel por onze herdeiros foi de Cr.$ 8.030,962, tendo sido o monte-mór de 21.469,677, quantias apreciaveis para a época.

F1) Antônio Manuel dos Reis (II), casou em 1815, em Pôrto Feliz, com Ana Cândida Duarte, de Itú, filha de Francisco Antônio da Costa e de Maria Eufrosina (Silva Leme, 3º - 348). Em 1866, no inventário de sua mulher, foi dado com 74 anos de idade, o que parece exato, pois era o primogenito do casal constituido em 1790. Já em 1851 estava mudado para a Freguesia de Pirapora (Tietê), onde morreu a 4 de junho de 1877, viuvo desde 17 de novembro de 1866. O seu inventário e o de sua mulher se encontram no Cartório do 2.º Ofício, constando de ambos o mesmo título de herdeiros. Do seu, em 1877:

N1) Antônio Delfino dos Reis, falecido, ficando dois filhos.

N2) Joana Duarte dos Reis, casada com João Antônio dos Reis, de 53 anos.

N3) Maria Eufrosina Duarte, casada com Manuel Freire dos Santos, de 48 anos.

N4) Gertrudes Duarte dos Reis, casada com Manuel Inocêncio da Cruz, falecida, representada por nove filhos.

N5) João Batista dos Reis, falecido, representado por três filhos.

N6) Luiza Duarte dos Reis, casada com Salvador Pereira de Almeida, de 41 anos.

N7) Francisca Duarte dos Reis, casada com Joaquim Manuel da Silveira, já falecida, representada por seis filhos.

N8) José Manuel dos Reis, de idade de 33 anos.

Digitized by Google

N9) Josefina Duarte dos Reis, casada com João Carlos de Albertim Duarte, de 29 anos.

Nem no seu inventário, nem no de sua mulher Ana Cândida Duarte, vem nomeada a filha Ana Jacinta dos Reis, casada que fôra com seu tio Luiz Antônio dos Reis, F 3.º, porque falecida sem sucessão, em 1860, anteriormente a ambos os inventários. O sítio e morada dêste Antônio Manuel dos Reis foi no Bairro do Ribeirão da Onça, à beira do rio Tietê, próximo à Capela de S. Sebastão (Laras). Filhos:

N1) Antônio Delfino dos Reis, com 10 anos de idade no inventário de sua mãe, conferindo com a de 22 anos, no inventário paterno, casou em Tietê, a 8 de novembro de 1853, com sua prima Gertrudes Carolina dos Reis, filha de José Antônio dos Reis e de Ana Teresa de Campos Melo, F 4.º desta geração, e faleceu a 18 de março de 1860. Deixou:

Bn1) Antônio Delfino dos Reis (II), que casou com Luiza de Arruda Campos, filha de Antônio Vaz de Arruda (Silva Leme, 6º - 324) e de Ana Eufrosina de Campos. Teve:

Tn1) Antônio Delfino dos Reis (III), c.c. Lavínia Camargo, filha de Alfredo de Camargo Penteado.

Tn2) Adolfina dos Reis, c.c. Prudêncio da Silva Castro.

Tn3) Adelina dos Reis, c.c. João Alípio de Campos Leite.

Tn4) Alzira dos Reis, c.c. Anísio Camargo.

Tn5) Aureliano dos Reis Arruda, c.c. Alice.

Tn6) Oscar dos Reis Arruda, c.c. Ana Eufrosina Marcondes de Melo.

Tn7) Raul dos Reis Arruda, c.c. Maria, filha de Francisco da Mota Macedo.

Tn8) Luiz Reis Arruda, casado.

Bn2) Ana Cândida dos Reis (Nhá Candinha), moradora em Laranjal, casou com seu tio Antônio José dos Reis, filho de José Antônio dos Reis, F 4.º, onde virá a descendência, e de Ana Teresa de Campos Melo.

N2) Joana Duarte dos Reis casou com seu tio João Antônio dos Reis, F 6.º, onde a descendência, e faleceu com 80 anos de idade, a 6 de junho de 1898.

N3) Maria Eufrosina Duarte, com 48 anos de idade, em 1877. Casou em 1847 com Manuel Freire dos Santos, filho de homônimo casado em Itú, em 1823, com Maria Jacinta Duarte (Silva Leme, 3º - 487). O casal de Maria Eufrosina viveu e morreu na Capela de S. Sebastião (Laras), e não logrou descendência.

N4) Gertrudes Duarte dos Reis, já falecida por ocasião do inventário de seu pai, foi casada com Manuel Inocêncio da Cruz, filho de Joaquim Francisco da Cruz, e de Ana Teixeira Pinto (Silva Leme, 3º - 490), dos primeiros moradores da Freguesia de Pirapora (Tietê). Dêsse inventário constam os filhos que deixou:

Bn3) Maria Augusta da Cruz, de 21 anos, casada com Rodolfo Teixeira Pinto, nascido em Tietê a 15 de março de 1841, filho de André

Digitized by Google

Teixeira Pinto e de Gertrudes Dias de Aguiar (Silva Leme, 3º - 490). Teve a filha única:

Tn9) Zulmira, que casou com seu primo Elias Teixeira de Aguiar, filho de André Teixeira Pinto "o Andrézinho", e de Luiza Vaz de Almeida (Silva Leme, 6º - 325). Teve sete filhos:

Bn4) Antônio Luiz da Cruz, com 20 anos ao tempo do inventário de seu avô; casou com Josefina Corrêa da Silva, filha de Antônio José Leite da Silva, e de Maria Teresa da Silva. Deixou duas filhas, ambas com geração:

Tn10) Maria Augusta, casada com Jorge Morais Lara.

Tn11) Isabel, casada com Mário Alves Lima.

Bn5) Maria Miquelina, falecida solteira.

Bn6) Maria Augusta casou com André Teixeira Pinto "o Andrézinho", viuvo de Luiza Vaz de Almeida. Sem sucessão. Maria Augusta morreu com 83 anos, em agosto de 1941.

Bn7) Maria Luiza, casou com Eliezer Teixeira Pinto, filho de André Teixeira Pinto e de Luiza Vaz de Almeida. Eliezer e Maria Luiza faleceram deixando uma filha única, Lúcia, casada com José Corrêa de Arruda, com geração.

Bn8) Maria Francisca da Cruz, casou em Botucatú com o negociante João Santine e tem filhos.

Bn9) Luiz Antônio da Cruz, faleceu solteiro, com 17 anos.

Bn10) Maria Etelvina da Cruz, casou em primeiras nupcias com José Martins Bonilha, já viuvo, filho de outro de igual nome (Silva Leme, 5.º - 248) e de Ana Martins de Toledo. Teve dêste primeiro casamento quatro filhos, todos casados e com geração. Casou em segundas nupcias com Pedro Teixeira Pinto, filho de André Teixeira Pinto e de Luiza Vaz de Almeida, tendo dêste casamento três filhos, casados e com geração.

N5) João Batista dos Reis casou a 1.ª vez com Teresa Duarte Albertim, filha de João Carlos Duarte, de Itú, e de Ana Januária Albertim. Foi pequeno negociante em Tietê, onde a 8 de abril de 1868, lhe faleceu a esposa, deixando os seguintes filhos que constam do inventário dela, existente no Cartório do 2.º Ofício:

Bn11) Antônio, de 3 anos de idade, † criança.

Bn12) Francisco, de 1 ano de idade.

Bn13) Júlio de cinco meses de idade.

N5) João Batista dos Reis transferindo-se para Itú, convolou a segundas nupcias, com Joaquina Ermelinda da Costa, filha de Francisco Mariano da Costa e aí faleceu a 28 de dezembro de 1870, aos 31 anos de idade. Pais de

Bn13) Júlio dos Reis, que em Botucatú casou com Júlia Serafina de Almeida, filha de Francisco Antunes de Almeida (S. L., 2º - 418) e de Francisca Corrêa da Silveira. Júlio dos Reis foi, em Tietê, sucessivamente mestre de meninos, oficial do Registro Civil, tabelião e

Digitized by Google

Prefeito Municipal. Faleceu aos 67 anos de idade, a 18 de março de 1935. São seus filhos:

Tn12) Dr. Aristeu dos Reis, engenheiro, casado, com geração.

Tn13) Dr. Isnar dos Reis, magistrado, casado e com geração.

Tn14) Clarisse dos Reis, solteira.

Tn15) Dr. Almiro dos Reis, médico, casado, com filhos.

Tn16) Dr. Júlio dos Reis Filho, médico, já falecido, deixando sucessão.

Tn17) Hilda dos Reis, casada.

Tn18) Francisco dos Reis, solteiro.

Tn19) Dr. João dos Reis, médico.

Tn20) Dr. Esio dos Reis, bacharel, solteiro.

N5) Do segundo matrimônio João Batista dos Reis teve uma filha:

Bn14) Josefina da Costa Reis.

N6) Luiza Duarte dos Reis casou com Salvador Pereira de Almeida, filho de Joaquim Pereira de Almeida e de Ana Maria Leite. Silva Leme (2° - 418), diz que êste Salvador fôra casado anteriormente, 1817, com Carlota Eufrosina, no que há evidente equívoco, pois esta data é anterior à do casamento dos pais de Salvador; e sobrinho que bem o conheceu me assegura que êle foi casado apenas uma vez, e com Luiza dos Reis. Salvador Pereira de Almeida, marido de Carlota Eufrosina terá sido um homônimo tio dêste. O casal viveu em Tietê, em seu sítio no bairro do Entre Rios, e mais tarde se mudou definitvamente para Botucatú. Filhos:

Bn15) Ana, casou com Eduardo Duarte de Melo.

Bn16) João, casou com Antonia Fleurí, filha do Capitão José Francisco de Camargo Fleurí e de Reduzinda da Veiga Fleurí.

Bn17) Antônio, casado em primeiras nupcias com Brígida da Silveira, filha de Rafael da Silveira e de Ana Pereira de Almeida, e em segundas com Teresa, irmã de Brígida (Silva Leme, 5° - 236, n° 7-2).

Bn18) Eduardo, falecido solteiro, em Tietê.

Bn19) Luiz Pereira dos Reis foi o segundo marido de Maria do Amaral Camargo, filha de Antônio do Amaral Camargo e de Ana Coelho de Oliveira (Silva Leme, 3° - 550).

Bn20) Luiza.

N7) Francisca Duarte dos Reis casou com Joaquim Manuel da Silveira. Foram moradores na Capela de S. Sebastião (Laras). Francisca faleceu a 29 de dezembro de 1872 e está inventariada no Cartório do 2° Ofício em Tietê. Ao tempo do inventário de seu pai, os filhos que deixou eram:

Bn21) Rita, de 18 anos, casada com Joaquim de Lara.

Bn22) Rafael, de 16 anos, que veiu a ser segundo marido de Geraldina do Amaral Camargo, filha de Antônio do Amaral Camargo e de Ana Coelho de Oliveira. (Silva Leme, 3° - 550).

Bn23) Miguel, de 12 anos.

Bn24) Saloméia, de 10 anos.

Digitized by Google

Bn25) Ana, de 8 anos.
Bn26) Maria, de 6 anos.

N8) José Manuel dos Reis casou a primeira vez, em 1865, com sua prima Ana Cândida dos Reis, filha de João Antônio dos Reis, F 6º, falecida anteriormente ao inventário de seu pai, deixando dois filhos:
Bn27) Misael Cândido dos Reis.
Bn28) Pedro de Alcântara dos Reis.

N8) A segunda vez, José Manuel dos Reis casou com uma filha de José da Veiga, de Campo Largo, em Pôrto Feliz.

N9) Josefina dos Reis, casou em Tietê a 12 de abril de 1864, com João Carlos Albertim Duarte, professor particular e por algum tempo, secretário da Câmara Municipal de Tietê; filho de João Carlos Duarte e de Ana Januária Albertim. Consta ter êle falecido em Jaú, onde Josefina passou a segundas nupcias. Desconhecemos a descendência.

N10) Ana Jacinta dos Reis casou com seu tio Luiz Antônio dos Reis, F 3.º e não teve geração. O nome desta filha do casal Antônio Manuel dos Reis-Ana Cândida Duarte não consta nos inventários de seus pais, porque falecida anteriormente aos mesmos, sem sucessão. Mas existe o inventário dela e testamento no Cartório do 1.º Ofício em Tietê, em o qual declarou sua filiação, e que não teve filhos. No inventário vem a data do falecimento: 8 de fevereiro de 1860.

F2) Joaquim Antônio dos Reis, com 27 anos, em 1828, no inventário de sua mãe. Ausentou-se para o Sul e no inventário de seu pai, de 1851, vem dado como solteiro, e em lugar incerto.

F3) Luiz Antônio dos Reis, dado com 19 anos no inventário materno, e em papeis municipais de 1852, de 42 anos, casado, sem filhos. Casou com sua sobrinha Ana Jacinta dos Reis, filha de Antônio Manuel dos Reis e de Ana Cândida Duarte. Faleceu no estado de viuvo, a 18 de fevereiro de 1869, com mais de 60 anos. Seu inventário se encontra no Cartório do 2.º Ofício, em Tietê.

F4) José Antônio dos Reis, com 18 anos em 1828 e ausente para o Sul, conforme noticia o inventário materno; casou em 1837, em Pôrto Feliz, com Ana Teresa de Campos Melo, filha de Antônio de Pádua Botelho (Silva Leme, 4º - 156), e da segunda esposa Maria Isabel de Sampaio. Mudado em 1842 para Tietê, teve sítio em terras do Bairro do Laranjal. Faleceu a 30 de setembro de 1876. Do seu inventário existente no Cartório do 2.º Ofício, consta a relação de seus filhos e respectivas idades:

N11) Gertrudes Amália dos Reis, 37 anos; casou a primeira vez, a 8 de novembro de 1853, em Tietê, com seu primo Antônio Delfino dos Reis, filho de Antônio Manuel dos Reis, F 1.º, e teve:
Bn29) Antônio Delfino dos Reis (II), que casou com Luiza de Arruda Campos, filha de Antônio Vaz de Arruda (o Mono).
Bn30) Ana Cândida dos Reis (Nhá Candinha), ainda viva, moradora em Laranjal; casou com seu tio (N15) Antônio José dos Reis.

Digitized by Google

N11) Gertrudes, casada a 2.ª vez, a 9 de fevereiro de 1861, com Gaudio Fernandes de Pádua Melo, filho de Elias de Pádua Melo e de Francisca Pereira de Almeida, teve:

Bn31) Carmelitana de Pádua Melo, que casou com Lino de Góis Leme, filho de Inácio de Góis, ambos êstes naturais de Bragança e moradores na Vila de Pereiras. Teve onze filhos.

Bn32) Dinildo de Pádua Melo foi casado com Brasília Corrêa, filha de José Corrêa de Toledo (S. L., 2.º - 400) e de Ana Esméria de Arruda. Deixou 3 filhos, dois deles com geração.

Bn33) Elisa Pires de Melo, que foi casada com Salatiel Pires, farmacêutico por muitos anos em Laranjal, filho de Antônio Pires de Araujo (S. L. 2º - 332 e 9º - 100). Tem nove filhos.

N12) Maria Antonia de Campos Melo, nascida em Pôrto Feliz, em 1841, casou em primeiras npcias, em Tietê, em 1856, com Manuel de Campos Penteado, professor de meninos, filho de Manuel de Campos (S. L., 4.º - 210) e de Maria Joaquina; viuva sem sobrevivência de filhos, passou em 1861 a segundas nupcias com Elias Vaz de Almeida, também viuvo. Houve dêste consórcio os seguintes filhos, todos com larga descendência:

Bn34) Adolfina Vaz de Camargo, viuva do Coronel Indalécio Ferreira de Camargo, de larga geração.

Bn35) Dr. José Elias de Almeida, que foi casado com Elisa Junqueira, ambos falecidos.

Bn36) Cesarina de Almeida Lima, viuva de Manuel Augusto Alves Lima.

Bn37) Joaquim Elias Vaz de Almeida, casado com Lídia Ortman.

Bn38) Dr. Cantidiano de Almeida, que foi casado com Alice Garcia.

Bn39) Arielo Vaz de Almeida, casado com Francisca Teixeira de Almeida, filha de Francisco Teixeira da Silva Pinto e de Carolina de Almeida Cardia.

N13) Gabriela Brasília dos Reis, de 32 anos, que no termo de seu casamento está como Gabriela Augusta de Melo, casou a 1º de agosto de 1863 com Antônio Rodrigues da Costa, natural de Tatuí, filho de Francisco Rodrigues da Costa e de Maria Palicena. Deixou nove filhos com larguíssimas descendências.

N14) Carolina dos Reis (Nhá Lôla), dada com 30 anos em 1876, no inventário de seu pai. Casou a 1.º de agosto de 1863, com Heliodoro do Amaral Camargo, filho de Salvador do Amaral Camargo (S. L., 3.º - 550) e de Gertrudes Silveira Leite. Teve dois filhos, ambos com geração.

N15) Antônio José dos Reis, de 25 anos casou com sua sobrinha (Bn30), Ana Cândida dos Reis (Nhá Candinha), filha de Antônio Delfino dos Reis e de Gertrudes Carolina dos Reis Deixou um filho único:

Bn40) José Antônio dos Reis, que casou com Maria Augusta de Almeida e tem descendência.

Digitized by Google

N16) Ana Teresa de Melo, com 26 anos no inventário paterno. Foi casada com João de Assiz Cruz (S. L. 2, 339) e teve quatro filhos todos com sucessão.

N17) Virgília Amália dos Reis, com 15 anos ao tempo do inventário de seu pai, casou com Bento Rodrigues Monteiro (o Boiadeiro), natural de Tatuí. Deixou cinco filhos.

F5) Francisco Antônio dos Reis, com 17 anos no inventário de sua mãe e ausente para o Sul. No inventário de seu pai, de 1851 vem como casado e residente no Sul.

F6) João Antônio dos Reis, em papeis municipais de Tietê de 1852, era dado com 40 anos de idade, casado e com filhos. Casou com sua sobrinha Joana Duarte dos Reis, filha de Antônio Manuel dos Reis (II), F 1.º e de Ana Cândida Duarte, tendo vivido alguns anos, solteiro, no Sul. Teve sítio no bairro do Ribeirão da Onça, em Laranjal, que vendeu a José Bráulio de Camargo. Faleceu, em Tietê, a 13 de fevereiro de 1908, na avançada idade de 96 anos, no estado de viuvo, desde 1898. Seu inventário e o de sua mulher estão arquivados no Cartório do 1.º Ofício da cidade. Do seu consta que só lhe sobreviveu uma filha solteira, tendo netos de outras duas que foram casada. Foram os filhos:

N18) Maria Antonia dos Reis, solteira, a que lhe sobreviveu.

N19) Gertrudes dos Reis, mulher que foi de Luiz Rodrigues dos Reis. Deixou:

Bn40) João Rodrigues dos Reis, residente em Tatuí.

Bn41) Maria dos Reis, falecida anteriormente ao inventário de seu avô; fôra casada com Samuel Alves Rocha e deixou um filho de nome Eliseu Alves da Rocha.

Bn42) Zulmira dos Reis, casada com João Alves da Rocha.

Bn43) Alzira dos Reis, casada, residente em Tatuí.

Bn44) Luiz Rodrigues dos Reis, residente em Tatuí.

Bn45) João Batista dos Reis, residente em Tatuí.

Bn46) Maria Etelvina dos Reis, casada com José Alves da Rocha, residente em São Manuel.

N20) Ana Cândida dos Reis, casara em 1865 com seu primo José Manuel dos Reis, F 1.º, n.º 8 desta geração, onde já estão nomeados os filhos. Seu inventário, de 1872, existe no Cartório do 2.º Ofício.

F7) Ana Gertrudes de Melo (Nhaninha Mâncio) casou em 1828, em Porto Feliz, com Mâncio Pinto Teixeira da Silva, filho do Tenente Matias Teixeira da Silva e de Francisca Maria de Paula, dos primeiros moradores de Pirapora (S. L., 6.º - 293), neto materno de Mâncio Pinto e de Ana da Costa, no que deve ser corrigido Silva Leme. Mâncio foi primeiro boticário na então Freguesia de Pirapora (Tietê), exercendo a arte de curar, que seguira em Pôrto Feliz com o cirurgião-mór Francisco Alvares Machado de Vasconcelos. Faleceu em Tietê, em 1871, com 75 anos de idade, e está inventariado no Cartório do 2.º Ofício. No inventário a viuva Ana Gertrudes de Melo vem referida com 54 anos de idade, e seguinte a relação de herdeiros:

Digitized by Google

N21) Matias Teixeira da Silva, 40 anos de idade. Foi pai do Dr. Antônio Teixeira da Silva Pinto.
N22) Gertrudes Teixeira Pinto, 38 anos de idade.
N23) Antônio Teixeira da Silva Pinto, ausente para as partes do Sul.
N24) José Teixeira da Silva Pinto falecido, de 34 anos de idade. Casara a 2 de outubro de 1859, com Isabel da Silveira Leite, filha de Joaquim Corrêa da Silveira e de Ana Francisca da Silveira, deixando os quatro filhos:
Bn47) Elisa, de 11 anos.
Bn48) José, de 10 anos.
Bn49) Ermelinda, de 6 anos.
Bn50) Joaquim, de 4 anos.
N25) Francisca Carolina Teixeira, de 32 anos de idade. Faleceu solteira e idosa, em Tietê.
N26) Maria Alexandrina Teixeira, de 30 anos de idade. Faleceu solteiteira e idosa, em Tietê.
N27) Francisco Teixeira da Silva Pinto, de 28 anos de idade. Casou com Carolina, filha de Eliseu Antunes Cardia (S. L., 4.º - 405) e de Gertrudes de Almeida, neta materna de Joaquim Vaz de Almeida e de Luiza Portela Leite. Deixou 10 filhos, com largas descendências.
N28) Luiz Teixeira da Silva Pinto, de 26 anos de idade. Nhô Luiz Mâncio, como era conhecido, casou com Ana de Sousa, filha de Francisco Antônio de Sousa Machado e de Gabriela Rodrigues. Tem descendência.
N29) Amélia Miquelina Teixeira, de 22 anos de idade. Nhá Amélia Mâncio faleceu solteira, otogenária em 1936, em São Paulo.
N30) Joaquim Teixeira da Silva Pinto, de 21 anos de idade. Matias N21 foi gêmeo de Mâncio que já não consta na relação de herdeiros, ambos batizados em Tietê, em dezembro de 1819.
F8) Mâncio Antônio dos Reis, o inventário de seu pai, de 1851, o diz casado e ausente para o Sul.

* * *

Filhos do Alferes Antônio Manuel dos Reis, titular da família Reis, em Tietê, e de sua segunda esposa, Clara Maria Teixeira, foram três:
F9) Francisco de Paula Teixeira da Fonseca, com 18 anos em 1851. Conforme o genealogista tieteense Francisco Corrêa de Almeida Morais, foi casado com Carolina Viegas Xorts, filha do Alferes Joaquim Viegas Moniz e da segunda esposa, Isabel de Almeida Leite, filha do Tenente Domingos de Almeida Campos. Silva Leme dá um Francisco Antônio da Fonseca como marido de Francisca de Carvalho, filha do Alferes Joaquim Gabriel de Carvalho e de Maria Ilustrina (S. L., 5.º - 273), que bem pode ser êste filho do Alferes Antônio Manuel dos Reis pois, por Francisco Antônio da Fonseca também o nomeia o genealogista tieteense. Neste caso, teria êle sido duas vezes casado. Desconheço a descendência.

Digitized by Google

F10) Antônio Manuel Teixeira da Fonseca. Em 1851 era dado com 14 anos e faleceu solteiro, com vinte anos.

F11) Rita Teixeira da Fonseca, casou em 1847 em Pôrto Feliz, com seu primo Antônio Teixeira Goulart de Faria, filho do Alferes Domingos José de Faria (S. L., 6.º - 292) e de Ana Maria Teixeira, casados em 1818, em Pôrto Feliz, onde o Alferes morreu em 1858, aos 66 anos de idade. No Cartório do 2.º Ofício em Tietê existe o inventário de Antônio Teixeira Goulart de Faria, falecido a 18 de junho de 1874. A viuva Rita Teixeira da Fonseca é dada com 39 anos. Do inventário consta a seguinte lista dos filhos que deixou:

N31) Antônio Goulart de Faria, 23 anos, "o Goulartinho".
N32) Domingos Goulart de Faria, 21 anos.
N33) Luiz Antônio Goulart de Faria, 18 anos.
N35) Francisco, 9 anos.
N36) José, 7 anos.
N37) João, 3 anos.
N38) Clara Maria da Fonseca, 11 anos.

Os filhos do Alferes Antônio Manuel dos Reis, no meado do século passado migrados para as terras de Tietê, foram pequenos proprietários rurais de medianas posses. Eram altos, bem apessoados.

O patronímico Reis nestas glebas não prosperou nem se expandiu, como era de esperar de tantas vergonteas que para cá o trouxeram.

Casamentos infecundos, a retirada definitiva de portadores do nome para outros lugares, e sobretudo casais de preponderantes descendências femininas que, em casando não transmitem o apelido, foram causas determinantes do sucedido.

De fato, porém, o sangue de Reis, em Tietê, circula nas veias de muitos, embora não constatado pelo apelido familiar, e por vezes, nem sequer sabido ou suspeitado pelos mesmos que o levam.

Tietê - Março - 1943.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. José Guimarães, de Ouro Fino:

"Apresento-lhe meus sinceros cumprimentos pelo magnífico "Anuário" de 1943, do qual agradeço a remessa."

Do sr. Coronel Mário Hermes da Fonseca, do Rio de Janeiro:

"Felicito o prezado amigo pela sua eleição para a Academia de Ciências e Letras de São Paulo. E' mais um triunfo na sua já brilhante vida literária. Li e gostei do seu trabalho sôbre o patrono da cadeira."

Do sr. Alfredo Teodoro Rusins, de Petrópolis:

"Acuso o recebimento do 5.º volume do "Anuário Genealógico Brasileiro" e os volumes 2, 3 e 4 da "Biblioteca". Apresento a V. S. os meus mais sinceros protestos de elogio pela obra patriótica e escrupulosa que vem realizando não obstante as dificuldades de tôda a sorte que naturalmente encontra no caminho a-fim-de tão auspiciosamente se desempenhar de sua missão."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE MINAS GERAIS
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Trisavós do Presidente Getulio Vargas

Cônego Raimundo Trindade

Cônego Raimundo Trindade

CÓPIA - Cônego Raimundo Otávio da Trindade, diretor do Arquivo Geral da Arqidiocese de Mariana, Secretário do Arcebispado e Chantre da Sé Metropolitana.

Certifico **que no livro 2.º de assentamentos de casamentos da antiga paróquia da Borda do Campo, a fls. 176, está registado o seguinte:**

"João Rodrigues de Aguiar e Isabel Maria do Prado - Aos vinte dias do mez de Junho de mil setecentos e quarenta e um annos pelas dez horas da manhã nesta Matriz de Nossa Senhora da Piedade, freguezia da Borda do Campo, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições, e julgados sem impedimento algum pelo muito Reverendo Doutor Amaro Gomes de Oliveira, Vigario da Vara desta Comarca, e com provisão sua que fica em meo poder, em presença do Rdo. Padre Manoel de Loureiro Capellão de Nossa Senhora da Ajuda desta dita freguezia, com licença minha *in scriptis*, sendo presentes por testemunhas Domingos Vaz Torres e José Pinheiro pessoas conhecidas se cazarão em face da Igreja, solenemente por palavras João Rodrigues de Aguiar, filho legitimo de Antonio Rodrigues de Matos e Lucrecia Portes de El Rey, bautizado na freguezia do Furquim destas minas e Bispado do Rio de Janeyro, e Isabel Maria do Prado, filha legitima de Felis Mendes do Prado, e sua mulher Josefa Ribeyra da Silva, bautizada na freguezia de Prados desta comarca, e moradores todos nesta freguezia da Borda do Campo. E logo lhes dei as bençoes conforme os Ritos e Cere-

Digitized by Google

monias da Igreja, do que fiz este assento em o dia seguinte, que por verdade assigney. Vigr° José Felippe de Gusmão e Silva."

Copiado fielmente. *Ita in fide muneris mei.* Mariana 28 de julho de 1943. (a.) CÔNEGO RAIMUNDO OTÁVIO TRINDADE.

Livro n.° 4 - Página 112:

"JOSEFA - Aos nove dias do mez de Dezembro de mil setecentos e quarenta e cinco annos na Capella de Nossa Senhora da Conceição da Ibitipoca desta freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo o Reverendo Padre Manoel de Barros Capellam da dita Capella, de licença minha poz os santos oleos a Josefa filha legitima de João Rodrigues de Aguiar, natural da freguezia de Forquim destas minas, e de sua mulher Izabel Maria do Prado natural da freguezia dos Prados destas ditas minas, e moradores nesta freguezia da Borda do Campo, neta pela parte paterna de Antonio Rodrigues de Matos e de sua mulher Lucrecia Pontes de El Rey, a qual Josefa nasceu aos quinze dias do mez de novembro desse dito ano, e aos dezasete dias do dito mez e anno por estar in periculo mortis foi particularmente bautizada pelo Alferes Joam Francisco da Cunha tambem desta dita freguezia. De que fiz este assento ut supra. - O Vig.ro M.el da Sylva Lagoinha."

"ANTONIO - Livro n.° 4 - Página 161 - Aos vinte e dois dias do mez de Fevereiro de mil setecentos e quarenta e oito na Capella de Nossa Sra. da Conceição de Ibitipoca filial desta Parochia da Borda do Campo, bautizou de licença minha, o Reverendo Padre José Vieira de Payva a Antonio filho legitimo de João Rodrigues de Aguiar e de sua mulher Izabel Maria do Prado, e lhe poz os santos oleos, nasceu aos dezoito de Janeiro, foram padrinhos Caetano João e Antonio de Rodrigues Pacheco, de que fiz este assento por impedimento do Reverendo Vig.ro actual. - O P.e Manoel Pereira de Azevedo."

Livro n.° 5 suplementar de Batizados - João Rodrigues de Aguiar foi padrinho de batismo de Florencia, batizada em 1758, na Capela de N. S. da Pie.de da Cachoeira, filial desta matriz, filha legitima de Antonio Dias da Cruz e de Tereza da Silva. Foi madrinha Maria Vicencia, viuva. - Página 33 verso do dito livro.

Livro n.° 4 - Página 69 - Izabel Maria do Prado é neta pelo lado paterno de Lucas Mendes do Prado e de Maria Rodrigues Machado, da freguezia de Santo Amaro de São Paulo, e pelo lado materno de Pedro Leme da Silva e Leocadia Ribeiro Baião, da dita cidade de S. Paulo. E' o que consta do assentamento de batizado de um seu irmão, Felipe, nascido a 3 de agosto de 1743.

Foram encontrados os assentamentos de batizados de Úrsula, Catarina e Clara, filhas de José de Vargas e Rosa Maria, netas pelo lado materno de Tomáz Rodrigues e Catarina Silveira.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do sr. Antônio B. Martins Aranha, do Rio de Janeiro:

"Tive a grande satisfação de receber o seu valioso trabalho "Os Gonçalves" (de Queluz). Muitíssimo obrigado."

 Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE GOIAZ
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Troncos Genealógicos, de Goiaz

P.e José Trindade da Fonseca e Silva

P.e José Trindade da Fonseca e Silva

I - TRONCO DA FAMÍLIA XAVIER DE BARROS

(CAPELA DE SANTO ANTÓNIO, FREGUESIA DE MEIAPONTE)

"Aos coatro dias do mez de Julho de mil sette centos e quarenta e trez annos baptizei e puz os Santos Oleos nesta Capella de Santo Antonio, filial desta Matriz de Nossa Senhora do Rosario, a JOÃO filho legitimo do Alferes Manoel de Barros Martins e de Dona Anna Paes de Mello Albuquerque, nasceo a vinte e coatro de Junho, nepto pela paterna de Fabricio de Barros e de Domingas Martins Ramos, naturais da Villa de Vinna Arcebispado de Braga, e pela materna do Capitão Manoel da Silva Barreto e de Dona Ramos de Oliveira, naturais do Recife Bispado de Pernambuco. forão padrinhos Capitão Simão Vieira e Dona Maria Leite do Rosario, todos desta Freguezia, e para constar fiz este assento dia era ut Supra. O Vigario. Manoel Nunes Collares da Motta."

Vide livro primeiro de batizado de Meia-Ponte, página vinte e seis.

II - TRONCO DA FAMÍLIA COSTA TEIXEIRA, RAMIFICADA DE MEIAPONTE PARA SANTA CRUZ E BONFIM

"Aos trez de Abril de mil sette centos e quarenta e sette annos nesta Matriz de Nossa Senhora do Rosario de Meiaponte Comarca de Goyaz baptizou e poz os Santos Oleos o Reverendo Vigario Manoel Nunes Collares da Motta a MARTINHO innocente

Digitized by Google

filho legitimo do Tenente João da Costa Teixeira e de sua mulher Dona Maria Pedrosa Gracia, tendo nascido aos vinte e dois de Março do mesmo anno, nepto pella parte paterna de João da Costa Teixeira e de Margarida Angelica dos Anjos, naturais da cidade do Porto, e pella materna de Cosme Pedroso de Abreu e de sua mulher Ignes Moreyra Gracia da cidade de Sam Paulo, foy padrinho Antonio José de Campos, todos desta Freguezia e para constar fiz este assento dia era ut Supra. O Vigario Manoel Nunes Collares da Motta." Vid. L. 1º pág. 25-verso do Arquivo de Meiaponte. Batisados.

III - TRONCO DA FAMÍLIA FROTA

"Aos treze de Fevereiro de mil sette Centos e quarenta e seis nesta Matriz de N. S. do Rosario da Meiaponte Comarca de Goyaz batizou e poz os Santos oleos o Reverendo Vigario Manoel Nunes Collares da Motta, filho legitimo do Capitam de Mar e Guerra Antonio Rodriguez da Frotta natural da cidade de Lisbôa, baptizado na Freguezia de Sam Miguel. e da Sua Mulher Dona Antonia Maria de Jesus, natural da cidade do Rio de Janeyro, baptizada na Freguezia de Nossa Senhora da Candelaria; nepto pela parte paterna de Manonoel Rodriguez Fotta, natural da Villa do Barreyro do Arcebispado de Lisbôa, Freguezia de Nossa Senhora do Rosario da mesma Villa e de Sua Mulher Antonia Maria da Silva, natural da Freguezia de Nossa Senhora dos Olivaes extramuros da cidade de Lisbôa, e pela materna de Luciano Nunes Teixeira natural do lugar do *Touran* (?) Freguezia de Sam Miguel de Sylvares do Concelho do Lourado do Arcebispado de Braga, e de Sua Mulher Ignacia de Almeida de Jesus, natural da cidade do Rio de Janeyro, baptizada na Freguezia da Sé. Foraõ padrinhos o mesmo Avô Luciano Nunes Teixeira. Para Constar fis este assento dia era ut supra. O Vigario Manoel Nunes Collares da Motta."

Êste batisado se encontra no livro primeiro dêsse assento, à página 24 verso e 25.

O nome da criança batisada não consta no teor do registro, mas está à margem, muito bem grafado, nas duas páginas do referido livro (1732 a 1747). "O *innocente* chama-se José."

O Capitão Frota já existe em Meiaponte desde os seus primeiros dias, isto é, de 1735. Dele se fala muito, porém, os livros do registo de escravos são omissos nesta particularidade. O Frota só aparece com muita abundância de 1740 em diante. Tudo leva crer que seu preceptor nas Minas de Meiaponte fôra Luciano Nunes Teixeira, o construtor da Capela de N. S. do Carmo, sendo parentes daqui a razão de seu aparecimento em Meiaponte muito depois de Luciano. Êste Luciano, sim, fôra um dos primeiros de proeminência nessa região. Antes dele o fundador de Meiaponte, Antônio Rodriguez Tomar, Urbano do Couto Meneses e o Sargento-Mór José da Fonseca Barata

BATIZADO DE JOAQUIM, FILHO DE JOSÉ GOMES CURADO

"Aos doze de dezembro de mil sette centos e quarenta e seis, nesta Matriz de Nossa Senhora do Rozario de Meiaponte Comarca de Goyaz baptizou e pôz os Santos Oleos o Reverendo Coadjutor Manoel Pereyra de Souza a JOAQUIM tendo nascido aos dois

Digitized by Google

do mesmo mez, filho legitimo de José Gomes Curado e de sua mulher Dona Maria de Serqueira da Assumpção moradores nesta Freguezia, nepto pela parte paterna do Tenente Coronel Clemente da Costa Abreu e de Dona Maria Pinheiro de Serqueira, e pele materna, Digo. nepto pella parte paterna de Manoel Martins e de sua mulher Maria Gomes, moradores que forão, naturaes do lugar de Quintan termo da Villa do Certan, Priorado do Crato, e pella materna do Tenente Coronel Clemente da Costa Abreu natural da cidade de Lisbôa, e batisado na Freguezia de Nossa Senhora do Socorro, e de Dona Maria Pinheyro natural da Villa de Itú (está Outú) do Bispado de Sam Paulo e na Mesma Freguezia baptisado e faraõ padrinhos os mesmos Avós maternos e para constar fis este assento dia era ut Suprá. O Vigario Manoel Nunes Collares da Motta."

Êste precioso assentamento de batizado se acha no livro primeiro na página 25, que abrange a era de 1732 a 1747.

NOTA SOBRE ÊSTE REGISTO:

Trata-se nada menos do batisado da grande figura do General Curado, que encheu a nossa história militar de feitos extrordinários e sob todos os títulos um dos maiores goianos. A cidade de Jaraguá julga-se honrada de ser o berço dêste grande brasileiro; Pirenópolis também se preza garbosamente de ser a terra dêsse generalíssimo. Jaraguá, embora seja minha idolatrada terra natal, mas a justiça está com a terra de minha saudosa mãe. General Curado não nasceu nem no Arraial de Meiaponte nem muito menos na Capela de Santo Antonio. Tenente José Gomes Curado morou por muito tempo em Santa Rita "distrito de Santa Rita", dizem os documentos que consultei, por exemplo o registro de Ana, filha do mesmo Tenente José Gomes Curado (vide Livro 1º, pág. 13). Pelo registro apontado esclarece-se que o Tenente Coronel Clemente da Costa Abreu é que morava na Capela de Santo Antonio e José Gomes Curado em Santa Rita. O General é pois de Santa Rita, distrito pertencente à Freguesia de Meiaponte, como muito bem diz o assento em apreço.

Clemente da Costa Abreu é uma personalidade que merece um acurado estudo. É português lisboeta, transportou-se para Meiaponte logo nos seus primórdios, onde constitue família. Tenente José Gomes Curado casa-se com Maria de Serqueyra da Assumpção, filha do Tenente Coronel Clemente da Costa Abreu, que em 1733 reside em Meiaponte como grande proprietário de escravos arrastando o título de Tenente Coronel.

IV - REGISTROS HISTÓRICOS

O primeiro registo de batizado da paróquia de N. S. do Rosário de Pirenópolis, antiga Meia-ponte, é o seguinte:

"Aos dous dias do mez de Março de mil setecentos e trinta e dous annos bautizei e puz os Santos Oleos a Francisco filho legitimo de Bartolomeu da Cunha e Maria Cardoza; forão padrinhos Luiz de Barros (Buenos) da Silveira e Leonor Leme, de que fiz este termo dia mez e era ut supra. Joséph de Frias e Vasconcellos."

Vide o livro primeiro de batizados da paróquia de N. S. do Rosário de Meiaponte à página primeira. Rubricado êste livro por Frias e Vasconcelos, em abreviatura.

O terceiro batizado, já mais explícito, é o seguinte:

"Aos trinta e hum dias do mez de Março - de mil setecentos e trinta e dous nesta Igreja de Nossa Senhora do Rosario de meia-ponte bautizei e puz os Santos Oleos a Salvador adulto e escravo de Fernão Bicudo de Andrade forão padrinhos Francisco es-

Digitized by Google

cravo do mesmo sobredito e Joanna escrava de Antonio da Costa de Almeida de que fiz este termo; dia mez e anno assima. Joseph de Frias e Vasconcellos."

Está êste assento na mesma página e livro como acima ficou registrado. O quarto batizado é o seguinte:

"Aos tres dias do mez de Abril de mil setecentos e trinta e dous annos nesta Igreja de Nossa Senhora do Rosario da meia ponte bantisei (bautisei) e puz os Santos Oleos a Inacio filho legitimo de Manoel Teixeira de Araujo e de sua mulher Mariana Garcia, forão padrinhos o Guarda-Mór Rodrigues *THomar* e Leonor Leme, de que fiz este termo dia mez e era ut supra. Joseph de Frias Vasconcellos."

Êste batizado vem tirar uma dúvida quanto ao nome do fundador de Pirenópolis. Entre os historiados uns há que grafam Thomaz e outros Thomar. Está com a verdade a grafia THOMAR. É o último da primeira página do 1° livro da verdadeira história escrita de Goiáz pelo lado eclesiástico.

V - ASCENDÊNCIA DO PADRE TRINDADE

PADRE JOSÉ TRINDADE — Seus troncos genealógicos pelo lado materno, alcançando-se diretamente as linhagens: Nunes de Siqueira - Prado - Rodrigues Velho e Macieis.

1) P.e José Trindade da Fonseca e Silva é filho de: Ernesto de Camargo da Fonseca e Ernestina Lina da Silva.
2) Ernestina Lina da Silva é filha de: José Gomes de Sousa Rego e Josefa Lina da Silva.
3) José Gomes de Sousa Rego é filho de: Inácio de Sousa Carvalho e Zeferina Brandina de Siqueira.
4) Zeferina Brandina de Siqueira é filha de: Capitão José Gomes de Siqueira e Maria da Penha Campos.
5) José Gomes de Siqueira é filho de: João Bonifácio de Mendonça e Gouveia e Ana Rosa Francisca Xavier Leite (Ana Rosa de Siqueira).
6) João Bonifácio de Mendonça e Gouveia é filho de: Capitão-Mór José Gomes de Gouveia e Maria Barbosa da Silva.
7) José Gomes de Gouveia é filho de: José Gomes de Gouveia e Maria Nunes de Siqueira.
8) Maria Nunes de Siqueira é filha de: Capitão José Nunes de Siqueira e Ana Luiza Monteiro.
9) José Nunes de Siqueira é filho de: Manuel Nunes de Siqueira e Catarina do Prado (1570).
10) Catarina do Prado é filha de: Domingos Rodrigues Velho e Luiza da Cunha.
11) Manuel Nunes de Siqueira é filho de: Antônio Nunes de Siqueira e Maria Maciel.

Vid. Silva Leme - Títulos respectivos. T. 2°, pág. 137. - T. 8°, págs. 150, 173, 210, 406. Ultimamente: Genealogia de José Assuero de Siqueira - Tip. Siqueira em Pirenópolis - Goiáz.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE STA. CATARINA

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Marcos Konder Senior

Carlos Viana

Marcos Konder

Marcos Konder, o chefe da conhecida família Konder de Santa Catarina, nasceu a 5 de março de 1854, em Schweich, aldeia pitoresca situada à margem do amoravel e encantador Mosela, afluente principal do Rheno. Embora seus pais fossem agricultores e viticultores, resolveram desviar seu filho Marcos, um dos mais moços de numerosa família, da carreira tradicional do campo para outra, mais condizente com o seu organismo delicado e com os pendores precoces do seu espírito. Assim, depois de absorvido o curso primário do seu berço natal, foi o menino mandado para Treveris, a capital de Mosela, a-fim-de matricular-se no seminário pedagógico, onde aos 16 anos obteve o seu diploma de professor rural. Sobreveiu a guerra franco-prussiana de 1870/71, que interessou particularmente a região fronteiriça do Rheno e Mosela e envolveu direta ou indiretamente a população válida daquelas paragens. Como o jovem Konder não estivesse ainda em idade militar, foi designado para fazer o registro dos feridos e mortos no convento de Treveris, transformado em hospital de sangue. Familiarizando-se assim, muito cedo, com os horrores da guerra, essa circunstância influiu talvez no espírito do jovem professor para, dois anos mais tarde, emigrar para o estrangeiro. O ensejo se lhe ofereceu com o convite feito pelo seu velho conterraneo Nicolau Malburg, que achava-se estabelecido no Brasil há muitos anos, com uma grande casa de negócio,

Digitized by Google

e que, visitando a sua terra natal, em 1872, contratou o recem-formado mestre-escola para ser o educador particular de seus filhos. Dêste modo veiu Marcos Konder para o Brasil, residir na cidade de Itajaí, em Santa Catarina. A travessia transoceânica de Hamburgo ao Rio de Janeiro, num vapor da classe mista, foi uma aventura difícil para o jovem emigrante, entretanto, mais penosa devia ser a viagem costeira no brigue à vela "Piá", que o trouxe até Itajaí. Aos dezoito anos achava-se Marcos Konder em terra estranha, mas hospitaleira, a dedicar-se ao seu mistér, aprendendo ao mesmo tempo a língua do país, que êle não tardou em manejar corretamente. Nas horas vagas o mestre ofereceu-se para auxiliar o pessoal do escritório e balcão do negócio, estabelecido paredes-meias com a casa residencial. E nêsse trabalho secundário e gratuito o jovem Konder encontrou tantos atrativos que não tardou em abandonar a profissão árdua e ingrata de professor para entrar definitivamente para a casa Melburg, como um dos seus principais auxiliares, chegando em pouco tempo a ser procurador da firma. Achara então a sua verdadeira vocação: o comércio. Mas, espírito sociavel e alegre, não fosse êle filho do Rheno, procurava relacionar-se no pequeno meio social do seu novo "habitat", e nêsse convívio travou conhecimento com uma morena brasileira, de olhos e cabelos negros, que, embora possuisse apenas doze para treze anos, era já uma moça florescente e sedutora. Adelaide da Silveira Flores, assim se chamava a jovem, era a filha mais moça do Coronel José Henrique Flores, um dos grandes fazendeiros do vale do Itajaí e chefe do Partido Conservador. Os dois jovens, embora de raças e origens diferentes, depressa se compreenderam e dessa irradiação de simpatias mútuas, resultou o seu enlace matrimonial a 24 de julho de 1877.

Com a fundação do seu lar resolveu Marcos Konder deixar a casa Malburg e tornar-se independente, estabelecendo-se com uma casa de varejo, na mesma cidade. Não possuia capital, mas dispunha de bôas relações, e assim lhe foi facil obter crédito para o seu empreendimento. Mas esta sua primeira tentativa não foi coroada de êxito, porque com a enchente do rio Itajaí-assú, em 1880, que assolou tôda aquela região, surgiu uma grande crise que paralisou todos os negócios, levando algumas firmas quasi à insolvência. Escrupuloso e correto, como poucos, percebeu o jovem comerciante que não poderia resistir à crise e, como não quisesse dar prejuizo aos seus credores, vendeu o seu estabelecimento e pagou tôdas as suas dívidas. Em seguida empreendeu uma viagem ao Rio num dos barcos à vela da praça, a-fim-de procurar na Côrte uma ocupação conveniente e remuneradora. Já então lhe haviam nascido dois filhos: Evelina e Arno. Na Côrte também não encontrou um emprego adequado à sua operosidade e à sua competência, mas não perdeu o seu tempo: êsse período de inatividade lhe foi de certo modo vantajoso. Alojado numa casa comissária portuguesa, daquelas que naquele tempo costumavam dar hospedagem gratuita aos fregueses do interior, teve oportunidade de estudar a maneira de reorganizar a sua casa comercial em Itajaí, sob a base principal de facilitar aos negcciantes do interior a exportação direta dos seus produtcs para a maior praça do Brasil, libertando-se

Digitized by Google

dos intermediários e exclusivos exportadores daquele porto catarinense. De regresso a Itajaí, pôz logo em prática o seu plano e desta vez a sorte lhe sorriu. Em poucos anos de árduo e ininterrupto trabalho, fez do seu pequeno escritório de comissões e despachos uma das maiores casas exportadoras do vale do Itajaí. Graças ao escrúpulo e à correção que punha em tudo que fazia gozava Marcos Konder da confiança de todo o interior, especialmente do comércio e da indústria de Blumenau e Brusque, onde o seu nome, como negociante e como homem de larga projeção social, até hoje é lembrado com saudade. Sim, porque êle não era sòmente o homem que fazia do trabalho uma religião, mas também um espírito culto e um coração devotado ao bem público. Tôdas as iniciativas de carater social e cultural do vale do Itajaí — hospitais, igrejas, escolas, sociedades — tiveram em Marcos Konder um grande e desinteressado amigo e impulsionador.

A política não o tentou e, a não ser o cargo de substituto do juiz de direito da comarca, jamais quis ocupar posições de destaque. Mas o seu forte sentimento cívico o levou sempre às urnas: contribuia com o seu voto para os candidatos do seu partido, o Partido Republicano Catarinense, chegando muitas vezes a custear do seu bolso os pleitos eleitorais.

Com o seu trabalho e com o seu civismo poude Marcos Konder adquirir a cidadania brasileira e imprimir orientação exclusivamente nacional à educação de seus filhos. Infelizmente não conseguiu vêr realizado o seu ideal, de completar a formação de sua próle, pos muito cedo veiu a morte colhe-lo em suas garras, quando êle tinha apenas 44 anos. Em abril de 1898 resolvera embarcar para a Europa, a-fim-de buscar na mãe pátria lenitivo para os seus sofrimentos, mas, chegado a Hamburgo, teve de internar-se numa casa de saude, onde veiu a falecer a 30 de maio do mesmo ano. Por expressa determinação sua, foi o seu corpo embalsamado e trazido para o Brasil, a-fim-de repousar em solo brasileiro, na terra de seus filhos e que se tornára também sua pelo seu trabalho e pelo seu coração.

Do seu consórcio com d.ª Adelaide Silveira Flores nasceram cinco filhas e quatro filhos. Das filhas uma morreu em tenra idade, as outras casaram e constituiram família, e os quatro irmãos Konder ocuparam posições salientes na vida pública e social de Santa Catarina e do Brasil. Arno Konder, o mais velho, faleceu como Ministro-Conselheiro em Washington, em fevereiro do ano passado; o mais moço, Vitor Konder, falecido em agôsto de 1941, foi presidente da Câmara Municipal de Blumenau, deputado estadual e Secretário do governo de Santa Catarina e Ministro da Viação no quatriênio Washington Luiz. Os sobreviventes são Adolfo e Marcos. O primeiro foi Secretário do governo catarinense, deputado federal e governador de Santa Catarina, e o segundo exerceu os cargos de prefeito do seu município natal e de deputado e líder da assembléia estadual.

No dia 30 de maio corrente, fazem 45 anos que faleceu o velho Konder, e, na passagem dessa data, é justo que relembremos a memória dêsse varão honrado, que deixou, na sua vida e na sua descendência, traços inconfundiveis do seu trabalho fecundo e do seu acendrado amor ao Brasil.

Digitized by Google

ACADEMIAS, INSTITUTOS E ASSOCIAÇÕES GENEALÓGICAS

ÀS QUAIS SÃO ENVIADAS AS PUBLICAÇÕES DO INST. GENEALÓGICO BRASILEIRO

ARGENTINA: Instituto Argentino de Ciências Genealógicas.

BRASIL: Institutos Genealógicos de: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro (Distrito Federal), São Paulo, Minas Gerais, Goiáz, Paraná e Rio Grande do Sul. Sociedade Hans Staden.

ESTADOS UNIDOS: American Heraldy Society; The Genealogical Society of Utah; The Institute of American Genealogy; New England Historical Society e The New York Genealogical and Biographical Society.

ALEMANHA: Zentralstelle fuer deutsche Personen - und Familiengeschichte (Instituto Central de Genealogia Alemã); Deutsche Gesellschaft fuer Familienknde und Eugenik (Sociedade Alemã de Genealogia e Eugenia); Heraldische Gesellshaft Adler (Sociedade de Heráldica Adler); Verein Herold (Sociedade Herold); Gothaische Genealogische Taschenbuecher (Almanaques Genealógicos de Gotha).

BÉLGICA: Conseil Heraldique de Belgique.

ESPANHA: "Archivo Heraldico".

FRANÇA: Academie Heraldique Universel; "Bulletin de l'Association de la Noblesse Française"; College Heraldique de France; Institut Historique et Heraldique de France; e Society Française d'Heraldique.

HUNGRIA: Magyar Heraldical es Genealogical.

ITÁLIA: Collegio Araldico; Consulta Araldica del Regno; Reale Commissione Araldica Lombarda e "Rivista Araldica".

INGLATERRA: College of Arms; Court of the Lord Lyon; Herald's College; International College of Heraldy; London Genealogical Society; Lyon King of Arms; e The Society of Genealogists.

POLÔNIA: Kolegium Heraldycznego; Polskie Towarzystwo Heraldyczzne; e Societé Heraldique.

SUIÇA: Convention International d'Heraldique; e Societé Suisse d'Heraldique (três com o mesmo nome: em Basiléia, Friburg e Lausane).

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Coronel Laurênio Lago, do Rio de Janeiro:

"Acusando o recebimento, muito agradeço o "Anuário Genealógico Brasileiro", 5.º volume, digno de elogios e felicitações ao seu grande esforço."

Do Dr. João Dantas Martins dos Reis, juiz em Aracajú:

"Fiz algum empenho em conseguir novos sócios, mas, infelizmente, os meus patrícios ainda não quiseram compreender os fins uteis do Instituto e da sua revista."

Do Dr. Mário Torres, da Bahia:

"Em meu poder o n.º 7, 1.º semestre de 1943, da nossa "Revista", muito interessante na forma e na confecção e ansiosamente esperada."

Do Dr. Décio de Vasconcelos, de Belo Horizonte:

"Recebi ontem o "Anuário" de 1943, mais uma magnífica demonstração de sua perseverança e dedicação aos assuntos genealógicos. Podemos bem avaliar o esforço e sacrifício necessários para manter em dia publicações de tamanho vulto num momento de crise universal como o que atravessamos. Minhas felicitações e manifestações do mais decidido apoio."

Digitized by Google

INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS
DO RIO GRANDE DO SUL
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Mateus Simões Pires

Coronel Otávio Pires Coelho

Mateus Simões Pires

Atendendo com especial solicitude e distinta consideração o convite que me foi dirigido pelo ilustre Coronel Miguel Ney de Carvalho, nobre descendente de Mateus Simões Pires, uma das células mais fecundas da formação da família sul-riograndense na segunda metade do século 18º, apresento-me através destas linhas descoloridas, para descrever alguns traços e episódios de feições mitológicas, que gravitam em torno da pessôa modesta de meu antepassado pela linha materna, homenageando assim, a memória daquele que se fez raiz e tronco de uma frondosa árvore genealógica no descampado continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. E assim o faço, valendo-me da tradição oral da família, transmitida sucessivamente através das gerações que se irradiaram em diversas direções do rincão farroupilha como um vínculo histórico, naturalmente rendilhada de tonalidades poéticas e acompanhada do misticismo religioso, que emolduravam a época tumultuosa do povoamento das raias do extremo meridional brasileiro. Quanto à gêneses de Mateus Simões Pires, nada mais farei senão reportar-me do esboço biográfico do Sargento-Mór Antônio Simões Pires, escrito pelo laborioso Dr. Jorge Godofredo Felizardo, dinâmico investigador das origens das famílias sul-riograndenses e secretário do Instituto Genealógico sédiado na cidade de Pôrto Alegre, outrora Pôrto dos Casais.

Louvando-me no acatado conceito externado pelo Dr. Jorge Felizardo: Mateus Simões Pires é oriundo do Arquipélago dos Açores, Ilha Terceira, e

Digitized by Google

teria chegado ao Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, no ano de 1765, com procedência de Sta. Catarina, onde casou com d.ª Catarina Inácia [1], também natural da Ilha Terceira.

Foi Mateus Simões Pires um dos primeiros povoadores de Rio Pardo e uma das células matrizes mais prolíferas que se instalaram à margem esquerda do Jacuí, rio que canalizou a civilização lusitana pela campanha riograndense, seguindo a linha do menor esforço e de proteção decorrente de um dispositivo geográfico defensivo e adequado à época de penetração para o desconhecido e descampado Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul até então palmilhado pelos guaranís habilmente insinuados e orientados pelos jesuitas das missões do Alto Uruguai.

* * *

Na vetusta e histórica cidade de Rio Pardo e nas suas cercanias ainda se encontram fortes vestígios, atestando a passagem da existência laboriosa da veneranda personalidade do açorita Mateus Simões Pires. Entre os sinais eloquentes do respeito e consideração por sua individualidade, é a existência já secular de uma estreita e extensa rua, que ainda guarda a antiga denominação de "Beco Mateus Simões", como justa homenagem a um dos primeiros povoadores do reduto "Jesús Maria José", onde outrora se quebraram as investidas bélicas dos Vice-Reis da Bacia do Rio da Prata. O Beco Mateus Simões em marcha, vindo do lado do rio segue em direção à rua 15 de Novembro, formando um ângulo reto com a mesma. Prolongando-se a perpendicular até atravessar a referida rua 15 de Novembro encontram-se os velhos alicerces da casa de moradia de Mateus Simões Pires, atualmente localizados nos fundos do quintal de uma casa de construção moderna, que foi de propriedade de d.ª Carmelita Saldanha, bisneta de Mateus Simões pela linha materna e sobrinha em terceiro grau do Duque de Saldanha, que foi governador do Rio Grande do Sul em 1822. Nesse mesmo quintal, junto aos carcomidos alicerces do velho solar, que pertenceu a Mateus Simões ergue-se um frondoso pé de guabijú, que nos primórdios da estação da primavera se colma de perfumadas flores precursoras de farta messe de saborosos frutos de um verão dadivoso. Essa mui sociavel e familiar árvore de origem indígena, foi plantada pelo General Joaquim Sabino Pires Salgado, quando menino de dez anos de idade, que fez a transplantação do débil arbusto, da floresta que margeia o rio Jacuí. Volumoso curso dágua, em cujo dorso sinuoso subiu o surto fecundo da civilização açorita, que aos poucos foi se espraiando pelas verdejantes campinas do Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul. O menino Joaquim Sabino é bisneto de Mateus Simões Pires pela linha materna, e se fazendo homem, atingiu ao generalato. E como oficial subalterno fez a campanha do Paraguai, tomando parte em muitos combates e reconhecimentos.

À margem esquerda do rio Jacuí, ao sul da cidade de Rio Pardo, velho reduto que desempenhou o papel de célula matriz da formação sociológica das solitárias estâncias da campanha riograndense, distanciada de cerca de

(1) Filha de Manuel Gonçalves Mancebo, fidalgo açoriano, e de d.ª Agueda Maria.

Digitized by Google

duas leguas, existe com sua feição caraterística uma chácara solarenga, que pertenceu a Mateus Simões e por êste nome ainda conhecida entre os lindeiros e habitantes da campanha do município.

No leito do rio Jacuí confrontando com a chácara em apreço, ergue-se uma grande pedra coberta de saibro de côr avermelhada, muito conhecida pelos tripulantes das embarcações fluviais, que tem o nome de "Pedra Mateus Simões". Na época da baixa das águas, essa pedra se torna muito visível chamando a atenção dos navegantes cautelosos na observação da diferença de nível da corrente líquida e roteiro das embarcações.

* * *

Observando-se os mapas de diversos municípios da campanha do Rio Grande do Sul, facilmente se depara o nome de estâncias antigas que pertenceram a Mateus Simões, e que se tornaram mais tarde sucessões de seus descendentes. No município de São Sepé se encontra a Estância da Aroeira, que coube a d.ª Maria Xavier, filha do Major Vicente de Paula Simões Pires, que tomou parte no cerco de Montevidéu, na campanha de 1851. D.ª Maria Xavier foi casada com o republicano farroupilha Inocêncio Borges, que caindo prisioneiro das forças imperiais, foi recolhido à Fortaleza da Lage, onde esteve algemado por muito tempo. No município fronteiriço de Sant-Ana do Livramento, ainda floresce a Estância de São Gaspar, que pertenceu a um neto de Mateus Simões, o Tenente Gaspar Simões Pires, que fez a campanha de 1825, tomando parte na batalha do Passo do Rosário, onde se chocaram as forças do exército do Visconde de Barbacena com as do General Alvear.

O Tenente Gaspar Simões Pires retirou com o Exército Brasileiro, que acampou no Passo de São Lourenço, na margem direita do Jacuí, rio que veiculou a civilização da campanha sul-riograndense até a chegada da locomotiva a vapor e os carris de ferro.

Ainda no município de Sant'Ana do Livramento, se depara no topo de uma coxilha com a Estância da Boa Vista, que pertenceu a d.ª Rosa Violante de Vasconcelos Simões Pires, neta de Mateus Simões, e que foi casada com o Brigadeiro José Antônio Martins, figura de real prestígio entre as forças imperiais que defendiam o governo monárquico no decênio farroupilha.

No histórico município de Bagé, também se encontra a Estância das Palmas, situada próximo ao sinuoso rio Camaquã, conhecido anteparo tático das bravas legiões farroupilhas que pertenceu a Januário Simões Pires, neto de Mateus Simões, e partidário dos imperialistas e homem da confiança do General Silva Tavares, chefe imperialista que combateu tenazmente os partidários da República de Piratini.

Resumindo as citações desta natureza, enunciarei ainda o nome da Estância da Carolina, que de longe branqueia no dorso da histórica coxilha do Ponche Verde, que pertenceu a Alexandre Simões Pires, neto mais velho de Mateus Simões e veterano das campanhas contra as invasões do General Artigas, bravo precursor da independência da Província Cisplatina. Foi na

Digitized by Google

Estância da Carolina que o insigne Caxias assinou a paz de Ponche Verde no ano de 1845 com o General Canabarro e mais representantes do Exército Republicano. Como se vê, a célula fecunda de Mateus Simões Pires estendeu suas antenas em diversos setores da zona meridional do Continente de São Pedro, quando mais necessário se tornava o povoamento das vírides extensões fronteiriças do extremo sul brasileiro.

Terminando essa ligeira digressão geográfica, acompanhada de rápidas referências históricas de feições locais, seja-me permitido agora, falar mais diretamente da vida de Mateus Simões e de sua veneranda esposa d.ª Catarina Inácia [1], matrona de notaveis virtudes e de acentuado sentimento religioso. Louvando-me para isso, de informações que me foram proporcionadas a viva voz por d.ª Maria do Carmo Pires de Macedo, filha mais velha de Joaquim Simões Pires e minha tia pela linha materna. E bem assim, por conversação direta com o ilustre comandante do Colégio Militar de Pôrto Alegre, o sr. Marechal José Rafael Pires de Azambuja, trineto pela linha paterna de Mateus Simões Pires.

* * *

Na última década do século XVIII, Mateus Simões Pires compelido por uma doce nostalgia, e, ainda por interesses de família empreendeu uma viagem à saudosa Ilha Terceira, levando em sua companhia um escravo preto, que gozava de sua estima e confiança.

Terminados os preparativos de viagem, Mateus Simões tomou um veleiro e partiu rumo dos Açores, deixando em Rio Pardo sua consorte d.ª Catarina Inácia em companhia de seu único filho varão, o Sargento-Mór Antônio Simões Pires cuidando e zelando pelas suas Estâncias de criação bovina e lanígera.

Decorrido algum tempo de permanência na Ilha Terceira, regressava Mateus Simões ao Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul com o coração extravazando de alegrias e saudades, pensamento vibrando para a pessoa de sua querida Catarina Inácia, quando, de súbito, seu veleiro foi atacado em alto mar por um navio corsário argelino; caindo Mateus Simões prisioneiro com seu muito leal escravo preto, que nunca o abandonou nos momentos de angústia e perigo. E assim, começou uma odisséia tormentosa para Mateus Simões e seu cerbero escravo preto através dos mares misteriosos.

D.ª Catarina Inácia, sabendo da triste ocorrência por que passara seu esposo, ficou desolada, porém, poude sempre conservar animo forte e plena de esperança, contando ainda rever seu amado Mateus Simões. Seu espírito religioso e sua fé tomaram proporções mais acentuadas no transe doloroso em que estava sendo provada. O culto pelo nome de seu marido se transforma numa ardente mística religiosa de vasta amplitude, assiduamente lhe

(1) Catarina Inácia, filha de Manuel Gonçalves Mancebo, fidalgo português e de Agueda Maria. ("Nobiliário Sul-Riograndense", de Jorge Felizardo).

Digitized by Google

falando no íntimo de sua alma dolorida e dolente, como um aviso de doce procedência divina.

D.ª Catarina Inácia em obediência ao seu sentimento religioso, aos ditames da conciência e aos costumes da época, possuia no recesso de seu lar austero um oratório, onde diariamente invocava a proteção de Nossa Senhora do Rosário, em preces fervorosas para amparo de seu inesquecível Mateus Simões, que percorria os mares tenebrosos das sereias encantadas, qual Ulisses prisioneiro da saudade.

Emquanto Mateus Simões submetia-se à provações dos trabalhos forçados no convés e nos porões do navio corsário, possuindo apenas a liberdade de ouvir os gemidos agonizantes das vagas batendo nas muralhas do barco pirata torturando-lhe a esperança de rever sua amada esposa.

D.ª Catarina Inácia, combalida pela dôr que lhe invadira a alma, mas, ungida pela fé latente em seu coração, num doce gesto de inspiração religiosa, escreve uma prece fervorosa, que irradiando do fundo de uma alma sensibilizada, subia as regiões celestes, suplicando à Suprema Divindade o regresso de seu marido.

A prece escrita num pedaço de papel pergaminho, foi colocada entre os dedos da imagem de Nossa Senhora do Rosário, e assim se conservou por espaço de dez longos anos, tempo em que d.ª Catarina Inácia, súplice, implorando, aguardava plena de fé e cheia de esperança o tão almejado regresso de Mateus Simões.

Emquanto Mateus Simões, fazia sua ulisséia de dez anos pelos mares, imunizado da influência amorosa de qualquer sereia encantadora, qual Calipso em sua ilha, agasalhando Ulisses e lhe fruindo o amor — d.ª Catarina Inácia, como Penelope recusava firmemente a dois pedidos de casamento, tecendo sua teia de esperança com os fios da fé que acalentava seus sonhos de clarividente, afirmando que Mateus Simões não morrera, e que um dia êle voltaria ao seio da família com a sublime proteção de Nossa Senhora do Rosário!

Mateus Simões cumpria sua tormentosa e longa odisséia pelos mares revoltos e ainda cheios de mistérios, quando um dia no Golfo do México consegue com seu escravo preto pôr os pés em terra firme, fugindo do cativeiro dos corsários argelinos.

Do México, tomando uma corveta inglesa alcança o pôrto de Montevidéu, viajando depois por terra, chega à Colônia de Sacramento, onde se encontra com uma irmã, de nome Luciana Pires, que provavelmente deu origem aos Pires da Banda Oriental do Uruguai. Partindo da Colônia do Sacramento em longas e penosas cavalgadas, conduzindo sua bagagem no dorso de muares, Mateus Simões, em companhia de seu muito dedicado escravo preto, cruzando os campos extensos da futura Província Cisplatina e o território ainda pouco conhecido da campanha do Continente de São Pedro, atinge a invicta cidade de Rio Pardo, então bucólica povoação habitada na sua maioria por gente açorita, alguns lagunenses e as primeras gerações de gaúchos oriundos de elementos indígenas lusitanos, e os bravos

Digitized by Google

dragões de infantaria do comando do Coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, fundador da cidade de Rio Pardo.

* * *

Numa formosa manhã de primavera e sol radiante, d.ª Catarina Inácia resava aos pés da imagem de Nossa Senhora do Rosário, suplicando genuflexa a intervenção da Virgem, para que Mateus Simões voltasse ao lar, para assim lenir a sua angústia por demais prolongada. Acontece porém, que nessa memoravel manhã de primavera, pela influência de uma fôrça invisível, cai da mão da Imagem, a prece que há longos anos estava guardada entre os dedinhos imaculados da Santa Imagem de Nossa Senhora do Rosário.

D.ª Catarina Inácia estremece de emoção, e, tomada de uma crise nervosa em conjugação com sua enraizada mística religiosa, chora transfigurada, afirmando: "é um sinal do próximo regresso de Mateus Simões"!

E nêsse dia de céu translúcido e carinhoso, de lágrimas sinceras humedecendo as faces de d.ª Catarina Inácia, chega a Rio Pardo, Mateus Simões acompanhado de seu muito leal escravo preto que a tradição de família nos transmitiu com a alcunha de "Negro Marinheiro", que acompanhou Mateus Simões.

O autor desta tortuosa arenga, que vai se arrastando à guisa de história, teve a oportunidade de ver no ano de 1918, na casa de residência do sr. Franco Rodrigues Ferreira, consorte de d.ª Francisca Saldanha, bisneta de Mateus Simões, antigo morador do Rio Pardo, as velhas canastras de couro preto, rendilhadas de taxas amarelas, que guardavam as roupas de Mateus Simões na travessia da campanha, desde a Colônia de Sacramento até a incipiente povoação de Rio Pardo.

Guardo também em meu poder com respeito religioso o original de um retrato a "crayon" de Mateus Simões, que provavelmente foi tirado nos princípios do século XIX, quando o velho açorita já alquebrado descansava no seu amplo solar de Rio Pardo.

Terminando a narrativa da longa jornada de Mateu Simões por mares e terras, cheia de incidentes, que só podem interessar a seus descendentes, e ainda objetivando homenagear as gerações passadas, que ergueram os primeiros alicerces da civilização no Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, citarei alguns nomes ilustres oriundos de uma das células mais fecundas no povoamento do meu querido rincão gaucho.

Tomando como ponto de partida os netos de Mateus Simões, começarei enunciando os nomes de alguns descendentes de

D.ª MARIA ESMÉRIA SIMÕES PIRES

Almirante Alexandrino de Faria Alencar, bravo marinheiro, cujo nome é uma flâmula de nossa história naval e de ampla projeção nos domínios da administração pública. Foi ministro da Marinha por espaço de dez anos, tornando-se uma figura de alto relevo social.

Digitized by Google

Dr. Antão Gonçalves de Faria, engenheiro civil e propagandista emérito do regime republicano. Foi ministro da Agricultura no governo do Marechal Floriano Peixoto. Fez parte da Constituinte de 1891.

Capitão Afonso Gonçalves de Faria, veterano da Guerra do Paraguai. Serviu sob as ordens do bravo General Portinho.

Dr. Armando de Alencar, conspícuo ministro do Supremo Tribunal Federal e ilustre cultor das ciências jurídicas e sociais. Adiantado criador do puro sangue-inglês e destacada figura do turfe brasileiro.

General Heitor Coelho Borges, veterano da campanha de 1893 na defesa do govêrno do Marechal Floriano Peixoto. Fez parte das fôrças do General Carlos Teles que defendiam o sítio de Bagé, bem assim, das forças que defenderam a cidade do Rio Grande, quando atacada pela esquadra do Almirante Custódio de Melo.

Capitão Manuel Leonel Coelho Borges, como parte integrante das fôrças legais, defendeu o govêrno do Marechal Floriano Peixoto na campanha de 1893.

Coronel Guilherme Baeta de Faria, distinto engenheiro militar. Capitão Cícero Baeta de Faria, também engenheiro militar.

Dr. Zeferino de Faria, reputado advogado no Forum da cidade do Rio de Janeiro.

Dr. Franklin de Faria, clínico no Rio de Janeiro.

Dr. Luiz Leseigneur de Faria, engenheiro civil residente em Pôrto Alegre.

Dr. Afonso Coelho Borges, Dr. Artur Coelho Borges, ambos residentes em Pôrto Alegre.

Capitão Manuel Carneiro da Fontoura, Dr. José Borges de Leão, Capitão João Faria de Oliveira Lima, Dr. João Faria de Oliveira Lima.

Major Joaquim de Faria, veterano da Guerra do Paraguai e um dos heróis da retirada da Laguna.

Odorico Ferreira de Faria, alto funcionário do domínio da União - Ministério da Fazenda.

D.ª AGUEDA FRANCELINA SIMÕES PIRES

General Joaquim Sabino Pires Salgado, veterano da guerra do Paraguai.

General José Ricardo de Abreu Salgado, pertenceu à arma de Cavalaria. Coronel Guarací Salgado Freire, pertence à arma de artilharia. Coronel Arí Salgado Freire, espírito renovador e arrojado revolucionário; percorreu o sertão brasileiro na "Coluna Prestes", culminando sua atividade política na arrancada de 3 de outubro de 1930.

D.ª ROSA VIOLANTE DE VASCONCELOS SIMÕES PIRES

General João de Mendonça Lima, ilustre militar e operoso Ministro da Viação, que desde o ano de 1930 vem prestando relevantes serviços ao govêrno do Dr. Getúlio Vargas.

Digitized by Google

General Alcides de Mendonça Lima, que foi adido militar na República Argentina e desempenhou outras missões destacadas no seio do Exército Nacional.

Dr. Pedro de Mendonça Lima, diretor de uma das carteiras do Banco do Brasil.

Coronel Francisco Flores da Cunha, ex-deputado, ex-senador pelo Rio Grande do Sul e adiantado fazendeiro em Sant'Ana do Livramento.

Dr. José Antônio Flores da Cunha, ex-deputado, ex-senador, ex-governador do Rio Grande do Sul. Símbolo enérgico da bravura e cavalheirismo da fronteira gaucha. Guilherme Flores da Cunha, bravo lutador, que morreu heroicamente no combate de Ibirapuitan, na revolução de 1923. Senador Rivadavia da Cunha Corrêa, ex-ministro da Justiça e da Fazenda na presidência Marechal Hermes, prefeito do Distrito Federal na presidência Wenceslau. Dr. Romangueira da Cunha Corrêa, médico e político sul-riograndense, tendo sido deputado estadual e prefeito de Uruguaiana. Dr. Oscar da Cunha Corrêa, que como Capitão-Ajudante do Batalhão Benjamin Constant defendeu o govêrno do Marechal Floriano na revolta de 1893. Capitão Álvaro Martins Marques, Dr. José Marques Barreto Viana, Major médico Dr. Miguel Marques Barreto Viana, Capitão Luiz Marques Barreto Viana, General Miguel da Cunha Martins, General Flodoardo da Cunha Martins, Major Sebastião da Cunha Martins, Dr. Valdemar Martins Maia, advogado; Leôncio Martins Maia, conferente da Alfândega do Rio de Janeiro; Dr. Israel Souto, censor dos filmes levados à cena nos cinemas do Brasil; Major José Martins Galhardo, professor do Colégio Militar; Dr. Moisés Viana Filho, que foi assassinado quando no exercício de Juiz de Comarca, no Rio Grande do Sul; engenheiro civil Pedro Virgínio Martins; Coronel Urbano Martins Garcia, Tenente-Coronel de Engenharia Inade Carvalho Tuper, Major Guilherme Lara Tuper, Coronel Miguel Ney de Carvalho, intendente de guerra, anteriormente pertenceu à arma de infantaria com destacado merecimento, Tenente-Coronel de Cavalaria Lannes de Carvalho, Capitão Hélio Miranda, Capitão Frazão Teixeira, Dr. Claudino Sousa Martins.

DESCENDENTES DE D.ª ANA EULÁLIA DE VASCONCELOS SIMÕES PIRES

Dr. Antônio Alves de Azambuja, pertenceu como deputado à Assembléia Legislativa da Província do Rio Grande do Sul, no 2.º Reinado, gozando de vasto prestígio eleitoral. Marechal José Rafael Pires de Azambuja, professor catedrático da antiga Escola Militar de Pôrto Alegre. Comandou por muitos anos com elevada distinção o Colégio Militar, sédiado na capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Coronel Honorato Pradel, ilustre e acatado oficial da arma de artilharia. Capitão Manuel Alves Pires de Azambuja, Dr. Antônio Soares de Azambuja, Dr. Antônio Pradel, Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna. Coronel Marcos Antônio Alves de Azambuja, que foi presidente do Conselho Municipal de Pôrto Alegre e deputado estadual à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Digitized by Google

DESCENDENTES DE D.ª LUCIANA PRUDÊNCIA SIMÕES PIRES

Vicente Saldanha, foi adiantado fazendeiro e membro do Conselho Municipal de São Sepé (Rio Grande do Sul). Floriano Franco, Prefeito da cidade de Rio Pardo (Rio Grande do Sul). Major Mário Neves Galvão e Capitão Belarmino Neves Galvão, ambos pertencentes à arma de Cavalaria. Pela campanha do Rio Grande do Sul encontram-se muitos estancieiros possuidores de finos rebanhos, que descendem dêsse ramo dos Simões Pires.

DESCENDENTES DE GASPAR SIMÕES PIRES

Dr. Oscar Noronha, advogado. Dr. Felix de Abreu e Silva, engenheiro-fiscal da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul. Desembargador Florêncio Carlos de Abreu e Silva, ex-chefe de Polícia do Rio Grande do Sul e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. O Desembargador Florêncio de Abreu é portador de vasta cultura jurídica, além de erudito historiador. Dr. Antônio Carlos de Abreu e Silva.

DESCENDENTES DE VICENTE DE PAULA SIMÕES PIRES

Dr. Inocêncio Borges da Rosa, Desembargador da Côrte de Apelação do Rio Grande do Sul. O Dr. Borges da Rosa, pela sua cultura jurídica e notavel publicista, é reconhecido como expoente intelectual, que ilustra o cenário da jurisprudência no Rio Grande do Sul. Engenheiro-agrônomo Dr. Antônio Augusto Simões Pires. Dr. Itá Simões Pires. Tenente Nei Pires Corrêa.

DESCENDENTES DE ANTÔNIO SIMÕES PIRES

Coronel de Artilharia Ciro Vidal, operoso e distinto comandante de tropa.

Dr. Pedro Simões Pires, advogado e fazendeiro abastado no município de Sant'Ana do Livramento (Estado do Rio Grande do Sul).

Coronel Alcibiades Simões Pires, ilustrado oficial do Corpo de Intendente de Guerra. Foi professor zeloso da justiça, na Escola de Intendência. Deu publicidade a um livro sôbre administração militar.

DESCENDENTES DE ALEXANDRE SIMÕES PIRES

Dr. Álvaro de Almeida, Dr. Mariano de Sousa, Dr. Antônio Simões Cantera, clínico notavel, residente em Bagé; Tenente-Coronel Francisco Jorge Simões Pires, veterano da Guerra do Paraguai; Capitão Januário Gonçalves Pires.

DESCENDÊNCIA DE JANUÁRIO SIMÕES PIRES

Dr. Severino Simões Franco, residente em São Sepé. Dêste ramo de Mateus Simões, existe mais de uma centena de estancieiros criadores de gados vacum, equino e ovino espalhados pela campanha dos municípios de

Digitized by Google

Bagé, São Gabriel, Lavras e D. Pedrito representantes adiantados da pecuária gaucha.

DESCENDENTES DE JOAQUIM SIMÕES PIRES

Coronel Manuel Veríssimo Simões, veterano da Guerra do Paraguai, tomou parte no cerco de Uruguaiana no posto de Capitão. Chefe político de real prestígio na campanha rio-grandense e figura destacada no seio do antigo Partido Liberal, chefiado pelo tribuno Gaspar da Silveira Martins.

General Ildefonso Pires Castro, que pertenceu à arma de Engenharia, homem circunspecto, de carater tenaz e ação decisiva, espírito independente.

General João Luiz Pires de Castro, modelo de circunspeção e acatado professor da antiga Escola Militar do Rio Grande do Sul. Capitão Joaquim de Morais Castro. Major Hélio de Castro, que pertence à arma de Cavalaria. Capitão Jaul Pires de Castro. Capitão Juremir Pires de Castro. Major Gilberto da Fontoura.

Coronel João Antônio Simões Pires, prefeito do município de São Sepé; Dr. Antônio Augusto Simões Pires, advogado no Fôro de Santa Maria (Rio Grande do Sul) e estancieiro progressista na campanha de São Gabriel e São Sepé; Dr. Manuel Veríssimo Pires de Macedo, advogado e jornalista no município de São Sepé; Dr. Itá Simões Pires; Dr. Olavo Pires da Mota, Dr. Cícero Pires Brenner, Coronel Francisco Simões Pires, ex-Prefeito do município de São Sepé e possuidor de finos planteis de gado inglês, verdadeiro bandeirante da pecuária gaucha; engenheiro civil Santos Mota, Dr. Lázaro Simões Pires, médico que clinica na campanha do município de São Sepé; Coronel Manuel Simões Pires, bravo gaucho, que fazendo parte da "Coluna Carlos Prestes" percorreu o sertão brasileiro; Dr. Pedro Simões Pires, cirurgião-dentista na cidade de Santa Cruz (Rio Grande do Sul); Tenente Olí Simões Lund, Tenente Darcí Simões Stronchoen, Capitão Jacinto Pantoja Pires Coelho, Tenente João Pantoja Pires Coelho, Alcides Pantoja Pires Coelho, funcionário do Tesouro Federal e Álvaro Pires Coelho, químico da Central do Brasil.

Relacionados os nomes acima, assim encerro estas linhas mal alinhavadas que submeto à apreciação dos interessados, cônscio de que me esforcei no sentido de alcançar qualquer cousa de utilidade no assunto em apreço.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Júlio Marino de Carvalho, de Pelotas:

"Acabo de receber o n.º 8 dessa "Revista Genealógica Brasileira", que tanta honra tem carreado para a imprensa pátria. Como lhe é de sistema, veiu abundante de curiosas e brilhantes colaborações, tendo-me despertado especial interesse a seção de *ex-libris* onde primorosos clichés reproduzem as pequenas "vinhetas que falam". Tudo isso revela o zelo, a dedicação, a inteligência, a cultura de V. S. Parabens efusivos merece êsse Instituto Genealógico Brasileiro, do qual me orgulho de, agora, ser membro."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DO ESTRANGEIRO

Lusitanos radicados na Argentina Colonial

Celso Martins Schröder

Celso Martins Schröder

O sr. Carlos A. Luque Colombres, advogado na cidade argentina de Córdoba, deu à publicidade uma preciosa obra genealógica, de sua autoria, intitulada "Itinerário histórico genealógico alrededor de los Ferreira de Acevedo - Siglos 16, 17 y 18", na qual estuda o desenvolvimento de uma importante família oriunda de Baltasar Ferreira de Azevedo, que, natural das ilhas dos Açores, estava radicado na gleba cordovesa em 1590 e cuja descendência entrelaçou-se com as mais notáveis famílias de origem espanhola alí existentes. Lendo-se o referido trabalho, que é precedido de um prólogo do sr. Luiz G. Martinez Villada, constata-se que nada menos de 22 portugueses são citados como tendo se fixado naquela região da Argentina, o que vem demonstrar o valor da contribuição lusitana para o povoamento e desenvolvimento da província de Córdoba. Quem sabe si entre êsses portugueses não se encontrariam alguns brasileiros, pois é sabido que os platinos designavam genericamente por portugueses tanto os nativos de Portugal como o do Brasil, isto até à época em que nosso país já era nação independente?

Achamos interessante trasladar para aquí, com a devida vênia do autor, os nomes dêsses dedicados pioneiros que, na época colonial, colaboraram com sua laboriosidade e abnegação para o progresso dessa importante região do país vizinho e amigo.

Digitized by Google

ANTÔNIO SOARES MEXÍA - Capitão português, nasceu em Campo Maior, filho de Álvaro Fernandes Mexía e de Ana Soares. Veiu da Espanha na expedição de Zárate (1572), esteve na ilha de Santa Catarina (1573), Rio da Prata, Córdoba e Tucuman. Radicou-se em Córdoba, onde casou com Mariana Chavero (1538-1604).

BALTASAR FERREIRA DE AZEVEDO - Capitão português, nasceu na ilha de São Miguel (Açores), filho de Manuel Peres Machado e de Beatriz Ferreira. Residia em 1590 em Córdoba (Argentina), onde casou com Joana de Peralta y Cabrera (1558-1631).

RUI DE SOUSA - Capitão português, nasceu em Lisbôa, filho de Garcia de Sousa e de Isabel Nunes. Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Francisca Nuñez e Gregória de Peralta y Cabrera e foi sogro de João de Peralta Azevedo (1569-1633).

DOMINGOS LOURENÇO DE MASCARENHAS - Comerciante português, nasceu no Pôrto, filho de Gaspar Godines e de Maria Gonçalves Pallera. Foi um dos primeiros povoadores de Talavera (Argentina) e casou com Francisca de Cárdenas (1605) e Isabel de Escobar.

DIOGO ÁLVARES - Capitão e comerciante português, nasceu em Viana, filho de Pedro Afonso e de Isabel Dias. Radicou-se em Córdoba (Argentina) em 1623, onde casou com Catarina de Porres y Portugal. Morreu em 1657.

DOMINGOS DE VALADARES - Português, que se estabeleceu em Córdoba (Argentina), onde casou com Isabel Ferreira (1626).

ANTÔNIO FERREIRA - Português, radicado em Santiago del Estero (Argentina), onde sua filha casou com Domingos de Valadares (1626).

FRANCISCO LOPES CORRÊA - Capitão português, nasceu em Lisboa, filho de Jorge Lopes Corrêa e de Leonor de Lemos. Participou da fundação de Córdoba e Tucuman; casou com Maria de Ardiles, Leonor de Astudillo e Madalena de Escobedo. Morreu em 1629.

MANUEL FERREIRA DE AGUIAR - Português, nasceu na ilha da Madeira, filho de João Dias de Mascarenhas e de Beatriz Ferreira de Aguiar. Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Ana Dias Caballero (1631) e morreu em 1662.

ANTÔNIO FERREIRA DE DORMUNDO - Português, que se radicou em Córdoba (Argentina), onde casou com Mariana de Castañeda (1642).

JOÃO FERREIRA - Português, que se radicou em Córdoba (Argentina), onde casou com Joana de Leguizamo (1654).

MANUEL DE SÁ FERREIRA - Capitão português, nasceu em Lisbôa, filho de Bernardo Lopes de Sá e de Paula Ferreira. Residia em Córdoba (Argentina) em 1655 e morreu em 1668.

ANTÔNIO FERREIRA FORTUNA - Português, nasceu em Lisbôa. Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Micaela Sánchez. Morreu em 1659.

JOÃO PERES CABRAL - Português, nasceu em Lisbôa, filho de Pedro Peres e de Felipa da Silva e genro de Domingos Lourenço de Mascarenhas.

Digitized by Google

ESTÁCIO MACHADO DE ESCOBAR - Português, nasceu na ilha do Faial (Açores). Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Maria de la Jara e foi sogro de Francisco de Peralta.

INÁCIO FERREIRA - Português, nasceu em 1729. Radicou-se em Córdoba (Argentina) em 1779 e aí casou com Maria de Mercado.

LUIZ CASTANHO DE MORAIS - Português. Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Sebastiana Ferreira Abad (1751).

MANUEL FERREIRA PEREIRA - Português, que se radicou em Córdoba (Argentina), onde casou com Josefa Marchan (1764).

MANUEL FERREIRA DA CRUZ - Português, que residia em Córdoba (Argentina) em 1765.

JOSÉ AGOSTINHO FERREIRA DE LIMA - Português, nasceu em Lisbôa. Radicou-se em Córdoba (Argentina), onde casou com Maria Micaela Villarrubia Quevedo (1777).

ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA - Português, que se estabeleceu em Córdoba (Argentina), onde casou com Vitoriana Ferreira Abad (1782).

JOÃO CAETANO FERREIRA - Português, que se radicou em Córdoba (Argentina), onde casou com Manuela Almeida (1799).

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Prof. José Assuero de Siqueira, de Goiás:

"Recebi a "Revista", n.º 8. Está ótima."

Do sr. Fausto Teixeira, de Botucatú:

"Dou em meu poder o número 8 (oito) da "Revista Genealógica Brasileira", que li e examinei de um só folego. Só tenho motivos para tecer elogios à sua costumeira bôa apresentação, pois cada número tem vindo mais enriquecido de ótimas colaborações, o que demonstra o interesse que vem despertando no nosso povo as questões de genealogia, inegavelmente, contribuintes poderosas para o bom conhecimento da história e tradições nacionais. Aceite, portanto, meus parabens pela execução de tão grandiosa obra do nacionalização e vulgarização. Agradeço a remessa anexa do valioso trabalho do Cônego Trindade, sôbre Genealogia da Zona do Carmo. Vejo que já não é pequeno o número de pessoas de escol que se dedicam aos estudos genealógicos, e que êsse número aumentará, poderemos ter certeza, tal o interesse que vamos despertar em tôdas as camadas sociais por essa natureza de estudos."

Do Dr. Manuel Nogueira Viotti, do Rio de Janeiro:

"Agradeço-lhe integralmente penhorado a remessa do tomo 8 da "Revista Genealógica Brasileira", cujo sumário comprova fartamente a capacidade técnica e especializada de seu infatigavel diretor-responsavel. Meus parabens! Não posso deixar de referir-me à seção "Galeria Biográfica", de sua lavra e cuja continuidade trará valiosos subsídios para estudos mais desenvolvidos e que naturalmente terão nesse setor farta messe onde respigar."

Digitized by Google

APELO AOS SOCIOS:

No número passado (8), às págs. 518 a 522, publicamos o relatório e os balancetes desde o início do Instituto Genealógico Brasileiro. Por alí se vêm um deficit de Cr$ 26.341,20 nos três primeiros anos de vida do Instituto.

No próximo número publicaremos o balancete do 4.º ano (1943), que ainda aumenta mais o deficit. À vista do exposto, transcrevemos o apelo que fizemos aos sócios, na pág. 522 aludida:

Devido à guerra, a situação pecuniária do Instituto tornou-se dificílima. Isso mais se agrava pelo hábito de cêrca da metade dos sócios atrasar-se nos pagamentos. Se todos os sócios se mantivessem em dia, o Instituto nada deveria. O Instituto é pontual nas suas promessas e publicações. Portanto, apela para os seus associados para retribuirem essa pontualidade, mantendo-se em dia.

O sócio bem compreenderá que por menor que sejam as contribuições, é delas que depende a vida do Instituto, e são os recursos com os quais será possível manter-se sua Revista, ampliá-la e melhorá-la (em papel e clichés). O Instituto agora fica conhecendo aquêles que verdadeiramente se interessam pelo mesmo e os que querem publicar seus trabalhos, receber, publicar, etc., mas SEM nada contribuir. Não é justo.

Dos Estatutos. "Art. 2º - § 11º — Os pagamentos de anuidades serão adiantados. Art. 24º - § 1º — Os sócios em débito não terão direito de receber a Revista."

Em reunião de Diretoria ficou resolvido que só poderão colaborar na Revista os sócios quites. Essa resolução está dentro do espírito dos Estatutos. Por êstes, os sócios em atraso não têm direito a receber a Revista; logo, muito mais lógico, é que não tenham direito a colaborar.

Referências ao Instituto e suas publicações

Do Desembargador João Francisco de Oliveira Godói, do Goiáz:

"Recebi com a pontualidade do costume o "Anuário V". Como era de esperar-se, êste número nada desmerece dos números anteriores. Apreciei muito a parte relativa aos velhos recenseamentos de 1765, onde, com a coordenação feita pela redação prestará ela relevante serviço, facilitando a consulta."

Do sr. João Jaques Ribeiro do Vale, de Fartura:

"Acuso o recebimento há poucos dias, do "Anuário", de 1943, o qual, como sempre, muito me agradou. Recebi também, em épocas anteriores, a "Genealogia Mineira", 3 volumes dos "Índices Genealógicos", e 4 volumes da "Biblioteca Genealógicas", todos êles ótimos."

Do Dr. Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, de Goiáz:

"Junto um vale postal para pagamento do precioso "Anuário Genealógico Brasileiro", ano V, há pouco recebido. Meus agradecimentos pela oferta de sua excelente conferência sôbre a mulher, que muito apreciei."

Do Dr. José Guimarães, de Ouro Fino:

"Venho comunicar o recebimento do último número (8.º), da revista do Instituto (magnífica, como sempre), e bem assim os três primeiros volumes do "Anuário" e o belo trabalho do Rev.mo Cônego R. Trindade."

Digitized by Google

As tragédias da Casa dos Albuquerque

Mário D. Wanderley

Dr. Mário Wanderley

Nenhuma família antiga, de formação secular da raça de visigodos, entremeada de árabes e normandos navegantes, teve um passado tão trágico ou foi o alvo de tantas ambições desenfreadas, que a macularam e a estigmatizaram, do que a casa ilustre dos Albuquerque. O castelo dêste nome, de torres alvaraçans, almeias fendidas através os grossos paredões, ergue-se sôbre uma colina, dominando o burgo de Albuquerque, em pleno território espanhol através as planicies, entre o Tejo e Gualdaquevir. Como as terras fossem ferteis, bem situadas, ricas de pastagens e gadaria. foram logo alvos da ganância das casas reinantes de Espanha e Portugal. Elevando a fortaleza, guardião dos domínios de Castela, e fronteiro-mor das lindes com Portugal, algum nobre visigodo erigiu o castelo de Albuquerque como um bastião contra as hostes sarracenas. Da toponimia da palavra Albuquerque há duas explicações: 1º - *"Carvalho Branco"*, sendo *albus* o vocábulo branco e *quercus* carvalho. Mas no escudo e nos brasões de armas dos antigos nobres e ricos homens do grei dos Albuquerque não existe nenhuma referência e nenhum símbolo de carvalho de qualquer espécies, e ainda menos da espécie raríssima dos carvalhos brancos.

Para Frederico Sommer outra é a explicação: *quirk* em alemão antigo significava casa fortificada e *Bú*, em italiano il Bô = casa grande, sendo *al* partitivo árabe, o que corresponde ao artigo espalhol *el*. Em síntese: *"casa grande fortificada"*. O mesmo se dá com Dunquerque, vindo *dun* da língua céltica = dunum, que igualmente significa fortaleza.

Digitized by Google

Vários são os condes de Albuquerque conhecidos da antiga genealogia, mas, poucos, os verdadeiros, porque sob o domínio da monarquia portuguesa extinta ainda neste século, alguns comerciantes em pano de Vila Nova de Gaia foram agraciados com o título ducal daquele castelo da Extremadura.

A genealogia, embora confusa, ainda a decifra nos livros do Conde D. Pedro, título 45 e tomo 55, em Frei Manuel dos Santos (*Monarquia Lusitana tomo 12, livro 14*), D. Caetano de Sousa e tantos outros importantes linhagistas lusitanos.

Mas, nêste simples artigo, não vamos fazer esforços genealógicos e sim relatar três episódios trágicos na vida dos antigos senhores de Albuquerque.

Um dos antigos condes do castelo de Albuquerque, cognominado João Alfonso, um dos autores, vítima e defensor de vítimas, foi chanceler do rei D. Pedro Cruel de Castela e morreu em 1374.

Após um século, D. Beltran de La Cueva, o novo duque de Albuquerque, foi válido do rei D. Henrique IV, ao qual atribuiram a paternidade da filha do rei, apelidada La Beltraneja; mas, o conde, por uma sagacidade política ou como um protesto, foi um dos melhores elementos encontrados pela tia e rival da Beltraneja, Isabel, a Católica, para a sua subida ao trôno em 1474.

Perto do Castelo de Albuquerque, na Extremadura, havia, e ainda há as suas ruinas, o castelo de "Capilla".

D. Beltran, duque de Albuquerque, enamorou-se da formosa d.ª Galinda Teles e Menezes, filha única do alcaide e senhor de Capilla, D. Rodrigo de Queiroz Teles.

D. Beltran confiou o segredo do seu coração ao seu alcaide, D. Juan Torres, e, tendo trocado a sua rica armadura de aço espelhante por uma simples roupagem de menestrél, levou o servidor em sua companhia, no caminho do castelo de Capilla, aonde se celebravam festas. Revelada a identidade e as intenções do suposto menestrél, D. Rodrigo de Queiroz conseguiu o esposamento da sua filha com o nobre conde de Albuquerque, passando o castelo de Capilla e seus domínios para a casa dos Albuquerque.

Mas o pérfido alcaide Juan Torres também ficou enamorado das graças da castelã, e, logo depois, aproveitando a ausência do conde de Albuquerque, apoderou-se dos castelos ducais e da sua castelã, levantando o estandarte da rebelião contra o seu amo e senhor.

Mas D. Beltran volta; reune os seus homens d'armas, toma os castelos de assalto, liberta a esposa e prende o subdito traidor Juan Torres. E, num enorme gancho de ferro, pendente duma corrente, igual por imitação do construtor daquele que existe num castelo também duplamente fatídico da nossa Avenida São João, enforcou o seu desleal peão.

* * *

Antes dessa tragédia, outras houve no tempo da sucessão dos filhos legítimos e bastardos do rei D. Diniz de Portugal.

Pela ordem descendente, a genealogia dos Albuquerques portugueses, e dêstes ainda há vários ramos, é a seguinte:

Digitized by Google

1 — Jerônimo de Albuquerque (o Adão) e sua irmã d.ª Brites, filhos de

2 — Lobo de Albuquerque (o bode) e de sua mulher d.ª Joana de Bulhão. Foram irmãos de Lobo o grande Jorge de Albuquerque, o conquistador da Índia portuguesa; filho de

3 — Leonor de Albuquerque, casada com João Alvares de Gomide, cuja sorte adiante diremos; filha de

4 — Isabel de Albuquerque e João Gomes Vaz de Melo, o Moço; filha de

5 — Teresa de Albuquerque e D. Vasco da Cunha, o Velho, senhor do morgado da Tábua, rico homem e chefe dos Cunhas; filha de

6 — D. Fernando Afonso de Albuquerque, mestre de S. Tiago em Portugal e filho de

7 — D. João Alfonso de Albuquerque, o Bom, válido do rei D. Pedro de Castela e seu chanceler e duque de Albuquerque (1345), casado com uma filha do conde de Barcelos, D. João Afonso Telo e de sua mulher d.ª Teresa, que era filha do rei D. Sancho e de sua mulher d.ª Maria, filha do infante D. Afonso, senhor de Molina e filho de

8 — Afonso Sanches, que fundou o mosteiro da Vila do Conde e filho bastardo do rei D. Diniz e Aldonsa Ruiz Telha.

* * *

Na sucessão dos filhos e netos do rei D. Diniz houve luta e rebelião dos filhos, sobrinhos e netos contra o soberano. João Afonso de Albuquerque, duque de Barcelos, muito sofreu com as guerras de família, as perseguições do novo rei, seu tio, D. Afonso IV, que fez degolar o seu irmão João; outro senhor de Albuquerque, Alfonso Sanches, armou-se com o rei, D. Diniz (1329).

Pelo exposto, vemos, nesta linhagem cheia de tanta prosápia, duas bastardias e uma mudança de apelidos.

* * *

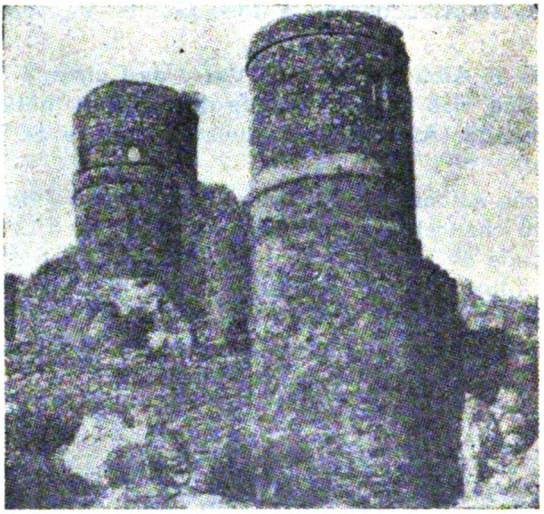
João Alvares de Gomide foi casado com d.ª Leonor de Albuquerque, filha de d.ª Isabel de Albuquerque e Gonçalo Vaz de Melo, chefe dos Cunhas, senhor de Castanheiros, Povoas e Cheleiros.

Gomide era o segundo senhor de Vila Verde dos Tancos, escrivão da Puridade de D. João I e D. Duarte, senhorio e cargo que recebeu e em que sucedeu a seu pai Gonçalo Lourenço de Gomide, companheiros de D. João I na empresa de Ceuta, onde se apresentou com 400 homens, "todos de seu livre e a maior parte deles de sua criação. Reconheceu-lhe o rei o bom serviço, armando-o cavaleiro quando repousava às portas da cidade, enquanto os infantes terminaram a sua conquista", (*Braanchamp Freire*: *Brasões de Cintra*).

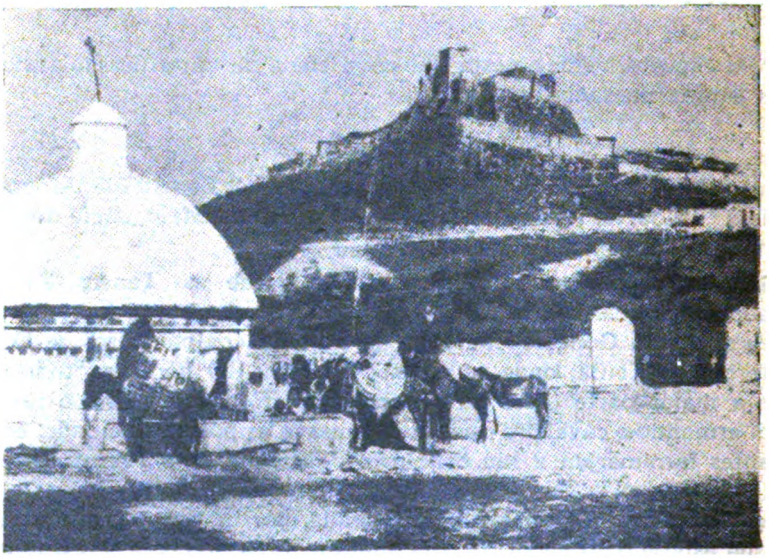
João Alvares ou Gonçalves de Gomide, por motivos ignorados, assassinou a sua esposa d.ª Leonor de Albuquerque, filha do chefe dos Cunha, Gonçalo Vaz de Melo.

Digitized by Google

A justiça ordinária condenou-o à morte e o degolou publicamente. Êsse fato aconteceu em 24 de março de 1437, segundo Frei Manuel dos Santos — (*Monarquia Lusitania - VIII, pág. 518*). E um dos efeitos da sentença condenatória foi riscar o apelido Gomide no nome dos filhos, obrigando-os a assinar simplesmente o de Albuquerque, que era seu apelido materno.



Castelo de Capilla, assediado por D. Beltran de la Cueva



Ao alto, o castelo de Albuquerque, de D. Beltran de la Cueva

Digitized by Google

Sócios quites (até 31-X-1943)

(OS QUE NÃO FIGURAM AQUÍ, SERIA OBSÉQUIO POREM-SE EM DIA)

Sócios efetivos (Cr$ 120,00 anuais) - Conselheiros, orientadores técnicos do Instituto:

Adalgira Bitencourt, dra.
Adolfo Konder
Afonso José de Carvalho
Agenor Guerra Corrêa
Alcindo Brito
Alexandre Guimarães dos Santos
Aluízio de Faria Coimbra
Alfredo Penteado Filho
Amadeu Gomes de Sousa
Amilcar Salgado dos Santos
Ana de Queiroz Teles Tibiriçá
Antônio Felipe de Miranda Rosa
Antônio da Gama Rodrigues
Argemiro Martins Barbosa
Artur de Vasconcelos
Benedito Alípio Bastos
Caio Nelson
Carlos Fouquet
Carlos da Silveira
Cristiano Klingelhoefer
Ciro Onesimo Maria Mondin
Dagoberto Sales
Dalma Forjaz
Domingos Laurito, Comendador
Eduardo Vaz
Egon Prates Pinto
Enéas Cesar Ferreira
Epaminondas Câmara
Ernesto de Morais Leme
Ernesto Sampaio de Freitas
Ervin Hirschowicz
Esaú Corrêa de Almeida Morais
Eugênio Lindenberg
Eugênio de Mendonça Paes Barreto
Felipe Nery de Siqueira e Silva
Flávio Xavier de Toledo
Francisco de Assiz Carvalho Franco
Francisco Flores da Cunha
Francisco José Fontenele
Francisco Osorio de Oliveira
Geraldo Augusto Procópio Junqueira
Geraldo Cardoso de Melo
Hernani de Campos Seabra
Horácio Rodrigues da Costa
Igôr Dolgorukij, Príncipe
Joaquim Gomes da Fonseca Ferreira
Joaquim Libanio Leite Ribeiro
Jorge Godofredo Felizardo
José Armando Vicente de Azevedo
José Augusto Bezerra de Medeiros
José Hildebrando da Silva Leme
Luiz Felipe de Araujo Paiva Meira
Luiz Sérgio Tomaz
Lysias Augusto Rodrigues
Manuel Lopes de Oliveira Neto
Mário Guastini, Comendador
Mário de Sousa Lopes
Nei Ferraz
Odila de Sales Pujol
Olàvo Queiroz Guimarães Filho
Oscar Drummond Costa
Oscar de Moura Lacerda
Osvaldo Campos de Arruda Botelho
Otávio Nunes Sousa
Pascoal José Napoleão Isoldi
Paulo Américo Passalacqua
Pedro de Freitas Gouvêa
Raimundo Girão
Rafael Franco de Melo
Raul Leme Monteiro
Renato Egídio de Sousa Aranha
Salvador de Moya
Sílvio de Campos
Sílvio de Campos Filho
Vasco Smith de Vasconcelos
Zenon Pereira Leite

Sócios contribuintes (Cr$ 60,00 anuais) - Colaboradores da Revista:

Alberto Carlos d'Araujo Guimarães
Alceu de Campos Pupo
Aldo Mário de Azevedo
Alfredo de Paula Assiz
Antônio Soares de Lara
Armando de Arruda Pereira
Armando Sestini
Arsênio Jouvin, Conde
Aroldo Edgar de Azevedo
Artur Martins Franco
Artur Vieira de Rezende e Silva
Braulio Goulart
Carlos Augusto Amaral
Carlos Stellfeld
Condessa de Serra Negra
Dario Machado de Oliveira
Edmur de Barros Sousa
Eurico Branco Ribeiro
Felix Eduardo Eschelbach
Francisco Klörs Werneck
Gaspar Eugênio dos Passos
Guiomar de Carvalho Franco
Haroldo Monteiro Junqueira
Henrique Jorge Guedes
Hermann Neeser
Horst Flatau
Inácio da Costa Ferreira
Itamar Bopp
Ives de Matos Vieira
Jarbás Jayme
João José do Nascimento Junqueira
João Oliveira de Barros
José Bonifácio de Arruda
José Marcondes de Matos
José Oliveira de Barros
José Trindade da Fonseca e Silva, Padre
Juan Voltas Nogués
Luciano de Almeida Ramos
Licurgo de Castro Santos

Digitized by Google

Manuel Aguiar Pereira de Sousa
Manuel Nogueira Viotti
Manuel de Paiva Ramos
Manuel Vieira de Andrade
Marcelo Figueira Neto
Mário Hermes da Fonseca
Mário Torres
Máximo Cruz de Azevedo Marques
Miguel Ney de Carvalho
Olavo Dias da Silva
Otávio Raimundo da Silva
Paulo de Melo Rezende
Plínio dos Santos Barroso
Raul Drummond Gonçalves
Reinaldo Maia Souto
Rivadavia Dias de Barros
Roberto de Paiva Meira
Sérgio Higino Dias dos Santos
Wilson Lopes de Rezende

Sócios assistentes (Cr.$ 30,00 anuais)

Abraão Carvalho
Adalberto Ortmann, frei, O.F.M.
Adauto da Câmara
Adolfo Carlos Lindemberg
Adolfo Pereira Dourado
Adriano de Azevedo Pondé
Afonso Costa
Afonso Rui de Sousa
Alexandre d'Alessandro
Alfredo Freire
Altamirando Requião
Américo Alves de Sene
Amilcar Montenegro Osorio
Analice Caldas de Barros
Anfrisia Santiago
Anibal de Freitas
Antônio B. Martins Aranha
Antônio Ferraz da Silveira
Antônio Gavião Gonzaga
Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque
Antônio Miguel Fleury Curado
Antônio Paes Cintra, Monsenhor
Antônio Pinto de Avelar Fernandes
Antônio Pompeu de Pina
Antônio Regis Filho
Antônio Rubbo Muller
Arlindo de Carvalho Pinto
Arlindo de Castro
Arnoldo Wildberger
Augusto Cesar Viana Neto
Basílio de Magalhães
Benedito Bueno de Camargo
Benedito Ferreira Raizana
Berthe Grandmasson Salgado
Cândido Torres Guimarães
Carlos Miguez Garrido
Carlos Xavier Paes Barreto
Celidônio d'Afonseca e Silva
Celso Martins Schröeder
Clado Ribeiro de Lessa
Clara Calmon da Costa Pinto
Claro Augusto de Godói
Claudio Mariano Carneiro da Cunha
Coriolano Pinto Ribeiro
Décio de Vasconcelos
Deoclécio De Paranhos Antunes
Djalma Jayme
Edmur de Aguiar Whitaker
Elisiário de Camargo Branco
Elisiário Dupas
Elisio de Carvalho Lisboa
Eudoro Ferraz de Campos
Ezequiel Ubatuba
Fausto Teixeira
Felipe Adolfo Abeid
Fernando de Freitas Filho
Flávio Corrêa Guamá
Flávio de Freitas Gouvêa
Floresto Scarpelli
Floriano Gomes da Silva
Fortunée Levy
Fortunato Bernardo do Nascimento
Francisco Alberto Veiga de Castro
Francisco Antônio Lopes
Francisco Eugênio de Assis
Francisco Jaguaribe Gomes de Matos
Francisco Marques dos Santos
Francisco Peixoto, filho
Francisco Ribeiro de Ulhôa Cintra
Gastão Ferreira de Almeida
Gastão José da Silva Abbott
Gastão Penalva
Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho
Guilherme Echenique
Guilherme Echenique Filho
Guilherme Martinez Auler
Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira
Hamilton de Barros Velasco
Heitor Basto Cordeiro
Helio Fernandes Ferreira Viana
Heloisa de Assumpção
Heloisa Cabral da Rocha Werneck
Henrique Aranha Lowndes
Henrique Oscar Wiederspahn
Hildebrando Barbosa e Silva
Humberto Mendonça Filho
Ibiapaba de Oliveira Martins
Iolanda Marcondes Portugal
Jaime da Cunha Gama e Abreu
Jenny Dreyfus
Jerônimo Rodrigues de Abreu
João de Almeida Leite Morais
João Augusto Combat, Padre
João Batista de Arruda Sampaio
João da Costa Pinto Dantas Júnior
João Francisco de Oliveira Godói
João Gabriel Sant'Ana
João Galvão de Morais
João Gumercindo Guimarães
João de Melo Macedo
João Mendonça
João Pacheco de Almeida Prado Filho
João Pedro Barra
João Rabelo de Aguiar Valim
Joaquim de Almeida Grelet
Joaquim Pompeu de Pina
Jorge Alberto Martins Tinel
Jorge de Allende-Salazar Arrau
Jorge Bueno de Miranda
Jorge Calmon Moniz Bitencourt
Jorge Coêlho da Silveira
José Antônio Gonçalves
José Guimarães

Digitized by Google

SÓCIOS QUITES

José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque
José Ligotti
José Pedro Carvalho Júnior
José Sant'Ana
José Sebrão de Carvalho, sobrinho
José Vilela da Costa Pinto
Juan Mojica
Júlio da Silveira Sudário
Júlio de Vasconcelos Teixeira da Mota
Jurandir Martins de Castro
Laura Ganns Sampaio
Laurênio Lago
Lauro Monteiro de Carvalho e Silva
Levi Andrade
Lúcio Corrêa e Castro
Luiz Alves de Oliveira Belo
Luiz de Azevedo Castro
Luiz Enrique Azarola Gil
Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa
Licurgo de Castro Santos Filho
Manuel Augusto Velho da Mota Maia
Manuel Pombo Piñeres
Manuel Viana de Castro
Maria Dulce Torres de Albuquerque Cardoso de Melo
Maria Luiza Franco da Rocha
Maria Torres de Carvalho Barreto
Marieugênia Catta-Preta de Faria
Mário Abati
Mário Belfort Ramos
Mário Duprat Fiuza
Mário Duvivier Goulart
Mário da Fonseca Fernandes de Barros
Mário Freire
Mário Silveira, Monsenhor
Miguel Ângelo de Oliveira
Miguel Calmon du Pin e Almeida
Miguel Costa
Miguel Falcão Alves
Nelson Camargo
Nelson Coelho de Senna
Nelson José Miranda de Aguiar
Nestor dos Santos Lima
Nilza Maria Vilela Botelho
Olga de Carapebús
Olimpio Gonzaga
Olinto Sanmartin
Orlando Ferreira de Oliveira
Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti
Orozimbo de Morais Navarro
Oscar de Arruda Penteado
Oscar Jayme
Osvaldo Piedade Trindade
Osvaldo Rodrigues Cabral
Osvaldo Valente
Otávia Corrêa dos Santos Oliveira
Otaviano da Costa Vieira
Otávio Ramos
Palmira Vieira da Silva
Paulo da Costa Azevedo
Paulo Eleuterio Cavalcanti de Albuquerque
Paulo Emilio d'Alessandro
Paulo Fortes de Oliveira
Paulo Eduardo Stempniewki
Paulo de Matos Rudge
Paulo Olinto de Oliveira
Pedro Gomes da Silva
Pedro Gonsalves de Almeida
Pedro de Paranaguá
Pedro Silveira Avancini
Pedro Werneck Corrêa e Castro
Pio Corrêa de Almeida Morais
Pio José Busanelo, Padre
Rafael Pinheiro de Ulhôa Cintra
Raimundo Trindade, Cônego
Renato Ferraz Kehl
Ricardo W. Staudt
Rodrigo Marcondes Romeiro
Romário Marques Machado
Romeu Maia Souto
Sabino Matias de Sousa
Salomão de Vasconcelos
Sebastião de Afonseca e Silva
Sebastião de Almeida Oliveira
Sebastião Eugênio de Camargo
Sebastião Moreira de Azevedo
Servilio de Abreu Soares
Silvino Elvídio Carneiro da Cunha
Sinésio Trindade
Sinval de Andrade
Telésforo de Sousa Lobo
Teodoro de Sousa Campos Júnior
Ulisses Lemos Torres
Valdemar Magalhães de Matos
Valdomiro Borges do Canto
Viriato Dutra
Vital Pimentel de Barros Bitencourt
Vivaldi de Magalhães Castro

Resumo:

Efetivos . . .	76
Contribuintes . .	59
Assistentes . . .	210
Total	365

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Dr. Décio de Vasconcelos, de Belo Horizonte:

"Seria também de utilidade oferecer aos críticos da imprensa local exemplares da "Revista" ou "Anuário" a-fim-de que tenha maior divulgação o trabalho cultural, sob todos os pontos de vista elogiavel, do Instituto Genealógico Brasileiro."

Do escritor Batista Pereira, do Rio de Janeiro:

(Ofertando um retrato seu): "De Batista Pereira ao seu prezado amigo, o [illegible] e erudito pesquisador Salvador de Moya."

Digitized by Google

Do Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação (telegrama):

"Agradeço-lhe gentileza oferecimento das últimas e valiosas publicações do Instituto Genealógico Brasileiro. Saudações cordiais."

Do sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"Meus parabens a vós e aos vossos dedicados auxiliares e colaboradores pela apresentação do 5.º volume (1943) do "Anuário Genealógico Brasileiro", que assinala o chantamento de mais um marco na senda de realizações do Instituto Genealógico Brasileiro, sempre em marcha ascendente para gáudio dos cultores da genealogia e do passado de nosso caro Brasil, como o demonstram de sobejo o citado volume e os números 6 e 7 da preciosa "Revista Genealógica Brasileira"."

Do sr. Júlio de Vasconcelos Teixeira da Mota, neto do Visconde de Caeté:

"Tenho o prazer de apresentar-lhes as minhas sinceras e vivas felicitações, por ve-lo chegar em feliz término da honrosa carreira das armas, com sua elevação por merecimento, como as outras que teve sempre, ao posto de coronel, ficando agora à sombra dos louros colhidos, pelos relevantes serviços prestados, não somente a São Paulo, mas também à nossa Pátria, que tanto deve à ilustre classe militar, sobre a qual se esteia sua segurança e glória, reconhecidas pela manutenção da ordem no interior e renome no exterior, que goza."

Do sr. Manuel Aguiar Pereira de Sousa, de Santos:

"Acusando, com prazer o recebimento das obras (Anuário, Revista, Índices e Biblioteca) publicadas por nosso Instituto, em boa hora confiado à sabia direção de genealogistas de fibra, venho agradecer-lhe a remessa dos exemplares, que vem enriquecer o nosso Arquivo Genealógico, com anotações e feitos a respeito de nossa gente."

De Monsenhor Mário Silveira, de Minas:

"Esplendido o último número de nossa vitoriosa "Revista Genealógica Brasileira". Estou realmente encantado com o movimento genealógico, que o prezado coronel está dirigindo no Brasil. Todos nós vamos compreendendo, cada dia melhor, o quanto de patriotismo vai nesse movimento. É grato assinalar que o esforçado coronel Moya começa a ter os seus imitadores. Aquí, em Minas, por exemplo, quanto estamos a esperar do meu colega o Cônego Trindade?! Desde o nosso tempo de Seminário o cônego Trindade se deixava dominar pelo acendrado patriotismo, cuja centelha facilmente se comunicava, incendiando os nossos companheiros que, todos, o estimavamos e dele esperavamos um futuro batalhador pelo engrandecimento do Brasil. Êle salvou o imenso e precioso Arquivo de Mariana. Cheio de entusiasmo pelo sr. Coronel Moya, foi êle quem me convidou para tomar conhecimento do patriótico trabalho desse distinto patriota que é o sr. Coronel, tão apreciado por tôda parte, do Amazonas ao Prata e do mar às cordilheiras; e em tantos paises do continente e de além oceano. Veja só de que maneira galharda aparece o sr. cônego Trindade, depois de outros notaveis trabalhos, produzindo as Genealogias da Zona do Carmo... Que o sr. Coronel, à maneira de Napoleão, possa dizer de muitos outros admiradores seus: Soldats, je suis content de vous!"

Digitized by Google

Galeria Biográfica

REDATOR: CORONEL SALVADOR DE MOYA

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS — Amilcar Salgado dos Santos é natural de Belém, Estado do Pará, onde nasceu a 10 de julho de 1892. Fez seus estudos primários no Estado do Rio, em escola pública na cidade de Niterói, seguindo depois o curso secundário no Colégio Diocesano São José (Rio de Janeiro). Matriculou-se depois na Faculdade de Direito e depois na Escola Militar. Formou-se em 20 de outubro de 1915. Exerceu atividade na imprensa, no comércio e no magistério, em vários Estados. No posto de major do Exército, serviu no 5.º R. I. de Lorena, desde 17-III-1942; agora no 20º R. I., em Curitiba. Além de farta colaboração em jornais e revistas de todo o Brasil, Amilcar Salgado dos Santos publicou 17 livros, dos quais mencionamos os seguintes: 1) Lúcia (1917); 2) A batalha de Ituzaingó (1920); 3) A guerra da Independência (1921); 4) A guerra entre o Brasil e a República Argentina em 1827 (1923); 5) A bri-

Tenente-Coronel Amilcar Salgado dos Santos

Digitized by Google

gada Potiguara (1924); 6) A Imperatriz Leopoldina (1927); 7) A Epopéia de Liz (1929); 8) Amazonenses esquecidos em sua terra (1930); 9) A Revolução Brasileira na Amazonia (1931); 10) Brasil-Alemanha (1931); 11) A Epopéia de São Paulo em 1932 (1933); 12) Pela glória de Artigas (1934); 13) Pelos heróis da Laguna e Dourados (1935); 14) Cartas de Goiáz (1937); 15) o M.al Floriano (1939); 16) Nos sertões do Araguaia (1940); 17) Os Salgados na Amazonia. É filho do G.al Gabriel Salgado dos Santos e de d.a Veridiana Salgado. N.p. de Ezequiel Salgado e de d.a Mônica Nunes. N.m. de Francisco Augusto de Oliveira e de d.a Rosália Nunes Oliveira. Em 13 de fevereiro de 1919, no Rio de Janeiro, casou com d.a Luce Marinaro, nascida em São Paulo, filha de Salvador Marinaro e de d.a Joana Marinaro. Pais de: F1) Napoleão Nelson (28-VIII-1923); Milton Bolivar (17 de agôsto de 1925) e Nei Gabriel (31-V-1935), todos nascidos em São Paulo.

ANA DA ROCHA MIRANDA (Nini Miranda) — Filha do Dr. Ernesto da Rocha Miranda e d.a Ludovina Corrêa de Miranda. Nascida na cidade de Petrópolis (Estado do Rio), aos nove dias do mês de janeiro de 1899. Viuva do engenheiro Gustavo Schmoor, tem três filhos homens, um engenheiro da Prefeitura, outro escultor, medalha de ouro da Escola Nacional de Belas Artes e prêmio de viagem, e o terceiro é aviador da FAB, estando no momento a serviço de patrulha da nossa costa. Desde pequena Nini Miranda revelou pendores para a dansa, para o canto e recitativo. Em muitas festas de caridade na cidade serrana tomou parte, ora cantando, ora declamando, ora representando. Em 1926 começou a colaborar n'"O País", no suplemento dos domingos, até 1930, quando foi fechado aquele jornal pela revolução. Em dezembro de 1929 para comemorar a passagem do centenário do romantismo, realizou no então "Teatro Casino", no Passeio Público, um recital de canções francesas, tendo dividido seu programa em duas épocas, apresentando-se vestida a carater, tendo merecido da crítica espontaneos elogios: do "Globo", Oscar D'Alva; da "Gazeta de Notícias", Lauro Demoro; d'"O País", Gastão de Carvalho; do "Diário Carioca", Nelson Paixão; do "Correio da Manhã", M. Paulo Filho; da "Carioca", Jarbas de Carvalho; do "Diário da Noite", Edmundo Lins; d'"O Jornal", Peregrino Júnior; d'"A Noite", Valdemar Bandeira; do "Jornal do Comércio", João Luso. Todos unânimes em elogiar a felicidade da idéia e o sucesso da realização. Em novembro de 1931 publicou seu primeiro livro de contos, intitulado "À margem da vida", com o pseudônimo de "Fre-

Nini Miranda

Digitized by Google

derico de Ludvino", edição da "Imprensa Oficial de Belo Horizonte", achando-se esgotado Desde 1936 escreve no "Correio da Manhã", onde em crônicas cintilantes tem firmado suas qualidades de escritora e jornalista. É sócia da "Associação Brasileira de Imprensa", n.º 1806, e tem carteira profissional de jornalista pelo "Correio da Manhã", sob o número 3247. Em 1938 apresentou seu primeiro romance, intitulado "A mentira do Amôr", impresso por Borsoi e Cia.; depositária: Livraria Francisco Alves. Tem colaborado n'"O Malho" e muitos outros jornais e revistas de todo o Brasil. Tem pronto para publicar duas comédias em três atos: "Dois perfís" e "A ilustre família dos Andradas", além de um "lever de rideau" em prosa rimada, intitulada "Os três amores". Tem em preparação um livro de versos, com ilustrações dos nossos melhores pintores. A convite da Sociedade Brasileira de Belas Artes, realizou em 1937 no Instituto Nacional de Música uma conferência sôbre a "Origem e evolução da modinha brasileira", notavel estudo no gênero, em que a própria conferencista ilustrou seu trabalho cantando modinhas desde a época do Brasil-colônia, acompanhada por dois violões, pelos professores Rogério Guimarães e Luis Bitencourt. Tem feito várias conferências pelo microfône, fazendo-se notar a crítica sôbre o livro de Luiz Edmundo "Na côrte de D. João XVI", sendo a única mulher em meio de uma série de nomes de escritores ilustres. Em 1939 fundou e dirige até hoje, uma revista de artes, literatura, modas e vida social, intitulada "Ninon", registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda, de acôrdo com o decreto n.º 5.077, de 29 de dezembro de 1939 e sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Belas Artes e que teve acolhimento entusiasmado nos meios artísticos, literários e sociais. A convite da Sociedade Amigos de Alberto Torres, realizou uma conferência naquela séde sob o título "A mulher e a criança", cujo tema e conceitos, valem por um programa. A 12 de maio de 1942 fez uma conferência sôbre "A vida do Marechal Hermes da Fonseca" no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, presidida pelo General Paula Cidade, representante do Ministro da Guerra. Publicou um livro agora, sôbre a vida do Marechal Hermes da Fonseca, sua ação no Exército e na política, com o prefácio do General Góis Monteiro, tendo sido reproduzido êsse trabalho, na íntegra, na "Revista Militar Brasileira". A convite do Instituto Nacional de Ciência Política, fez em julho uma conferência sôbre "Getúlio Vargas e o Brasil". Tem em preparação cinco biografias de cinco grandes figuras nacionais e também um estudo sôbre "A situação da mulher depois da guerra" e "O problema social com relação à mulher e à criança".

ANIBAL FREITAS — Anibal Freitas nasceu a 15-VI-1885, em Rezende (Estado do Rio). Estudou na Escola Modelo, de São Paulo; fez exames parcelados secundários, no Curso anexo à Faculdade de Direito, formando a 11-XII-1903, pela Escola de Farmácia de São Paulo. Foi farmacêutico em Lorena e São Paulo, vereador à Câmara de Lorena, vereador e presidente da Câmara de Campinas. Atualmente é diretor do Colégio Estadual de Campinas, onde é lente desde 1909. Publicou: 1) Noções de Quí-

Digitized by Google

mica Geral (1913); 2) Curso de Física (1938); 3) A pressão osmótica e os pesos moleculares; 4) Causas da coloração da água; 5) A solubilidade dos eletrolitos e a pressão osmótica; os três últimos na "Revista do Centro de Ciências e Letras", de Campinas; 6) O moderno conceito do Fenômeno Físico, na "Revista do Instituto Cesário Mota". Filho de Francisco Augusto de Freitas e de d.ª Maria Eugênia de Oliveira; neto paterno do Dr. Fernando Lourenço de Freitas e de d.ª Virgínia Antunes; neto materno de Francisco de Assis Oliveira Borges (êste filho dos Viscondes de Guaratinguetá, vêr "Anuário Genealógico") e de d.ª Francisca Marta de Oliveira Borges. São seus irmãos: José, nascido a 23-IX-1886, † a 31-III-1929; Eurico, n. a 14-XII-1887, † 2-II-1923; Eugênio, n. 6-VI-1888, † a 8 de setembro de 1894; d.ª Maria de Lourdes, n. 30-XII-1893; e d.ª Maria Eugênia, n. 23-IV-1898. O sr. Anibal, 1.ª vez, a 11 de abril de 1907, em São Paulo, c.c. d.ª Maria do Carmo Barroso Lintz, n. 21-IV-1886, em Leopoldina, † 28-I-1918, em São Paulo, filha do Dr. Martiniano de Sousa Lintz e de d.ª Francisca Barroso, deixando: 1) Lucila, n. 29-IV-1908, em Lorena, professora, solteira; e Heloisa, n. 21-VII-1911, em Lorena, † 20-V-1917, em Campinas. Segunda vez, a 26-XII-1918, em Campinas, o Professor Anibal c.c. d.ª Valentina Lapa Penteado, alí nascida a 20-III-1893, filha de Elisiário Penteado e de d.ª Leonor Lapa ("Genealogia Paulistana", I, 267). Pais de: 3) Heloisa, n. 29-X-1919, em Campinas, professora, solteira; 4) D.ª Maria Helena, n. 10-VII-1921, em Campinas, professora, alí, a 28-I-1942, c.c. Dr. Guilherme Machado; 5) José Carlos, n. 16-III-1923, êste e os seguintes, nasceram em Campinas, onde são estudantes; 6) Regina n. 2-X-1925; 7) Leonor, n. 10-IX-1927; 8) Osvaldo, n. 18-III-1929; 9) Maria Beatriz, n. 8-XII-1931; 10) Odila, nascida a 20-I-1933. É seu neto: Guilherme Machado, n. 30-V-1943.

Prof. Anibal de Freitas

BASÍLIO DE MAGALHÃES — Natural de São João del Rei (Estado de Minas), onde nasceu a 7 de junho de 1874. Estudou as primeiras letras na Escola João dos Santos, onde se distinguiu pela sua inteligência e aplicação, obtendo medalha de ouro. Menino ainda, começou a trabalhar como tipógrafo na "Gazeta Mineira" e mais tarde (em 1889), com 15 anos de idade, como redator de "A Pátria Mineira", juntamente com o seu fundador e proprietário Sebastião Rodrigues Sete Câmara. Em 1891, com Aítivo Sete, fundou e dirigiu "A Locomotiva", pequena folha humorística. Dirigiu "A Folha de Minas" até 1894, tomando parte mais tarde na redação

Digitized by Google

de outros jornais até 1893, quando seguiu para São Paulo, onde ia matricular-se na Faculdade de Direito, ao mesmo tempo que se tornou revisor e colaborador do "Diário Popular". Em 1895, fundou "O Correio de Jacareí" e mais tarde "O Democrata", onde sustentou várias campanhas, inclusive uma contra o jogo. Em 1901, foi nomeado lente do Ginásio de Campinas e, ao mesmo tempo que se dedicava ao magistério, entregava-se às lides da imprensa naquela cidade paulista, sustentando polêmicas e movendo campanhas. Aí fundou e dirigiu o "Correio de Campinas", o primeiro jornal, no interior do Brasil, a ter duas edições diárias. Mediante concurso foi nomeado catedrático de História do Brasil no Ginásio do Estado de São Paulo em Campinas em 1901; e mais tarde foi docente efetivo de História Geral e História do Brasil na Escola Normal do Distrito Federal, onde, em 1915-1917, regeu turmas de Geografia e de Psicologia. Em São Paulo lecionou em vários estabelecimentos como: Colégio Paulista, de Sílvio de Almeida; Colégio São Paulo e Minas, de Dionísio da Fonseca; e Ginásio Nogueira da Gama, de Jacareí. No Rio pertenceu à Acadêmia de Altos Estudos (Faculdade de Filosofia e Letras) e pertenceu a bancas examinadoras em concursos para provimento das cadeiras de História, Latim e Língua Espanhola, (esta do Col. Pedro II). Considerado mestre do vernáculo. Além disso fale e escreve espanhol, francês e italiano. Conhece inglês e alemão; tem noções de árabe, holandês, suéco, húngaro e rumeno; estudou acuradamente latim e grego; sabe tupí (nheengatú) e guaraní (avanheê) e borôro, além de mundurucú. Entre outras atividades, mencionam-se as de: diretor interino da Biblioteca Nacional; vereador em Campinas; prefeito em São João del Rei; senador estadual por Minas; deputado federal por Minas, reeleito, etc. Colaborou largamente em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Participou de numerosos congressos nacionais e internacionais, de História, de Geografia, de Cultura, etc. Dotado de grande energia e capacidade de trabalho, de extraordinário vigor intelectual, sua atividade se tem desdobrado por variados ramos do saber. Autor de numerosos livros, dos quais damos abaixo uma relação de alguns: 1) Lições de História do Brasil (1895); 2) Dissertação sôbre o ponto "O suplício de Caneca ou a revolução de 1824 em Pernambuco" (1896); 3) Lições de Geografia Geral (1898); 4) A monarquia portuguesa (1910); 5) Pela República civil (1910); 6) O Estado de S. Paulo e o seu progresso na atualidade (1913); 7) Tratamento e educação das crianças anormais de inteligência (1913); 8) Expansão geográfica do Brasil até fins do século XVII (1915;

Basílio de Magalhães

Digitized by Google

2.ª ed. 1935); 9) A "circular" de Teófilo Otoni (1916); 10); O grande doente da América do Sul (1916); 11) A Renascença e a sua floração artística (1917); 12) Os jornalistas da Independência (1917); 13) 1.º Congresso Americano da Criança (1917); 14) Manuel de Araujo Portoalegre (1917); 15) Quadros de História Pátria (1918); 16) A Lírica de Stecchetti (1918); 17) Liga Brasileira pelos Aliados (1918); 18) Saudação à Inglaterra, discurso (1918); 19) A Biblioteca Nacional em 1917 e 1918 (1919 e 1925); 20) Antônio Luiz Patrício da Silva Manso (1919); 21) Jubileu científico do Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1919); 22) Politicalha perseguidora (1920); 23) A nova administração do município de S. João d'El-Rei (1923); 24) O municipalismo em Minas Gerais (1924); 25) Em defesa do índio e das fazendas nacionais (1925); 27) Pela paz e pelo progresso do Brasil (1925); 28) Eu e a imprensa clerical (1925); 29) Câmara dos Deputados. Patrimônio do Brasil (1926); 30) Bernardo Guimarães (1926); 31) Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Índice da Revista (1927); 32) A Mulher (conferência - 1928); 33) O folk-lore no Brasil (1928); 34) Francisco Adolfo de Varnhagen (1928); 35) O Aleijadinho (1930); 36) História do Comércio, Indústria e Agricultura (1934); 37) O café na história, no folk-lore e nas belas artes (1937); 38) Plano Nacional de Educação (1936); 39) Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá (1936); 40) A lenda de Ícaro (1936). E inúmeras colaborações em jornais e revistas; discursos e conferências, prefácios e traduções, que o leitor poderá ver completa nas 17 páginas que tratam das produções de Basílio de Magalhães, no "Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro", por J. F. Velho Sobrinho, II, 149.

Cândido de Melo Leitão

CÂNDIDO DE MELO LEITÃO — O Professor Dr. Cândido Firmino de Melo Leitão Júnior é natural de Campina Grande, Estado da Paraíba do Norte, onde nasceu a 17 de julho de 1886. Fez os cursos primário, secundário e ginasial no Rio de Janeiro, os exames preparatórios tendo sido prestados no Ginásio Nacional, hoje Colégio D. Pedro II. Em 1903, ou seja com 17 anos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aí obtendo distinção e tendo sido essa tese publicada sob o título "Da Polisteatose Visceral". Ainda quintanista da Faculdade, em 1907, após concurso entre dez candidatos, foi nomeado interno do Hospital de São Sebastião, onde serviu até maio de 1908. De maio de 1908 até janeiro de 1909, passou a interno de clínica propedeutica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Serviço do Professor Miguel Couto).

Digitized by Google

Em janeiro de 1909, após concurso entre sete candidatos, foi nomeado Inspetor Sanitário da Diretoria Geral de Saude Pública, em cujo posto contribuiu com estudos e trabalhos de valor para a medicina. Daí em diante (1909), passou a dedicar-se com especial carinho à pediatria e vemo-lo até 1916, publicar trabalhos sôbre interessantes casos de moléstias da infância. De maio de 1913, com exceção do cargo de professor por concurso, de clínica pediatrica da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (de outubro de 1915 a maio de 1918), todos os demais cargos que ocupou, se basearam nos seus profundos conhecimentos de ciências naturais. A partir dêsse ano (1913), até o presente, continuou o Dr. Melo Leitão a exercer a medicina, todavia, com menor interesse. O primitivo entusiasmo pela ciência médica, do qual resultaram numerosos e interessantes estudos, era agora manifestado pela Zoologia, para cujo vasto campo êle se sentiu fortemente atraido. Apresentou-se, desde logo, como candidato ao cargo de professor catedrático de Zoologia Geral e Sistemática, da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (hoje Escola Nacional de Agronomia, do Rio de Janeiro). Enfrentou aí, onze candidatos e obteve o primeiro lugar, sendo nomeado a 28 de maio de 1913, aí ainda se encontrando. De maio de 1916 a junho de 1919, exerceu o cargo de diretor da Escola Nacional de Agronomia. De abril de 1923 a 6 de maio de 1932, foi docente de História Natural da Escola Normal do Rio de Janeiro. De dezembro de 1923 a abril de 1931, foi professor catedrático, por concurso, de História Natural da Escola Normal de Niterói. De abril de 1931 a dezembro de 1937, foi professor de Zoologia do Museu Nacional, tendo passado a êsse cargo, independentemente de provas, em vista dos numerosos trabalhos científicos apresentados sôbre a matéria. De maio de 1932 a novembro de 1937, foi professor assistente de História Natural do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. De dezembro de 1934 a dezembro de 1937, foi professor chefe de Biologia Geral do Instituto de Educação. São numerosos os títulos e comissões honoríficas que lhe foram conferidas. Representou o Brasil em Congressos realizados no Exterior, nas seguintes datas: 1931 (Uruguai); 1926 (Dinamarca); 1935 (Espanha) e 1935 (Portugal). Impossivel, nêste resumo, dar a relação da grande quantidade de trabalhos, memórias e teses que publicou, quer sôbre medicina, quer sôbre zoologia. Entre os livros que publicou, lembramo-nos dos seguintes: "Elementos de Zoologia" (1916); "Compêndio de Zoologia" (1922); "Reprodução nos animais" (1923); "Curso elementar de História Natural" (4 vols.) (1933); "Visitantes do Primeiro Impéric" (1934); "O Brasil visto pelos ingleses" (1937); "História das Expedições Científicas no Brasil" (1941); "Compêndio de Botânica" (1925); "Noções de Biologia Geral" (1929); "Biologia Geral" (1935); "Biologia no Brasil" (1937); "A Vida Maravilhosa dos Animais" "Zoogeografia do Brasil" (1937).

CANTÍDIO DE MOURA CAMPOS — O Dr. Cantídio de Moura Campos é diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual colou gráu em 1912. Defendeu tese sôbre "O pulso na iterícia". Foi in-

Digitized by Google

Dr. Cantídio de Moura Campos

termo do Professor Miguel Pereira. Depois de uma viagem à Europa, onde frequentou, entre outros, os laboratórios de Rotmann, na Alemanha, ingressou, em 1915, na Fac. de Medicina, na qualidade de preparador de Fisiologia, tendo sido, em 1917, nomeado professor substituto da 6ª Seção (Patologia Geral e Fisiologia). Em 1919, com o falecimento do Professor Alcântara Gomes, foi nomeado professor catedrático daquela seção, da qual foi ocupante, desde aquele ano até 1929; durante êsse período, teve ocasião de organizar, no Departamento de Fisiologia, uma escola de pesquisadores, entre os quais figuraram os Professores Franklin A. de Moura Campos, Jaime Albuquerque Cavalcanti, José Dutra de Oliveira, Otávio de Paula Santos e Tito de Albuquerque Cavalcanti. Em 1929, foi transferido para a cadeira de Terapeutica Clínica. Por três vezes ocupou a diretoria da Faculdade de Medicina, tendo também exercido a vice-reitoria da Universidade de São Paulo. Representou São Paulo em diversos certames médicos e culturais, tendo, de 1935 a 1937, ocupado a pasta da Secretaria da Educação e Saude Pública de S. Paulo. Em 9 de junho de 1942, comemorou o seu jubileu professoral. Orientou e publicou numerosas teses e trabalhos, entre os quais se mencionam: "Contribuição ao estudo das secreções pancreática e biliar"; "Valor das secretinas"; "Revivescência do coração pela injeção intra-cárdiaca de adrenalina"; "Inervação da laringe"; "Ação do sal de Araxá sôbre a glicemia"; "Ação do veneno de sapo sôbre a cronavia" "Avitaminose B experimental"; "Metabolismo basal e hipertiroidia"; "Ação do oleo de dendê na cicatrização das úlceras experimentais da cornea do rato".

Padre Carlos Borromeu

Padre CARLOS BORROMEU EBNER, C. PP. S. — O padre Carlos Borromeu Ebner, C. PP. S. (Congregação do Preciosíssimo Sangue), n. 13-VII-1908, em Wuer-

Digitized by Google

burg (Baviera). Ordenou-se sacerdote a 3-X-1937, na Catedral de N. S. da Graça, em Belém (Pará). Vigário em Barcarena. Escreveu os seguintes livros: 1) Biografia do Arcebispo de Lausanne (1937); 2) Orações do Preciosíssimo Sangue (1939); 3) O amigo dos doentes (1940); 4) Notícia sôbre os índios Caiapós do Rio Jaraucu (1942). É colaborador de: "A Palavra" (de Belém), "A Ordem" (de Natal), "A Ação Católica" (Rio), "O Legionário" (São Paulo), "Dom Vital" (Recife), "Maria" (Recife), "Domingo" (São Paulo), "Anuário" e "Revista Genealógica Brasileira" (São Paulo). Colaborou na obra de frei André Prat, O. Carm., "Notas Históricas sôbre as Missões Carmelitanas no Extremo Norte do Brasil" (1942). Redigiu as "Cartas Históricas do Xingú" (1941); forneceu artigos informativos para a "Revista Brasileira de Geografia", do Rio; coopera no Saneamento da Amazonia. São seus irmãos: Guilherme, Rosa e Erica, esta casada com Carlos Roedig. O padre Ebner é filho de José Ebner e de d.ª Margarida Mock, neto paterno de Miguel Ebner e de d.ª Ana; neto materno de João Mock e de d.ª Francisca.

DR. CLEMENTE FERREIRA — O Dr. Clemente da Cunha Ferreira é natural de Rezende, Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu a 29 de setembro de 1857. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal. Matriculou-se depois (em 1871), no Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro, onde completou (em 1874), o curso de humanidades. Matriculou-se a seguir (em 1875) na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual colou gráu em dezembro de 1880, após um curso brilhante, pois obteve distinção no 5.º e 6.º anos e plenamente nos demais. Sua tese de formatura, sob o tema "Tísica pulmonar" (Cadeira de Patologia interna) obteve distinção por unanimidade de votos e foi o marco inicial de uma carreira luminosa que fez dêle um expoente da ciência médica no Brasil e um dos mais reputados tisiólogos do mundo, com o nome ligado às mais esplendorosas realizações no combate à peste branca. Foi eleito orador da turma de doutorandos, tendo lugar a colação de gráu a 28 de dezembro de 1880. Em 1881, aos 24 anos de idade, iniciava o Dr. Clemente Ferreira, a sua profissão médica como diretor-clínico do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Rezende. Durante cinco anos exerceu aí essa atividade, até que, em 1887, passou a chefiar a clínica de moléstias de crianças — serviço do Dr. Moncorvo —

Dr. Clemente Ferreira

Digitized by Google

na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, nela permanecendo até o presente. Em 1896, foi nomeado para o cargo de inspetor sanitário do Estado de São Paulo. Durante o exercício dessas funções, teve ocasião de fundar a "Associação Paulista de Sanatórios para Tuberculosos", mais tarde "Liga Paulista Contra a Tuberculose", da qual foi o presidente desde a respectiva fundação, em 1901 até 1938, e a tem mantido até hoje e nêste rumo abriu dispensários, em 1904, e um hospital-abrigo para tuberculosos indigentes. O nome do Dr. Clemente Ferreira começava nessa época a se tornar conhecido no país e no estrangeiro. Já em 1889, quando ainda chefe de clínica de moléstias de crianças na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, se fizera notar pelos seus trabalhos em defesa das populações assoladas pela febre amarela. Essa atividade se desenvolveu sobretudo nas cidades de Campinas e de Rio Claro, em nosso Estado, o que lhe valeu a satisfação de manifestações de amizade da população daquela já então notavel cidade paulista. No ano de 1889, a Câmara Municipal campineira tomou a deliberação de conferir ao Dr. Clemente Ferreira, uma medalha de ouro, prêmio de honra pelo seu esforço e operosidade no combate à doença do vômito negro e ainda no mesmo ano, pelo mesmo motivo, o Governo Imperial lhe conferia a Comenda de Oficial da Ordem da Rosa. Alguns anos depois, em 1894, recebia o Dr. Clemente Ferreira citação do "Prêmio Montyon", do Instituto de França, pelo trabalho "Estudos sôbre a Coqueluche", e no ano seguinte recebia o "Prêmio Alvarenga", conferido à memória intitulada "A Malaria na Infância". Foram essas algumas das suas credenciais para a investidura no cargo de Inspetor Sanitário do Estado de São Paulo, numa época em que as epidemias se alastravam por tôda a parte e em que as moléstias infecciosas faziam vítimas nos quatro cantos do país. Aliás, na Europa, desde 1879, vinham sendo publicados trabalhos de sua autoria, que demonstravam as observações e as experiências pessoais no terreno das endemias. Em 1883, surgia a primeira contribuição para o estudo do valor profilático e curativo do clima de Campos do Jordão, sob o título "Breves Apontamentos sôbre a climatologia brasileira". Em 1885, em o "Bulletin Général de Thérapeutique", publica "A propos de l'emploi du chlorhydrate de péreine dans les fièvres malariques". Em 1891, era editado em Paris um trabalho sob o título "Du traitemente de la syphilis infantile par les injections sous-cutanées de sels mercuriels", e em 1893, o citado "Bulletin Général" e a "Revue des Maladies de l'Enfance" inseriam trabalhos seus respectivamente sob os títulos: "De la tuberculose chez les enfants" e "Sur l'albuminurie dans la malaria infantile", tendo surgido antes (1890) o trabalho "De l'emploi du salol dans la fièvre jaune", no qual expunha notáveis observações no tratamento da febre amarela. Nessa ocasião, a-pesar-de focalizar sua atenção sôbre a tuberculose, ainda não havia o Dr. Clemente Ferreira investido furiosamente contra o bacilo de Koch. A malaria e a febre amarela chamavam fortemente a atenção de todos os bons brasileiros da classe médica, e sòmente depois de debelados êsses dois flagelos é que resolveu o Dr. Clemente Ferreira promover a paciente, longa e tenaz campanha contra a mais renitente e insidiosa das moléstias, contra cuja extinção

Digitized by Google

vem sendo baldados os ingentes esforços da ciência e a educação higiênica da nossa avançada civilização. Todavia, foi um período intenso de atividade em vários setores médicos o que desenvolveu o distinto rezendense, desde a sua formatura em 1880 a 1900, o que demonstra pela soma de mais de 40 trabalhos publicados sôbre diuturnas observações clínicas a respeito da tuberculose, da febre amarela, das moléstias do coração, da artério-sclerose, dos rins, dos brônquios, do fígado, da sífilis, da pneumo-gripe, da coqueluche e principalmente no terreno da pediatria, visto que a criança foi objeto de especial atenção do Dr. Clemente Ferreira, sempre impressionado com a elevada porcentagem da mortalidade infantil verificada no Brasil. Aliás, pela vida a fóra, continuou êle a observar e a escrever tanto que, em 1939, foram mencionadas, entre as monografias, teses, comunicações, memórias, etc., de sua autoria, a respeitavel soma de 256 trabalhos, os quais, todavia, não foram reunidos em volume, visto que, na medicina — uma ciência puramente experimental — as descobertas se sucedem, as observações se amontoam, os conhecimentos se acumulam, e de tal modo são aceitos e praticados em extensão e magnitude, que, uma descoberta feita hoje se torna em menos de um ano, um conhecimento clínico curial no seio de uma classe que é sobretudo tão estudiosa — como a dos médicos — tão diligente, tão cheia de sã bisbilhotice e de benéfica curiosidade, quando se trata da saude do corpo humano. Aliás é êsse o feitio dos médicos. Êles não são literatos. Os escritores das belas letras, os poetas, os romancistas se assemelham a êsses jardineiros que plantam uma roseira e a regam, a podam, lhe amparam os galhos, lhe fazem enxertos, lhe injetam substâncias estranhas até obterem um especime raro, para o qual ficam olhando o resto da vida. Os médicos são como os plantadores de trigo: vão pelos campos atirando sementes a granél, para que a sua ciência germine, surja, cresça e traga a todos o bem estar do corpo, sem a qual a alma não poderá sentir-se feliz. Contudo, teve o autor ocasião de expor observações que foram comunicadas sob a forma de discursos e de conferências. Essas êle as reuniu, em 1940, num interessante volume sob o título "Discursos e Conferências sôbre Puericultura e Tisiologia". Publicou mais de 200 trabalhos sôbre estudos e observações no campo científico em que sua atividade se fez sentir. Entre as sociedades de que fez e faz parte, mencionamos: membro correspondente, honorário, titular, etc., das seguintes sociedades: Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; da Associação Paulista de Medicina, das Sociedades de Medicina, de Terapeutica e de Pediatria de Paris; da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Bordéus; da Sociedade de Pediatria de Moscou (Russia); da Associação Médica Argentina, da Societé de Médecins de Sanatoriuns et de Dispensaires de Paris, da Sociedade de Tisiologia do Uruguai, da Liga Uruguaia contra a Tuberculose, da Liga Brasileira contra a Tuberculose, da Sociedade de Medicina Pública e de Engenharia Sanitária de Paris; presidente perpétuo da Liga Paulista contra a Tuberculose; laureado da Academia Nacional de Medicina (Prêmio Alvarenga); recompensado pelo Instituto de França (Prêmio Montyon), membro da Acadêmia de Ciências de Lisbôa,

Digitized by Google

da Sociedade Internacional para a proteção da primeira infância; da Associação Internacional contra a Tuberculose, de Berlim, etc. Em 1940, recebeu o título de professor "honoris-causa", da Escola Paulista de Medicina, empossado em abril de 1940; foi ainda nomeado membro honorário da Sociedade Brasileira de Tuberculose; membro do Centro de Estudos de Tisiologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro; membro correspondente da Sociedade de Tisiologia de Córdoba (Argentina); membro correspondente da Sociedade Boliviana de Tisiologia. Colaborou no Rio na "Imprensa Médica", na "Gazeta Médica Brasileira", na "Gazeta Clínica" e em São Paulo, na "Defesa contra a Tísica" (1900-1908); "São Paulo Médico" (1935-1942); "Jornal dos Clínicos", "Folha Médica", "Revista Paulista de Tisiologia" (1935-1942). Além disso frequentou assiduamente a imprensa diária com artigos sôbre higiene e sôbre assistência social.

Enrique de Gandia

ENRIQUE DE GANDIA — Natural de Buenos Aires, onde nasceu a 1.º de fevereiro de 1904. Fez seus primeiros estudos na Itália, na Escola Técnica de Genova, continuando seu curso propedêutico em Pegli, San Remo, San Pier d'Arena, etc. É doutor "honoris causa" pela Universidade do Paraguai, em Assunção. É secretário da Acadêmia de História e exerce outras atividades principalmente como escritor e jornalista. Tem viajado por quasi todo o continente americano e pelo continente europeu. Publicou já cerca de cincoenta livros e tem colaborado em muitas publicações americanas. Filho do sr. Edmundo de Gandia e de d.ª Enriqueta Lebrero de Gandia e neto paterno de Juan de Gandia e de d.ª Gregória de la Encina. Neto materno de José de Lebrero e de d.ª Ângela Peirano. A 15 de maio de 1937, em Buenos Aires, casou com d.ª Helena Lara, filha de Carlos Lara e de d.ª Cecília Lara de Lara.

FAUSTO TEIXEIRA — Natural de Sorocaba, Estado de São Paulo, onde nasceu a 26 de outubro de 1920. Fez seus estudos primários no Instituto Joaquim Ribeiro, em Rio Claro (Estado de São Paulo), o curso secundário no Ginásio Municipal Joaquim Ribeiro, da mesma cidade e o curso superior na Escola Superior de Agricultura de Lavras (Estado de Minas Gerais), tendo se formado a 4 de dezembro de 1940, tendo sido paraninfo de sua turma o Dr. Fernando Costa, atual interventor federal em São Paulo. Foi secretário do Centro Acadêmico de Agronomia de Lavras durante três anos e exerceu o cargo de Técnico Agrícola em São Luiz do

Digitized by Google

Maranhão, onde foi, durante seis meses, em 1941, dirigente da Propaganda Agrícola do Estado. Atualmente trabalha na Estação Experimental de Botucatú, onde reside. Tem colaborado em diversos jornais do norte e nordeste brasileiro, como "Diário do Norte", de São Luiz do Maranhão; "O Imparcial", etc., do mesmo Estado. É filho de Arí Teixeira (nascido em Sorocaba, Estado de São Paulo, falecido a 16 de maio de 1925 em Sorocaba) e de d.ª Ester Ribeiro dos Santos (nascida em Brotas, Estado de São Paulo, a 22 de fevereiro de 1894 e falecida a 14 de março de 1931, em Rio Claro). Casados em Campinas, em 1915. Neto paterno de José Augusto Teixeira (falecido em Sorocaba) e de d.ª Maria Teixeira da Silva (nascida em Tietê, Estado de São Paulo, a 1 de janeiro de 1870 e falecida a 27 de agôsto de 1941, em Sorocaba). Neto materno do Coronel Joaquim Ribeiro dos Santos (nascido em Paraisópolis, Estado de Minas Gerais, a 19 de maio de 1865) e de d.ª Augusta Balbina de Lima (nascida em Itaqueri, Estado de São Paulo, a 10 de agôsto de 1867). Casados em Rio Claro em 30 de outubro de 1885, com 15 filhos. Em Lavras (Estado de Minas Gerais), a 7 de julho de 1942, casou com d.ª Nilza de Moura Maia (nascida em Lavras, a 12 de janeiro de 1924), filha de Gastão da Costa Maia (falecido em Lavras em 13 de julho de 1928) e de d.ª América de Moura do Amaral (n. a 18 de novembro de 1879). São seus irmãos: Olga (nascida em Campinas, a 7 de setembro de 1916); Alcides (nascido em Torrinha, a 6 de abril de 1918) e mais três falecidos, menores.

Fausto Teixeira

FRANCISCO JOSÉ FONTENELE — Nascido a 10 de julho de 1893, na Fazenda Malhado d'Areia, Distrito de Chaval, município de Granja (Ceará), onde fez seus estudos primários. Os estudos secundários e superiores os fez em São Paulo. Foi funcionário público no Pará, Ceará e São Paulo, sendo atualmente corretor de imóveis. Filho de José Francisco Fontenele, nascido em 1869, no Ceará; neto pa-

Francisco José Fontenele

Digitized by Google

terno de Francisco Elias Fontenele Filho e de d.ª Efigênia Maria Fontenele; neto materno de Felipe Francisco da Rocha e de d.ª Luzia Damascena Veras. São seus irmãos: Felipe, Efigênia, Bento e Auzirea, falecidos; Basílio, Antonino, Deliria, Raimundo, Pedro, Torquato, Delfino, Vicentina e Hildebrando. A 15 de outubro de 1928, em São Paulo, casou com d.ª Teresa Ambrosetti, nascida a 4 de outubro de 1901, em Anangui (Itália), filha de Agostinho Ambrosetti e de d.ª Maria José Vale. Pais de: Mário José, nascido a 2 de outubro de 1929; Maria Luiza, nascida a 4 de setembro de 1930; Antonino Elias, nascido a 22 de setembro de 1932; e Maria da Penha, nascida a 23 de junho de 1935, todos em São Paulo.

Eduardo Prado

EDUARDO PRADO — O Dr. Eduardo Prado nasceu a 27 de fevereiro de 1860, em São Paulo e faleceu em 30 de agôsto de 1901. Advogado, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Membro do Instituto Histórico e da Acadêmia de Letras. Viajou muito. Escritor, jornalista e historiador. Publicou: "A Ilusão Americana", "Malta e o Egito", "Viagens à Sicília", "Fastos da ditadura militar no Brasil" e "Le Brésil", de colaboração com o Barão do Rio Branco, para a exposição universal de Paris. Era filho do Dr. Martinho da Silva Prado e (sua sobrinha-prima) d.ª Veridiana Prado; neto materno do Barão de Iguape (vêr "Anuário Genealógico Brasileiro", III, 15). Casou, sem sucessão, com sua prima d.ª Carolina da Silva Prado.

Gelmires Reis

GELMIRES REIS — Natural de Santa Luzia (Estado de Goiáz), onde nasceu a 14 de julho de 1893. Fez seus primeiros estudos na mesma cidade, cursando a seguir humanidades no Colégio Bonfinense. Foi primeiramente, negociante em Santa Luzia. Mais tarde passou a exercer a profissão de professor, e, dedicando-se aos estudos de História e à Literatura, escreveu e publicou vários trabalhos. Exerce também as funções de promotor público em Sta. Luzia, bem como as funções de delegado censitário naquela cidade.

Digitized by Google

Exerce desde 22 de agôsto de 1932, o cargo de professor da Escola Normal de Santa Luzia. Filho de João Paulo dos Reis (Santa Luzia, 26 de junho de 1858) e de d.ª Hozana Ermínia de Mendonça (Santa Luzia, 27 de junho de 1865), casados nessa cidade a 14 de junho de 1890. Neto paterno de Francisco Elias dos Reis (Santa Luzia) e de Ana de Mendonça Rosa (Santa Luzia, 17 de fevereiro de 1814). Neto materno de Antônio Matias Teles (Santa Luzia, 24 de fevereiro de 1831) e de d.ª Maria Matias de Mendonça (Santa Luzia, 5 de junho de 1822). São seus irmãos: Francisco Reis, Paulo Elias Reis, Cândida Paulo dos Reis, Maria dos Reis, Baltasar (1°) dos Reis, Baltasar (2,) dos Reis, Benedito Cristovão Colombo dos Reis e Gilberto dos Reis. A 11 de maio de 1918, em Santa Luzia, casou com d.ª Escolástica Benedita Carneiro, filha de Antônio Carneiro de Mendonça e de d.ª Escolástica Benedita Soares de Camargo. Com descendência no "Anuário Genealógico Brasileiro", (ano II, 1940), páginas 211-212, no título "Reis - Francisco Elias dos".

ALMIRANTE GENTIL AUGUSTO DE PAIVA MEIRA — Descendia de ilustre família que perlustrou com destaque na política do Império. Era filho do Senador e Conselheiro do Império Dr. João Florentino Meira de Vasconcelos, tendo nascido na cidade de Patos, Estado da Paraíba, a 9-XII-1867, falecido a 13-VIII-1922. Em 1890, c.c. d.ª Maria da Glória d'Alencastro e Araujo (Marieta) n. a 22 de julho de 1870, † 12-XI-1930, filha dos Barões de Parima. Oficial da escola do saudoso e inesquecivel Almirante Saldanha da Gama, o ilustre Almirante Meira soube sempre se conduzir com independência, honestidade e a maior dedicação à sua nobre carreira. Após brilhante curso na antiga Academia de Marinha, foi promovido a guarda-marinha em 1884, fazendo a sua viagem de instrução a bordo da fragata "Niterói", a diversos portos da Europa, durante onze meses. Promovido a segundo-tenente fez a viagem do cruzador "Almirante Barroso" aos Açores, Antilhas e Norte América; em 1890 como oficial da corveta "Guanabara", foi a Nova York em missão diplomática. Serviu como imediato em diversos navios da esquadra, no Comando Geral das Torpedeiras, e no Corpo de Marinheiros Nacionais. Comandou as flotilhas de Amazonas e de Mato Grosso; foi capitão do pôrto de Santos; serviu durante dois anos como vice-diretor da Escola Naval de Guerra; comandou diversos navios entre êles o "Tiradentes", "Carlos Gomes", "Barroso" e "Timbira". Nêste último navio foi

Almirante Gentil Augusto de Paiva Meira, †

Digitized by Google

ao Chile, fazendo parte da Divisão Naval, que fora àquele país amigo tomar parte nos festejos do centenário de sua independência. Quando ocorreu o grande desastre de Jacuacanga, era imediato do cruzador "Barroso", e devido à presteza dos socorros prestados pelo pessoal dêsse navio, sob sua direção, salvaram-se muitas vidas de oficiais do courado "Aquidaban", que sossobrara em consequência de terrivel explosão. Comandou o Corpo de Marinheiros Nacionais cujo cargo deixou para exercer o de diretor do Depósito Naval do Rio de Janeiro. Deixou a Diretoria do Depósito Naval para assumir as funções de Superintendente de Navegação em substituição ao Almirante Américo Brasílio Silvado. Era membro efetivo do Conselho do Almirantado Brasileiro e possuia a medalha de ouro de bons serviços militares. Vitimado por insidiosa moléstia veiu a falecer, deixando grande lacuna em nossa Marinha e enchendo de pesar e tristeza os inúmeros amigos e admiradores do ilustre oficial General de nossa Armada, cuja fé de ofício, durante mais de quarenta anos de constantes serviços é um conjunto de atos de lealdade, dedicação e patriotismo. Em rápidos traços é esta, resumidamente, a fé de ofício do Almirante Meira, cujo carater puro e esmerada educação, ao par de uma modéstia excessiva, dão-lhe um merecido relevo.

Dr. Jaime Moniz de Aragão de Góis Dáquer

Dr. JAIME MONIZ DE ARAGÃO DE GÓIS DÁQUER — Nascido a 19 de abril de 1911, em Salvador (Bahia). Fez o curso primário no Colégio 10 de Janeiro, de Itabuna (Bahia), e o secundário no Colégio Pedro II, do Distrito Federal. Formou-se, a 16-XII-1939, em Direito, pela Universidade do Brasil. Advoga na Capital da República. Colaborou nas seguintes publicações periódicas: "O Intransigente", "A Época" e o "Diário da Tarde", todos da Bahia; do Distrito Federal: "Heraldo Español" (1936); "Eu Sei Tudo" (maio de 1932); "Vida Doméstica" (janeiro de 1934) e "Direito", volume 16 (julho-agosto de 1942). Filho de Adib Abílio Dahduch Dáquer, nascido a 1 de abril de 1883, em Damasco (Síria) e de (casado a 2 de abril de 1909, em Salvador), d.ª Maria Rosa Moniz Barreto de Aragão e Góis, nascida em 4 de abril de 1891, em Santo Amaro (Bahia), onde faleceu a 8 de agôsto de 1936; neto paterno de Abdallah Dáquer, nascido a 1838, em Damasco, onde faleceu em 1895, e de d.ª Rossen Dahduch, nascida a 1865, em Damasco, onde faleceu em 1914; neto materno de Lourenço dos Reis de Araujo Góis, falecido em Santo Amaro, e de d.ª Herculana Moniz Barreto de Aragão e Menezes, nascida a 1873, em Santo Amaro. São seus irmãos: Annuar, nascido a 17 de abril

Digitized by Google

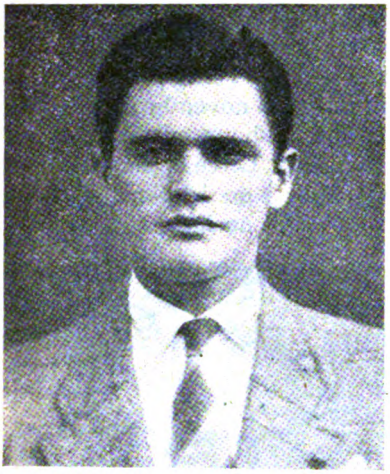
de 1914, em Cachoeira (Bahia); Voltaire, nascido a 2 de julho de 1915, em Itabuna (Bahia); Julieta, nascida a 20 de janeiro de 1916, em Salvador; Olímpio, nascido a 17 de agôsto de 1917, em Itabuna; Vitória, nascida a 5 de outubro de 1918, em Itabuna; Egas, nascida a 7 de maio de 1922, em Itabuna, falecido no mesmo dia; Dilce, nascida a 20 de novembro de 1924, em Itabuna; Valter, n. 17 de dezembro de 1926, em Itabuna. O Dr. Jaime, a 31 de outubro de 1940, no Distrito Federal, c.c. Dra. Dirce Maia, alí nascida a 16 de maio de 1916, filha de João Alfredo Maia e de d.ª Noemia Bandeira de Melo. Pais de: Egas, n. 14 de janeiro de 1943, no Distrito Federal.

Senador e Conselheiro Dr. João Florentino Meira de Vasconcelos

JOÃO FLORENTINO MEIRA DE VASCONCELOS — Natural de Itabaiana, Estado da Paraíba, onde nasceu em 1830. Depois de fazer os primeiros estudos no Estado de seu nascimento, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, pela qual se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais. Fez parte do Conselho do Imperador, no tempo do Segundo Império, e representou seu Estado na 13.ª e 17.ª legislatura. A partir de 1880 foi senador. Presidiu a Província de Minas e foi ministro da Marinha, no Gabinete de 3 de julho de 1882 e ministro do Império no Gabinete de 6 de maio de 1885. Era Cavaleiro da Ordem da Rosa e da de Cristo. Publicou: "A qualificação dos votantes na Capital do Pará", "Esclarecimentos sôbre a eleição de senador pela Província da Paraíba, em 1880", Discursos no Senado sôbre o Ministério da Marinha, na 3.ª sessão da 18.ª legislatura, em 1883"; "Relatório que a Assembléia Legislativa de Minas Gerais apresentou por ocasião de ser instalada a 2.ª sessão ordinária da 23.ª legislatura, em 7 de agôsto de 1881". Foi casado com d.ª Maria Augusta de Paiva e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1892.

JOÃO GUEDES DE ARAUJO TAVORA — Natural de Campos Sales (Estado do Ceará), onde nasceu a 28 de dezembro de 1914. Fez seus primeiros estudos na cidade de Crato, no mesmo Estado do Ceará. Está fazendo presentemente seus estudos superiores, ao mesmo tempo que vem exercendo funções burocráticas no Ministério de Aeronáutica, onde se acha desde 1935. É filho de José Guedes de Araujo Fernandes Tavora (nascido em Chique-Chique, Estado do Ceará) e de d.ª Vitória Barbosa de Araujo Tavora (nascida em Chique-Chique). Neto paterno de João Guedes do Nascimento Fernandes Tavora e de d.ª Teresa de Araujo Fernandes Tavora;

Digitized by Google



João Guedes de Araujo Távora

neto materno de Manuel Faustino de Jesús e de d.ª Maria Barbosa de Jesús. A 16 de julho de 1942, no Rio de Janeiro, c.c. d.ª Enedina Vieira Távora (n. Distrito Federal a 24-XI-1917), filha de José da Costa Vieira Caldas e de d.ª Isaura Maria Vieira Caldas.

Prof. JOÃO GUMERCINDO GUIMARÃES — Nasceu a 15 de fevereiro de 1895, em Arêas (São Paulo), onde fez os estudos primários, no Grupo Escolar; os estudos secundários na Escola Normal de Guaratinguetá e os superiores em Pindamonhangaba, onde se formou em odontologia. Foi lente da Escola de Farmácia de Pindamonhangaba e Campinas. Sendo atualmente professor, em Campinas, na Escola Normal Carlos Gomes, no Colégio do Sagrado Coração de Jesús e Faculdade de Filosofia. É presidente do Centro de Cultura Intelectual de Campinas, membro da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, sócio do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Publicou teses apresentadas a Congressos Científicos e da Educação. Filho de João Lopes Guimarães e de d.ª Francisca Carolina Lopes Guimarães; neto paterno de Ponciano Ferreira Guimarães e de d.ª Maria Gertrudes Guimarães; neto materno de José Martins Rodrigues e de d.ª Carolina Dias Valim. São seus irmãos: Benedita, Maria, Joaquim, Antônio, José e Ovídio. A 8 de setembro de 1923, em São José dos Campos, c.c. d.ª Helena Dulcinéa Mascarenhas, filha do Coronel Delfino Ferraz de Araujo Mascarenhas e de d.ª Helena Popini.

Prof. João Gumercindo Guimarães

1.º Tenente JOAQUIM DE ALMEIDA GRELLET — Nascido a 30 de setembro de 1899, em Monte-Mór (S. Paulo), funcionário público em Campinas. Foi vereador municipal pela Câmara de Capivarí (S. Paulo), escrivão

Digitized by Google

eleitoral da 38.ª Zona, com séde em Campinas. Atualmente é oficial de gabinete do prefeito de Campinas. Pertence ao Centro de Ciências, Artes e Letras de Campinas, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Campinas e do Instituto Genealógico Brasileiro. Publicou: "Capivarí" (livro histórico), e os folhetos "Revolução de 30" e "Revolução de 32". No prélo "Piracicaba" (livro histórico). Filho do Capitão Antônio Carlos de Almeida Leite e de d.ª Elisa Josefina Grellet.

Tenente Joaquim de Almeida Grellet

JOSÉ GOMES PEREIRA PINTO — Natural de Urucú, Estado de Alagôas, onde nasceu a 3 de fevereiro de 1901. Fez os primeiros estudos no Ginásio Alagôas, onde também fez o curso secundário. Matriculou-se depois na Esc. Superior de Comércio de Alagoas, diplomando-se em 1935. Dedicou-se primeiramente à vida militar, e também à agronomia, mas, terminado o curso comercial, passou a dedicar-se ao comércio, como o faz até agora. Vem se dedicando aos estudos da Economia e da Finança. Tem colaborado em vários jornais e revistas do nordeste do país. Reside em Alagôas, onde tem domicílio fixado há dez anos. É filho de João Gomes Pereira Pinto (n. Soledade, município de São Luiz, a 10 de agôsto de 1870) e de d.ª Maria Gomes Basílio de Oliveira Pinto (nascida em Lagôa de Ouro, Estado de Pernambuco, a 9 de setembro de 1886), atualmente residente em Garanhuns (Pernambuco) (casados em Urucú a 26 de abril de 1899). Neto paterno de Antônio Gomes da Rocha Pita (nascido em Baixa Verde, Estado de Pernambuco) e de d.ª Ana de Barros Pereira Pinto, natural de Urucú (distrito de Camaragipe - Alagôas). Neto materno de Ludgerio Antônio Basílio (nascido em Bom Conselho, Estado de Pernambuco) e de d.ª Maria Jacinta de Oliveira (nascida em Lagôa do Ouro, Estado de Pernambuco). A 9 de maio de 1923, casou com d.ª Teodomira Batista do Nas-

José Gomes Pereira Pinto

Digitized by Google

cimento (nascida em Pau Ferro, Pernambuco, 16-IX-1902), filha de Francisco Batista do Nascimento e de d.ª Francisca Zulmira Batista do Nascimento. Em segundas nupcias, a 7-II-1934, casou com d.ª Maria José Nunes de Sousa, filha de Mâncio Nunes de Sousa e de d.ª Maria de Araujo Bezerra, sendo d.ª Maria José Nunes de Sousa natural de Vila da Aliança, Estado de Pernambuco.

Dr. JOSÉ VILELA DA COSTA PINTO — Nascido a 8 de janeiro de 1888, em Lavras (Minas), onde fez seus estudos primários e os secundários em Ouro Preto e Barbacena. Formou-se a 18 de dezembro de 1914, médico, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atual prefeito de Rezende Costa (Minas). Publicou a sua tese "Da Placenta Proevia e seu tratamento racional". Filho do Dr. Antônio da Costa Pinto, nascido a 13 de julho de 1843, em Três Corações (Estado de Minas Gerais) e de d.ª Mariana Augusta Vilela, nascida a 5 de maio de 1861, em Lavras; neto paterno de João da Costa e Silva e de d.ª Helena Pinto, ambos de Três Corações; neto materno de Aureliano Vilela de Andrade, nascido em 1830, em Aiuruoca (Minas) e de d.ª Constança Lemos, nascida em São Gonçalo do Sapucaí. São seus irmãos, nascidos em Lavras: Júlio, nascido a 3 de agôsto de 1884; João, nascido a 30 de dezembro de 1885; Helena, nascida a 17 de dezembro de 1886; Horácio, nascido a 15 de setembro de 1890; Luiz, nascido a 15 de fevereiro de 1892; e Antônio, nascido a 16 de janeiro de 1896. O Dr. José Vilela, a 5 de maio de 1920, em São Tiago (Minas), casou com d.ª Delmira de Lourdes Rezende, alí nascida a 25 de dezembro de 1903, filha de João Batista de Sousa e de d.ª Maria Rita F. de Rezende. Pais de: Rosália, nascida a 27 de junho de 1924; Antônio, nascido a 22 de de dezembro de 1925; João, nascido a 10 de março de 1927, nascidos em Rezende Costa; e Joaquim, nascido a 15 de junho de 1930, em São Tiago.

Dr. José Vilela Costa Pinto

LUIZ ENRIQUE AZAROLA GIL — Damos hoje a bibliografia dêsse nosso consócio, genealogista, historiador e diplomata uruguaio, atualmente servindo em Buenos Aires, na Embaixada uruguaia: 1) La sociedad uruguaya y sus problemas (1911); 2) Anuario Diplomatico y Consular de la Republica Oriental del Uruguay (1917); 3) La huella de mis sandalias (1924); 4) El batllismo y la enseñanza militar (1924); 5) Veinte linajes del

Digitized by Google

siglo XVIII (1926); 6) Crónicas y linajes de la gobernación del Plata (1927); 7) Azarola. Crónica del linaje (1929); 8) Fondos documentales relativos a la historia del Uruguay (1930); 9) La Epopeya de Manuel Lobo (1931); 10) Aportación al padron histórico de Montevideo (1932); 11) Los orígenes de Montevideo 1607-1749 (1933), 2ª ed. 1940; 12) Las herejias históricas del Dr. Eduardo Acevedo (1933); 13) Don José Arrieta (1935); 14) La Princesa Leczyka (1935); 15) Los San Martin en la Banda Oriental (1936); 16) El proyecto de fundación de Nueva Estepa (1936); 17) La amante amarga (1939); 18) Historia de Colônia del Sacramento 1680-1828 (1940); 19) Los Maciel en la historia del Plata 1604-1814 (1940); 20) Nomenclatura histórica de Montevideo (1942); 21) Apellidos de la Patria Vieja (1942).

Luiz Enrique Azarola Gil

RICARDO W. (GUILLERMO) STAUDT — Nascido a 6 de março de 1888, na Argentina. Fez seus estudos primários em Berlim e os secundários em Verviers e Liège (Bélgica). De 1933 a 1938 foi Cônsul Geral e Encarregado de Negócios, da Austria na Argentina. Atualmente é Presidente de Staudt y Cia., S. A. C., em B. Aires. Publicou várias obras e dissertações de índole genealógica e econômica. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Filho de *Guillermo* Jacobo Staudt e de d.ª Guilhermina Emilia *Elisabete* Albrecht; neto paterno de Daví Guillermo Staudt e de d.ª Paulina Schinck; neto materno de Guillermo Eduardo Albrecht e de d.ª Florentina Emilia Bross. São seus irmãos: Augusta Vitória Emília Elisabeth Staudt de Glahn, Mercedes Maria Margarida Staudt, Condessa de Kalnein, e Carlota Luiza Ana Staudt de Schaurte. A 24 de junho de 1924, em Londres, casou com d.ª Elisabeth Koenings, filha de Herman Koenings, † e de d.ª Adelie Colsman, †. Pais de: Bárbara Eduvigis Elisabeth, nascida a

Ricardo W. Staudt

Digitized by Google

19 de fevereiro de 1918; Nicolás, nascido a 11 de fevereiro de 1919; e Pedro Guillermo, nascido a 19 de setembro de 1923.

MANUEL VIANA DE CASTRO — Natural do Rio de Janeiro, Distrito Federal, onde nasceu a 17 de julho de 1898. Fez seus estudos secundários no Externato Sto. Inácio, daquela capital. Durante alguns anos, até 1930, dedicou-se às atividades comerciais no Rio de Janeiro, ora em estabelecimentos comerciais, ora em estabelecimentos bancários, ora como representante local de indústrias de outras regiões do país. Como perito-contador, teve também ocasião de exercer mistéres dessa especialidade. Em 1931, deixou o Rio de Janeiro e fixou residência na cidade de Campos (Estado do Rio), onde se estabeleceu com negócio de representações comerciais e conta própria. Nessa cidade fluminense, dedicou-se também ao jornalismo, tendo colaborado nos seguintes jornais da imprensa local: "Monitor Campista", "Folha do Comércio" e "Gazeta". Fez parte das diretorias da "S. A. Monitor Campista", da Associação de Imprensa Campista, do Centro de Cultura Artística e do Sindicato dos Comerciantes Atacadistas. Foi membro da Junta de Conciliação e Julgamento do Ministério do Trabalho e preencheu, no "Rotary Club" de Campos a classificação "Comércio e Representações". Em 1938, voltou ao Rio de Janeiro e ingressou na Companhia Sul-América. Exerce atualmente, desde 1938, as funções de Inspetor de Seguros da Companhia Sul-América Terrestres, Marítimos e Acidentes, no Rio de Janeiro. Sócio fundador do Instituto Histórico de Petrópolis e sócio do Instituto Genealógico Brasileiro, no qual foi aceito em 5 de junho de 1942; Associação de Imprensa Campista e Centro de Cultura Artística. Tem colaborado em numerosos jornais e publicações periódicas, entre os quais se mencionam: "Publicações Comemorativas do Centenário de Petrópolis"; "Jornal do Comércio"; "Correio da Manhã", "Diretrizes", do Distrito Federal; "Jornal de Petrópolis", "Tribuna de Petrópolis" e "Pequena Ilustração", de Petrópolis; e nos citados jornais da cidade de Campos. É filho de João da Costa Viana de Castro e de d.ª Maria Joaquina de Andrade.

Manuel Viana de Castro

Monsenhor MÁRIO SILVEIRA -- Nasceu a 25-IX-1886, em Piedade do Paraopeba (Minas), onde estudou primeiras letras. Fez os estudos secundários em Congonhas de Campo, Asilo Patrocínio e Mariana. Ordenou-

Digitized by Google

se sacerdote a 13-IV-1909, pelo Seminario Maior de Mariana. Serviu no Arcebispado de Mariana, no de Belo Horizonte e no Bispado de Aterrado. Atualmente é vigário da paróquia de Morro Velho, em Nova Lima (Minas). Em 1917 publicou um folheto de polêmica religiosa; colaborou em jornais de Juiz de Fóra, Piumhi, Sabará e Dores de Indaiá. Filho de Otaviano José da Silveira, nascido a 8 de julho de 1864 em Piedade do Paraopeba, onde casou, e de (casado a 6 de junho de 1884) d.ª Maria Augusta Roque da Silveira, alí nascida a 31 de dezembro de 1869; neto paterno de Francisco José da Silveira e de d.ª Custódia das Neves; neto materno de Antônio Roque da Silveira e de d.ª Rita Cândida de Sousa; os quatro avós nascidos em Piedade do Paraopeba. Irmãos: José Cupertino da Silveira, Francisco, Adélia, Franklin, Joaquim, Custódio, Carmelina, Maria José, Maria dos Anjos, Otaviana, Francisco, Etelvina, Anita, Deusmira e Antônio.

Monsenhor Mário Silveira

MÁXIMO CRUZ DE AZEVEDO MARQUES — Nascido a 7 de maio de 1897, em Santos, onde fez seus estudos primários nas escolas públicas "Cesário Bastos" e "Barnabé". Trabalhou no comércio, sendo agora funcionário público federal, tesoureiro da Agência do Departamento Nacional do Café, em Santos. Filho do Capitão Inácio Mariano de Pereira da Cruz e de d.ª Maria Martins Pereira da Cruz; neto paterno do Cap. João Mariano Azevedo Marques e de d.ª Felicidade Perpétua de Azevedo Marques; neto materno de Antônio Martins Pereira da Cruz e de d.ª Emilia Francisca Pereira da Cruz. Solteiro. São seus irmãos, todos nascidos em Santos: Cristalina, nascida a 9-VI-1890; Brites, n. 24-VI-1893; Andradina, n. 28-VI-1895; Delta, n. a 4-IV-1901 e Mauro, n. 17-III-1899, † a 24-III-1922, em Londres.

Máximo Cruz de Azevedo Marques

RAMÓN DE CASTRO ESTEVES — Nascido a 14-II-1900, em Buenos Aires, onde estudou nos Colégios Olazabal e Nacional. Historiador, pro-

Digitized by Google

fessor, escritor e jornalista. Atualmente bibliotecário do Palácio de Correios e Telégrafos. Presidente fundador do Instituto Argentino de Cultura Histórica; 1.º vice-presidente, ex-presidente e fundador da Associação Argentina de Estudos Históricos; membro da Comissão Diretora do Instituto Sanmartiniano de Buenos Aires; secretário da União Cultural Americana. Membro do Inst. Argentino de Cultura Integral; da Associação Internacional de Ideas Americanistas; do Inst. Cultural Argentino Ecuatoriano; da Soc. Argentina de Escritores; da Sociedade Argentina de Estudos Linguísticos; da Associação Amigos de Hudson. Correspondente de instituições históricas do interior da Argentina: Rosário, Santa Fé, Mendoza, Salto, Córdoba, Tucuman e Catamarca. Das Academias: Hispano-americana de Ciências e Artes, de Cadiz; Ibero-americana de História Postal, de Madrid, Nacional de História e Geografia, de México; História de Cartagena, de Indias; Antioquenha de História de Medellin (Colombia). Correspondente de: The Hispanic Society of America de New York; Instituto Genealógico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico Paranaense; Sociedade de Geografia de La Paz e Sociedade de Geografia de Sucre (Bolívia); Instituto de Estudos Econômicos e Sociais, de México e do Instituto Sanmartiniano, de México. Obras publicadas: "Espiritu y materia" (1918); "Inquisiciones acerca de Rosas y su epoca" (1927); "El fundamiento de la moral en la obra de Carlos Brandt" (1927); "Rosas ante la Historia" (1931); "Historia de Correos y Telegrafos de la República Argentina", 2 vls. (1934 e 1938 - a continuar). Revistas em que colaborou (de Buenos Aires): "PBT" (1918); "El Hogar" (1917); "Caras y Caretas" (1921-22); "Revista Popular" (1917); "La Razón" (1918); "Aqui Está" (1940-43); "Leoplan" (1941-43); "Revista Geografica Americana" (1942-43). De México: "Hemisfério" (1943) e de La Plata "Humanidades" (1927). Filho de Ramón de Castro Rivera e de d.ª Amélia Esteves; neto paterno de Juan de Castro e de d.ª Agustina Rivera; neto materno de Francisco Esteves e de d.ª Inácia Gonzalez Rodas. Irmão: Marcelon, nascido a 14 de junho de 1898, em Buenos Aires. O sr. Ramon, a 9 de novembro de 1940, em Buenos Aires, casou com d.ª Margarita Scott Killian, sem sucessão, filha de Miguel Scott e de d.ª Maria Killian.

Ramón de Castro Esteves

ROBERTO AMORIM DE SANTA VITÓRIA — Nascido a 20 de julho de 1905, em Paris, onde fez todos os estudos, obtendo em 1923 diploma

Digitized by Google

de "Hautes Etudes Comerciales". Residia em Cannes, proprietário do Yacht "Hobo". Atualmente é sub-gerente do Departamento Marítimo da Anglo-Mexican Petroleum Co. Ltd., no Rio de Janeiro. Filho de Afonso Amorim de Santa Vitória, n. 30 de julho de 1871, em Buenos Aires, atualmente residente em Ste. Maxime s'Mer (Var), França, na sua propriedade, e de (casado em 1894, em Petrópolis) d.ª Zaira de Sousa, nascida a 31 de março de 1879, em Petrópolis; neto paterno dos Viscondes de Santa Vitória e neto materno do Comendador Henrique Irineu de Sousa, filho do Visconde de Mauá (vêr "Anuário Genealógico Brasileiro", II, 159 e 355). São seus irmãos: Luiz, nascido a 4 de julho de 1898, no Rio, solteiro; d.ª Zaira, nascida a 6 de dezembro de 1899, em Paris, casada com Kenneth Cooper; e d.ª Sílvia, nascida a 10 de abril de 1901, em Paris, casada com W. Bryce Aimers. O sr. Roberto, a 2 de março de 1936, em Cannes, casou com d.ª Cecile Ellmer, alí nascida a 17 de junho de 1906, sem sucessão, filha de Max Gottfried Ellmer, suiço, proprietário do Grand Hotel du Parc., de Cannes, e de d.ª Raquel Maria Schmidt.

Roberto Amorim de Santa Vitória

Servilio de Abreu Soares

Dr. SERVÍLIO DE ABREU SOARES — Nascido a 7 de novembro de 1879, em Campinas, onde fez os cursos primário e secundário. Formou-se a 25 de novembro de 1905, pela Fac. de Direito do Rio de Janeiro. Foi advogado em Campinas, sendo agora fazendeiro em Mogí-Mirim. Filho do Dr. Antônio Galdino de Abreu Soares e de d.ª Presciliana de Oliveira Soares; neto paterno do Comendador Joaquim José Soares de Carvalho e de d.ª Maria Felicíssima de Abreu Soares; neto materno de Joaquim Celestino de Abreu Soares, Barão de Paranapanema e de sua primeira esposa, d.ª Joaquina Angélica de Oliveira Soares. São seus irmãos, todos nascidos em Campinas: Arícia, nascida a 25 de setembro de 1865; Ocrisia, nascida a 3 de agôsto de 1867; Favorino, nascido a 20 de janeiro de 1870, falecido; Romílio, falecido; Valdomira, nascida a 22 de fevereiro de 1873; Romília, nascida a 29 de maio de 1876, falecida a 20

Digitized by Google

de dezembro de 1939. O Dr. Servílio, a 12 de junho de 1909, em Campinas, casou com sua prima 2.ª, d.ª Narcisa Pereira de Abreu Soares, filha de Rafael Luiz Pereira da Silva e de d.ª Narcisa Arruda Pereira da Silva. Pais de: Presciliana de Abreu Soares, nascida a 20 de agôsto de 1911; Antônio Galdino de Abreu Soares, nascido a 1 de setembro de 1912; e Servílio de Abreu Soares Filho, nascido a 14-VIII-1913, todos nascidos em Campinas.

SABINO MATIAS DE SOUSA — Nascido a 3 de julho de 1908, em Rezende (Estado do Rio de Janeiro). Foi auxiliar de gerente da Empresa José Venâncio em Pôrto Cemitério, Barretos, sendo atualmente agênte em Palmeiras (Goiáz). Membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Filho de José Matias de Sousa e de d.ª Alzira Augusta Moreira; neto paterno de José Matias de Sousa e de d.ª Francelina Carneiro Delgado; neto materno de Cristovão José Moreira e de d.ª Alice de Avila Queiroz. O sr. Sabino, a 4 de junho de 1941, em Morrinhos (Goiáz), casou com d.ª Zilda Gomes, filha de Plínio Olímpio Gomes e de d.ª Irene de Morais. Pais de: Irênio, nascido a 22 de agôsto de 1942, em Palmeiras.

Sabino Matias de Sousa

Dr. VIRIATO PEREIRA DUTRA — Nascido a 16 de julho de 1891, em São Borja (Rio Grande do Sul), onde fez o curso primário; e secundário em Porto Alegre, onde se formou em medicina a 28 de dezembro de 1916. Sendo atualmente médico em Júlio de Castilhos (Rio G. do Sul). Presidente do Conselho Municipal de Júlio de Castilhos, 1928. Deputado à Assembléia Constituinte do Rio Grande do Sul, 1935; deputado à Assembléia Legislativa (Rio Grande do Sul), membro da Comissão de Orçamento e 1.º vice-presidente; presidente da Assembléia Legislativa (1937). Secretário de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio (Rio Grande do Sul), 1938. Membro da Missão Médica mandada à França em 1918. Membro de diversas associações: Sociedade de Medicina de Santa Maria, Sindicato dos Médicos (Pôrto Alegre), Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, etc. Escreveu: "Diagnóstico e Tratamento das Pneumopatias Hunterianas", tese de doutoramento, aprovada com distinção; "Crianças, pobres crianças!" (conferências). Colaborou nos seguintes jornais: "A Rua", Pôrto Alegre, 1915; "O Popular" (Júlio de Castilhos); "O Comércio" (Cruz Alta); "Diário do Interior" (Sta. Maria); "Rev. Bras. de Medicina e Farmácia" (Rio de Janeiro); "A Federação" (Pôrto Alegre); "Vida

Digitized by Google

ural e Econômica" (Pôrto Alegre); "Revista do Instituto Histórico e Geo-áfico" (Pôrto Alegre), etc., etc. Filho de Florentino Pereira Dutra, falecido em 1927; neto paterno de Florentino Dutra de Lemos, †, e de d.ª Maria Joaquina Pereira, †; n.m. de Jacinto de Sousa Rocha, †, e de d.ª Ana Joaquina Centeno. Irmão de (todos nascidos em São Borja): Vidal, Bernardino, †, Doralia, Josefina, Virgílio, Hipólita, Dr. Vicente, †, e Vazulmiro. O Dr. Viriato, a 23-IV-1924, em Júlio de Castilhos, c.c. d.ª Doralina Corrêa Garcez, filha de Marcos Dias Garcez e de d.ª Maria Corrêa. Pais de (todos nascidos em Júlio de Castilho): Valter, nascido a 3 de fevereiro de 1925; Elba, nascida a 10 de junho de 1926; Alba, n. 26-IX-1927; Cléa, n. 13-XI-1930, † 31-VIII-1932; e Florentino, n. a 5 de dezembro de 1934.

Dr. Viriato Pereira Dutra

Dr. ZENON PEREIRA LEITE — Nascido a 13 de março de 1889, em Paranaguá (Paraná). Estudou em Curitiba, se formou, a 8-XII-1937, na Faculdade de Direito de Florianópolis. Funnário público federal, Inspetor da Alfândega em Pôrto Alegre, cargo que erceu anteriormente em Uruguaiana, Pelotas e Florianópolis. Filho de uilherme José Leite, nascido a 14 de jaeiro de 1855, em Recife e de (casados em aranaguá) d.ª Ester Pereira, nascida a 1º e dezembro de 1865, em Paranaguá; neto aterno de Francisco José Leite e de d.ª eopoldina Leite, portugueses; neto materno de Leocádio Pereira da Costa e de d.ª Maria Leocádia de Vasconcelos, ambos de aranaguá. São seus irmãos, vivos e nasdos em Paranaguá: Leví, nascido a 29 de ho de 1886; Samuel, nascido a 18 de arço de 1890; e Eliezer, nascida a 17 de evereiro de 1896; falecidos: Guilherme, ster, Agar e Jacó. O Dr. Zenon, a 4 de cvembro de 1916, em Paranaguá, casou m sua prima em 4.º gráu, d.ª Hilda Corêa Leite, alí nascida a 7 de outubro de 898, sobrinha carnal do Barão de Serro zul e do Visconde de Nacar, filha do Coendador Manuel do Rosário Corrêa

Zenon Pereira Leite

Digitized by Google

e de d.ª Celina da Silva. Pais de (todos nascidos em Paranaguá): Maria do Rosário, nascida a 9 de novembro de 1918; Hilnon Guilherme, nascido a 16 de maio de 1920; Hilda, nascida a 12 de outubro de 1925; Zenon, nascido em setembro de 1927, falecido a 19 de julho de 1928; Margot, nascida a 7 de março de 1931.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"Acuso o recebimento do n.º 8 da "Revista Genealógica Brasileira" que, segundo a norma traçada por seus incansaveis dirigentes, reafirma, em cada novo exemplar que surge, o alto conceito em que é tida por todos os que se dedicam ao estudo da Genealogia Brasileira e ao culto do passado de nossa cara Pátria."

Do cônego Raimundo Trindade, de Minas:

"Felicitações calorosas pelo último número da "Revista" (8.º). Está magnífico."

Do desembargador Alcibiades Valério Silveira de Sousa, de Florianópolis:

"Com grande prazer acuso o recebimento do 1.º, 2.º e 3.º volumes da "Biblioteca Genealógica Brasileira", bem como do volume 8.º da "Revista", cujos valiosos trabalhos sôbre genealogia muito apreciei."

Da Dra. Heloisa de Assunção, do Rio Grande do Sul:

"Junto remeto a importância de Cr.$ 85,00, correspondente à anuidade de 1943 e aos livros enviados. Como sempre interesso-me muito pelas publicações sôbre o assunto e peço que m'as remeta sempre."

Do Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação (telegrama):

"Sr. Ministro incumbe-me agradecer a êsse Instituto, por vosso intermédio, expressivas congratulações enviadas motivo próxima publicação trabalhos genealógicos do Major Samuel Soares de Almeida. Saudações atenciosas - Carlos Drumond, chefe Gabinete do Ministro de Educação."

Do Dr. Paulo Emílio d'Alessandro, de S. Bento do Sapucaí:

"Recebi a "Revista Genealógica Brasileira", referente ao 2.º semestre do corrente ano, n.º 8. A revista, como sempre, está excelente, a denotar o seu bom gosto, o seu capricho, o seu talento, a sua capacidade intelectual! Meus parabens!"

Do sr. Amilcar Montenegro Osório, do Rio de Janeiro:

"Recebi o n.º 8 da "Revista" e nele verifiquei a preocupação que os seus redatores têm de sempre apresentar em cada número uma novidade que o aprimora, de modo a tornar essa publicação de grande valor e estima aos estudiosos. Refiro-me, desta vez, ao Catálogo da Biblioteca do nosso Instituto, cuja classificação laboriosa revela o conhecimento técnico de seu organizador e demonstra quão opulento e precioso vai se tornando êsse departamento. Esta nova seção da "Revista", dando conhecimento de novos elementos bibliográficos, prestará relevantes serviços aos genealogistas."

De d.ª Heloisa Cabral da Rocha Werneck, do Rio de Janeiro:

"... fazendo votos que o Instituto Genealógico Brasileiro continue enriquecendo a documentação genealógica e histórica do Brasil."

Digitized by Google

LISTA DAS LOCALIDADES ONDE HÁ SÓCIOS DO INSTITUTO OU ASSINANTES DE SUAS PUBLICAÇÕES:

(com exceção de Rio e São Paulo)

Anápolis (Goiáz) - Padre José Trindade da Fonseca e Cônego Abel Ribeiro Camelo.

Anicuns (Goiáz) - Benedito Ferreira Raizama e Oscar Jaime.

Aracajú (Sergipe) - João Dantas Martins dos Reis e José Sebrão de Carvalho, Sobrinho.

Araraquara (São Paulo) - José de Arruda Campos.

Araxá (Minas) - Celidônio d'Afonseca e Silva e Sebastião d'Afonseca e Silva.

Assis (São Paulo) - Licurgo de Castro Santos.

Baependí (Minas) - José Alberto Pelucio.

Bananal (São Paulo) - Luciano de Almeida Ramos Nogueira e Romão Alves Guimarães.

Barão Homem de Melo (Rio) - Reinaldo Maia Souto.

Batatais (São Paulo) - José Arantes Junqueira.

Belém (Pará) - Adalberto Acatanassú Nunes, Adolfo Pereira Dourado, Carlos Borromeu Ebner, Ernesto Horácio da Cruz, Paulo Eleutério Cavalcanti de Albuquerque e Valdomiro Pimentel.

Belo Horizonte (Minas) - Caio Nelson, Décio de Vasconcelos, Edelveiss Teixeira, João Batista de Magalhães Gomes, Júlio Corrêa Pinto, Nelson de Sena, Salomão de Vasconcelos e Sebastião Moreira de Azevedo.

Bom Jesús do Amparo (Minas) - Júlio de Vasconcelos Teixeira da Mota.

Botucatú (São Paulo) - Fausto Teixeira.

Buenos Aires (Argentina) - Alfredo Diaz de Molina, Raul Labouglé-Carranza, Ricardo W. Staudt e Luiz Enrique Azarola Gil.

Cachoeira (Rio Grande do Sul) - Orlando da Cunha Carlos.

Cachoeira (Bahia) - Francisco Moniz Barreto de Aragão Júnior.

Cachoeiro de Itapemirim (Espírito Santo) - Wilson Lopes de Rezende.

Cajurú (São Paulo) - Nelson de Oliveira Mafra.

Campina Grande (Paraíba) - Epaminondas Câmara.

Campinas (São Paulo) - Anibal de Freitas, Celso Ferraz de Camargo, Celso de Melo Pupo, Claudio Celestino de Toledo Soares, Horácio Antônio da Costa, João Gumercindo Guimarães, Joaquim de Almeida Grellet, José Ferreira de Camargo, José Nogueira Novais, Licurgo de Castro Santos Filho, Servilio de Abreu Soares e Teodoro de Sousa Campos Júnior.

Campo Formoso (Goiáz) - Padre Anibal Ruppi.

Campos (Rio) - Alberto Lamego e Hercilia Nogueira Macieira.

Digitized by Google

Cândido Rodrigues (São Paulo) - João Oliveira de Barros.
Capivarí (São Paulo) - Jení Prado Dias.
Caruarú (Pernambuco) - Luciano Cerqueira Pereira, Adolfo Silva Filho, Danilo Silva, Gonçalo Lopes da Cruz, Jorge Feliciano Borba de Albuquerque e Luiz Gonçalves Portela.
Correas (Rio) - Lourenço Luiz Lacombe.
Corumbá de Goiáz - José Ardelino Fleurí Curado.
Curitiba (Paraná) - Artur Martins Franco, Carlos Stellfeld, Daví Carneiro, Elói de Azambuja Germano, José Loureiro Fernandes, Tenente-Coronel Amilcar Salgado dos Santos e Rosário Farani Mansur Guérios.
Fartura (São Paulo) - Hipólito de Almeida Melo e João Jaques Ribeiro do Vale.
Florianópolis (Santa Catarina) - Alcibiades Valério Silveira de Sousa, Antônio Talois de Mesquita, Osvaldo Rodrigues Cabral e Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.
Formiga (Minas) - Coriolano Pinto Ribeiro.
Fortaleza - Hugo Vitor Guimarães e Silva, Raimundo Girão e Tomáz Pompeu Brasil Sobrinho.
Goiânia - Agnelo Arlington Fleurí Curado, Albatênio Caiado Godói e Felipe Adolfo Abeid.
Goiáz (Goiáz) - Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira e João Francisco de Oliveira Godói.
Guarabira (Paraíba) - Jonas de Oliveira Leite.
Guaranésia (Minas) - Jorge Bueno de Miranda.
Guaratinguetá (São Paulo) - Frei Adalberto Ortmann, O.F.M.
Ijuí (Rio Grande do Sul) - P.e Pio José Busanello.
Itabuna (Bahia) - Ubaldino Brandão.
Itapetininga (São Paulo) - Avelino Cesar.
Itápolis (São Paulo) - Júlio da Silveira Sudario e Odilon Negrão.
Itauna (Minas) - Lincoln Nogueira Machado.
Jaú (São Paulo) - João Pacheco de Almeida Prado Filho, José de Barros Brotero e Orozimbo Morais Navarro.
João Pessôa (Paraíba) - Analice Caldas de Barros, Antônio Haroldo Ataide Cavalcanti, Miguel Falcão Alves e Olivínia Olívia Carneiro da Cunha.
José Bonifácio (São Paulo) - Romeu Maia Souto.
Juiz de Fóra (Minas) - Geralda Ferreira Armond.
Júlio de Castilhos (Rio Grande do Sul) - Viriato Dutra.
Lagôa da Prata (Minas) - José Maria T. Botelho.
Lavras (Minas) - Arí Florenzano e Jerônimo Vingt-Un Rosado.
Lins (São Paulo) - Bento Ferraz de Arruda Pinto e Elias Alves Corrêa.
Livramento (Rio Grande do Sul) - Francisco Flores da Cunha.
Lorena (São Paulo) - Antônio da Gama Rodrigues e Frederico da Silva Ramos.
Maceió (Alagoas) - Luiz Lavènere e Ezechias Jerônimo da Rocha.
Machado (Minas) - Valdo Leite de Magalhães Pinto.
Manáus (Amazonas) - Paulo de Melo Rezende.
Mariana (Minas) - Joaquim da Conceição de Vasconcelos Mota e Cônego Raimundo Trindade.
México (Capital) - Vicente Dávila.
Mogí-Mirim (São Paulo) - Lauro Monteiro de Carvalho e Silva.
Monte Aprazivel (São Paulo) - José do Amaral Campos.

Digitized by Google

LOCALIDADES ONDE HÁ SÓCIOS DO INSTITUTO

Montevidéu (Uruguai) - Carlos Peixoto de Abreu Lima.

Merrinhos (Goiáz) - Mário da Costa Ferreira.

Natal (Rio Grande do Norte) - Nestor dos Santos Lima, Otacílio Cavalcanti, Paulo Pinheiro de Viveiros e Felipe Nerí de Brito Guerra.

Niterói (Rio) - General José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Geraldo Bezerra de Menezes e Raul de Albuquerque.

Nova Lima (Minas) - Monsenhor Mário Silveira.

Ouro-Fino (Minas) - José Guimarães e Pompeu Rossi.

Ouro Preto (Minas) - Francisco Antônio Lopes.

Palmeiras (Goiáz) - Antônio Miguel Fleurí Curado, Antônio Pompeu de Pina, Djalma Jaime, Floresto Scarpelli, Hamilton de Barros Velasco, Humberto Mendonça Filho, Jarbas Jaime, Jerônimo Rodrigues de Abreu, João Mendonça, Joaquim Pompeu de Pina, José Sant'Ana, Oliveiros Lobo, Orlando Ferreira de Oliveira e Sabino Martins de Sousa.

Paracatú (Minas) - Olímpio Gonzaga.

Paraiba do Sul (Rio) - Pedro Gomes da Silva.

Paranaguá - Major Guilherme de Lara Tupper.

Paraúna (Goiáz) - Floriano Gomes da Silva.

Passo Fundo (Rio Grande do Sul) - Pedro Silveira Avancini.

Pelotas (Rio Grande do Sul) - Guilherme Echenique, Guilherme Echenique Filho, Heloisa de Assunção, Júlio Marino de Carvalho, Manuel Luiz Osório e Mário Batista Mendes de Matos.

Penápolis (São Paulo) - Geraldo Cardoso de Melo e exma. senhora.

Pentecostes (Ceará) - Antônio Drummond de Aguiar.

Petrópolis (Rio) - Alcindo Sodré, Alfredo Teodoro Rusins, Mário Aloisio Cardoso de Miranda, Paulo de Matos Rudge e Valdemar Rodrigues da Cunha Figueiredo.

Piedade (São Paulo) - Benedito Bueno de Camargo.

Pindamonhangaba (São Paulo) - Gustavo Adolfo Ramos de Melo e Rodrigo Romeiro.

Pirassununga (São Paulo) - Mário C. D'Elia.

Pirenópolis (Goiáz) - José Assuero de Siqueira.

Ponte Nova (Minas) - José dos Reis Costa.

Pôrto Alegre (Rio Grande do Sul) - Armando Dias de Azevedo, Aurélio Pôrto, Benno Frederico Mentz, Jorge Godofredo Felizardo, José de Araujo Fabrício, Mário Bernal, Olinto Sanmartin e Zenon Pereira Leite.

Recife (Pernambuco) - Eugênio de Mendonça Paes Barreto, Eurico Brito de Oliveira Andrade, Guilherme Martinez Auler, Luiz Ramiro de Almeida Costa, Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti e Sérgio Higino Dias dos Santos.

Rezende Costa (Minas) - José Vilela Costa Pinto.

Ribeirão Preto (São Paulo) - Antônio Tavares Pinhão, Oscar de Moura Lacerda e Umberto Salomone.

Rio Claro (São Paulo) - Oscar de Arruda Penteado.

Rio Grande (Rio Grande do Sul) - Otacílio Grafulha.

Salvador (Bahia) - Adriano de Azevedo Pondé, Afonso Rui de Sousa, Altamirando Requião, Anfrisia Santiago, Antônio José Seabra, Arnoldo Wildberger, Augusto Cesar Viana Neto, Clemente Mariani, Custódio Ferreira de Viana Bandeira Filho, Elísio de Carvalho Lisboa, Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, Henrique Aranha Lowndes,

Digitized by Google

Herman Neeser, Jaime da Cunha Gama e Abreu, João da Costa Pinto Dantas Júnior, João José de Oliveira Junqueira, Joaquim Bandeira Filho, Jorge Calmon Moniz de Bitencourt, Lotário Americano Corrêa, Luiz Torres, Mário de Barros, Mário Torres, Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho, Osvaldo Valente, Vital Pimentel de Barros Bitencourt e Valdemar Magalhães Matos.

Santa Cruz (Rio Grande do Norte) - Jonas de Oliveira Leite.

Santa Rosa (Rio Grande do Sul) - Fernando Albino da Rosa.

Santiago (Chile) - Jorge de Allende-Salazar Arrau e Juan Mujica de la Fuente.

Santo Amaro (Bahia) - Clara Calmon da Costa Pinto.

Santo Antônio da Platina (Paraná) - Luiz Rodrigues d'Oliveira.

Santos (São Paulo) - José Lourenço de Almeida Prado Filho, José Pires Castanho, Manuel Aguiar Pereira de Sousa, Manuel Hipólito do Rego, Plínio dos Santos Barroso, Osvaldo Campos de Arruda Botelho, Rafael Pinheiro de Ulhôa Cintra e Severino de Novais e Silva.

São Bento do Sapucaí (São Paulo) - Paulo Emílio d'Alessandro.

São Carlos (São Paulo) - Nelson Camargo.

São Francisco de Paula de Cima da Serra (Rio Grande do Sul) - Romário Marques Machado.

São Gabriel (Rio Grande do Sul) - Celso Martins Schröder e Palmira Vieira da Silva.

São João da Boa Vista (São Paulo) - Edmundo Augusto de Loiola.

São José dos Campos (São Paulo) - João da Pompeia Bonilha Pontes e Luiz de Azevedo Castro.

São José do Rio Pardo (São Paulo) - Henrique d'Avila Gonçalves.

São Leopoldo (Rio Grande do Sul) - Fortunato Bernardo do Nascimento.

São Luiz (Maranhão) - Cônego José Maria Lemercier.

São Vicente (São Paulo) - Heitor Basto Cordeiro.

Serinhaem (Pernambuco) - Jorge Coelho da Silveira.

Sobral (Ceará) - S. Excia. Revma. Conde Dom José Tupinambá da Frota.

Sorocaba (São Paulo) - Cônego Luiz Castanho de Almeida.

Tanabí (São Paulo) - Sebastião Almeida Oliveira.

Taubaté (São Paulo) - Felix Guisard Filho e José Olegário de Barros.

Teresina (Piauí) - Nei Ferraz.

Tietê (São Paulo) - Agêo da Silva Lara, Benedito Pires de Almeida, Bento Antônio de Morais, Caio Gracho de Sousa Campos, Cipriano Silva Camargo, Francisco Alberto Veiga de Castro, José Carlos Antunes, José Rodrigues de Morais e Otávio Dal Colletto.

Valparaiso (Chile) - Ezequiel Ubatuba e Manuel Pombo Piñeres.

Vila Bonfim (São Paulo) - Geraldo Augusto Procópio Junqueira.

Vitória (Espírito Santo) - Francisco Eugênio de Assiz.

Volta Redonda (Rio) - Durval de Toledo Barros.

Referências ao Instituto e suas publicações

Do Dr. Antônio da Gama Rodrigues, de Lorena:

"Agradeço também a remessa do exemplar do "Anuário", V ano. O amigo é admiravel."

Digitized by Google

Nery de Siqueira e Silva

Escolhido pelo eminente Presidente do Instituto Genealógico Brasileiro e dedicado Diretor desta Revista, êste grande idealista que é o Coronel Salvador de Moya, para dirigir a seção de ex-libris da "Revista Genealógica Brasileira", cabe-me exaltar a ação desta seção na difusão do conhecimento do ex-libris em nosso país. E não seria para menos, se levarmos em conta que o seu primeiro dirigente foi êste grande esteta e elevado espírito que é Inácio Costa Ferreira, que, premido por seus múltiplos afazeres, viu-se forçado a privar nossos inúmeros leitores dos encantos de sua sólida cultura. Seguiu-lhe o próprio Coronel Moya, que destemido como sempre, chamou a si êste encargo, e que o desempenhou como todos os outros, brilhantemente, di-lo bem o grande impulso que deu à seção com sua orientação.

É, portanto, com grande receio que assumo a sua direção onde procurarei não desmerecer o trabalho de meus antecessores e o entusiasmo despertado em nosso meio com a difusão de conhecimentos gerais e a publicação de mais de 300 ex-libris, na sua grande maioria de brasileiros.

* * *

Segundo Augusto de Matos, grande ex-librista português, o uso destas marcas de posse parece vir da mais remota antiguidade. Assim é que no Museu Britânico encontra-se uma lousa que, pela leitura de sua inscrição, parece ser a tampa de uma caixa onde se guardavam os papiros. A evolução das marcas de posse foi lenta, seguindo naturalmente a oscilação intelectual e artística das várias eras que antecederam à nossa; no século XV teve, no entanto, o seu primeiro impulso, recebendo então o nome de "ex-libris" — expressão hoje consagrada em tôdas as línguas latinas.

No Brasil o seu uso foi introduzido pelo Conde da Barca, ministro de D. João VI e pelo Padre Joaquim Damazo, primeiro conservador da Biblioteca Real, hoje Nacional, segundo Clado Ribeiro de Lessa. Atualmente o seu uso está muito difundido nos paises europeus e inicia-se um movimento de grande interesse pelo ex-libris em nosso país, onde, segundo estatística feita por ocaião da 1.ª Exposição Brasileira de Ex-libris, levada a efeito no Rio de Janeiro, em maio de 1942, sob a direção do Prof. Osvaldo Teixeira e alto patrocínio do Ministério da Educação e Saude Publica, existiam apenas 600 possuidores de ex-libris.

Hoje êste número deve estar muito acrescido dado o interesse despertado pela exposição do Rio de Janeiro e o trabalho desenvolvido pela Sociedade dos Amadores Brasileiros de Ex-libris e por esta Revista; podemos

Digitized by Google

mesmo vangloriar-nos de possuirmos uma verdadeira legião de ex-libristas apaixonados, sobretudo na capital do país, onde temos colecionadores da envergadura de Abraão de Carvalho, Clado Ribeiro Lessa, Peixoto Filho, Alberto de Lima, Clínio de Carvalho Costa, Floriano Bicudo Teixeira, Garcia Júnior, Homero Pires, José Heitgen, Nuno Smith de Vasconcelos, Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha e Paulo José Pires Brandão, para só citar alguns, e desenhistas do porte de Osvaldo Teixeira, Raul Pederneiras, Armando Pacheco, Correa Dias, Gomes Loureiro, Alberto Lima, Heitgen, Kiel e muitos outros.

Em São Paulo inicia-se também movimento idêntico ao do Rio de Janeiro, se bem que as trocas aquí não sejam tão espontâneas como na Capital Federal; assim é que já possuimos um bom número de colecionadores e citaremos, entre outros: Francisco de Assis Carvalho Franco, Inácio Costa Ferreira, Alfredo Penteado Filho, Domingos Laurito, Vasco Smith de Vasconcelos, Príncipe Igôr Dolgorukij, Olavo Dias da Silva, Alceu de Campos Pupo e o modesto rabiscador destas linhas. Entre os artistas que se têm dedicado aos ex-libris, a terra paulista apresenta, entre outros: Inácio Costa Ferreira, Wasth Rodrigues, Bruno Collich, Adolf Kohler, Paim, Teodoro Braga.

Mesmo assim existe, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, muita gente de cultura superior que não sabe o que é um ex-libris e que nunca ouviu falar nestas atraentes marcas de posse que constituem o encanto de um colecionador.

A-pesar-da Revista já ter publicado em seus números 4 e 5 várias definições de "ex-libris" e uma classificação aceita por Albino Forjaz Sampaio, publicaremos, a seguir, a de Armando de Matos, mais completa e mais didática.

Referências ao Instituto e suas publicações

Do Capitão-médico Dr. José de Araujo Fabrício, do Rio Grande do Sul:

"Há muito tempo acompanho, com grande entusiasmo, vossos esforços para incentivar os estudos genealógicos em São Paulo. Sou um grande admirador do Instituto Genealógico Brasileiro e de tôdas as publicações do gênero e que são animadas pelo vosso inesgotavel entusiasmo pelos assuntos genealógicos. Cá no extremo sul de nosso torrão dedico-me também, e com imenso prazer, aos mesmos estudos, naturalmente com muito menos brilho do que V. S." "... receberia com satisfação qualquer cousa relacionada com a genealogia, à qual V. S. empresta o brilho de vosso talento e entusiasmo patriótico."

De d.ª Arlete Corrêa Neto, secretária do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora:

"Tenho a satisfação de acusar o recebimento de um exemplar da revista do Instituto Genealógico Brasileiro, que o ilustre genealogista patrício teve a gentileza de oferecer-me por indicação do sr. Horácio Rodrigues da Costa. Agradecendo, valho-me do ensejo para felicitar ao erudito presidente dêsse Instituto pelos seus livros e trabalhos publicados, onde os estudiosos dessa intrincada matéria encontram farto manancial de conhecimentos."

Digitized by Google

- Ex-libris (marcas de posse)
  - *Interiores* ex-libris propriamente dito
    - fotográficos
    - manuscritos
    - impressos
      - diretos
      - indiretos
      - tipográficos
        - simples
        - compostos
      - carimbados
        - diretos
        - indiretos
          - quanto à natureza do carimbo
            - metal
            - madeira
            - borracha
            - podendo ser em relevo
          - quanto à composição
            - simples
              - com dizeres em caracteres tipográficos
              - com dizeres fac-similados
            - compostos
              - armoriados
              - simbólicos
              - decorativos
              - alegóricos
      - gravados
        - quanto à natureza das chapas
          - madeira
          - metal
          - pedra
        - quanto ao processo de gravura
          - água-forte
          - buril
          - ponta
          - talho-doce
          - fotogravura
          - similigravura
          - litografia
        - quanto à composição
          - armoriados
          - simbólicos
          - decorativos
          - alegóricos
          - dizeres fac-similados
  - *Exteriores* ou super-libris
    - diretos
    - indiretos
      - metal
      - marfim
      - pele
      - tela
      - papel
      - a ouro
      - a seco
      - pintados
      - gravados
        - armoriados
        - simbólicos
        - decorativos
        - alegóricos
        - caracteres tipo gráficos
          - na lombada
          - nas pastas

individuais

coletivos

gerais

especiais

Digitized by Google

COLEÇÃO DE EX-LIBRIS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

(*Continuação*)

334) Dr. F. Peixoto Filho. Serventuário da Justiça, residente no Rio de Janeiro. O seu ex-libris representa a imortalidade do homem; acima do infinito floresce o que o homem, pela cultura e pela crença semeou na terra. Desenho de W Kiel.

335) Dr. Cesar Pinto. Médico do Instituto de Manguinhos. A abelha representa o trabalho util, persistente, inteligente e repousa sôbre as iniciais C. P.; a lupa representa o primitivo microscópio. Desenho de Castro Silva.

336) Dr. Brasílio Machado Neto. Serventuário da Justiça. Descendente de tradicional família paulistana. Desenho de J. W. Rodrigues.

337) Dr. Edmundo Navarro de Andrade. Foi alto funcionário da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, Diretor de seu Horto Florestal. Secretário de Estado e membro da Academia Paulista de Letras. Deixou vários trabalhos sôbre o eucalipto.

338) Edmur de Barros Sousa. Comerciário e genealogista. Vêr dados genealógicos no número 295.

339) Gustavo Barroso. Escritor, membro da Academia Brasileira de Letras. Desenho de Corrêa Pires.

340) José Matoso Maia Forte, jornalista residente em Niterói. Desenho de Bloow.

341) Júlio Arp. Comerciante residente no Rio de Janeiro.

342) Dr. Rodolfo Rosetti. Conhecido médico residente no Rio de Janeiro. A medicina — ciência e arte abeberando-se da mesma fonte. Desenho de Vitor Dick.

343) Homero Pires. Professor de Direito, residente no Rio de Janeiro. Bibliofilo e ex-librista de nomeada. Desenho de Cornélio Pena.

344) Vineli de Morais.

345) Biblioteca Municipal do Espírito Santo do Pinhal.

346) Otto Braucks. Militar. O ex-libris, desenho de Henrique Schury Arnholdt, simboliza o espírito militar forjado pela obra dos mestres.

347) Zulma Franco Teixeira, filha do sr. Prof. Floriano Bicudo Teixeira.

348) Ivo Pagani, advogado residente no Rio de Janeiro. Desenho de Adalberto de Matos.

349) Murilo Meireles, engenheiro residente no Rio de Janeiro. Desenho de Adalberto Matos.

350) Dr. João da Gama Cerqueira, ilustre advogado residente em São Paulo.

351) Biblioteca George Alexander, do Mackenzie College.

352) Helena Krausz Szanto.

353) Luela Smith de Vasconcelos.

354) Dr. Raul Briquet. Ilustre médico e sociólogo. Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Economia Política. Membro da Academia Paulista de Letras. Já publicou muitos livros sôbre medicina, sociologia e outros assuntos.

Digitized by Google

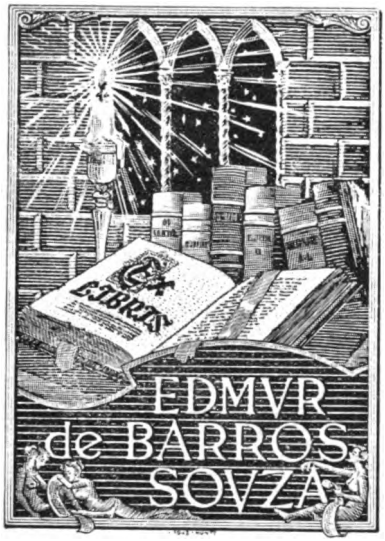
334) F. Peixoto Filho

335) Cesar Pinto

336) Brasílio Machado Neto

337) Edmundo Navarro de Andrade

Digitized by Google



338) Edmur de Barros Sousa

339) Gustavo Barroso

340) José Matoso Maia Forte

341) Júlio Arp

Digitized by Google

355) Dr. José Eduardo de Macedo Soares, jornalista residente no Rio de Janeiro.
356) Júlio Arp. Comerciante residente no Rio de Janeiro.
357) Biblioteca do Centro Paulista, do Rio de Janeiro.
358) Júlio Arp Júnior. Comerciante residente no Rio de Janeiro.
359) Companhia Johnson & Johnson do Brasil.

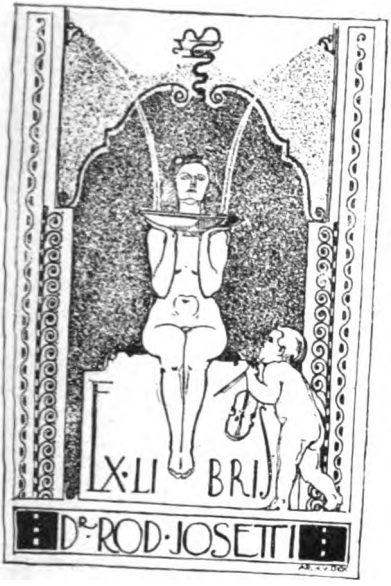
DA COLEÇÃO DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO JÁ PUBLICAMOS OS SEGUINTES *EX-LIBRIS*

A. Childe, 104
A. de Faria, 325.
A. M. A., 322.
Abrão de Carvalho, 33.
Academia Riograndense de Letras, 27.
Acir Pinto da Luz, 85.
Ademar de Barros, 175.
Adolfo Corrêa Dias, 81.
Adolfo Morales de los Rios Filho, 283.
Afonso de Carvalho (Coronel), 51.
Agostinho Dias Nunes d'Almeida, 118 e 270.
Alberto Carlos de Araujo Guimarães, 57.
Alberto Lima, 64.
Alberto Santos Dumont, 290.
Alexandre Rodolfo Smith de Vasconcelos, 303.
Alfredo de Carvalho, 192.
Alfredo Penteado Filho, 1.
Alfredo Pujol, 34.
Aliatar Loreto, 96.
Almaquio Diniz, 132.
Altino Arantes, 323.
Álvaro Lemos Torres, 23.
Álvaro Moreira, 195.
Álvaro de Sales Oliveira, 279.
Álvaro Simões Corrêa, 65.
Amadeu Saraiva, 2.
Américo Jacobina Lacombe, 3.
Anny Weiss, 222
Antonieta Carvalho, 286.
Antônio Carlos Pacheco e Silva, 198.
Antônio da Gama Rodrigues, 35.
Antônio José Machado Carmona, 224.
Antônio de Menezes Vasconcelos Drumond, 69.
Antônio Paim Vieira, 21.
Antônio Sales, 90.
Antônio Sardinha, 214.
Armando Braga, 314.
Armando Magalhães Corrêa, 109.
Arnaldo Amado Ferreira, 207.
Arnaldo Pinto Monteiro, 116.
Arquivo e Biblioteca da Prefeitura de Pôrto Alegre, 71.
Arquivo Público e Biblioteca Universitária do Rio de Janeiro, 115.
Artur de Vasconcelos, 19.
Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, 115.
Associação de Escoteiros de Santos Dumont, 164.
Augusto de Lima Júnior, 251.
Augusto Prestes, 316.
Barão do Rio Branco, 140.
Barão de Vasconcelos (2º), 223.
Baronesa de Vasconcelos (2ª), 75.
Basílio Viana Júnior, 238.
Belisário Pena, 36.
Benedito Bastos Barreto (Belmonte), 37.
Biblioteca do Centro Paulista, 357.
Biblioteca Fluminense, 285.
Biblioteca George Alexander, 351.
Biblioteca Germânica (do Rio de Janeiro), 60.
Biblioteca Municipal de Espírito Santo do Pinhal, 345.
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 28.
Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, 4.
Biblioteca Pública de Piracicaba, 288.
Biblioteca Pública de Pôrto Alegre, 78.
Brasílio Machado Neto, 336.
Bruno Hollnagel, 174.
Caetano Bussolari, 136.
Caixa Economica Federal de São Paulo, 180.
Cândido Firmino de Melo Leitão Júnior, 163.
Cândido Luiz Maria de Oliveira, 79.
Cantidio de Moura Campos, 287.
Carlos Borromeu Ebner, 123.
Carlos Gama, 142.
Carlos H. Tasso de Figueiredo Corrêa Lage, 280.
Carlos de Paula Couto, 59.
Carlos Sudá de Andrade, 84.
Carlos da Veiga Lima, 111.
Carmo de Melo Coutinho, 216.
Celso Bayma, 210.
Centro Acadêmico Pereira Barreto, 158.
Cesar Pinto, 335.
Christian Heinritz, 179.
Clado Ribeiro de Lessa, 5.
Claudio Mariano Carneiro da Cunha, 268 e 269.
Clube Brasileiro de Excursionismo, 277.
Clube Central (de Niterói), 165.
Clube Germania (de Santos), 306.
Clube Ginástico Português, 157.
Cleómenes de Campos, 221.

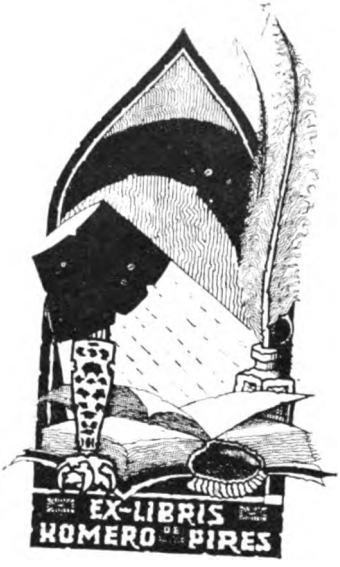
Digitized by Google

Coleções na Biblioteca Nacional, 133 e 152 a 156.
Colégio Pedro II, 159.
Colégio S. José (de Juiz de Fora).
"Columbia", 103 e 113.
Conde de Sucena, 212.
Condessa de Alva, 232.
Constâncio Alves, 208.
Convento de Santo Antônio, 67.
Cristóvão de Camargo, 141.
Damião Ribeiro de Moura, 76.
Décio Ferraz Alvim, 231.
Deoclécio De Paranhos Antunes, 274.
Dieno Castanho, 322.
Diogo Barbosa Machado, 160.
Domingos Laurito, 20.
Edmundo Navarro de Andrade, 337.
Edmur de Barros Sousa, 295 e 338.
Eduardo da Silva Prado, 22.
Elisiário da Cunha Baiana, 150.
Ella Kay-Kohler, 184.
Elmano Lage, 145.
Elvino Pocai, 38.
Elzear Wangler, 56.
Emilio Fernandes de Sousa Docca, 252.
Eponina Alvernaz de Oliveira Cunha, 273.
Ernesto Massucci, 241.
Escola Paulista de Agricultura e Indústrias Rurais, 330.
Escola Paulista de Medicina, 326.
Eurico Facó, 282.
Eurico de Góis, 39.
Externato São José, 183.
Ezequiel Ubatuba, 72.
Faculdade de Direito, 97.
Faculdade de Farmácia, 127.
Faculdade de Filosofia, 327.
Faculdade de Medicina, 130.
Federação Espírita Brasileira, 242.
Felisbelo Mondini Guimarães Belletti, 312.
Felix de Barros Cavalcanti de Lacerda, 296.
Fergus O'Connor de Camargo Dauntre, 183.
Fernando Guedes Galvão, 7.
Fernando Tasso de Figueiredo, 284.
Firmino Borba (General), 124.
Flamínio Favero, 70.
Floriano Peixoto Keller, 248.
Floriano Pereira Reis de Andrade, 271.
Francis J. Mc. Ardle, 172.
Francisca de Vasconcelos Basto Cordeiro, 227 e 297.
Francisco de Aquino Corrêa (Dom), 74.
Francisco de Assis Carvalho Franco, 26.
Francisco Marques dos Santos, 8.
Francisco Matarazzo Sobrinho, 167 e 168.
Francisco Peixoto Filho, 334.
Francisco de Paula Cidade, 260.
Francisco Virgílio da Rocha Garcia, 315.
Gastão Penalva, 40.
Gazeta (a), 298 e 299.
Genaro Ponte e Sousa, 226.
Georges Przirembel, 190.
Gertrude Koster, 258.
Gregório Ignis Ardens, 257.
Guilherme de Almeida, 68.
Guiomar Smith de Vasconcelos, 206.
Gustavo Barroso, 339.
Hans Iken, 169.
Helena Krausz Szanto, 352.
Henri de Lanteuil, 161, 162, 201 e 228.
Henrique Boiteux, 41.
Hermes da Fonseca Filho, 203.
Hermes Pio Vieira, 199.
Hermes T. Sprenger, 304.
Hernani de Campos Seabra, 42.
Hilário Veiga de Carvalho, 117.
Homero Pires, 343.
Honório Silvestre, 128.
Hormino Lira, 253.
Igôr Dolgorukij, Príncipe, 266.
Inácio da Costa Ferreira, 43.
Instituto de Cultura Religiosa, 149.
Instituto de Educação, 189.
Instituto Genealógico Brasileiro, 55.
Instituto Histórico da Baía, 144.
Instituto Histórico de Ouro Preto, 29.
Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, 30.
Instituto Osvaldo Cruz, 31.
Ivo Pagani, 348.
Jackson de Figueiredo, 77.
Jacques Raimundo Ferreira da Silva, 99.
Jaime Luiz Smith de Vasconcelos, 218.
James Lamar Thompson, 308.
James e Lisa Magnus, 137.
Jean Randaxhe, 135.
João A. Martin, 177.
João Batista Pereira, 181.
João Corrêa Dias Costa, 259.
João Fernando de Almeida Prado, 176.
João Gabriel de Santana, 121.
João da Gama Cerqueira, 350.
João Pedro Leão de Aquino, 45.
João Ribeiro Pinheiro, 197.
João Sarmento Pimentel, 44.
Joaquim Cavalcanti de Arcoverde (Dom), 329.
Joaquim de Sousa Leão, 217.
Joel da Mota, 112.
Johann Otto Roosen-Runge, 95.
Johnson & Johnson do Brasil, 359.
Jonas Corrêa, 246.
José Bueno de Oliveira Filho, 187.
José de Castro Sant'Ana, 89.

Digitized by Google

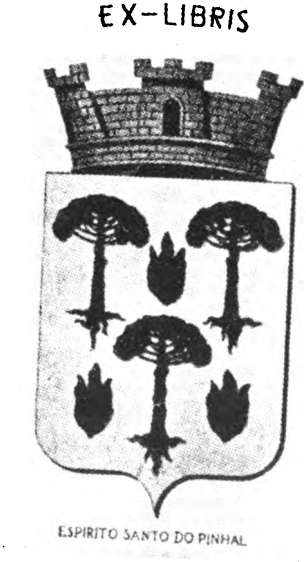


342) Rodolfo Rosetti



343) Homero Pires

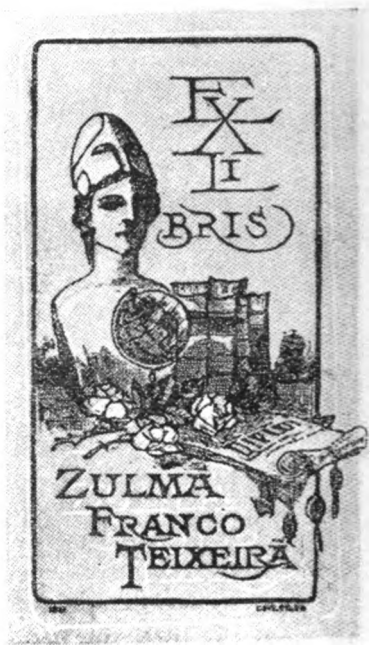
344) Vineli de Morais



345) Biblioteca Municipal de Espírito Santo do Pinhal

Digitized by Google

346) Otto Braucks



347) Zulma Franco Teixeira

348) Ivo Pagani

349) Murilo Meireles

Digitized by Google

José Eduardo de Macedo Soares, 355.
José Heitgen, 80.
José de Lima Figueiredo, 263.
José Martins Fontes, 138.
José Matoso Maia Forte, 340.
José Maurício Varela, 178.
José Pires Júnior, 262.
José Tomás Nabuco de Araujo, 281.
Judite Rodrigues de Taquari, 186.
Júlio Arp, 341 e 356.
Júlio Arp Júnior, 358.
Júlio Cesar Melo e Sousa, 191.
Júlio Cosi, 333.
Júlio Zamith, 229.
Lauro Travassos, 202.
Leonan de Azevedo Pena, 73.
Leopoldo Berger, 62.
Liselotte Magnus, 200.
Lucas Alexandre Boiteux, 143.
Luela Smith de Vasconcelos, 209, 233 e 353.
Luiz Antônio Pinto de Aguiar, 230.
Luiz Edmundo, 250.
Luiz Felipe de Castilho Goicochêa, 151.
Luiz Gomes Loureiro, 255.
Luiz Sérgio Tomáz, 46.
Luiz de Toledo Lara, 9.
M. Cavalcanti Proença, 261.
Malba Tahan, 191.
Manuel II (Dom), 211.
Manuel Francisco Pinto Pereira, 83.
Manuel Mesquita Santos, 134.
Manuel Nogueira da Silva, 301.
Manuelito Dornelas, 108 e 225.
Margit Knoop, 182.
Maria José de Abreu Fialho Botelho de Magalhães, 119.
Mário de Andrade, 91.
Mário de Melo, 47.
Mário Guastini, 58.
Mário de Oliveira Brandão, 196.
Mário da Silva Brito, 148.
Maris Stela, 319.
Menotti Del Picchia, 86.
Ministério da Educação, 32.
Ministério das Relações Exteriores (Mapoteca), 236.
Múcio Tristão de Carvalho, 264.
Murilo Meireles, 349.
Museu Imperial, 114.
Museu Nacional, 66.
Nelson Coelho de Sena, 10.
Nelson Mendes Caldeira, 234.
Nestor Wanderley Curio, 276.
Nuno Lopo Smith de Vasconcelos, 147 e 293.
Neri de Siqueira e Silva, 307.
"O Estado de São Paulo" (jornal), 120.
Olavo Dias da Silva, 244.
Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, 107 e 294.
Olinto Sanmartin, 11.
Ondina Bastos, 291.
Onestaldo de Pennafort, 194.
Oreste Bruno, 166.
Oscar Flues, 309.
Oscar Loesche, 185.
Oscar Reinaldo Muller, 267.
Osvaldo Cruz, 106.
Osvaldo Pereira da Silva, 205.
Osvaldo Rodrigues Cabral, 239.
Osvaldo Rodrigues Dias, 12.
Otávio Garcia Pereira da Silva Júnior, 203.
Otto Braucks, 346.
Paula Pires Brandão Simões, 311.
Paeckelmann, 173.
Paulo Arantes, 100.
Paulo Emilio d'Alessandro, 265.
Paulo José Pires Brandão, 98.
Paulo de Melo Rezende, 13.
Paulo T. Barreto, 204.
Pedro Sinzig, frei, 292.
Pina Cellini, 110.
Procuradoria Geral da Fazenda Pública, 305.
Protásio Coelho de Moura, 235.
Raul Briquet, 354.
Real Gabinete Português de Leitura, 278.
Renato Kehl, 48.
René Thiollier, 63.
Revista Militar Brasileira, 310.
Ricardo Gumbleton Daunt, 14 e 49.
Ricardo Xavier da Siveira, 129.
Robert Prentice, 193.
Roberto Donati, 24.
Roberto Guimarães Wasth Rodrigues, 300.
Roberto Moreira, 170.
Roberto Simonsen, 53.
Rodofo Rosetti, 342.
Rodrigo Alfredo Smith de Vasconcelos, 52.
Rubens Borba Alves de Morais, 15 e 71.
S. P. H. A. N., 324.
Salomão Cruz, 317.
Salvador de Menezes Furtado de Mendonça, 126.
Salvador de Moya, 25.
Sebastião Leme da Silveira Cintra (Dom).
Sebastião Pagano, 243.
Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, 139.
Sociedade Brasileira de Amadores de Ex-Libris, 272.
Sociedade Hans Staden, 215.
Sociedade Nacional Dante Alighieri, 313.
Solidonio Leite, 101.
"Tradição" (revista), 131.
Ulises Lemos Torres, 240.
Universidade do Rio de Janeiro, 125.
Universidade de São Paulo, 94.
Valmerina Correa, 247.
Valmir Ramos, 254.

Digitized by Google

Valter Spalding, 18 e 50.
Vasco Smith de Vasconcelos, 17.
Vineli de Morais, 344.
Vital Brasil, 61.
Vitor José de Lima, 245.
Vitor Tapajós, 256.
Valdemiro Pimentel, 249.
Vivaldo Vivaldi Coarací, 289.
Zulma Franco Teixeira, 347.
... Cardillo Filho, 86.
... Castro Garcia, 332.
... Fontenla, 318.
... Garcia Saraiva, 87.
... Nogueira de Carvalho, 92.

Perguntas e Respostas

A Revista mantém uma seção de perguntas e respostas, formuladas por seus leitores. A redação não intervirá nelas; limitar-se-á a publica-las. Poderá ser usado pseudônimo, porém, para uso da redação, devem constar o nome e o endereço autêntico. Várias pessoas poderão responder à mesma pergunta. Tanto as perguntas, como as respostas deverão ser curtas e concisas.

PERGUNTAS:

73) Seria possível algumas informações sôbre a família Jansen, do Maranhão? Existe um entrelaçamento de um ramo Drumond com os Jansen: seria possível encontra-lo? *Luiz Ramiro de Almeida Costa,* de Recife.

74) Estimaria ter informações sôbre os antepassados de Helena Camargo de Sousa, natural de S. Paulo, casada com o Capitão-mór José da Cunha Lustosa, nascido na vila de Lustosa, concelho de Louzada, província do Porto (Portugal), emigrado para S. Paulo e depois para o Piauí, onde faleceu a 1765. Helena Camargo de Sousa faleceu no Piauí, em 1778. Eram ambos avós paternos do Marquês de Paranaguá (João Lustosa da Cunha Paranaguá), meu avô. *Pedro de Paranaguá,* do Rio de Janeiro.

RESPOSTAS

Resposta à pergunta nº 7 do Vol. I (1º semestre 1940):

Pergunta - Deseja-se qualquer dado sôbre o Marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, deputado às Cortes Portuguesas (1820). Especialmente si usava ou tinha direito a algum brasão ou escudo. *Resposta* - Sei que foi fidalgo morador na cidade do Porto, filho de Bento José de Oliveira, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher Maria Francisca de Jesús Ferreira e Erra; neto pela parte paterna de João Pereira de Oliveira e de sua mulher d.ª Rosa Caetana de França; bisneto de Domingos Pereira de Oliveira e de sua mulher d.ª Ana de Freitas; neto pela parte materna de Antônio Francisco de Pina e de sua mulher d.ª Sebastiana Ferreira; bisneto do Sargento-mór André Ferreira de Erra e de sua mulher Maria Pereira; bisneto pela parte da sua avó paterna d.ª Rosa Caetana de França, de Manuel da Fonseca Pinto e de sua mulher d.ª Catarina Fernandes; terceiro neto de Domingos da Fonseca Pinto e de sua mulher d.ª Antonia de França; quarto neto de Domingos Ribeiro da Fonseca Pinto, que militou nas guerras da Aclamação (1640). Teve carta de brasão d'armas, passado em 8 de abril de 1794, em cujo escudo esquartelado figuravam no 1.º, as armas dos Oliveiras; no 2.º, as armas dos Erras; no 3.º, as armas dos Pintos e no 4.º, as armas dos Franças.

Digitized by Google

SEÇÃO DE "EX-LIBRIS"

Foi morgado de Fonte Nova, comendador das Ordens de Cristo e Conceição, cavaleiro da Torre da Espada, condecorado com a medalha de ouro da guerra peninsular. Nasceu na Baía a 30 de junho de 1771 e faleceu a 24 de janeiro de 1824, a bordo de um navio, de regresso para Portugal, pois nunca quis reconhecer a independência do Brasil. Foi militar dos mais bravos e ilustres e gozou de nomeada como escritor.

Carvalho Franco

Resposta à pergunta 5 - O distinto pesquisador sul-riograndense Dr. Jorge Godofredo Felizardo quer saber dados referentes à ligação de Maria das Neves, filha de Anacleto Sardinha e de Rosa de Oliveira, a qual Maria das Neves foi casada com Luiz Garambéu Martins. Gente de Mogí-das-Cruzes, que se espalhou pelo Rio-Grande-do-Sul. Já andei atrás da solução dêsse problema, a pedido do ilustre pesquisador sulino, e tão somente no intuito de obter auxílio de quem queira colaborar na solução completa do caso, lembro que nos meus "Subsídios Genealógicos", números 39 e 41, respectivamente de 8 e 22 de março de 1940, tive oportunidade de expor algo, que consegui. Tais subsídios veem nas páginas 115-117 e 121-122 do volume III, da coleção "Biblioteca Genealógica Brasileira" e, pois, são fáceis de encontrar. *Carlos da Silveira*

Resposta à pergunta 68 - Tenho mantido correspondência com o ilustrado genealogista e historiador de Mariana (Minas), Reverendíssimo Senhor Cônego Raimundo Otávio Trindade, a respeito das origens de João Cardoso Gago da Câmara. Trago minhas observações para aquí, a-fim-de obter colaboradores em tão interessante caso.

Eis o que conseguí, até agora. Havia em Mogí-das-Cruzes, em fins do século DEZESSETE, o casal João Bernal Maciel-Brígida da Câmara. João Bernal Maciel fez testamento em 10 de outubro de 1695, e faleceu a 19. Declarou fôra casado com Brígida da Câmara (a qual testara a 24 de novembro de 1694 e falecera a 12 de dezembro), e tivera, do casamento, os filhos Estevão Gago, Salvador Gago e Maria da Câmara, e que esta havia sido dotada quando a casou com Agostinho Cardoso. Refere-se ainda a três filhos bastardos (Domingas, Catarina e Diogo), e afirma que casou uma neta com Marcos Mendes de Oliveira.

Maria da Câmara testou em 18 de maio de 1713, em Guaratinguetá e aí foi inventariada. Francisco Velho Cabral escreveu o testamento, a rogo. Diz: "Declaro que fui casada em face da Igreja com João Cubas Preto, de cujo matrimônio tive seis filhos — quatro machos e duas femeas: 1 - Sebastião, 2 - Inácio, 3 - Francisco, 4 - João, 5 - Inez, 6 - Maria. Declaro que fui casada A PRIMEIRA VEZ em face da Igreja com Agostinho Cardoso já defunto de cujo matrimônio tive um filho ...". O papel está estragado exatamente onde vinha escrito o nome do filho. De uns traços restantes talvez se possa inferir que o nome é JOÃO, e será esse o João CARDOSO Gago da Câmara, procurado pelo Reverendíssimo Sr. Cônego Raimundo Otávio Trindade.

Silva Leme, em III, 254, menciona essa gente, ao relacionar a mulher de Estevão Gago da Câmara, Maria da Luz do Prado. A "Genealogia" dá a geração do casal.

No meu subsídio genealógico número QUARENTA, dos saídos no volume III da Biblioteca Genealógica Brasileira", pág. 119, faço menção de Sebastião Cubas da Câmara e de seu irmão Inácio Cubas da Câmara, os quais então (15 de março de 1940) não

Digitized by Google

sabia quem eram, e ora sei que são filhos de Maria da Câmara e SEGUNDO marido João Cubas Preto.

Sebastião morreu em Guaratinguetá em maio de 1718 e aí foi inventariado, deixando viuva Luzia Leme, que me parece seja irmã do Capitão Roque Bicudo Leme, guaratinguetaense assaz conhecido em genealogia (S. L., VI, 443). Num ou noutro ponto da obra de Silva Leme (III, 186; IV, 149; V, 182) aparecem referências a Sebastião Cubas da Câmara (Sebastião Cubas Preto, Sebastião Preto de Siqueira) e a Luzia Leme, falecida esta (casada segunda vez, com Paulo Rodrigues Diniz), em agôsto de 1741, num sítio a três leguas de Mogí-do-Campo, hoje Mogí-Guassú.

Inácio Cubas da Câmara (Inácio Cubas Gago) aparece igualmente na "Genealogia", volume III, 313, onde vem o casamento de seu filho Manuel Gago da Câmara, natural de Lorena. Por essa nota e pelos resumos de assentamentos de casamentos de Guaratinguetá, feitos pelo saudoso Dr. Gastão Meireles França (número sete desta "Revista", página 123), vê-se que Inácio Cubas da Câmara era casado com Antonia Vieira da Maia, de certo descendência de Antônio Vieira da Maia (S. L., V, 7 e VII, 348).

O Reverendíssimo Senhor Cônego Raimundo Otávio Trindade acaba de publicar interessante trabalho genealógico "Martins da Costa e Famlias Paulistanas no Piracicaba", 1943, Mariana, tipografia d'"A Folhinha" e aí se lê (páginas 16 e 17) quem era a mulher de João Cardoso Gago da Câmara, Maria Velho Cabral, filha de Ana de Borba Gato e de Domingos Velho Cabral. Já andei tratando dêsses Borba Gato, de Ubatuba, que passaram a residir nas Minas Gerais (subsídio genealógico número quarenta e cinco, volume III da "Biblioteca", citada). Eu afirmei que Ana de Borba Gato, filha do Capitão Lucas de Borba Gato, devia ser a que casou com Manuel da Costa Cabral. O Sr. Cônego Trindade diz que Ana era casada com Domingos Velho Cabral, de acôrdo com a documentação que compulsou. *Carlos da Silveira.*

Resposta à pergunta número 69 - Tenho igualmente mantido correspondência com o mesmo ilustre consócio, a respeito da ascendência dos padres Antônio de Oliveira Gago e João de Oliveira Gago. É matéria que dá para um artigo. Entretanto, no intuito de obter colaboração, resumo o que obtive:

Antônio da Cunha Gago e Paula Gonçalves, de São Paulo, tiveram pelo menos a filha Ana da Cunha, talvez de 1660, aquí falecida, com testamento, aos 21 de novembro de 1753. Ela casara em São Paulo, por 1680, com Antônio de Oliveira Gago, de Santos, falecido em Aiuruoca, o qual havia de ser descendente de Pedro Colaço (S. L., VIII, 487).

O casal Antônio de Oliveira Gago-Ana da Cunha morava perto da Penha e aí nasceram todos os filhos:

1 - Isabel de Oliveira Colaça (S. L., V, 325, 326), talvez de 1681, casada em São Paulo, por 1700, com Antônio de Oliveira Setubal, português, filho de Hieronimo Setubal e de Brázia de Oliveira. Dêste casal nasceu a filha MARIA DE OLIVEIRA COLAÇO (Colaça, como se dizia), batizada na Penha, a qual contraíu nupcias, por 1720, com Domingos Xavier Fernandes, português. Daí nasceu ANTONIA DA ENCARNAÇÃO XAVIER, casada em Santo Antônio de São José do Rio das Mortes, com

Digitized by Google

Domingos da Silva Santos, português, e o filho JOAQUIM, é Joaquim José da Silva Xavier, O TIRADENTES;

2 - Padre Antônio de Oliveira Gago, já ordenado em 1734;

3 - Padre João de Oliveira Gago, idem;

4 - Rosa de Oliveira;

5 - Tristão de Oliveira, em Mato Grosso, por 1753;

6 - Martinho de Oliveira, em Cuiabá, em 1753;

7 - Manuel, batizado em 1696;

8 - Josefa, batizada em 1699.

Não sei se serão só esses. Foi o que apurei.

Antônio de Oliveira Setubal e Isabel de Oliveira Colaça moraram em Conceição dos Guarulhos, ao que parece, e tiveram outros filhos, além de Maria (avó materna de TIRADENTES) e são: Rosa de Oliveira (V, 326); Manuel de Oliveira Colaço (V, 325); Ângela de Oliveira (VII, 11).

Convém corrigir, na "Genealogia Mineira", de Artur Vieira de Rezende e Silva, 4.º volume, VI e VII parte, na página 7, linha 15, e na página 13, nona linha, onde está "Maria de Oliveira Sá", por "Maria de Oliveira COLAÇA" (forma feminina de Colaço). Ao tempo dizia-se Machada, Pinta, Carvalha, et cétera. *Carlos da Silveira*

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do sr. Sebastião Almeida Oliveira, de Tanabí:

"Acabo de receber o oitavo número da "Revista Genealógica Brasileira" correspondente ao 2.º semestre dêste ano. Leitura rápida de seus principais artigos e uma vista de olhos pelas fotografias e ilustrações do texto mais uma vez aquilatou-me o valor dessa publicação que dia a dia mais se impõe no conceito do mundo intelectual brasileiro. Parabens pelo crescente êxito de vossos arrojados tentamens."

Do Dr. Elisiário de Camargo Branco, de Santa Catarina:

"Meus parabens pelos ótimos números que me enviou: "Anuário" n.º 5, "Índices", ns. 1, 2, 3 e 4 referentes a Catálogo de Jaboatão, Nobiliarquia Pernambucana, Nobiliarquia Paulistana e Genealogia Riograndense. São realmente indispensáveis para quem quer que se abalance a trabalhos dêste gênero."

Do Cônego Luiz Castanho de Almeida, de Sorocaba:

"Meus humildes parabens pelo seu espantoso trabalho. Custa a crer como um só homem seja capaz de tanto, no Brasil. Cada novo volume da "Revista" ou "Anuário" é, com perdão da gíria, de lamber os beiços..."

Do Dr. Luiz Felipe Castilhos Goycochêa, do Rio de Janeiro:

"Recebi em tempo e agradeço efusivamente seu "Culto à Mulher". Trabalho de erudição admiravel. Nunca vi, de fato, em trabalho tão pequeno na extensão, tanta matéria alinhada em benefício de sua tese. Parabens!"

Do sr. Olímpio Gonzaga, coletor federal em Paracatú:

"Pena é que o povo de Paracatú ainda não se compenetrou do grande valor dos trabalhos genealógicos, o grande élo que une todos os membros da família, de um modo imperecivel, duradouro, registrado em um livro."

Do Dr. Manuel Viotti, presidente da Academia de Ciencias e Letras de S. Paulo:

"Dizer que muito e muito apreciei os Tomos IV e V do "Anuário", como os da "Revista Genealógica Brasileira", é repetir o geral consenso de seus leitores."

Digitized by Google

Principiantes em Genealogia

Os principiantes em genealogia lutam com dificuldades para organizar a sua ascendência e árvore de costado. Não é possível estudar qualquer família brasileira limitando-se a um Estado. As famílias brasileiras do Norte, Centro e Sul, estão intimamente entrelaçadas, sendo necessário consultar, *no mínimo*, as sete obras seguintes, indispensáveis a todo o principiante. Para facilitar damos o preço e também o enderêço onde podem ser adquiridas:

1.º) *"Catálogo Genealógico"*, de frei Jaboatão (Bahia). No Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, rua Augusto Severo, 4 - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 12.00.

2.º) *"Nobiliarquia Pernambucana"*, de Borges da Fonseca, 2 grossos volumes, de cerca de 1.000 páginas. Na Biblioteca Nacional, Avenida Rio Branco, 219 - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 60,00.

3.º) *"Nobiliarquia Paulistana"*, de Pedro Taques. No Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, à rua Benjamin Constant, 152 - 2 volumes. Preço: Cr$ 40.00.

4.º) *"Genealogia Mineira"*, 4 grossos volumes, com o autor - Artur Rezende, rua Cascata, 44 (Muda da Tijuca) - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 80,00.

5.º) *"Genealogia Paranaense"*, de Francisco Negrão, com a viuva, ao cuidado do Dr. Artur Martins Franco, rua Buenos Aires, 200 - Curitiba - 4 volumes. Preço: Cr$ 60,00.

6.º) *"Genealogia Riograndense"*, com o autor, Dr. Jorge Godofredo Felizardo. Caixa Postal, 299 - Rua Sarmento Leite, 425 - Pôrto Alegre - 1.º volume. Preço: Cr$ 20,00.

7.º) *"Genealogia Paulistana"*, de Silva Leme, na séde administrativa do Instituto Genealógico Brasileiro, rua Voluntários da Pátria, 2912 - 9 volumes, com cerca de 600 páginas cada um. Preço: Cr$ 100,00 (tem pequeno defeito numa capa).

Referências ao Instituto e suas publicações

Do Dr. Mário Barata, do Rio de Janeiro:

"... pois desejo colaborar com o Instituto Genealógico Brasileiro e bem conheço as dificuldades por que passa um instituto cultural, nesta época de guerra, com falta de papel e preços altos para imprimir as suas publicações. Pode contar sempre comigo."

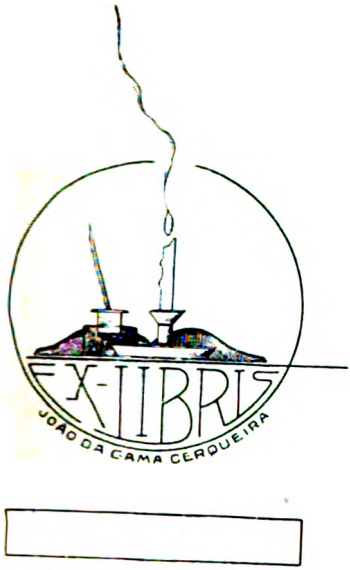
Do Coronel Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, de Florianópolis:

"Com o prazer de sempre, acuso o recebimento do nº 8 da "Revista Genealógica Brasileira". Aceite o nobre amigo minhas felicitações por mais essa preciosa publicação que cada vez mais vem engrandecendo o estudo da Genealogia no Brasil."

Do sr. Sebastião Moreira de Azevedo, de Belo Horizonte:

"...do Instituto Genealógico Brasileiro, associação de caráter profundamente brasileiro, porque visa estudar a ação daquelas famílias ilustres, que, sob a direção da Dinastia de Bragança, fizeram a grandeza do Brasil."

Digitized by Google



350) João da Gama Cerqueira

351) Biblioteca George Alexander, do Mackenzie College

352) Helena Krausz Szanto

353) Luela Smith de Vasconcelos

Digitized by Google

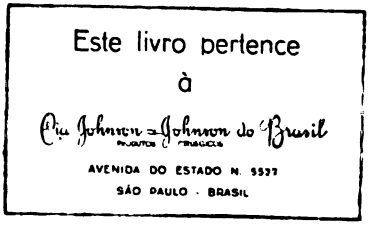
354) Raul Briquet

355) José Eduardo de Macedo Soares

356) Júlio Arp

357) Biblioteca do Centro Paulista

358) Júlio Arp Júnior



359) Cia. Johnson & Johnson do Brasil

Digitized by Google

Galeria dos Sócios do Instituto Genealógico Brasileiro

REDATOR: CORONEL SALVADOR DE MOYA

52) *ALDO MÁRIO COCHRANE DE AZEVEDO* (*Aldo M. Azevedo*) — Nascido a 22-X-1898, em Lorena. Estudou no Grupo Escolar "Gabriel Prestes", de Lorena, fazendo o curso secundário no Ginásio de São Joaquim, da mesma cidade. Formou-se engenheiro, em X-1918, na Escola Superior de Mecânica e Eletricidade de São Paulo. Industrial. Foi secretário da Estrada de Ferro de Santa Catarina, engenheiro da Cia. Construtora de Santos (1921-23), diretor da Federação das Indústrias (1930) e da Associação Comercial (1933), deputado classista (1936-37). Atualmente, desde 1929, é diretor-super-intendente da Cia. Construtora de Santos. Publicou: "Harmonia da Vida" (1938). Colaborou na "Folha da Manhã", "Idort", "Diário de São Paulo", "Economia", "Revista Textil", "Observador Econômico e Financeiro". Filho do Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo e de d.ª Dulce Cochrane; neto paterno dos Barões de Santa Eulália (vêr "Anuário Genealógico Brasileiro", III, 344); neto materno do Dr. Inácio Valace da Gama Cochrane e de d.ª Maria Luiza Barbosa. São seus irmãos: 1) d.ª Celina Azevedo, 9 de setembro de 1892, São Paulo; 2) Dr. Antônio Rodrigues de Azevedo, 21 de outubro de 1894, São Paulo; 3) d.ª Lucila de Azevedo, 4 de janeiro de 1897,

Dr. Aldo M. de Azevedo

Digitized by Google

São Paulo; 4) d.ª Maria da Conceição de Azevedo, 17 de junho de 1900, Lorena; 5) d.ª Odi Lina de Azevedo, 5 de dezembro de 1901, Lorena; 6) Sílvio, nascido e falecido em 2 de julho de 1903, Lorena; 7) Osvaldo Benjamin de Azevedo, 27 de junho de 1904, Lorena; 8) Arnolfo, nascido a 22 de outubro de 1905, falecido a 15 de abril de 1907, em Lorena; 9) d.ª Regina de Lourdes de Azevedo (madre), 15 de fevereiro de 1908, Lorena; 10) Dr. Aroldo Edgar de Azevedo, 3 de março de 1910, Lorena; 11) Elio Fábio, nascido a 9 de agôsto de 1911, Lorena, falecido a 16 de maio de 1912, São Paulo; 12) Eulália, nascida e falecida em 2 de novembro de 1913, em Lorena. O Dr. Aldo, a 21 de maio de 1924, em São Paulo, casou com d.ª Alice Lacerda Franco, filha do Coronel Antônio Franco e de d.ª Matilde Jondot. Pais de: 1) Matilde, nascida a 19 de março de 1925, e Arnolfo Eduardo, nascido a 14 de dezembro de 1929, ambos em São Paulo.

53) *DÉCIO DE VASCONCELOS* — Natural de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais, onde nasceu a 19 de setembro de 1910, tendo sido batizado em São Paulo, em 12-III-1916, na igreja de Consolação. Fez seus primeiros estudos em Belo Horizonte, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Por ocasião da visita do Rei Alberto da Bélgica, foi designado para sauda-lo em nome da mocidade das escolas de Minas. Em 1922, nas comemorações das festas do Centenário da Independência do Brasil, recebeu o 1º prêmio instituido pelo Clube Republicano Floriano Peixoto de Belo Horizonte para a melhor biografia histórica do patrono daquela Instituição, o gloroiso Marechal de Ferro. A 7 de setembro de 1922, como aluno mais distinto do Estado, foi designado para plantar na Praça da Liberdade em Belo Horizonte, em frente ao Palácio do Govêrno, um ipê, marco do 1.º centenário de nossa Independência política. As palavras que disse naquela solenidade foram gravadas em placa de prata que vem sendo conservada em um pequeno monumento junto à árvore: "Ipê de flôres de ouro e cerne de bronze!... Às gerações de 2022 dizei: sou o marco glorificador do 1.º Centenário da Independência do Brasil". Em novembro de 1922 diplomou-se com distinção e louvor no grupo escolar citado, tradicional educandário de Minas Gerais. Fez o curso secundário nos seguintes estabelecimentos de ensino: Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, Mackenzie College de São Paulo (1.º aluno de sua turma), Granberí de Juiz de Fora (1.º aluno de sua turma) e Ginásio Mineiro de Barbacena. Em 1928 matriculou-se na Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais onde fez um curso

Dr. Décio de Vasconcelos

Digitized by Google

1 Dr. Aldo Mário Cochrane de Azevedo, n. 1898, Lorena. Engenheiro e Industrial

2 Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo (1862-1942). Deputado estadual e federal. Senador federal. N. e † em Lorena.

3 D.ª Dulce Lina da Gama Cochrane (1872-1931). (Silva Leme, VI, 371). N. em Santos, † no Rio de Janeiro.

4 Dr. Antônio Rodrigues de Azevedo Ferreira (1838-1889), Barão de Santa Eulalia, Deputado provincial, vice-presidente de S. Paulo. N. e † em Lorena.

5 D.ª Eulalia Moreira (1837-1921). Baronesa de Sta. Eulalia. N e † em Lorena.

6 Dr. Inácio Valace da Gama Cochrane (1836-1912), n. em Valença † em S. Paulo.

7 D.ª Maria Luiza Vieira Barbosa (1840-1903). N. em Santos, † em São Paulo.

8 Coron
gues
1819

9 D.ª Alves.
Azev
e †

ira de Cas-

é, nº 23.

10 Joaq
Lima
Lore

11 D.ª iro, Capitão-
de
188
Pouso Alto.
Cast
Lore

da Vila da

a da Praia.

12 Dr.
ne,
Esc
neir

Nogueira.

13 D.ª
lasc
187
com
ran

14 Jos
bos
s Rêgo, Ci-
es.

15 D.ª
Ba

64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
76	Manuel Domingues Salgueiro, nº 44.
77	D.ª Ana Maria Pereira, nº 45.
78	José Coelho Machado, nº 46.
79	D.ª Ana Vicência, nº 47.
80	
81	
82	
83	
84	
85	
86	
87	
88	Antônio Domingues Pereira.
89	D.ª Maria Corrêa.
90	Alferes Manuel Pereira de Castro.
91	D.ª Luciana Leme de Camargo.
92	Domingos Dias Borba.
93	D.ª Inácia de Jesús.
94	
95	
96	
97	
98	
99	
100	
101	
102	
103	
104	Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, da Ilha da Madeira.
105	D.ª Maria de Leme Prado.
106	Capitão Manuel Gomes Vilas Boas, de Portugal.
107	D.ª Inácia Quiteria da Gama, de Ouro Preto.
108	
109	
110	
111	
112	
113	
114	
115	
116	João Martins dos Santos .
117	D.ª Josefa Maria .
118	Caetano José Prestes, Juiz de Sorocaba.
119	D.ª Gertrudes Ferreira.
120	
121	
122	
123	
124	
125	
126	
127	

Digitized by Google

1 Dr. Décio de Vasconcelos, bat. 1916, em São Paulo, engenheiro civil

2 Dr. Salomão de Vasconcelos, historiador, sobrinho do Dr. Diogo de Vasconcelos (historiador)

3 Branca Teresa de Carvalho, n. 11-IX-1886, em São Paulo ("Genealogia Paulistana", VIII, 79)

el Felipe Joaquim da Cunha.	64	
	65	
Helena de Sá e Castro.	66	
	67	
Pereira Ribeiro de Vasconcelos,	68	Jerônimo Pereira de Vasconcelos.
10 ("Gen. Paul.", IV, 354).	69	Ana Jacinta da Natividade Ribeiro.
do Carmo Barradas, † 1840.	70	João de Sousa Barradas, n. 7-VI-1735, † a 4-V-1820.
	71	Jacinta Maria da Fonseca de Taveredo e Silva, † 1813.
	72	
	73	
Teodora Inácia Xavier, nº 77	74	Domingos Alves de Oliveira Maciel.
1. Paul.", IV, 354).	75	Joana Luiza Xavier, mãe do marq. de Queluz.
	76	
Joaquim da Rocha, n. 19-X-1777,	77	Joana Teodora Inácia Xavier, nº 37.
VII-1848, Conselheiro e Ministro.		
Joaquina Pereira de Sousa, c.	78	Joaquim José Pereira de Sousa.
-1798.	79	Luzia Rosa de Jesús, n. 1778, † 1883.
	80	Francisco Gomes Pinheiro.
io Caetano Gomes Pereira.	81	Antonia Pereira de Jesús Araujo.
	82	Antônio Lourenço Corrêa.
ia Corrêa do Nascimento.	83	Joana Maria do Nascimento.
	84	Antônio Alves Torres.
Alves Torres, bat. 2-III-1768.	85	Ana Antonia Pimenta.
	86	Antônio Paes de Almeida.
ina Rosa de Santa Helena, bat.	87	Úrsula Marinho das Virgens.
-1766.		
	88	
	89	
	90	
	91	
	92	
el José Dias.	93	
	94	
Maria Viterbo.	95	
	96	
	97	
	98	
	99	
	100	
	101	
	102	
	103	
	104	
el José Rodrigues Torres (Dic.	105	
Bras., IV, 175).	106	
nciana Matildes Varela.	107	
	108	
	109	
	110	
	111	
	112	
	113	
	114	
	115	
	116	
	117	
	118	
	119	
	120	
	121	
	122	
	123	
	124	Sebastião Leme da Silva (1703-1775) ("Gen. Paulistana", VIII, 67).
o Leme da Silveira, 1º juiz de	125	Josefa da Silva ("Gen. Paul.", II, 355).
ça ("Gen. P.", VIII, 68).	126	José de Sousa Pinto (Idem, VII, 110).
Maria de São José, † 1835 ("Gen.	127	Ana da Cunha Cardoso (Idem, V, 133).
, VII, 111).		

Digitized by Google

brilhante conseguindo o 1.º lugar na maioria das cadeiras alí lecionadas. Ainda em 1928 tomou parte no Congresso das Municipalidades do Norte de Minas realizado em outubro daquele ano na cidade de Diamantina. Em 1930, como cabo da Cia. Universitária do Batalhão João Pessoa, tomou parte nas intensas atividades revolucionárias daquele ano. Em 1932, foi um dos organisadores do Batalhão Patriótico Olegário Maciel, tendo sido promovido sucessivamente aos postos de tenente e capitão ajudante daquela corporação. A 16 de dezembro de 1933, diplomou-se em engenharia-civil pela Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais. Foi industrial e engenheiro construtor em Belo Horizonte, bem como empreiteiro de obras públicas do Estado de Minas e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 1933, 1934 e 1935. Nomeado topógrafo do Serviço da Produção Mineral a 29 de fevereiro de 1936 foi promovido a engenheiro auxiliar a 24 de setembro de 1937, engenheiro de 1.ª classe a 24 de março de 1939, subassistente a 20 de junho de 1941, sendo designado para ocupar a chefia dos serviços hidrológicos do Estado desde 6 de dezembro de 1938. Publicou diversos estudos técnicos e históricos na imprensa do país, principalmente na "Revista da Diretoria de Engenharia" da Prefeitura do Distrito Federal, "Revsita Mineira de Engenharia" (aproveitamentos hidro-elétricos), "Revista Mineira da Produção" (Energia Hidráulica), "Reação Armada", "Nação Brasileira", "Jornal do Brasil", "Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro; "O Diário", o "Debate", "Jornal da Manhã", "Estado de Minas", de Belo Horizonte, etc., etc. Colaborou ainda nos "Anuários Fluviométricos" publicados pela Divisão de Águas do Ministério da Agricultura em 1940. 1941 e 1942. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Instituto Genealógico Brasileiro (presidente da Seção de Minas Gerais), do New History Society de New York, da Sociedade Numismática Brasileira, da Sociedade Mineira de Engenheiros, da Federação Brasileira de Engenharia, da Sociedade Filatélica de Minas Gerais, e do X Congresso Brasileiro de Geografia. É filho do consagrado historiador patrício Dr. Salomão de Vasconcelos, médico, bacharel em Direito e Major do Exército Nacional, que esteve na Grande Guerra como membro da missão médica brasileira, sendo condecorado pelos govêrnos brasileiro e francês (nascido em Mariana a 2 de janeiro de 1877) e de sua esposa (c. em Belo Horizonte a 5 de maio de 1906), a insigne violinista e professora de música, d.ª Branca Teresa de Carvalho (Silva Leme, VIII, 79, nº 81), nascida em Bragança (São Paulo) a 11 de setembro de 1886; neto paterno de Francisco Diogo de Almeida Vasconcelos e de d.ª Maria Madalena de Almeida Gomes; neto materno do Dr. Cipriano de Carvalho (Silva Leme, VIII, 79), engenheiro, nascido em Pôrto das Caixas (Estado do Rio) a 10 de outubro de 1845, professor, ex-secretário de Estado no Rio de Janeiro e Minas Gerais e de (casados em São Paulo a 26 de agôsto de 1885) d.ª Emília Alves Queiroz (Silva Leme, VIII, 79), nascida em São Paulo a 26 de agôsto de 1865, uma das mais filantrópicas, virtuosas e inteligentes damas da sociedade mineira, que há longos anos vem contribuindo com seu prestígio pessoal e recursos financeiros de vulto para manutenção de numerosas instituições de caridade em

Digitized by Google

Belo Horizonte, atividade altruística a que se entregou com dedicação inexcedível. A 24 de dezembro de 1934, em Belo Horizonte, casou-se com d.ª Catarina Marta Iung (nascida a 23 de março de 1913), filha do engenheiro de Minas João Henrique Iung, já falecido e de d.ª Vilhelmina Alma Hallstenberg. Pais de: Heloisa Marília de Vasconcelos, nascida em Belo Horizonte a 6 de setembro de 1935; Cecília Beatriz de Vasconcelos, nascida em Belo Horizonte a 26 de novembro de 1937; Décio de Vasconcelos Filho, nascido em Belo Horizonte a 12 de dezembro de 1942.

54) *Dr. EDMUNDO AUGUSTO DE LOYOLA* — Nascido a 9 de janeiro de 1895, em São João da Bôa Vista (São Paulo). Alí fez o curso primário, nos Colégios Teles Guimarães e Severo A. Pereira; o curso secundário no Ginásio Anglo-Brasileiro e Macedo Soares. Formou-se em farmácia a 2 de abril de 1918, em São Paulo; e em medicina, no Rio, a 17 de outubro de 1934. Foi durante 10 anos farmacêutico em Águas da Prata, sendo agora fazendeiro em São João da Bôa Vista. Filho do Dr. Gabriel Pio de Loyola, nascido a 21 de julho de 1860, em Caldas e de (casados em 1888), d.ª Gabriela Augusta Loyola, nascida a 17 de março de 1867, em Caldas; neto paterno do Dr. José Bernardo de Loyola, nascido a 9 de fevereiro de 1811, em Paratí (Rio) e de d.ª Ana Augusta Ribeiro, nascida a 22 de fevereiro de 1825, em Caldas; neto materno do Dr. Gabriel Pio da Silva, nascido a 8 de junho de 1835, em Caldas, e de d.ª Ana Augusta Loyola, nascida a 25 de julho de 1845, em São João da Bôa Vista. São seus irmãos: d.ª Berta Loyola, nascida a 12 de julho de 1890 e Carlos Alberto Loyola, nascido a 29 de dezembro de 1898, ambos em São João da Bôa Vista. O Dr. Edmundo, a 16 de setembro de 1920, em São João da Bôa Vista, casou com d.ª Gabriela Ferreira, alí nascida a 17 de julho de 1896, sem sucessão, filha do Coronel Gabriel José Ferreira e de d.ª Ana Junqueira.

Dr. Edmundo Augusto de Loyola

55) *GERALDO AUGUSTO PROCÓPIO JUNQUEIRA* — Nascido a 23 de agôsto de 1919, em São Paulo, onde fez seus estudos no Colégio Arquidiocesano; e depois no Colégio Progresso, de Ribeiro Preto. Fez o curso pré-jurídico no Liceu Nacional Rio Branco. Foi auxiliar de Gabinete do Interventor Federal em São Paulo, sendo atualmente fazendeiro em Vila Bonfim. Filho do Dr. Francisco da Cunha Junqueira, nascido a 1 de agôsto de 1880, em Ribeirão Preto, falecido a 29 de abril de 1940, em São Paulo; e de (casados a 8 de setembro de 1912, em São Paulo) d.ª Mariana Balbina Procópio de Araujo Carvalho, nascida a 12 de março de 1890, em Pôrto Ferreira; neto paterno do Coronel Luis Antônio da Cunha Junqueira e de d.ª Iria Alves Ferreira, falecida em 1928, em São Paulo; neto materno de Cor-

Digitized by Google

1 Dr. Edmundo Augusto de Loyola

2 Dr. Gabriel Pio de Loyola

3 Gabriela Augusta Loyola

4 Dr. José Bernardo de Loyola, nº 14.

5 Ana Augusta Ribeiro, nº 15.

6 Dr. Gabriel Pio da Silva.

7 Ana Augusta Loyola.

8 M va to Vi

9 A P

10 C E D P

11 Lin n

a.

12 G v rigues.

es.

13 E v

14 E E

15 A v

64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96 André João.
97 Maria Antonia.
98 João Rezende Costa.
99 Helena Maria.
100
101
102
103
104
105
106 Manuel Marinho Moura.
107 Maria Assunção Morais.
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127

Digitized by Google

1 Geraldo Augusto Procópio Junqueira

2 Francisco da Cunha Junqueira

3 Mariana Balbina Procópio de Araujo Carvalho

	64	
	65	
	66	
	67	
	68	
	69	
	70	
	71	
	72	
	73	
	74	
	75	
ousa Diniz.	76	
	77	
sca da Encarnação.	78	João Francisco Junqueira, o Patriarca (1728-1819).
	79	Helena do Espírito Santo.
	80	
	81	
	82	
	83	
	84	
	85	
	86	
	87	
	88	
	89	
	90	
	91	
	92	
	93	
	94	
	95	
	96	
	97	
	98	
	99	
	100	
	101	
	102	
	103	
	104	
	105	
	106	
	107	
	108	
	109	
	110	
	111	
	112	
	113	
	114	
	115	
	116	
usa Diniz, nº 38.	117	
a da Encarnação, nº 39.	118	João Francisco Junqueira (o Patriarca (1728-1819).
	119	Helena do Espírito Santo.
	120	João Ferreira de Sousa (S. L., VI, 401).
Nogueira.	121	Ana Teresa de Assunção.
Monteiro de Barros.	122	José Monteiro de Barros.
	123	
	124	
	125	
	126	
	127	

Digitized by Google

nélio Procópio de Araujo Carvalho, nascido em São João d'El-Rei (Minas), falecido em Guariba, e de d.ª Maria Gabriela Diniz Junqueira. São seus irmãos: d.ª Cordélia Alves de Lima, casada com Marcus Rafael Alves de Lima; d.ª Maria Helena, casada com Marcelo Junqueira Santos; Maria de Lourdes, solteira; e Maria Luisa, falecida. O sr. Geraldo, a 8 de setembro de 1942, em Ribeirão Preto, casou com d.ª Leda Ribeiro Pieroni, nascida a 20 de setembro de 1923, em Sertãozinho, filha de Bruno Pieroni e de d.ª Antonieta Henriqueta Ribeiro.

Geraldo Augusto Procópio

56) *HÉLIO BANDEIRA MOREIRA* — Natural da Cidade do Salvador, Estado da Bahia, onde nasceu a 29 de julho de 1921. Fez seus primeiros estudos sob a direção de uma professora particular, d.ª Jandira, no Recife, em Pernambuco; matriculou-se depois no Instituto Spencer, na mesma cidade; cursou mais tarde as classes primárias da Escola Afonso Pena e do Externato São José, ambos no Distrito Federal; a seguir matriculou-se no curso de admissão do Instituto Rabelo. Fez seus estudos secundários, primeiramente, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, que cursou até o 3.º ano e no Colégio Felisberto de Menezes, onde continuou, matriculando-se depois no Ginásio Ipiranga, em São Paulo, onde completou. Exerce cargo na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Já residiu nas seguintes cidades: Salvador (Bahia); Pôrto Alegre, Ijuí, Cruz Alta, Santa Maria e Pelotas (Rio Grande do Sul); Distrito Federal; Recife (Pernambuco); Curitiba (Paraná); Itú (São Paulo) e atualmente reside nesta Capital. É sócio do Instituto Genealógico Brasileiro. Filho legítimo do Coronel Nelson Bandeira Moreira e de d.ª Cidnéa Bandeira Moreira; neto paterno do Dr. João Coelho Moreira e de d.ª Laura Idalina Bandeira Moreira; n.m. de Francisco de Paula Bandeira Chagas e de d.ª Joaquina Bandeira Chagas. São seus irmãos: Pascal e Valter.

Hélio Bandeira Moreira

57) *JOSÉ ASSUERO DE SIQUEIRA* — Natural de Pirenópolis, Estado de Goiáz,

Digitized by Google

onde nasceu a 30 de julho de 1898. Fez os seus estudos elementares em sua cidade natal, dedicando-se mais tarde à atividade comercial até 1917. Nessa época, ingressou na vida funcional. Exerceu, em Pirenópolis, os cargos de professor primário do sexo masculino, escrivão do juizo federal, secretário da junta de alistamento militar, presidente da Câmara Municipal e prefeito interino. Como professor, recebeu do chefe do Executivo Municipal, portaria datada de 13 de novembro de 1917, louvando-o pelo critério, bôa compreensão e bom desempenho dos altos deveres inherentes à sua investidura. Como coletor, recebeu da Delegacia Fiscal do Estado, duas portarias, a saber: a primeira, datada de 10 de novembro de 1923, agradecendo-lhe pelos serviços que, com zelo e inteligência, prestou à administração, tornando-se, assim, merecedor de elogios e digno de confiança; e a segunda, datada de 28-II-1927, elogiando-o pela dedicação, zelo e inteligência com que desempenhou os trabalhos que lhe estavam afetos. Foi redator do quinzenário "Pirineus", que se editou em Pirenópolis e circulou de 13-VII-1931 a 31 de dezembro de 1934. Publicou dois trabalhos: um opusculo genealógico e outro corográfico, êste último adotado nos cursos primários do Estado de Goiáz pela lei nº 240, de 5-VIII-1937. Desde 17 de janeiro de 1920, até o presente, vem exercendo o cargo de coletor das rendas federais em Pirenópolis. É filho de Diocles Barbo de Siqueira e de d.ª Maria d'Abadia Vale de Siqueira, a qual, enviuvando a 3 de junho de 1909, se casou novamente a 11-VI-1911 com Felix Jaime (n. a 11-X-1871, filho do Coronel João Gonzaga Jaime de Sá e de d.ª Maria Batista Jaime). Teve d.ª Maria Dabadia, do primeiro matrimônio, os seguintes filhos: 1 - Ana Crisila de Siqueira (n. 5-VI-1896); 2 - José Assuero de Siqueira (o titulado desta nota) (n. 30-VII-1898); 3 - Benedito d'Abadia Siqueira (n. 31-VII-1900); 4 - Joaquim Vale de Siqueira (n. 1-II-1902) e do segundo matrimônio: 5 - Ulisses Jaime (n. 4-IV-1912), formado em Direito; 6 - Geraldo (n. 18-VII-1913 e † 21-IV-1914); 7 - Edgard d'Abadia Jaime (n. 21-II-1915); 8 - Plínio A. Gonzaga Jaime (n. 30-IX-1916); 9 - Aguinaldo d'Abadia Jaime (n. 20-III-1918); 10 - Luiz Gonzaga Jaime (n. 12-XII-1919). Neto paterno do Comendador Manuel Barbo de Siqueira e de d.ª Maria Luisa Abrantes; neto materno de Joaquim Pereira Vale e de d.ª Roduzinda de Faria Albernaz. A 17 de fevereiro de 1917, em Pirenópolis, c.c. d.ª Eristreia Maria de Pina, filha de Sebastião Pompeu de Pina e de d.ª Maria d'Abadia de Pina. Enviuvando a 2-XII-1920, casou novamente a 14-I-1922, com d.ª Ana Jaime Lopes (n. 12-VII-1904), filha de Guilhermino Pio Lopes e de d.ª Olívia Jaime Lopes. Teve, do primeiro matri-

José Assuero de Siqueira

Digitized by Google

1 Hélio Bandeira Moreira

2 Coronel Nelson Bandeira Moreira

3 D.ª Cidnéa Bandeira Chagas

4 Dr. João Coelho Moreira.

5 D.ª Laura Idalina Bandeira Chagas.

6 Francisco de Paula Bandeira Chagas.

7 D.ª Joaquina Ferreira da Silva.

8 José C

9 D.ª M
Silva.

10 Dr.
Bandei

11 D.ª T
reira B

12 Dr.
Bandei

13 D.ª T
ra Ba

14 Manue

15 D.ª
Costa.

64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
75	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	
84	Custódio Ferreira Dias.
85	Dª Joaquina Josefa de Santana Bandeira.
86	José Luiz de Sousa.
87	Dª Antonia Maria de Sá Barreto.
88	Manuel Dias Monteiro.
89	D.ª Luiza Ferreira.
andeira. 90	Capitão Pedro Rodrigues Bandeira.
91	Dª Ana Maria de Jesús Corrêa Lisbôa.
92	Vicente Luiz de Sousa.
93	
o. 94	
95	
nº 40. 96	
97	
41. 98	
99	
100	Custódio Ferreira Dias, nº 84.
101	Dª Joaquina Josefa de Santana Bandeira, nº 85.
nª 43. 102	José Luiz de Sousa, nº 86.
103	Dª Antonia Maria de Sá Barreto, nº 87.
104	Manuel Dias Monteiro, nº 88.
105	D.ª Luiza Ferreira, nº 89.
nº 45. 106	Capitão Pedro Rodrigues Bandeira, nº 90.
107	Dª Ana Maria de Jesús Corrêa Lisbôa, nº 91.
108	Vicente Luiz de Sousa, nº 92.
109	
nº 47. 110	
111	
112	
113	
114	
115	
116	
117	
118	
119	
120	
121	
122	
123	
124	
125	
126	

Digitized by Google

	ıes de Gouvêa.	64	José Gomes de Gouvêa.
		65	Maria Nunes de Siqueira.
	ırbosa da Silva.	66	
		67	
		68	Gaspar Corrêa Leite.
	prrêa Leite.	69	Maria Leite Pedroso.
	Perpétua de Cerqueira Leite.	70	Fernão Paes de Barros.
		71	Ângela Ribeiro Leite.
		72	
	e Abrunhosa.	73	
	Almeida.	74	
		75	
	es Curado.	76	Manuel Martins.
		77	Maria Gomes.
	rqueira de Assunção.	78	Clemente da Costa e Abreu.
		79	Maria Pinheiro da Fonseca.
		80	
		81	
		82	
		83	
2 Diocles Barbo de Siqueira		84	
		85	
		86	
		87	
		88	
		89	
		90	
		91	
		92	
		93	
		94	
		95	
	ira Vale.	96	
		97	
	ancisca Castelo-Branco.	98	
		99	
	Pereira da Veiga.	100	Fernando Pereira da Veiga.
		101	Maria da Costa.
	do Amor Divino.	102	Inácio da Silva Leme.
		103	Maria Teresa de Almeida.
		104	
		105	
		106	
		107	
		108	
		109	
		109	
		111	
	de Faria Albernaz.	112	Francisco Jorge Pires.
		113	Maria de Faria Albernaz.
	corrêa de Alvarenga.	114	Elias Corrêa de Alvarenga.
		115	Mecía Leme de Andrade.
	Xavier de Barros.	116	Gaspar Corrêa Leite.
		117	Maria Leite Pedroso.
3 Maria d'Abadia Vale de Siqueira	eno da Fonseca.	118	Salvador Jorge Bueno.
		119	Jacinta de Araujo Ferraz.
	ra Vale, nº 48.	120	
		121	
	ncisca Castelo-Branco, nº 49.	122	
		123	
	Pereira da Veiga, nº 50.	124	Fernando Pereira da Veiga, nº 100.
		125	Maria da Costa, nº 101.
	do Amor Divino, nº 51.	126	Inácio da Silva Leme, nº 102.
		127	Maria Teresa de Almeida, nº 103.

Digitized by Google

mônio: 1 - Maria (n. 27-XII-1918); 2 - Eristreia (n. 25-XI-1922); do 2.º: 3 - Diocles (n. 25-XI-1922); 4 - Raquel (n. 14-X-1924); 5 - Vera (n. a 8-V-1928); 5 - Joassí (n. 7-IX-1928); e 6 - Assuero (n. 10-III-1936).

58) *LICURGO DE CASTRO SANTOS* — O Dr. Licurgo de Castro Santos é natural de Guaratinguetá, onde nasceu a 30 de janeiro de 1884. Fez os seus primeiros estudos naquela cidade e curso de humanidades nos colégios "Universitário Fluminense" e "Alfredo Gomes". Os estudos superiores, fê-los na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se formou a 31 de dezembro de 1907. Médico do Departamento Nacional de Saude do Rio de Janeiro, tendo exercido na política o cargo de suplente por São Paulo de deputado federal e vereador e prefeito municipal de Assis, militando ao lado do antigo Partido Republicano Paulista. Residiu no Rio de Janeiro e em Formoso (Estado de São Paulo), tendo sido médico chefe do Nucleo Bandeirantes em Formoso e médico do posto de profilaxia rural do Distrito Federal, em Santa Cruz. Desde abril de 1940 vem residindo em Assis onde se acha em comissão do govêrno do Estado aí exercendo o cargo de prefeito. Filho do Dr. Licurgo de Castro Santos, o primeiro dêsse nome, falecido em Guaratinguetá a 25 de janeiro de 1893. Era formado em medicina em 1876, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Quando acadêmico fundou com outros colegas as revistas "Imprensa Médica" e "Arquivos de Medicina". Fundou, redigiu e colaborou em vários jornais. Escreveu os seguintes livros: "Littré" (1885), e "Duas palavras sôbre a Filosofia Positiva e o Espiritualismo" (1888). Exerceu a medicina em Guaratinguetá e militou na política, fundando o Partido Republicano em Guaratinguetá e Lorena. Foi eleito senador em 1891, ao Congresso Constituinte Paulista e assinou a 1.ª Constituição Republicana do Estado de São Paulo. Casado com d.ª Leonor Braga de Castro Santos (★). Neto p. do Dr. José Manuel de Castro Santos, médico formado em 1846, pela Faculdade de Medicina da Baía (e cujo diploma se encontra no arquivo do Dr. Licurgo de Castro Santos Filho); natural de Guaratinguetá, deputado provincial paulista. Casado com d.ª Porcia Francisca dos Santos Castro. Neto materno do Comen-

Dr. Licurgo de Castro Santos

★ Dona Leonor Braga de Castro Santos (n. em Lorena a 5-III-1864 e † no Rio de Janeiro a 5-I-1903), está sepultada com seu marido em Guaratinguetá, no Cemitério do Senhor dos Passos. Era filha do Comendador Joaquim José Antunes Braga e de d.ª Ana Leopoldina de Castro Braga. Neta paterna de Custódio José Antunes e de d.ª Maria Antunes, naturais de Portugal. Neta materna do Comendador Joaquim José Moreira Lima e de d.ª Carlota Leopoldina de Castro Lima. Viscondessa de Castro Lima.

Digitized by Google

dador Joaquim José Antunes Braga, e de d.ª Ana Leopoldina de Castro Braga. Em primeiras núpcias c.c. d.ª Judite Murtinho e em 2as. nupcias, com d.ª Celina de Azevedo; a primeira, filha do Senador Dr. José Murtinho e de d.ª Maria José Amaral Murtinho; a segunda, filha do Senador Dr. Arnolfo Azevedo e de d.ª Dulce Cochrane de Azevedo. O primeiro consórcio realizou-se no Rio de Janeiro a 18-VIII-1909 e o segundo em Lorena a 8-XII-1928. Pais de: 1º matrimônio: F 1 - Dr. Licurgo de Castro Santos Filho, n. 10 de junho de 1910; F 2 - Dr. Maurício de Castro Santos, n. 22-X-1911, no Rio de Janeiro, c.c. d.ª Leilah Álvaro de Sousa Santos, em Campinas, a 14 de fevereiro de 1942, filha de Celso Egídio de Sousa Santos e de d.ª Judite Álvaro de Sousa Santos; F 3 - D.ª Leonor de Castro Santos Milanez, n. no Rio de Janeiro a 29-XI-1912 e c.c. o Dr. Fernando Romano Milanez, médico, filho do contra-almirante João Francisco de Azevedo Milanez e de d.ª Hermelinda Romano Milanez; residem no Rio de Janeiro e têm um filho: Fernando; F 4 - Dr. Osvaldo José de Castro Santos, n. no Rio de Janeiro a 27-III-1915. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, c.c. d.ª Nadir Helena Egídio Penteado, em São Paulo, a 28-XII-1939, filha de Fausto Penteado e de d.ª Zilda Egídio. Têm 1 filho: José Manuel de Castro Santos, n. em São Paulo a 30-IV-1942.
2.º matrimônio: F 5 - Fernando José de Castro Santos, n. no Rio de Janeiro a 19 de novembro de 1929; F 6 - Renato Luis de Castro Santos, n. no Rio de Janeiro a 25 de agôsto de 1932.

Dr. Licurgo de Castro Santos Filho

59) *Dr. LICURGO DE CASTRO SANTOS FILHO* — O Dr. Licurgo de Castro Santos Filho é natural do Rio de Janeiro (Distrito Federal), onde nasceu a 10 de junho de 1910. Fez o curso secundário no Ginásio de São Joaquim de Lorena. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1934. Reside atualmente em Campinas, Estado de São Paulo, onde exerce os cargos de médico-urologista e chefe do laboratório da Caixa de Pensões e Aposentadorias dos Ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. É filho do Dr. Licurgo de Castro Santos. Fez o curso secundário nos colégios "Universitário Fluminense" e "Alfredo Gomes", do Rio de Janeiro. Doutorou-se em medicina em 1907 pela Fac. de Medicina do Rio. É médico inspetor do Departamento Nacional de Saude. Foi suplente de deputado federal pelo Partido Repu-

Digitized by Google

1 Licurgo de Castro Santos Neto, n. 29-III-1938, em São Paulo. Descendente da Viscondessa de Castro Lima e dos Marquêses de Jacarepaguá e São João Marcos

3 Isabel Canguçú, n. 16-VII-1913, em Campinas.

2 Dr. Licurgo de Castro Santos Filho, n. 10-VI-1910, no Rio de Janeiro. Médico.

7 Marieta Paes Leme, n. a 10-IX-1892, no Rio de Janeiro.

6 Dr. Artur Gutierrez Canguçú, n. 26-VII-1885, em Itiúba (Baia).

5 Judite Murtinho, n. 29 de novembro de 1890, no Rio de Janeiro, † 7-VII-1918.

4 Dr. Licurgo de Castro Santos, n. 30-I-1884, em Guaratinguetá. Médico.

8 D (S. Leme, S G 2 (2.ª es- n dep. (S. I-1875. tos (Silva ugal).

9 L n r d n. 1807, o - Portu- Lima, Vis- XII-1882. Indepen- (baga de ligena, da

10 D M O M

11 M 1 †

12 D Ondwiges. n J

13 I S 1 á).

14 D P n M n e, doutor e origem

15 M F Barbuda. F d ezes.

64 Capitão José Alvares de Crasto, † 1785 (S. Leme, VII, 116).
65 Rosa Maria de Morais (Silva Leme, VII, 116).
66 Máximo dos Santos Sousa, sargento-mór, † 9-III-1841, em Guaratinguetá.
67 Ana Apolicena Angélica de Jesús (1ª esposa).
68 Alferes Antônio José dos Santos.
69 Benedita Francisca de Miranda.
70 Tomáz Marcondes do Amaral (Silva Leme, VII, 385).
71 Maria Antonia dos Santos (irmã do nº 68).
72
73
74
75
76 Mateus Dias de Oliveira (freguesia de S. Miguel de Baltar, comarca de Penafiel).
77 Ana Moreira (Idem).
78 Capitão-mór Manuel Pereira de Castro, n. a 29-V-1777. Casou em 26-IX-1797.
79 Ana Maria de São José.
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96 Antônio Pinheiro.
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112 Fernando Dias Paes Leme, Guarda-mór, Fidalgo da Casa Real.
113 Francisca Peregrina de Sousa e Melo.
114 José Alves da Cunha Pôrto.
115 Mariana Perpétua de Azevedo Coutinho.
116 Sebastião Navarro de Andrade, médico.
117 Ana Luiza de Campos Pereira.
118
119
120 Pedro Dias Paes Leme, nº 56 (Marquês).
121 Rita Ricardina da Cunha Pôrto (1ª esposa).
122 Francisco Maria Gordilho Veloso de Barbuda, Marquês de Jacarepaguá.
123 Mariana Laurentina da Silva e Sousa, n. 1796.
124 Francisco Agostinho de Sousa e Melo, fidalgo.
125 Maria José Paes Leme (S. Leme, II, 461).
126 Pedro Dias Paes Leme, nº 56 (Marquês).
127 Mariana Carolina da Cunha Pôrto, nº 57.

Digitized by Google

[illegible] Francisca, 2º Conde d'Amerval.
[illegible] Joseph Choi de Clercy.

[illegible] Bernardo de Sá.
[illegible] Joaquina Malheiros.

[illegible] da Cunha Pereira.
[illegible] Antonia Vieira da Cunha.

Luiz de Almeida Portugal.

José Ribeiro de Castro.
Maria Josefa Pereira.

Manuel Carneiro da Silva.
Ana Francisca Velasco de Machado Coutinho
Manuel Antônio Ribeiro de Castro - Barão de Santa Rita.
Ana Francisca Batista Pinheiro.
José Ribeiro de Castro.
Maria Josefa Pereira.

Manuel Carneiro da Silva.
Ana Francisca Velasco de Machado Coutinho.
Manuel Antonio Ribeiro de Castro - Barão Sta. Rita.
Ana Francisca Batista Pinheiro.

Digitized by Google

blicano Paulista. Casou-se em primeiras nupcias a 14-VIII-1909 com d.ª Judite Murtinho, acima mencionada, e em segundas nupcias, a 8-XII-1928, em Lorena, com d.ª Celina Azevedo de Castro Santos, filha do Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo, antigo senador federal por São Paulo, e de d.ª Dulce Cochrane de Azevedo. Teve 4 filhos do primeiro matrimônio e tem 2 do segundo, que são: F 1 - Dr. Licurgo de Castro Santos Filho (o marginado); F 2 - Dr. Maurício de Castro Santos; F 3 - D.ª Leonor Murtinho Santos Milanez; F 4 - Dr. Osvaldo José de Castro Santos; F 5 - Fernando José de Castro Santos e F 6 - Renato Luis de Castro Santos. Neto paterno do Dr. Licurgo de Castro Santos, o primeiro dêsse nome (n. em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, a 7 de janeiro de 1853, e de d.ª Leonor Braga de Castro Santos (n. em Lorena, Estado de São Paulo, a 5-III-1864 † no Rio de Janeiro a 5-I-1903). O Dr. Licurgo de Castro Santos era filho do Dr. José Manuel de Castro Santos, médico formado em 1846, pela Faculdade de Medicina da Baía, deputado provincial paulista; e de d.ª Porcia Francisca dos Santos Castro. Neto paterno de Mariano Xavier de Castro (vêr Silva Leme "Genealogia Paulistana", 7-119) e de d.ª Maria Francisca dos Santos Castro (vêr "Povoadores de Guaratinguetá no Século XVIII", de Francisco de Paula Santos, in "Correio Paulistano" de 20-XI-1938), e neto materno de Antônio Clemente dos Santos, deputado geral paulista e de d.ª Francisca Marcondes dos Santos (Silva Leme, op. cit., 7-386). Casou-se o Dr. Licurgo de Castro Santos, em Lorena, a 6 de março de 1880, com d.ª Leonor Braga de Castro Santos, nascida em Lorena a 5-III-1864 e † no Rio a 5-I-1903, tendo dela os seguintes filhos: F 1 - Judite de Castro Santos Gouvêa, c.c. o Dr. Anfrizio Epaminondas da Costa Gouvêa, atualmente médico aposentado do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Tiveram uma filha: d.ª Ivete Leonor, c.c. o Dr. Percival Lohn, residentes em São Paulo; F 2 - Marieta Santos Smith de Vasconcelos, c.c. o Dr. Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos, juiz de Direito da 5ª Vara Criminal de São Paulo, s.s.; e F 3 - Dr. Licurgo de Castro Santos (2°), pai do marginado. (Referências - J. J. Ribeiro "Cronologia Paulistana" 1-85 e 2-11-464); Sacramento Blake "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", 5-484; Raimundo Correia, "Bohemio" (1881) e "Galeria Nacional" editada pelo "Jornal do Brasil", 7-673). Neto materno do Dr. José Antônio Murtinho (n. em Cuiabá, Estado de Mato Grosso, a 15-I-1847 e de d.ª Maria José do Amaral Murtinho (n. em Niterói, Estado do Rio de Janeiro a 14-III-1852. O Dr. José Antônio Murtinho faleceu no Rio de Janeiro a 10 de fevereiro de 1935. Fez seus preparatórios no Colégio Kopcke, de Petrópolis, e Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro. Doutorou-se em Medicina em 1872, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi professor catedrático de Biologia Industrial da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Quando acadêmico, assinou o Manifesto Republicano de 1870. Foi deputado federal pelo Distrito Federal e pelo Estado de Mato Grosso. E de 1911 a 1930, sucessivamente reeleito, foi senador federal pelo Estado de Mato Grosso. Casou-se no Rio de Janeiro a 30-XII-1879, com d.ª Maria José do Amaral Murtinho, da qual teve cinco filhos, sendo a última, d.ª Judite Murtinho de Castro Santos.

Digitized by Google

Era filho do Dr. José Antônio Murtinho, Coronel-Médico do Exército Brasileiro, diretor do Hospital Militar de Cuiabá, e 20º Governador da Província de Mato Grosso e de d.ª Rosa Joaquina Duarte Murtinho. Entre seus irmãos, contam-se o Dr. Joaquim Duarte Murtinho, médico, professor da Escola Politécnica, senador por Mato Grosso, ministro da Viação, ministro da Fazenda e vice-presidente do Senado Federal; Dr. Manuel Murtinho, juiz federal, presidente do Estado de Mato Grosso e ministro do Supremo Tribunal Federal. (Ref.: "Ilustração Brasileira" de 25-XII-1922 e Estevam de Mendonça, "Datas Matogrossenses", 11-165, 166). D.ª Maria José do Amaral Murtinho faleceu no Rio de Janeiro a 9-IV-1911 e acha-se sepultada com seu marido no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Era filha do General Antônio José do Amaral (conselheiro da monarquia, comandante da Escola Militar, professor catedrático de "Arte de Guerra" da Escola Militar, autor de vários livros de caracter militar. (Ref.: "Enciclopedia e Dicionário Internacional", I-409; Sacramento Blake, "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", I-209, 210), e de d.ª Henriqueta Coimbra do Amaral. O Dr. Licurgo de Castro Santos Filho casou-se em Campinas, Estado de São Paulo, a 15-IV-1937, com d.ª Isabel Canguçú de Castro Santos (n. Campinas, 16-VII-1913), descendente direta, pela mãe, de Fernão Dias Pais, o "Caçador das Esmeraldas". Filha do Dr. Artur Gutierrez Canguçú e de d.ª Marieta Pais Leme Canguçú. O Dr. Artur Gutierrez Canguçú é engenheiro civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Nasceu em Itiúba, Estado da Bahia, em 26-VII-1885. Pertence à família bahiana Pinheiro Canguçú, que deixou fama nos sertões bahianos pela secular luta mantida com as famílias Moura e Castro. É o atual chefe do tráfego da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. É filho do Dr. Antônio Pinheiro Canguçú e de d.ª Isabel Gutierrez Canguçú. Neto paterno de Exuperio Pinheiro Canguçú e de d.ª Umbelina Bárbara Meira Canguçú Neto materno de Alexandre Gutierrez e de d.ª Guilhermina Correia Gutierrez. D.ª Marieta Pais Leme Canguçú nasceu no Rio de Janeiro a 10 de setembro de 1892. É filha do Dr. Francisco Betim Pais Leme (Silva Leme, "Genealogia Paulistana") e de d.ª Maria Elmira Betim Pais Leme (Silva Leme, op. cit.). Neta paterna de Luiz Betim, guarda-mór das Minas (filho do Marquês de São João Marcos e de sua segunda mulher, a segunda marquesa de São João Marcos) e de d.ª Mariana Navarro de Andrade Betim (filha do Dr. Sebastião Navarro de Andrade e de d.ª Maria Adelaide Navarro de Andrade). Neta materna do Dr. Pedro Dias Gordilho Pais Leme (filho de Fernando Dias Pais Leme, por sua vez filho dos marqueses de São João Marcos e de d.ª Maria Florência Gordilho de Barbuda Pais Leme (por sua vez filha dos Marqueses de Jacarepaguá), e de Maria José de Melo Pais Leme (filha de Diogo de Sousa e Melo e Menezes e de Rita Ricardina Pais Leme, por sua vez filha dos marqueses de São João Marcos). Dona Marieta Pais Leme Canguçú descende, assim, por três ramos, do Marquês de São João Marcos, que é tataraneto de Fernão Dias Pais, o "Caçador das Esmeraldas". Pais de:

F 1 - Licurgo de Castro Santos Neto, o quarto dêsse nome, nascido em São Paulo a 29 de março de 1938.

Digitized by Google

1 Carlos Eduardo de Arruda Penteado, n. 11-XI-1927, em Rio Claro

3 Enid Maria da Silva, n. 31-VIII-1904, em Rio Claro.

2 Oscar de Arruda Penteado, n. 11-XII-1902, em Rio Claro.

4 Coronel Francisco de Arruda Penteado, n. 1860.

8 José Manuel Penteado (1

9 Delfina Car ruda Cama 1906).

5 Elisa Torres, n. 1865, † 6-X-1941, em Rio Claro.

10 Com. Joaqu drigues Torr Pôrto das C do Rio), sob conde de Itab rão de Itamb

11 Vitória Cândi n. 1838, na

6 Antônio Sebastião da Silva, n. 20-I-1873, na Penha (São Paulo)

12 José de Sa va, n. 1838 lhos (São de abril d Penha.

13 Emilia Mar da, n. 1844 ro (S. Pau março de 19

7 Maria von Atzingen, n. a 30-VIII-1876, em Rio Claro.

14 Sebastião n. 1824. A ça), † 191

15 Catarina 1833, Mann nha), † 13 Claro.

64 Miguel Dias de Oliveira.
65 Ursula Pais de Almeida.

66 José de Arruda Penteado (o Gigante).
67 Isabel Maria Paes, c. 1761.

68 Guilherme da Silveira Leite.
69 Escolástica de Oliveira.

70 Bento de Camargo Paes, † 1784.
71 Maria Ferraz, c. 1771.

72
73

74
75

76 João de Arruda Leite, c. 1778.
77 Antonia de Almeida, n. Minas.

78 José Antonio Paes, nº 32.
79 Ana Isméria de Arruda, nº 33.

80
81

82
83

84
85

86
87

88
89

90
91

92
93

94
95

96
97

98
99

100
101

102
103

104
105

106
107

108
109

110
111

112
113

114
115

116
117

118
119

120
121

122

125
125

126
127

Digitized by Google

1 Pedro Werneck Corrêa e Castro, n. 3-VIII-1894, Juiz de Fóra (Minas)

mingos Corrêa Rebelo, n. Vilarinho São Romão (Braga).	64	Francisco Gonçalves, n. Vilarinho São Romão (Vila Real - Braga).
	65	Ursula Corrêa, n. idem.
coa da Ressureição e Castro, n. Mania.	66	Sargento-mór Bernardo Espinola e Castro, n. Nossa Senhora Guadalupe (ilha Graciosa).
	67	Maria de Godói, n. Parnaíba.
o Corrêa Tavares, n. Colônia Sacramento. bat. 24-VII-1706.	68	Capitão Francisco Tavares, n. Alemtejo.
	69	Isabel Corrêa de Oliveira, n. Pilar (Rio).
a Maria Pedroso de Morais ("Gen. Paulistana", III, 50).	70	João Pedroso de Morais ("Gen. Paul.", III, 50).
	71	Ana Barbosa de Lima ("Gen. Paul.", III, 50, nº 3-3).
é Batista, n. vila Guimarães (Braga).	72	
	73	
efa Maria, n. vila Guimarães.	74	
	75	
é Machado Teixeira, n. ilha São Jorge (Açores).	76	Antônio Martins Gonçalves, n. ilha S. Jorge.
	77	Isabel Machado, n. idem.
ria da Conceição Pedroso, n. Guaranguetá.	78	Manuel João Vila Velha, n. Vila Povoa Varzim (Pôrto).
	79	Maria Pedroso Leme, n. Guaratinguetá.
mingos Corrêa Rebelo, nº 32.	80	Francisco Gonçalves, nº 64.
	81	Ursula Corrêa, nº 65.
coa da Ressureição e Castro, nº 33	82	Bernardo Espinola e Castro, nº 66.
	83	Maria de Godói, nº 67.
o Corrêa Tavares, nº 34.	84	Francisco Tavares, nº 68.
	85	Isabel Corrêa de Oliveira, nº 69.
a Maria Pedroso de Morais, nº 35.	86	João Pedroso de Morais, nº 70.
	87	Ana Barbosa de Lima, nº 71.
scisco Rodrigues, n. S. Pedro de da (Vizeu).	88	
	89	
ria Lopes de Andrade, n. São Pedro Cota (Vizeu).	90	
	91	
é de Pontes França, n. Guaratintá.	92	Miguel de Pontes.
	93	Lucrécia Leme.
riana das Neves Corrêa, ns. 17 e	94	João Corrêa Tavares, ns. 34 e 42.
	95	Ana Maria Pedroso de Morais. ns. 35 e 43.
nuel de Azevedo Matos, n. ilha do (Açores).	96	Lourenço de Matos ("Anuário Genealógico", IV, 227).
	97	Maria Leal, idem.
onia Ribeira, n. Pilar (Rio).	98	João Werneck, idem.
	99	Isabel de Sousa, idem.
dante de Campo Francisco das Cha- Monteiro, n. Rio.	100	Manuel Vieira Ribeiro, idem.
	101	Luiza Monteiro, idem.
el Maria da Visitação, n. no Rio Janeiro.	102	Manuel da Guerra, idem.
	103	Antonia da Costa, idem.
o Pinheiro de Sousa, n. Unhão (Arspado de Braga).	104	
	105	
la Pereira Monteiro, n. Pilar (Rio).	106	Manuel Vieira Ribeiro, nº 100.
	107	Luiza Monteiro, nº 101.
	108	
	109	
	110	
	111	
tano Furquim de Campos ("Genea- Paulistana", VI, 260).	112	Estanislau Furquim Pedroso ("Gen. Paul, VI, 260).
el Sobrinha de Almeida ("Genealo- Paulistana", I, 460).	113	Ana de Campos (idem, I, 152).
	114	Gaspar Cubas Preto (idem, I, 459).
	115	Messia Ferreira de Almeida (idem, V, 55).
to Pinto de Magalhães ("Genealo- Paulistana", VI, 266).	116	
	117	
ria do Rosário Acioli de Albuquerque en. Paul.", VI, 266).	118	Francisco do Rego Barros ("Gen. Paul.", III, 133).
	119	Arcangela Furquim da Luz (idem).
itão Antônio Monteiro de Noronha en. Paulistana", VI, 267).	120	
	121	
ta Maria da Rocha ("Genealogia listana", VI, 267).	122	
	123	
itão José de Meireles Freire, n. Fi- a (Pôrto) ("Gen. P.", VI, 267).	124	Manuel de Meireles Freire.
	125	Agueda Figueira.
a Gonçalves da Cruz, n. Guande c. 1761.	126	José Gonçalves da Cruz.
	127	Inês Barbosa de Lima.

2 Batista Corrêa Castro, n. 13-VI-1849, Vassouras, † 2-X-1913,

Digitized by Google

60) *Dr. MÁRIO DUVIVIER GOULART* — Nascido a 24 de janeiro de 1907, no Rio de Janeiro, onde fez todos os cursos, formando-se em medicina a 28 de dezembro de 1929. Filho de Arlindo de Morais Goulart e de d.ª Laura Duvivier; neto paterno de Joaquim Ferreira Goulart e de d.ª Adelaide Augusta Goulart; neto materno de Teodoro Duvivier e de d.ª Amália Wagner. Irmão de Henrique, Maria Estela, Hilda, Teodoro e José. O Dr. Mário, a 11 de dezembro de 1935, no Rio de Janeiro, casou com d.ª Gisele Maria Coelho de Almeida, filha de Bento Benedito Coelho de Almeida e de d.ª Ernestina Carneiro de Castro. Pais de (nascidos no Rio de Janeiro): Carlos, nascido a 9 de janeiro de 1937; e Jorge, nascido a 11 de fevereiro de 1941.

Dr. Mário Duvivier Goulart

61) *OSCAR DE ARRUDA PENTEADO* — Natural de Rio Claro, Estado de São Paulo, onde nasceu a 11 de dezembro de 1902. Farmacêutico e funcionário da Prefeitura. É filho do Coronel Francisco de Arruda Penteado, nascido a 22 de abril de 1860, em Rio Claro, Estado de S. Paulo; e da sra. d.ª Elisa Torres Penteado, n. a 27 de janeiro de 1865, no Rio de Janeiro (Distrito Federal) e falecida a 6 de outubro de 1941. Casados em Rio Claro em 1882. Neto paterno de José Manuel de Arruda Penteado, nascido a 1838, em Tietê, Estado de São Paulo; e de d.ª Delfina Carolina de Arruda Camargo (nascida em 1840, em Tietê). Neto materno do Comendador Joaquim José Rodrigues Torres (nascido a 29 de janeiro de 1834, em Pôrto das Caixas, Estado do Rio de Janeiro) e de d.ª Vitória Cândida de Sousa (nascida no Rio de Janeiro, Distrito Federal). Seu bisavô paterno, Manuel Paes de Arruda (ou Manuel José de Arruda) era casado com d.ª Rosa Ferraz de Camargo e foi um dos fundadores de Rio Claro em 1827. Em 10 de fevereiro de 1927, em Rio Claro, casou com d.ª Enid Maria da Silva (nascida a 31 de agôsto de 1906, em Rio Claro), filha do Professor Antônio Sebastião da Silva e de d.ª Maria von Atzingen. Pais de: F 1 - Carlos Eduardo (nascido a 11 de novembro

Oscar de Arruda Penteado

Digitized by Google

de 1927); F 2 - Margarida Maria (nascida a 27 de janeiro de 1929); F 3 - Maria Enid (nascida a 11 de dezembro de 1930); F 4 - Oscar Luis (nascido a 3 de abril de 1934); e F 5 - Carlos Henrique (nascido a 17 de janeiro de 1939), todos de Rio Claro.

62) *PEDRO WERNECK CORRÊA E CASTRO* — Nascido a 3 de agôsto de 1894, em Juiz de Fóra (Minas). Fez seus estudos primários no Colégio Paula Freitas e os secundários no Ginásio Nacional (Pedro II). Comerciário, gerente da firma Oscar Taves & Cia. Filho de Pedro Batista Corrêa e Castro, nascido a 13 de junho de 1849, em Vassouras (Estado do Rio), falecido a 2 de outubro de 1913, na Capital Federal; e de (casados a 2 de julho de 1881, em Vassouras) d.ª Maria Amélia de Almeida Werneck, alí nascida a 23 de junho de 1865, e residindo, atualmente, na Capital Federal; neto paterno de Antônio Batista Corrêa e Castro, nascido a 2 de novembro de 1820, em Vassouras, falecido a 6 de fevereiro de 1894, em Juiz de Fóra; e de d.ª Maria da Conceição Corrêa, nascida a 8 de julho de 1830. em Vassouras, falecida a 30 de agôsto de 1892, em Juiz de Fóra; neto materno de Manuel José de Sousa Werneck (neto 45 da Família Werneck; vêr "Anuário Genealógico Brasileiro, IV, 264), falecido a 8 de março de 1889, em Vassouras, e de d.ª Mariana Guilhermina de Noronha e Almeida, nascida a 15 de fevereiro de 1831, em São João d'El-Rei (Minas) e falecida a 26 de julho de 1911, na Capital Federal. Irmãos: Virgílio, nascido a 12 de janeiro de 1883, em Vassouras; Raul, nascido a 11 de janeiro de 1885, em Vassouras; Maria nascida a 27 de junho de 1888, em Vassouras; Fausto, nascido a 10 de fevereiro de 1892, em Vassouras; Rute, nascida a 10 de agôsto de 1898, no Rio; Osvaldo, nascido a 6 de janeiro de 1901, no Rio; e Elsa, nascida a 8 de maio de 1903, no Rio. O sr. Pedro Werneck é solteiro.

Pedro Werneck Corrêa e Castro

63) *ROMÁRIO MARQUES MACHADO* — Natural de Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul, onde nasceu a 11 de março de 1901. Fez seus primeiros estudos no Colégio de Canôas, continuando-os com diversos professores particulares. Dedicou-se desde logo à profissão de criador, tanto no município de seu berço, como no de S. Fco. de Paula, dirigindo não sòmente as suas propriedades, como também as de sua madrinha, d.ª Ana Maria Osório, prima do Marquês de Herval, falecida em 20-IV-1926, com 92 anos de idade. Embora estudioso de genealogia e de história, pouco tem escrito sôbre a matéria, limitando-se até agora sua produção, a um artigo

Digitized by Google

1 Romário Marques Machado, n. 11-III-1901

2 Manuel Marques Machado, n. 8-XII-1877.

3 D.ª Isabel Osório Marques, n. 5-I-1878, † 9-IX-1921.

4 João Machado Ramos, n. 1840, † 14-I-1882.

5 Clara Marques da Silveira Ramos, n. 1837, † 26 de abril de 1904.

6 Pascoal Osório Marques. n. 1830 † 1884

7 Ana Osório Nunes. n. 1849, † 1912

8 Inácio

9 Vitoria

10 José I 1843.

11 Maria † 15 anos.

12 José 20-VI

13 Isabe 1-VII

14 Marc veira abril anos.

15 Bern rio, 11-II

ugués

(veiu

a ilha

al da

ico fi-

-1815.

, † a

824.

64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
76
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104 D. Francisco da Fonseca Osório.
105 Dª Ana Maria Perestreio, n. Cartacho (Lisboa).
106
107
108 Antônio de Azevedo (da Colônia do Sacramento).
109 Inocencia Francisca.
110 Alexandre de Magalhães (da C. do Sacramento).
111 Ana Pereira de Sousa (n. Rio de Janeiro).
112
113
114
115
116
117
118
119
120 José Antônio Cardoso Osório.
121 A esposa † ao dar à luz o único filho.
122
123
124
125
126 Francisco Gonçalves Retorta.
127 Ana Pereira de Sousa.

Digitized by Google

1 Wilson Lopes de Rezende (casado com d.ª Zoira Viana Rezende)

2 Mário Lopes de Rezende.

3 Judite Augusta de Rezende.

	65	
	66	
	67	
	68	
	69	
	70	
	71	
	72	
	73	
	74	
	75	
	76	
	77	
	78	
	79	
ra da Silva.	80	
	81	
aria de São José.	82	Alferes José Pinto Cardoso.
	83	Ana Jacinta de Jesús.
ra Gonçalves de Rezende.	84	José Dutra Gonçalves.
	85	Ana Antonia da Silva Rezende.
de Jesús.	86	Joaquim Tavares Coimbra.
	87	Rosa Francisca de Jesús.
ra Nicácio.	88	
	89	
ina de São José.	90	
	91	
	92	
	93	
	94	
	95	
	95	
	97	
	98	
	99	
Pinto Cardoso.	100	Salvador Corrêa da Costa.
	101	Antonia Maria da Luz.
de Jesús.	102	José Francisco da Silva.
	103	Jacinta Maria de Figueiredo.
da Silva.	104	
	105	
a de Jesús.	106	João Rezende Costa.
	107	Helena Maria de Jesús.
z Lobo Leite Pereira.	108	Coronel João Lobo Leite Pereira.
	109	Teresa d'Avila da Silva Figueiredo.
de Avila e Silva.	110	
	111	
	112	
	113	
	114	
	115	
	116	
	117	
	118	
	119	
	120	
	121	
	122	
	123	
	124	
	125	
	126	
	127	

Digitized by Google

escrito em 1939, no "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, a propósito do marco comemorativo do nascimento do General Osório, pelo fato de ter sido êsse marco erigido em lugar diverso daquele em que nasceu o grande militar patrício. Tem em preparo um alentado trabalho genealógico de sua família, em cujos membros se conta o ilustre cabo de guerra brasileiro. Êsse trabalho será enriquecido com numerosas fotografias de alguns vultos da história gaucha, cujo sangue é o mesmo que circula nas veias do marginado. Filho de Manuel Marques Machado (n. em Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul, em 8-XII-1877) e de d.ª Isabel Osório Marques (n. Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul), em 5-I-1878 e † no mesmo município, em 9-IX-1921). Casados a 28-IX-1898, na Fazenda do Arroio, onde nasceu o legendário Marquês de Herval. Neto paterno de João Machado Ramos (n. Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul em 24-VI-1840 e † em 14-I-1882, em São Francisco de Paula), e de (c. 1875) d.ª Clara Marques da Silveira (n. Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul, em 12-VIII-1837, e alí † em 26-IV-1904). Neto materno de Pascoal Osório Marques (n. Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul, em 27-VII-1830 e † a 14-IX-1883; primo-irmão do Marquês de Herval); e de (c. 1869) d.ª Ana Osório Nunes (n. Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul em 5-VIII-1849 e † a 26-XI-1912), filha de Bernardina Joaquina Osório, prima-irmã do Marquês de Herval. São seus irmãos: João Marques Machado (n. a 2 de maio de 1906); Osvaldo Marques Machado (n. a 30 de setembro de 1907) e Alice Marques Machado (nascida a 20 de dezembro de 1911).

Romário Marques Machado

64) *Dr. ULISSES LEMOS TORRES* — Nascido a 20 de outubro de 1911, em Avaré (São Paulo). Fez os estudos primários no Externato Elvira Brandão e Anglo Brasileiro; os secundários nos Ginásios do Estado de São Paulo, Catarinense e São Joaquim. Médico, em dezembro de 1936, pela Universidade do Brasil. Atualmente médico em São Paulo e Inspetor Federal do Ensino Secundário. Filho do Dr. Álvaro Lemos Torres, nascido a 15 de de abril de 1884, no Rio de Janeiro, e de (casados em 26 de novembro de 1910, em Avaré) d.ª Maria Amélia Jardim, nascida a 11 de outubro de 1884, em São Simão (São Paulo); neto paterno de João Pereira de Lemos Torres, nascido a 30 de junho de 1849, em Portugal, falecido em 1924, no Rio de Janeiro; e de d.ª Ermelinda Louzada, nascida a 8 de dezembro de 1861, brasileira, falecida a 11 de novembro de 1920, no Rio de

Digitized by Google

1 Ulisses Lemos Torres

2 Álvaro de Lemos Torres.

3 Maria Amélia Jardim de Lemos Torres.

4 João Pereira de Lemos Torres.

- 8 João Pereira de Lemos Torres.
  - 16
  - 17
- 9 Josefa Pereira de Lemos Torres.
  - 18
  - 19

5 Ermelinda Louzada de Lemos Torres.

- 10 José da Silva Louzada.
  - 20
  - 21
- 11 Leonarda do Amaral Ribeiro Guimarães Louzada.
  - 22 Antônio Ribeiro Guimarães.
  - 23 Leonarda do Amaral Ribeiro Guimarães.

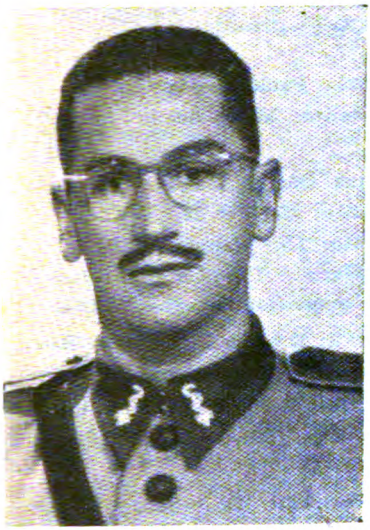
6 Domingos Gomes Jardim.

- 12 Major Domingos Gomes Jardim.
  - 24
  - 25
- 13 Maria Isabel Jardim.
  - 30
  - 26

7 Antonia Novais Jardim.

- 14 Joaquim Dias Novais.
  - 27
  - 28
- 15 Lúcia Brandina Novais.
  - 29
  - 31

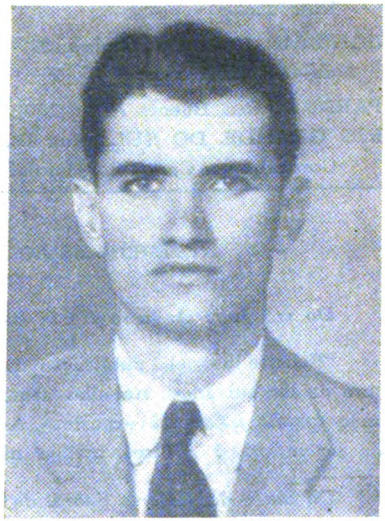
Digitized by Google



Dr. Ulisses Lemos Torres

Janeiro; neto materno de Domingos Gomes Jardim e de d.ª Antonia Novais, nascida em 1856, brasileiros. Irmão de: Álvaro, nascido a 29 de abril de 1914, em São Paulo, falecido em 1920, em Nova York; e Nestor, nascido a 23 de novembro de 1912, em Avaré, falecido em São Paulo. O Dr. Ulisses, a 5 de janeiro de 1936, em São Paulo, casado com d.ª Lígia Ferreira Lopes, nascida a 15 de maio de 1918, em São Paulo, filha do Dr. Francisco Ferreira Lopes e de d.ª Carlota Pinto. Pais de Sérgio, nascido a 13 de outubro de 1936, em Santos; Maria Amélia, nascida a 27 de março de 1939, em São Paulo.

65) *Dr. WILSON LOPES DE REZENDE* — Nascido a 10 de julho de 1918, em Vitória (Estado do Espírito Santo). Fez os estudos primários no Grupo Escolar de Cachoeira do Itapemirim (Espírito Santo) e os secundários no Colégio Pedro Palácios, da mesma cidade. Formou-se a 15 de dezembro de 1938, em cirurgião-dentista, pela Faculdade de Odontologia de Niterói. Atualmente cirurgião-dentista e professor em Cachoeiro do Itapemirim. Publicou, em 1942, um livro didático para a segunda série ginasial, "História Geral", colaborou no "Correio do Sul" (1939). Filho de Mário Lopes de Rezende, nascido a 15 de dezembro de 1885, em Minas, e de d.ª Judite Augusta de Rezende; neto paterno de Cristiano Dias Lopes, falecido, e de d.ª Cecília Lopes de Rezende, falecida; neto materno de Oscar Vieira de Rezende, nascido a 19 de maio de 1860, e de d.ª Augusta Dias de Rezende, falecida. Irmãos: Cristiano, Moacir, Mirtes, Odilon, Léo, Atair, Judite, Osmar, Maria Clara e Mário. O Dr. Wilson a 10 de maio de 1941, em Cachoeiro do Itapemirim, casou com d.ª Zoira Azeredo Viana, nascida a 23 de outubro de 1922, em Alegre (Estado do Espírito Santo), filha de Vital Geraldo Viana e de d.ª Cora Barroso de Azeredo.



Dr. Wilson Lopes de Rezende

Digitized by Google

INSTITUTOS NOS ESTADOS, FILIADOS AO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO (endereço e presidente)

AMAZONAS: Rua Barroso, 307 - Manaus. Presidente: Paulo de Melo Rezende.

PARÁ: Travessa Campos Sales, 147 - Belém. Presidente: Major Adolfo Pereira Dourado.

MARANHÃO: Caixa Postal, 11 - S. Luiz. Presidente: Cônego José Maria Lemercier.

PIAUÍ: Rua Álvaro Mendes, 30 - Teresina. Presidente: Nei Ferraz.

CEARÁ: Rua João Lopes, 14 - Fortaleza. Presidente: Dr. Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE: Rua Conceição, 622 - Natal. Presidente: Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. Vice-presidente, em exercício: Dr. Nestor Lima.

PARAÍBA: Rua Roggers, 119 - João Pessoa. Presidente: D.ª Analice Caldas de Barros.

PERNAMBUCO: Rua Santo Elias, 334 - Presidente: Eugênio de Mendonça Paes Barreto.

SERGIPE: Rua Itabaianinha, 41 - Aracajú. Presidente: José Sebrão de Carvalho, sobrinho.

BAHIA: Av. 7 de Setembro - Salvador. Presidente: Dr. João da Costa Pinto Dantas Júnior.

ESPÍRITO SANTO: Caixa Postal, 1 - Vitória. Presidente: Dr. Francisco Eugenio de Assiz.

RIO DE JANEIRO (Distrito Federal): Avenida Rio Branco, 114 (4.º andar - sala 423) Rio de Janeiro. Presidente: General Emilio Fernandes de Sousa Dócca.

S. PAULO: Caixa Postal, 3363 - S. Paulo. Presidente: Dr. F. A. Carvalho Franco.

MINAS: Rua Felipe dos Santos, 68 - Belo Horizonte. Presidente: Dr. Decio de Vasconcelos.

GOIAZ: Rua 15 de Novembro, 32 - Goiaz. Presidente: Desembargador João Francisco de Oliveira Godói.

PARANÁ: Rua Buenos Aires, 200 - Curitiba. Presidente: Dr. Artur Martins Franco.

RIO GRANDE DO SUL: Rua Duque de Caxias, 1234 - Pôrto Alegre. Presidente: Coronel Luiz Carlos de Morais.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do sr. Júlio Augusto Horta Barbosa Corrêa Pinto, de Belo Horizonte:

"Felicito-lhe pela publicação da última revista, n.º 8, que página a página de leitura de tão cuidadoso trabalho, sente-se o esforço de seu organizador e a sinceridade de tudo quanto nela está exposto. As diretrizes traçadas por essa Diretoria, são dignas de ser imitadas! Outros, melhor não as fariam."

Da Snrta. d.ª Heloisa Cabral da Rocha Werneck, do Rio de Janeiro:

"Tenho o prazer de acusar o recebimento do "Anuário Genealógico Brasileiro", ano V, 1943, dos "Camargos de São Paulo", por Carvalho Franco e dos "Cinco Vultos Meiapontenses", por Jarbas Jaime, êstes últimos da série "Biblioteca Genealógica Brasileira". Todos os trabalhos interessaram-me grandemente."

Digitized by Google

NOTICIARIO

No Rio de Janeiro faleceu d.ª Marieta de Castro Soares, irmã de nosso colaborador Coronel Lúcio Corrêa e Castro. Pesames.

— A 1.º de junho, com 82 anos de idade, faleceu em Bragança a veneranda matrona d.ª Maria da Conceição Leme, de tradicionais famílias paulistas. Era progenitora de nosso consócio Dr. Ernesto de Morais Leme, a quem apresentamos pesames.

— A 7 de julho, em São Paulo, faleceu a exma. sra. d.ª Maria Susana Dias de Toledo Campos, esposa do ex-senador Dr. Sílvio de Campos, e progenitora do Dr. Sílvio de Campos Filho, ambos nossos consócios e colaboradores. O Instituto esteve representado nos funerais e na missa de 7.º dia. Pesames.

— A 30 de julho, no Rio de Janeiro, faleceu nosso consócio Capitão de Fragata Adolfo Monteiro de Barros. Pesames à família enlutada.

— A 8 de agosto, em São Paulo, faleceu o sr. Anibal Domingues da Silva, cunhado do tesoureiro do Instituto Genealógico Brasileiro, sr. Marcelo Figueira Neto. O Instituto fez-se representar no enterro e missa. Pesames.

— A 9 de agosto, em São Paulo, faleceu o sr. Gabriel da Silva Fagundes, tio de nosso redator Dr. Felipe Neri de Siqueira e Silva. Pesames.

— Em 28 de agôsto, em sessão do Instituto foram prestadas várias homenagens póstumas pelo falecimento do Arcebispo Metropolitano, S. Excia. Revma. Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, irmão do Prof. Celidônio de Afonseca e Silva, filhos do sr. Sebastião de Afonseca e Silva, nossos estimados consócios, a quem apresentamos pesames.

— A 29 de agosto, aos 19 anos de idade, faleceu Raul de Moya, bacharel em ciências e letras e inscrito para exame de admissão à Escola de Aeronáutica (oficiais). Era filho de nosso diretor-responsavel Coronel Salvador de Moya. Ao enterro e à missa compareceram numerosos consócios, além de outras manifestações de pesar do Instituto. Pesames.

— Em agôsto faleceu o Dr. Ugolino Penteado, tio paterno de nosso consócio Alfredo Penteado Filho. Pesames.

— A 5 de setembro, em Lorena, faleceu a veneranda sra. d.ª Ambrosina Amélia Lopes de Castro, com 88 anos de idade, avó-paterna de nosso delegado em S. José dos Campos, Dr. Luiz de Azevedo e Castro. Pesames.

— A 25 de outubro, faleceu nosso prezado consócio Dr. Firmino Emílio Mingheli, tendo comparecido aos funerais muitos consócios. Vêr sua biografia na Revista nº 5, pág. 301. Pesames.

Digitized by Google

— Desde 27 de abril, o lar de nosso consócio e colaborador Herman Neeser, da Bahia, está enriquecido com uma criança, que será batizada com o nome de Regina Maria. Felicidades.

— A 25 de julho, em Itápolis, nasceu Beatriz, filha de nosso Delegado naquela cidade, sr. Júlio da Silveira Sudário. Felicidades.

— A 9 de setembro, em Botucatú, nasceu Fausto, primogenito de nosso colaborador e delegado naquela cidade Fausto Teixeira. Felicidades.

— A 13 de dezembro, em Rafaela (Argentina), realizou-se o enlace matrimonial de nossa leitora d.ª Maria Ofélia Steiner, filha do sr. Ernesto Steiner, com o sr. Raul Carlos Pidoux. Felicidades.

— Nosso consócio Coronel Mário Hermes da Fonseca publicou o livro "Primórdios da Organização da Defesa Nacional", em um volume, com duzentas e poucas páginas e setenta e seis "clichés". Gratos pelo exemplar enviado.

— Em sessão de 4 de agôsto, o Instituto Genealógico Brasileiro, no intuito de dar maior amplitude aos estudos genealógicos no país, resolveu mudar a denominação de "Seção" das filiais nos Estados, para "Instituto Genealógico do Pará" (por exemplo), concedendo ampla autonomia e independência aos Institutos estaduais, o que muito concorrerá para maior desenvolvimento dos mesmos.

— A 1.º de setembro, em disputado concurso para preenchimento da cátedra de Neurologia, da Faculdade de Medicina da Bahia, o Prof. Dr. Carlos Gama (vêr biografia no nº 6 desta Revista, pág. 369), tirou 1º lugar; filho do dr. Antônio da Gama Rodrigues, nosso sócio e colaborador. Parabens.

— O Instituto vai reeditar o "Catálogo Genealógico", de frei Jaboatão, anotado, ampliado e atualizado pelo erudito escritor Afonso Costa, presidente da Academia Carioca de Letras e nosso prezado consócio que, convidado pelo Instituto, gentilmente acedeu. Desde já recebem-se encomendas. O volume não ultrapassará de 30 cruzeiros, no máximo.

— No dia 6 de setembro, especialmente convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Instituto Genealógico Brasileiro fez-se representar por uma comissão composta dos srs. Príncipe Igôr Dolgorukij, Dr. Carlos da Silveira, presidente, e Olavo Dias da Silva, nas homenagens póstumas prestadas ao seu consócio, Arcebispo D. José Gaspar de Afonseca e Silva.

— No dia 11 de setembro o Instituto realizou a sua centésima sessão com um programa comemorativo, do qual fez parte um almoço de cordialidade, inauguração, na séde, do retrato do saudoso genealogista Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, tendo o Dr. Carlos da Silveira lido uma conferência a respeito, que publicamos noutro lugar desta Revista; agradeceu o filho do homenageado, sr. dr. José Hildebrando da Silva Leme; em seguida, foram inaugurados mais três armários de livros, da Biblioteca. No almoço saudou a diretoria, S. A. o sr. Príncipe Igôr Dolgorukij e respondeu, agradecendo, em nome da diretoria, o vice-presidente Dr. Agenor Guerra Corrêa.

— Na sessão de 9 de outubro, o Instituto Genealógico Brasileiro prestou significativa homenagem ao Comendador Mário Guastini, Diretor-Secretário desta Revista, por motivo de lhe haver o Governo Federal concedido a medalha comemorativa do cinquentenário da Fundação da República.

— Nosso redator-chefe Coronel Salvador de Moya foi distinguido com o diploma de sócio-correspondente do Instituto Histórico de Minas Gerais. Parabens.

Digitized by Google

NOTICIÁRIO

— No dia 12 de junho, o Instituto Genealógico da Bahia, filiado ao Instituto Genealógico Brasileiro, realizou uma concorrida reunião, na qual o Dr. Mário Torres fez uma conferência sôbre os "Morgados de Sodré", no Brasil e em Portugal. O orador foi muito felicitado.

— O Instituto do Açucar e do Alcool instituiu um concurso de monografias histórico-econômicas sôbre a indústria açucareira, no qual se inclue um capítulo relativo à genealogia de famílias de proprietários de engenho, a partir do século XVI. Parabens aos organizadores do concurso, pela cultura de que dão prova.

— Nossa distinta consócia Dra. Adalzira Bitencourt, presidente da Academia Brasileira Feminina de Letras, está organizando um Dicionário Bio-Bibliográfico das Mulheres Intelectuais do Brasil, parte integrante do grande Dicionário das Mulheres Intelectuais da América, a ser editado em Buenos Aires. As nossas consócias que desejarem responder ao questionário impresso, poderão dirigir-se à Dra. Adalzira, rua Voluntários da Pátria, 75 - Rio de Janeiro.

— Foi promovido, por merecimento, em 25-IX-1942, a Coronel, o Tenente-Coronel Nelson Bandeira Moreira, um dos ornamentos de nosso Exército; pai de nossos presados consócios Pascal Bandeira Moreira e Hélio Bandeira Moreira. Em outro número publicaremos sua biografia.

— Em 23 de outubro, o Instituto inseriu na ata um voto de pesar pelo falecimento do General Manuel do Nascimento Vargas e suspendeu os trabalhos em sinal de pesar.

— A 6 de novembro, por motivo do aniversário natalício de nosso consócio dr. Luiz de Azevedo Castro, promotor público de S. José dos Campos, foram-lhe prestadas excepcionais homenagens, no salão nobre da "Associação Esportiva S. José", falando vários oradores, entre eles o dr. Oton Mercadante e prof. Domingos de Macedo Custódio, respondendo o homenageado, que na mesma ocasião foi aclamado presidente do "Centro Cultural". O Instituto Genealógico Brasileiro associa-se a essas justas homenagens.

— O Instituto Genealógico do Paraná, a 13 de novembro, realizou a eleição para os seguintes cargos, sendo eleitos: Presidente, dr. Artur Martins Franco; 1º vice-presidente, dr. Carlos Sttelfeld; secretário-bibliotecário, dr. Elí de Azambuja Germano. O endereço do Instituto Genealógico do Paraná é: rua Buenos Aires, 200 (Museu Paranaense) ou Caixa Postal, 722 - Curitiba.

— O nosso consócio Alceu de Campos Pupo está organizando um estudo sôbre a família Fleurí e muito agradecerá qualquer dado ou notícia que lhe for remetida a respeito, para a Caixa Postal, 2232 - São Paulo.

— Na sessão do Instituto, de 26 de junho, o sr. Vivaldi de Magalhães Castro fez uma conferência em homenagem do centenário do nascimento do Dr. Pedro Vicente de Azevedo e do Coronel João Guilherme Ferreira de Castro. Por ser muito longa não a publicaremos na íntegra. Publicamos, a seguir, o final da citada oração:

"Palavras de gratidão - Deixo aquí os meus agradecimentos aos srs.: drs. Carlos da Silveira, Gama Rodrigues, Arnaldo Azevedo e Coronel Salvador de Moya.

Dr. Carlos da Silveira é o autor do ótimo trabalho intitulado "A Família Domingos Salgueiro-Pereira de Castro" publicado no "Correio Paulistano", "Subsídios Genealógicos" e mais tarde reunido em volume como publicação do Instituto Genealógico Brasileiro. Obra de inestimavel valor que exigiu um exaustivo trabalho de dedicação, sua contribuição em

Digitized by Google

identificar inúmeros troncos ignorados muito vem auxiliando o fortalecimento dos laços da nacionalidade que tem na família e nas tradições o seu élo mais forte. A-pesar-de sua excessiva modéstia o Dr. Carlos da Silveira é uma das maiores autoridades em assuntos genealógicos. Suas pesquisas para elucidar a filiação de Domingos Bicudo Leme e Clara Parente de Camargo trazem a documentação mais completa sôbre o assunto com a prova irrefutavel que êle encontrou nos autos do inventário de Maria Leme, falecida em 1707, existentes no Arquivo do Estado sob o número 14.825 e dos quais consta um recibo de quitação passado pelo procurador de Clara Parente de Camargo ao receber a parte que em dinheiro lhe tocava no espólio da sogra. Êste documento se encontra no fim dêste trabalho, em cópia fac-simile do original, gentileza do Dr. Lelis Vieira, Diretor do Arquivo do Estado, e do sr. Benedito Marcondes, dedicado e competente funcionário daquela repartição. Tal fac-simile foi obtido em consideração ao pedido do Dr. Carlos da Silveira.

A todos, penhorado, a minha inesquecivel gratidão.

Os dados extraídos do processo de habilitação "de genere et moribus" do Padre Manuel Ferreira da Encarnação, ordenado em São Paulo em 1828 foram encontrados no Arquivo da Curia Metropolitana de São Paulo.

Os documentos e as listas de recenseamento das Ordenanças das Vilas de Lorena e Guaratinguetá, tudo devo à valiosa contribuição do Dr. Carlos da Silveira.

Dr. Antônio da Gama Rodrigues - Na parte materna do meu saudoso pai segui a orientação de trabalhos feitos pelo eminente genealogista e historiador que é o Dr. Antônio da Gama Rodrigues em seus trabalhos "Viscondessa de Castro Lima", "Conde de Moreira Lima" e os "Azevedos de Lorena".

Reproduzindo êstes admiraveis trabalhos de genealogia com tanto carinho, paciência e dedicação feitos pelo Dr. Gama Rodrigues não posso deixar de externar a gratidão de todos os membros da nossa família para com o eminente pesquisador e notavel organizador de trabalhos de genealogia. Tôdas as certidões de nascimento, casamento e óbito desta memória foram extraidas da Curia da Catedral da Diocese de Lorena, oferecidas gentilissimamente pelo Dr. Gama Rodrigues.

Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo - Não podemos deixar também de render as nossas homenagens de respeito e saudade ao Dr. Arnolfo Rodrigues de Azevedo, ilustre varão de reconhecidas virtudes, apóstolo do culto à família e que levou anos e anos colhendo documentos importantes de nossa ascendência nos desprezados arquivos antigos, nos cartórios e assentos de curias metropolitanas de São Paulo, Pôrto, Lisbôa, etc., estimulando todos os membros de sua família no trabalho da organização dêste monumento que é a Árvore Genealógica do Capitão-Mór Manuel Domingues Salgueiro e Ana Maria Pereira. Como precursor dos trabalhos de genealogia em nossa família, rendemos-lhe aquí o preito de nossa veneração.

Instituto Genealógico Brasileiro - Agradecemos também ao Instituto Genealógico Brasileiro, na pessoa do ilustre Coronel Salvador Moya, infatigavel trabalhador Presidente, Diretor, alma desta casa, tôda contribuição e homenagens que tem prestado às pessoas de nossa família.

Sumamente grato, renovo os meus agradecimentos ao Instituto Genealógico Brasileiro por tôdas as facilidades que me proporcionou para a realização dêste trabalho.

A todos que, sem excepção, vem contribuindo para se erguer êste monumento de paciência que é a história da nossa família, a minha gratidão.

Digitized by Google

NOVO REGULAMENTO DO REGISTO CIVIL

Os jornais noticiaram que o sr. Ministro da Justiça nomeou uma comissão para estudar um novo regulamento do Registo Civil.

Na sessão de 6 de novembro, do Instituto Genealógico Brasileiro, o Coronel Salvador de Moya apresentou uma proposta para que se oficiasse ao sr. Ministro solicitando-se que constasse do novo regulamento a propriedade do apelido e a ordem de colocação. Foi nomeada uma comissão para dar parecer sôbre a proposta, bem como sobre outra proposta, apresentada em seguida pelo Dr. Carlos da Silveira, referente a definições de termos. Seguem-se os pareceres apresentados pela Comissão sôbre ambas as propostas, os quais foram aprovados unaninemente, em sessão do Instituto de 20 do mesmo mês de novembro.

PRIMEIRO PARECER

A Comissão designada pelo Instituto Genealógico propõe que:

Havendo conveniência em que seja, uma vez por tôdas, sanada a confusão ora reinante no vulgo, no que diz respeito à nomenclatura do nome e suas partes, especificando-se com precisão, para os fins do registo civil o que deva ser entendido por *prenome, nome, sobrenome, agnome, apelido, alcunha,* etc., de maneira a ser facilmente compreensivel por todos os encarregados do registro civil, em especial, e por todos os cidadãos em geral, a Comissão propõe que se oficie ao Exmo. Sr. Ministro do Interior e Justiça, para que, no regulamento do Registo Civil que está sendo elaborado seja solucionado tal problema.

Para isso, em vez de formular opiniões pessoais, apresenta anexo e por cópia definições de alguns Dicionários, principalmente do tradicional Dicionário de Morais, e do Dicionário de Sinônimos, de Brunswick, — que são os que mais extensa e pormenorizadamente trataram do assunto.

São Paulo, 17 de novembro de 1943.

A Comissão: ESAÚ CORRÊA DE ALMEIDA MORAIS, Presidente da Comissão; Capitão HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN, Secretário; CIRO ONESINO MONDIM - MÁRIO D. WANDERLEY - SALVADOR DE MOYA.

Digitized by Google

DEFINIÇÕES DE DICIONÁRIOS

MORAIS, DICIONÁRIO (o mais autorizado) 7ª edição, 1877, vol. I pg. 156, 2ª e 3ª colunas:

APPELIDO, ALCUNHA, SOBRENOME, syn. Os dous primeiros vocabulos eram nos tempos antigos synonimos e significavam sobrenome das pessoas, segundo a diferença das familias. Os soberanos davam, por honra e mercê, ás cidades e villas, ALCUNHAS de nobres, leaes, fieis, etc. assim como os nomes de animais, aves, peixes, etc. foram APPELLIDOS da descendencia de familias, como perdigão, falcão, coelho, etc. Porem, já ha muito tempo não se dá tal synonimo. Hoje APPELLIDO é propriamente sobrenome de pessoas, segundo a diferença das familias. ALCUNHA é nome a alguma pessoa por defeito corporal, vicio moral, prenda estremada e acção famosa, boa ou má; como v. g. Pedro Martins, o manco, o trapaceiro, o orador, o mata-Mouros, etc.

SOBRENOME é o 1.º nome que se ajunta ao que se recebeu no baptismo, como v. g. Antonio, Manuel, Francisco da Silva; neste exemplo, SILVA é justamente appellido e sobrenome. ALCUNHA, ainda que se siga imediatamente ao nome de baptismo, não se reputa sobrenome. Os APPELLIDOS de familia em grande parte nasceram do que hoje chamamos *alcunhas*. Assim não se concebe como se originaram os nomes de familia como *Gato, Camelo, Raposo, Canhoto,* senão como primitivas alcunhas, com que se designavam qualidades physicas ou moraes dos individuos, comparando-os a animais, etc.

ALCUNHAS podem ser tiradas de um local; assim em muitas terras a individuos que moravam na praça principal, se deu e dá ainda, a alcunha da praça, que provavelmente deu origem a todos os *appellidos* de *Praças,* que temos em Portugal".

HENRIQUE BRUNSWICK, DICIONARIO DE SYNONIMOS DA LINGUA PORTUGUEZA, edição de 1899, pg. 64:

ALCUNHA, APODO, COGNOME, SOBRENOME, APPELLIDO, PRENOME: *Alcunha,* é o nome que se põe a alguem tomando-o nos seus defeitos ou particularidades. As alcunhas não se transmitem aos descendentes do individuo alcunhado. Os do partido contrario puzeram ao administrador a *alcunha* "do Torto" por ter um pequeno defeito nos olhos. Esta palavra não tinha antigamente idéia ofensiva. Duarte Nunes de Leão diz *que ficou a D. João I por alcunha "o rei de boa memoria"*.

APODO é o mesmo que *alcunha;* é porem palavra mais usada em castelhano, de cuja lingua foi tomada, que em portuguez.

COGNOME é o epitheto que se junta ao nome de alguem para tornar saliente a sua qualidade mais notavel: *D. Fernando I foi COGNOMINADO "o Formoso"*.

SOBRENOME é o nome que se intercala entre o nome de familia e o de baptismo.

NOME é a designação especial de cada individuo de uma familia, vulgarmente chamado *nome de baptismo*. APPELLIDO é o nome commum a todos os individuos de uma familia.

ADOLFO COELHO, DICIONARIO, MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, sem data, pg. 133:

"APPELLIDO, s. m. designa principalmente o nome de familia (B. lat. *appellitus,* do lat. *appellare;* vide APPELLAR".

Digitized by Google

FREI DOMINGOS VIEIRA, GRANDE DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA ou THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA. Porto, 1871, volume I, pagina 500, 2.ª coluna:

APPELLIDO. No sentido moderno, significa sobrenome de pessoas, segundo as diferentes familias.

Da natura, e dos dom usados d'ella
Carmania teve já por appellido.
CAMÕES, Lus. canto X, estancia 105.

(e na 3.ª coluna): "SOBRENOME é o primeiro nome que se junta ao que se recebeu no baptismo.

CALDAS AULETE, DICIONARIO, 2ª edição, 1925, volume I, pag. 177, 1ª coluna:
"APPELLIDO, s. m. sobrenome, alcunha, cognome: Appellido de familia."

CONSTANCIO, Dicionario, 7ª edição, Paris, 1859, pag. 97, 1ª coluna:
"APPELLIDAR-SE, v. r. ter por appellido ou sobre-nome, chamar-se, denominar-se v. g.

"Cabo que c'o nome de Fartaque se appellida."
CAMÕES

HILDEBRANDO LIMA e GUSTAVO BARROSO, Pequeno Dicionario Brasileiro da Lingua Portuguesa, 4ª edição, 1943, pag. 90, 1ª coluna:
"APELIDO: s. m. (appellido), sobrenome de familia, alcunha."

LAUDELINO FREIRE, GRANDE E NOVISSIMO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, edição d'"A Noite", pagina 642:
APELIDAR, 3) Ter apelido ou sobrenome (pr. transsobj.):
"Destes se crê, eram os fidalgos que se apelidavam de Almada"
(Dic. Acad. Lisboa)

SEGUNDO PARECER

A Comissão abaixo assinada nomeada pelo Instituto Genealógico Brasileiro, para estudar as propostas apresentadas na penúltima sessão, referentes à reforma da lei do Registo Civil, resumindo e concatenando, propõe que se oficie ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça, fazendo-se as seguintes sugestões:

I — Para manter bem viva a tradição nas famílias brasileiras, de cujo congraçamento se constitue a própria nacionalidade, o apelido de família deve ser considerado como propriedade particular de todos os descendentes de linha masculina direta, de uma mesma família.

II — Em cumprimento à Constituição de 10 de novembro que declara a Família sob a proteção do Estado, — uma das primeiras proteções deve ser a defesa da legítima propriedade do apelido de cada família, proíbindo-se a apropriação indébita, — só permitindo o uso de apelidos de seus pais, herdados pelo sangue.

III — Nestas condições, ao ser registada uma criança deverá ser colocado, em seguida ao nome próprio (vulgarmente chamado nome de batismo) o apelido paterno e, facultativamente, o materno.

IV — O oficial do Registo Civil, à vista dos documentos de identificação individual do pai da criança a ser registada, ou de outros elementos comprobatorios, fará cumprir as disposições estatuidas, vedando a adopção de apelidos

Digitized by Google

que não sejam os da própria família. No caso de pai desconhecido é que podera ser registado sòmente o apelido materno.

V — No caso de apelidos tradicionalmente compostos, serão mantidos como si fossem um só, como por exemplo: Castelo Branco, Souto Maior, Vilas Boas, Azeredo Coutinho, Arruda Botelho, Toledo Piza, etc.

VI — A Comissão junta uma cópia do último decreto português que regula o Registo Civil, o qual estabelece um novo criterio para a ordem de colocação dos apelidos. Quanto a essa colocação, a Comissão prefere, por geralmente usado nos outros paises, a colocação explicada no "Anuário Genealógico Brasileiro" de 1939 (1.º ano) páginas 229, 230 e 231, de que junta um resumo, em forma de projeto de artigos.

VII — Mas, a não constar nada em lei, então a Comissão prefere o novo sistema português, pois ao menos regula o assunto dos apelidos em lei.

VIII — Em resumo, a Comissão acha que a lei deverá conter: Declaração clara e concreta de um direito, com possibilidades de reclamação e contestação; estabelecer a defesa dos apelidos de família e a ordem taxativa destes, na organização do nome completo do indivíduo; admitir a preexistência do direito de cada família a um determinado apelido, adquirido no passado e transmitido pelo sangue, através das gerações.

S. Paulo, 18 de novembro de 1943.

ESAÚ CORRÊA DE ALMEIDA MORAIS, Presidente da Comissão; SALVADOR DE MOYA, secretário; CIRO ONESINO MONDIM; Capitão HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN; MÁRIO D. WANDERLEY.

CÓPIA

Código do Registo Civil Português: Decreto n.º 22.018, de 22 de dezembro de 1932.

Art.º 241 — O nome ou nomes próprios serão indicados pela pessoa que faz a declaração do nascimento, ou pelas testemunhas no caso de o declarante o não querer fazer, ou ainda pelo funcionário do registo civil, quando aquelas o não fizerem.

Art.º 242 — Os nomes próprios não serão superiores a dois e deverão ser escolhidos entre os que se encontram nos diferentes calendários ou de entre os que usaram as personagens conhecidas na história e não devem confundir-se com os nomes de família, nem com os de cousas, qualidades ou animais, excepto tratando-se de nomes muito vulgares, nem envolver referência política.

§ único — O número de apelidos não será superior a três e deverão ser escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou o último ser o do pai.

Art.º 264 — O uso indevido de apelido de família pode ser impugnado por quem tiver interesse, nos termos do art.º 228, na parte aplicavel.

§ único — No caso de impugnação, aquele contra quem fôr deduzida será citado por via postal, com aviso de recepção, para deduzir a oposição que tiver.

* * *

Projeto de artigos, dentro da publicação feita pelo "Anuário Genealógico", de 1939 (1.º ano):

Digitized by Google

NOVO REGULAMENTO DO REGISTO CIVIL

Art.º ... — O Apelido é um direito do indivíduo, que o recebe por herança de seus avós.

§ 1.º — Ninguem poderá se apropriar de apelido que não competisse aos seus avós, constituindo crime a apropriação indébita de apelido.

Art.º ... — Ao registar um nascimento ou casamento, os declarantes deverão exibir documentos comprobatorios dos apelidos dos avós, a-fim-de o serventuário do Cartório colocar os apelidos na ordem estabelecida neste Decreto.

Art.º ... — O apelido mais importante é o do avô-paterno, que vai logo em seguida ao nome próprio, junto a este, — e se mantém indefinidamente, através das gerações masculinas; em segundo lugar o apelido do avô-materno; em terceiro lugar da avó-paterna; e em quarto, da avó-materna.

Art.º ... — Em caso de dificuldade de documentos referentes aos apelidos dos avós, proceder-se-á assim:

a) Quando os pais tiverem só um apelido cada um, o filho receberá os dois — primeiro o do pai.

b) Quando o pai tiver dois apelidos e a mãe um só, o desta irá intercalado.

c) Quando o pai tiver só um apelido e a mãe dois, os desta irão juntos em seguida ao do pai.

d) Quando os pais tiverem dois ou mais apelidos cada um, irão alternados, começando pelo primeiro do pai.

Art.º ... — No interesse de sua descendência, a pessoa que atualmente estiver com seus apelidos errados ou baralhados, em desacôrdo com êste Decreto, querendo poderá acerta-los, requerendo ao Juiz de Direito de sua Comarca, juntando certidões com os apelidos de seus avós.

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

De Raul Lima, em "Letras e Artes", seção do "Diário de Notícias", do Rio, VII-1943:

"Saiu em segunda edição, na série de publicações do Instituto Genealógico Brasileiro e distribuido pela Livraria Martins, o importante trabalho de Carvalho Franco intitulado "Nobiliário Colonial", no qual se relacionam os fidalgos da Casa Real e cavaleiros das Ordens Militares, com serviços prestados no Brasil, principalmente na guerra holandesa."

Do "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, de 18-VII-1943:

"*Carvalho Franco* - "Nobiliário Colonial" - Livraria Martins, São Paulo. Historiador dos mais conceituados entre nós, o sr. Carvalho Franco vem agora de publicar "Nobiliário Colonial", com prefácio do sr. Sebastião Pagano. "O presente trabalho, diz o autor, tem como base as mercês das Portarias do Reino, de 1639 a 1664 e as matrículas dos Moradores da Casa Real de 1640 a 1681. Trabalho dos mais uteis e importantes, "Nobiliário Colonial" abrange o período compreendido no tempo da guerra holandesa, o que diz o quanto é importante êste trabalho de paciente pesquisa do sr. Carvalho Franco."

Do sr. Roberto Amorim de Santa Vitória, do Rio de Janeiro:

"Agradeço-lhe ter-se lembrado de enviar-me a 5.ª edição do "Anuário Genealógico Brasileiro", que muito me interessou."

De Monsenhor Antônio Pais Cintra, do Rio de Janeiro:

"Apresso-me em lhe agradecer os 5 volumes hoje recebidos (5 e 6 - Biblioteca; Anuário V; Índices 2, 3 e 4), que muito agradeço. E' sempre com grande prazer que recebo as suas publicações." "Peço continue a remeter-me tôdas as publicações."

Digitized by Google

Instituto Genealogico Brasileiro

Seção Bahiana

Sede: Casa da Bahia

(Fundado em 10 de julho de 1941)

SINOPSE DA SUA ATIVIDADE CULTURAL NO BIÊNIO 1941-1943

DIRETORIA

Presidente - João da Costa Pinto Dantas Junior. *Vice-presidente* - Afonso Rui de Sousa. *Secretário* - Mário Torres. *Tesoureiro* - Herman Neeser.

Comissão de genealogia: Jorge de Lacerda Kelsch - Mário Barros - J. J. Nascimento Junqueira.

Comissão de heráldica: Herman Neeser - Jorge Calmon Moniz de Bittencourt - Irmão Paulo Leichmeyer, O. F. B. - José Antônio do Prado Valadares.

Comissão de Testamentos e forais: Afonso Rui - Prof.ª Anfrisia Santiago.

Comissão de Solares e Morgados: Valdemar Matos - Mário Torres.

Comissão de admissão de sócios: D.ª Clara Calmon da Costa Pinto - José Antônio do Prado Valadares - Jorge Calmon Moniz de Bittencourt.

Do Instituto e seus fins

O "Instituto Genealógico Brasileiro", fundado na Capital Paulista, onde tem sua séde, com duração ilimitada e composto de número ilimitado de sócios, tem por fim estudar e cultivar a Genealogia e a Heráldica, assim como criar prosélitos.

(Art. 1.º dos seus estatutos).

Obedecendo à sua finalidade, o Genealógico na Bahia, desde sua instalação vem zelando pelas tradições e pelo passado de nossa terra no que ela tem de mais respeitável — a Família.

Digitized by Google

Os sócios do Instituto Genealógico têm permissão especial para investigar, além dos Arquivos Públicos da Bahia e da Prefeitura do Salvador, nos seguintes arquivos privados:

— da Mitra;
— da Misericórdia;
— do Mosteiro de São Bento;
— da Ordem 3.ª do Carmo;
— da Ordem 3.ª de São Domingos;
— do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Como especial homenagem, presta a Seção da Bahia, com o seu reconhecimento, todo apôio ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Casa da Bahia), em cuja sombra, com fidalguia, lhe é dada a honra de abrigar-se.

SINOPSE DOS TRABALHOS DE 1941 A 1943

Sessão de instalação - 10 de julho - Referência à sua criação em 1939, em São Paulo, graças ao seu fundador, o principal animador da genealogia no Brasil, o Coronel Salvador de Moya.

Sessões ordinárias - 1.ª) 10 de julho de 1941 - Conhecimento dos Estatutos, seus fins e organização da Seção.

2.ª) 2 de agôsto - Admissão de sócios, criação das "Tertúlias mensais", organização da "Bibliografia Genealógica Bahiana" e do "Índice das Famílias Bahianas", das Comissões "Morgados e solares" e "Testamentos e Forais".

3) 20 de setembro - Admissão de sócios, intercâmbio da Seção com as principais instituições e estabelecimentos da Cidade - Conferência do consócio Afonso Rui sôbre "D. Fernando José de Portugal, Marquês de Aguiar", o último governador da Bahia no século XVIII".

Nota - Publicada na "Revista Genealógica Brasileira" (São Paulo) e "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", nº 68.

4) 4 de outubro - Conferência do sócio Vital Bittencourt sôbre a tradicional "Família Bittencourt". Homenagem ao centenário de Prudente José de Morais Barros.

5) 8 de setembro - Conferência do consócio Herman Neeser sôbre "Heráldica", que foi minuciosamente estudada.

6) 6 de dezembro - Conferência do sócio J. J. Nascimento Junqueira, sôbre os "Oliveiras Mendes e o solar dos Junqueiras na Praça dos Veteranos".

1942

SESSÕES ORDINÁRIAS

1) 7 de março - O consócio Mário Torres lê o seu estudo sôbre "Os Sodré na Bahia e Jerônimo Sodré Pereira, que veio para a Bahia no século XVI".

Digitized by Google

2) 11 de abril - Mário Torres continua a ler seu trabalho sôbre "Os Sodré na Bahia" e os morgados desta família em Portugal e no Brasil.

Nota - Esta conferência está publicada na "Revista Genealógica Brasileira" (São Paulo), ns. 5, 6 e 7.

3) 9 de maio - João da Costa Pinto Dantas Junior, presidente da Seção, dá conhecimento à casa do trabalho "Breves Apontamentos Genealógicos da Família Ferreira Tourinho" por E. T. - Bahia - Lito-tipografia João Gonçalves Tourinho, Arcos de Sto. Bárbara 83, 1884" obra rara e que o apresentante está atualizando até nossos dias.

4) 20 de junho - Expediente interno.

5) 20 de julho - Conferência por Herman Neeser sôbre o "General Labatut e sua Família".

Nota - Êste trabalho foi posteriormente publicado na "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", nº 68, ano 1942, sob o título "Ensaio de um resumo cronológico biográfico sôbre Pedro Labatut, Marechal de Campo do Exército Brasileiro".

6) 8 de agôsto - Conferência da exma. sra. prof.ª Anfrisia Santiago sôbre "D.ª Francisca de Sande", a pioneira das obras sociais na Bahia.

7) 19 de setembro - O consócio Afonso Rui discorre sôbre "Contratos Nupciais da Casa Imperial Brasileira".

9) 10 de outubro - Conferência do confrade Herman Neeser sôbre "Sinais Genealógicos", 1.ª parte.

10) 14 de novembro - Continuação do trabalho anterior e apresentação do quadro com a árvore genealógica da tradicional "Família Neeser", de origem suiça.

11) 5 de dezembro - Mário Torres fez lembrar a casa os trabalhos de Bouillet sôbre "Cavaleiros e Templários", comentando-o.

Homenagem ao consócio Elisio Lisbôa, prefeito da Capital.

12) 24 de novembro - Sessão pública extraordinária. O consócio Herman Neeser reproduziu sua magnífica conferência sôbre "Sinais Genealógicos" com a cooperação de sua exma. senhora, que apresentou numerosos gráficos de sua autoria.

1943

1) 20 de março - Homenagens póstumas a José Joaquim Seabra, desembargador Ezequiel Pondé, ministro Pedro dos Santos, Dr. Aristides Pereira Maltez, e Prof. Alfredo Ferreira Magalhães. Conhecimento do Boletim nº 53, de 5-III-1943, da 6.ª Região Militar sob a epígrafe nº 14: - "Um resumo biográfico do Cons. João José de Oliveira Junqueira".

2) 17 de abril - Coube a conferência à ilustre Mestra Prof. Anfrisia Santiago, figura de projeção nos meios educacionais, que discorreu sôbre "Oratórios particulares da Bahia no século XVII".

Digitized by Google

NOMES	CLASSE	TÍTULOS	DATA DA ADMISSÃO
D. Anfrisia Santiago	assistente	Diretora do Colégio N. S. Auxiliadora	1941
Sr. Arnoldo Wildberger	"	Comerciante - Cônsul da Bélgica	1942
Dr. Augusto Cesar Viana Neto	"	Médico clínico	1942
D. Clara Calmon da Costa Pinto	"	Proprietária	1942
Dr. Elisio de Carvalho Lisbôa	"	Professor da Escola Politécnica - Prefeito da Cidade do Salvador	1941
Dr. Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho	"	Inspetor Regional do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	1941
Sr. Henrique Aranha Lowndes	"	Comerciante	1941
Sr. Herman Neeser	contribuinte	Comerciante	fundador 1941
Dr. Jaime Cunha da Gama e Abreu	assistente	Professor da Escola Politécnica ..	1941
Dr. João da Costa Pinto Dantas Junior	"	Advogado - Secretário da Interventoria	fundador 1941
Prof. João José Nascimento Junqueira	contribuinte	Advogado - Diretor do Colégio N. S. de Lourdes	1941
Dr. Jorge Calmon Moniz de Bittencourt	assistente	Jornalista - Advogado - Diretor do D. E. I. P.	1941
Dr. José Antônio do Prado Valadares	"	Diretor do Museu do Estado, Sec. da Faculdade de Filosofia	1941
Dr. Mário da Fonseca Fernandes de Barros	"	Advogado - Professor do Colégio Estadual da Bahia	1941
Dr. Mário Torres	contribuinte	Funcionário aposentado da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos	fundador
Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida	assistente	Diretor do Banco Econômico - Professor da Escola Politécnica	1943
Sr. Osvaldo Valente	"	Diretor do Arquivo Municipal ..	1943
Sr. Valdemar Magalhães de Matos	"	Estudante e Jornalista	1943

Digitized by Google

3) 8 de maio - Expediente e aplausos à criação da Academia Feminina de Letras no Rio.

4) 12 de junho - Mário Torres falou sôbre os "Morgados do Sodré" em Portugal e no Brasil.

5) 10 de julho - Conferência do consócio Afonso Rui sôbre o casamento da princesa brasileira d.ª Maria Januária, filha de D. Pedro I, com D. Luiz Carlos Maria, Conde d'Aquila, filho de D. Fernando II, rei das Duas Sicílias.

6) 21 de agôsto - Estudo do presidente João da Costa Pinto Dantas Junior, sôbre os que colonizaram N. S. de Nazaré do Itapicurú de Cima, descendentes do casal português de Francisco Gonçalves Leite e sua mulher d.ª Joana Vitória de Sousa.

7) 18 de setembro - Conferência de Herman Neeser sôbre "As diferenças heráldicas como identificação da ascendência do armigerado".

8) 9 de outubro - Conferência de Afonso Rui sôbre os "Desposórios de sua Alteza a Sereníssima Princesa D.ª Leopoldina Teresa Francisca Carolina Michaela Gabriela Rafaela Gonzaga, filha de sua Magestade D. Pedro II e sua Sereníssima Esposa, a Imperatriz, com sua Alteza Real, o Príncipe Luiz Augusto Maria Eudes de Coburgo e Gotha, Duque de Saxe, cujo contrato foi firmado na casa da Áustria em 1-XI-1864. O conferencista estudou não só a ascendência, como a descendência do casal.

9) 13 de novembro - Conferência do consócio Valdemar Matos sôbre o historiador Manuel Raimundo Querino, estudando alguns aspectos da sua vida intelectual. Leitura e aprovação do demonstrativo dos trabalhos do ano.

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SÓCIOS ATUAIS POR ORDEM ALFABÉTICA

SEÇÃO DA BAHIA

NOMES	CLASSE	TÍTULOS	DATA DA ADMISSÃO
Dr. Adriano de Azevedo Pondé	assistente	Prof. Catedrático da Faculdade de Medicina	1942
Dr. Afonso Rui de Sousa ..	"	Advogado - Diretor da Imprensa Oficial	fundador 1941
Prof. Altamirando Requião ..	"	Professor, Escritor e Jornalista ..	

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Revista Genealógica Brasileira

ANO V — 2.º SEMESTRE DE 1944 — N.º 10

Digitized by Google

Para o nosso *Arquivo Genealógico*, a ser publicado no "Anuário Genealógico Brasileiro", queira fazer o obséquio de copiar o formulário desta folha, preencher os dados abaixo e remeter para o "Instituto Genealógico Brasileiro", rua Voluntários da Pátria n.º 2912 - Telefone 3-8403 - São Paulo.

Meu nome é: .....

Nasci em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 1* .....

Meu pai .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Minha mãe d.ª .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Meu avô-paterno .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Minha avó-paterna .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Meu avô-materno .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Minha avó-materna .....

Nasceu em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Meus pais casaram em ....., *em* .... *de* ..... *de 18* .....

Eu casei-me em ....., *em* .... *de* ..... *de 19* .....

Com d.ª .....

Nascida em ..... *(Estado de* .....*) em* .... *de* ..... *de 18* .....

Filha de .....

e de d.ª .....

Meu 1.º filho ..... *Nasceu em* ..... *em* .... *de* ..... *de 19* .....

Meu 2.º filho ..... *Nasceu em* ..... *em* .... *de* ..... *de 19* .....

.....

.....

.....

.....

.....

OBSERVAÇÕES - (Indicar algo interessante, por exemplo: árvores genealógicas, documentos e retratos que possue; obra que traga biografia de algum ascendente, etc., endereço de pessoas da mesma família). Das pessoas falecidas, mencionar lugar e data; dos avós que souber, mencionar lugar e data de casamento.

.....

.....

.....

.....

.....

Digitized by Google

Revista Genealógica Brasileira

ÓRGÃO DO "INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO"

Séde das reuniões: Rua Barão de Itapetininga, 120 (4.º andar - sala 415) (Prédio Guatapará) — Séde administrativa e redação: Rua Voluntários da Pátria, 2912 - Tel.: 3-8403 - Diretor-Responsável: Salvador de Moya - Diretor-Secretário: Comendador Mário Guastini - Diretor-Secretário (substituto): Sinesio de Oliveira Piedade Trindade e Melo.

ANO V - N.º 10	S. PAULO - BRASIL	2.º SEMESTRE DE 1944

CONSELHEIROS VITALICIOS

e trabalhos que lhes deram ingresso no Grande Conselho Técnico do Instituto Genealógico

1 — Adalzira Bitencourt, dra., "*Dicionário Bio-bibliográfico de Mulheres Intelectuais do Brasil*". (Livro).

2 — Afonso José de Carvalho, desembargador, "*Os Paulistas na Fronteira*".

3 — Agenor Guerra Corrêa, dr., "*Alberto Santos Dumont*", conferência.

4 — Alceu de Campos Pupo, dr., "*A Família Fleuri*".

5 — Alexandre Guimarães dos Santos, dr., "*Traços biográficos de Martim Afonso de Sousa*".

6 — Alfredo Penteado Filho, "*A Família Almeida Lima*".

7 — Amilcar Salgado dos Santos, tenente-coronel, "*Os Forster em Santo Amaro*".

8 — Antônio da Gama Rodrigues, dr., "*O Conde de Moreira Lima*". (livro).

9 — Caio Nelson de Sena, dr., "*João Pinheiro da Silva, sua vida e sua obra*". (livro).

10 — Carlos Fouquet dr., "*A Família Lindemberg*".

11 — Carlos Grandmasson Rheingantz, dr., "*Titulares do Império*".

12 — Carlos da Silveira, dr., "*Subsídios Genealógicos*" (livro).

13 — Ciro Mondim, dr., "*Cristovão Colombo*", conferencia.

14 — Domingos Laurito, dr., comendador, "*Ordenações de Carlos Magno*".

15 — Egon Prates Pinto, 1.º tenente, "*Armorial Brasileiro*".

16 — Ervin Hirschowiez, "*Ponte Inter-Americana*" (Dicionário Biográfico), livro.

17 — Eugênio de Mendonça Paes Barreto, "*A Familia Paes Barreto*".

18 — Felipe Nerí de Siqueira e Silva, dr., "*Ex-libris*".

19 — Felix Guisard Filho, dr., "*Indice de Inventários e testamentos*". (livro).

20 — Francisco de Assiz Carvalho Franco, dr., Presidente do Grande Conselho, "*Os Camargos de S. Paulo*" (livro).

21 — Francisco Osório de Oliveira, "*O Barão de Alfenas*".

22 — Geraldo Cardoso de Melo, dr., "*Os Almeidas e os Nogueiras do Bananal*". (livro).

23 — Hernani de Campos Seabra, "*Algumas Notas sôbre os Pires de Campos*". (livro no prélo).

24 — Horácio Rodrigues da Costa, "*Notas Genealógicas*".

25 — Igôr Dolgorukij, dr., Principe russo, "*Roberto Southey, sua vida e sua obra*". (conferência).

26 — Jorge Godofredo Felizardo, dr., "*Genealogia Riograndense*" (livro).

27 — José Augusto Bezerra de Medeiros, dr., "*Familias Seridoéuses*" (livro).

28 — Mario Cardoso de Miranda, dr., "*O Ciclo das Gerações*" (livro).

29 — Mario Wanderley da Costa, dr., "*A Familia Sá e Albuquerque*".

30 — Olavo Dias da Silva, "*Origem da da Familia Ferraz de S. Paulo*".

Digitized by Google

31 — Raimundo Girão, dr., "*Esboço de uma genealogia*"

32 — Renato Egidio de Sousa Aranha, dr., "*A Familia Sousa Aranha e suas alianças*".

33 — Salvador de Moya, coronel, "*Genealogia Resumida da Casa Real Portuguesa*" (folheto).

34 — Silvio de Campos Filho, dr. "*Bernardino de Campos*" (folheto).

35 — Vasco Smith de Vasconcelos, dr., "*Provincia Eclesiástica do Rio de Janeiro*".

Existe uma vaga, ocorrida por falecimento. Os socios efetivos do Instituto poderão canditatar-se a essa vaga, apresentando um trabalho genealógico ou heraldico, para ser julgado pelo Grande Conselho.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do sr. José N. de Paula Leite, chefe da Inspetoria da 17.ª Região Escolar de Paraiba do Sul:

"Peço-vos digneis remeter para esta Inspetoria as publicações do Instituto Genealogico Brasileiro, para a bibliotheca desta Região Escolar, bem como a remessa mensal de todo trabalho realizado por esta benemerita e patriotica instituição".

Do dr. Luiz Enrique Azarola-Gil, escritor uruguaio:

"Al formular mis sinceros votos por el éxito de la obra tradicional y cultural del Instituto que Vd. dignamente preside, me es grato saludarle con las expresiones de mi mas distinguida consideración personal e intelectual".

De D.ª Regina Amoroso Lima, do Rio de Janeiro (neta do Visconde Amoroso Lima):

"Interessou-me imenso essa ótima publicação".

Do dr. Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti, de Pernambuco:

"Sinceramente considero formidavel o seu "*Indice da Nobiliarquia Pernambucana*", de Borges da Fonseca. Folgo em constatar que o "*Anuário*" e a "*Revista*" continuam sob ótima orientação, encerrando, como os números anteriores, esplêndida colaboração".

Do dr. Romeu Maia Souto, de José Bonifácio:

"Recebi a *Revista* (n.º 8), o *Anuário* (V.º), os volumes da *Biblioteca* (4.º, 5.º e 6.º), os *Indices* (2.º, 3.º e 4.º) e a *Genealogia da Zona do Carmo*, e fiquei satisfeito com todas essas publicações, porque vieram enriquecer a minha biblioteca, pois são obras de real valor historico".

Do dr. Nestor dos Santos Lima, presidente do Instituto Historico do Rio G. Norte

"Estou inteirado e muito satisfeito com a resolução tomada pelo Instituto Central, aí, no sentido de tornar autonomos os institutos genealógicos locais, embora filiados ao que V. Excia. tão abnegada e proficientemente preside".

Do dr. Gastão Abbott, do Rio de Janeiro (telegrama):

"Queira V. Excia. aceitar nossos votos de felicidade no ano que se inicia, para que possamos te-lo a frente do Instituto Genealógico Brasileiro que tanto carece de vossa preciosa direção".

Do dr. Elisiario de Camargo Branco, de Santa Catarina:

"Felicito-o calorosamente pela sequencia e constante melhóra em nossas publicações. Somente póde bem avaliar o que de esforços e capacidade de trabalho aí estão, quem como nós, modestamente moureja nesse setor, procurando vencer todas as dificuldades." "Ansiei muito pelos Indice de Silva Leme e o do Negrão."

Do prof. e historiador Jarbas Jayme, de Goiaz:

"Que Deus o conserve sempre, com a mesma inteligência e capacidade de trabalho, afim de que todos os seus amigos e admiradores, possamos ver, cada vez mais enriquecida e grandiosa, a ciência genealógica, em nossa gloriosa Terra."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DO DISTRITO FEDERAL
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O Códice do Conde de Iguassú (Bib. Nac. Rio Jan.)

(Verbete por Heloisa Cabral da Rocha Werneck)

— Em memória de dois grandes amigos: o Visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes 1802-1906) e o Visconde de Paraiba (João Gomes Ribeiro de Avelar 1805-1870).

— Em lembrança da afeição que, a *Nãnã*, dedicavam meu Pai e meu Tio.
Rio, 30-3-1944.

Heloisa Cabral da Rocha Werneck

1.a PARTE (1) — (a) autor, (b) título) BRANT, Pedro Caldeira (Conde de Iguassú) 1814-1888. "Memórias/ genealógicas e históricas/ da/ família Brant/ e outras./ Transcrições e originais/ por/ Pedro Caldeira Brant/, conde de Iguassú e cunhado bas-/tardo do Imperador D. Pedro II, fal-/ lecido em 17 de Fevereiro de 1888./ — / Com o Brazão chancellado do/ auctor e setenta e quatro brazões/ por Louis Alexis Boulanger prof-/fessor dos filhos e netos do Impera-/dor D. Pedro I e escrivão da nobreza/ do imperio./ Rio de Janeiro./"

(c) *características*

Cod. trilingue, autógrafo, papel e letra do sec. 19, 33 linhas por página cheia, 258 x 209, 1 v. enc., 149 ff num. a máquina em tinta vermelha, mais 2 ff. pr. em branco, 3.º f. pr. com o brasão chancelado do autor, a fªrº com o título e contra f. numerada o lapis com o índice dos brasões, ambas ff escritas com letra dif. da do autor. O texto acha-se escrito em 127 ff. num. seguindo-se as restantes ff 128/149 inteiramente em branco. Entre ff 148 e 149, em apêndice, estão 1 folheto impresso e ff de papel almasso num. 147/162 com documentos. No final do

(1) (para a ficha e para o verbete).

Digitized by Google

códice foram inseridas 10 ff de cartolina dura com brazões por Louis Alexis Boulanger.

Original e cópia, inédito, s.d. (1888?). Rio de Janeiro.

2.ª PARTE. *Análise pessoal do catalogador.*

Incipit f 1r°: "Brant/ Genealogia de linhagem de João de Brant filho natural de João III Duque de Bra/bant..." A seguir dez (X) capítulos, com a descendência de João de Brant, terminando no r° da f 10: "5) Manuel de Brant, baptizado na Igreja de Nossa Senhora, Antuerpia 6 de Julho 1606/". Acham-se em branco ff 10 v°, 11/12 r°v°. Completam o assunto cópias de textos impressos e transcrições de documentos que autenticam ou comprovam os dados genealógicos, com os seguintes títulos:

f 13r°: "Document 1/ copié de l'Histoire de Belgique par Théodore Juste; de l'Atlas Universelle d'Histoire/ et de Géographie par M. N. Bouillet; des Fastes historiques de Bel/gique par le Chevalier Marchal; et de l'Histoire de Limbourg par l'Abbé Ernst; et/ d'une Histoire manuscrite des Ducs de Brabant de la maison de Louvain par Thierpont/"

f 14r°: "Documenut n.° 2/ Arms of Brant/ Extrait de l'ouvrage imprimé ititulé — Le Théatre de la noblesse du Brabant — Liège 1705/ 1 vol in 8°, et du Nobiliaire des Pays Bas et du Comte de Bourgogne par de Vegiano"/

f 14v°: "Document N° 3/ Première investiture et donation de la Seigneurie d'Aisa 1353/"

f 15r°: "Document N° 4/ The same document as N° 3 but in modern French/"

f. 15v°: "Document 5/ Enfants bâtards de Jean III Duc de Lothier de Brabant etc."... "Document N° 6/ Enfants naturels du Duc Jean III/"

f. 16v°: "Document N.° 8/ Translation of Document 7/ Annaes of Anvers 1624/ Primeira parte Libro duodecimo, pagina 553/ Luis de Male./ Rompimiento entre Brabante y Juliers/ La batalla de Baeswilder, anno 1371/"

f. 16 v°: "Document N° 8/ Translation of Document 7/ Annals of Flandres by Emmanuel Sueyro, Antwerp, 1624, Part lst, Book 12th, page 553/ Louis de Male/ Rupture between Brabant and Juliers/ Battle of Baeswilder A. D. 1371/"

f. 17 r°: "Documents N.° 9/ Histoire de la Belgique par Théodore Juste, Chapitre 3, page 193/ Bataille de Bastweiler ou Baeswilder/"

f. 18 r°: "Document N: 10/ Extrait de la Belgique ancienne et moderne, Géographie et Histoire des Communes/ Belges par Jules Tarlier, professeur à l'Université de Bruxelles, et Alphonse Wau-/ters, archiviste de la Ville de Bruxelles/ Lasne..."

f. 19 r°: "Document N° 11/ Extrait de la Belgique ancienne et moderne, Géographie et Histoire des Communes Belges/ par Jules Tarlier, pro-

Digitized by Google

fesseur à l'Université de Bruxelles et. Alphonse Wauters archi-/viste de la Ville de Bruxelles/ La Halpe...

f. 21 r°: "Document N° 12/ Le Hérault d'armes, revue internationela d'histoire et d'archéologie, année 1870-1873 par/ le Comte Alph. O'Kelly, page 349".

f. 21 r°: "Document N° 13/ Signatura/" (Autógrafo de João Caldeira Brant).

f. 21 v°: "Documento N.° 14/ Ambrosius Caldeira Brant was the commander of the portuguese against the paulistas during the/..."

f. 21 v°: "Document N° 15/ Henry Kettler descends from the noble family of Kettler..."

f. 21 v°: "Document 16/ Genealogia dos Hortas por José Bruno de Quebedo, José Freire de Monterroyo Mascarenhas, e Pedro/ Taques de Almeida Paes Leme/"

f. 24 v°: "Documento 17/ Genealogia dos Pires por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicada na Revista do Instituto Histórico Tomo 34, página 5; e conforme testamentos, e assentos de baptismo existentes nos Car/torios da cidade de São Paulo".

f. 28 v°: "Documento n.° 18/ Genealogia dos Alvarengas, por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicado na Revista do Instituto/ Histórico tomo 33, e conforme testamentos, e assentos de baptismo existentes nos cartorios da cidade de S./ Paulo".

f. 29 v°: "Documento N.° 19/ Genealogia dos Taques por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicado na Revista do Instituto/ Histórico, tomo 32 e 33"/

f. 32 r°: "Documento N.° 20/ Genealogia dos Almeidas Castanhos, publicado na Revista do Instituto Histórico, tomo 33, página 200, por/ Pedro Taques de Almeida Paes Leme"/

f. 33 r°: "Documento N.° 21/ Genealogia dos Laras por Pedro Taques d'Almeida, publicado na Revista do Instituto Histórico, tomo 33 página 37".

f 35 r°: "Documento 22/ Genealogia dos Antàs Moraes, por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicado na revista do/ Instituto Histórico, tomo 33, página 27 da 2.a parte"/

f. 37 r°: "Documento 23/ Genealogia dos Botelhos e Arrudas, conforme Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Rev.° José de Campos/ Lara, e D. António Caetano de Souza"

f. 40 r°: "Documento N.° 24/ Genealogia dos Bicudos conforme Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicado o documento na revista do/ Instituto Histórico, tomo 35, parte 2.ª, página 5".

f. 40 v°: "Documento 25/Genealogia dos Godois, conforme Pedro Taques de Almeida Paes Leme, publicado na Revista do Instituto His/torico, tomo 35, 1.ª parte, página 243/".

f. 42 v°: "Documento 26/ Genealogia dos Lemes, conforme Joze Freire de Monterroyo Mascarenhas, e Pedro Taques de Almeida/ Paes Leme,

Digitized by Google

publicado na Revista do Instituto His/torico, tomo 35, 1.ª e 2.ª partes, paginas 5 e 72; e Memórias para/ a história da Capitania de S. Vicente pelo Fr Gaspar da Madre de Deos, pagina 49, edição 1847/".

f. 48 v°: "Documento 27/ Como provo que descendo das famílias paulistas, cuja genealogia está transcrita nas páginas 21 v° até 47 v° deste tomo/".

f. 50 r°: "Documento 28/ Memórias do distrito diamantino da comarca de Serro do Frio, provincia de Minas Gerais pelo/ Dr. F. Felicio dos Santos. Capítulos 9 e 10 Terceiro contracto dos Diamantes. Dos Caldeiras vide no fim deste Livro"/

f. 50 r°: "Documento 29/ Descobrimento de Minas Geraes/ Revista do Instituto Historico tomo 29, 1a. parte, pagina 85"/

f. 50 v°: "Documento 30/ History of Brazil by Robert Southey, Part the third, Chapter XLII, page 624"/

f. 51 r°: "Documento 31/ Galeria de Brazileiros Illustres/ Felisberto Caldeira Brant, visconde, e marquez de Barbacena, senador do imperio, conselheiro de es/tado..."

f. 57 r°: "Documento 32/ Recordações da vida patriotica do advogado Antonio Pereira Rebouças/ Acclamação em 10 de Fevereiro de 1821 da Constituição que se fizesse em Portugal, pagina 7"/

f. 59 r°: "Documento 33/ Biographie Universelle par Michaud. Paris. Ed. 1854, tome 3, page 33/ Barbacena (Felisberto Caldeira Brant) Marquis de;..."

f. 59 v°: "Documento 34/ Nouvelle Biographie Universelle, publiée par MM. Firmin Didot Frères, sous la direction/ de Mr. le Dr. Hoefer. Paris 1853. Tome 4, Page 410/ Barbacena (Felisberto Caldeira Brant) Marquis, Maréchal et Sénateur brésilien, né à Sabará em 1772, mort à Rio de Janeiro le 13 Juin 1842..." em f. 60 lê-se: Rectifications/ Le marquis de Barbacena est né St. Sébastien près de la Ville de Marianna, province de Minas/ Geraes, et non à Sabará;..."

f. 60 r°: "Documento n.° 35/ The political life of the Right Honorable George Canning, by his private secretary/ Augustus Granville Stapleton, Vol. 2, page 344"/

f. 60 r°: "Documento n.° 36/ A Review financial, statistical and Commercial of the Empire of Brazil by J. J. Sturz/ Financial Operations under D. Pedro the First, page 8"/

f. 61 r°: "Documento N.° 37/ Memorias Historicas e

f. 62 r°: "Genealogicas dos Duques Portuguezes do seculo XIX/ por/ João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Torres, e Visconde de Sanches de Baena/ paginas 241, 251 e 307 e seguintes/ Memorias historicas e genealogicas dos Grandes de Portugal por D. An.° Caetano de Souza pagina 623/ Vide neste livro pagina 127/ Souza Menezes"/

f. 64 r°: "Documento 38/ Brazão d'Armas de D. Anna Queteria do Nascimento e Castro, viuva do/ Mestre de Campo Francisco Barboza Marinho e Castro. Vide pagina 63/"

Digitized by Google

f. 64 v°: "Documento 39/ Diz José de Souza de Menezes e Mello que para bem de sua Justiça lhe he necessario que o Reverendo Pa/rocho da Freguezia de Nossa Senhora de Olivaes lhe passe por Certidão o assento de seu baptismo por..."

f. 65 r°: "Documentos 40 e 41/ Houve Sua Magestade por bem fazer mercê ao dito Joze de Souza de Menezes e Mello, ..."

f. 65 v°: "Documento 42/ Casa Real de Portugal/ D. João 6to. Rei de Portugal, nasceo em 1767 na cidade de Lisboa, e falleceo na mesma cidade em/ 1826."... /

f. 66 r°: "Documento 43/ Declaro que houve huma Filha de mulher nobre, e limpa de sangue, a qual ordenei que se/ chamasse Dona Isabel Maria de Alcantara Brazileira..."

f. 66 r°: "Documento 44/"..... (Carta Regia reconhecendo Dona Isabel Maria e concedendo-lhe o título de Duqueza de Goyaz....")

f. 66 v°: "Documento 45/" [Alvará Régio determinando o tratamento de alteza para a Duqueza de Goyaz]

f. 66 v°: "Documento 56/ Secreto No meo Diario particular começado a 4 de Julho de 1827 consta o seguinte/... [noticia do nascimento da 3a. filha da Marqueza de Santos, Da. Maria Isabel d'Alcantara Brasileira]

f. 67 r°: "Documento 47/"... [Carta do Marquez de Rezende a Marqueza de Santos declarando que o Imperador, de volta para a Europa, em breve mandará buscar D. Maria Isabel para ser educada convenientemente]

f. 67 v°: "Documento 47A/Canto/. Esta arvore dos Cantos he copiada da obra — Historia Insulana pelo Padre Antonio Cordeiro quan-/do trata da Ilha Terceira, Livro 6to. Capitulo 19, pagina 314, — assim como da arvore genealogica dos/ Canto e Castros, que remeteo a Marqueza dos Santos o seo parente Francisco de Castro e Canto, que reside/ na Ilha Terceira/"

f. 75 v°: "Documento N.º 48/ Historia Insulana das Ilhas de Portugal sujeitas pelo Padre Antonio Cordeiro/ Ilha Terceira/ Livro 6to. Capitulo 19, pagina 314/ Dos Cantos e Castros de Angra//"

f. 79r°: "Documento N.º 49/ Capitulo 18 pagina 311/ Dos Corte reaes, Costas, Silvas, Monizes, Barretos e Sampaios que se inserião na Ilha Terceira."/

f. 79 v°: "Documento N.º 50/ Capitulo 28 pagina 368/ Da chegada e recebimento, e assistência de D. Antonio (Prior do Crato) na Ilha Terceira, e de sua par/tida para França/"

f. 82 r°: "Documento 51/ Ricketts/ Copiado de Burke's Dictionary of Landed Gentry, e dos papeis do Visconde de Castro/"

f. 83 r°: "Documento Nº 52/ Foro de Moço Fidalgo de Cantos/"

f. 83 v°: "Documento Nº 53"/ [Foro de moço fidalgo concedido a João de Castro de Canto e Mello]

f. 83 v°: "Documento Nº 54/ Ribas/"

f. 87 r°: "Documento Nº 55/ Tolledo/ Copiado da Revista do Instituto Historico Tomo 34, 2a. parte pagina 5/"

Digitized by Google

f. 90 v.º: "Documento N.º 56/ Castro/"

f. 94 r.º: "Documento Nº 57/ Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente hoje provincia de S. Paulo/ por J. Gaspar da Madre de Deos paginas 49 e 50 /"

f. 95 r.º: "Documento Nº 58/ Testamento de Pedro Leme, o velho, copiado dos documentos originais que se achao no Cartorio da cidade/ de S. Paulo/"

f 96 r.º: "Documento Nº 59/ Apontamentos históricos, geográficos, biograficos, estatisticos e noticias da Provincia de S./ Paulo por Manuel Eufrazio de Azevedo Marques Tomo 2do pagina 101/"

f. 96 v.º: "Documento Nº 60/ Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus da Provincia do Brazil, composta/ pelo Padre Manuel da Fonseca, da mesma companhia e Provincia. Oferecida ao nobilissimo Senhor/ Manuel Mendes de Almeida, Capitão Mor da Cidade de S. Paulo. Lisboa anno MDCCLII/ Capitulo XXXIII/"

f. 101 v.º: "Documento 61/ Historia da America Portuguesa por Sebastião da Rocha Pitta, Fidalgo da Casa de Sua Magesta/de, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, e Coronel de Infantaria de Ordenanças da cidade da/ Bahia. Publicado em Lisboa 1730/ Livro Nono pagina 540/ 1708/"

f. 106 v.º: "Documentos 62 e 63/ Pires / Testamento de João Pires e de João Pires Rodriguez/"

f. 107 v.º: "Documento 64/ Livro dos Registos da Camara de S. Paulo/ de 1721 até 1730, pagina 51/ Registo de hum brazão das Armas do Capitão Mor Pedro Taques de Almeida, da cidade de S. Paulo/"

f. 108 r.º: "Documento 65/ Brazão d'Armas de Pedro Taques de Almeida Paes Leme e de Gaspar de Andrade Columbreiro/"

f. 110 r.º: "Arvore Genealogica de Pedro Taques d'Almeida Paes Leme, autor da Nobiliarquia/ Paulistana/"

f. 110 v.º: "Documento 66/ Kanynggs; Kanynges; Canyngg;/ Canynages; Canninge; Canning; Cannigs./ Este nome de familia he escrito de diversas maneiras conforme os tempos/" [em inglês]

f. 127 r.º: "Memorias historicas dos Grandes de Portugal por D. Antonio Caetano de Souza/ pagina 623/ Conde de Villa Flor/"

ff 128 a 149 inteiramente em branco. Entre ff 148/149 [esta última está solta] foram inseridos:

a) Folheto impresso (separata) intitulado: "Memorias/ do Distrito Diamantino/ da Comarca de Serro Frio/ (Provincia de Minas Geraes)/ pelo/ D. J. Felicio dos Santos/ Rio de Janeiro/ Typographia Americana, rua dos Ourives n. 19/ 1868/"

b) Folhas manuscritas, em papel almasso, numeradas de 147 a 162 com os seguintes tópicos: "Esclarecimentos para a Arvore dos Castros" (p. 147/ 158); "Souza" (p. 159); "Viscondes de Villa Nova de Cerveira" (p. 162).

Seguem-se 100 ff de cartolina dura com 80 brasões (mais 2 começados e 4 delineados) desenhados e pintados por Louis Alexis Boulanger [-1873]

Digitized by Google

3ª PARTE — HISTORIA E CRITICA DO AUTOR E DO ASSUNTO

Pedro Caldeira Brant, Conde de Iguassú por Dec. de 2-12-1840, filho do Marquês de Barbacena, nasceu em 20 de Junho de 1814 e faleceu a 17 de Fevereiro de 1888. Há discrepâncias entre o "Archivo Nobiliarchico Brasileiro", de Vasconcellos, e o próprio códice em estudo, a respeito do Brasão d'rmas do Conde e da data do seu falecimento. O brasão que lhe foi passado atribuiu-lhe as Armas dos Brant e não as do Marquês de Barbacena (que sintetizavam as das famílias Caldeira, Oliveira e Horta), como menciona Vasconcellos. Tambem faleceu na data indicada acima e não a 18 de Fevereiro de 1881 como diz o "Archivo Nobiliarchico". Gentil Homem da Imperial Camara e Grande do Imperio, Comendador da Ordem de Cristo e da Imperial Ordem de Santo Estanislau, da Rússia, levou vida despreocupada e facil, aureolada pelos feitos paternos e prestigiada socialmente pela fidalguia de trato e pelos 2 matrimônios que contraiu sucessivamente com D. Cecília Rosa de Araujo Vahia, dama do Paço e filha dos condes de Sarapuhy, e com D. Maria Isabel de Alcantara Brasileira, filha legitimada da Marquesa de Santos e D. Pedro I, casamento este que encheu de orgulho o Conde de Iguassú.

A Historia da Civilização é cheia de paradoxos, como paradoxal é a vida do homem através as gerações. Assim, as bastardia que, para famílias da burguezia e do povo e ainda de acordo com a concepção católico-social da sociedade cristã, deve ser considerada como deshonra, mancha, desequilibrio social; para os nobres, os aristocratas, é citada como título de honra, origem ilustre, romance cavaleiresco... Poucos, muitos poucos realizam plenamente a "Lectio libri Sapientiae, 10: .... *et certamen forte dedit illi, ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia*".

Já que falamos das velhas famílias brasileiras, dos bandeirantes, dos mineiros, dos senhores rurais e donos de grandes fortunas, não podemos deixar de lamentar a sua falta de interesse (2) pelo lado educacional do país. Lastimamos profundamente não terem os nossos antepassados organizado escolas, colégios, universidades que educassem o povo, que preparassem gradativamente a emancipação dos negros, que tivessem garantido à patria gerações cultas, laboriosas, eficientes. Sentimos profundamente que os fazendeiros, não tivessem resolvido o problema da alfabetização dos seus escravos, do preparo técnico daquela gente que regava as plantações com o suor e o sangue da escravidão. Teríamos hoje uma população de artífices alfabetizados, teríamos as nossas indústrias, teríamos a produção organizada e sobretudo teríamos florescentes Universidades, um número incalculavel de bons colégios e escolas... Poder-nos-íamos orgulhar das nossas bibliotecas e museus!... A aristocracia do 1.º e do 2.º império não se aproveitou da lição do passado. Cometeu os mesmos erros da aristocracia européia. Procurou formar uma pequeníssima elite de letrados e cultos, em detrimento do resto da

(2) Dizemos interesse **organizado;** todos se interessavam pelo assunto, mas não havia ação em conjunto eficiente e perseverante.

Digitized by Google

população, e assim teve a duração da rosa de Malherbe — não foi alem de três gerações...

Quanto ao assunto, a sua importancia aumenta pela ligação que tem a família com a historia da mineração dos diamantes, no Brasil, e tambem pela sua origem flamenga, anglo-saxônica etc. comprovada por documentos copiados pelo autor, documentos ou livros que talvez hajam desaparecido das bibliotecas européias durante essa guerra destruidora. Ha ainda o entrelaçamento com várias outras famílias bandeirantes que acresce o interesse geral pelo códice do Conde de Iguassú. Cuidadosamente escrito, reproduzindo documentos comprovantes inéditos ou publicados, e ainda mais artisticamente ilustrado por Louis Alexis Boulanger que desenhou e pintou os 81 brasões, o códice pode ser considerado como *obra de certo interesse na coleção de manuscritos da Biblioteca Nacional.*

4.ª PARTE — HISTÓRICO DO CÓDICE

O códice, bem encadernado, escrito com cuidado, talvez tenha sido uma das principais preocupações do autor nos ultimos anos de sua existência. Talvez fosse destinado a ficar "em família". Passou entretanto a outras mãos tendo sido adquirido pela B. N., em 1901, que o comprou de Francisco Roiz de Paiva por 500$000. O texto do códice propriamente dito é inédito embora apresente, como documentação, muitas transcrições e um documento impresso. Consta de 157 documentos, sendo 1 impresso, 75 manuscritos e 81 brasões esquartelados.

5.a PARTE — REFERÊNCIA E FONTES DE INFORMAÇÃO.

B. N. *Anais* 1902 v. 24 p. 377.
I. G. B. Rev. Gen. Bras. Ano III 1942 N.º 6 p. 391.
Vasc. Arch. Nob. Bras. p. 185
B. N. Liv. Reg. Sec. Mas. 1901 ent. 7
Cat. B. N. I-9-1-17. Cl. Dec. 929 (81).

6.a PARTE — INDICE ALFABÉTICO DAS ARMAS DE FAMÍLIAS

Famílias	*Brasões*	N.o
Almeida	2	8
Almeida, Pedro Taques d' (ver: Taques d'Almeida)		—
Alvarenga	1	14
Alvarenga (de São Paulo)	1	12
Aragão	1	70
Araujo	1	69
Argolo	1	63
Arouche (Tenente General)	1	33

Digitized by Google

Barbosa Marinho e Castro, Francisco. (Ver: Marinho e Castro)		—
Barboza	1	48
Botelho	1	13
Bragança, Duques de	1	57
Brandão	2	47
Brant	1	2
Balcão	1	58
Cabraes	1	18
Caldeira	1	3
Calmon	1	60
Canto	1	53
Cardozo	1	44
Castro	1	54
Castro, Francisco Barbosa Marinho e "Ver: Marinho e Castro)		—
Castro, Visconde de	1	56
Cavalcanti	2	49
Deschamps	1	19
Falcão	2	46
Ferrão	1	64
Flor, Conde de Villa — (Ver: Villa-Flor		—
Frangas non flectas	1	41
Furtado de Mendonça	1	1
Goes	1	65
Hontois	1	24
Horta	1	5
Iguassú, Conde de (Brasão dos Brant)	1	2
Ketellear	1	27
Kettler	1	26
Lara	1	11
Leite	1	10
Leme	1	6
Maes	1	25
Marinho	1	45
Marinho e Castro, Francisco Barbosa	1	51
Maxhéré	1	20
Mello	1	55
Mendes	1	71
Mendonça, Furtado de (Ver: Furtado de Mendonça)		—
Menezes	1	39
Menezes, Anna G. de Souza (Verº Souza Menezes)		—
Moniz	2	59
Moraes	1	28
Moreira	1	35
Neuville	1	23

Digitized by Google

Oliveira	2	4
Paes	1	30
Pereira Sodré	1	67
Pires	2	43
Pitta	1	73
Pretos	1	16
Proenças	1	37
Quadros	1	15
Rendon	1	32
Rocha	1	72
Sá	1	42
Silva	1	9
Siqueira	1	66
Sodré	1	62
Sodré, Pereira — (Ver Pereira Sodré)		—
Souza	1	36
Souza Menezes, Anna de	1	52
Spontin	1	22
Taques	1	7
Taques d'Almeida, Pedro	1	29
Taques, Pedro	1	40
Telles	1	38
Toledo	1	31
Travassos	1	34
Vasconcellos	1	74
Vaux	1	21
Velhos	1	17
Viana	1	61
Villa-Flor, Conde de	1	50
	Total: 81 (3)	

Indice onomástico dos autores, dos biografados e das famílias citadas nos documentos que integram o códice. (Os documentos anônimos estão encabeçados pela 1.ª palavra e os autores em maiúscula).

Ordem alfabética	*Folha*	*Documento N.º*
Almeidas Castanhos, Genealogia dos		
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida		
Almeida, Pedro Taques de		
Registo de hum brazão das armas do Capitão Mor	107	64
ver tambem: Livro dos Registos		

(3) Acham-se repetidos 7 brasões.

Digitized by Google

Almeida Paes Leme, Pedro Taques
ver Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Alvarengas, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Andrade Columbreiro, Gaspar de
ver: Columbreiro
Antas Moraes, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Antonio, (Dom), Prior do Crato 15 v° 50
Arrudas, Genealogia dos Botelhos e
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida

AZEVEDO MARQUES, MANUEL EUFRAZIO DE
— Apontamentos Históricos, Geográficos e Estatísticos e noticias da Provincia de São Paulo 96 r° 59

Baena
ver: Sanches de Baena
Barbacena, (Felisberto Caldeira Brant) Marquês de
ver: Brant, Felisberto Caldeira
Barretos 97 r° 49
ver: Cortes reaes, dos....
Bicudos, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Botelhos e Arrudas, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida

BOUILLET, N.
— Atlas Universelle d'Histoire et de Géographie 13 v° 1

BOULANGER, LOUIS ALEXIS
|81 Brasões d'Armas desenhados e pintados, mais 2 começados e 4 apenas delineados| fr. 1.°, e 10 ff finais em apêndice.

Brant, Ambrosius Caldeira... was the commander 21 v° 14
Brant, Felisberto Caldeira |Marquês de Barbacena|
Galeria de Brasileiros ilustres. 51 r° 31
Biographie Universelle par Michaud 1854 t. 3, p. 33. 59 r° 34
Nouvelle Biographie Universelle publiée par MM Firmin Didot Fréres, sous la direction du Dr. Hoefer. Paris 1853, t. 4 p. 410. 59 v° 34

BRANT, PEDRO CALDEIRA
— Como provo que descendo das famílias paulistas 48 v° 27
Brasil — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (pub.)
— Descobrimento de Minas Geraes (t. 29, 1.ª parte da Rev. Inst. Hist. p. 85). 50 r° 29

NOTA: Os autores estão em maiúscula.

Digitized by Google

— Genealogia. dos Almeidas Castanhos., Rev. t. 33 p. 200	32	20
— Genealogia dos Alvarengas t. 33.	28 v°	18
— Genealogia dos Antas Moraes. Rev. t. 33 p. 27 2.ª parte	35 r°	22
— Genealogia dos Bicudos Rev. t. 25 parte 2.ª p. 5	40 r°	24
— Genealogia dos Godois, Rev.. t. 35, 1.ª parte, p. 243	40 r°	25
— Genealogia dos Laras Rev. t. 33, p. 37	30 r°	21
— Genealogia dos Lemes. · Rev. t. 35, 1.ª parte p. 5 e 2.ª parte p. 72.	42 v°	26
— Genealogia dos Pires Rev. t. 34 p. 5.	24 v°	17
— Genealogia dos Taques Rev. tomos 32, 33.	29 v°	19
— Genealogia dos Tolledos Rev. t. 34, 2.ª p., p. 5.	87 r°	55
Ver tambem: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida.		
Bruno de Quebedo, José		
ver: Quebedo, José Bruno de		
BURKE		
— Dictionary of Landed Gentry (Ricketts)	82 r°	51
Campos Lara, Jozé de		
ver: Lara, Jozé de Campos		
Cannning, George		
Ver: Stapleton, Augustus Granville		
Canto, Esta arvore dos Cantos...		
ver: Cordeiro, Pedro Antonio.		
Castanhos, Almeidas		
ver: Almeidas Castanhos		
Castello Branco e Torres		
ver: Torres, João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e		
Castro, Anna Queteria de Nascimento e Brasão d'Armas de Dona...	64 r°	38
Castro, Esclarecimentos para a Arvore dos	147/158	(apêndice)
Castro, Visconde de		
Papeis do Visconde (Ricketts)	82 r°	51
ver tambem: Burke's Dictionary...	90 v°	56
Cerveira, Viscondes de Villa Nova de	p. 162	(apêndice)
Columbreiro, Gaspar de Andrade		
Brasão d'Armas de Pedro Taques de Almeida Paes Leme e de Gaspar de Andrade Columbreiro	108 r°	65
CORDEIRO, ANTONIO		
Historia Insulana	67 v°	47 A
ver tambem: Canto.	75 v°	48
Corte reaes, Dos..., Costas, Silvas, Monizes, Barretos e Sampaios que se inserirão na Ilha Terceira	79 r°	49
Costas, ver Corte reaes, dos... etc.	79 r°	49

Digitized by Google

Didot, Firmin (ed.)
Nouvelle Biographie Universelle 59 v° 34

DE VEGIANO
— Nobiliaire des Pays Bas et du Duc de Bourgogne 14 r° 2
— Theâtre (Le) de la Noblesse du Brabant Liege 1705 (? Não há certeza quanto à autoria) 14 r° 2
Enfants bâtards de Jean III Duc de Lothier de Brabant 15 v° 5
Enfants naturels du Duc Jean III 15 v° 6

ERNEST, (Abbé)
— Histoire du Limbourg 13 r° 1
Feo Cardoso de Castello Branco e Torres, João Carlos
ver: Torres, João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco

FONSECA, Manuel da (Padre)
— Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes 96 v° 60

GASPAR DA MADRE DE DEUS, Frei
— Memorias para a Capitania de São Vicente, 1874 42 v°, 97 v°, 26, 57
Godois, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Horta, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Isabel Maria de Alcantara Brazileira, Dona 66 r°, v° 43, 44, 45
João VI, Dom [Rei de Portugal] 65 v° 42

JUSTE, THEODORE
— Histoire de Belgique 13 r°, 17 r° 1, 9
Kettler, Henry, descends... 21 v: 15
Lara, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida

LARA, JOSÉ DE CAMPOS
— Genealogia dos Botelhos e Arrudas 37 r° 23
ver tambem: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Souza, Antonio Caetano de
Leme, Pedro
Testamento de 95 r° 58
Livro dos Registos da Camara de S. Paulo, de 1721-1730 107 v° 64
Male, Luis de
ver: Sueyro, Emmanuel

MARCHAL, CHEVALIER
— Fastes Historiques de Belgique 13 r° 1
Maria Isabel d'Alcantara Brasileira, Dona 66 v°, 67 r° 46,47

Digitized by Google

Marques, Manuel Eufrazio de Azevedo
ver: Azevedo Marques, Manuel Eufrazio de
Mello, José de Souza de Menezes e 64 vº, 65 rº, 83 39-41, 52-

MICHAUD
Biographie Universelle Paris Ed. 1854 59 rº 33
Monizes
Ver: Corte reaes, Dos... 79 rº 49

MONTERROYO MASCARENHAS, JOSÉ FREIRE
Genealogia dos Godois 40 vº 28
Genealogia dos Horta 21 vº 16
ver tambem: Quebedo, José Bruno de; e Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Moraes, Antas
ver: Antas Moraes

O' KELLY, ALPHONSE
— Le Herault d'Armes 21 rº 12
Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Arvore Genealógica 110 rº
Brasão d'armas 108 rº 65

PAES LEME, PEDRO TAQUES D'ALMEIDA
— Genealogia dos Almeida Castanhos 31 20
— Genealogia dos Alvarengas 18 vº 18
— Genealogia dos Antas Moraes 35 rº 22
— Genealogia dos Arrudas (Botelhos e) 37 rº 23
— Genealogia dos Bicudos 40 rº 24
— Genealogia dos Botelhos e Arrudas 37 rº 23
— Genealogia dos Godois 40 rº 25
— Genealogia dos Horta 21 vº 16
— Genealogia dos Lara 33 rº 21
— Genealogia dos Lemes 42 vº 26
— Genealogia dos Pires 24 vº 17
— Genealogia dos Taques 29 vº 18
— Genealogia dos Tolledos 87 rº 55
Ver tambem: Brasil — Instituto Histórcio e Geográfico Brasileiro.

PEDRO I, Dom — Imperador do Brasil
Secreto do meu Diario 67 rº 47
Pires, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Pires, Testamento de João Pires e de João Pires Rodrigues 106 vº 62, 63
Première investiture et donation de la Seigneurie d'Aisa 1353 14 vº, 15 rº 3, 4

Digitized by Google

QUEBEDO, José Bruno de
— Genealogia dos Horta 21 vº 16
ver tambem: Mascarenhas, José Freire Monterroyo e Paes Leme, Pedro Taques de Almeida
Rebouças, Antonio Pereira
Recordações da vida patriótica do advogado Antonio Pereira Rebouças 51 rº 31
Ribas 83 vº 54
Ricketts
Copiado de Burke's Dictionary of Landed Gentry 82 rº 51
ver tambem: Burke; e Castro, Visconde de

ROCHA PITTA, SEBASTIÃO
— Historia da America Portugueza Lisboa 1730 101 vº 61
Sampaios (Ver: Corte Reraes) 79 rº 49

SANCHES DE BAENA, AUGUSTO ROMANO SANCHES DE BAENA E FARINHA' VISCONDE DE
— Memorias Históricas e Genealogicas dos Duques Portuguêses do século XIX 61 rº, 62rº 37
ver tambem: Torres, João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e

SANTOS, FELÍCIO DOS
Diamantes Dos Caldeiras.
de Serro Frio. — .... Terceiro Contrato dos
— Memorias do Distrito Diamantino da Comarca
folº impº em apêndice no fim do códice, entre ff 148/149
Silva (Ver: Corte reaes) 79 rº 49

SOUTHEY, ROBERT
History of Brazil p. 624 50 vº 30

SOUZA, ANTONIO CAETANO DE
— Genealogia dos Botelhos e Arrudas 3 7 vº 23
— Memorias Históricas e genealógicas dos grandes de Portugal 127 rº e p. 159 em apêndice ao códice.
Souza Menezes
Ver: Souza, Antonio Caetano de

STAPLETON, AUGUSTUS GRANVILLE
The political life of the Right Honorable George Canning, by his private Secretary... 60 rº 35

STURZ, J. P.
— A Review financial, statistical and commercial of the Empire of Brazil 60 rº 36

Digitized by Google

SUEYRO, EMMANUEL
— Annale de Flandre. Anvers 1824 p. 553 Louis de Male Rompimiento entre Brabante et Juliers 16 r° 6
Taques, Genealogia dos
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida
Taques de Almeida, Pedro
ver: Almeida, Pedro Taques de (ou d')
Taques d'Almeida Paes Leme, Pedro
ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida

TARLIER, JULES
— Belgique ancienne et moderne, Géographie et Histoire des Communes Belges par Jules Tarlier 18 r° 10
et Alphonse Wauters 19 r° 11
Ver tambem: Wauters, Alphonse.

THIERPONT (?)
— Histoire manuscrite des Ducs de Brabant de la maison de Louvain 13 r° 1
Tolledo (Ver: Paes Leme, Pedro Taques d'Almeida) 87 r° 55

TORRES, JOÃO CARLOS FEO CARDOSO DE CASTELLO BRANCO E
— Memórias Historicas e Genealogicas dos Duques Portuguezes do sec. XIX 61,62 37
ver tambem: Sanches de Baena
Vegiano, De
ver: De Vegiano
Villa Nova de Cerveira, Visconde de
ver: Cerveira

WAUTERS, ALPHONSE
— Belgique Ancienne et Moderne Géographie et Histoire des Communes Belges... 18 r°, 19 r° 10, 12
Ver tambem: Tarlier, Jules.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do sr. Fausto Teixeira, de Botucatú:

"Que sua eterna bôa vontade e inacabavel dinamismo, se façam sentir no futuro 1944, dirigindo e orientando sábiamente as publicações do Instituto Genealógico Brasileiro."

Do dr. Olyntho Sanmartin, escritor, do Rio G. do Sul.

"Tanto a Revista (n.º 8), como o Anuario (vol. 5.º) estão admiravelmente bem feitos, não só na feitura material como principalmente pela excelência do texto. Desejo mais uma vez felicita-lo pela orientação e sabedoria com que se caraterizam tais publicações, feito exclusivo de sua esclarecida inteligencia".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DA PARAIBA
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O Barão de Abiahy

Redação

Barão de Abiahy

Dr. Silvio Elvídio Carneiro da Cunha, Barão de Abiahy, a 8-VIII-1888. N. a 31-VIII-1831, na Paraíba do Norte e † a 8-IV-1892, em viagem a bordo do vapor "Olinda", ao transpor a barra do Recife, quando regressava da antiga Côrte à sua terra natal. Abiahy é um logar propriedade do pai do Barão, depois deste, e mais tarde dos filhos. Bacharel em Ciencias Jurídicas e Sociais pela antiga Academia de Direito de Olinda, em Pernambuco. Foi chefe de grande prestigio do partido conservador da Paraíba, Governador, proprietario e redator chefe dos orgãos: "O Jornal da Paraíba" e "O Monitor"; advogado dos auditórios da Paraíba e de Pernambuco, e da Empresa Companhia Conde d'Eu, Inspetor das Alfandegas da Paraíba e de Manáus. Exerceu na sua província natal os cargos de promotor público, procurador fiscal da Fazenda Geral, secretário de governo, diretor da instrução pública, chefe de polícia e presidente da Câmara Municipal. Deixou excelentes relatórios, mensagens e discursos; o seu nome ficou ligado às antigas provincias que administrou com inteligência, patriotismo, zelo e probidade. Presidente das antigas províncias do Rio Grande do Norte, Alagôas, Maranhão e várias vezes da Paraíba do Norte. Foi ainda deputado provincial, desde o ano de 1855 até 1870, tendo nos últimos anos ocupado por eleição o cargo de presidente de tão ilustre corporação.

Digitized by Google

Provedor Perpetuo da Santa Casa de Misericordia. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco; sócio de diversas associações culturais, científicas e literárias do Rio de Janeiro e presidente da comissão encarregada de adquirir objeto para a Exposição de Paris. Comendador da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Grã Cruz do Cruzeiro, Oficial da Legião de Honra e do Mérito Agrícola da França. Fidalgo da Casa Imperial. Grande administrador, orador fluente e ardoroso, dotado de um coração magnânimo, sendo cognominado pela imprensa de sua terra natal "O Coração de Ouro". Filho do comendador Manuel Florentino Carneiro da Cunha e de sua esposa d.ª Rita Maria da Mota. O Barão, 1.ª vez, c.c. sua prima d.ª Adelina Augusta Cavalcanti Carneiro da Cunha, n. X-1850, na Paraíba do Norte, † 1878; e a 2.ª vez, c.c. sua prima e cunhada d.ª Leonarda Mirandolina Carneiro da Cunha, Baronesa de Abiahy, n. 30-XI-1854, na Paraíba do Norte, † 7-VII-1935, ambas filhas do brigadeiro Claudiano Joaquim Bezerra Cavalcanti e de d.ª Maria Etelvina do Carmo Henriques, paraibano. c.s. (Vide Anuário Genealógico Brasileiro, 1940, II.º ano, pgs. 81 a 84).

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do Sr. Almirante Eduardo de Brito e Cunha.

"Acho muito louvavel o esforço desenvolvido, o qual a meu ver deve ser aproveitado e até subvencionado si possivel".

Da "Nação Armada", n.º 47, outubro de 1943, pag. 102:

"ANUÁRIO GENEALÓGICO BRASILEIRO, *Instituto Genealógico Brasileiro*, S. Paulo. 1943.

Entra esta útil publicação, com este volume, no seu quinto ano. Sua coleção é preciosa e traz abundante informações sôbre velhos e tradicionais troncos de familias brasileiras, além de completo e metódico nobiliário, o que facilita muito qualquer informação que os estudiosos de nossa historia precisem para localizar no tempo e no espaço certos vultos do passado".

Do sr. Conde Armenio Jouvin, do Rio de Janeiro:

"Acuso recebida a Revista Genealógica Brasileira, n.º 9 correspondente ao 1.º semestre deste ano. Li, com prazer, o seu trabalho e dou-lhe os parabens por mais este documento genealógico."

Do dr. Francisco Alberto Veiga de Castro, de Tietê:

"Felicita calorosamente o ilustre Presidente do Instituto pela sua decidida e magnifica atuação em prol dos estudos genealógicos no Brasil. O 1.º volume da Revista (nº 9) do corrente ano, nada desmerece dos volumes anteriores. Parabens!"

Do dr. Cristovão Leite de Castro, Secretario Geral do Conselho Nacional de Geografia:

"Cabe-me agradecer as valiosas informações que V. Excia. ministrou sôbre o Instituto Genealógico Brasileiro, as quais figurarão no registo dêsse importante sodalício a ser inserto no proximo número do Boletim. Ao ensejo de agradecer a V. Excia. a remessa das excelentes publicações da relação inclusa, comunico que, em pacote separado, a titulo de modesta retribuição à sua generosa oferta, estou enviando, destinados à biblioteca dêsse importante Instituto, as seguintes publicações: "Tipos e Aspéctos do Brasil", "Vultos da Geografia Brasileira" e "Goiânia" (monografia). (Oficio n.º 20.849, de 19-XI-1943).

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE PERNAMBUCO
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Dez retificações ao "Arquivo Nobiliarquico"

Guilherme Auler

Dr. Guilherme Martinez Auler

E' o "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", organizado pelo Barão de Vasconcelos e o Barão Smith de Vasconcelos, a única publicação nacional especializada em heráldica e genealogia, além de enumerar os titulares do Império, num total de 993, dos quais 730 Barões, 176 Viscondes, 45 Marqueses, 38 Condes e 4 Duques. São pernambucanos: 2 Marqueses, 2 Condes, 13 Viscondes e 75 Barões.

Trata-se de um volume de 622 páginas em grande formato, confeccionado na "Imprimerie la Concorde", em Lausanne, Suiça, no ano de 1918. Traz desenhos de Fernand James Junod e é dedicado ao Principe Dom Luiz de Orleans-Bragança. No Prefácio, dizem os Autores: "Êste trabalho representa a primeira tentativa de um estudo heráldico-genealógico nacional. Nada se havia feito até o presente, não aceitando o nosso meio, como não aceita ainda hoje, qualquer ensaio nesse sentido" (pág. 11).

Na verdade, o trabalho é valiosíssimo pois representa a única fonte de consulta para os estudiosos. Segundo escrevem ainda os autores no seu prefácio, verificaram "que haviam desaparecidos todos os Registos de Armas e Brasões concedidos desde 1822". Não foi, entretanto, esta a única vez que se perderam documentos de tamanho valor.

Pouco depois da chegada de Dom João VI ao Brasil, foi criado o Cartório da Nobreza e Fidalguia. Aqui, ficaram os livros do Cartório depois que o rei regressou a Lisbôa, e em 1848, já estava sendo usado o quinto livro.

Digitized by Google

Infelizmente, nesse mesmo ano, faleceu o escrivão Possidônio Carneiro da Fonseca Costa, e tudo desapareceu. Continuou o ofício Luiz Aleixo Boulanger, que iniciou um novo livro de registo denominado o sexto. (Vide Apêndice ao "Arquivo Heráldico-Genealógico" do Visconde de Sanches de Baena, Lisbôa 1872, pg. CXCI).

Como é fácil de prevêr, sendo o "Arquivo Nobiliárquico" a primeira publicação no gênero, os enganos são numerosos. Julgamos, todavia, que o melhor serviço que se poderá prestar é corrigir esta obra, atualizando e completando as suas informações. Sôbre Titulares Pernambucanos, já organizamos uma grande lista de retificações. Hoje, queremos apenas apontar dez erratas.

Página 55 — João Luiz Gonçalves Ferreira, Barão de *"Arariba"*, por decreto de 5 de maio de 1883. O Barão de *Araribá* nasceu em 1839 e faleceu a 16 de setembro 1914. Era filho do Comendador Antônio Luiz Gonçalves Ferreira e de d. Ana Joaquina Gonçalves Ferreira. Senhor dos Engenhos Arandú-de-Baixo e Bom-Tom.

Ainda na página 55 — *"Antônio"* Vieira da Cunha, Barão de Araripe, por decreto de 20 de março de 1875. *Antero* Vieira da Cunha era Senhor dos Engenhos Novo, Serra, Petimbú, Setubal, Rosário (município do Cabo), Jundiá-Mirim (Escada) e Conceição Velho (Ipojuca). Casado, teve 3 filhos. Enviuvou a 3 de outubro de 1890.

Página 138 — Barão de Cruangi *"irmão"* do Barão de Ouricurí. Felisberto Inácio de Oliveira, Barão de Cruangi por decreto de 22 de junho de 1867, nasceu no Recife em 1832, *filho* do Barão de Ouricurí, Manuel Inácio de Oliveira.

Foi casado com Maria Joana Lopes de Araujo, filha dos Viscondes de São José do Norte, nascida a 4 de maio de 1850. Faleceu na cidade do Salvador, em 21 de outubro de 1870, quando viajava com destino a Portugal. Seus restos mortais estão no mausoléu do Barão de Ouricurí, no Cemitério de Santo Amaro, nesta cidade. Deixou 1 filho. Era um próspero comerciante.

Sua viuva, casou-se em segundas núpcias com Francisco Xavier de Pinto Lima, Barão de Pinto Lima, falecido em 9 de agosto de 1901 no Rio de Janeiro. A Baronesa de Pinto Lima é viva e reside no Rio de Janeiro; esteve nesta cidade em 1939, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional.

Página 147 — *"Belmiro"* da Silveira Lins, Barão de Escada por decreto de 9 de setembro de 1874. *Belmiro* da Silveira Lins era o terceiro filho dos Viscondes de Utinga; nasceu no Engenho Ilha, a 4 de setembro de 1827 e foi batizado pelo padre Manuel Clemente Tôrres Galindo, a 14 de dezembro do mesmo ano, sendo padrinhos Manuel Joaquim de Melo e Albuquerque e sua mulher Josefa de Melo e Albuquerque. Era Senhor dos Engenhos Limoeiro e Harmonia (Escada). Faleceu assassinado num conflito na cidade de Vitória a 27 de junho de 1880. Casado, deixou 2 filhas, uma delas, a mais velha, foi casada com seu primo dr. Henrique Marques de Holanda Cavalcanti, 2.º Barão de Suassuna.

Página 163 — Sebastião Antônio de Acióli Lins, "4.º *Barão de Goiana*" por decreto de 18 de janeiro de 1882. O *Barão de Goicana*, Senhor do Engenho Goicana, foi agraciado pelo Imperador com o título nobiliárquico, por

Digitized by Google

ter libertado seus escravos. Pertencia ao Partido Liberal e foi um dos mais dedicados abolicionistas. Faleceu no Recife a 2 de maio de 1891, estando sepultado no mausoléu do Barão de Goicana, no Cemitério de Santo Amaro. Casado, deixou 3 filhos.

Página 175 — José de Sousa Leão, Barão de *Gurjabá*" por decreto de 5 de maio de 1883, Senhor do Engenho Novo da Conceição, o Barão de *Gurjaú* e o único Titular Sousa Leão do ramo dessa importante família da chamada "Casa do Maranhão". O outro ramo, a "Casa de Gurjaú de Baixo", somente pela linha varonil teve Titulares: 2 Viscondes (Campo-Alegre e Tabatinga) e 5 Barões (Morenos, Jaboatão, Caiará, Vila-Bela e Sousa Leão). Casado, não teve descendência. Residia no palacete, à rua da Aurora, que ainda hoje conserva na fachada o seu Brasão de Armas. Está sepultado no túmulo do Barão de Gurjaú, no Cemitério de Santo Amaro.

Página 218 — Epaminondas Vieira da Cunha, Barão de "*Itapissuma*" por decreto de 8 de março de 1880. Senhor do Engenho de Araripe de Baixo, o Barão de *Itapissuma* era um dos mais prestigiados chefes do Partido Liberal. Faleceu com 78 anos. Casado, deixou 5 filhos, um dos quais o operador dr. João Vieira da Cunha, falecido em 1913.

Página 321 — O Barão de Ouricurí "*irmão*" do Barão de Cruangí. Nascido em Portugal e grande comerciante no Recife, o Barão de Ouricurí era casado com d. Mariana Bernarda d'Almada. Teve 16 filhos, dos quais 5 faleceram de menor idade. O seu quarto *filho* é Felisberto Inácio de Oliveira, Barão de Cruangí. Foi agraciado com o título nobiliárquico no mesmo dia que o seu filho. A filha caçula, Ana Maria de Oliveira, casou-se com Antônio Inácio do Rêgo Medeiros; um filho dêste casal, Manuel Medeiros, é o genitor dos drs. Renato e Romeu Medeiros, diretores do *Jornal Pequeno*.

Página 396 — "*Presciliano*" de Barros Acióli Lins, 2.º Barão de Rio Formoso, por decreto de 18 de janeiro de 1882. Irmão do Barão de Goicana e Senhor do Engenho Tinoco, *Prisciano* de Barros Acióli Lins recusou êste título. Fôra agraciado pelo Imperador porque libertara seus escravos. Casado, deixou 4 filhos.

Página 523 — "*Carolina de Caldas Lins*", Viscondessa de Utinga. Henrique Marques Lins, Visconde de Utinga, casou-se a 16 de fevereiro de 1824 com *Antônia Francisca Veloso da Silveira*, nascida em 1807, filha de José Veloso da Silveira e de Maria Francisca de Jesus Godinho. A ascendência do Visconde de Utinga e a da Viscondessa podemos encontrar nos manuscritos deixados pelo seu filho Marcionilo da Silveira Lins, e pelos seus genros Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti e Antônio Marques de Holanda Cavalcanti.

Carolina de Caldas Lins era filha do Comendador José Luiz de Caldas Lins, Senhor dos Engenhos Una e Perereca, e de d. Maria Leopoldina da Rocha Lins; irmã da Baronesa de Una (Francisca de Caldas Lins Lopes) e do Visconde de Rio Formoso (Dr. Francisco de Caldas Lins). Casou-se a 31-7-1853, com Marcionilo da Silveira Lins, sétimo filho dos Viscondes de Utinga. (1)

(1) Do Jornal do Comercio, de Recife, de 4-IV-1944.

Digitized by Google

EXPEDIENTE

1.º) A Revista é semestral. Assinatura anual (paga adiantadamente): Cr.$ 15,00; número avulso: Cr$ 8,00. Número atrazado: Cr$ 10,00.

2.º Para serem publicados no número correspondente ao 2.º semestre, os artigos devem chegar à Redação antes de 1.º de janeiro; para o número do 1.º semestre, antes de 1.º de julho.

3.º) Não se devolvem originais, os quais devem ser datilografados de um só lado do papel, com dois espaços, sem emendas e na ortografia oficial.

4.º) A revisão das provas tipográficas é feita sómente para verificar sua fidelidade com o original, não sendo permitidas alterações neste (conforme contrato com a tipografia).

5.º) Os artigos devem vir completos, já redigidos em sua fórma definitiva.

6.º) Devido às dificuldades postais, não podemos mandar provas tipográficas para fóra da Capital.

7.º) As colaborações dos Estados devem vir com o "Visto" do Presidente do Instituto Estadual, o que significa que está de acôrdo e aprova a publicação.

8.º) O Instituto faz sacrifícios pecuniários para publicar a Revista; porisso, os colaboradores que quiserem ornar seus artigos com clichés, devem custea-los.

9.º) Devido ao excesso de colaboradores, os artigos devem ocupar um espaço máximo de dez páginas; os autores dos que excederem devem optar entre: a) interromper o artigo e publica-lo em dois ou mais números da Revista; b) publica-lo na íntegra, pagando o autor a quantidade de páginas excedentes; c) publica-lo na íntegra, ficando o autor privado de colaborar nos números imediatos (ou no número imediato).

10.º Verificando-se que houve colaboração errada ou inexata, será excluido o seu autor do número dos colaboradores. O mesmo se dará com autores de escritos publicados nas mesmas condições.

11.º) Os números anteriores da Revista estão esgotados; queremos adquirí-los, para servir novos sócios que pretendem colecioná-los.

12.º) Os registrados com valor devem indicar o remetente, a-fim-de serem evitados aborrecimentos recíprocos. Recebemos várias quantias, ignorando quem as remeteu.

13.º) Solicitamos aos nossos leitores que suspendam provisoriamente a remessa de novas colaborações, visto que, devido ao grande número de originais que temos retido em nossa redação, lutamos ainda com a grande carência de espaço em nossa publicação. Dessa forma, aguardam a respectiva publicação centenas de originais que, naturalmente, terão preferência.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Claro Augusto de Godoi, do Rio de Janeiro:

"Já estou de posse do número 9 da Revista. Como os anteriores, recolhe escolhida colaboração, de inestimavel valor. Ao ilustre patricio cabem, com justiça, os melhores aplausos pela dedicada e proveitosa ação que vem desenvolvendo, com pleno êxito, em beneficio das finalidades do nosso Instituto."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE SERGIPE
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Familias Sergipanas

Dr. José Gomes Pereira Pinto

José Gomes Pereira Pinto

Em maio de 1597 chegou a Bahia Maurício Vieira Dantas, vindo dos Açores, donde era natural, recomendado ao ouvidor geral, que o localizou no lugar denominado Itapagipe. Vinha com numerosa prole, casado com dona Ana do Prado Rolemberg, portuguesa, descendente de família prussiana. Entre os filhos figurava Taciano Vieira Rolemberg do Prado, casado com Ana Otonia Sauixunig, descendente de importante e abastada família austríaca. Taciano fundou a fazenda Arraial, na sesmaria de São Cristovão, transportando-se para ali, anos depois, seus irmãos Domingos e Agostinho já casado na Bahia na família Duarte Leite. Em 1635 foram incumbidos pelo governo, que os protegia, de desenvolver a indústria açucareira na capitania de Sergipe. Outro membro da família Rolemberg e Prado localizaram-se nas margens do Rio Real, mais tarde mudado o nome para rio Itapicurú. Natanael do Prado Vieira Rolemberg fundou a fazenda Bulhões, transformando depois em arraial de Barracão, hoje cidade do mesmo nome. Um irmão de Natanael, chamado Antônio, casou-se com a filha de Amaro Ribeiro da Costa Brito, proprietário da fazenda Retiro, depois Bom Conselho.

A familia espalhou-se pela capitania de Sergipe, marginada pelo rio Itapicurú, antigo Rio Real; na localidade onde residiam existia um regato chamado Rio Itaén que mudaram para Rio Real, com o consentimento do ouvidor geral e do bispo da Bahia, que baixou uma pastoral aprovando a mudança de nomes. Itaén era nome indígena a quem eles votavam ódio; enquanto

Digitized by Google

Real era o nome de um regato nos Açores, margeando a chácara onde nascera Mauricio. Um filho de Natanael fundou a fazenda N.ª S.ª dos Campos, desenvolvida tempos depois em arraial "Campos"; em ligação com Bom Conselho, Barracão e São Cristovão.

Outros membros da família Prado Vieira e Rolemberg fundaram a vila de Capela, ao Norte de São Cristovão, onde fundaram diversos engenhos de açucar e prosperaram até 1750.

Em 1770 Manuel Garcia Sobral fundou a vila de Rosário e ligou-se à familia Rolemberg, já muito conhecida naquelas sesmarias. Desenvolveram toda a capitania de Sergipe ou Sirigi, como a denominára o frade frei Vicente Cassiano di Magela tido como santo naquelas paragens, por ter milagrosamente escapado de um massacre dos índios da taba de Japaratuba, próximo ao arraial de Capela, quando por alí procurava fazer catequese de índios. Mais dados sobre estas famílias devem-se encontrar no Arquivo Geral de Coimbra, para onde foi transportado, em 1796, o Arquivo de Divisão de terras e bens.

Os dados supra foram agora condensados de outros, datados de 1857, e que em 1927 se achavam em poder do sr. Francisco dos Santos, filho de José dos Santos, este coronel da Guarda Nacional e chefe politico em Poço Verde, município de Campos, Estado de Sergipe.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Geraldo Montedonio Bezerra de Menezes, presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, de Niteroi:

"Folgo muitissimo em pertencer a esta vitoriosa instituição, cujas pesquisas historico-sociais merecem prestigiadas e aplaudidas. Tenho as publicações do Instituto, de que é digno e operoso diretor-geral, por verdadeiros monumentos erguidos à familia brasileira. A relevancia do papel que ela tem representado na formação da nacionalidade estão ainda a desafiar e exigir a atenção de historiadores e sociólogos, cujo trabalho não será tão árduo, mercê do Instituto, que vem abrindo picadas".

Do dr. Manuel Viotti, presidente da Academia de Ciências e Letras de S. Paulo:

"Acabo de receber 35 exemplares para distribuição entre nossos confrades. Hoje mesmo iniciarei a distribuição e me apresso em felicitá-lo por mais esta boa contribuição que o caro amigo presta à nossa Academia, a qual, se contasse uma simples meia duzia de sócios de sua tempera, seria agora uma das mais prósperas e de muito maior extensão cultural. Infelizmente, a quasi totalidade dos nossos confrades são academicos *in honoris fruendi*..."

Do dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação (telegrama):

"Grato gentileza oferta numero oito Revista, envio-lhe expressão meu elevado apreço."

Do dr. Albatenio Caiado Godoi, de Goiânia:

"Acuso recebido o n.º 9, ano V, da *Revista*, correspondente a 1.º semestre de 1944. Como as anteriores, esta edição vem repleta de opulentos trabalhos, à altura dos esforços e dedicação do seu eminente diretor-responsável. Meus parabens."

Do dr. Geraldo Cardoso de Melo, delegado regional de Penápolis:

"Outrosim, recebi a Revista Genealógica do 1.º semestre do corrente ano que, como sempre, está muito bem feita, demonstrando o seu incansavel labôr genealógico".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O "Catalogo Genealógico", de Jaboatão, refundido e atualizado (1)

Afonso Costa

O 1.º ALBUQUERQUE

Jerônimo de Albuquerque, 3.º filho de Lopo de Albuquerque, o *Bode*, e de sua mulher Joana de Bulhão, era sobrinho de Jorge de Albuquerque, por parte de seu pai, e irmão de Brites de Albuquerque, que se casou com Duarte Coelho Pereira.

O rei D. João 3.º, tendo em conta os bons serviços e a fiel companhia que a Jorge de Albuquerque, capitão na tomada de Malaca, prestara Duarte Coelho Pereira, fez a êste doação da capitania de Pernambuco.

Jorge de Albuquerque, regressando da Índia a Lisboa em 1527, promoveu e realizou o casamento do primeiro donatário de Pernambuco com a sua sobrinha Brites de Albuquerque, e por isso, em 1530, ao vir Duarte Coelho Pereira tomar posse e administrar a sua capitania, veio com êle o seu cunhado Jerônimo de Albuquerque.

De tal maneira êste se houve em emprêsas e conquistas, com esfôrço e lealdade que andam escritas, quais a de vencer os índios do monte de Olinda e de aí fundar a povoação que transformara da aldeia, do mesmo modo estabelecer pazes permanentes com os índios e a muitos converter à fé e à amizade dos portugueses, que lhe fôra dada para mulher a índia Arco-Verde, considerada princesa entre os da sua tribú. Batizada, depois, passou esta a ser Maria do Espírito Santo Arco-Verde.

Com Arco-Verde teve Jerônimo de Albuquerque vários filhos bastardos:

1 Catarina de Albuquerque, c. c. D. Felipe Cavalcanti.

2 Brites de Albuquerque, c. c. Cibaldo Lins.

(1) À convite do Instituto Genealógico Brasileiro. Afonso Costa é membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e presidente da Academia Carioca de Letras.

Digitized by Google

3 Jerônimo de Albuquerque, c. c. Catarina Pinheiro Feio.

4 Simoa de Albuquerque, (*) c. c. Jorge Teixeira e depois com Damião Gonçalves de Carvalhosa.

* * *

Jerônimo de Albuquerque, filho de Jerônimo de Albuquerque e de Maria do Espírito Santo Arco-Verde, fôra mandado de Pernambuco, de ordem do rei Felipe, para a conquista do Rio Grande do Norte, seguindo por terra pela Paraíba, onde tomaria mais gente, e daí ao destino, enquanto por mar iria Manuel de Mascarenhas Homem, com gente da Bahia. Em chegando ao destino aos 18 de dezembro de 1597, já aí encontrou a Mascarenhas Homem.

Em local da costa da barra construiu uma fortaleza de madeira, venceu os índios numa extensão de terra de "meia légua da fortaleza pela terra adentro", deu início à povoação que veio a ser chamada Natal, porque a sua instalação se dera a 25 de dezembro de 1599, e tomou conta de seu govêrno como capitão-mór. Fez igreja matriz, dedicada a N. S. da Apresentação.

Ainda em 1602 aí se achava no govêrno, segundo se infere da doação que fizera do engenho Cunhaú, situado nas terras do Uruá, a seus dois filhos primeiros.

Depois, foi incumbido da conquista do Maranhão, para onde partiu em 1614, levando socorro. A 3 de novembro do ano seguinte, restaurada a cidade de S. Luiz, do poder dos franceses, aí permaneceu Jerônimo de Albuquerque como governador, até 11 de fevereiro de 1618, quando faleceu. Em virtude dessa conquista ao seu nome se adicionou o apelativo Maranhão.

Foi êle casado com Catarina Pinheiro Feio, pernambucana, filha do português Antônio Pinheiro Feio e de mãe pernambucana — Leonor Guardes, que eram senhores do engenho S. Paulo. Do casal foram filhos:

1 Antônio de Albuquerque Maranhão, c. c. Joana Luiza de Castelo Branco.

2 Matias de Albuquerque Maranhão, c. c. Isabel da Câmara.

3 Jerônimo de Albuquerque Maranhão (1)

Nota de A. C.: Outros filhos de Jerônimo de Albuquerque com Maria do Espírito Santo Arco-Verde, todos legitimados pelo rei e não referidos por Jaboatão, foram:

1 Manuel de Albuquerque
2 André de Albuquerque
3 Isabel de Albuquerque, c. c. D. Felipe de Moura
4 Antônia de Albuquerque
5 Joana de Albuquerque

Com várias outras mulheres teve, e os legitimou:

1 Tomé de Albuquerque
2 Francisco de Albuquerque
3 Gaspar de Albuquerque
4 Lopo de Albuquerque
5 Pedro de Albuquerque
6 Felipe de Albuquerque
7 Antônio de Albuquerque
8 Salvador de Albuquerque
9 Jorge de Albuquerque

(*) Não era filha de Arco-Verde e se inclue entre os filhos dêste último grupo.

(1) Jaboatão não se refere a êste 3.º filho de Jerônimo de Albuquerque e de Catarina Pinheiro Feio, morto pelos holandeses em 1631.

Digitized by Google

Antônio de Albuquerque Maranhão, filho de Jerônimo de Albuquerque, o Maranhão, e de Catarina Pinheiro Feio, foi fidalgo da casa de S. Majestade, comendador de S. André de Ervedal na ordem de Cristo, tendo acompanhado seu pai à conquista do Maranhão e aí o sucedido, por morte, no govêrno, em cujo cargo permaneceu até abril de 1619, quando lhe veio sucessor.

Passou-se de seguida a Portugal e tanto se lhe reconheceu no reino o merecimento, que foi logo despachado capitão-mór da Paraíba, onde ficou até o comêço de 1635, pois que à ocupação da cidade pelos holandeses, se passou êle para o cabo de S. Agostinho, onde estava Duarte de Albuquerque Coelho, e transportando-se para Lisboa, veio a ser governador de Mazagão.

Em Lisboa casou-se com Joana Luiza de Castelo Branco, bastarda de D. João de Castelo Branco (2) com a andaluza Catarina. Sua espôsa, depois de alguns partos que se malograram, deu à luz, entre as 2 e as 3 horas da manhã de 4 de agosto de 1652, quinta-feira, a

1 Antônia Margarida de Albuquerque, c. c. Braz Teles de Menezes. (3)

2 Afonso de Albuquerque Maranhão.

Êste segundo filho faleceu em 1671, na altura de Pernambuco, quando vinha de Lisboa para a Bahia, a empossar-se no govêrno Afonso Furtado de Mendonça. Seu cadáver, pôsto num caixão, foi lançado ao mar, mas as águas o devolveram à terra, à praia dos Meiripes, entre o cabo de S. Agostinho e Recife, sendo recolhido e sepultado na capela que tinha aí D. Francisco de Sousa, por entender ser de pessoa de distinção.

Antônio de Albuquerque Maranhão faleceu em 1667, "com opinião de virtude, pois como tal se nótou crescer a cera que serviu no seu entêrro".

* * *

Matias de Albuquerque Maranhão, filho de Jerônimo de Albuquerque e de Catarina Pinheiro Feio, fidalgo da casa real, comendador de S. Vicente

(2) Êsse D. João era filho de D. Duarte de Castelo Branco, conde de Sabugal e meirinho-mór do reino, e de sua mulher Catarina da Silva, filha de D. Bernardo Coutinho, alcaide-mór de Santarém.

(3) Braz Teles de Menezes, filho de Fernando Teles de Faro Menezes e Carvalho (*) e de Mariana de Noronha, casou-se com Antônia Margarida de Albuquerque Maranhão, filha de Antônio de Albuquerque e de Joana Luiza de Castelo Branco, a 23 de setembro de 1670.

Do casal foi filho único, nascido a 1 de setembro de 1672,

1 Braz Manuel Teles.

Braz Teles de Menezes, senhor das vilas das Enguias e Lamorosa, depois de três anos de divorciado de sua consorte, período que passara uma vida licenciosa e miserável, converteu-se a Deus e entrou noviço, em dia da apresentação da Senhora, em 1683, no convento de S. Eloi, dos sacerdotes da ordem seráfica, e com a vida um tanto mudada, sobrevindo-lhe uma febre apoplética, recebeu, depois de confessado, sacramentado e professo, a morte, com um mês e quatro dias de noviciado, a 25 de dezembro de 1683, contando de idade 37 anos.

Aos 22 de junho de 1675 sua mulher recolheu-se ao mosteiro de Santos, enquanto litigava o seu divórcio do marido, e daí passou, a 21 de março de 1679, para o real mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, onde professou a 31 de março de 1680, na dominga quarta da quaresma, quando contava 28 anos de idade, tomando o nome de sóror Clara do Sacramento. Faleceu com fama pública de santidade às 13 horas de 15 de janeiro de 1717. De sua vida trata a 3.ª parte das crônicas da província de Algarves, dos religiosos observantes, livro XVI, cap. I, pág. 409, publicado em 1755.

(*) Fernando Teles era comendador da ordem de Cristo, de S. Maria da Campanha, das comendas de S. Romão de Mouriz, de S. Damião de Azere e de S. Maria de Niza. Sua espôsa era filha herdeira de Cristóvão Soares Laço, comendador de S. Damião de Azere e de S. Pedro de Meolim, da ordem de Cristo e secretário de Estado dos reis Felipe 3.º e filho de Castela.

Digitized by Google

da Figueira na ordem de Cristo, encontrou-se, com seu pai e irmão Antônio de Albuquerque Maranhão, na luta com os franceses para a conquista da ilha de S. Luiz do Maranhão. Concluída a conquista, passou-se com seu primo Jerônimo Fragoso de Albuquerque para o Pará, onde êste iria assumir o govêrno, em fim de abril de 1618, e no qual permaneceu até o ano seguinte, quando faleceu.

Assume então Matias de Albuquerque Maranhão o govêrno, por patente que tinha, datada de setembro de 1619, mas apenas governou vinte dias, pois que julgada nula a sua provisão. Foi eleito governador um Custódio Valente, que teve como adjunto frei Antônio das Mercês, capucho de Portugal e superior das missões religiosas no Pará.

Em 1630 o governador da Paraíba, Antônio de Albuquerque Maranhão, ordenou a seu irmão Matias que viesse, com gente da Paraíba e de Pernambuco, contra os holandeses e assim esteve êle na estância de S. Amaro, em Olinda, segundo Castrioto, e Duarte Coelho nas suas *Memórias Diárias* da guerra.

Com seu irmão foi para Lisboa, passou-se depois para o Rio de Janeiro, onde se casou com Isabel da Câmara, filha dos fidalgos Pedro Gago da Câmara e Isabel de Oliveira, da ilha de S. Miguel.

Por carta de 29 de dezembro de 1656, da regente do reino a rainha D. Luiza, mulher do rei D. João 2.º, registrada no ano seguinte no livro da câmara da Paraíba, se autorizava que à passagem do governador João Fernandes Vieira, da Paraíba para Angola, se aí não estivesse ainda Matias de Albuquerque Maranhão, nomeado para o dito cargo, que o assumisse o mestre de campo Antônio Dias Cardoso interinamente, e tal se deu. Matias tomou posse a 17 de outubro de 1657, à vista da carta de 21 de agosto do ano anterior, como se acha no citado livro da câmara. Ignora-se quanto o tempo de seu govêrno, mas parece que em 1663 era aí governador João do Rêgo Barros.

Deixando o govêrno da Paraíba, foi êle viver no seu engenho Cunhaú, terras do Rio Grande do Norte, onde faleceu.

São êstes os filhos do casal:

1 Antônio de Albuquerque Maranhão, fidalgo da casa real, comendador, mestre de campo em Pernambuco, falecendo solteiro.

2 Lopo de Albuquerque Câmara, c. c. Maria Clara de Sande.

3 Afonso de Albuquerque Maranhão.

4 Catarina Simoa de Albuquerque, c. c. Luiz de Sousa Furna.

5 Joana da Câmara de Albuquerque, c. c. João de Novalhes Yurrêa.

6 Bárbara da Câmara de Albuquerque, c .c. Salvador Quaresma Dourado.

7 Mariana da Câmara de Albuquerque, c. c. Afonso de Albuquerque Melo.

8 Apolônia da Câmara de Albuquerque, c. c. seu primo André Gago da Câmara e depois com Manuel Pimenta de Melo.

9 Jerônimo de Albuquerque Maranhão, religioso da Companhia de Jesus.

10 Pedro, 11 Ana Maria, falecidos sem estado.

Digitized by Google

* * *

Lopo de Albuquerque Câmara, filho de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, residia na Paraíba mas se casou na Bahia, por meio de procuração, com Maria Clara de Sande, filha do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco e de Francisca de Sande. O registo de seu casamento consta dos livros da freguesia de S. Pedro e reza assim: "Aos dois de fevereiro de 1686, com minha licença recebeu o Revdo. Padre Manuel Coelho Gato a Lopo de Albuquerque Câmara (em sua ausência foi procurador Pedro Fernandes Aranha), filho de Matias de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Isabel da Câmara, morador na cidade da Paraíba, com D. Francisca Clara de Sande, filha do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, já defunto, e de D. Francisca de Sande, sua mulher. Foram testemunhas o Padre Antônio Cavalcanti, D. Ana, mulher do dr. Martins Pereira e D. Francisca de Sande. O vigário de S. Pedro — *João Gomes da Silva*.

De Lopo com sua mulher foram filhos:

1 Nicolau Aranha Pacheco.

2 Matias de Albuquerque Câmara, cônego da sé da Bahia, fidalgo capelão da casa real. Retirou-se para o Rio de Janeiro com o fim de herdar de sua tia Apolônia da Câmara de Albuquerque, aí casada com André Gago da Câmara.

3 Francisco de Albuquerque Câmara.

* * *

Francisco de Albuquerque Câmara, filho de Lopo de Albuquerque Câmara e de Maria Clara de Sande, foi casado com Maria Teresa, com a qual e antes do casamento tivera uma filha, de nome Maria Madalena, que passou a ser religiosa no convento do Destêrro.

Francisco faleceu a 21 de julho de 1763 e foi sepultado no convento de S. Francisco.

* * *

Afonso de Albuquerque Maranhão, filho de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, era fidalgo da casa real, capitão-mór de Goiamuna e senhor de engenho do Cunhaú, onde viveu. Foi casado com Joana de Lacerda Cavalcanti, filha de Francisco de Barros Falcão e de Mariana de Lacerda, não tendo tido sucessão.

* * *

Nicolau Aranha Pacheco, filho de Lopo de Albuquerque Câmara e de Francisca Clara de Sande, casou-se com Madalena Clara Maria, filha de João Pereira do Lago e de Bernarda de Siqueira da Silva. Quando exercia o lugar de alferes do mestre de campo, enlouqueceu.

Do casal houve um filho:

1 Pedro de Albuquerque Câmara.

Digitized by Google

* * *

Pedro de Albuquerque Câmara, filho de Nicolau Aranha Pacheco e de Madalena Clara Maria, era fidalgo da casa real por motivo de sua ascendência. Fôra membro da Câmara Municipal e era tabelião com cartório, havido de seus primeiros. Casou-se com a viúva Catarina Corrêa de Aragão, filha de Francisco Barreto de Aragão e de Catarina Corrêa de Sá, não tendo tido sucessão.

Infere-se dos documentos que vivera com a viúva do mestre de campo Francisco Dias de Ávila e com ela se casara; que ao tempo do matrimônio, e de mulher solteira, tivera os ilegítimos Manuel José de Albuquerque da Purificação e Clara Madalena de Albuquerque Câmara, casada com João Batista Santiago Robalo Pacheco da Silva. Ambos os filhos foram legitimados e pretenderam o direito de herdar, que a viúva de Pedro de Albuquerque Câmara concedeu.

* * *

Damião Gonçalves de Carvalhosa, do qual se diz que era de conhecida nobreza de Portugal, foi o 2.º marido de Simoa de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque e, segundo Jaboatão, de Maria do Espírito Santo Arco-Verde. Aliás o genealogista não trata dêste casamento, do qual nasceram os seguintes filhos:

1 Leonardo de Albuquerque Carvalhosa, capitão de infantaria do Terço de André Vidal de Negreiros.

2 Maria de Albuquerque, c. c. o capitão-mór e alcaide-mór de Formosa do Serinhaem, Álvaro Fragoso de Albuquerque.

* * *

Luiz de Sousa Furna, coronel, possuidor de "grossos cabedais", proprietário dos ofícios de juiz de órfãos e de escrivão da câmara da Paraíba, era filho de Antônio Fernandes Furna e de Brites de Sousa Abreu. Casou-se com Catarina Simoa de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, tendo tido filhos:

1 Matias de Albuquerque Maranhão, c. c. Margarida Moniz de Melo.

2 Brites de Albuquerque, que não teve estado.

* * *

João de Novalhes Yurrêa, filho de Manuel de Novalhes Yurrêa e de Ana da Costa Soares, c. c. Joana da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, não tendo tido filhos. Como seu pai e irmão, era senhor de engenhos.

Casou-se depois com Luiza de Melo Falcão, filha de Pedro Marinho Falcão e de Brites de Melo, de cujo casamento nasceram filhos que não tiveram sucessão.

* * *

Digitized by Google

Salvador Quaresma Dourado, proprietário do ofício de provedor da fazenda real na Paraíba, era filho de Luiz Quaresma e de Maria Dourado de Bulhões. Casou-se com Bárbara da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara. Foram filhos seus:

1 Isabel da Câmara de Albuquerque, c. c. seu primo o poeta Feliciano Dourado.

2 Joana da Câmara, c. c. Domingos de Melo Monte Negro.

3 Josefa da Câmara, solteira.

* * *

Afonso de Albuquerque Melo, coronel, fidalgo cavaleiro da casa real, filho de José de Sá e Albuquerque e de Catarina de Melo Albuquerque, c. c. Ana Maria Falcão, filha de Zenóbio Acióli de Vasconcelos e de Maria Pereira de Moura. Depois casou-se com Mariana da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara. Casou-se ainda com Inês Barreto de Albuquerque, filha de Antônio Pais Barreto e de Maria de Afonseca Barbosa, não tendo tido sucessão.

* * *

André Gago da Câmara, filho de Lopo Gago da Câmara e de Ursula da Silveira, c. c. Apolônia da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, sem sucessão.

* * *

Manuel Pimenta de Melo, mestre de campo do Terço do Rio de Janeiro, c. c. a viúva Apolônia da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, sem sucessão.

Referências ao Instituto e suas Publicações

De d.ª Heloisa Cabral da Rocha Werneck, do Rio de Janeiro:

"Com prazer recebi a *Revista Genealógica Brasileira*, ano V, n.º 9, publicação de real valor no terreno da documentação histórica e dos ramos auxiliares da História tais como sejam a genealogia, a biografia e a bibliografia. Em face do que o Instituto Genealógico Brasileiro vem realizando com as suas publicações, não repetirei a célebre frase de Pascoal: "Ce n'est pas le succés qui importe, c'est l'effort", já que cada número que surge, (quer seja do Anuário, quer seja da Revista ou das outras séries), afirma estar o êxito coroando o esforço do sr. coronel e dos demais membros da diretoria."

Do desembargador João Francisco de Oliveira Godoi, de Goiaz:

"Com a pontualidade de sempre, recebi a *Revista* n.º 9. Externo aqui os aplausos calorosos, pela publicação da Revista, que, sobre encerrar contingente valioso para o estudo do nosso Passado, põe em destaque a figura esforçada e douta de seu redator, intelectual patrício, hoje com justiça incorporado ao cenaculo das Letras Paulistas."

Digitized by Google

ACADEMIA MEXICANA DE GENEALOGIA E HERALDICA

A 17 de Janeiro de 1944, na Capital do Mexico instalou-se, com grande solenidade a "*Academia Mexicana de Genealogia e Heráldica*". O Conselho Diretor é o seguinte:

Presidente: *J. Inácio Dávila Garibi*, licenciado.
Secretário geral: Guilherme Romo Celis, licenciado
Secretário de atas: dr. Jorge Palomino Cañedo.
Tesoureiro: dr. Luiz Garcia Remus, arquiteto.
Vogal: Gonçalo Torres Martinez, licenciado.
Diretor das "Memórias": José Miguel Quintana, licenciado.

Entre os *Academicos Efetivos*, além dos snrs. supra-citados, figuram mais os snrs:

7 — Javier Cervantes y Anaya, licenciado
8 — Manuel Septién y Septién, licenciado.
9 — d. Lucas de Palácio.
10 — Salvador Diego Fernandez, licenciado.
11 — José Lopez Portillo y Welber, engenheiro.
12 — Leopoldo Martinez Cossio, licenciado.
13 — d. Norberto de Castro y Tosi.
14 — d. Inácio B. de Miranda.
15 — Carlos de Ovando y Gutierrez, licenciado.
16 — d. Guilherme Fernandez.
17 — d. Afonso Rincón Gallardo.
18 — Luiz Leão de la Barra, engenheiro.
19 — dr. Luiz Amaya e Isassi.
20 — Agostinho Basave y del Castillo Negrete, engenheiro.
21 — d. Leopoldo Orendain Gutierrez.
22 — d. Alexandre Topete del Valle.
23 — dr. Antônio Sáenz de Santa Maria.
24 — d. Antônio Caraza Campos.

Os seis últimos residentes fóra da Capital.

São os seguintes os Sócios Honorários:

1 — Inácio del Villar Villamil.
2 — dr. Emeterio Valverde y Tellez.
3 — Luiz G. Romo y Perez Franco, monsenhor, *protetor*.
4 — d. Ismael Palomino, *protetor*.
5 — d. Carlos Rincón Gallardo.
6 — Toribio Esquivel Obregón.
7 — dr. Ezequiel A. Chavez.
8 — dr. Afonso Prungana.

Além dos dois sócios acima citados, são também *Sócios Protetores*:

3 — d.ª Carlota de Landero de Algara.
4 — d.ª Ana Elena Algara del Hoyo.
5 — d.ª Margarida Rul de Septién.
6 — d. Manuel Ysita Rubio.
7 — dr. Abel Romo.
8 — Rodolfo Garcia Bravo y Oliveira licenciado.

Conselheiros: de "*História*": d. Frederico Gomez de Orozco.

de "*Genealogia*": d. Manuel Romero de Terreros.

de "*Bibliografia*": d. João B. Yquiñiz.

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DO RIO DE JANEIRO
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

O Coronel Joaquim Vicente dos Reis e sua descendência

Viana de Castro

Manuel Viana de Castro

Filho de Matias Francisco Vianna e de d. Maria Inácia de Figueiredo, nasceu o coronel Joaquim Vicente dos Reis na freguesia de Santa Catarina do Monte Sinai, do patriarcado de Lisboa, no ano de 1739.

Vindo para o Brasil, fixou-se primeiramente na Colônia do Sacramento, onde foi abastado comerciante, e, servindo nas antigas milicias, prestou valiosos serviços a Portugal na guerra contra a Espanha "sem vencimento de soldo da Fazenda Real". Em virtude da rendição da Colônia às forças espanholas, transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1777, estabelecendo sua casa comercial à rua das Violas, hoje Teófilo Otoni.

Em 7-7-1781 arrematou em praça, na Junta da Real Fazenda do Rio de Janeiro, pela quantia de Rs. 187:953$130, os bens que haviam sido sequestrados aos padres jesuitas em Campos, associando na compra o seu tio João Francisco Vianna e Manuel José de Carvalho. Pelo falecimento dos seus sócios, em 1796, tornou-se o único senhor daqueles extensos domínios de terras de lavoura e criação, com engenhos, casas e escravaria imensa, e cuja sede era a fazenda do Colegio. (1).

Homem inteligente, operoso e de muito tino administrativo, fez prosperar consideravelmente as propriedades rurais que adquirira, transformando-se em poucos anos no "mais poderoso vassalo que se conhecia no Brasil". (2)

Digitized by Google

Altruista, aplicava parte de suas fartas rendas em atos de filantropia, socorrendo seus semelhantes e provendo a muitas necessidades públicas. Fundou o primeiro hospital que existiu em Campos, onde acolhia indistintamente todos os enfermos, prestando gratuitamente a assistência de que careciam. Introduziu em Campos o uso da vacina contra a varíola (3) e foi grande benfeitor da Santa Casa de Misericordia local. Ao morrer deixou inúmeros legados a casas de caridade e a instituições religiosas, não só de Campos como do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, e bem assim a parentes e pessoas diversas (4).

Nos volumes da "Terra Goitacá", nas "Mentiras Historicas", pelas colunas do "Jornal", do "Correio da Manhã" e da "Nação", do Rio de Janeiro e do "Monitor Campista", de Campos, o ilustre historiador patricio dr. Alberto Lamego tem estudado a personalidade de Joaquim Vicente dos Reis, a sua vida e a sua obra, sob diversos aspectos, compondo-lhe a biografia, com descrição minuciosa do acervo de bens do seu espolio, motivo por que não nos alongaremos nesse objeto.

Casou com d. Josefa Bernardina do Nascimento, natural da freguesia da Candelaria do Rio de Janeiro. "Loura de olhos azues, culta, de irrequieto e alegre temperamento, a esposa do fazendeiro era dada a versejar" — no-la descreve assim distinto escritor (5). Filha de José Vaz Caldas, negociante, e de d. Vitoria Bernarda do Nascimento (6).

Faleceram ambos na fazenda do Colegio — ela, a 4/8/1804; êle a 9/4/1813. Foram pais de oito filhos, dos quais sobreviveram as tres seguintes:

F 1) D. Maria Joaquina, nascida em Campos, e que, segundo a tradição, era de "estatura mediana, bela de corpo e de feições, expansiva e de genio alegre, mantendo os salões austeros do solar em constante alacridade com seu espírito vivacissimo e a garridice maternal que herdára" (7). Casou com o seu primo capitão Paulo Francisco da Costa Vianna, fazendeiro, vereador, juiz e grande benfeitor da Santa Casa de Misericordia de Campos, falecido em 15/5/1831, natural da freguesia de Santa Marinha de Forgans, do arcebispado de Braga, filho de Manoel da Costa Ribeiro e de d. Luiza Francisca Vianna.

Como juiz pela lei e como vereador da câmara da vila de Campos, no ano de 1822, o capitão Paulo Vianna tomou parte no movimento da independência nacional, figurando em todos os atos em que a mesma Câmara hipotecou o seu apoio e a sua adesão à causa da nossa emancipação política.

Dentre as suas propriedades rurais, destacava-se a magnífica fazenda dos Airizes, em pitoresca situação à margem direita do rio Parahyba do Sul, vendida por sua viuva, em 1846, ao comendador Claudio do Couto e Sousa, que alí edificou o atual solar. Foram pais de:

N. 1) Conselheiro Joaquim Francisco Vianna. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (15/1/1803-11/4/1864). Bacharel em ciências matemáticas pela Universidade de Coimbra. Deputado à assembléia provincial do Rio de Janeiro (1835-1843). Deputado à assembléia geral legislativa do Imperio (1834/7-1838/41-1842/44-1849/52-1853/6). Ministro de Estado (1843). Senador do Imperio (1853). Diretor geral de contabilidade

Digitized by Google

do Tesouro Nacional e vice-presidente do Tribunal do mesmo Tesouro (1850-1864). Diretor da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (1836). Socio fundador e 1.º diretor secretário da Sociedade Promotora da Colonização (1836). Socio fundador do Inst. Hist. Geogr. Bras.º (1838). Um dos fundadores e o 1.º presidente da Sociedade Campista de Agricultura (1834) Fazendeiro. Veador de S. M. a Imperatriz. Comendador da ordem de Cristo. Acatado como autoridade em finanças publicas, fez sempre parte das comissões do Orçamento e de Fazenda na assembléia provincial e na assembléia geral, e orientou os trabalhos das comissões especiais nomeadas pelo ministro da Fazenda Manoel Alves Branco, em 4 de Janeiro e 24 de Fevereiro de 1840 — "para o exame do "deficit" e da contabilidade das repartições fiscais, assim como para sistematização da legislação de Fazenda e para resolver questões relativas ao meio circulante". Nessas comissões figuravam, entre outros, os conselheiros Silva Maia, Silva Torres, Castro e Silva, Souza França, Gonçalves Ledo, e José Joaquim da Rocha, Alexandre Maria de Mariz Sarmento e Francisco de Salles Torres Homem, futuro visconde de Inhomirim.

Cons.º Joaquim Francisco Vianna

(8). Casou com sua prima d. Carolina Leopoldina Penna, nascida no Rio de Janeiro, em 1816, irmã do notavel comediógrafo Luiz Carlos Martins Penna, ambos filhos do desembargador João Martins Penna e de d. Francisca de Paula Julieta; netos paternos do brigadeiro português Francisco Martins Penna e de d. Claudia Maria de Santana, e maternos do tenente José Antônio da Costa Guimarães e de d. Maria Bernarda do Nascimento. Pais de:

Bn. 1) Dr. José Francisco Vianna Sb.º. Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. (1836-20/12/1894). Bacharel em direito. Advogado. Ajudante do procurador fiscal do Tesouro Nacional, aposentado. Deputado à assembleia provincial do Rio de Janeiro (1860/1). Oficial da ordem da Rosa. Casou com d. Francisca de Azevedo Torres, filha dos viscondes de Itaborahy. Pais de:

Tn. 1) Dr. Joaquim Francisco Torres Vianna. Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro (28/4/1883-4/7/1927). Medico. Por ocasião de sua morte, o "Correio da Manhã" publicou a noticia que a seguir transcrevemos: "A classe medica acaba de perder um de seus membros mais distintos, com a morte do dr. Torres Vianna, ocorrida hontem às 9 hs. da noite, em sua residencia à rua Professor Gabizo n.

Digitized by Google

239. Diplomado em 1906 pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi interno do Hospital São Sebastião, escrevendo sua tese inaugural sobre "Albuminurias na febre amarela", trabalho muito louvado então pelos seus mestres. Tendo ido clinicar no interior, foi ali chamado por Oswaldo Cruz para ocupar o lugar de medico do Hospital de S. Sebastião, com o dr. Pacheco Leão. Em 1908 fez concurso para o lugar de medico legista, tendo exercido algum tempo essa função, ao lado de Afranio Peixoto e Diogenes Sampaio, sendo logo após nomeado medico do Posto Central de Assistencia, onde rapidamente conquistou a amizade e o respeito dos seus colegas, pelo seu trato afavel, nobreza de carater e principalmente por suas qualidades de espirito e de coração.

"Exerceu naquela repartição as comissões mais honrosas, sendo considerado pela sua apurada cultura literaria e cientifica, um verdadeiro mestre das varias gerações de estudantes que passaram por aquele Posto, nestes ultimos quinze anos. O dr. Torres Vianna fez parte desse grupo cientilante de medicos que prestou os mais assinalados serviços á Assistencia, nos primeiros tempos da sua fundação, donde se destacam os nomes de Acacio Pires, Gastão Cruls, Rogerio Coelho e tantos outros.

"Não obstante ter sido um espirito cetico e pessimista, o dr. Torres Vianna foi sempre um cultor apaixonado da medicina, ao mesmo tempo que soube ser um profissional digno e respeitado na sua classe, deixando como prova disso um trabalho de folego intitulado "Syndromes Convulsivas", onde revela a sua profunda erudição da especialidade, ao lado de um apurado gosto literario". A 19/3/1908, casou com d. Julia Ribeiro, filha de Manoel Cerqueira Ribeiro e de d. Narcisa Freire c. s.

Tn. 2) D. Maria José, falecida, casada com Mario Freire da Silva c. s.

Tn. 3) D. Regina, falecida, casada com Alvaro Alvares de Azevedo Macedo c. s.

Tn. 4) D. Zaira Torres Vianna, falecida.

Tn. 5) D. Irene Torres Vianna

Tn. 6) D. Carolina Torres Vianna, falecida.

Tn. 7) D. Ester Torres Vianna, falecida.

Bn. 2) Joaquim Francisco Vianna, fal. menor.

Bn. 3) João Francisco Vianna, militar, falecido.

N. 2) Dr. José Francisco Vianna. Nasceu em Campos. Bacharel em leis pela Universidade de Coimbra. Coletor das rendas provinciais em Campos. Vereador. Presidente da Camara Municipal. Jornalista. Fazendeiro. Cav. da ordem da Rosa. Deputado à assembleia provincial do Rio de Janeiro (1850/1-1852/3), faleceu durante a legislatura. (9).

N. 3) Dr. João Caldas Vianna. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (1806-17/9/1862). Por motivo do fechamento da Universidade de Coimbra, onde iniciara o seu curso de leis, formou-se pela Academia de Direito de S. Paulo (1832). Juiz de direito, aposentado. Deputado a

Digitized by Google

assembléia provincial do Rio de Janeiro (1835/45-1848/9-1854/7). Vice-presidente da assembléia (1839). Vice-presidente da província do Rio de Janeiro (1838 e 1843). Presidente (1843/4). Um dos fundadores de Petrópolis (1843). Fazendeiro. Advogado. Oficial da ordem da Rosa. Cav. da de Cristo. (10) A 11/9/1834, no oratório da casa dos marqueses de São João da Palma, na freguesia de São José do Rio de Janeiro, casou com d. Margarida Perpetua d'Azevedo Peçanha, filha do conselheiro Dionisio d'Azevedo Peçanha e Vilhegas de Castelo Branco e de d. Teodora dos Reis; neta paterna do capitão Antonio Bernardo Cardoso Peçanha de Castelo Branco, natural de Vizeu, e de d. Violante Joaquina de Azevedo, natural de Lisboa, filha de Caetano Alberto de Azevedo (11). Pais de:

Dr. João Caldas Vianna

Bn. 4) João Caldas Vianna Filho. Barão de Pirapetinga a 30/10/1873.

Visconde a 19/7/1877. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (12/5/1837-14/6/1893) Fazendeiro. Banqueiro. Comandante Superior da Guarda Nacional em Campos. Fidalgo cav. e moço fidalgo com exercicio na casa imperial. Com. da ordem de Cristo e da ordem da Rosa, cav. da ordem de Santo Olavo da Noruega e da ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, de Portugal. A sua bela fazenda do Cachoeiro recebeu a visita do naturalista norte-americano Charles F. Hartt (12). A 14/11/1859, casou com d. Joana Candida de Oliveira, nascida em Campos e falecida no Rio de Janeiro (19/8/1839-10/12/1935), filha de João Machado de Oliveira e Silva, falecido em 15/9/1855, e de d. Maria Teresa de Oliveira. Pais de:

Tn. 8) Antonio Candido de Oliveira Vianna, falecido no Rio de Janeiro, a 24/4/1933. Embora tendo concluido o curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não defendeu tese, por causa ignorada. Foi por largo tempo interno da Casa de Saude Cata Preta.

Visconde de Pirapetinga

Digitized by Google

Tn. 9) D. Margarida, falecida no Rio de Janeiro, em 10/10/1912. Casou com Ernesto da Silva Chaves c. s.

Tn. 10) Dr. João Caldas Vianna Neto. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (4/9/1862-4/10/1931). Bacharel pela Academia de Direito de S. Paulo (1883) Advogado. Jornalista. Redator do "Jornal do Comercio", colaborador da "Imprensa", de Ruy Barbosa, e do "Comercio", de Eduardo Prado. Secretario de Joaquim Nabuco na questão da Guiana Inglesa. Enxadrista de renome mundial. O "Jornal do Comercio" assinalou o seu passamento com as seguintes referências:

""O nome do dr. Caldas Vianna por si só evoca na sociedade do Rio de Janeiro uma serie de reminiscencias e pronuncia-lo é lembrar a figura dominadora do companheiro que foi de Ruy Barbosa e Sancho Pimentel nas lides juridicas, é recordar o jornalista polido, correto na forma e profundo nos conceitos, é citar o grande enxadrista de reputação universal. "Nosso companheiro na redação desta folha, onde grangeou as maiores amizades, o sr. dr. João Caldas Vianna, cujo carater merecia de todos o mais alto respeito, deixa grandes saudades e a lembrança da sua extrema bondade.

"A seu respeito, por ocasião do primeiro centenario do "Jornal do Comercio", dissemos na nossa edição de 1 de Outubro de 1927.

"Dr. João Caldas Vianna — Eximio jogador de xadrez, considerado, sem favor, um dos primeiros entre os primeiros: assim devia ser. Com efeito, a calma aliada a prontidão e firmeza no ataque ou na defesa; o seguro golpe de vista abrangendo, com rapidez, todas as faces de um problema, a agudeza de espirito em descobrir sua imediata e verdadeira solução; o cuidado e ponderação na urdidura de um plano que terá integral desenvolvimento; a delicadeza e fidalguia de maneiras; todos esses requisitos, enfim, postos à prova no exercicio de tão nobre e elevado entretenimento, não podiam ser ocultados a quantos presenciavam as memoraveis partidas jogadas por Caldas Vianna no "Club Beethoven" e "Club de Xadrez".

"Se o pudesse, por certo os teria ele envolvido na mesma excessiva modestia com que procura esconder, mesmo dos mais intimos, os primores do seu espirito elevado e culto. Nem sempre o tem conseguido, e, felizmente para esta folha, que se honrou com a sua preciosa colaboração, como um dos seus mais estimados redatores, ainda que por pouco tempo, de 1888 até os primeiros anos da década imediata." Casou em primeiras núpcias com sua prima d. Maria Margarida Vianna de Castro, filha do dr. Manoel da Costa Lima e Castro e de d. Ana Bernardina Vianna (ver) c. s.

Casou em segundas nupcias com sua prima d. Maria Augusta Vianna, filha do dr. Paulo Francisco da Costa Vianna (ver) s. s.

Bn. 5) José Caldas Vianna, falecido, casado com sua prima D. Carolina Cecilia Peçanha da Silva s. s.

Digitized by Google

Bn. 6) D. Ana Bernardina. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (3/4/1840-10/6/1915). A 3/8/1861, no oratório da casa de seus Pais, na freguesia do S/S. Sacramento do Rio de Janeiro, casou com o dr. Manoel da Costa Lima e Castro, medico, fidalgo cav. da casa imperial, falecido, filho do comendador João da Costa Lima, fid. cav. da casa imperial e de d. Mariana Elisa de Oliveira (13). Pais de:

D.ª Anna Bernardina Vianna

Tn. 11) Dr. Manoel da Costa Lima e Castro Filho. Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro (8/3/1864-3/7/1925). Delegado de Policia. Juiz. Casou com d. Filomena Guedes c. s.

Tn. 12) João da Costa Vianna de Castro. Nasceu no Rio de Janeiro e faleceu em Campos (1/12/1866-13/2/1934). Comerciante. Bancário. A 28/7/1888, na capela de Montserrate, no Parahybuna, casou com d. Maria Joaquina de Andrade, falecida, filha do coronel Lauriano Rodrigues de Andrade e de d. Maria Joaquina Corrêa da Sá; neta paterna dos barões de Piabanha (ver) e materna de Militão Corrêa de Sá e de d. Maria Carolina de Albuquerque (ver familia Corrêa de Sá no Anuario de 1943) c. s.

Tn 13 D. Maria Margarida. Nasceu em Caxambú e faleceu no Rio de Janeiro (6/5/1871-19/6/1924). Em 16/11/1889, casou com o seu primo dr. João Caldas Vianna Neto, filho dos viscondes de Pirapetniga (ver) c. s.

Bn. 6) Casou em segundas nupcias com o seu primo João Machado de Oliveira Vianna, filho do comendador Candido Francisco Vianna (ver)

Bn. 7) Dr. Paulo Francisco da Costa Vianna. Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro (30/12/1848-10/1/1910). Advogado. Fazendeiro. Deputado à assembleia provincial do Rio de Janeiro na 21.ª legislatura do Imperio. A 26/2/1874, casou com d. Joana Carolina de

Dr. Paulo Vianna

Digitized by Google

Oliveira Vianna, sua prima, filha do comendador Candido Francisco Vianna. Pais de:

Tn. 14) D. Silvia, casada com o ministro Mario de Belfort Ramos s. s.

Tn. 15 D. Margarida Perpetua, falecida em 15/6/1934, casada com o dr. Luiz de Vasconcellos c. s.

Tn. 16) D. Ana Bernardina, casada com o dr. William Hentz s. s.

Tn. 17) D. Francisca de Paula, religiosa, fal. em 26/7/1921.

Tn. 18) D. Maria Augusta, casada com o seu primo dr. João Caldas Vianna Neto s. s.

Tn. 19) D. Joana Carolina, casada com José Guertzenstein s. s.

Tn. 20) Candido Francisco Vianna, industrial, casado com d. Carmen Siqueira c. s.

Tn. 21) Luiz Vianna, jornalista e comerciario, casado em primeiras nupcias com sua prima d. Mariath Caldas Vianna, s. s., e em segundas, com d. Vera Adelaide da Costa c. s.

Tn. 22) João Paulo Vanna, falecido em 23/6/1919.

N. 4) Candido Francisco Vianna. Nasceu e faleceu em Campos (1807-14/7/1870). Fazendeiro. Com. da ordem da Rosa. Prestigioso chefe local do Partido Conservador. Das suas florescentes fazendas ás margens do Muriahé, sobressaía a denominada Taipabas, tambem visitada pelo naturalista Hartt (14). Casou com d. Maria Luiza de Oliveira, falecida em 15/10/1867, filha de João Machado de Oliveira e Silva e de d. Maria Teresa de Oliveira. Pais de:

Bn. 8) José Maria de Oliveira Vianna, fazendeiro, falecido, casado com d. Maria Teresina Pinheiro, filha do dr. Caetano Tomaz Pinheiro, falecida. Pais de:

Tn. 23) José Maria de Oliveira Vianna Filho, falecido.

Tn. 24) Caetano Pinheiro Vianna, casado com d. Dulce.

Tn. 25) Silvio Pinheiro Vianna, casado com d. Zaira Barcelos.

Tn. 26) Edgard Pinheiro Vianna, falecido, arquiteto, casado com d...

Bn. 9) João Machado de Oliveira Vianna. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (15/1/1849-20/3/1923). Fazendeiro. Almoxarife da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Casou com sua prima d. Ana Bernardina Vianna, filha do dr. João Caldas Vianna s. s.

Bn. 10) D. Joana Carolina. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (3/11/1859-2/11/1920). Casou com o seu primo dr. Paulo Francisco da Costa Vianna, filho do dr. João Caldas Vianna (ver).

Bn. 11) D. Maria Teresa, falecida. Casou com o seu primo major João Batista de Paula Barroso, filho do coronel Francisco de Paula Gomes Barroso (ver) c. s.

N. 5) D. Josefa Bernardina Vianna, nasceu em Campos, a 29/3/1808, falecida solteira.

N. 6) D. Francisca de Paula. Nasceu em Campos, em 1810. Faleceu em São Fidelis. Casou com José Joaquim Gomes Barroso, fazendeiro, nascido em 1803, na freguesia de Goios, arcebispado de Braga, falecido, filho de Francisco Antonio Simões e de d. Maria Luiza da Fonseca. Pais de:

Digitized by Google

Bn. 12) Paulo Francisco Vianna Barroso, falecido, casado com d. Maria de Oliveira. Pais de:

Tn. 27) Paulo de Oliveira Barroso, casado com d.

Tn. 28) Candido Francisco de Oliveira Barroso, fal.

Tn. 29) Arnobio de Oliveira Barroso, fal.

Tn. 30) D. Flora, casada com Alvaro Neves, falecidos c. s.

Tn. 31) D. Zenobia, casada com Alfredo Braga, falecidos c. s.

Tn. 32) José Joaquim de Oliveira Barroso, casado com d. Otilia Santos.

Tn. 33) D. Maria Eugenia de Oliveira Barroso, fal.

Bn. 13) D. Josefa Bernardina. Nasceu em S. Fidelis e faleceu no Rio de Janeiro (14/5/1834-3/8/1901). Casou com Manoel d'Almeida Pereira, fazendeiro, falecido, irmão do conselheiro João d'Almeida Pereira, os dois filhos de João d'Almeida Pereira e de d. Ana Luzia. Pais de:

Tn. 34) D. Francisca de Paula. Nasceu em S. Fidelis e faleceu no Rio de Janeiro (31/3/1854-17/1/1934). Casou com o dr. Antonio Joaquim de Almeida Faria c. s.

Tn. 35) João José d'Almeida Pereira, fal., casado com d. Ana Faria c. s.

Tn. 36) Dr. José Manoel d'Almeida Pereira, falecido, casado com d. Maria Isabel Loureiro c. s.

Tn. 37) D. Ana Bernardina. Nasceu em S. Fidelis e faleceu em Macahé (19/7/1859-12/10/1943). Casou com o dr. Alfredo Rodrigues Barcellos, falecido, diretor da antiga Casa de S. José do Rio de Janeiro, atual Instituto Ferreira Vianna c. s.

Tn. 38) D. Josefa Bernardina, fal. menor.

Bn. 14) D. Maria Joaquina, falecida, casada com o dr. Damaso d'Albuquerque Diniz, falecido, fidalgo cav. da casa imperial. Pais de:

Tn. 39) D. Maria Joaquina d'Albuquerque Diniz, fal.

Tn. 40) D. Otília d'Albuquerque Diniz.

N. 7) D. Joana Bernardina. Nasceu e faleceu em Campos (1819-19/7/1889). Reproduzimos o final do extenso necrologio que lhe dedicou o "Monitor Campista" — "Exemplo de virtude para as esposas, exemplo de amor para as mães, exemplo de caridade para a sociedade campista, a

D.ª Josefa Bernardina Barroso d'Almeida Pereira

Digitized by Google

que morreu e viverá eternamente lembrada e venerada". Casou com o seu primo tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso, filho do coronel Sebastião Gomes Barroso e de d. Anna Bernardina do Nascimento Reis c. s. (ver).

F. 1) Casou em segundas nupcias com o dr. Deocleciano Augusto Cesar do Amaral, bacharel em direito, juiz, falecido, filho de Bernardo Antonio do Amaral. Fez parte do batalhão de voluntários academicos da Universidade de Coimbra, na revolução liberal de 1828. s. s.

F. 2) D. Ana Bernardina. Nasceu em Campos e alí faleceu, a 30/11/1861. "Senhora inteligentissima e de altos predicados moraes. Ainda que pouco ilustrada, tinha entretanto o senso diretor e uma singular e esclarecida energia de governo, que foi apanagio de muitas senhoras de fazendas e grandes propriedades rurais" — é como lhe traça o perfil ilustre jornalista, biografo do almirante Saldanha da Gama (15). Pela pena sugestiva de outro escritor, já referido neste artigo, ela nos surge "de estatura elevada e porte senhoril, elegantissima, o seu colo esplendido e as mãos magnificas prendiam imediatamente a atenção" (16). E o "Monitor Campista", ao registar-lhe a morte, atribue-lhe "locução facilima e brilhante, carater eminentemente comunicativo e grandes virtudes". (17) Casou com Sebastião Gomes Barroso, coronel agregado ao Regimento de Milicias de Campos, falecido em 14/12/1840. Fôra sargento mór das ordenanças de Malta e tenente coronel agregado ao 3.º Regimento de Milicias da Côrte. Era fidalgo cav. da casa imperial e cav. da ordem de Cristo. Exerceu em Campos os cargos de juiz almotacé, vereador da camara, procurador e tesoureiro da Real Fazenda — "com zelo e aceitação publica, sendo conhecido como um dos bons da terra, e cidadão amante do Estado da Monarquia, pronto em socorre-la nas suas precisões". (18) Pais de:

N. 8) Antonio Joaquim dos Reis Barroso. Cav. da ordem de Cristo (11/10/1822) Fid. cav. da casa imperial (8/3/1825). Fal. antes de seu pai.

N. 9) D. Maria Carolina. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (3/11/1818-9/11/1885). Casou com d. José de Saldanha da Gama, nascido na Bahia e falecido no Rio de Janeiro (2/10/1808-22/3/1875), camarista de S. M. o Imperador D. Pedro 1.º, deputado á assembleia provincial do Rio de Janeiro (1840/1-1842/3), comendador da ordem de Cristo e da Rosa e cav. da ordem do Cruzeiro. D. José de Saldanha da Gama era filho de d. João de Saldanha da Gama de Melo Torres Guedes de Brito, 6.º conde da Ponte, 6.º senhor de Assequins, senhor do engenho de Acupe, governador e capitão general da Bahia, major de cavalaria, e com. da ordem de Cristo, e de d. Maria Constança de Saldanha Daun; neto paterno de Manoel de Saldanha da Gama e Melo Torres e de d. Francisca Josefa Teresa da Camara Coutinho, e materno de João Vicente de Saldanha de Oliveira Juzarte Figueira e Souza, 1.º conde do Rio Maior, e de Maria Amalia de Carvalho e Daun; bisneto materno dos 1.os Marqueses de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo e — 2.a esposa — d. Leonor Ernestina Eva Wolfanga Josefa de Daun). Pais de:

Digitized by Google

Bn. 15) D. Ana Carolina. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (1/8/1834-1/1/1915) Casou em primeiras nupcias com José Pedro de Oliva s. s. Casou em segundas nupcias com Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, 1.º conde de Aljezur (12/9/1820-2/4/1909), fidalgo da casa imperial, veador da Imperatriz, 4.º senhor do morgado de Marapicú, com. da ordem da Estrela da Suecia, cav. da de Cristo e da de S. Gregoria Magno, s. s.

Condessa de Aljezur

Bn. 16) Dr. João de Saldanha da Gama. Nasceu em Campos, a 22/8/1835. Bacharel pela Academia de Direito de São Paulo (1858) Diretor da Biblioteca Nacional (1882). Oficial da ordem da Rosa. Faleceu em 1899. Casou com d. Joaquina Tedim de Siqueira, falecida. Pais de:

Tn. 39) Dr. João de Saldanha da Gama Filho, engenheiro, falecido, casado com d. Flora Arnaud c. s.

Tn. 40) D. Joaquina, fal., casada com Joaquim Gonçalves Guimarães, eng. militar, c. s.

Tn. 41) D. Maria Francisca, fal., casada com o dr. Francisco Alfeu Cavalcanti de Albuquerque c. s.

Tn. 42) D. Maria Eugenia, fal., casada com dr. Guilherme da Rocha Frota c. s.

Tn. 43) Luiz Filipe de Saldanha da Gama, casado com d. Cecilia Ramos c. s.

Tn. 44) Carlos de Saldanha da Gama, engenheiro, fal., casado com d. Alice Matos de Castilho c. s.

Tn. 45) Mario Augusto de Sadanha da Gama, func. publico, casado com d. Semiramis dos Santos c. s.

Tn. 46) D. Joana, casada em 1.as nupcias com João Guaraná de Carvalho Couto c. s. e em 2.as com dr. José Francisco Cardoso Junior s. s.

Tn. 47) Paulo de Saldanha da Gama, func. pub., casado com d. Maria Sousa Carneiro c. s.

Tn. 48) D. Carmen, casada com Leopoldo Murgel c. s.

Tn. 49) D. Dulce, casada com dr. Ezequiel Ferreira Coelho c. s.

Tn. 50) D. Guiomar, casada com Horacio Esteves de Almeida, c. s.

Tn. 51) Alberto de Saldanha da Gama, fal.

Tn. 52) D. Alice de Saldanha da Gama, fal.

Bn. 17) D. Maria Constança de Saldanha da Gama, fal.

Digitized by Google

Bn. 18) D. Francisca Carolina, fal., casada com Antonio Manuel Peixoto de Gusmão e Sousa, fazendeiro. Pais, de:

Tn. 53) D. Maria Antonieta, fal., casada com o seu tio dr. Sebastião José de Saldanha da Gama (ver).

Tn. 54) D. Josefa, fal. casada com Carlos de Saules s. s.

Bn. 19) Joaquim de Saldanha da Gama fal.

Bn. 20) Dr. José de Saldanha da Gama. Nasceu em Campos e fal. no Rio de Janeiro (7/8/1839-8/1/1905). Bacharel em ciencias fisicas e matematicas pela Escola Central (1860) e lente de botanica na mesma escola. Diretor da Escola Politecnica (antiga Escola Central). Representou o Brasil nas exposições internacionais de Paris (1867), de Vienna (1873) e de Filadelfia (1876). Consul em Bruxelas e Barcelona. Escreveu valiosos trabalhos sobre botanica, que atestam o seu profundo conhecimento dessa ciencia. Socio de diversas sociedades cientificas do país e do estrangeiro. Era moço fidalgo da casa imperial e membro do Conselho do Imperador. Condecorado com varias ordens nacionais e estrangeiras. Casou com d. Eulalia Pereira da Cunha (26/2/1834-25/5/1918), filha de Joaquim Antonio Pereira da Cunha e de d. Maria Amalia Leão; neta paterna dos marqueses de Inhambupe. Pais de:

Dr. José de Saldanha da Gama

Tn. 55) José Augusto de Saldanha da Gama, diplomata, fal.

Tn. 56) D. Eulalia, fal., casada com João Caetano Lopes da Costa, fal. s. s.

Tn. 57) D. Francisca de Saldanha da Gama fal.

Tn. 58) D. Maria Joaquina de Saldanha da Gama

Tn. 59) D. Ana, casada com Augusto Clemente Monteiro de Barros, oficial de marinha c. s.

Bn. 21) D. Josefa Bernardina de Saldanha da Gama fal.

Bn. 22) Dr. Sebastião José de Saldanha da Gama. Nasceu em Campos, a 29/12/1842. Falecido. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Cirurgião do exercito brasileiro. Cav. da ordem de Cristo e da Rosa. Casou com sua sobrinha d. Maria Antonieta da Gama Peixoto de Sousa, falecida em 1/8/1934. Pais de:

Tn. 60) D. Francisca, fal., casada com o dr. Américo de Castro Ferreira da Silva s. s.

Digitized by Google

Tn. 61) D. Heloisa, casada com o capitão-tenente da Armada Felicissimo de Vila Nova Machado c. s.

Bn. 23) Contra almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama. Nasceu em Campos e faleceu em Campo Osorio (7/4/1846-24/6/1895). Diretor da Escola Naval. Cav. da ordem de S. Bento de Aviz e da ordem da Rosa. Condecorado com o Duplo Dragão da China e com as medalhas da campanha oriental de 1865, da campanha do Paraguay, da rendição de Uruguayana e do merito. Membro do Instituto Politecnico Brasileiro. "O heroi dos herois, o seu reorganizador possivel (da Marinha Brasileira), o homem mais completo e o carater mais extraordinario que já conheci nesta terra" — no conceito lapidar de Ruy Barbosa, (19).

Almirante Saldanha da Gama

Bn. 24) D. Leonor Maria. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro (19/3/1849-4/1/1920). Casou com o dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, barão de Ramiz, nascido no Rio Grande do Sul e falecido no Rio de Janeiro (16/6/1846-9/3/1938). Pais de:

Placa colocada no solar do Colégio pela Marinha Nacional

Tn. 62) D. Leonor de Saldanha Ramiz Galvão fal.

Tn. 63) D. Maria Augusta de Saldanha Ramiz Galvão fal .

Tn. 64) Benjamin de Saldanha Ramiz Galvão fal.

Tn. 65) D. Ana, casada com Raul Vieira de Carvalho Wright, falecido. c. s.

Bn. 25) Dr. Manuel de Saldanha da Gama, falecido. Bacharel em matematicas Casou com d. Cecilia Carneiro Leão, filha de Braz Carneiro Leão e de d. Januaria Carneiro Leão. Pais de:

Digitized by Google

Tn. 66) Braz de Saldanha da Gama fal.
Tn. 67) D. Cecilia, casada com o seu primo Eduardo Carneiro Leão s.s.
Tn. 68) D. Helena, casada com Manuel Alcalá del Olmo c. s.
Tn. 69) D. Julia, casada, c. s.
Tn. 70) D. Laura, casada com Alberto Mora c. s.
Tu. 71) D. Silvia, casada com Pedro Arouche de Toledo.
Tn. 72) D. Stela.

N. 10) Tenente coronel Francisco de Paula Gomes Barroso. Nasceu e faleceu em Campos (2/4/1822-15/9/1892). Foi o terceiro proprietario da fazenda do Colegio, em cuja posse sucedeu a seus pais.

Coronel Paula Barroso

O já aludido biografo do almirante Saldanha da Gama manifesta-se sobre Paula Barroso, como era geralmente conhecido, nos seguintes termos: "Era um homem verdadeiramente notavel pelo talento e pelo coração; não tendo feito sinão ligeiros estudos regulares em sua mocidade, obrigado a fixar-se na propriedade rural que administrava, chegou a ter uma ilustração variada. Era um encanto a sua conversação. Em Campos, adoravam-no todos, pobres e ricos, moços e velhos". (20).

Podendo ter galgado as mais altas posições, a tudo renunciou, para dedicar-se ao culto de todas as virtudes domesticas e sociais e á filantropia, amparando a quantos o procuravam com o conforto moral ou com o auxilio material. Era um verdadeiro patriarca e a sua vida constituiu longo apostolado de beneficencia.

Aos 14 de Junho de 1875, recebeu a fazenda a visita do Imperador, da Imperatriz, do conde d'Eu e de numeroso e brilhante sequito. Aos imperiais visitantes e seu cortejo foi servido lauto banquete.

Paula Barroso, em sinal de regozijo pelo grato acontecimento, mas querendo revestir o seu gesto de toda a nobreza e modestia, sem ostentação, assinou, após a partida dos soberanos, a carta de alforria de cinco escravos, escolhidos d'entre os que mais falta fizessem aos serviços da casa, e lh'as mandou entregar por uma de suas netas. (21)

Com o seu grande descortinio, previu a inevitavel revolução social da abolição do elemento servil, e, portanto, a consequente transformação do trabalho na lavoura. Graças a isso, foi um dos poucos que se acharam preparados para arrostar com os efeitos que trouxe a lei de 13 de Maio de 1888. Antes da abolição, já os escravos do Colegio não eram efetivamente escravos, pois gozavam de regalias de verdadeiros colonos.

Ao terem conhecimento de sua libertação, muitos dos ex-cativos do Colegio, espontaneamente, ofereceram a Paula Barroso um ano de tra-

Digitized by Google

balho gratuito, em reconhecimento do bom cativeiro que haviam tido. Com receio, porem, de que viessem a desistir no meio da jornada, fizeram a Santo Inácio, padroeiro da Fazenda, a promessa de realizar uma grande festa em sua honra, si conseguissem chegar até o fim.

O compromisso foi cumprido e a festa realizada.

Ainda deveras expressiva foi a frase proferida, na mesma ocasião, por uma das escravas: "Não agradeço a liberdade que me dá, mas o bom tratamento que me deu", e chorou de gratidão.

Tendo militado durante algum tempo na politica local, filiado ao partido conservador, exerceu por vezes a vereação na cidade de Campos, de cuja camara foi presidente, aceitando tais cargos mais para comprazer a correligionarios que por ambição propria.

Foi uma figura altamente representativa das virtudes primaciais da velha nobreza rural fluminense. Por ocasião da sua morte houve quem escrevesse "que o seu nome haveria de passar nas asas da tradição ás gerações futuras como o tipo mais acabado do lavrador-cavalheiro no Brasil". (22).

Era cav. da ordem de Cristo e oficial da ordem da Rosa.

Casou com sua prima d. Joana Bernardina Vianna, filha do capitão Paulo Francisco da Costa Vianna e de d. Maria Joaquina do Nascimento Reis (ver). Pais de:

Bn. 26) D. Ana Bernardina, casada com o seu primo Domingos Francisco Barroso Nunes, falecidos. Pais de:

Tn. 73) D. Joana Bernardina, casada com o seu tio Pedro Francisco Barroso Nunes.

Tn. 74) D. Maria Teresa Barroso Nunes fal.

Tn. 75) D. Ana Carolina Barroso Nunes fal.

Tn. 76) D. Francisca de Paula Barroso Nunes fal.

Tn. 77) Francisco de Paula Barroso Nunes fal.

Tn. 78) Domingos Francisco Barroso Nunes fal.

Tn. 79) João Francisco Barroso Nunes, fal., casado com d. Edith Ribeiro c. s.

Tn. 80) D. Antonieta Augusta Barroso Nunes fal.

Tn. 81) Luiz Filipe Barroso Nunes, casado com d. Elza Fernandes.

Tn. 82) Joaquim Vicente Barroso Nunes, casado com d. Deocacina Salgado c. s.

Bn. 27) D. Maria Joaquina, casada com o seu primo João Francisco Nunes, falecidos. Pais de:

Tn. 83) D. Maria da Conceição, casada com Candido Alvaro Machado, falecidos. c. s.

Tn. 84) Dr. Sebastião Barroso Nunes, fal., casado com d. Maria da Conceição Robim de Rezende. s. s.

Bn. 28) D. Joana Carolina, fal., casada com o seu primo dr. Antonio Gomes de Carvalho Barroso, fal. em 14/10/1879. Pais de:

Tn. 85) D. Joana Antonieta Gomes Barroso

Digitized by Google

Tn. 86) D. Maria José, casada com Manoel Ribeiro de Barros c. s.
Tn. 87) Antonio Gomes Barroso fal.
Tn. 88) D. Antonia Isabel Gomes Barroso
Tn. 89) D. Francisca de Paula Gomes Barroso
Tn. 90) Paulo Antonio Gomes Barroso, casado com d. Estefania Leal c. s.
Tn. 91) D. Teresa Augusta, casada com Frederico March c. s.
Bn. 29) D. Francisca Benedita de Paula Barroso fal.
Bn. 30) Francisco de Paula Gomes Barroso fal.
Bn. 31) Major João Batista de Paula Barroso, casado com sua prima D. Maria Teresa de Oliveira Vianna, filha do comendador Candido Francisco Vianna e de d. Maria Luiza de Oliveira. Falecidos. Pais de:
Tn. 92) Candido Francisco Vianna Barroso fal.
Tn. 93) Francisco de Paula Vianna Barroso fal.
Tn. 94) D. Zulmira Vianna Barroso
Tn. 95) João Batista Vianna Barroso
Tn. 96) Carlos Vianna Barroso fal.
Tn. 98) Sergio Vianna Barroso
Bn. 32) Dr. Sebastião Gomes Barroso, bacharel pela Academia de Direito de S. Paulo em 1885. Falecido.
Bn. 33) Candido Francisco Vianna Barroso, fal., casado com d. Maria da Conceição de Barros. Pais de:
Tn. 99) Pericles de Barros Barroso fal.
Tn. 100) D. Joana Marta, casada com Gil Wagner c. s.
Tn. 101) Letelbe de Barros Barroso, casado com d. Maria Amelia de Vasconcellos c. s.
Tn. 102) D. Maria Candida, casada com Pedro Bath c. s.
Tn. 103) Francisco Otaviano de Almeida Barroso, casado com d. Maria da Penha Martins Manhães c. s.
Tn. 104) Mario de Barros Barroso, casado com d. Ursula Cordeiro.
Bn. 34) D. Benedita Isabel de Paula Barroso fal.
N. 11) Joaquim Vicente dos Reis Barroso. Nasceu em Campos, a 22/7/1829, e faleceu na Europa. Chamou-se primeiramente Joaquim Bernardino Barroso.
F. 3) D. Joana Bernardina. Nasceu em Campos e faleceu no Rio de Janeiro, a 29/8/1845. Escritor já por nós referido no-la representa "A mais moça das sinhasinhas era a mais retraída. De feições regulares e agradavel de semblante, era d. Joana Bernardina verdadeira "diletante" do luxo. Os seus mais exagerados requintes de toucador aureolavam de graça e de elegancia a austeridade do solar afidalgado". (23) Casou em 1822 com d. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma em Portugal e marquês de S. João da Palma no Brasil, natural de Lisboa, filho de d. José de Assis Mascarenhas Castelo Branco da Costa Lencastre, 4.º conde de Sabugal, senhor dos paços de Sabugal e de Palma, 9.º alcaide mor de Obidos e Selir,

Digitized by Google

e de sua mulher D. Helena Maria Xavier de Lima, filha dos primeiros marqueses de Ponte de Lima. Sem sucessão.

O marquês de S. João da Palma era conselheiro de Estado, senador do Imperio, presidente do desembargo do paço, regedor das justiças, condestavel, mordomo-mór do Imperador, grande do Imperio, gentil-homem da camara, grã cruz da ordem de Cristo e da ordem da Rosa, e membro do Inst. Hist. e Geogr. Bras.º Foi governador das capitanias de Goyaz, Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Nasceu em 30/9/1779 e faleceu em 6/3/1843.

Marquês de São João da Palma

— Dois visitantes estrangeiros na fazenda do Colegio — Auguste de Saint Hilaire e conde Charles d'Ursell.

Quando lá esteve Saint Hilaire, no primeiro quartel do seculo passado, o vetusto solar, cuja construção remonta a meados do seculo XVII, não mais pertencia ao coronel Joaquim Vicente dos Reis, falecido anos antes, em 1813, como já vimos.

Processava-se o seu inventario e na administração do vultoso patrimonio que constituia o espolio, estava a sua filha d. Ana Bernardina, a quem, na partilha, coube afinal a antiga propriedade jesuítica.

O naturalista francês deixou em uma de suas obras descrição do que era então aquele dominio e comentarios que julgamos interessantes:

"A habitação do Colegio tinha sido fundada pelos jesuitas, conforme já disse, e era a residencia de dois religiosos encarregados de administra-la. Esse imenso dominio foi, durante muito tempo, destinado á criação de gado, e haviam mesmo derrubado matas para formar pastagens.

"Somente alguns anos antes da extinção de sua ordem, é que os jesuitas começaram a cultivar a cana d'açucar no Colegio e aí construiram um engenho. Após a sua expulsão, a fazenda foi primeiramente administrada por conta do Rei; mas em 1781 foi posta em leilão e vendida por quinhentos mil cruzados (um milhão e quinhentos mil francos). O comprador havia morrido pouco tempo antes da minha viagem e parecia que seus herdeiros estavam a ponto de demandar.

"Embora o dominio venha a ser retalhado e os edificios venham a tombar em ruinas, o que sucede nas regiões do Brasil onde ha poucos habitantes e as comunicações são dificeis, não acontecerá aqui; as terras divididas não deixarão de ser cultivadas, porque nesse distrito a população é numerosa e o pequeno proprietario não se vexa de trabalhar com suas proprias mãos.

Digitized by Google

"Da fazenda do Colegio dependem varios milhares de cabeças de gado vacum, 1.500 escravos e cerca de nove leguas quadradas de terras, de que algumas se estendem até Macahé.

"A habitação propriamente dita tem um aspecto de grandeza a que se não está acostumado nessa região, onde tudo tem o cunho da mesquinhez e parece feito para durar somente um dia. Seguiu-se na construção do Colegio quasi o mesmo plano que em São Bento, mas se lhe deu maior desenvolvimento ás dimensões.

"Casinhas de negros construidas de tijolos e cobertas de telhas formam os tres lados de um pateo que tem cerca de 360 passos de comprimento por 250 de largura.

"Uma fachada comum á Igreia e ao convento forma um dos lados do pateo e no centro deste existe uma casa, certamente construida pelos jesuitas para servir de lugar de recreio aos seus indios e negros. Comparado ao resto da fundação o mosteiro propriamente dito não é de grande extensão; a igreja o separa em duas partes, e de cada lado desta há um pateo alongado compreendido entre ela e os edificios do convento.

"O engenho de açucar dá sobre o pateo. Por trás das casinhas que circundam o pateo e de que já falei, há uma ordem exterior de casinhas igualmente destinadas aos escravos, mas construidas com menor cuidado e cobertas de colmos, na maior parte. Em um dos lados da fazenda existe uma olaria e a alguma distancia ergue-se um edificio inteiramente isolado onde são tratados os doentes".

Pela descrição de Saint Hilaire, o mosteiro e a igreja formavam um conjunto grandioso de tres edificios: a igreja ao centro e uma habitação de cada lado. A casa que constituia a ala esquerda do conjunto foi demolida, mas a igreja e a ala direita não tombaram em ruinas e atualmente lá residem representantes da quarta e da quinta geração de Joaquim Vicente dos Reis. (24)

O outro visitante estrangeiro, o conde d'Ursell, secretario da legação dá Belgica, andou por aquelas plagas em 1875, na comitiva de Pedro 2.º, quando foi inaugurar a estrada de ferro Macahé a Campos.

Eis as suas impressões:

"Uma pequena linha ferrea que segue caprichosamente os meandros da estrada, num percurso de 20 quilometros, nos levou á casa do sr. Barroso, na fazenda do Colegio. Fôra outrora um colegio fundado pelos jesuitas, mas seus bens cairam depois em outras mãos, da mesma forma que, pouco a pouco, os bens do clero neste paiz (refere-se á França) têm passado para os compradores de bens nacionais, após a Revolução.

"Inicialmente nos foi mostrado o local onde se fabrica o açucar; vimos os cilindros compressores que extraem da cana um sumo esverdinhado; as caldeiras onde o liquido clarificado torna-se melaço; os condensadores onde o produto cristalizado em 24 horas dá o açucar; finalmente os cascos de ferro crivados de furos, por onde se escapam, graças á uma rotação rapida, todas as materias estranhas, ao passo que o açucar purificado por jactos de vapor permanece agarrado aos tubos.

Digitized by Google

"Após a inspeção da fabrica do sr. Barroso, voltamos á residencia do proprietario, onde nos esperava um esplendido festim." (25)

HOMENAGEM DA MARINHA NACIONAL

Em Abril de 1939, uma comissão composta dos comandantes Sebastião de Sousa e Xavier levou a Campos e fez inaugurar no solar do Colegio uma placa de bronze com os seguintes dizeres: "Á Fazenda do Colegio, berço de Saldanha da Gama, homenagem da Marinha Nacional."

Nessa ocasião, o comandante Sebastião de Sousa, o brilhante escritor que se oculta no pseudonmino de Gastão Penalva, compôs o inspirado soneto inserto abaixo:

FAZENDA DO COLEGIO

Fazenda do Colegio! Oh! quantas preces
rondam teu vulto enorme, noite e dia.
Pouso de sacrificio e de alegria,
terás dos ceus os premios que mereces.

Marco ilustre da historia me pareces
ao despontar da terra imensa e fria.
E á luz da lua, palida e erradia,
monumento sagrado, ainda mais cresces.

És toda um coração talhado em graça
nessa esmeralda esplendida e sem jaça
que são as tuas humidas campinas.

O que acalentas no teu seio egregio,
Só mesmo tu, fazenda do Colegio,
— berço de heróes, sepulcro de heroinas! (26).

TERMO DE ENTERRAMENTO DO CORONEL JOAQUIM VICENTE DOS REIS NA CAPELA DA FAZENDA DO COLEGIO

Aos dez dias do mez de Abril de 1813. Faleceu o dono desta casa e fazenda o coronel Joaquim Vicente dos Reis, com todos os sacramentos e com seu testamento, viuvo de d. Josefa Bernardina do Nascimento, deixando tres filhas: d. Maria Joaquina, a mais velha, casada com o capitão Paulo Francisco da Costa Vianna; a 2.a, d. Ana Bernardina do Nascimento, casada com o coronel Sebastião Gomes Barroso; e a 3.a, d. Joana Bernardina do Nascimento, ainda solteira. Foi sepultado na capela mor desta Igreja de sua Fazenda, na sepultura do meio (ininteligivel) teve oficio de corpo presente em que assistiu o vigario de São Gonçalo, e todos os mais clerigos e alguns da vila, e foi pelo mesmo encomendado, teve 2.º oficio de setimo dia nesta mesma capela geral, e teve 3.º oficio na Vila que lhe fizeram os herdeiros ás suas custas, na Igreja de S. Francisco, em que formou todo o Regimento de Milicias comandado pelo coronel Manoel dos Santos de Carvalho, e para constar a ver-

Digitized by Google

dade, fiz este assento, eu Sebastião Gomes Barroso, que o fiz e escrevi. Sebastião Gomes Barroso. (27)

ADENDA:

O contra almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama foi casado com d. Emilia Josefina de Melo, falecida, filha de José Caetano de Melo e de d. Auta Coimbra de Melo s. s.

NOTAS:

1) João Francisco Vianna faleceu em 26/10/1796. Residia em 1755 na Colonia do Sacramento.
2) Alberto Lamego. — "Mentiras Historicas", edição Record, Rio.
3) José Carneiro da Silva — "Memoria Topografica e Historica sobre os Campos dos Goitacazes", 1819.
4) São mencionados os seguintes parentes: irmãos — Teresa Rosa Vitoria, viuva do capitão Braz Veloso de Sequeira, Antonio Francisco Vianna, casado com d. Rita Ludovina, e José Antonio Vianna, todos residentes em Lisboa; tios — Paulo Francisco Vianna, fal. nas campinas do Rio da Prata, e João Francisco Vianna, fal. em Campos; sobrinhos — Paulino José Vianna e José Antonio Vianna, residentes no Rio de Janeiro; primo — José Francisco da Costa Vianna; cunhado — José Antonio da Costa Guimarães, do Rio de Jan.º; e Manoel Dias de Carvalho, irmão do seu sogro.
5) Alberto Lamego Filho — "A Planicie do Solar e da Senzala".
6) Mencionemos que certo João Vaz Caldas foi nomeado guarda-mór da Alfandega do Rio de Janeiro, em 1820.
7) Alberto Lamego Filho — Obra citada.
8) Ver artigos do autor: "Um campista notavel — O cons.º Joaquim Francisco Vianna", no "Monitor Campista", de 11/4/1933, assinado com o pseudonimo de Carlos Eduardo da Maia, e "A provincia de Goitacazes", na "Folha do Comercio" de Campos, de 9/8/1934; o do sr. Escragnole Doria "O cons.º Joaquim Francisco Vianna", na "Revista da Semana", de 15/8/1936; e a biografia do Conselheiro na obra "Inst. Hist. e Greogr. Bras.º — "Os Fundadores", do sr. Feijó Bittencourt.
9) Almanaque Laemert de 1863 — suplemento fls. 112.
10) Ver artigos do autor: "Em torno de uma mentira historica — A fundação de Petropolis", no "Correio da Manhã", de 30/10/1932; "O centenario de Petropolis — A ação que teve um campista como um dos promotores da sua fundação", na "Gazeta", de Campos, de 13/2/1938; e "João Caldas Vianna — A parte que teve na fundação de Petropolis e sua obra administrativa na terra fluminente", no "Jornal do Comercio", de 28/2/1943.
11) Ver Rev. Gen. Bras., 2.º semestre de 1943 — "Brasileiros da estirpe dos Almirantes Pessanha, de Portugal".
12) Charles F. Hartt — "Geologia e Geografia Fisica do Brasil".
13) Ver familia Costa Lima.

Digitized by Google

Coronel Joaquim Vicente dos Reis
1739-1813

"O mais poderoso vassalo que se conhecia no Brasil"

Digitized by Google

1) O solar dos Airizes, em Campos (Monumento nacional); 2) O palacete Pirapetinga, na cidade de Campos (Tombado pelo Serviço do Patrimônio Hist e Art. Nacional); 3) O solar do Colégio, em Campos (Monumento nacional).

Digitized by Google

14) Charles F. Hartt — obra citada.
15) J. E. Macedo Soares —"O contra almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama".
16) Alberto Lamego Filho — obra citada.
17) Ver "Monitor Campista", de 5/12/1861.
18) Arquivo do Exercito — Março 15 doc. 491.
19) Ver artigo do autor "Heroe e Martir — O contra almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama", no "Monitor Campista", de 24/6/1933, assinado com o pseudonimo de Carlos Eduardo da Maia.
20) J. E. Macedo Soares — obra citada.
21) Jornal do Comercio, do Rio de Jan.º — "Viagem Imperial a Campos", em Junho e Julho de 1875.
22) Artigo do "Paiz", do Rio de Jan.º, de 18/9/1892 — "Francisco de Paula Barroso". Ver art.º do autor "Um varão de Plutarco", no "Monitor Campista", de 15/9/1934.
23) Alberto Lamego Filho — obra citada.
24) Auguste de Saint Hilaire — "Voyage dans le Distrit des Diamants et sur le littoral du Brésil".
25) Conde Charles D'Ursell — "Sud-Amerique.
26) A heroina campista Benta Pereira foi enterrada na capela da Fazenda.
27) Arquivo do autor.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do capitão de mar e guerra Lucas Alexandre Boiteux, do Rio de Janeiro:

"Recebi com grande prazer e muito agradeço o fascículo n.º 9, 1.º semestre de 1944, e ano 5, da *"Revista Genealógica Brasileira"*, publicação que muito honra nossas letras históricas pela preciosa mêsse de noticias e informações que encerra relativas aos nossos troncos seculares e suas (ilegível)".

Do sr. Alvaro Augusto Lopes, na "Tribuna", de Santos, de 26-V-1944:

"ANUARIO GENEALOGICO BRASILEIRO" — Acaba de aparecer o "Anuário Genealógico Brasileiro", a utilíssima publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, da capital, sob a direção do historiador, coronel Salvador de Moya, que se acha no seu 6.º ano de existência. Dois magníficos trabalhos editoriais enchem completamente quase este volume, o que denota a grandeza da sua importância: uma exaustiva pesquisa em torno dos descendentes de Amador Bueno, o aclamado, que vai das páginas 54 e 209, e uma pormenorizada documentação intitulada "Brasões de Portugal", seguida de 1459 reproduções gráficas de descrição brasonária feita no texto. São dois valiosos estudos que por si só recomendam este Anuário, além de numerosos informes que o tornam sempre digno do apreço dos genealogistas do país.

Do sr. Alvaro Augusto Lopes, na "Tribuna", de Santos, de 28-V-1944:

"REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA" — Está publicado o número 9 do ano V, correspondente ao primeiro semestre de 1944, da "Revista Genealógica Brasileira", órgão do Instituto Genealógico Brasileiro, que se edita na capital, sob a competente direção do consagrado historiador patrício coronel Salvador de Moya. Primorosamente impressa em bom papel, ornada de nítidas e sugestivas gravuras, a presente publicação como de costume vem repleta de copiosas informações e artigos de colaboração subscritos por nomes de evidência, nesse gênero de estudo, além de várias secções redatoriais sôbre assuntos afins, como galeria biográfica, noticiário, etc.

Unica existente em nosso país, com este caráter especializado, "Revista Genealógica Brasileira", apesar de atravessar imensas dificuldades materiais próprias da época, vem conseguindo vencer e prestar ótimos serviços neste ramo científico.

Digitized by Google

"CATALOGO GENEALÓGICO", de frei Jaboatão. Reedição do Instituto Genealógico Brasileiro. Anotada, revista e ordenada pelo sr. Afonso Costa, do Instituto Histórico da Bahia e Presidente da Academia Carioca de Letras.

Inscreveram-se para adquirir um exemplar os snrs.: 1) S. Excia. Revma. Conde Dom José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral; 2) Dr Afonso Rui de Sousa, Diretor da Imprensa e Propaganda, da Bahia; 3) Amilcar Montenegro Osorio, do Rio de Janeiro.

* * *

Nosso consocio Amilcar Montenegro Osorio está organizando um estudo sôbre a família Montenegro e agradecerá qualquer dado ou notícia que lhe fôr remetida a respeito para a Caixa Postal 1876 — Rio de Janeiro.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Décio de Vasconcelos, de Belo-Horizonte:

"Felicitações pela publicação do n.º 9 da *Revista Genealógica Brasileira*, referente ao 1º semestre de 1944. Com uma pontualidade admiravel, foi distribuida nos primeiros dias de janeiro, apresentando, como sempre, materia farta e do maior interesse, revisão cuidadosa e ótima feição gráfica. No periodo que atravessamos, pleno de dificuldades de toda a ordem, essa continuidade de publicação chega a surpreender os mais otimistas!"

Do coronel Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, de Florianopolis:

"Acabei de receber a *Revista*, já em seu n.º 9, dêste 1.º semestre de 44, como já havia recebido os nos. 1, 2 e 3 dos *Indices Genealógicos* e 5 e 6 da *Biblioteca* que apreciei devidamente, e por cuja pontualidade muito lhe sou grato. O *Instituto* (e o sr. é que é verdadeiramente o *Instituto*) vai realizando, assim, essa obra singular, e quasi inacreditavel tanto para ela seriam necessárias a paciências, o método, a erudição e a tenacidade de uma legião de beneditinos de muito valor! Estou cada vez mais deslumbrado dessa obra, que não hesito situar entre os mais altos empreendimentos e os esforços mais ingentes e brilhantes de nossa cultura. "Sinceras condolências pela perda de seu filho, que um mau destino arrebatou ás esperanças do Brasil e ao carinho da familia, e de cumprimentos pela estoica resistência com que a todos os golpes vai sobrepondo o seu ânimo resoluto, o seu substancioso e esplendido trabalho e o seu magnifico exemplo!."

Do sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"Acuso o recebimento do n.º 9 da Revista Genealógica Brasileira e mais uma vez expresso minha admiração pelo generoso esforço que um pugilo de abnegados, com o distinto amigo à frente, vem dispendendo em prol do desenvolvimento dos estudos genealógicos em nosso país, de cujo esforço o último exemplar da referida publicação constitúe magnifica e primorosa demonstração."

Do dr. José Guimarães, de Ouro Fino:

"Valho-me desta oportunidade para comunicar o recebimento do n.º 9 da Revista, como sempre, repleta de materia de grande interesse."

Do dr. Rafael Cantinho Filho, do Rio de Janeiro:

"Acuso com prazer o recebimento do n.º 9 da Revista Genealógica Brasileira. Como sempre interessante e erudita a Revista."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE S. PAULO
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Achegas a um brasonário paulista

Notas histórico-genealógicas (★) de
F. de A. Carvalho Franco
Notas heráldicas (★★) de
Roberto Thut

II

FRANCISCO GARCEZ BARRETO

Os Garcezes de São Paulo provêm deste fidalgo cuja carta de brasão-de-armas foi passada em Lisbôa a 6 de maio de 1644 e registada no respectivo cartório por Antônio Coelho, Rei de Armas Portugal e na câmara de São Paulo, pelo escrivão Manuel da Luz Silveira, aos 27 de agosto de 1747.

Consta dessa sua carta o seguinte: "...capitão Francisco Garcez Barreto sargento-mór da capitania de São Vicente e São Paulo das partes do Brasil, na qual petição me enviou a dizer que do instrumento que apresentava, constava ser filho legitimo de Manuel Garcez Barreto e de sua mulher Isabel de Almeida dé Azevedo e neto de Antônio Garcez e de sua mulher Genebra Barreto os quais foram moradores da vila de Almeida de onde êle suplicante é natural e foram pessoas muito nobres e como tais se tratavam servindo na dita vila os cargos honorificos e oficios nobres dela e eram cristãos velhos sem raça de mouros ou judeus e finalmente descendia assim por via paterna como materna das nobres gerações dos Garcezes e dos Barretos do Algarve e Almeidas e Fonsecas que neste reino são fidalgos de geração e cóta de armas". (1)

Da sua patente de sargento-mór da capitania de São Vicente e São Paulo, dada por d. João IV, a 7 de março de 1644, consta o seguinte: "...tendo em consideração aos serviços que Francisco Garcez Barreto tem feito a esta corôa nas guerras do Brasil por espaço de treze anos continuos, desde 1630 até o de 1643, de soldado e capitão e sargento-mór e com sua pessoa e escravos se achar nas baterias e assaltos que o inimigo deu por

(★) Texto composto em "redondo".
(★★) Texto composto em "grifo".
(1) Registo Geral, VIII, 499 e segs.

Digitized by Google

vezes na ilha de Itamaracá, até de todo a render dispendendo muito de sua fazenda na defensão daquela praça e largando tudo o mais, que no distrito dela possuia, quando se retirou com sua mulher e filhos para o arraial de Pernambuco, e nas brigas que depois houve na Paraíba, Porto Calvo e no sitio da cidade do Salvador posto pelo conde de Nassau no ano de 1638, proceder como bom soldado e da mesma maneira se haver ultimamente na disposição das cousas da milicia e fortificação da capitania de São Vicente, servindo de sargento-mór dela: — Hei por bem de lhe fazer mercê, em satisfação de tudo, da propriedade do cargo de sargento-mór da mesma capitania de São Vicente e São Paulo, na forma que lhe estava dado pelo marquês de Montalvão, sendo Vice-Rei do Brasil, etc.". (2) — Tomou posse em 13 de dezembro do mesmo ano de 1644.

Nas "Portarias do Reino" lê-se que pelo mesmo motivo, além de confirmado no posto de sargento-mór, fôra tambem amerceado com o ofício de provedor das minas do Estado do Brasil, em 4 de março de 1644 (3). Escreve Pedro Taques: "Quando o marquês de Montalvão, d. Jorge Mascarenhas, proveu ao dito Francisco Garcez Barreto em sargento-mór da capitania de São Vicente por patente datada da Bahia a 22 de novembro de 1640, e pela qual tomou pósse no primeiro de fevereiro de 1641, lhe relata os serviços feitos em Pernambuco, em Itamaracá e na Paraíba, que vem a ser os mesmos já referidos acima. Estando servindo de sargento-mór, veiu a Santos Salvador Corrêa de Sá e Benavides (4), e confirmando-o no mesmo posto que ocupava pela patente do marquês de Montalvão, lhe relata os serviços com maior individuação: Na capitania de Itamaracá, quando o inimigo holandês a intentou tomar com armada de quatorze naus e vinte e tres lanchas, em abril de 1631 (5), onde procedeu muito honradamente por espaço de um mês, que durou o cerco, metendo socorros e mantimentos nela para remedio da infantaria; e quando o inimigo entrou pela barra do Catuama (6) com dois patachos e sete lanchas, trabalhou e assistiu em uma plataforma, que fez para jogar a artilharia, que obrigou o inimigo a retirar-se com muito dano; assistiu e pelejou na bateria real feita ao forte, que o holandês tinha na entrada da barra. Achou-se outra vez na dita capitania quando a ela veiu o inimigo com dez naus e quatorze lanchas em 3 de fevereiro de 1632 (7), onde se houve com conhecido valor. Este mostrou tambem no grande assalto, que de noite deu o inimigo terceira vez contra aquela praça, lançando em terra dois mil quinhentos homens de guerra, não havendo na praça mais de sessenta pessoas, entre as quais foi o dito sargento-mór, que então retirou sua casa com quatro filhas donzelas para a Paraíba, onde se achava quando a ela foi o inimigo a render essa

(2) Documentos Interessantes, vol. 48, págs. 51 a 53.

(3) Inventário dos livros das portarias do reino — Lisbôa, 1909, I, 89.

(4) Salvador Corrêa de Sá e Benavides deixou o Rio de Janeiro com destino à capitania de São Vicente a 19 de março de 1642, tendo passado a jurisdição de seu cargo a Duarte Corrêa Vasqueanes.

(5) Em José de Vasconcelos vem o dia 22 de abril de 1631. Datas célebres — Pernambuco, 1872.

(6) Catuama fica na parte setentrional da ilha de Itamaracá.

(7) Varnhagen — Ed. Weiszflog, II, 296.

Digitized by Google

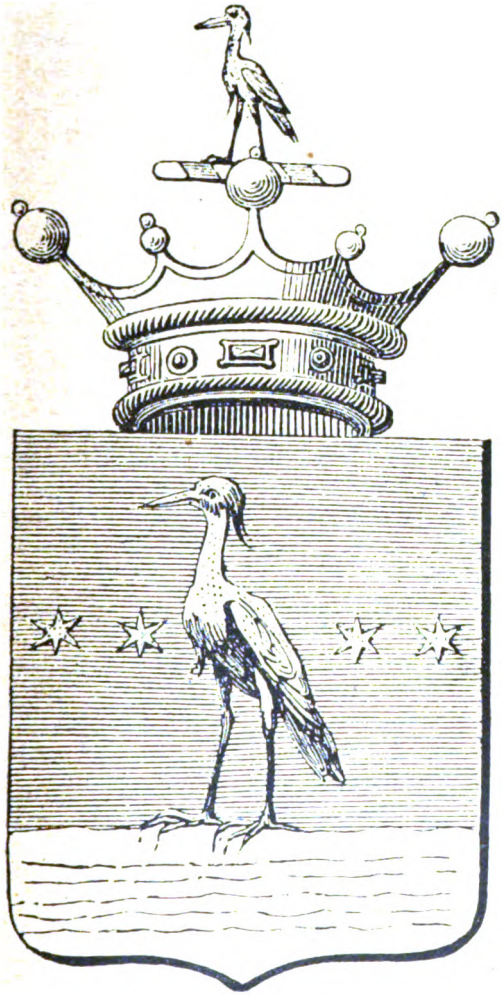


Fig. 1 — Reprodução das armas do 1.º Visconde Garcez, que figura na obra de Albano Silveira Pinto, nas quais vemos que o termo "ribeira" foi interpretado, no desenho, como sendo um "mar".

Digitized by Google

cidade com quatro mil homens em 4 de dezembro de 1634 [8], servindo o cargo de ajudante, em que procedeu com muito valor; e então lhe matou o inimigo na fortaleza a seu sobrinho Antônio Teles Barreto. Achou-se tambem no Porto Calvo; depois se achou na cidade da Bahia do Salvador, quando o conde de Nassau a sitiou [9], e então ocupou o posto de capitão de infantaria do terceiro de Portugal, em que se portou com valor; e perdeu o inimigo nesses assaltos acima de dois mil homens. Achou-se segunda vez na mesma cidade quando a ela voltou o inimigo com grossa armada, etc. — Dada no porto da vila de Santos a 16 de setembro de 1642.

"Da Bahia, prossegue Pedro Taques, veiu o sargento-mór Francisco Garcez Barreto para a vila de Santos, no estado de viuvo, com quatro filhas donzelas, nos fins do mês de janeiro de 1641 e tomou posse do emprego de sargento-mór da capitania de São Vicente em que vinha provido pelo dito marquês de Montalvão; fez o seu estabelecimento na vila de Santos. O sr. rei d. João IV lhe fez mercê do lugar de provedor da casa de fundição dos reais quintos de ouro da capitania de São Paulo, com alvará de poder com este ofício dotar a uma de suas quatro filhas, no ano de 1645 [10] e neste mesmo ano, em dois de abril, se estabeleceu em São Paulo a real casa de fundição pelos administradores gerais das minas da capitania de São Vicente e São Paulo, Salvador Corrêa de Sá Benevides, e seu tio Duarte Corrêa Vasqueanes, aos quais creou administradores gerais das minas o sr. rei d. João IV, com instrução que lhes deu para observarem nesta administração, datada de Lisbôa a 7 de junho de 1644 [11]. Em 1650 foi o sargento-mór Francisco Garcez Barreto provido em provedor dos defuntos e ausentes, capelas e resíduos da capitania de São Vicente, de que tomou posse a 15 de agosto do mesmo ano [12]. Era morador na cidade do Porto Francisco Garcez Barreto, e cidadão daquela câmara e casado na dita cidade com d. Marta da Fonseca, com a qual, e quatro filhas se passou para a capitania de Itamaracá, em Pernambuco, e sua mulher faleceu na Bahia."

Até aqui Pedro Taques. Como provedor das minas de São Paulo, muito pouco encontramos referente a ação de Garcez Barreto. Sabemos apenas que a 13 de julho de 1645 requisitava uma duzia de índios para auxílio das diligências auríferas de Duarte Corrêa Vasqueanes e a 23 de setembro do mesmo ano comparecia na câmara de São Paulo reclamando providências quanto aos índios do real padroado para extração do ouro [13]. Ao capitão-mór vicentino Manuel Pereira Lobo, havia o governador-geral recomendado em carta de 29 de junho de 1650, muitas providências refe-

(8) Vasconcelos — Datas Célebres — I, 141. — Rio Branco, Efemérides — Rio, 1918, página 566.

(9) O cêrco da Bahia por Nassau começou a 20 de abril e terminou a 25 de maio de 1638. Cf. Rio Branco, cit., 240-284.

(10) O alvará é de 7 de março de 1644 e não 1645. — Documentos Interessantes, XLVIII, 55.

(11) A provisão de 7 de junho de 1644 nomeou a Salvador Corrêa de Sá para administrador-geral das minas de São Paulo. A 10 de junho do mesmo ano foi expedido o respectivo regimento — Cf. Rev. Trim. LVI, 110. — Carvalho Franco — "Os Corrêa de Sá na historia das minas de São Paulo". — "Estado de São Paulo" — 1 de julho a 7 de outubro de 1941. — São vinte artigos, devendo-se para este ponto consultar o artigo n.º XI.

(12) Registo Geral, II, 234.

(13) Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, — VIII, 392. — Atas da Câmara de São Paulo — V, 246.

Digitized by Google

rentes às minas e este foi um dos motivos que originaram grandes dúvidas entre esse capitão-mór e Francisco Garcez Barreto, dúvidas que o governador-geral mandava devassar por provisão de 15 de março de 1651 (14).

As armas desse fidalgo foram mandadas registar na câmara de São Paulo em 26 de agosto de 1747, por Manuel Monteiro, casado com Josefa Garcez da Silva, terceira neta do sargento-mór. O original da carta se achava então em mãos de Carlos Garcez Barreto, morador em Paranaguá e foi transladado por Manuel Pereira, tabelião naquela cidade, em 7 de agosto de 1714.

A descrição das ditas armas é a seguinte: "Um escudo posto ao balom, esquartelado: — ao primeiro dos Garcezes, o campo azul, e nêle uma garça de ouro armada de prata e picada de azul posta com os pés em uma ribeira, entre quatro estrelas de ouro; ao segundo dos Barretos que trazem o campo de prata semeado de arminhos negros; o terceiro dos Almeidas, o campo vermelho com seis arruelas de ouro entre uma doble cruz de ouro e bordadura do mesmo; ao último dos Fonsecas, o campo de ouro e nêle cinco estrelas de vermelho, de oito pontas cada uma e por timbre dos Garcezes a mesma garça das armas. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metais e côres das armas, e por diferença uma brica de ouro". Este brasão traz a data de Lisbôa, 6 de maio de 1644. José de Souza Machado porém, citando estas armas, diz que foram concedidas em abril desse ano e que a brica de ouro concedida por diferença tem um cardo verde florido de vermelho (15).

Do seu casamento com d. Maria da Fonseca, teve Francisco Garcez Barreto, como referimos, quatro filhas, das quais temos notícia das seguintes:

I. — Maria Garcez Barreto, que foi casada com Pascoal Afonso, o qual Pedro Taques diz ter vindo para a capitania vicentina com mais tres irmãos que constituiram a família dos Afonsos Gaya. Pascoal Afonso em virtude desse casamento tornou-se provedor das minas de São Paulo, cargo que ocupou por mais de vinte anos, até falecer em Santos, em 1672, percebendo o ordenado de quatrocentos cruzados anuais. Substituiu-o, por provisão régia de 23 de fevereiro de 1673, Manuel Rodrigues de Oliveira, seu genro (16). Pedro de Sousa Pereira, administrador-geral das minas que substituiu a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, deu péssima informação sôbre a atuação de Pascoal Afonso em tal mistér, na carta a El-Rei datada da Vila de Itanhaem, 20 de maio de 1653 (17). Na documentação paulista porém consta que Pascoal Afonso cuidou sempre, satisfatoriamente, do seu emprego (18).

Deixou Maria Garcez Barreto do seu casamento duas filhas, que se casaram distendendo a geração.

II. — Isabel Garcez que foi casada com Duarte de Barros de Araujo, cavaleiro fidalgo, senhor de engenho de açucar, deixando geração.

(14) Documentos Históricos — III, 75. — Registo Geral, II, 260.
(15) Registo Geral, VIII, 501. — José de Souza Machado — Brasões Inéditos — Braga, 1906. — pág. 60.
(16) Pedro Taques "Nobiliarchia" — Rev. Trim. XXXIV, 1.ª, 110. — Registo Geral III, 171.
(17) Anais da Biblioteca Nacional, XXXIX, 204-205.
(18) Atas, cit., V, 391-392. — Carvalho Franco — Os Corrêas de Sá, cit., artigos XIV e XV.

Digitized by Google

NOTAS HERÁLDICAS

Antes de entrarmos na apreciação das armas de Francisco Garcez Barreto, julgamos oportuna e necessária uma ligeira explicação das normas orientadoras por nós seguidas na confecção dos brasões para esta série de "Achegas a um Brasonário Paulista".

É sabido que, em Heráldica, basta a descrição de um brasão para que se possa reproduzí-lo fielmente num desenho. Entretanto, para isso, é necessário muita precisão e propriedade na maneira de brasonar, particularidades essas que nem sempre vamos encontrar nas cartas de brasão-de-armas. Daí o fato de não terem sido pequenas as dificuldades por nós encontradas para desenhar, com acêrto, os brasões dêste trabalho. Ora descrições confusas; ora a falta de precisão e propriedade a que já nos referimos; ora omissões de grande importância; ora, enfim, um flagrante desacôrdo com outras fontes.

Todos quantos se dedicam às investigações heráldicas não desconhecem êstes tropeços, que colocam os desenhadores de brasões em situação bastante embaraçosa.

Porisso, procuramos resolver as dificuldades de acôrdo com cada caso que se nos apresentava, estudando e rebuscando tudo quando pudesse esclarecê-lo. Excetuando os casos omissos, obscuros e de flagrante êrro, procuramos sempre nos cingir aos textos das cartas de brasão, porquanto certas divergências não podem ser interpretadas como êrro. Muito embora pudessem os Reis-de-Armas ter errado, lembremo-nos entretanto que tinham êles autoridade bastante para conceder armas especiais ou com determinadas diferenças, tais como alterando características de peças e figuras, acrescentando-as ou diminuindo-as, alterando os esmaltes, etc. Tais fatos, pois, poderiam ter sido propositais.

Tal orientação, entretanto, não impediu que suprissemos certas deficiências e flagrantes descuidos ou impropriedade de expressão, ora não se especificando o número exato de peças de uma figura, ora referências paradoxais a um "partido em faxa", ora denominando-se um besante de arruela e, assim, outros análogos.

As dúvidas que se nos apresentaram, procuramos esclarecê-las através destas "notas heráldicas".

É possível, apesar de tôdas as nossas cautelas, que também tenhamos cometido algum engano, mas, como já dissemos, nas pesquisas heráldicas casos há em que é impossível certeza, pelas razões já expostas. Isto aliás não se dá sòmente na Heráldica, mas em tôdas as atividades. Não é raro um historiador apresentar determinada significação a um fato histórico ou tirar conclusões supostamente irrefutáveis, para depois êle próprio encontrar outros elementos, às vêzes antagônicos, que virão destruir suas primitivas conclusões

Digitized by Google

Porisso, só teremos motivo para agradecer a todos que nos apontem falhas ou erros, por ventura encontrados nestas "notas heráldicas" e nos desenhos dos brasões.

* * *

Passemos, agora, a analisar o brasão-de-armas de Francisco Garcez Barreto.

1.º quartel — *Na atualidade, todos quantos desejam estudar os brasões portuguêses não podem deixar de consultar o consagrado armorial de Santos Ferreira, a maior autoridade moderna da heráldica lusitana* (19).

Assim o fizemos sempre, antes de executar os desenhos desta obra.

Daí a razão pela qual nos intrigou imensamente a divergência de particularidades das armas dos Garcez, oriundos de João Garcez, consignadas no citado armorial (20), *em confronto com a descrição da carta de brasão de Francisco Garcez Barreto. O mais curioso ainda é que tanto Vilas-Bôas* (21) *como Sanches de Baêna* (22) *atribuem, aos mesmos Garcez, as mesmas armas descritas na dita carta de brasão, em flagrante desacôrdo com Santos Ferreira, ou melhor neste último se encontram armas diferentes, não mencionando as descritas na carta de brasão e nos dois outros autores.*

A divergência se encontra na existência de uma "ribeira" e na postura da garça. Segundo a carta de brasão-de-armas do presente capítulo e o que consignam Vilas-Bôas e Sanches de Baêna, as armas dos Garcez (de João Garcez) são, em melhores termos, as seguintes: Em campo azul uma garça de ouro, armada de prata e bicada do campo, acompanhada de quatro estrêlas do primeiro metal, postas 2 e 2; a garça sustida por uma ribeira (aliás uma "onda") de prata aguada de azul.

Já Santos Ferreira assim descreve as armas de João Garcez: "De azul, com uma garça de ouro recatada, acompanhada de quatro estrêlas do mesmo, postas 2 e 2". Para um melhor confronto, vejamos como as descrevem Baêna e Vilas-Bôas. Diz o primeiro: "Em campo azul uma ribeira de prata ondada de água, saindo dela uma garça de oiro armada de prata, entre quatro estrêlas de ouro, de seis pontas, duas de cada banda em faxa".

Sanches de Baêna, após a descrição acima, anota o seguinte:

> *"Esta mercê foi feita em Evora a 6 de novembro de 1481 e acha-se registrada no liv. II dos Místicos, fl. 143. Êste registro não combina com o que acima ficou dito".*

---

(19) *Santos Ferreira (Major Guilherme Luis) — "Armorial Português", Lisbôa, 1920-23.*

(20) *Brasão n.º 686.*

(21) *Vilas-Bôas e Sampaio (Antônio de) — "Nobiliarchia Portugueza", Lisbôa, ed. de 1676, 1708 e 1754.*

(22) *Sanches de Baêna (Visconde de) — "Archivo Heráldico Genealógico" e "Indice Heráldico", Lisbôa, 1872.*

Digitized by Google

Sanches de Baêna viu-se obrigado a consignar tal nota, porque as armas que se encontram a fls. 143 do livro II dos Místicos (Chancelaria de d. João II), estão assim brasonadas:

> *"Uma garça de ouro em campo azul e esta recostando-se (aliás "recatando-se") posta direita ao longo do escudo que se acha no blazam, em pala entre quatro estrellas d'ouro que ficam atravez do escudo como faxa e ao longo tambem em pala".*

Vemos aí que a descrição do livro dos Místicos está de acôrdo com Santos Ferreira.

Vilas-Bôas consigna, para os que procedem de João Garcez, as armas seguintes: "Em campo azul huã ribeira e em ella huã garça de ouro armada de prata e picada de azul, entre quatro estrellas de ouro postas no campo, duas de cada banda".

Tendo em vista a orientação seguida na execução dos brasões do presente trabalho, nada mais nos restaria que desenhar o dos Garcez tal como está descrito na carta de brasão, pouco importando, no caso, a divergência acima exposta. Todavia, devido a uma particularidade heráldica na garça, não nos satisfizemos com a resolução cômoda de seguir à risca o texto da carta de brasão, sem estudarmos convenientemente o assunto. Constitue essa particularidade no seguinte: Uma das características peculiares da garça é achar-se de perfil e recatada, *isto é, com a cabeça por baixo da asa esquerda, bem como com a perna esquerda encolhida.*

Poderia parecer que, não havendo indicação em contrário e sendo essa uma de suas características, dispensava-se a alusão de se achar a garça recatada. Mas é de se vêr que, no texto da carta de brasão, se diz claramente "com os pés" (no plural) "numa ribeira" e, além disso, "picada (aliás, bicada) de azul". Ora, se estivesse com a perna esquerda encolhida os dois *pés não estariam na ribeira e, se fôsse "recatada", não se veria o* bico, *que se acharia então coberto pela asa esquerda. Daí se conclue claramente não se tratar de um simples engano ou êrro. Houve evidentemente o propósito de se consignarem diferentes atributos à garça.*

Entretanto, sendo assim, não podiamos compreender a razão pela qual Santos Ferreira não consignou as duas diferentes armas, sendo certo que, em vários casos, por simples diferença de timbre, não deixa de fazer a devida distinção.

Como um estudo genealgico dos Garcez talvez nos esclarecesse êsse ponto, procuramos proceder a tal estudo, mas infelizmente as obras genealógicas ao nosso alcance nada dizem a respeito dessa família. O único trabalho que encontramos é o de J. H. da Cunha Rivara, sôbre João Garcez [23], *o qual podemos assim resumir:*

Afonso Garcez era filho de Lopo de Azevedo e Catarina Garcez. Esta veiu de Aragão com a infanta d. Isabel que se casou com o infante

---

(23) Êsse trabalho, intitulado "João Garcez", se encontra no "O Panorama" (vol. XI. pág. 189/9, Lisbôa, 1844), raríssima publicação periódica, da biblioteca de Carvalho Franco.

Digitized by Google

d. João. Afonso Garcez nasceu no Pôrto e foi secretário dos reis d. Afonso V e d. João II, sendo o tronco originário dos Garcez cujas armas são descritas em Vilas-Bôas (armas de Afonso Garcez) e em Santos Ferreira (brasão n.º 685). Deve-se notar que suas armas não eram "parlantes", isto é, nelas não se encontra uma garça; é um escudo partido de dois traços e cortado de um, formando seis quarteis, cuja descrição nos dispensamos, por desnecessária à nossa explanação.

Casou-se Afonso Garcez com Isabel Fernandes, dando assim origem aos Garcez de Arraiolos. O segundo filho dêsse casal foi João Garcez, fundador do convento dos Lois, que foi casado com Leonor de Abreu, filha de Vasco Queimado.

Êsse João Garcez fez testamento em 12 de agôsto de 1539, que fôra aberto a 10 de agôsto de 1542, época em que naturalmente teria ocorrido a sua morte, mas no espitáfio de seu túmulo, que se encontra no convento de que foi fundador, está gravada a data de 5 de agôsto de 1547.

Não se sabe a data em que João Garcez nasceu e, por conseguinte, com que idade faleceu.

Em 6 de novembro de 1481 se passou em Évora a carta de brasão-de-armas a que alude Sanches de Baêna e se acha registrada a fls. 143 do livro II dos Místicos da Chancelaria de d. João II (Biblioteca Pública Evorense. Cod. CXVII - 1,7).

Essa carta refere que João Garcez "em 25 anos de serviço se achara na tomada d'Alcacere em Africa em tempo d'el-rei d. Afonso V"...Ora, quem, em 1481, já tivesse 25 anos de serviços prestados, deveria ter uma idade superior a 40 anos e, assim, não poderia ser o mesmo que faleceu em 1542 ou 1547. Mas é J. H. da Cunha Rivara que esclarece o fato, mostrando que êsse João Garcez a que foi passada carta de brasão em 1481 não é filho 2.º de Afonso Garcez, mas um primo co-irmão dêste, ou seja primo-tio ou primo em 2.º grau do outro João Garcez que pertencia à família de Arraiolos.

Esclarece-se então que João Garcez, fundador do convento de Loios, usava as armas de seu pai, Afonso Garcez, tal como se acham esculpidas em seu túmulo e constituidas de seis quarteis.

Já as armas registradas no livro II dos Místicos se referem, pois, a outro João Garcez, de que descendem os Garcez Palha. São, enfim, as armas que os armoriais denominam "de João Garcez".

Esclarecida a questão genealógica, resta-nos saber a causa da divergência de atributos heráldicos, apontada no início destas notas.

Não encontramos documentação alguma capaz dêsse esclarecimento, o que não impede uma análise, para estabelecermos deduções. Para tanto, passemos a examinar o texto da carta de brasão de Francisco Garcez Barreto, quanto ao 1.º quartel.

Diz a referida carta: "...o campo azul e nelle uma garça de ouro armada de prata e picada de azul posta com os pés em uma ribeira, entre quatro estrellas de ouro".

Digitized by Google

A primeira dúvida, vamos encontrar na expressão "picada". Êste termo corresponde a salpicada e, assim, encontram-se comumente, na armaria portuguêsa, figuras heráldicas de uma côr picadas *de um metal ou vice-versa. No caso presente, é de se vêr que não foi essa particularidade que se quis indicar, pois se assim fôsse viria tal indicação logo após o enunciado do esmalte da garça, ou seja, "uma garça de ouro picada de azul". Mas essa particularidade foi colocada depois de se indicar a garça como sendo "armada de prata" (com unhas de outro esmalte), de onde se conclue que se quis dizer que a referida ave é* "bicada *de azul" (com o bico de outro esmalte).*

Temos, portanto, na realidade, uma garça de ouro, armada de prata e bicada de azul, *mas o livro II dos Místicos, da Chancelaria de d. João II, se refere a uma "garça de ouro em campo azul e esta recostando-se". Primeiramente, trata-se de um êrro tipográfico do citado trabalho de Rivara (de onde transcrevemos o texto do registo do livro II dos Místicos), pois Sanchez de Baêna, sob n.º 1.160, também consigna o referido registo e, assim, vemos que a garça não está "recostando-se" mas "recatando-se". Supomos que, ignorando-se talvez o que significaria a expressão "recatando-se", não se tenha dado importância alguma a essa particularidade ou então que, sendo uma das suas características a garça se achar "recatada", em posteriores cartas de brasão, não se especificou tal particularidade. Daí se originou, a nosso vêr, a primeira divergência, isto é, passou-se a desenhar a garça sòmente de perfil, como outra qualquer ave que não tenha postura peculiar.*

Resta ainda a outra divergência e que diz respeito ao fato de se encontrar a garça numa "ribeira". Para tanto, comecemos por examinar o que venha a ser "ribeira".

Conforme já explicamos no I capítulo, referente a Pedro Taques de Almeida [24] *e que aqui vamos repetir para facilitar ao leitor, a "ribeira" nada mais é que uma "faxa ondada" (que também poderá ser uma "banda ondada" se assim fôr indicado), tendo porisso, a mesma largura e ocupando o mesmo lugar da faxa. Mas é de se vêr que, tendo a faxa a largura de 2 módulos e que alguns autores, como Santos Ferreira, lhe dão a largura maior, correspondente a um terço da do escudo, o espaço do campo do escudo, acima da faxa, é bastante diminuto para conter uma figura esgalgada como seja a garça.*

Daí a nossa suposição de que se trata, no caso, de uma "onda" e não uma "ribeira". Isto porque a onda é também uma faxa-ondada, porém de menor largura, localizando-se abaixo do lugar comum da faxa, próximo à ponta do escudo, de sorte a oferecer um espaço adequado a conter uma figura verticalmente alongada.

Podemos afirmar convictamente tratar-se de uma "onda" e não de uma "ribeira", pelo errôneo emprêgo de vocábulo, êrro êsse de que não escapa o próprio Santos Ferreira que, no "Vocabulário" da sua citada obra, nos

(24) "Revista Genealógica Brasileira" n.º 9, ano V, 1.º sem., 1944, pág. 89.

Digitized by Google

ensina a distinção dos dois têrmos, conforme explicamos, mas, ao descrever as armas dos Frias e dos Morais, e contradiz. Aliás, tal contradição é devida, a nosso vêr, à heráldica francesa, em que os termos "onde" e "riviére" são puros sinônimos, indicando a "onda" da heráldica portuguêsa.

Explicado o que é uma "ribeira", vejamos agora, por suposição, como veiu essa peça surgir nas armas concedidas a João Garcez.

Além de "ribeira" (ou "rio") e da "onda", como figuras representativas da água temos ainda na Heráldica o "mar", também chamado "pé-da-gua". Essa peça corresponde a uma "campanha" (ou "contra-chefe") de prata, aguada de azul ou vice-versa, conforme o esmalte do campo.

Sucede que essa "campanha", simbolizando a água, pode ser diminuta, isto é, de largura menor à comum.

É possível que, nos primeiros desenhos das armas em questão, se tenha colocado a garça sôbre uma campanha diminuta de prata aguada de azul, por simples fantasia visto se tratar de uma ave aquática, o que lhe daria maior efeito decorativo.

Tal hipótese não é simples produto de nossa imagianção. Casos análogos vamos encontrar em brasões de titulares do Império do Brasil, como, por exemplo, as dos dois barões de Alegrete, em cujo 2.º quartel se encontram as armas dos Oliveiras que deveriam trazer, em campo de prata, uma oliveira arrancada de sua côr, frutada de ouro. Mas, no brasão daquêles titulares, dita árvore se acha assente sôbre um terrado verde. Não se trata, no caso, de simples fantasia do desenhista para efeito decorativo, pois, da respectiva descrição, consta tal particularidade. Quando não, é o próprio desenhista que coloca arbitrariamente uma campanha, a título de apoio das figuras, como sucedeu nas armas do barão de Antonina, reproduzidas no "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", de Vasconcelos, de cujo respectivo registo no Cartório da Nobreza não consta a existência de uma campanha, mas o desenhista a fez do mesmo esmalte do campo.

Êsses dois exemplos servem perfeitamente de apoio à nossa argumentação, muito embora não se refiram à representação do mar, mas trata-se sempre de uma campanha, introduzida indevidamente, num caso, simbolizando a água e, nos dois exemplos, para representar a terra.

Uma vez explicada a razão de um simples complemento de desenho se transformar numa peça, resta-nos saber como surgiu a "ribeira". Para explicarmos tal fato, não encontraremos dificuldade, se verificarmos que se confundia "mar" com "rio" ou "ribeira". Caso idêntico vamos encontrar ainda no armorial brasileiro.

O barão de Melgaço, que teve suas armas registadas no Cartório de Nobreza, ostenta, como principal figura, um castelo assente num mar de prata (segundo se vê pelo desenho). Entretanto, o respectivo registo descreve essa peça como "um rio de prata".

Em face do exposto, é de se admitir a hipótese das razões pelas quais as armas dos Garcez, registadas no livro II dos Místicos, se modificaram tal como as descrevem Sanches de Baêna, Vilas-Bôas e a carta de brasão

Digitized by Google

que estamos analisando, ou seja, um simples complemento de desenho ou apoio de uma figura que se assimila a uma peça e esta, por sua vez, é denominada "ribeira", vindo depois se constituir numa "onda", em vista de tal denominação.

Braancamp Freire, em "Armaria Portuguesa" [25], *sob o capítulo "Garcês, de João Garcês", — descreve estas armas nos seguintes termos: "De azul, garça de oiro, posta de frente e acompanhada de quatro estrêlas de seis pontas do mesmo acantonadas". Tal descrição confere, mais ou menos, com a de Santos Ferreira, pois há apenas a diferença de ser a garça de frente e as estrêlas de seis pontas, e acantonadas. Não se esclarece se a garça estaria ou não "recatada". Diz ainda que assim se encontram cartas de brasão em o Livro do Almeiro-Mór, fl. 121v e na Torre do Tombo, fl. 29. Anota também que acrescentaram "erradamente uma ribeira em ponta ou em faxa e armando e membrando a garça de prata" em "Benedictina Lusitana", Nobiliarquia Portuguêsa (de Vilas-Bôas), "Tombo das Armas dos Reis", "Blasones de Portugal", "Espelho da Nobreza", Carta-de-brasão de 1782 e "Tesouro da Nobreza de Portugal". Portanto, em sete fontes respeitáveis, encontramos justificativas para os têrmos da carta de brasão-de-armas de que estamos tratando.*

Uma particularidade muito interessante vem confirmar o que dissemos anteriormente, quanto à transformação de um "mar" numa "ribeira", pois é Braancamp Freire que diz "uma ribeira em ponta (que seria talvez um "mar" ou campanha aguada) ou em faxa" (que seria então a "ribeira" propriamente dita). Por êsse fato, podemos constatar a confusão que se fazia com o têrmo "ribeira", empregado tanto para um "mar" como para uma "onda". Também é possível que Braancamp Freire pretendesse aludir que a ribeira fôsse posta ora no lugar da faxa (centro do escudo) e ora no da "onda" (abaixo do centro), porquanto a expressão empregada "ribeira" em ponta" é também um tanto confusa.

Podemos encontrar uma prova da confusão que se fazia, entre "ribeira" e "mar", na pg. 18 de "Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal" de Albano Silveira Pinto (II vol.), quando descreve e reproduz as armas do 1.º Visconde Garcez, as quais estão assim brasonadas:

> *"Em campo azul uma ribeira de prata ondeada dágua, saindo dela uma garça de ouro armada de prata, entre quatro estrêlas de ouro de seis pontas, duas de cada banda e faxa".*

Como se vê, descreve-se claramente uma "ribeira" ou seja, segundo a terminologia heráldica, uma faxa-ondada, mas, no respectivo desenho (fig. 1), vê-se um "mar", isto é, uma campanha ou contra-chefe de prata aguada de azul.

---

(25) Na biblioteca do Arquivo Público do Estado encontra-se um exemplar dessa obra, incompleto, faltando a tôlha do rosto e as de ns. 241 em diante, de sorte que existem os brasões das famílias de "Abarca" até "Gusmão". Êsse exemplar figurava como sendo de autor desconhecido. Foi Carvalho Franco que conseguiu identificar aquêle exemplar, do qual extraímos nossas notas.

Digitized by Google

Segundo a anotação de Braancamp Freire, vemos que, em 1782 (posteriormente à carta de brasão de Francisco Garcez Barreto, pois esta é de 1644), concederam-se armas dos Garcez tal como as da carta que estamos analisando. Tal fato nos mostra não ter havido um engano, mas vontade manifesta dos reis-de-armas de então, de conceder armas com características diferentes das consignadas por Santos Ferreira.

A carta de brasão de Francisco Garcez Barreto não consigna o esmalte da "ribeira" mas sendo o do campo de côr (azul), conclue-se seja ela de metal, isto é, de prata aguada de azul.

Apesar de tôdas as considerações expostas linhas atrás, sempre permanecerá uma dúvida: a garça estaria assente numa onda *ou num* mar?

Numa ribeira *(ou* rio*) é que não pode ser, pelas razões já explicadas. Braancamp Freire fala em "ribeira* em ponta *ou* em faxa*", mas não sabemos o que quereria êle dizer com o têrmo "ribeira", se uma* faxa-ondada*, que é a sua significação real, como* peça *ou simplesmente no sentido de uma* figura *representativa da água. No primeiro caso, como* peça*, teriamos então ou uma* ribeira *propriamente dita ("em faxa", como diz), ou uma* onda *("em ponta"); no segundo, ou uma* onda *(que é também posta* em *faxa), ou um* mar *(que se localiza na* ponta *do escudo).*

Diante dessa dúvida, ou melhor, dessa falta de esclarecimento, preferimos aceitar como sendo a onda*, pois é esta a peça que se confunde*[26] *com ribeira (talvez, como já dissemos, pela* rivière *da heráldica francesa). A* ribeira*, isto é, a* faxa-ondada*, não pode ser aceita, pelos motivos que já expusemos. Resta, portanto, a* onda *que, a nosso vêr é a* peça *peculiar das armas dos Garcez, mesmo porque, em face do que já relatamos, não podemos interpretar ao pé-da-letra a terminologia da carta de brasão de Francisco Garcez Barreto.*

Prosseguindo em nosso estudo cumpre-nos aludir à falta de precisão da maneira como se descrevem as quatro estrêlas de ouro na carta de brasão. Neste lê-se apenas "entre quatro estrêlas de ouro". Sanches de Baêna diz que se acham "duas de cada banda em faxa", o que quer dizer que tôdas estão "alinhadas em faxa". Êsse mesmo autor português diz ainda que as estrêlas são de 6 pontas, o que não consta da carta de brasão. Como essa carta e Vilas-Bôas não fazem menção alguma a essa particularidade, é de se concluir que sejam de cinco pontas, pois sempre que se descreve uma estrêla e não se especifica o número de pontas, subentende-se seja de

---

(26) Tal confusão se fez até modernamente, por um grande mestre da heráldica portuguesa, como Santos Ferreira. Para as armas dos Frias, Morris e Valença, brasões ns. 651-52, 1002 e 1411, respectivamente, descreve um "rio" (que é sinônimo heráldico de "ribeira"), mas no respectivo desenho se vê uma "onda". Para os dos Marecos (n.º 921) e Oliva (n.º 1057), os respectivos desenhos nos mostram "ondas", mas estão descritas "ribeiras". Caso típico que servirá para esclarecer o assunto em fóco, é o das armas de um dos ramos dos Ribeiro (brasão n.º 1231) em que há uma "onda" e Santos Ferreira brasona "uma ribeira". Dizemos que o caso é típico, porque a "ribeira", naquêle brasão, constitue figura parlante.

Nas primeiras armas concedidas a êsse ramo dos Ribeiro, desenhou-se uma "onda" isto é, uma faxa-ondada abaixada, mas foi denominada "ribeira" como elemento parlante.

Daí se conclue que não podemos e nem devemos aceitar, com rigor, a expressão "ribeira" no seu real significado como se entende modernamente. Tanto assim que, para evitar confusões, a "ribeira" é sempre descrita, por Santos Ferreira, por "faxa-ondada" e, no brasão dos Rio (n.º 1234), chama de "ribeira" uma peça que está desenhada como sendo um "mar".

Digitized by Google

cinco. O mesmo critério devemos seguir quanto à disposição das estrêlas, pois, tratando-se de quatro peças ou figuras e não havendo indicação em contrário, entende-se estejam elas postas 2 e 2, como que "acantonadas", segundo nos ensina Gheusi, o grande mestre da teoria heráldica [27]. *Na falta de indicação em contrário e, porisso, interpretando o texto da carta de brasão, não erraremos se concluírmos que as estrêlas são de cinco pontas e postas 2 e 2.*

3.º quartel — *A dobre cruz está acompanhada de seis "besantes" e não "arruelas", pois estas só podem ser de côr e nunca de metal* [28].

4.º quartel — *Santos Ferreira, não especificando o número de pontas das estrêlas das armas dos Fonsecas, considera-as naturalmente de cinco* [29], *mas assim mesmo anota que "pretendem alguns que as estrêlas sejam de sete pontas". Diante disso e dos têrmos da respectiva carta, desenhamos o presente quartel tal como foi descrito, pois tratando-se de uma particularidade tão material, como seja o número de pontas das estrêlas, não se pode deduzir tenha havido desconhecimento de Heráldica ou errônea interpretação. Aliás, segundo Carrafa* [30], *"Fonseca, en España, trae, en campo de oro, cinco estrellas de* ocho rayos *de gules puestas en sotuer". Ora, João Garcez, de que procede Francisco Garcez Barreto, era neto de Catarina Garcez, oriunda de Aragão. É possível, portanto, que os Fonseca cujas armas se encontram no último quartel, tenham também origem espanhola.*

Na fig. 2 reproduzimos o brasão de Francisco Garcez Barreto, de acôrdo com nossas conclusões, o qual pode ser assim descrito:

> *"Esquartelado. O 1.º de bláu, com uma garça de ouro, armada de prata e bicada do campo, acompanhada de quatro estrêlas de ouro postas 2 e 2; a garça sustida por uma onda de prata aguada de bláu. O 2.º de arminhos, pleno. O 3.º de góles, com uma dobre cruz acompanhada de seis besantes, tudo de ouro, e uma bordadura do mesmo metal. O 4.º de ouro com cinco estrêlas de góles, de oito pontas, postas em aspa. Timbre: a garça do escudo. Paquife dos metais e côres das armas. E, por diferença, uma brica de ouro".*

---

(27) Gheusi (P. - B.) — "Le Blason". Théorie nouvelle de l'Art Heráldique et de la Science des Armoiries", Paris, 1933.

(28) O "besante" e a "arruela" se distinguem pela natureza de seus esmaltes. O "besante" será sempre de metal a "arruela", de côr. Quando compostas de dois esmaltes (metal e côr ou vice-versa) denominar-se-á "besante-arruela" ou "arruela-besante", segundo o primeiro esmalte enunciado. Assim, por exemplo, estando êsse movel "partido de ouro e goles", teremos um besante-arruela; *sendo o contrário (partido de goles e ouro), uma* arruela besante. *Nos casos de conjugação múltipla de esmaltes (tais como "enchequetado", "veirado", "lisonjado", etc.) será considerado um besante.*

(29) Na Heráldica, quando não se especifica o número de pontas ou bicos das estrêlas, entende-se que o mesmo seja de cinco, conforme já expusemos ao tratar do 1.º quartel destas armas.

(30) Alberto y Arturo Garcia Carrafa — "Enciclopedia Heráldica y Genealogica Hispano Americana" tomo 2.º, Madrid, 1920.

Digitized by Google

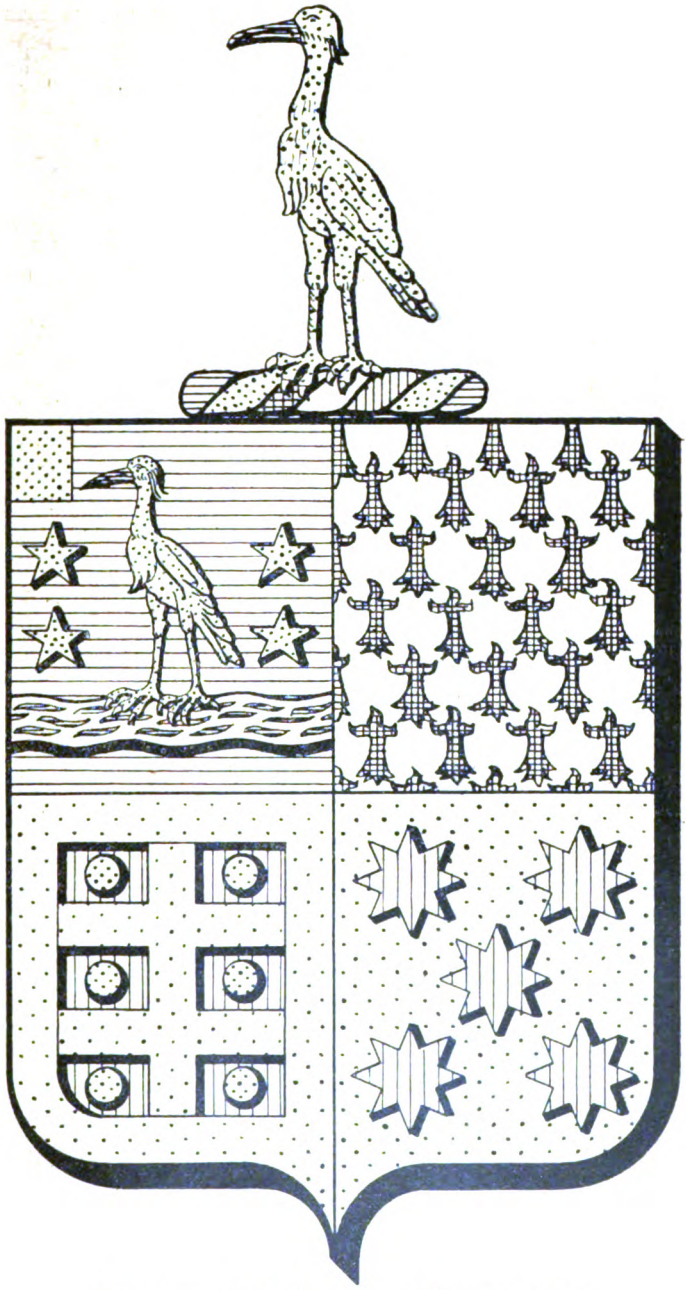


Fig. 2 — Brasão de armas de Francisco Garcez Barreto, composto segundo as conclusões do autor das notas heráldicas do presente trabalho.

Digitized by Google

III

ESTÊVÃO RIBEIRO DE ALVARENGA

Os Alvarengas de São Paulo provêm todos de Antônio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, filho de Baltasar de Alvarenga e de sua mulher Mecia Monteiro. Segundo Pedro Taques, este Antônio Rodrigues de Alvarenga passou "em serviço do rei a ser um dos primeiros povoadores da vila de São Vicente, que em 1531 (1) fundou o donatário e senhor dela artim Afonso de Sousa por concessão d'El-Rei d. João III. Esta foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil (2), e também nesta vila o primeiro engenho de açucar, com evocação de São Jorge (3), que fundou o mesmo donatário pelos anos de 1531 até 1534, em que êste fidalgo se embarcou de São Vicente para Portugal (4), deixando nobremente povoada a sua capital vila de São Vicente, para a qual atraiu e trouxe consigo muitos sujeitos de conhecida nobreza, que se fez acreditada pelos alvarás dos seus filhamentos de moços da câmara e moços fidalgos. Nesta vila de São Vicente casou Antônio Rodrigues de Alvarenga com d. Ana Ribeiro, natural da cidade do Porto, de onde passou com duas irmãs e vários irmãos, na companhia de seus pais, Estêvão Ribeiro Baião Parente, natural da cidade de Beja, o qual era parente em gráu propinquo de Estêvão Luiz, morgado bem conhecido em Vila Real, e de sua mulher Madalena Fernandes Feijó de Madureira, natural da cidade do Porto. De São Vicente passou para São Paulo Antônio Rodrigues de Alvarenga com sua mulher e como pessoa tão distinta soube conseguir respeito e veneração, e foi senhor proprietário por mercê do donatário do ofício de tabelião do judicial e notas de São Paulo (5), onde faleceu com testamento a 14 de setembro de 1614. E d. Ana Ribeiro faleceu em São Paulo com testamento a 23 d outubro de 1647, e foi sepultada na capela-mór da igreja dos religiosos carmelitas em jazigo próprio, no qual já descansavam as cinzas de seu filho Antônio Pedroso de Alvarenga, sargento maior da comarca de São Paulo com oitenta mil reis de soldo" (6).

---

(1) Pedro Taques sempre supoz que São Vicente fosse fundada em 1531. Até então não se conhecia o "Diário" de Pero Lopes de Sousa, só descoberto e publicado por Varnhagen em 1839, o qual firmou a data de 1532. Não está também certo Pedro Taques quanto à data da vinda de Antônio Rodrigues de Alvarenga para a capitania, pois di-lo companheiro de Martim Afonso de Sousa, quando o próprio Antônio Rodrigues de Alvarenga declara ter vindo para São Vicente cerca de 1569. - Registo Geral, VII, 98.

(2) São Vicente já tinha um povoado em 1532, conforme se verifica das relações marítimas anteriores. A vila é que foi a primeira instituida no Brasil.

(3) Sôbre o engenho de São Jorge e outros fundados nos primórdios da capitania, vide nota 93 no meu trabalho "Hans Staden - Duas viagens ao Brasil" - São Paulo, 1942, pág. 73.

(4) Martim Afonso de Sousa regressou para Portugal depois de 4 de março de 1533 e chegou a Lisbôa depois de julho dêsse mesmo ano. Varnhagen, Ed. Weiszflog, I, 167, nota 10.

(5) Na vila de São Paulo Antônio Rodrigues de Alvarenga foi provido nos ofícios de tabelião do público e judicial, escrivão dos órfãos e interino da câmara, pelo capitão-mór Jorge Corrêa (1592-1598), conforme sua própria declaração. Em 20 de junho de 1599 teve carta de confirmação nêsses ofícios passada pelo capitão-mór Roque Barreto. Registo Geral, VII, 98 e segs.

(6) Pedro Taques - Nob. Segunda Edição - II, 99-100.

Digitized by Google

Acrescenta Américo de Moura, sôbre êste personagem, o seguinte: "Durante muito tempo teve residência em São Vicente, onde foi tabelião e barbeiro. Depois do sogro e cunhados, passou em 1593 para São Paulo, e aqui foi tabelião, juiz dos barbeiros e exerceu também as funções de almotacel e vereador" (7).

Ao tratar do título dos "Alvarengas Monteiros" refere Pedro Taques: "Entre os descendentes dêste Antônio Rodrigues de Alvarenga que nos claustros de Nossa Senhora do Carmo, São Bento e São Francisco se fizeram recomendaveis pelos púlpitos, cadeiras e prelazias, não foi de pequeno nome o padre mestre frei Luiz dos Anjos, carmelita da provincia do Rio de Janeiro, o qual para desabusar alguns incredulos de São Paulo, da grande nobreza e pureza de sangue de seu bisavô Antônio Rodrigues de Alvarenga, e para confundir a maledicência daqueles cujo odio oculto fazia produzir vozes contra o seu nobre sangue, passou a Lisbôa, onde pediu o brasão de armas pertencente à sua família. E porque êste documento não é da natureza de muitos brasões d'armas, passados pelo rei de armas do reino sem muita despesa nem exame como sabemos se pratica no presente tempo, em que um vilão ruim, conhecido por tal, vendo-se favorecido dos bens da fortuna, se constitue nobre, e fidalgo antigo de cóta d'armas; e basta só verbi gratia, ter o apelido de Castro para tirar o brasão das armas dos ilustres Castros (8), damos aqui a copia dêle para verdadeira conhecimento da nobreza de Antônio Rodrigues de Alvarenga, extraído do registo da câmara de São Paulo, livro título 1675 (9). E também se acha registado na câmara da vila de Ilha Grande de Angra dos Reis, em agôsto de 1702 e na câmara de Pindamonhangaba" (10).

O requerimento pedindo a concessão do brasão-de-armas não foi feito apenas por frei Luiz dos Anjos, como diz Pedro Taques. Encabeçava-o o capitão Estêvão Ribeiro de Alvarenga e subscreviam-no os demais irmãos Antônio Pedroso de Alvarenga, frei João da Luz e frei Luiz dos Anjos, ambos religiosos carmelitanos calçados. Do seu casamento com d. Ana Ribeiro havia tido Antônio Rodrigues de Alvarenga dez filhos, dos quais cinco do sexo feminino. Um quinto varão, também carmelita, foi Bento da Trindade, que não figura no requerimento acima, talvez por ter já falecido. E devido a tal pedido, a nobreza dêsses irmãos ficou provada por sentença em Lisbôa dada pelo corregedor do civel em 20 de junho de 1681 e pelo brasão que lhes foi concedido pelo príncipe d. Pedro, passado pelo Rei-de-Armas Portugal, Manuel Soares, aos 22 de junho do mesmo ano e registado na câmara de São Paulo pelo escrivão Jerônimo Pedroso de Oliveira, em 29 de abril de 1683.

---

(7) Os povoadores do campo de Piratininga. Rev. da Cam. Municipal de São Paulo, XXV, pág. 101.

(8) Acreditamos ser esta verrina, em tese, de Pedro Taques. No século XVIII como se sabe os estudos heráldicos-genealógicos tornaram-se desmoralisados, sendo a principal causa a apontada pelo ilustre linhagista.

(9) Registo Geral, III, 376 e segs.

(10) Pedro Taques - Rev. Trim. XXXIII, 2.ª, 292.

Digitized by Google

Da carta de brasão consta o seguinte: "Naturais de São Paulo, filhos legitimos de Diogo Martins da Costa e de sua mulher Isabel Pereira, netos pela parte paterna de Belchior Martins da Costa e de sua mulher Inês Martins, naturais da cidade de Evora e pela parte materna de Estêvão Ribeiro de Alvarenga e de sua mulher Maria Missel, naturais da vila de São Paulo, o qual Estêvão Ribeiro de Alvarenga é filho de Antônio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, filho de Baltasar de Alvarenga e de Mecia Monteira e o dito Antônio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão chamado Manuel Monteiro de Alvarenga, filho do mesmo pai e mãe, o qual foi familiar do Santo Ofício da Inquisição, etc." (11).

Estêvão Ribeiro de Alvarenga chamou-se também Estêvão Ribeiro Martins, como menciona Pedro Taques e foi casado com Catarina do Prado, filha de Matias Lopes e de Catarina do Prado, sua mulher. Diz Silva Leme que Estêvão faleceu em 1682 e que Pedro Taques confundiu esta data com a de seu casamento que disse ter sido nesse ano, a 30 de janeiro (12).

As armas que foram concedidas a Estêvão Ribeiro de Alvarenga e seus citados irmãos, são ipsis-literis as seguintes: "Um escudo direito com suas orlas e folhagem, com um elmo em cima e sôbre dito elmo um leão rompente com uma espada dourada na mão direita e na outra mão esquerda uma estrela de prata e o dito escudo orlado com filetes dourados e as folhagens, digo, e terá no meio cinco estrelas prateadas em campo azul e as pontas das folhagens serão também douradas" (13).

Pedro Taques transcreve na sua Nobiliarquia estas armas, dizendo porém o *leão rampante* (14).

A descrição acima é evidentemente obscura e não fornece dados precisos para um perfeito desenho do escudo. O sr. Celso Maria de Melo Pupo já fez um criterioso estudo sôbre as mesmas, concluindo que pertencem a um ramo autônomo na heráldico-genealogia luso-brasileira (15). Tais armas vão abaixo merecer um novo exame.

Do seu casamento deixou Estêvão Ribeiro de Alvarenga os seguintes filhos:

I — Domingos Ribeiro de Alvarenga, falecido em 1692, casado em 1686 na freguezia de Nazaré com Isabel Pinheiro, tendo deixado geração.

II — João Ribeiro de Alvarenga, que casou em 1691, em Nazaré, com Maria Antunes de Siqueira, com geração.

III — Manuel Lopes do Prado, que foi casado com Gabriela Ortiz de Camargo, filha de Sebastião Martins do Prado e de sua mulher Maria Lopes de Camargo. Com geração.

IV — Catarina do Prado, que casou em Nazaré, em 1691, com Antônio Pereira de Avelar, e deixou geração.

---

(11) Registo Geral, III, 376.
(12) Silva Leme, II, 15 - Pedro Taques - Nob. Segunda Edição - I, 361.
(13) Registo Geral, III, 371.
(14) Pedro Taques - Rev. Trim. XXXIV, 1.ª 149.
(15) Revista do Instituto de Estudos Genealógicos - São Paulo - n.º 2, págs. 319 e seg.

Digitized by Google

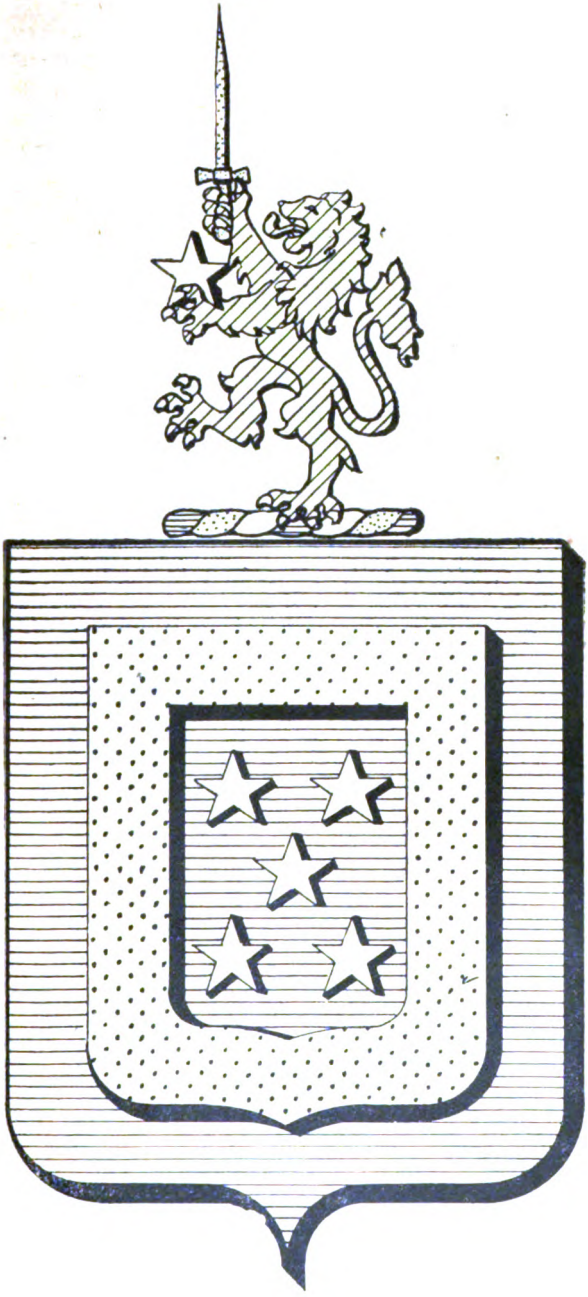


Fig. 3 — Brasão de armas de Estêvão Ribeiro de Alvarenga

Digitized by Google

NOTAS HERÁLDICAS

A descrição destas armas, conforme se encontra na respectiva carta de brasão registada na Câmara de São Paulo, é confusa e mesmo incompreensivel, muito embora brasonadas pelo Rei-de-Armas de Portugal. Impossivel desenha-las, tal como se acham descritas. Começa descrevendo, desnecessariamente, a posição do escudo, "com suas orlas e folhagem" têrmos êsses alusivos aos traços do escudo e ao paquife, quando ordinariamente êste ornamento exterior é o último a ser descrito (16). *Em seguida se refere ao elmo, para depois descrever o timbre (um leão) com as peças que sustem, sem mencionar o seu esmalte. Voltando ao escudo, diz ser o mesmo "orlado com filetes dourados" o que pode ser interpretado tratar-se de uma "dobre-orla" ou "trescheur", como é chamado na armaria francesa, ou então, conforme ficou explicado na nota 16, de simples referências ao colorido do traço do escudo. Por último volta novamente ao paquife, anotando que "as pontas das folhagens serão também douradas", aludindo naturalmente, ao anverso do paquife, que é de ouro.*

Deante disso, na respectiva iluminura, não pudemos nos basear em tal descrição, falha e incompreensivel.

Estudando-se a genealogia do capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, iremos encontrar o seu descendente Cândido José Pereira Codeço. Êste teve suas armas registadas, em 20 de setembro de 1858, no Cartório da Nobreza, livro VI, fls. 38, segundo se vê no "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", dos Barões de Vasconcelos. Nêsse registo do Cartório da Nobreza do Império, acham-se as armas assim brasonadas: "Escudo orlado de ouro, em campo azul cinco estrellas de prata, postas em aspa. Timbre: um leão rompante de púrpura com uma espada de ouro na garra destra, e uma estrella de prata na esquerda sobre um elmo de prata. Paquife: das côres e metaes do brasão".

É de se supor que ao Rei de Armas do Império do Brasil, quando em 1858 se fez o registo, lhe tenha sido apresentada a carta de brasão original, onde se achavam desenhadas as armas, ou então lhe tenham sido fornecidos elementos com os quais poude suprir as deficiências da descrição da carta original. Daí a razão pela qual preferimos reproduzir o desenho das armas de acôrdo com o registo de 1858.

Como já anotou Carvalho Franco, estas armas já foram extensivamente estudadas pelo sr. Celso Maria de Melo Pupo, que ilustra o seu trabalho (17) *com um desenho respectivo. Muito embora o sr. Melo Pupo não tenha feito,*

---

(16) Não temos dúvida alguma que se trata de paquife e não de figura colocada dentro do escudo, em vista de o fato de Vilas-Bôas e Sampaio se referir às "... folhagens que saem do elmo pelos lados do escudo... Estas folhagens são o que chamamos paquife" (Nobiliarchia Portugueza", ed. de 1708, pg. 224). Quanto à expressão "escudo com suas orlas", vamos também encontrar explicação em Vilas-Bôas, de que se trata das linhas que o traçam ou das bordas do escudo (e não a peça "orla"), pois êsse autor, explicando o que seja uma cruz firmada no escudo, diz "que a Cruz há de chegar com as pontas até o fim e orla do escudo" (ob. cit., pg. 226). No caso, é importante a citação de Vilas-Bôas, cuja 1.ª edição de sua obra, é da época da carta de brasão.

(17) Cit. in "Nota" 15.

Digitized by Google

a êsse respeito, qualquer referência, estamos convencidos de que aquele distinto linhagista conseguiu fazer o referido desenho baseado no registo do Cartório da Nobreza do Império, pois, em face do texto da carta de brasão-de-armas de Estêvão Ribeiro de Alvarenga, seria discutivel a exatidão do desenho.

Com estas notas, fazemos incluir um desenho do brasão-de-armas de Estêvão Ribeiro de Alvarenga (fig. 3), cuja descrição é a seguinte:

"De bláu, com cinco estrelas de prata contidas numa orla de ouro. Timbre: um leão de púrpura com uma espada de ouro na garra dextra e uma estrêla do escudo na senestra. Paquife dos metais e côr das armas".

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, de Goiaz:

"Acuso o recebimento do número 9 da Revista. Como nos numeros anteriores, não encontrei nela um único artigo que não mereça especial atenção, ratificando assim o conceito de sua alta capacidade de seleção dos trabalhos a serem publicados. Causou-me, porem, decepção a lista dos socios quites e dos leitores; eu supunha que todos os socios sem exeeção correspondessem aos seus ingentes e esclarecidos esforços e o número de leitores fosse cem vezes maior, como merece a Revista."

Do dr. Pompeu Rossi, de Ouro-Fino (Minas-Gerais):

"Tenho a satisfação de enviar ao nosso ilustre e abnegado Presidente as mais efusivas felicitações, pela patriotica e marcante obra de formação civico-espiritual que vem desenvolvendo atraves de suas brilhantes publicações."

Do dr. José Araujo Fabricio, capitão médico do Exército:

"E' sempre com imensa satisfação que recebo as publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, tão inteligentemente orientado pela vossa inteligencia e dedicação aos estudos da genealogia brasileira."

Do dr. Helio Viana, em "Estudos Brasileiros", n.º 30, pag. 295:

"*Revista Genealógica Brasileira,* Ano IV, n.º 8 - 2.º semestre de 1943. S. Paulo. Mantendo rigorosamente em dia a publicação de sua *Revista,* vem o Instituto Genealógico Brasileiro, de São Paulo, prestando assinalado serviço à história da familia brasileira, através dos quatro séculos e meio de sua existência, mediante os levantamentos genealógicos que divulga, relativos aliás, a todo o país. Prova disto, encontrâmo-la no número da *Revista Genealógica Brasileira,* relativo ao segundo semestre de 1943, no qual se contém colaboração referente ao Distrito Federal, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiaz, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Numerosas contribuições à história do Brasil, através de biografias e apontamentos de famílias, notas de arquivos eclesiasticos e civis, etc., encontram-se na *Revista,* dirigida pelo coronel Salvador de Moya, tambem presidente do Instituto Genealógico Brasileiro."

De d.ª Maria de Lourdes de Sousa Breves, do Rio de Janeiro:

"Venho por meio desta acusar o recebimento de um exemplar do Anuário Genealogico Brasileiro, n.º 5, no qual reuniu com clareza e acerto os dados biográficos relativos à minha familia. Cumpre-me felicita-lo pelo seu precioso trabalho que, vasado nos melhores documentos genealógicos, muito contribue para a elucidação da nossa história."

Digitized by Google

IV

FERNÃO DE AGUIRRE

Os Aguirres da capitania de São Paulo provêm todos de Diogo Arias de Aguirre, filho de João Rodrigues Martins de Aguirre, português, morador em Medoço (?), na Nova Espanha [1] e de sua mulher Isabel de Araujo Barros, neto paterno de Diogo Fernandes Martins e de Isabel Rodrigues de Ribeira.

Veiu êle com seu irmão Pedro Arias de Aguirre [2], em 1591, para a Bahia, em companhia de d. Francisco de Sousa, sétimo governador-geral do Brasil. E, quando em 1598 êsse delegado régio embarcou para a capitania de São Vicente, em diligência de minas, Diogo Arias de Aguirre acompanhou-o, sendo despachado da capitania do Espírito-Santo com uma escolta de tresentos índios e a provisão de capitão-mór passada a 27 de novembro daquele ano. Dêsse cargo tomou êle posse em São Vicente a 18 de dezembro seguinte e nêsse mesmo mês se dirigiu à vila de São Paulo, fazendo uma entrada às minas de Jaraguá e Araçoiaba. Muito serviu depois a d. Francisco de Sousa na sua ação em busca de riquesas minerais.

Passando a residir em Santos, casou-se Diogo Arias de Aguirre com Mariana Leitão de Vasconcelos, filha do antigo capitão-mór Antônio de Oliveira e, em 1613, ali exerceu o cargo de vereador, vindo a falecer nessa cidade nas cercanias de 1639. Do seu casamento deixou os seguintes filhos: Domingos Arias de Aguirre, que passou ao Rio de Janeiro onde se casou; Simão Arias de Aguirre, que casou na ilha de São Sebastião com Maria Amadora e ali faleceu em 1652; Serafina de Aguirre, que outros genealogistas chamam Isabel de Aguirre e que foi casada com Antônio Falcão da Silva, nobre falecido em Santos; Mariana de Vasconcelos e Aguirre, que foi casada com Antônio de Aguiar Barriga, que foi no período de 1637 a 1640 capitão-mór governador da capitania de São Vicente; Teresa de Vasconcelos e Aguirre, que faleceu em Santos, em 1650, no estado de solteira e finalmente, Fernão de Aguirre, que é o motivo dêste capítulo [3].

---

(1) O território da antiga Nova Espanha inclue-se hoje no da república do México. Foi descoberto por Francisco Fernandes de Córdoba, em 1515 e conquistado por Fernando Cortês, marquês do Vale de Oaxaca.

(2) Pedro Arias de Aguirre casou-se na Bahia com Catarina Quaresma, filha de Diogo Gonçalves Laço, o velho, que foi primeiro provedor das minas de São Paulo e de sua mulher Guiomar Lopes. Por mais de trinta anos exerceu naquela cidade o cargo de capitão do forte de São Filipe, tendo sido nomeado por carta régia de 22 de maio de 1598. Deixou do seu casamento os filhos: Diogo Gonçalves Laço, o neto, Bernardo de Aguirre, Francisco Quaresma e Isabel de Aguirre. Varnhagen - Ed. Weiszflog, II, 106. Doc. Hist. XIV, 484-487. Registo Geral, 1, 132. Carvalho Franco - "Os companheiros de d. Francisco de Sousa" - Rio, 1929, pág. 22 - "Nobiliário Colonial", São Paulo, 1942, pag. 15. Pedro Taques - Rev. Trim. LXIV, 9. Jaboatão - Catálogo, 257. Rev. Trim. LXXIII, 1.ã. 183.

(3) O título dos Arias, Aguirres e Sodrés foi escrito por Pedro Taques em 1762 e levado para Lisbôa, onde foi copiado por João José de Siqueira Tavira, em 27 de maio de 1773, afim de ser incluido nos papeis referentes a Sebastião de Sampaio e Sande, quarto neto de Antônio de Sampaio e bisneto do coronel Francisco Sodré Pereira. Êsses papeis se encontram em manuscrito sob o n.º 15.271 da Biblioteca Nacional e daí extraiu o título Lafayette de Toledo, tendo sido publicado pela primeira vez em 1903, na Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. VIII, pág. 259 e seg.

Digitized by Google

Casou-se êle com Isabel de Ribeira de Camargo, filha de Marcelino de Camargo e de sua mulher Mecia Ferreira Pimentel de Távora. Foi morador em São Paulo, onde na respectiva câmara exerceu vários cargos, inclusive o de procurador do conselho em 1676.

Em 14 de outubro de 1678 Fernão de Aguirre requeria à câmara de Santos, traslado do brasão-de-armas que tinha sido concedido a seu avô, em Lisbôa, a 23 de dezembro de 1577 e que fôra registado na mesma câmara, como pertencente a seu pai, Diogo Arias de Aguirre, a 22 de novembro de 1639 e cujo direito de uso lhe pertencia, juntamente com seus irmãos. Tal traslado lhe foi dado a 15 de outubro do citado ano de 1678, sendo reconhecido pelo ouvidor geral da repartição do sul, dr. João da Rocha Pitta, em 4 de fevereiro de 1679 e registado na câmara de São Paulo a 22 de março de 1685, sendo escrivão Jerônimo Pedroso de Oliveira.

Dêsse registo em São Paulo, que foi o único que permaneceu, pois o da câmara de Santos, perdeu-se inteiramente, ficou-nos infelizmente apenas um trecho incompleto do documento, pois a descrição do brasão, parte que mais nos interessava, está inteiramente truncada e sem sentido, na parte publicada.

Assim é que ali se lê apenas o seguinte: "E achei nêle as armas que à dita linhagem pertencem serem estas que em estas lhe dou iluminada convem a saber o escudo partido ao través e a parte de riba partida em f... ao primeiro de preto e duas faxas de ouro e ao segundo de ouro e três flores de lizes e púrpura e três palas e a parte baixo partida pela... e em a mão direita de ouro e três faxas... de e na outra mão dep... de ouro e púrpura e ouro e preto e mais seu timbre...".

José de Sousa Machado ilustre heraldista português, num de seus trabalhos, por cópia oferecida pelo dr. Eugênio de Castro, interpretou esta discrição do seguinte modo: "Um escudo partido ao través, e a parte de *riba* partida em facha ao primeiro de preto, e duas fachas de ouro, e ao segundo de ouro, e três flores de lizes e púrpura e três palhas (?), e a parte de baixo partida pela metade, em a mão direita de ouro e três fachas de verde, e na outra mão de prata com uma aguia preta". No índice dêsse trabalho, Sousa Machado coloca a seguinte anotação: "Exclui do índice êsse brasão porque não se pode interpretar à face da nossa heráldica, parecendo-me, todavia, que o primeiro apelido é Martins, de Diogo Martins e o segundo Ribeiro, de Martim Pais e que a aguia simbolisa Aguirre".

É evidente que o brasão, do modo pelo qual vem descrito, não é passivel duma reprodução em desenho. Existem além disso termos curiosos como "tranvés", "fachas" e principalmente "palhas", que ali nada podem significar. A nosso vêr, uma melhor leitura do trecho em questão, seria a seguinte: "Um escudo partido ao través e a parte de riba partida em faxa; ao primeiro de preto e duas faxas de ouro; e ao segundo de ouro e três flores de lizes de púrpura em três palas; e a parte de baixo partida pela metade; em a mão direita de ouro e três faxas de verde e na outra mão de prata com uma aguia preta". O paquife parece-nos claro: de ouro e púr-

Digitized by Google

pura e ouro e preto. A descrição do timbre não foi dada. Tais armas já mereceram um estudo minucioso do sr. José Heitgen e aqui vai ser objeto de uma nova análise por Roberto Thut (4).

De seu casamento com Isabel de Ribeira de Camargo teve Fernão de Aguirre os seguintes filhos:

I — José de Aguirre de Camargo, que foi juiz ordinário por mais de uma vez, ocupou cargos de confiança e teve postos militares, alcançando o de tenente-coronel das ordenanças e finalmente, em avançada idade, o de coronel do antigo regimento da nobreza de São Paulo. Foi casado com Maria da Silveira Bueno e faleceu posteriormente a 1762, não deixando geração.

II — Marcelino de Camargo e Aguirre que se casou em 23 de abril de 1702 na matriz de São Paulo, com Isabel Bueno Franco. Foi pessôa de influência na capitania e na vila de São Paulo, onde exerceu os cargos de almotacel em 1708, juiz ordinário em 1709 e teve patente de capitão das ordenanças. Faleceu em Goiáz, em 1754, deixando geração do seu casamento.

II — Mariana de Aguirre e Camargo que foi casada com Antônio Bicudo de Brito, sargento-mòr em Minas Gerais, onde residiu, passando depois para Pindamonhangaba, vila fundada por seu pai, Antônio Bicudo Leme, e ali faleceu em 1717, deixando geração.

NOTAS HERÁLDICAS

Há, na descrição destas armas, transcrita pelo "Registro", impropriedade de expressões como "partido ao través". Mas, quem as descreveu, felizmente, procurou explicar melhor, ao mencionar a colocação das peças e figuras, usando da curiosa e esclarecedora terminologia "parte de riba" e "parte de baixo", ou seja, um "cortado", pois "partido ao través", sem aquelas expressões complementares, seriam termos heráldicamente equívocos. Mas é curioso notar-se que, para outro cortado, emprega a expressão "partida em f... (faxa)". Surge, portanto, uma obrigatória indagação, da razão pela qual, para a mesma partição (cortado), se serve de diferentes têrmos. Não nos será dificil uma explicação. O 1.º quartel do cortado *é, por sua vez, também* cortado. *Quem descreveu as armas de Fernão de Aguirre não era conhecedor bastante da gramática heráldica, isto é, desconhecia a arte de brasonar. Ignorando que, na Heráldica, para se evitarem dúvidas nos casos de repetição de partição, existem recursos capazes de evita-las, pareceu-lhe mais acertado socorrer-se de diferentes expressões, em lugar de empregar números ordinais para cada um dos quarteis; ou então, o que seria mais apropriado, lançando mão do têrmo* recortado. *Por-*

(4) Consulte-se Registo Geral, III, págs. 463 e segs. e José de Sousa Machado - Brasões Inéditos - Suplemento - Braga, 1931 - págs. 23 e 48. Vide também Revista do Instituto de Estudos Genealógico - São Paulo n.º 5, págs. 109 e segs.

Digitized by Google

tanto, há no escudo, uma grande partição, que é cortado. O 1.º dessa partição é por sua vez, recortado, e o 2.º, como veremos depois, partido.

Encontra-se ainda a expressão "e três palas" que Carvalho Franco interpreta como sendo "em três palas", isto é, cada flôr-de-liz é "posta em pala" e tôdas elas "alinhadas em faxa".

Em Souza Machado [5] está consignado "... três flores de lizes e púrpura e três palhas" que podemos "traduzir" como sendo "três flores-de-liz de púrpura de três palhas", o que seria razoavel, pois devemos nos lembrar que a flor-de-liz heráldica se compõe de três pétalas superiores e três inferiores, cujo conjunto forma as três hastes que foram denominadas palhas. Na verdade, nos casos em que a flôr-de-liz se apresenta com as suas três hastes, isto é, normalmente, dispensar-se-ia a designação de tal particularidade, mas o fato é que essa flôr heráldica pode se apresentar com a falta de uma delas. Assim, não havendo a haste da direita, brasona-se cerciada à direita e a da esquerda, cerciada à esquerda. Faltando a do centro, dir-se-á cerciada da folha do meio. Na flôr-de-liz pode também faltar as três pétalas inferiores, caso em que se brasonará de-pé-cortado. Há possibilidades ainda de a flôr-de-liz ser acrescentada de atributos, como sucede com a florentina.

Embora desnecessária para o caso presente, são é de todo absurda a expressão "de três palhas" dada à flôr-de-liz.

Quanto ao 2.º do partido ("... e na outra mão...") não se pode saber de que se trata, visto se achar incompleto no "Registro". Para suprir essa falta, Carvalho Franco recorre ao texto destas mesmas armas, consignado por Sousa Machado no suplemento de "Brasões inéditos". Pretende aquele historiador que Sousa Machado "interpretou esta descrição" pelo modo com que está transcrita, sob n.º 59, na citada obra. É possivel que se trate de uma interpretação, mas se assim o fosse, cremos que Sousa Machado teria anotado tal circunstância, ainda mais que, no seu "Brasões Inéditos", estão completados outros trechos omissos do "Registro", como, por exemplo "... parte de riba partida em facha". Se a parte destruida fosse da "autoria" de Sousa Machado, cremos que não consignaria o têrmo "facha" nessa ortografia tão extravagante.

Não será, porisso, arrojo algum julgar-se também que o autor português tenha conseguido cópia extraída antes da destruição do original do "Registro" ou mesmo de uma outra fonte.

Na segunda grande partição, no 2.º de todo o cortado, os têrmos "a parte de baixo partida pela..." (que Sousa Machado, na citada obra, completa como sendo "partida pela metade") são incompreensiveis para se saber se estamos em face de um partido ou de um cortado, pois qualquer uma dessas duas partições, partido ou cortado é sempre "pela metade". Felizmente, em seguida, encontramos melhor esclarecimento, quando se designa "em a mão direita" e, mais adiante, "na outra mão". É evidente porisso que o quartel em análise é "partido pela metade" longitudinalmente, proporcionando o que o Rei-d'Armas chama de "mão direita" e "mão esquerda". Tra-

(5) Ob. cit. in "Nota" 4.

Digitized by Google

ta-se, portanto, de um partido, mas é de se vêr que se inverteu a ordem dos dois quarteis, pois "a mão direita" e a "outra mão" (esquerda) só se subentende como sendo à direita e à esquerda, respectivamente, do observador, e não do escudo[6]*; do contrário, ter-se-ia dito simplesmente "à direita" e não "na mão direita". Assim sendo, o da "mão direita" constitue o 2.º do partido e o da "outra mão" o 1.º.*

No 2.º do partido temos, como descreve o "Registro", em campo de ouro três faxas "... de" (verde, segundo esclarece Sousa Machado) e no 1.º, diz apenas "de p..." que o mesmo autor completa como sendo "de prata com uma águia preta".

* * *

O sr. João Batista de Campos Aguirre, nosso presado amigo e consócio do Instituto Histórico de São Paulo, é descendente de Fernão de Aguirre, cujas armas é objeto do presente capítulo.

Aquêle historiador possue, colocado num quadro mural, um desenho colorido em que se acha reproduzido o brasão de armas de Fernão de Aguirre, com a respectiva descrição do "Registro Geral", já transcrita por Carvalho Franco (fig. 4).

O clichê dêsse desenho (fig. 4), foi reproduzido do folheto sôbre o cap. João de Aguirre Camargo, publicado por d. José Carlos de Aguirre (bisneto daquêle cap. João de Aguirre Camargo), bispo diocesano de Sorocaba.

A reprodução do folheto não foi feita a côres, mas simples zincogravura do desenho original, de sorte que não se distinguem os esmaltes do brasão. Mas, pelo exame que fizemos no desenho original, podemos assim descrevê-lo:

> *"Cortado. O 1.º recortado; o I de preto com duas faxas de ouro; o II de ouro com três flores-de-lis de vermelho*[7] *postas 1 e 2, partido do mesmo metal com três palas da mesma côr. O 2.º partido; o I contrapartido de 3 traços de ouro, de vermelho, de ouro e de preto*[8]*; o II de ouro com três faxas de verde".*

O desenho em apreço foi feito em 1924, por R. Mertig, conforme sua assinatura em baixo. Segundo informação que nos forneceu o sr. Campos Aguirre, a interpretação do têxto da descrição do brasão foi feita pelo sr. René Henroz, por meio de um esbôço que serviu de modêlo para o sr. Merting.

---

(6) Lembremo-nos que, na Heráldica, os lados direito e esquerdo do escudo correspondem ao contrário do observador.

(7) Observe-se que o têrmo "púrpura" foi interpretado como sendo "vermelho".

(8) Como no desenho não se observa sombreado algum indicativo de relêvo, os diferentes esmaltes dêste quartel só podem ser interpretados como partição, tal como descrevemos. Do contrário, também poderia ser o seguinte: "De ouro, uma pala de vermelho; flanqueado em pala à senestra de preto"; ou então: "De ouro, uma pala de vermelho e um flanco senestro de preto".

A distinção entre o "flanqueado em pala" e o "flanco" ou seja, partição e carga, se faz pela largura; no primeiro caso, corresponderia à quarta parte do escudo e, no segundo, a dois módulos.

Digitized by Google

Fig. 4 — Reprodução, em zincogravura, do brasão colorido de Fernão de Aguirre, o qual se encontra em poder do sr. João Batista de Aguirre e figura no folheto publicado por s. excia. revmo. d. José Carlos de Aguirre.

Analisando o referido desenho, ou seja, a interpretação do sr. Henroz, observamos o seguinte: o II do 1.º do cortado se acha partido, pois a descrição "...de ouro e três flores de lizes e púrpura e três palas..." foi interpretada ao pé-da-letra, ou seja "em campo de ouro três flores-de-lís e três palas de vermelho" (9).

Encontrando dificuldade em colocar as três flores-de-lís e as três pseudas palas num só campo, pois a sua ordenação seria impossível, a não ser brocantes (10), *o sr. Henroz separou essas peças em dois distintos campos, por meio de um traço de um partido, como única forma capaz de fixar, no desenho, sua interpretação.*

---

(9) *V. nota nº 7.*

(10) *Para que as flores-de-lís fossem brocantes sôbre as palas, não poderiam ser elas de côr, nem de metal, pois sendo o campo de ouro, as palas só poderiam ser de côr e as flores-de-lís, por sua vez, de metal. Não há dúvida que a púrpura, em antigas cartas de brasão, gozou do privilégio de não infringir a lei heráldica, de sorte poder sobrepôr-se a uma côr, mas, nesse caso, qual seria o esmalte das palas?*

Digitized by Google

Quanto à localização dos dois quarteis inferiores do escudo (os dois partidos do 2.º do cortado), o sr. René Henroz também interpretou ao pé-da-letra, mas, desta vez, acertadamente, conforme já expusemos linhas atrás, demonstrando que os lados direito e esquerdo devem ser tomados em relação ao observador.

O penúltimo quartel (o da "outra mão") se acha descrito da seguinte maneira: "... de p... de ouro e púrpura e ouro e preto..." também teve curiosa interpretação do sr. Henroz, pois lhe pareceu que "p..." se referisse a "palas" e, assim, concluiu por ser o referido quartel constituido "de palas de ouro e vermelho[11] *e ouro e preto". Seria aceitavel tal interpretação se tivéssemos a certeza de que, no trecho destruido e indicado pela reticência da página 464 do "Registro Geral da Câmara de S. Paulo", houvesse apenas uma palavra e assim mesmo curta, como "palas", de sorte que os termos "de p..." se interpretassem como sendo "de palas". Mas, se assim fôsse, teríamos então um* palado, *de 4 peças, mas êste é sempre constituido de dois esmaltes (um metal e uma côr ou vice-versa). Pode haver, num palado, três esmaltes, mas desde que se constitua de número de peças divisível pelo de esmaltes (três).*

A nosso vêr, como também opina Carvalho Franco, as expressões "...de ouro e púrpura e ouro e preto..." se referem ao paquife, não porque o nome dêsse ornato exterior se inícia pela letra "p", mas pelo fato de serem o ouro, a púrpura e o preto os principais esmaltes do escudo, ou melhor, como se diz nas cartas de brasão, "paquife dos metais e côres das armas".

Os termos "de p..." com que se descreve o quartel que estamos analisando deve se referir ao campo que, em heráldica, é o primeiro a ser enunciado pelo respectivo esmalte precedido da preposição "de", como aliás se procedeu nos demais quarteis dêste mesmo brasão. Três são os esmaltes cuja designação começa pela letra "p": prata, preto e púrpura como já dissemos. Segundo Sousa Machado, o campo é de prata, *com uma águia de preto.*

* * *

Já haviamos traçado as notas acima, tendo-as entregue ao dr. Carvalho Franco, quando nos foi dada oportunidade, graças à gentileza do historiador sr. Nuto Santana, de examinar o documento original do "Registro" no Arquivo da Prefeitura Municipal de S. Paulo.

Dêsse documento original, tivemos permissão de fotografar o trecho em que estão descritas as armas de Fernão de Aguirre, o qual se encontra no fim de uma página (fig. 5) e início da seguinte (fig. 6).

Graças a essa fotografia, Carvalho Franco conseguiu decifrar quasi todo o têxto que, ipsis literis, *passamos a transcrever:*

---

(11) V. nota n.º 7.

Digitized by Google

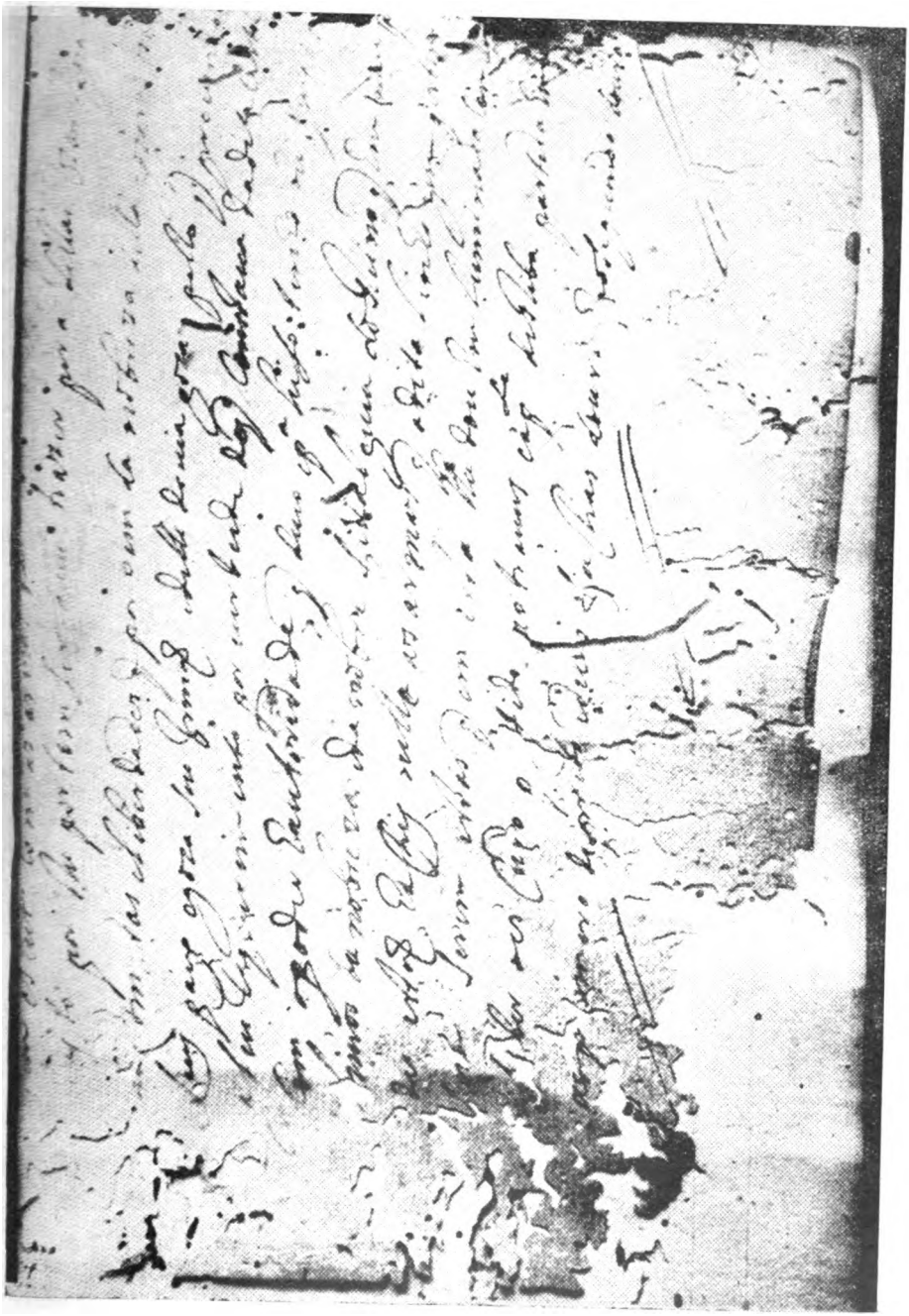


Fig. 5 — Reprodução fotográfica do final da página do documento original onde se inicia a descrição das armas de Fernão de Aguirre (Arquivo da Prefeitura de S. Paulo)

Digitized by Google

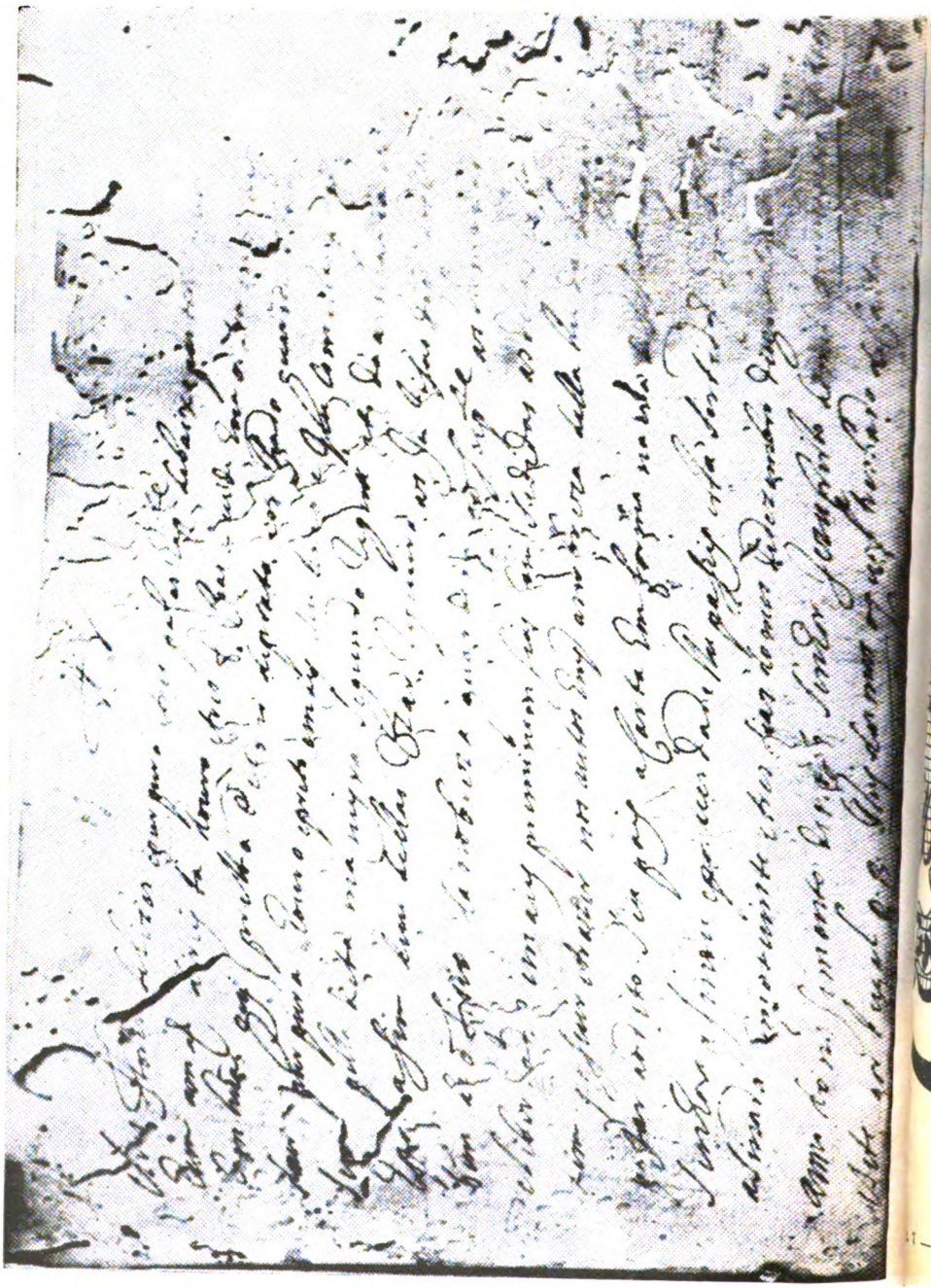


Fig. 6 — Reprodução fotográfica do início da página imediata do documento a que se refere a fig. 5.

Digitized by Google

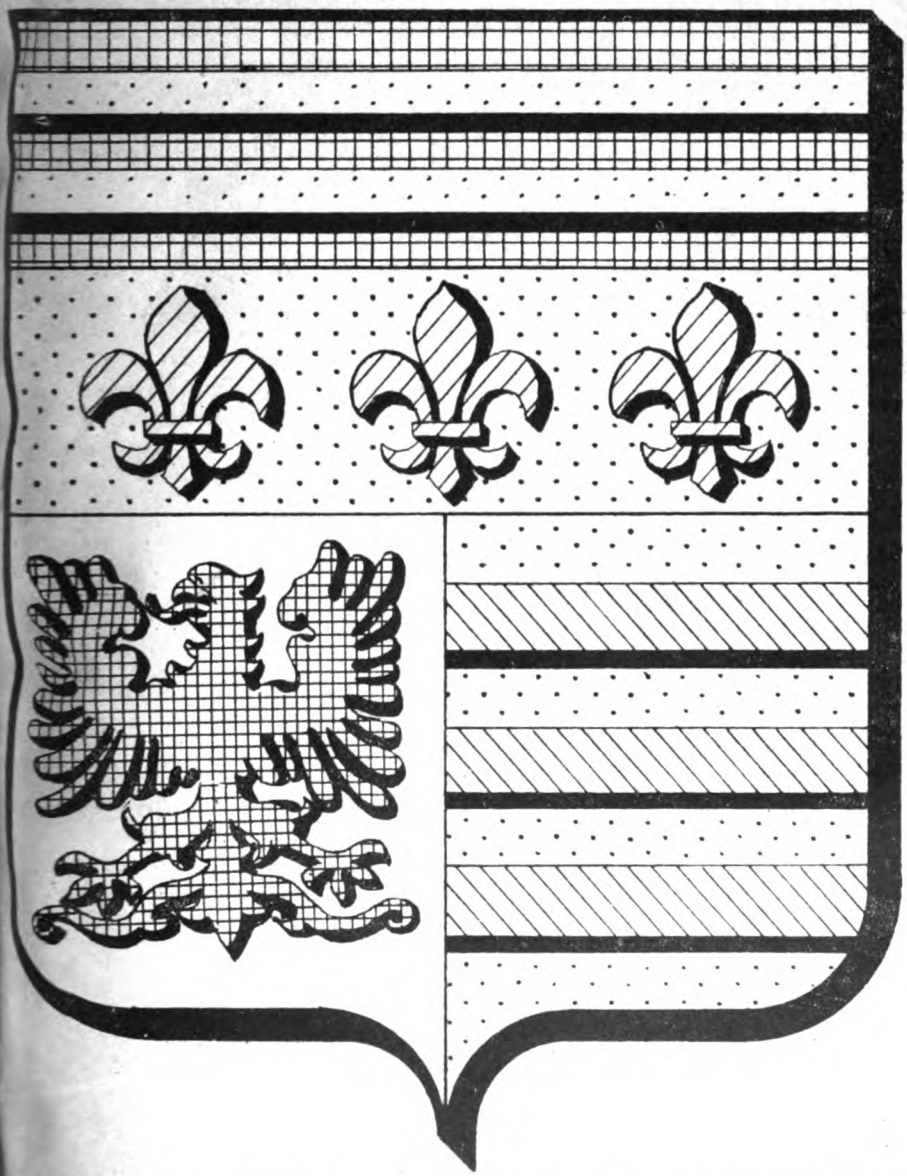


Fig. 7 — Desenho do brasão de armas de Fernão de Aguirre, executado pelo autor destas notas heráldicas.

Digitized by Google

"...amber escudo partido ao tranves esp^te. deRiba partida asprimeiro de preto edous fachas douro esenagando douro etres dalinas epurpura etres pelas Esp^te-debaixo partida pella... Ea diroyta douro etres fachas de verde Ena outra mão de p... c ngay... pretta O elmo deprata feichado guarnido douro... douro e Eouro epreto emais seu timbre".

Confirma-se, pelo texto original, nossa suposição de que o com por Sousa Machado teria sido obtido antes da destruição parcial do do to. Isto porque a descrição dada pelo referido autor, com exceção d tendidas "tres pelhas", em lugar de "tres pelas", coincide com a comento, tendo entretanto abandonado a dos ornatos exteriores do No texto original podemos verificar que o elmo é de prata, fec guarnecido de ouro. No trecho, a seguir, destruído pelos papirófag pelo sentido como pela extensão de tal destruição, deveria haver "paquite", pois anteriormente se enuncia o elmo e suas particulari extenso trecho omitido do "Registro" jamais esclareceriam os atribu armas. Muito embora Sousa Machado tivesse transcrito a desc peças do escudo, entretanto não consignou a dos ornatos exterio todavia, figura no "Registro" tôda mutilada, dando motivos a e interpretações, como sucedeu com o sr. René Henrox, ao compor o brasão para o folheto publicado pelo bispo de Sorocaba.

No texto original, infelizmente, não se descreve o timbre, lim ao lacônico "e mais seu timbre", o que, aliás, se encontra com f nas cartas de brasões da época.

Cremos ter esclarecido suficientemente a composição do br armas de Fernão de Aguirre de que damos um desenho respectivo e cuja descrição heráldica deverá ser a seguinte:

> *Cortado. O 1.º de sable com duas faixas de ouro, rec mesmo metal com três flores-de-lis de púrpura al faixa. O 2.º de prata com uma águia de sable, part com três faixas de sinopla. Elmo de prata, cerrado, de ouro.*

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do professor Seorão Sobrinho, de Sergipe:

"Não desanime, meu caro Moya. Sua obra é monumental e no futuro se tornará de glória para a História do Brasil. O egoísmo individual passará e um subsistirá em que os vivos paguem tributo de reconhecimento aos mortos: relembrem os feitos e os encadeados no tronco da grande árvore humana."

Do sr. Epifanio da Fonseca Doria, de Aracaju:

"Deve estar convencido do quanto é difícil pôr em execução um trabalho de envergadura como o seu, construindo no Brasil o edifício sólido de sua genealogia melhor da genealogia da gente do Brasil".

Digitized by Google

Pequeno Índice de Apelidos

Genealogia Paulistana, de Silva Leme

(Organizado por Salvador de Moya) (*)

Coronel Salvador de Moya

ABREU, I, 39, 42; II, 381, 425, **473**; III, 505, 517; IV, 145, 323, **343**, 499; V, 321, 323; VI, 99, 129, **166**, 186, 191, 200, 201, 209, 219, 238, 247, 429; VII, 117, 119, 240, 241, 295; VIII, 219; Iâ, 140 e 215.

ADAMS, II, 325.

ADORNO, VIII, 440.

AFONSO: I, 2; II, 43; III, 242; V, 210; VII, 298; VIII, 324.

AGUIAR, I, 427, 495; II, 488; III, 412; V, 535; VI, 210, 457; VI, 135, 235.

AGUIRRE. Titulo: IX, 27 a 37 (10 paginas); e I, 41,372, 462; VI, 307; VIII, 420.

ALARCÃO IX, 29.

ALBERNAZ IV, 407; VIII, 5.

ALBURQUERQUE, I, 291, VIII, 369, 370.

ALCANTARA, VIII, 526.

ALCOFORADO, III 217.

ALMADA, IV, 163; VI, 359; VIII, 154.

ALMEIDA, Titulo: IV, 379 a 428 (49 paginas); e I, 61, 70, 236, 391; II, 172; 176; 312, 313, 328, 329, 330, 335, 336, 338, 340, 418; III, 111, 129,

(*) Já foi publicado no n.o 46 da Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo.

Digitized by Google

257, 264, 329, 362, 451, 553; IV, 21, 62, 157, 225, 235, 265, 493, 554, 558 563; V, 26, 31, 199, 230, 330, 333, 335, 339, 530, 572; VI, 5, 41, 53, 142, 153, 181, 209, 237, 272, 278, 316, 318, 322, 536; VII, 86, 230, 231, 547; VIII, 92, 499; IX, 11, 97, 100, 119.

ALVARENGA. Titulo: 213 a 445 (232 paginas); e III, 291; VI, 359; VII, 436.

ALVARES, I, 3, 175, 254, 428, 462, 463, 500, 502; II, 11, 341, 364, 425; III, 174, 428; IV, 400, 430; V, 24, 118, 293, 400; VI, 15, 154, 429; VII, 95;; VIII, 5, 10; IX, 102, 123.

ALVES, VI, 312.

ALVIM, II, 475.

AMARAL, I, 9, 106, 111, 238, 300, 422, 463, 484, 538, II, 144, 167, III, 18, 549, 550; IV, 87, 109, 172, 243, 250, 305; V, 143, 197, VI, 123, 126, 129, 132, 134, 137, 205 551, VII, 290; VIII, 316, 398.

AMERICANO, VI, 269.

AMORES, III, 135; VI, 547.

ANDRADA, I, 447, 457; IX, 15.

ANDRADE, I, 259, 263; III, 295, 520; IV, 217, 295, 357; V, 414, 555; VI, 188, 195, 497; VII, 101.

ANHAIA, I, 63; II, 223; IV, 386, 411; V, 219, 221, 417.

ANTUNES, I, 67, 128, 130, 136, 151, 174; III, 52; IV, 404; VIII, 152, 181.

AQUINO, V, 540.

ARAGÃO, II, 346.

ARANHA, I, 166, 244; III, 498; IV, 65, 220, 510; V, 363; VI, 34, 36; IX, 153.

ARANTES, II, 28, 69; V, 335, 336; VII, 284.

ARAUJO, I, 117, 208, 296, 303, 447, 474; II, 44, 332, 341, 364, 489, 498, 501; III, 130, 194, 212, 349, 505; IV, 234, 549; V, 422; VI, 87, 98, 335; VII, 21, 188, 301, 320; VIII, 498; IX, 98, 102, 103, 104.

ARIAS. Titulo: IX, 27 a 37 (10 paginas); e I, 41.

AROUCHE, VI, 535.

ARRUDA. Titulo: IV, 3 a 165 (162 paginas; e I, 538; II, 329, 380; III, 11; IV, 486; VI, 371; VII, 345; IX, 95, 136.

ARZAM. Titulo: VII, 315 aa 343 (28 paginas); e I, 192; VIII, 189.

ASSIS, IV, 280.

ASSUMPÇÃO, III, 487.

ATAIDE, IV, 333; VI, 179,

AVELLAR, III, 278.

AVILA, I, 353; IX, 46.

AYROSA, VIII, 349.

AZEVEDO, I, 393, 426; II, 285; III, 332; IV, 392.

BARBEIRO, I, 31.

BARBOSA, I, 67, 521; II, 292; III, 10, 40, 42, 43, 62, 246, 247, 253, 319, 387, 462, 558; IV, 281, 387; VI, 224, 328, 515, 516; VII, 135, 155, 157, 188, 273, 476; VIII, 242, 245, 379.

BARCELLOS, II, 138.

Digitized by Google

BARRADAS, VIII, 26.
BARREIROS, IV, 432; VII, 122.
BARRETO, I, 81; III, 12, 19, 88, 532, 553; V, 372, 381; VI, 164, 225; VIII, 233.
BARRIGA, I, 41; IX, 29.
BARROS. Titulo: III, 442 a 511 (69 paginas); e I, 17, 18, 35, 217, 263, 300; III, 16, 107, 275, 336, 373, 376, 385, 398, 408, 421; IV, 239; V, 150; VI, 412, 423, 540, 544; VII, 42, 77, 170; VIII, 203, 412, 545; IX, 111, 127.
BARROSO, I, 244, III, 167; VI, 261.
BARUEL, I, 7, VII, 220; VIII, 367.
BASTOS, III, 52.
BASILIO, I, 218.
BATALHA, II, 302; V, 154.
BAYÃO. Titulo: 166 a 168 (2 paginas); e V, 399, 417.
BERNARDES, IV, 320; V, 413.
BETENCOURT, III, 223; VII, 240, 535.
BETIM, I, 392; II, 457; IV, 505; VII, 462.
BICUDO. Titulo: VI, 296 a 469 (173 páginas). I, 91, 236; II, 40; III, 519; IV, 169, 183, 190, 195, 219; V, 67; VI, 28, 71, 181, 219, 230, 451, 533; VII, 505; VIII, 37, 42.
BIERREMBACH, VI, 65; IX, 195.
BLANCO, VII, 486; VIII, 16, 17, 21, 121, 176.
BLOCH, IX, 176.
BOHN, VI, 36.
BOLINA, IV, 344.
BONIFANTE, II, 350.
BONILHA. Titulo: VII, 258 a 288 (30 paginas); e V, 244.
BORBA, IV, 397, 454, 456, 503; VII, 59, 324.
BORGES. Titulo: 511 a 554 (43 paginas) e III, 311; VIII, 189.
BORRALHO, VI, 359.
BOUCAULT, II, 298.
BRAGA, VII, 535; VIII, 164.
BRANCO, VIII, 18.
BRANT, IV, 315.
BRESSANE, III, 123.
BRITO, I, 54; II, 6, 36, 94, 99, 188, 291, 307; VI, 71, 300, 338, 342, 435; VII, 105, 178; VIII, 329.
BRIZOLLA, VI, 32, 217.
BROCARDO, II, 381.
BROXADO, I, 192.
BUENO. Titulo: I, 418 a 545 (127 paginas); e I, 193, 311, 325, 375, 376, 388, 392, 393, 397, 407; II, 46, 57, 59, 144, 470; III, 147, 199, 203, 206, 211, 212, 214, 331, 332, 459; IV, 298, 481; V, 139, 149, 152, 158, 162, 163, 165, 196; VI, 14, 64, 65, 66, 302, 308, 322, 326, 387, 405; VII, 63, 64, 66, 84, 503; VIII, 300, 335; IX, 88, 194.

Digitized by Google

BUSTAMENTE, II, 462.
CABRAL. Titulo: VII, 343 a 396 (53 paginas); e I, 293, 380; II, 312, 554; III, 319; IV, 59; VI, 105; VII, 10, 249, 430.
CADIME, IV, 304.
CAIADO, VIII, 469.
CAJADO, IV, 361.
CALASSA, IV, 506 (ver Carassa).
CALDEIRA, IV, 315; IX, 120.
CALDER, IV, 315.
CALHAMARES, I, 11; II, 263; VIII, 323.
CALHEIROS, II, 322.
CALÓGERAS, VII, 41.
CAMACHO, I, 31 e 49.
CÂMARA, III, 254.
CAMARGO. Titulo: I, 178 a 418 (240 paginas) e I, 57, 174, 477; II, 7, 101; 151, 154, 191, 269, 294, 357; III, 7, 16, 20, 163, 329, 332, 459, 550; IV, 22, 32, 203, 213, 357; V, 56, 362, 363; VI, 37, 65, 82, 202, 237, 295, 297, 541, 545; VII, 64, 73, 299, 486, VIII, 47, 316, IX, 71.
CAMPOS. Titulo: IV, 165 a 222 (57 paginas) e I, 97, 110, 117, 151, 155, 259, 376, 472; II, 57, 60, 80, 295; III, 129, 259, 474; IV, 6, 20, 120, 129, 157, 466, 493, 497; V, 143, 267, 523, 526; VI, 123, 205, 207, 233, 261, 546; VII, 86, 87, 159, 186; VIII, 155; IX, 72, 133, 150.
CANDEIRA, II, 375; VII, 509.
CANDIA, I, 42.
CANTINHO, IV, 524.
CANTO, III, 193, 448; V, 496; VIII, 197, 329, 447.
CARASSA, V, 107, 325; VII, 98, 445; (ver Calassa).
CARDIA, IV, 404.
CARDOSO, I, 82, 85, 97, 104, 106, 107, 113, 126, 127, 175, 216, 290, 462; II, 64, 299; III, 280, 329, 336, 339, 349, 517, 524; IV, 180; V, 142; VI, 439; VII, 110, 181, 348, 511; VIII, 233, 343, 536, 540.
CARRASCO. Titulo: VI, 469 a 527 (58 paginas; e I, 130.
CARVALHO, I, 427, 429; II, 299, 488, 489; III, 68; IV, 336, 339; V, 273, 425; VI, 132, 159, 163, 409; VII, 85, 125, 171; VIII, 118, 215, 385, 489, 505; IX, 87, 103.
CARVOEIROS. Titulo: I, 48 a 178 (130 paginas).
CASADO, II, 117.
CASSÃO, VI, 178.
CASTANHO. Titulo: IV, 379 a 428 (49 paginas); II, 329; IV, 233, 234, 237, 242, 269, 549, 565; IX, 95.
CASTILHO, III, 56; V, 431.
CASTRO, I, 221, 428; III, 65; V, 430; 540; VI, 134, 358, 380; VII, 116, 253.
CÃTÃO, VI, 389.
CAVALHEIRO, I, 63; III, 138; V, 220; VI, 210, 522; VIII, 478.

Digitized by Google

CERQUEIRA. Titulo: III, 511 a 554 (43 paginas) e I, 207; III, 101, 106, 207; VII, 404, 407.

CESAR, I, 207; III, 107, 207; IV, 322; VI, 549; VII, 401, 416, 417, 420, 425.

CHASSINS. Titulo: VI, 527 a 554 (27 paginas) e VI, 230.

CHAVES. Titulo: IX, 53 a 58 (5 paginas); e II, 44; III, 55; IV, 474; V, 282; VI, 105.

CINTRA, I, 110, 117, 120, 472, 474, 480; II, 60, 259, 501, 544.

COBRA, VI, 389.

COELHO, I, 53, 286, 307; II, 109; III, 20, 504; IV, 332; V, 287; VIII, 26, 217.

COLLAÇO, IV, 506; V, 372; VI, 145; VIII, 487.

COLONA, VII, 323; VIII, 480.

CONCEIÇÃO, V, 427.

CORDEIRO. Titulo: VII, 288 a 315 (27 paginas); I, 300, 463; II, 424; 425; VI, 15, 55, 503.

CORESMA, IV, 314.

CORREA, II, 33, 34, 376, 379, 380, 385, 387, 396, 398, 400, 415, 420; III, 112, 127, 215, 233, 375, 425, 480; IV, 131, 390, 475, 521; V, 129, 138, 281, 282, 297, 324, 443, 528, 547; VI, 29, 36, 58, 334, 513, 525, 540; VII, 93, 94, 138, 152, 191, 280, 284, 326, 391; VIII, 10, 28, 63, 216, 436.

CORTES, IV, 304; V, 395, 546.

COSTA. Titulo: VII, 343 a 396 (53 paginas); I, 28, 49, 55, 132, 204, 314, 353; II, 230, 259; III, 13, 73, 202, 412, 484, 498; IV, 65, 512; V, 19, 94, 186, 193, 490; VI, 63, 80, 101, 159, 349, 452; VII, 131, 143, 171, 181, 249; VIII, 12, 195, 345; IX, 31.

COTRIM, II, 482; V, 117; VI, 148, 190.

COUSSEIRO, I, 33.

COUTINHO, VII, 465.

COUTO, VI, 76.

CRASTO, I, 176, 428, 431; IV, 513.

CRUZ, II, 425; VI, 15; VIII, 154.

CUBAS. Titulo: VI, 179 a 237 (58 paginas); e I, 44, 74, 196, 459; III, 199, 240, 249; IV, 270; VII, 190; VIII, 379.

CUNHA. Titulo: V, 3 a 214 (211 paginas) e I, 58, 293, 307, 337, 347; II, 20, 22, 369; III, 113, 199, 202, 244, 284, 321, 448; VI, 17, 238, 240, 247; VII, 94, 98, 467, 473, 476; VIII, 65, 235, 272, 333, 335, 493; IX, 29.

DANTAS, VII, 23.

DAUNT, I, 225.

DAVILA. Titulo: IX, 46 a 53 (7 paginas).

DELGADO, I, 369; IV, 406; V, 183; VI, 535; VIII, 95, 516.

DELIUS, II, 369.

Digitized by Google

DIAS. Titulo: VIII, 3 a 102 (99 paginas); e IX, 53 a 58 (5 paginas); I, 208; II, 159, 431, 552; III, 167; IV, 6, 7, 43, 269, 270; V, 183, 324, 535; VI, 247, 485, 511; VII, 13, 230; VIII, 549; IX, 45, 80.
DINIZ, III, 55, 293; IV, 402, 512; VI, 612; IX, 55.
DOMINGUES. Titulo: VIII, 102 a 150 (48 paginas); I, 140, 150; III, 150, 151, 433; V, 268, 438; 457; V, 56, 345; V, 125; VIII, 242.
DRUMOND, I, 443; II, 204, 328; V, 359, 508.
DUARTE, I, 286; II, 306, 373, 425; III, 347; IV, 396; VIII, 217.
DULTRA. Titulo: IX, 37 a 46 (9 paginas).
DUMONT, III, 396.
EBANOS, IV, 307.
EIRÓS, VIII, 391.
ELENKOY, II, 342.
ELLIS, V, 152.
ESCOBAR, I, 451; II, 104, 220; VII, 251; VIII, 95.
ESCORCIA, II, 328; V, 242, 508.
ESCUDEIRO, V, 400.
ESPINDOLA, III, 65.
ESTEVES, II, 441; VI, 508.
FAGUNDES, VIII, 461.
FALCÃO, I, 306; II, 109, 313, 321; VII, 237; VIII, 130, 321.
FALLEIROS, IV, 209; VI, 418.
FARIA, I, 40; II, 482, 499; III, 55; VI, 352; VII, 519; VIII, 103.
FARO, II, 373.
FARTO, II, 378.
FERNANDES. Titulo: VII, 224 a 254 (34 paginas) e I, 35, 47, 63, 281; II, 229, 263; III, 172, 480; IV, 314, 524; V, 270; VI, 166; VII, 101, 191, 326; VIII, 501.
FERRAZ, I, 186, 303; II, 498, 547; III, 130, 349, 494; IV, 6, 10, 20, 22, 32, 39, 40, 43, 49, 51, 52, 87, 104, 202, 205, 357, 364, 489; VI, 87, 99, 201, 335, 551; VIII, 47, 547; IX, 71, 104, 105, 138.
FERREIRA, I, 74, 176, 265, 267, 296, 324, 344, 386, 452; II, 235; III, 44, 240, 462; IV, 270; V, 292; VI, 217, 223, 312, 524; VII, 30, 46, 117, 502, 535; VIII, 5, 9, 39, 134, 430, 482, 549; IX, 88.
FIALHO, III, 36, 70; VII, 367.
FIGUEIRA, V, 555; VIII, 408.
FIGUEIREDO, III, 265; IV, 280; VI, 405, 466.
FIGUEIRÓ, II, 377; V, 400; VII, 73; VIII, 449.
FIUSA, II, 335; IV, 557.
FLACQUER, I, 519.
FLEURY, II, 385; IV, 133; V, 524.
FLORENCE, VIII, 529.
FLORES, VII, 269.
FOGAÇA, I, 61, 70.
FOLGADO, IV, 432.

Digitized by Google

FONSECA, I, 64, 214, 432; III, 96, 504, 542; IV, 506; V, 181, 287, 398; VI, 68, 74, 213, 292; VII, 311, 519.
FONTES, VII, 155.
FONTOURA, III, 120.
FORJAZ, I, 448.
FRAGOSO, VII, 93.
FRANÇA, III, 39, 249.
FRANCO, I, 307, 322, 336, 337, 342, 347, 401, 436, 437, 484, 516, 531, 535, 538; II, 34, 36, 48, 50, 51, 267, 268, 269, 276, 278, 280, 285, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 299, 547; V, 289, 305, 316, 499; VI, 15, 17, 21, 96, 195, 247; VIII, 329; IX, 105.
FRAZÃO, II, 291.
FREIRE, III, 71, 72; IV, 295, 354; V, 333; VI, 466, 534; VII, 170, 285; VIII, 128, 347.
FREITAS. Titulo: VII, 168 a 224 (56 paginas) e III, 331; VI, 100; VIII, 544.
FRIAS, V, 566; VIII, 32.
FRÓES, V, 326; VII, 279.
FUMAGALI, IX, 171.
FURQUIM. Título: VI, 237 a 296 (59 páginas); III, 167; VI, 24.
FURTADO. Título: VIII, 445 a 483 (38 páginas); III, 92, 137; VI, 251, 293.
GAGO. Título: V, 3 a 214 (211 páginas); I, 14; III, 202, 264; VII, 319, 467; VIII, 445, 461, 483; IX, 29.
GALVÃO, I, 500; III, 120, 249; IV, 481.
GAMA, VI, 352, 362.
GAMARRA, II, 364.
GAMBOA, III, 537.
GARCIA. Título: VII, 396 a 470 (74 páginas); II, 150, 151; III, 113; IV, 321; V, 413; VI, 117, 518, 524; VII, 313; VIII, 121, 389, 462, 482.
GATO, IV, 397, 457, 503; VII, 324.
GAVIÃO, I, 143; IV, 263.
GAYA. Título: VIII, 404 a 445 (41 páginas).
GIL, I, 16, 17, 316; VI, 146; VIII, 36, 45, 59, 89.
GODOY. Título: VI, 3 a 179 (176 páginas); I, 311, 360; II, 13, 288; III, 159, 551; IV, 236, 367, 554; V, 186, 527; VII, 167; VIII, 300, 333.
GÓES. Título: III, 3 a 90 (87 páginas); I, 28, 353; IV, 96, 65, 217, 237, 238, 259, 301, 504; V, 302, 353, 397.
GOMES, I, 5, 353; II, 220; V, 175, 389, 457; VI, 381; VII, 251, 326; VIII, 212.
GOMIDE, IV, 333.
GONÇALVES, I, 22, 249, 528; II, 20, 22, 118; III, 68, 421; IV, 514; V, 102, 117, 154, 289; VI, 94, 114, 230, 358, 403, 457, 503; VII, 398, 473, 479, 511; VIII, 51, 174, 408; IX, 156.
GORDO, IV, 17.

Digitized by Google

GOULART, II, 212; III, 427; V, 234.
GOUVEA, VIII, 212.
GRALHO, VIII, 549.
GRILLO, V, 464.
GROU, I, 4, 15; VI, 467.
GUÉDES. Título: VIII, 535 a 554 (19 páginas); III, 19, 22; V, 141, 371, 409, 562; VII, 63, 83.
GUERRA, II, 188.
GUIMARÃES, II, 270; VI, 35.
GUMBLETON, I, 225.
GURGEL, IV, 172, 243; V, 197; VI, 123.
GURJÃO, V, 117; VI, 148, 190.
GUSMÃO. Título: IX, 58 a 64 (6 páginas); I, 512; V, 142; VI, 144; VII, 459.
HIDALGO, V, 329.
HOLENDER, II, 334.
HOMEM, III, 265; IV, 407; V, 549; VI, 178, 349, 355; VIII, 111, 195.
HORTA. Título: IV, 311 a 379 (68 páginas); I, 204; II, 436; VIII, 284.
HUNGRIA, VIII, 428.
INGLÊS, V. 11.
JOBIM, V, 552.
JORDÃO, I, 209; IV, 473.
JORGE. Título: VIII, 361 a 382 (21 páginas).
JORTE, II, 437.
JUESTO, II, 369.
JUNQUEIRA, I, 275; VI, 386, 393, 412; IX, 103.
LABRE, II, 490.
LACERDA, II, 270, 276; V, 138, 139; VII, 193, 391; VIII, 63.
LACOMBE, III, 391.
LAET, II, 393.
LARA. Título: IV, 537 a 569 (32 páginas); II, 172; III, 257, 258, 259, 260; IV, 235, 265, 461; VI, 200; VII, 273; VIII, 92, 321, 484.
LEAL, VII, 313.
LEÃO. VI, 166; VII, 227, 235.
LEITÃO, III, 520; V, 414; VIII, 521.
LEITE, I, 146, 300; II, 89, 214, 428, 464; III, 92, 96, 97, 101, 106, 111, 112, 127, 129, 137, 138, 224, 423, 464, 474; IV, 7, 50, 51, 77, 84, 117, 151, 197, 202, 203; V, 63, 87, 165, 230, 252, 255, 267, 270, 273, 452; VI, 117, 252; 256, 536; VII, 123, 231, 407, 518; VIII, 391, 393, 409, 447, 519, 547; IX, 110, 116, 127, 138.
LEME. Título: II, 179 a 557 (378 páginas); I, 5, 63, 69, 164, 213, 388, 408; II, 94, 95, 99, 101, 104; III, 10, 11, 12, 27, 176, 181, 182, 291, 301, 307, 532, 558; IV, 301, 304, 320; V, 218, 219, 225, 282; VI, 24, 31, 41, 46; 111, 153; 298, 334, 357, 359, 361, 433, 453, 540; VII, 19, 52, 259, 291; VIII, 10, 44, 67, 74, 237, 350.

Digitized by Google

LEMOS, IV, 521; V, 129; VII, 58, 84, 93, 138, 471.
LEOMIL, II, 482, 491; VII, 119.
LEONEL, VI, 217; VIII, 430.
LESSA, VIII, 47.
LIBERO, II, 534.
LIMA, I, 49, 55, 57, 209, 323, 498, 518; II, 11, 50; III, 43, 46, 51, 144, 145, 147, 155, 159, 163, 185, 247, 329; IV, 182, 419; V, 56, 305, 349, 391; VI, 153, 154, 215, 224, 225; VII, 149, 343; VIII, 315, 379; IX, 199, 202, 343.
LINHARES, IV, 480.
LOBATO, V, 439.
LOBO, I, 58, 293, 369; IV, 406; V, 21, 94, 452; VI, 536; VIII, 487, 493, 495, 516.
LOPES. Título: VIII, 332 a 361 (29 páginas); I, 180; II, 10, 20, 258; III, 55, 284, 329; IV, 532; V, 96, VIII, 215; IX, 62.
LOUREIRO, VI, 318; VII, 146.
LOUVERA, IV, 329.
LUIZ, I, 48; III, 406; V, 461.
LUMBRIA, VI, 518, 522.
LUSTOSA, I, 115, 176; IV, 320; VI, 274.
MACEDO, I, 36, 42, 44; II, 489; IV, 336; V, 59, 393; VI, 456, 497; VII, 190.
MACHADO. Título: IX, 37 a 46 (9 páginas); I, 50, 140; II, 348; III, 13, 42, 48, 51, 339; IV, 69, 182; V, 114, 125, 339, 381, 409; V, 516; VII, 83, 340, 358, 488; VIII, 21, 147, 273, 370, 423, 523.
MACIEL. Título: VIII, 150 a 269 (119 páginas); I, 128, 129, 139; IV, 354; V, 22, 353.
MADEIRA, VI, 466.
MADUREIRA, II, 322; V, 391.
MAGALHÃES, I, 53; III, 348, 493; VI, 272; VII, 391.
MAIA, III, 41; V, 498; VII, 387.
MALDONADO, III, 186.
MALHEIROS, IV, 86; V, 118.
MANSO, II, 225; III, 73; VII, 255.
MARCONDES, II, 267; V, 19, 187, 490, 549; VII, 350, 360, 419; VIII, 7, 37, 47.
MARINS, IV, 304.
MARIZ, VIII, 146.
MARQUES, V, 293.
MARREIROS, III, 51.
MARTINS. Título: VII, 258 a 288 (30 páginas); I, 3; II, 138; III, 173, 196, 266; IV, 271, 284; V, 244, 296; VI, 372, 549; VII, 258, 259, 269, 514, 532; VIII, 544.
MASCARENHAS, IV, 271.
MATTOS, I, 5, 421; II, 189, 229, 234; V, 64; VII, 93; VIII, 153.

Digitized by Google

MATTOSINHO, II, 360.
MATTOSO, I, 330; V, 424.
MEDEIROS, I, 42, 204; II, 10, 128; IV, 532, 565; VI, 8, 260, 475; VII, 181; VIII, 246.
MEIRA, I, 171; II, 304; IV, 514; VI, 36, 230, 258.
MEIRELLES, III, 71.
MELLO, I, 499; II, 295, 299; III, 252, 270; IV, 150, 151, 163, 242, 244, 246, 250, 251, 255, 563; V, 496, 499; VI, 94, 96; VII, 106, 302; VIII, 5, 9.
MENDES, I, 67, 111, 210; III, 265; IV, 40; V, 287, 324, 549; VI, 536; VII, 127, 470, 519; VIII, 15, 499.
MENDONÇA. Título: VIII, 470 a 548 (78 páginas); I, 5, 420; III, 199, 249; V, 128; VIII, 39, 134, 449.
MENEZES, I, 448, III, 111; IV, 212; IX, 116.
MERGULHÃO, I, 413.
MESQUITA, II, 202; III, 385, 412.
MICHELET, IV, 152.
MILLIET, VII, 22.
MIRANDA, III, 94, 130, 362; V, 218; VI, 119; VII, 527; VIII, 18.
MISSEL, IV, 304.
MONIZ. Título: IX, 58 a 64 (6 páginas); II, 146, 364; V, 302; VI, 19, 330; VIII, 357; IX, 377.
MONTEIRO, I, 132; II, 189, 424; IV, 183; V, 286; VI, 529; VII, 42, 101, 416, 542; VIII, 30, 49.
MONTES, VIII, 168.
MONTEZUMA, V, 552.
MORAIS. Título: VII, 3 a 169 (163 páginas); I, 88, 194, 535; II, 117, 138, 219, 220, 234, 378, 379, 381, 398, 415, 428; III, 366; IV, 259, 459, 539, 551, 559; V, 131, 149, 159, 162, 165, 168, 173, 255, 324, 378, 443; VI, 342, 501; VII, 204, 208, 280; VIII, 164, 275, 280; 357, 391, 409, 509, 513, 519; IX, 156.
MORATO, II, 271; V, 424, 425.
MOREIRA, I, 40, 309, 360, 498; II, 13; III, 44, 57, 551; IV, 367; V, 19, 186, 193, 431, 438; 527; VI, 35, 39, 205; VII, 367, 398, 401, 417, 430, 436; VIII, 333, 384, 389, 391.
MORETZSHON, II, 200.
MORGAN, IV, 333.
MOTA, VI, 396.
MOURA, I, 143 a 146; II, 330, 338, 483; V, 9, 439; VII, 193, 367; VIII, 313; IX, 32, 100.
MUNHOZ, I, 197; III, 221, 223, 224; V, 137; VII, 527, 535; IX, 202.
MURILLO, I, 7; VII, 282.
MUSA, VI, 415.
NABO, III, 72; VI, 475, 534.
NARDY, V, 403; VIII, 453.

Digitized by Google

NAVARRO, I, 88; IV, 559; VII, 5.
NEGRÃO, II, 483; VI, 485; IX, 32.
NEGREIROS, III, 524.
NEVES, I, 298, 333; II, 142, 146, 150, 154, 279, 321; IV, 463; V, 378; VI, 111; VII, 516; IX, 59.
NIZA, II, 353.
NOBRE, IV, 389, VI, 461.
NOGUEIRA, I, 104, 227, 234, 499; III, 172, 176, 549; IV, 52, 53, 412, 423; V, 71; VI, 355, 362, 373, 381, 389, 395, 396, 402, 409, 415, 416, 430; VII, 101, 326; VIII, 111, 272; IX, 83, 131.
NORONHA, II, 69; VI, 380, 426, 430.
NOVAIS, I, 208; II, 345; III, 64, 348, 493; IX, 80.
NUNES, I, 24; 117; II, 112, 137; III, 34, 63, 167, 538; V, 51, 64, 67; VI, 329, 447; VIII, 113, 210, 406; IX, 107.
ÓCONOR, I, 223.
O' LEARY, IV, 337.
OLIVA, V, 498.
OLIVEIRA. Título: VIII, 483 a 535 (52 páginas); I, 59, 69, 70, 114, 115, 204, 322, 375, 407, 436, 439, 528, 531; II, 33, 118, 295, 360, 362, 482, 535; III, 138, 150, 217, 231, 287; IV, 314, 315, 320, 321, 322, 323, 325, 330, 369; VI, 96, 102, 225, 293, 420; VI, 371, 529; VII, 63, 127, 237, 294, 302, 420; VIII, 7, 89, 130, 168, 196, 284, 288, 319, 428.
ORDONHO, VI, 29.
ORNELAS, VII, 10.
ORTIZ, I, 306, 310, 318, 518, 521; II, 471; VI, 295.
OUROS, II, 370.
PACHECO, II, 120; IV, 43, 49, 412, 457, 465, 466, 473, 474, 475; V, 38; VI, 137, 459; VIII, 369; IX, 150.
PADILHA, I, 461; VI, 300.
PAES, I, 67, 107, 140, 150, 177, 195, 203, 245, 280, 285, 408; II, 112, 142, 321, 340, 350, 465, 473, 480; III, 7, 57, 60, 151, 376, 408, 433; IV, 176, 330, 331, 369, 425, 454, 486, 493, 497; 505, 558; V, 56, 186, 345, 526; VI, 472; VII, 319, 404, 501; VII, 104, 264, 480.
PAIVA. Título: VII, 288 a 315 (27 páginas). VII, 519.
PALMA, III, 80.
PASSALACQUA, IV, 211.
PASSOS, I, 108; II, 254; III, 26; V, 335; VII, 409; VIII, 136.
PAULA, III, 464; IV, 252; VIII, 273.
PEDROSO. Título: III, 442 a 511 (69 páginas); I, 203; III, 138; IV 239, 305, 551; V, 159, 286, 340, 417, 420, 443, 507; VI, 316, 544; VII, 17, 52, 147, 149, 152, 157, 208; VIII, 58, 383, 412, 500.
PEGAS, III, 9.
PEIXOTO, II, 188; IV, 263, 513.
PELEJA, III, 141.
PENTEADO. Título: III, 368 a 440 (72 páginas); I, 117, 186, 245, 267, 342; II, 82, 89; IV, 50, 77, 131; V, 150; VI, 108, 545.

Digitized by Google

PERALTA, VII, 465.
PEREGRINO, III, 192.
PEREIRA, I, 64, 81, 139, 206, 210; II, 104, 120, 373, 418; III, 35, 36, 275, 278, 292, 298; IV, 392; V, 158, 393, 452; VI, 80, 114, 300, 436; 461, 475, 502, 544; VII, 21, 38, 66, 131, 240, 391; VIII, 188.
PERES, I, 11; II, 263; VIII, 323.
PERESTRELLO, I, 143, 309.
PERRUCHE, VIII, 468.
PESSANHA, I, 306; II, 109.
PESTANA, IV, 400.
PIMENTA, I, 39, 42; IV, 499; V, 323; VI, 99; VII, 119, 516.
PIMENTEL, I, 56, 322, 324, 353, 401, 515; II, 141, 151, 269; VIII, 10, 12, 254, 270, 540.
PINHEIRO, I, 85, 115, 202, 479; II, 189; 232; III, 17, 20, 85, 235, 254, 280, 293, 323, 349, 451, 494, 542; IV, 246, 261, 332, 459; V, 26, 210, 290, 321, 371, 409; VI 44, 479; VII, 83, 459; VIII, 29, 270, 275, 343, 418, 423; IX, 199.
PINTO, I, 259; II, 369, 371; III, 260, 487; IV, 339, 438; V, 181, 397, 321; VI, 68, 74, 233, 278; VII, 98, 214, 461; VIII, 547.
PIRATININGA, V, 40.
PIRES. Título: II, 3 a 179 (176 páginas) e Título: Iâ, 46 a 53 (7 páginas); I, 297, 299, 353, 401, 477; II, 269, 329, 332, 385; III, 307; IV, 131, 171, 208; V, 149, 361, 362; VI, 540; VII, 86, 273; VIII, 30, 254, 496, 513; IX, 97, 98, 100.
PITTA, II, 224.
PIZA. Título: V, 445 a 568 (123 páginas).
POMPEU. Título: IV, 222 a 311 (89 páginas); I, 256; IV, 473; VI, 256.
PONCE, VI, 166; VII, 235.
PONTES, I, 23, 24, 127, 202; III, 214, 218, 221, 227, 287, 298; IV 454; V, 120; VIII, 113, 118 121, 319.
PORTES, III, 236; V, 183, 184; VII, 467; VIII, 116, 121, 276.
PORTO, III, 167, 174; IV, 337; IX, 123.
POVOADORES. Título: VII, 224 a 254 (34 páginas).
PRADO. Título: III, 90 a 368 (278 páginas), I, 374; II, 210, 231, 232, 252, 258, 267, 293, 305; III, 10, 516; IV, 21, 304, 321; V, 31, 210. 361, 395; VI, 221; VII, 26, 46, 312, 471; VIII, 67, 95.
PRATES, I, 214.
PREGO, IX, 72.
PRESTES, I, 70,130; II, 349; IV, 270, 288; VIII, 138, 182, 462, 475.
PRETO. Título: VIII, 269 a 331 (62 páginas); I, 63, 91, 113, 114, 308, 439; II, 40; VI, 44, 221;
PROENÇA, II, 327; III, 258; IV, 384; VI, 167, 180, 181, 186, 350; VII, 240.
PUJOL, VIII, 165.
PUPO, I, 234; IV, 53; IX, 83; 131.
QUADROS. Título: IV, 508 a 537 (29 páginas); IV, 220.
QUARTIM, VII, 308.

Digitized by Google

QUEVEDO, II, 445.
QUEIMADO, IV, 423.
QUEIRÓZ, I, 202; III, 390, 538; IV, 331; V, 292; VI, 415; VII, 30, 38, 48.
QUINTANA, VIII, 28.
RALSTON, IV, 287.
RAMALHO, I, 30, 42; IX, 65.
RAMOS, II, 68; III, 270; IV, 375; V, 202, 330; VI, 331.
RANGEL, III, 34, 35, 63; VI, 329; IX, 107.
RAPOSO. Título: III, 3 a 90 (87 páginas); III, 249, 251, 542; IV, 301; VI, 240, 328; VII, 5, 322; VIII, 15, 16, 461.
REBELLO, IV, 377; VI, 479.
REBOREDO, I, 25.
REGO, II, 189; III, 10, 17, 60, 62, 80, 254, 347; IV, 59, 62, 150, 255; VII, 273; VIII, 270.
REIS, II, 230; V, 276, 394; VI, 470 508.
RENDON. Título: IX, 3 a 27 (24 páginas); VI, 535.
REQUE, IV, 302.
REZENDE, III, 392; V, 490.
RIBAS, IV, 456; V, 496; VI, 491; IX, 142, 147.
RIBEIRA. Título: I, 418 a 545 (127 páginas).
RIBEIRO, I, 14, 390, 391, 451; II, 129; III, 97, 145, 362; IV, 390; V, 282, 342, 398, 461; VI, 178, 426, 497, 541; VII, 135, 301, 312; VIII, 17, 215, 449.
ROCHA, I, 56, 285, 325, 515, 518; II, 224, 290, 420; III, 193, 435, 517; VI, 14, 361; VII, 159, 186, 253, 485; VIII, 197, 329, 418, 549.
RODRIGUES. Título: VIII, 332 a 361 (29 páginas); I, 5, 145, 149, 209, 309, 392, 397; II, 115, 188, 345, 353; III, 39, 41, 107, 130, 135, 217, 218, 227, 231, 295, 304, 366, 377, 432; IV, 369, 504, 505; V, 106, 107, 135, 252, 311, 326, 386, 397, 399, 438; VI, 76, 78, 79, 82, 85, 105, 108, 167, 254, 331, 437; VII, 46, 59, 181, 237, 279, 299, 311, 445, 542; VIII, 95, 147, 196, 245, 246, 280; IX, 110, 111.
ROLIM, I, 144; VIII, 373, 428.
ROMEIRO, V, 290; VII, 367.
ROSA, V, 389.
ROSADO, VII, 92.
ROSALES, VIII, 401.
ROSEIRA, VI, 501.
ROJAS (ou Roxas), VII, 438; VIII, 383.
RUDGE, V, 203; VII, 425.
RUXAQUE, II, 352.
SÁ, II, 462; IV, 69, 456; VI, 373; VII, 53; IX, 72, 142.
SAAVEDRA. Título: VIII, 382 a 404 (22 páginas).
SALEMA, V, 312.
SALGADO, VIII, 37, 47, 51.
SALLES, II, 117; III, 225; IV, 471; VIII, 153, 155, 164.

Digitized by Google

SAMPAIO, IV, 71, 73, 84, 96, 97, 104, 145, 205; VIII, 219, 501.
SANCHES, I, 23; VI, 352.
SANDOVAL, IX, 34.
SANTOS, I, 220; II, 231; IV, 271; V, 118; VI, 82, 403, 405, 475, 544; VIII, 170, 171.
SARDINHA, I, 76, 81.
SCHIMIDT, VI, 393.
SEABRA, II, 318; V, 499; VII, 97.
SEIXAS, VI, 473.
SERRA, I, 269; VIII, 170.
SERVA, IV, 462.
SETTE, IV, 371.
SETUBAL, I, 143, 149; II, 319; IV, 157.
SICILIANO, IV, 367.
SILLOS, VI, 404.
SILVA, I, 5, 63, 76, 269, 306, 307, 390, 426, 461, 503; II, 46, 104, 109, 159, 167, 218, 240, 268, 278, 348, 354, 371, 378, 396, 428, 465, 470, 471, 523; III, 27, 181, 275, 307; IV, 17, 298, 304, 318, 364, 465; V, 242, 282, 302, 316, 386; VI, 31, 58, 64, 331, 433; VII, 19, 26, 340, 358, 461, 479, 527; VIII, 41, 47, 67, 171, 189, 215, 216, 385, 393.
SILVEIRA, I, 120, 480; II, 50, 64, 68, 69, 80, 82, 212, 214, 280, 387, 428; III, 5, 6, 7, 206, 336; IV, 151; V, 163, 234, 507; VI, 44; VII, 322; VIII, 58.
SIMÕES, V, 105, 276.
SIQUEIRA. Título: VII, 470 a 548 (78 páginas); 185, 516; II, 41, 43, 48, 51, 137, 138, 376; III, 155, 163, 173, 226, 246, 247, 252, 291, 375, 517; IV, 238; V, 87, 137; VI, 15, 263, 439; VII, 26, 45, 84, 95; VIII, 36, 37, 42, 44, 45, 59, 210, 280, 406, 461; IX, 41.
SOARES, I, 217; II, 148; III, 484; 505; IV, 236, 386; V, 378; VI, 19, 167, 191, 223, 472, 506, 541, 546; VII, 80, 502, 530; VIII, 216, 313, 315, 316, 505, 545; IX, 41, 215.
SODRÉ. Título: IX, 27 a 37 (10 páginas); II, 482, 499; IX, 34.
SOUSA, I, 54, 155, 166, 226, 239, 263; II, 258; III, 22, 85, 211, 252, 390, 392, 398; IV, 10, 244, 251, 252, 261, 325, 463; V, 430; VI, 89, 126, 330, 402; VII, 13, 105, 106, 110, 114, 204; VIII, 188, 189, 347; IX, 58.
SOUTO, I, 140; VII, 53; IX, 15.
STAIDEL, II, 197.
SUBTIL, I, 59.
TABORDA, II, 346; IV, 456; VI, 491; VII, 298; IX, 147.
TANGERINO, III, 23.
TAQUES. Título: IV, 222 a 311 (89 páginas); II, 475; IX, 11.
TAVARES, II, 34, 554; V, 94; VI, 451, 453, 454; VII, 320; VIII, 498.
TAVEIRA, V, 566; VIII, 32.
TAVORA, I, 380; III, 537.
TEIXEIRA, I, 227, 426; II, 20, 94, 279; III, 487; V, 117, 378, 454, 457; VI, 89, 292, 395; IX, 45.

Digitized by Google

TELLES, III, 265, 292; VII, 48.
TENORIO. Título: IV, 428 a 508 (80 páginas).
TERRA, VI, 408, 416.
TIBIRIÇÁ, V, 40.
TOBIAS, VI, 210.
TOLEDO. Título: V, 445 a 568 (123 páginas); II, 94, 400; IV, 284, 461; V, 363; VI, 535; VII, 168; VIII, 40; IX, 153.
TORRES, I, 36; VI, 456.
TRAVASSOS (português), VII, 297.
TRIGUEIRINHO, VIII, 73.
UNHATE, V, 136.
VALLE, IV, 352; V, 311; VI, 506, 451.
VARELLA, VI, 180; VIII, 47, 49.
VASCONCELOS, I, 218; V, 114, 403; VI, 55, 101; VII, 285, 488; VIII, 228, 453, 523.
VAZ. Título: VIII, 535 a 554 (19 páginas); I, 126, 429; II, 489; III, 6; IV, 109, 173, 438; V, 141, 146, 321, 349; VI, 322, 466; VII, 214; IX, 87.
VEIGA, III, 202, 203, 215, 233, 235; IV, 402; V, 469; VI, 357.
VELHO. Título: VII, 396 a 470 (74 páginas); e título: VIII, 361 a 382 (21 páginas); I, 81; II, 549; VI, 39; VII, 380; VIII, 25.
VELLOSO, VIII, 168.
VERGARA, I, 53.
VERGUEIRO, II, 191.
VIDAL, I, 12; II, 43; VII, 500; VIII, 324.
VIDIGAL, IV, 268, 269; VIII, 107, 129.
VIEGAS, II, 289, 436.
VIEIRA, I, 129, 136; III, 64; IV, 281; V, 8, 9, 105, 162; VI, 342, 454; VII, 304, 387; VIII, 7, 40, 41, 65, 124, 152, 174, 176, 181, 203, 509, 547.
VIOTTI, VI, 376.
VILALBA, II, 306.
VILARINHO, II, 431.
VILLASBOAS, II, 117.
WERNECK, III, 167.
WHITAKER, I, 268; II, 273, 276; III, 242, 386, 394, 398, 399, 406, 413; IV, 254; VII, 305, 309.
XAVIER, I, 108; VII, 147.
XORTES, II, 436.
ZENEGA (o certo é Zuñiga), VII, 228.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Waldemar de Assiz Ribeiro, prefeito de Teresópolis:

"Acuso o recebimento, para a biblioteca municipal, das excelentes publicações com que vossa Excelência, — pesquisador erudito, — honra a cultura nacional".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA E DESPESA

EXERCICIO: 1.º de Janeiro á 31 de Dezembro de 1943

RECEITA		Cr.$	
Anuidade de sócios		20.944,50	
Donativos de particulares	415,00		
Subvenções do Govêrno Federal em 1943	3.000,00	3.415,00	
Venda avulsa		1.112,00	
Diplomas		815,00	26.286,50
Deficit de 1943			13.133,40
			39.419,90

DESPESA	Cr.$
Móveis e utensílios	1.300,00
Biblioteca	3.705,00
Despesas de Secretaria e Correio	3.914,20
Comissões	3.676,90
Despesas Diversas	1.252,00
Clichês	408,60
Revista	23.914,00
Alugueis	1.200,00
Imposto Sindical	49,20
	39.419,90

RESUMO

RECEITA TOTAL DE 1943	26.286,50
DESPESA TOTAL DE 1943	39.419,90
DEFICIT TOTAL DE 1943	13.133,40
DEFICIT ANTERIOR	26.341,20
DEFICIT TOTAL	39.474,60

N. B. — Para cobrir o deficit apresentado foram feitos os seguintes empréstimos:

Abril 1940	11.000,00
Maio 1941	4.000,00
Julho 1941	5.000,00
Dezembro 1941	3.000,00
Julho 1942	5.000,00
Dezembro 1943	12.000,00
	40.000,00

Importancia a receber
Anuidade 690,00

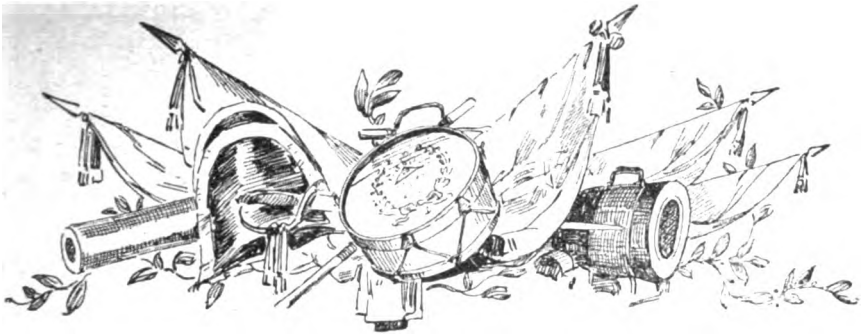
São Paulo, 31 de Dezembro de 1943

DOMINGOS LAURITO
Tesoureiro - ad-hoc

SALVADOR DE MOYA

MARCELO FIGUEIRA NETTO

Digitized by Google



Arvores de Costado

Joaquim de Campos Serra Filho, † 1941

Joaquim de Campos Serra Filho
† 1941

O falecido sr. Joaquim de Campos Serra Filho, estudioso de assuntos genealógicos, deixou uma grande Arvore de Costado de sua familia, que nos foi gentilmente emprestada por seu filho Monsenhor Rui Serra, vigário geral da Diocese de S. Carlos e diretor do Ginásio Municipal da mesma cidade. Por ser a arvore muito grande e não comportar a sua impressão completa nesta Revista, extraimos quatro galhos, isto é, quatro arvores de costado dos quatro avós do falecido Joaquim de Campos Serra Filho, de quem tambem damos ligeiros traços biográficos a seguir:

Joaquim de Campos Serra Filho, nasceu aos 22 de Agósto de 1870 na Fazenda do Tatú, município de Limeira, formada pelo seu avô Cândido Serra e cuja casa senhorial ainda existe junto à estação desse mesmo nome. Era filho de Joaquim de Campos Serra e de D. Terêsa Amélia de Arruda Mendes Serra, esta, natural de Itú.

Fez seus estudos secundários no Colégio Culto à Ciência e no Colégio Diocesano, na Capital do Estado.

Terminados os estudos secundários, aos 16 anos, foi tomar conta das propriedades de seu pai que era dono da Fazenda Monte Alegre, no município de Descalvado.

Continuou, depois, seus estudos diplomando-se em odontologia tendo exercido a sua profissão, primeiro, em São Paulo e, mais tarde, em Jaú, durante 27 anos. Nessa cidade exerceu cargos representativos tendo sido ve-

Digitized by Google

reador na Câmara Municipal e, nessa mesma cidade faleceu aos 25 de Dezembro de 1941 rodeado da estima e consideração de todos, na idade de 73 anos. Era casado com sua prima D. Delfina Olinto Serra e, alem da viuva, deixou os seguintes filhos: Ercila (Irmã Maria Delfina), religiosa de S. José; Teresa (Irmã Terêsa da Santa Face), religiosa de S. Vicente de Paulo; Padre Francisco Serra, Vigário de Jaú; Monsenhor Rui Serra, Vigário Geral da Diocése de S. Carlos e Diretor do Ginásio Municipal e Ciro Serra, cirurgião dentista residente em Jaú.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Helio Viana, na revista "Estudos Brasileiros", n.º 30, pag. 298:

"Salvador de Moya. *Anuário Genealógico Brasileiro.* Ano V-1943. São Paulo. Organizado pelo Sr. Salvador de Moya e publicado pelo Instituto Genealógico Brasileiro, o *Anuário Genealógico Brasileiro* entrou em seu quinto ano de existência com um volume de 412 páginas, fartamente ilustradas e contendo amplo material de sua especialidade, muito útil à História do Brasil. Três artigos contém a primeira parte do *Anuário,* dedicada às Familias Reais e Chefes de Estado: "Aliança matrimonial da Casa Real Portuguesa com a Casa Imperial Brasileira; "Getulio Vargas à luz da genealogia", do Sr. Aurélio Pôrto, e "Os Roosevelts", do Sr. Bulcão Junior. A segunda parte, reservada ao Clero, compreende a genealogia de D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, arcebispo de São Luiz do Maranhão, e uma "Relação dos Bispos e Arcebispos do Arcebispado de Belém, do Grão Pará, levantada pelo padre Carlos Borromeu Ebner, C. PP. S. Já tendo o *Anuário* publicado elementos sobre todos os titulares criados pelo Império brasileiro, reserva, agora, sua terceira parte, ás retificações que se impõem à bibliografia e genealogia dos mesmos.

Titulares estrangeiros, residentes no Brasil, vivos ou já falecidos, figuram na quarta parte do *Anuário Genealógico Brasileiro,* com as respectivas armas e retratos, quando possivel.

Uma das maiores seções do *Anuário* é, porém, a reservada às Familias Brasileiras, seguida de outra dedicada às Familias Estrangeiras radicadas no Brasil.

Como sétima parte do *Anuário,* nele aparece a biografia do prof. Eduardo Carlos Pereira, escrita pelo Sr. Salvador de Moya.

A oitava parte, corresponde à Genealogia Estrangeira, contém a da familia d'Amerval, de origem francesa.

Como colaboração especial, a seguir aparecem "Apontamentos genealógicos da familia Vasconcelos," pelo Sr. Décio de Vasconcelos. A décima parte, dedicada à Documentação, apresenta 120 páginas de extratos dos "Mapas de População" da capitania de São Paulo, começados em 1765 por ordem do governador e capitão-general dom Luiz Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus. Referem-se a diversos municipios paulistas, conforme os respectivos originais, guardados no Arquivo Público de São Paulo, preciosa fonte de informações para historiadores e genealogistas. Apresenta esses utilissimos "Recenseamentos" o Sr. Benedito Marcondes.

Do Diretor do Arquivo, Biblioteca e Boletim Municipal de Porto Alegre:

"Damos em nosso poder, a título de permuta com nosso Boletim Municipal, os n.ºs 5, 6, 7 e 8 da excelente *Revista Genealógica Brasileira,* de sua direção. Inútil é encarecer a excelência dessa publicação tão interessante quanto útil não apenas aos genealogistas como, também, aos historiadores e estudiosos em geral. Com os nossos agradecimentos comunicamos, que dentro de mais alguns dias será ditribuido o n.º 15 do Boletim Municipal".

Digitized by Google

1 D.ª Maria Eleuteria de Campos, (c. c. seu tio; (Genealogia Paulistana, I, 269) avó-paterna de Joaquim de Campos Serra Filho

3 Rita Antonia da Silva Serra

7 Paula Joaquina de Andrade c. 1791 (Genealogia Paulistana, VI, 199).

14 Antônio Fra drade, portu em Parnaíba

15 Rita Anton Serra (Gene tana, VI, 1

2 José de Campos Penteado

4 Antônio Pompeo de Camargo Penteado

8 José de Ca (Genealogia 248).

9 Barbara Pae c. 1757, (Genealogia III, 434).

5 Ana de Arruda Campos

10 Antônio Pom

11 Rita de Arru

6 Floriano Camargo Penteado, cap.-mór, † 1838 (Genealogia Paulistana, I, 262

12 José de Ca n.º 8 supra.

13 Barbara Pae n.º 9 supra.

Ge.

725

726

ea-

†
1).
Ge-

64 Fernão de Camargo, o Tigre (Geneal. Paul., I, 179).
65 Mariana do Prado (Geneal. Paul., II, 304).
66 Gonçalo Lopes, português.
67 Catarina da Silva.
68 Manuel Pacheco Gato, † 1692.
69 Ana da Veiga (Geneal. Paul., IV, 454).
70 Diogo da Silva Carvalho, † 1689.
71 Paula da Costa (Geneal. Paul., VIII, 117).
72 Francisco Rodrigues Penteado, † 1673.
73 Clara de Miranda (Genealogia Paulistana, III, 135 e 368).
74 Pedro Vaz de Barros, n. 1646 (Genealogia Paul. III, 445).
75 Maria Leite de Mesquita, † 1732.
76 Antônio Corrêa de Lemos, † 1664.
77 Maria de Quadros (Geneal. Paul., IV, 520).
78 Sargento-mór João Lopes de Medeiros.
79 Mariana da Luz.
80 João Gago Paes.
81 Ana de Proença.
82 Jordão Homem Albernaz
83 Joana de Almeida.
84 Manuel Ferraz de Araujo.
85 Veronica Dias Leite.
86 Francisco de Arruda e Sá
87 Maria de Quadros
88 Felipe de Campos Branderborg.
89 Margarida Bicudo.
90 Lourenço Corrêa Ribeiro.
91 Maria Pereira de Azevedo.
92 Sebastião de Arruda Botelho.
93 Isabel de Quadros.
94 Antônio Rodrigues Penteado.
95 Maria de Almeida Lara.
96 Fernão de Camargo, o Tigre, n.º 64 supra.
97 Mariana do Prado, n.º 65.
98 Gonçalo Lopes, n.º 66.
99 Catarina da Silva, n.º 67.
100 Manuel Pacheco Gato, n.º 68.
101 Ana da Veiga, n.º 69.
102 Diogo da Silva Carvalho, n.º 70.
103 Paula da Costa, n.º 71.
104 Francisco Rodrigues Penteado, n.º 72.
105 Clara de Miranda, n.º 73.
106 Pedro Vaz de Barros, n.º 74.
107 Maria Leite de Mesquita, n.º 75.
108 Antônio Corrêa de Lemos, n.º 76.
109 Maria de Quadros, n.º 77.
110 João Lopes de Medeiros, n.º 78.
111 Mariana da Luz, n.º 79.
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124 Paulo de Proença de Abreu, † 1676 (Geneal. Paul., V$, 181).
125 Maria Bicudo de Brito.
126 Antônio de Almeida Cabral, † 1669 (Geneal. Paul., II, 312).
127 Maria da Silva Galvão, † 1674.

Digitized by Google

1 Cândido José Silva Serra, c. 1826 em S. Carlos (hoje Campinas) (Genealogia Paulistana, I, 269)
avô-paterno de Joaquim de Campos Serra Filho

não de Camargo, o Tigre (Genealo- a Paulistana, I, 179).	64	Josepe de Camargo (Gen. Paul. 178).
	65	Leonor Domingues.
riana do Prado (Genealogia Paulis- a, II, 304).	66	João Santa Maria.
	67	Felipa do Prado (Geneal. Paul. II, 265).
	68	Pedro Lopes.
ıçalo Lopes, n. Santa Marinha (Por- al).	69	Ana da Costa.
arina da Silva.	70	Cosme da Silva.
	71	Isabel Gonçalves.
nuel Pacheco Gato, †-1692.	72	Manuel Pacheco.
	73	Beatriz Gato.
ı da Veiga (Genealogia Paulistana, 454).	74	João Paes.
	75	Suzana Rodrigues (Genealogia Paul., IV, 454).
go da Silva Carvalho, n. Lisboa, † ,9 (Genealogia Paulistana, VIII, 117).	76	Domingos Fernandes.
	77	Maria Antunes.
ıla da Costa.	78	João da Costa Carvalho.
	79	Paula Nunes de Siqueira.
ncisco Rodrigues Penteado, † 1673 enealogia Paulistana, III, 368).	80	Francisco Rodrigues de Miranda.
	81	Clara de Miranda.
ra de Miranda (Genealogia Paulis- a, III, 135).	82	Antônio Rodrigues de Miranda.
	83	Potencia Leite (Geneal. Paul. III, 94).
lro Vaz de Barros, n. 1646 (Genea- a Paulistana, III, 445).	84	Antônio Pedroso de Barros (G. Paul. III, 444).
	85	Maria Pires de Medeiros, c. 1639.
ria Leite de Mesquita, † 1732.	86	Domingos Rodrigues de Mesquita.
	87	Maria Dias.
ônio Corrêa de Lemos, † 1664.	88	José Corrêa de Lemos.
	89	Francisca de Lira.
ria de Quadros (Genealogia Paulis- a, IV, 520).	90	Mauricio de Castilhos.
	91	Maria de Quadros (Gen. Paul., IV, 520).
o Lopes de Medeiros, sargento-mór.	92	Sarg.-mór Matias Lopes.
	93	Catarina do Prado.
riana da Luz.	94	Inácio Fernandes.
	95	Catarina Cortes.
	96	
	97	
	98	
	99	
	100	
	101	
	102	
	103	
	104	
	105	
	106	
	107	
	108	
	109	
	110	
	111	
	112	
	113	
	114	
	115	
	116	
	117	
	118	
	119	
ılo de Proença de Abreu, † 1676 enealogia Paulistana, VI, 181).	120	João de Abreu.
	121	Isabel Proença Varela (Geneal. Paul. VI, 180).
ria Bicudo de Brito.	122	João Bicudo de Brito.
	123	Ana Ribeiro.
ônio de Almeida Cabral (Genealo- Paulistana, II, 312), † 1669.	124	Luiz Dias Leme (Geneal. Paul., II, 311).
	125	Ana Cabral.
ria da Silva Galvão, † 1674.	126	Francisco da Fonseca Galvão, Cap.-mór Gov.
	127	Maria da Silva, c. 1634, em S. Paulo.

Digitized by Google

1 Elias Eufrasio de Arruda (Genealogia Paulistana, VI, 130) avô-materno de Joaquim de Campos Serra Filho

2 Sargento-mór Eufrasio de Arruda Botelho (Genealogia Paulistana, IV, 128)

3 Ana Joaquina de Campos, c. 1796, em Itú (Genealogia Paulistana, IV, 192)

4 Miguel de Arruda (Genealogia Paulistana, IV, 127)

5 Maria de Frias, n. Itú, c. 1740, em Itú, † 1766

6 Estanislau de Campos Almeida, sargto.-mór (Genealogia Paulistana, IV, 190).

7 Antonia de Arruda, c. 1759, em Itú (Genealogia Paulistana, IV, 315).

8 Mi (G IV,

9 Mar tel, logia

10 João

11 Cata 1707

12 Felip (Ge IV,

13 Isabel logia

14 Antôn ros. † Paulis

15 Josefa † 179 listana

Pau- 64
65

66
67

alogia 68 Bernardo de Quadros, † 1642 (Genealogia Paulistana, IV, 508).
69 Cecilia Ribeiro.

Pau- 70 Manuel Pires.
71 Maria Bicudo.

72 Manuel Corrêa.
73

74 Antônio Rodrigues Miranda.
75 Potencia Leite.

76 Lourenço Castanho Taques.
77 Maria de Lara.

78 Antônio de Almeida Pimentel.
79 Lucrecia Pedroso.

80
81

82
83

84
85

86
87

1649 88 Baltazar de Godoi.
89 Paula Moreira.

90 Francisco de Mendonça.
91 Maria Diniz.

1686 92 Pedro de Oliveira, † 1644.
93 Francisca Cordeiro, III, 189.

94 João Borralho de Alvada (o velho).
95 Maria de Proença.

1631 96 Felipe da Ban der Borg (Gen. Paul. IV, 165)
97 Antonia del Campo.

98 Cap. Manuel Pires.
99 Maria Bicudo.

nea- 100 Serafino Corrêa, † 1658.
101 Isabel de Anhaia (Geneal. Paul. IV, 386).

102 Antônio Pereira de Azevedo.
103 Virginia Missel.

104 José de Campos Bicudo.
105 Maria de Almeida.

106 Miguel de Arruda e Sá.
107 Maria de Almeida Pimentel.

28, 108 Francisco Rodrigues Penteado (Geneal. Paul. III, 368).
109 Clara de Miranda.

110 Tomé de Lara e Almeida.
111 Maria de Almeida Pimentel.

au- 112 Cap. Braz Esteves Leme.
113 Margarida Bicudo de Brito (Gen. P. VI, 298)

114 Domingos Machado Jacome.
115 Catarina de Barros.

Ge- 116 Lourenço Castanho Taques (Geneal. Paul., IV, 231).
117 Maria de Lara, c. 1631.

118 Luiz Pedroso de Barros.
119 Leonor de Siqueira Goes e Araujo.

120 Lourenço de Araujo Ferraz.
121 Brites Ribeiro.

au- 122 Pedro Dias Paes Leme, † 1633 (Genealogia Paulistana, II, 450).
123 Maria Leite, † 1670.

Ge- 124 Gonçalo Vaz Botelho.
125 Ana de Arruda.

126 Bartolomeu de Quadros.
127 Isabel Bicudo.

Digitized by Google

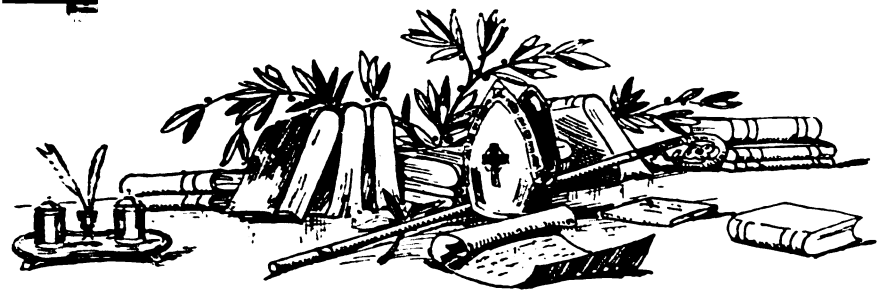
			64	
			65	
			66	
			67	
			68	
			69	
			70	
			71	
			72	
			73	
			74	
			75	
			76	
			77	
			78	
			79	
		z de Araujo.	80	Lourenço de Araujo Ferraz.
		s Leite (Genealogia Pau-	81	Brites Ribeiro.
		98).	82	Pedro Dias Paes Leme, † 1633 (Genealogia Paulistana, II, 450).
			83	Maria Leite, † 1670.
		Arruda e Sá (Genealogia	84	Gonçalo Vaz Botelho.
		7, 4).	85	Ana de Arruda.
		adros.	86	Bartolomeu de Quadros.
			87	Isabel Bicudo.
		Pacheco Botelho.	88	Sebastião Botelro da Fonseca.
			89	Catarina Viveiros.
		ruda.	90	Nicoleu da Costao de Arruda.
			91	Inês Tavares.
			92	
		de Souza.	93	Margarida do Rego.
		Campos (Genealogia Pau-	94	Felipe de Campos Banderborg (Genealogia Paulistana, IV, 166).
		12).	95	Margarida Bicudo.
			96	
			97	
			98	
			99	
			100	
			101	
			102	
			103	
			104	
			105	
			106	
			107	
			108	
			109	
			110	
			111	
		guiar da Silva (Genealogia	112	João Gonçalves de Aguiar, c. 1635, † 1668.
		I, 457).	113	Luzia de Mendonça (Geneal. Paul., IV, 457).
			114	
			115	
		drigues de Matos.	116	Antônio Rodrigues de Matos
		e de Miranda (Genealogia	117	Maria de Mendonça.
		, 242).	118	Sebastião Leme de Alvarenga.
			119	Mariana de Miranda.
			120	
			121	
			122	
			123	
		artins Bonilha (Genealogia	124	Francisco Martins Bonilha (Genalogia Paulistana, VII, 267).
		VII, 267).	125	Ana de Lara.
		lves da Costa.	126	Domingos Gonçalves da Cruz.
			127	Isabel da Costa.

1 D.ª Brasca Mendes (Genealogia Paulistana, IV, 42) avó-materna de Joaquim de Campos Serra Filro

2 Tenente José Mendes Ferraz (Genealogia Paulistana, IV, 40)

3 Blanca Luiza Flores, c. 1795 (Genealogia Paulistana, V, 249)

Digitized by Google



Relação dos Livros de Batismo, Casamentos e Óbitos

Bispado de São Carlos

Monsenhor Rui Serra

1.º) ANÁPOLIS.

Batizados. Livros: 1.º, 1897/904; 2.º, 1904/5; 3.º, 1906/13; 4.º, 1914/20; 5.º, 1920/27; 6.º, 1927/32; 7.º, 1932/35; 8.º 1935/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1898/906; 2.º, 1906/7; 3.º, 1908/25; 4.º, 1925/40; 5.º, 1941/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1897/927; 2.º, 1927/44.

2.º) ARARAQUARA (*São Bento de*).

Batizados. Livros: 1.º, 1817/30 (também casamentos e óbitos); 2.º, 1830/54; 3.º, 1854/56; 4.º, 1856/69; sem n.º, 1861/74; 5.º, 1869/72; 6.º, 1872/78; 7.º, 1878/81; sem n.º, 1879/80; 8.º, 9.º, 10.º, — 1881/89; 9.º, 1881/86; 10.º 1889/91; 11.º, 1891/93; 12.º, 1893/94; 13.º, 1894/96; 14.º, 1897; 15.º, 1898; 16.º, 1899; 17.º, 1900; 18.º, 1901; 19.º, 1902; 20.º, 1903; 21.º, 1904; 22.º, 1905; 23.º, 1906; 24.º, 1907/8; 25.º, 1908/9; 26.º, 1909; 27.º, 1910; 28.º, 1911; 29.º, 1911/12; 30.º, 1912/13; 31.º, 1913/14; 32.º, 1914/15; 33.º, 1915/16; 34.º, 1916; 35.º, 1916/17; 36.º, 1917/18; 37.º, 1918/19; 38.º, 1919; 39.º, 1919/20; 40.º, 1920/21; 41.º, 1921; 42.º, 1921/22; 43.º, 1922/23; 44.º, 1923/24; 45.º, 1924; 46.º, 1924/25; 47.º, 1925/26; 48.º, 1926; 49.º, 1926/27; 50.º, 1927/28; 51.º, 1928; 52.º, 1928/29; 53.º, 1929; 54.º, 1929/30; 55.º, 1930; 56.º, 1930/31; 57.º, 1931/32; 58.º, 1932; 59.º, 1932/33; 60.º, 1933/34; 61.º, 1934; 62.º, 1934/35; 63.º, 1935/36; 64.º, 1936; 65.º, 1936/32; 66.º, 1937/38; 67.º, 1938; 68.º, 1939; 69.º, 1939/40; 70.º, 1940/41; 71.º, 1941; 72.º, 1941/42 73.º, 1942/43; 74.º, 1943/44.

Digitized by Google

Casamentos. Livros: 1.º, 1817/30; 2.º, 1842/65; 3.º, 1873/86; 3.º-A, 1880/81; 4.º, 1886/88; 5.º, 1889/94; 6.º, 1894/1900; 7.º, 1900/05; 8.º, 1905/09; 9.º, 1909/13; 10.º, 1913/16; 11.º, 1916/19; 12.º, 1919/22; 13.º, 1922/24; 14.º, 1924/27; 15.º, 1927/30; 16.º, 1930/33; 17.º, 1933/35; 18.º, 1935/38; 19.º, 1938/40; 20.º, 1940/43; 21.º, 1943/44.

Óbitos. Livros: 1817/30 (vêr no livro n.º 1 de Batismos); 1.º, 1842/63; 2.º, 1863/74; 3.º, 1875/88; 4.º, 1888/1915; 5.º, 1915/19; 6.º, 1919/22; 7.º, 1922/24; 8.º, 1924/27; 9.º, 1927/30; 10.º, 1930/32; 11.º, 1932/36; 12.º, 1936/37; 13.º, 1937/39; 14.º, 1939/40; 15.º, 1940/42; 16.º, 1942/44.

3.º) ARARAQUARA (*Paróquia de Santo Antônio de*).

Batizados. Livros: 1.º, 1936/40; 2.º, 1940/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1936/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1936/44.

4.º) ARARAQUARA (*Paróquia de N.ª S.ª do Carmo de*).

Batizados. Livros: 1.º, 1943/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1943/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1943/44.4

5.º) BARIRÍ.

Batizados. Livros: 1.º, 1886/97; 2.º, 1897/902; 3.º, 1903/905; 4.º, 1906/908; 5.º, 1909/10; 6.º, 1910/11; 7.º, 1912/13; 8.º, 1913/15; 9.º, 1915/17; 10.º, 1917/18; 11.º, 1918/19; 12.º, 1919/20; 13.º, 1920/21; 14.º, 1921/22; 15.º, 1922/24; 16.º, 1924/25; 17.º, 1925/28; 18.º, 1928/29; 19.º, 1929/30; 20.º, 1930; 21.º, 1930/31; 22.º, 1931/32; 23.º, 1932/33; 24.º, 1933/34; 25.º, 1934/35; 26.º, 1925/36; 27.º, 1936/38; 28.º, 1938/40; 29.º, 1940/43; 30.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1886/1909; 2.º, 1910/16; 3.º, 1916/21; 4.º, 1921/23; 5.º, 1923/27; 6.º, 1927/31; 7.º, 1931/35; 8.º, 1935/39; 9.º, 1939/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1914/21; 2.º, 1921/24; 3.º, 1924/29; 4.º, 1929/34; 5.º, 1934/36; 6.º, 1936/39; 7.º, 1939/42; 8.º, 1942/44.

6.º) BARRA BONITA.

Batizados. Livros: 1.º, 1903/908; 2.º, 1908/11; 3.º, 1911/14; 4.º, 1914/17; 5.º, 1917/20; 6.º, 1920/22; 7.º, 1922/25; 8.º, 1925/27; 9.º, 1927/29; 10.º, 1929/33; 11.º, 1933/38; 12.º, 1938/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1903/15; 2.º, 1915/21; 3.º, 1921/32; 4.º, 1932/43.

Óbitos. Livros: 1.º, 1909/24; 2.º, 1924/34; 3.º, 1934/44.

7.º) BOA ESPERANÇA.

Batizados. Livros: 1.º, 1876/84; 2.º, 1885/89; 3.º, 1889/94; 4.º, 1894/97; 5.º, 1897/905; 6.º, 1905/908; 7.º, 1908/12; 8.º, 1913/16; 9.º,

Digitized by Google

1916/19: 10.º, 1919/20; 11.º, 1920/22; 12.º, 1922/24; 13.º, 1924/27; 14.º, 1927/29; 15.º, 1929/32; 16.º, 1933/34; 17.º, 1935/37; 18.º, 1937/40; 19.º, 1940/43: 20.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1886/88; 2.º, 1889/1900; 3.º, 1901/16; 4.º, 1917/22; 5.º, 1922/33; 6.º, 1933/39; 7.º, 1940/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1871/82; 2.º, 1882/89; 3.º, 1889/90; 4.º, 1890/908; 5.º, 1908/21; 6.º, 1921/25; 7.º, 1925/34; 8.º, 1934/40; 9.º, 1940/44.

8.º) BOCAINA.

Batizados. Livros: 1.º, não existe; 2.º, 1896; 3.º, 1896/97; 4.º, 1898/900; 5.º, 1900/903; 6.º, 1904/7; 7.º, 1907/11; 8.º, 1911/13; 9.º, 1913/15; 10.º, 1915/17; 11.º, 1917/18; 12.º, 1918/20; 13.º, 1920/22; 14.º, 1922/23; 15.º, 1923/25; 16.º, 1925/27; 17.º, 1927/28; 18.º, 1928/29; 19.º, 1930/32; 20.º, 1932; 21.º, 1932/37; 22.º, 1937/41; 23.º, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, não existe; 2.º, 1896/99; 3.º, 1899/1908; 4.º, 1908/17; 5.º, 1917/21; 6.º, 1921/27; 7.º, 1927/32; 8.º, 1932/39; 9.º, 1939/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1891/94; 2.º, 1914/22; 3.º, 1922/24; 4.º, 1924/27; 5.º, 1927/34; 6.º, 1934/40; 7.º, 1940/44.

9.º) BORBOREMA.

Batizados. Livros: 1.º°, 1921/25; 2.º, 1925/29; 3.º, 1929/33; 4.º, 1933/35; 5.º, 1935/37; 6.º, 1937/40; 7.º, 1940/42; 8.º, 1942/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1921/35; 2.º, 1936/43; 3.º, 1943/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1921/36; 2.º, 1937/43; 3.º, 1943/44.

10.º) BROTAS.

Batizados. Livros: 1.º, 1843/47; 2.º, 1847/69; 3.º, 1845/64; 4.º, 1854/63; 5.º, 1867/69; 6.º, 1869/78; 7.º, 1878/85; 8.º, 1886/92; 9.º, 1892/97; 10.º, 1897/1901; 11.º, 1901/904; 12.º, 1904/8; 13.º, 1908/10; 14.º, 1910/12; 15.º, 1912/14; 16.º, 1914/17; 17.º, 1917/19; 18.º, 1919/21; 19.º, 1921/25; 20.º, 1925/27; 21.º, 1927/30; 22.º, 1930/32; 23.º, 1932/37; 24.º, 1937/39; 25.º, 1939/43; 26.º, 1944.

Casamentos. Livros: 1.º, 1844/66; 2.º, 1856/64; 3.º, 1867/76; 4.º, 1876/89; 5.º, 1889/92; 6.º, 1892/99; 7.º, 1899/1911; 8.º, 1911/19; 9.º, 1919/26; 10.º, 1926/33; 11.º, 1933/39; 12.º, 1939/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1843/58; 2.º, 1859/64; 3.º, 1867/72; 4.º, 1873/79; 5.º, 1879/89; 6.º, 1907/36; 7.º, 1936/44.

11.º) CORUMBATAÍ.

Batizados. Livros: 1.º, 1912/18; 2.º, 1918/23; 3.º, 1923/26; 4.º, 1926/32; 5.º, 1932/35; 6.º, 1935/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1923/38; 2.º, 1938/44.

*Óbitos. Livros*s 1.º, 1923/44.

Digitized by Google

12.º) DOBRADA.

Batizados. Livros: 1.º, 1921/24; 2.º, 1924/27; 3.º, 1927/31; 4.º, 1931/34; 5.º, 1934/37; 6.º, 1937/41; 7.º, 1941/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1921/33; 2.º, 1933/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1921/39; 2.º, 1939/44.

13.º) DOIS CÓRREGOS.

Batizados. Livros: 1.º, 1868/77; 2.º, 1877/82; 3.º, 1883/85; 4.º, 1886/90; 5.º, 1890/93; 6.º, 1893/97; 7.º, 1897/900; 8.º, 1900/1; 9.º, 1902/5; 9.º-A, 1902/14; 10.º, 1905/10; 11.º, 1910/14; 12.º, 1914/15; 13.º, 1915/16; 14.º, 1916/17; 15.º, 1917/19; 16.º, 1919/21; 17.º, 1921/24; 18.º, 1924/27; 19.º, 1927/28; 20.º, 1928/29; 21.º, 1929/31; 22.º, 1931/32; 23.º, 1932/35; 24.º, 1935/36; 25.º, 1936/38; 26.º, 1938/39; 27.º, 1939/40; 28.º, 1940/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1868/80; 2.º, 1880/90; 3.º, 1890/99; 4.º, 1902/3; 5.º, 1903/5; 6.º, 1905/15; 7.º, 1915/19; 8.º, 1919/24; 9.º, 1924/28; 10.º, 1928/34; 11.º, 1934/39; 12.º, 1939/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1889/93; 2.º, 1915/18; 3.º, 1918/19; 4.º, 1919/24; 5.º, 1924/28; 6.º, 1928/32; 7.º, 1932/42; 8.º, 1942/44.

14.º) DOURADO.

Batizados. Livros: 1.º, 1892/98; 2.º, 1898/901; 3.º, 1901/4; 4.º, 1904/8; 6.º, 1909/12; 7.º, 1912/14; 8.º, 1914/16; 9.º, 1916/18; 10.º, 1918/22; 11.º, 1922/28; 12.º, 1928/32; 13.º, 1932/36; 14.º, 1936/39; 15.º, 1939/43; 16.º, 1944.
Casamentos. Livros: 1.º, 1898/905; 2.º, 1905/15; 3.º, 1915/23; 4.º, 1923/34; 5.º, 1934/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1915/20; 2.º, 1926/40; 3.º, 1940/41; 4.º, 1941/44.

15.º) GAVIÃO PEIXOTO.

Batizados. Livros: 1.º, 1942/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1943/44.

16.º) GUARIBA.

Batizados. Livros: 1.º, 1900/5; 2.º, 1905/9; 3.º, 1909/12; 4.º, 1912/13; 5.º, 1913/20; 6.º, 1920/26; 7.º, 1926/30; 8.º, 1930/34; 9.º, 1934/37; 10.º, 1937/40; 11.º, 1940/43; 12.º, 1943/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1900/13; 2.º, 1913/24; 3.º, 1924/37; 4.º, 1937/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1906/10; 2.º, 1912/43; 3.º, 1943/44.

17.º) IBATÉ

Batizados. Livros: 1.º, 1906/4; 2.º, 1914/21; 3.º, 1921/25; 4.º, 1925/29; 5.º, 1929/33; 6.º, 1933/36; 7.º, 1937/40; 8.º, 1940/44.

Digitized by Google

Casamentos. Livros: 1.º, 1906/30; 2.º, 1930/33; 3.º, 1933/42; 4.º 1942/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1906/44.

18.º) IBITINGA.

Batizados. Livros: 1.º, 1886/93; 2.º, 1893/98; 3.º, 1899/1901; 3.º-A, 1901/4; 4.º, 1904/9; 5.º, 1909/12; 6.º, 1912/15; 7.º, 1915/17; 8.º, 1917/19; 9.º, 1919/21; 10.º, 1921; 11.º, 1922/23; 12.º, 1923/25; 13.º, 1925/26; 14.º, 1926/27; 15.º, 1927/29; 16.º, 1929/30; 17.º, 1930/31; 18.º, 1931/33; 19.º, 1933/35; 20.º, 1935/37; 21.º, 1937/38; 22.º, 1938/40; 23.º, 1940/43; 24.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1886/97; 1.º-A, 1897/902; 2.º, 1903/9; 3.º, 1909/17; 4.º, 1917/23; 5.º, 1923/26; 6.º, 1926/30; 7.º, 1930/34; 8.º, 1934/38; 9.º, 1938/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1886/923; 2.º, 1924/28; 3.º, 1928/32; 4.º, 1932/39; 5.º, 1939/43; 6.º, 1943/44.

19.º) IRAPUÃN.

Batizados. Livros: 1.º, 1934/40; 2.º, 1940/42; 3.º, 1942/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1935/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1935/40; 2.º, 1940/44.

20.º) ITAJÚ.

Batizados. Livros: 1.º, 1936/41; 2.º, 1941/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1936/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1936/44.

21.º) ITAJUBÍ.

Batizados. Livros: 1.º, 1910/14; 2.º, 1914/17; 3.º, 1917/19; 4.º, 1919/20; 5.º, 1920/22; 6.º, 1922/23; 7.º, 1923/25; 8.º, 1925/26; 9.º, 1926/27; 10.º, 1927/29; 11.º, 1929/31; 12.º, 1931/32; 13.º, 1932/34; 14.º, 1934/36; 15.º, 1936/38; 16.º, 1938/39; 17.º, 1939/40; 18.º, 1940/42; 19.º, 1942/43; 20.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1910/22; 2.º, 1922/25; 3.º, 1925/29; 4.º, 1929/33; 5.º, 1934/39; 6.º, 1939/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1917/24; 2.º, 1924/28; 3.º, 1928/31; 4.º, 1931/39; 5.º, 1939/43; 6.º, 1943/44.

22.º) ITÁPOLIS.

Batizados. Livros: 1.º, 1871/78 (cópia); 2.º, 1876/90 (cópia); 3.º, 1890/96 (cópia); 4.º, 1895/903; 5.º, 1903/6; 6.º, 1906/10; 7.º, 1909/12; 8.º, 1912/13; 9.º, 1913/14; 10.º, 1914/15; 11.º, 1915/17; 12.º, 1917/18; 13.º, 1918/19; 14.º, 1919/20; 15.º, 1920/21; 16.º, 1921/22; 17.º, 1922/23; 18.º,

Digitized by Google

1923/25; 19.º, 1925/26; 20.º, 1926/27; 21.º, 1927/28; 22.º, 1928/29; **23.º**, 1929/30; 24.º, 1930/31; 25.º, 1931/32; 26.º, 1932/33; 27.º, 1933/34; **28.º**, 1934/35; 29.º, 1935/36; 30.º, 1936/37; 31.º, 1937/38; 32.º, 1938/41; **33.º**, 1941/42; 34.º, 1942/43; 35.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1871/88; 2.º, 1888/98; 3.º, 1898/909; **4.º**, 1909/14; 5.º, 1914/18; 6.º, 1918/23 7.º, 1923/29; 8.º, 1929/34; 9.º, 1934/**38**; 10.º, 1938/43; 11.º, 1943/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1881/909; 2.º, 1912/16; 3.º, 1917/20; 4.º, 1920/**28**; 5.º, 1928/31; 6.º, 1931/34; 7.º, 1934/38; 8.º, 1938/42; 9.º, 1942/44.

23.º) ITAPUÍ.

Batizados. Livros: 1.º, 1902/5; 2.º, 1905/12; 3.º, 1912/13; **4.º**, 1913/15; 5.º, 1915/17; 6.º, 1917/19; 7.º, 1919/20; 8.º, 1920/22; 9.º, 1922/**23**; 10.º, 1923/26; 11.º, 1926/28; 12.º, 1928/29; 13.º, 1929/31; 14.º, 1931/**32**; 15.º, 1932/34; 16.º, 1934/36; 17.º, 1936/38; 18.º, 1938/42; 19.º, 1942/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1902/5; 2.º, 1905/18; 3.º, 1918/21; 4.º, 1922/27; 5.º, 1927/32; 6.º, 1932/36; 7.º, 1936/43; 8.º, 1943/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1906/13; 2.º, 1913/20; 3.º, 1920/28; 4.º, 1928/**32**; 5.º, 1932/38; 6.º, 1938/42; 7.º, 1942/44.

24.º) ITIRAPINA. (*Capela de Itaqueri da Serra*).

Batizados. Livros: 1.º, 1843/75; 2.º, 1862/73; 3.º, 1873/77; **4.º**, 1877/79; 5.º, 1881/86; *na Igreja Matriz*: 1.º, 1891/94; 1.º-A, 1893/907; **2.º**, 1905/6; 3.º, 1907/16; 4.º, 1916/22; 5.º, 1922/30; 6.º, 1930/34; 7.º, 1934/**40**; 8.º, 1940/43; 9.º, 1943/44.

Casamentos. Na Capela de Itaqueri da Serra: *Livros*: 1.º, 1856/86; **2.º**, 1893/902; *na Igreja Matriz*: 1.º, 1892/98; 2.º, 1902/6; 3.º, 1907/31; **4.º**, 1931/44.

Óbitos. Livros: *Na Capela de Itaqueri da Serra*: 1.º, 1843/84. *Na Igreja Matriz*: 1.º, 1925/42.

25.º) JAÚ (*N.ª S.ª do Patrocínio do*)

Batizados. Livros: 1.º, 1857/61; 2.º, 1861/64; 3.º, 1865/75; 3.º-A, 1871/73; 4.º, 1875/77; 5.º, 1877/82; 6.º, 1883/85; 7.º, 1885/88; **8.º**, 1888/91; 9.º, 1891/92; 10.º, 1892/93; 11.º, 1893/94; 12.º, 1894/96; **13.º**, 1896/97; 14.º, 1898/900; 15.º, 1900; 16.º, 1900/2; 17.º-A, 1901/3; **17.º-B**, 1901/4; 18.º, 1904/5; 19.º, 1905/6; 20.º, 1906/7; 21.º, 1907/8; 22.º, 1908/9; 23.º, 1909/10; 24.º, 1910; 25.º, 1910/11; 26.º, 1911/12; 27.º, 1912/13; **28.º**, 1913/14; 29.º, 1914; 30.º, 1914/15; 31.º, 1915/16; 32.º, 1916; 33.º, 1916/**17**; 34.º, 1917/18; 35.º, 1918; 36.º, 1918/19; 37.º, 1919/20; 38.º, 1920; **39.º**, 1920/21; 40.º, 1921/22; 41.º, 1922/23; 42.º, 1923/24; 43.º, 1924/26; **44.º**, 1926/27; 45.º, 1927; 46.º, 1927/28; 47.º, 1929; 48.º, 1929/30; 49.º, 1929/30; 50.º, 1930; 51.º, 1930/31; 52.º, 1931; 53.º, 1931/32; 54.º, 1932; 55.º, 1932/33; 56.º, 1933/34; 57.º, 1934/35; 58.º, 1935; 59.º, 1935; 60.º, 1935/36; **61.º**, 1936; 62.º, 1936/38; 63.º, 1938/40; 64.º, 1940/42; 65.º, 1942/44.

Digitized by Google

Casamentos. Livros: 1.º, 1858/66; 2.º, 1866/71; 3.º, 1871/85; 4.º, 1885/87; 5.º, 1890/94; 6.º, 1894/97; 7.º, 1898/1903; 8.º, 1903/4; 9.º, 1904/7; 10.º, 1907/12; 11.º, 1912/14; 12.º, 1914/16; 13.º, 1916/19; 14.º, 1919/20; 15.º, 1920/23; 16.º, 1923/27; 17.º, 1927/29; 18.º, 1929/31; 19.º, 1931/34; 20.º, 1934/35; 21.º, 1935/38; 22.º, 1938/41; 23.º, 1941/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1857/67; 2.º, 1888/9; 3.º, 1913/21; 4.º, 1921/25; 5.º, 1925/30; 6.º, 1930/33; 7.º, 1933/36; 8.º, 1936/40; 9.º, 1940/44.

NOTA — *No arquivo paroquial de N.ª S.ª do Patrocinio do Jaú existem mais os seguintes livros de batismo, casamentos e óbitos*:

— Um livro de 1871 a 1887, até fls. 77 batizados de filhos de escravos; depois serve de livro de Tombo e copiador de documentos da Cúria.

— Um livro n.º 6 de casamentos, do ano de 1894 a 1897; da pág. 69 a 83, contém assentamentos de batizados.

— Um livro com assentamentos de casamentos de 1866 a 1871, até fls. 49; daí em diante, assentamentos de óbitos.

— Um livro de 1885 a 1890: das fls. 1 a 33 e 101 a 113, assentamentos de óbitos. Das fls. 33 a 99 e 113 a 200 assentamentos de casamentos.

— Um livro de 1890 a 1894. Até fls. 35 assentamento de óbitos, seguindo-se assentamentos de casamentos.

26.º) JAÚ (*S. Sebastião do*).

Batizados. Livros: 1.º, 1935/38; 2.º, 1938/44.
Casamentos. Livros: 1.º, 1935/44.
Óbitos. Livros: 1.º, 1935/44.

27.º) JUREMA.

Batizados. Livros: 1.º, 1912/16; 1.º bis, 1916/18; 2.º, 1918/20; 3.º, 1921/22; 4.º, 1922/25; 5.º, 1925/26; 6.º, 1926/30; 7.º, 1930/33; 8.º, 1933/36; 9.º, 1936/41; 10.º, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1913/15; 2.º, 1916/20; 3.º, 1921/30; 4.º, 1931/41; 5.º, 1931/41.

Óbitos. Livros: 1.º, 1913/44.

28.º) MATÃO.

Batizados. Livros: 1.º, 1898/900; 2.º, 1900/3; 3.º, 1903/5; 4.º, 1905/7; 5.º, 1907/9 6.º, 1909/11; 7.º, 1911/13; 8.º, 1913/14; 9.º, 1914/15; 10.º, 1915/16; 11.º, 1916/17; 12.º, 1917/20; 13.º, 1920/21; 14.º, 1921/22; 15.º, 1922/23; 16.º, 1924/25; 17.º, 1925/26; 18.º, 1926/28; 19.º, 1928/29; 20.º, 1929/31; 21.º, 1931/32; 22.º, 1932/34; 23.º, 1934/37; 24.º, 1937/38; 25.º, 1938/39; 26.º, 1939/40; 27.º, 1940/43; 28.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1898/900; 2.º, 1900/6; 3.º, 1906/25; 4.º, 1925/28; 5.º, 1929/35; 6.º, 1935/40; 7.º, 1940/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1908/26; 2.º, 1929/34; 3.º, 1934/38; 4.º, 1938/42; 5.º, 1942/44.

Digitized by Google

29.º) MINEIROS.

Batizados. Livros: 1.º, 1911/13; 2.º, 1913/15; 3.º, 1915/18; 4.º, 1918/26; 5.º, 1926/31; 6.º, 1931/37; 7.º, 1937/41; 8.º, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1911/21; 2.º, 1921/27; 3.º, 1927/37; 4.º, 1937/44.

Óbitos. Livros: 1.º. 1912/38; 2.º. 1938/44.

30.º) MUNDO NOVO.

Batizados. Livros: 1.º, 1930/31; 2.º, 1931/32; 3.º, 1932/33; 4.º, 1933/35; 5.º, 1935/36; 6.º, 1936/37; 7.º, 1937/40; 8.º, 1940/43; 9.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1930/33; 2.º, 1933/37; 3.º, 1937/43; 4.º, 1944.

Óbitos. Livros: 1.º, 1930/33; 2.º. 1933/41; 3.º. 1941/44.

31.º) NOVA AMÉRICA.

Batizados. Livros: 3.º, 1919/21; 4.º, 1922/25; 5.º, 1925/32; 6.º. 1932/37; 5.º bis. 1937/41; 6.º bis, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1915/21; 2.º, 1921/32; 3.º, 1932/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1915/41; 2.º, 1941/44.

32.º) NOVO HORIZONTE.

Batizados. Livros: 1.º, 1900/6; 2.º, 1907/15; 3.º, 1916/18; 4.º, 1918/19; 5.º, 1919; 6.º. 1920/21; 7.º, 1921/23; 8.º, 1923/24; 9.º, 1924/26; 10.º, 1926/27; 11.º, 1927/28; 12.º, 1928/30; 13.º. 1930/31; 14.º, 1931; 15.º, 1931/32; 16.º. 1932/33; 17.º, 1933/34; 18.º, 1934/35; 19.º, 1935/36; 20.º, 1936/37; 21.º, 1937; 22.º. 1937/38; 23.º, 1938/39; 24.º, 1939/40; 25.º, 1940/41; 26.º, 1941/42; 27.º, 1942/43; 28.º, 1943/44; 29.º, 1944.

Casamentos. Livros: 1.º, 1900/12; 2.º, 1912/16; 3.º, 1916/20; 4.º, 1920/23; 5.º, 1923/25; 6.º, 1925/27; 7.º. 1927/29; 8.º. 1929/32; 9.º, 1932/36; 10.º. 1936/39; 11.º. 1939/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1916/23; 2.º. 1923/28; 3.º, 1928/31; 4.º, 1931/36; 5.º, 1936/38; 6.º, 1938/40; 7.º, 1940/42; 8.º, 1942/44.

33.º) POTUNDUVA (*Município de Jaú*).

Batizados. Livros: 1.º, 1939/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1939/44.

34.º) RIBEIRÃO BONITO.

Batizados. Livros: 1.º, 1877/83 e 1898; 2.º, 1894/97; 3.º, 1899/904; 4.º, 1904/6; 5.º, 1906/12; 6.º, 1912/16; 7.º, 1916/17; 8.º, 1918/20; 9.º, 1920/22; 10.º, 1922/24; 11.º, 1924/26; 12.º, 1926/30; 13.º, 1930/32; 14.º, 1932/34; 15.º, 1934/38; 16.º, 1938/42; 17.º, 1942/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1904/33; 2.º, 1934/37; 3.º. 1937/44.

Digitized by Google

35.º) RINCÃO.

Batizados. Livros: 1.º, 1912/14; 2.º, 1914/20; 3.º, 1920/23; 4.º, 1923/24; 5.º, 1930/32; 6.º, 1932/38; 7.º, 1938/42; 8.º, 1942/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1912/23; 2.º, 1930/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1930/44.

36.º) SANTA EUDÓXIA.

Batizados. Livros: 1.º, 1910/15; 2.º, 1915/21; 3.º, 1922/24; 4.º, 1924/31.; 5.º, 1931/38; 6.º, 1938/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1910/34; 2.º, 1934/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1922/44.

37.º) SÃO CARLOS (*Catedral*).

Batizados de escravos: 1.º, 1871/85; 2.º, 1885/88. *Batizados de Livres*: 1.º, 1860/68; 2.º, 1864/69; 3.º, 1869/75; 4.º, 1875/79; 5.º, 1879/83; 6.º e 7.º (um volume), 1884/88; 8.º, 1888/89; 9.º, 1889; 10.º, 1889/90; 11.º, 1890/91; 12.º, 1891/92; 13.º, 1892/93; 14.º, 1893/94; 15.º, 1894/95; 16.º, 1895/96; 17.º, 1896; 18.º, 1896/98; 19.º, 1898; 20.º, 1898/900; 21.º, 1900; 22.º, 1900/1; 23.º, 1901/2; 24.º, 1902/4; 25.º, 1904/5; 26.º, 1905/6; 27.º, 1906/7; 28.º, 1907/9; 29.º, 1909/10; 30.º, 1910/11; 31.º, 1911/12; 32.º, 1912/13; 33.º, 1913/14; 34.º, 1914; 35.º, 1914/15; 36.º, 1915/16; 37.º, 1916/17; 38.º, 1917; 39.º, 1917/18; 40.º, 1918/19; 41.º, 1919; 42.º, 1919/20; 43.º, 1920/21; 44.º, 1921/22; 45.º, 1922; 46.º, 1922/23; 47.º, 1923/24; 48.º, 1924; 49.º, 1924/25; 50.º, 1925/26; 51.º, 1926; 52.º, 1927; 53.º, 1927; 54.º, 1927/28; 55.º, 1928; 56.º, 1928/29; 57.º, 1929; 58.º, 1929/30; 59.º, 1930; 60.º, 1930/31; 61.º, 1931/33; 62.º, 1933/34; 63.º, 1934/35; 64.º, 1995/36; 65.º, 1936/37; 66.º, 1937/39; 67.º, 1940/41; 68.º, 1941; 69.º, 1941/43; 70.º, 1943/44.

Casamentos de escravos: 1.º, 1860/76. *De livres*: 2.º, 1870/76; 3.º, 1876/80; 4.º, 1880/85; 5.º, 1885/88; 6.º, 1888; 7.º, 1888/89; 8.º, 1889/90; 9.º, 1890/92; 10.º, 1892/95; 11.º, 1895/98; 12.º, 1898/99; 13.º, 1899/900; 14.º, 1901/7; 15.º, 1907/11; 16.º, 1914/15; 17.º, 1915/16; 18.º, 1916/18; 19.º, 1918/20; 20.º, 1920/23; 21.º, 1923/25; 22.º, 1925/27; 23.º, 1927/28; 24.º, 1928/31; 23.º, 1931/33; 26.º, 1933/35; 27.º, 1935/39; 28.º 1940/42; 29.º 1942/44.

Óbitos de escravos: A - 1872/88; *Óbitos de livres*: 1.º, 1860/69; 2.º, 1869/76; 3.º, 1876/81; 4.º, 1881/85; 5.º, 1885/88; 6.º, 1888; 7.º, 1888/89; 8.º, 1889/906; 9.º, não existe; 10.º, 1910/19; 11.º, 1920/25; 12.º, 1925/31; 13.º, 1931/37; 14.º, 1937/40; 15.º, 1940/42; 16.º, 1942/44.

38.º) SÃO CARLOS (*Santo Antônio de Vila Prado*).

Batizados. Livros: 1.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1943/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1943/44.

Digitized by Google

39.º) SANTA LÚCIA.

Batizados. Livros: 1.º, 1922/24; 2.º, 1923/30; 3.º, 1928/32; 4.º, 1932; 5.º, 1937/41; 6.º, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1922/30; 2.º, não existe; 3.º, 1941/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1922/44.

40.º) TABATINGA.

Batizados. Livros: 1.º, 1915/16; 2.º, 1916/18; 3.º, 1918/20; 4.º, 1920/3; 5.º e 6.º, - 1922/24; 7.º, 1924/27; 8.º, 1927/28; 9.º, 1928/29; 10.º, 1929/30; 11.º, 1930/32; 12.º, 1932; 13.º, 1932/33; 14.º, 1934/35; 15.º, 1935/36; 16.º, 1936/37; 17.º, 1937/38; 18.º, 1939/40; 19.º, 1940/42; 20.º, 1942/43; 21.º, 1943/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1915/16; 2.º, 1916/19; 3.º, 1919/24; 4.º, 1924/30; 5.º, 1930/35; 6.º, 1935/42; 7.º, 1942/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1915/21; 2.º, 1922/29; 3.º, 1929/34; 4.º, 1934/44.

41.º) TAQUARITINGA.

Batizados. Livros: 1.º, 1898/903; 2.º, 1903/5; 3.º, 1905/7; 4.º, 1907/9; 5.º, 1909/10; 6.º, 1910/12; 7.º, 1912/13; 8.º, 1913/15; 9.º, 1915/16; 10.º, 1916/17; 11.º, 1917/19; 12.º, 1919/20; 13.º, 1920/21; 14.º, 1921/22; 15.º, 1922; 16.º, 1922/24; 17.º 1924/26; 18.º, 1926/27; 19.º, 1927/28; 20.º, 1928/29; 21.º, 1929/30; 22.º, 1930/32; 23.º, 1932/33; 24.º, 1933/34; 25.º, 1934/35; 26.º, 1935/36; 27.º, 1936/37; 28.º, 1937/39; 29.º, 1939/41; 30.º, 1941/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1899/905; 2.º, 1905/8; 3.º, 1908/13; 4.º, 1914/18; 5.º, 1918/22; 6.º, 1922/26; 7.º, 1926/29; 8.º, 1929/35; 9.º, 1935/41; 10.º, 1941/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1912/18; 2.º, 1918/20; 3.º, 1921/22; 4.º, 1922/28; 5.º, 1928/31; 6.º, 1931/34; 7.º, 1934/39; 8.º, 1939/42; 9.º, 1942/44.

42.º) TORRINHA.

Batizados. Livros: 1.º, 1910/14; 2.º, 1914/19; 3.º, 1919/24; 4.º, 1924/28; 5.º, 1928/32; 6.º, 1932/38; 7.º, 1938/44.

Casamentos. Livros: 1.º, 1910/23; 2.º, 1924/36; 3.º, 1936/44.

Óbitos. Livros: 1.º, 1912/44.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do sr. Epifanio da Fonseca Doria, presidente do Instituto Histórico de Sergipe:

"Acaba de receber o Instituto o n.º 9 da excelente Revista Genealógica Brasileira, onde se avulta o trabalho de Herman Neeser, que bem se póde chamar de trabalho de mestre."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE MINAS
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Marechal do Exercito Felisberto Caldeira Brant Pontes

Marquês de Barbacena

Coronel Laurenio Lago

Coronel Laurenio Lago

Felisberto Caldeira Brant Pontes, filho legítimo do Coronel Gregorio Caldeira Brant e de sua mulher D. Ana Joaquina de Oliveira Horta, nasceu a 19 de setembro de 1772 no arraial de São Sebastião da Capitania de Minas Gerais.

Em 1788 com a praça de cadete seguiu para Lisboa, onde depois de ter frequentado o Colegio dos Nobres, matriculou-se na Academia Real de Marinha, cujo curso concluiu, conquistando todos os premios.

Havendo feito jus ao posto de capitão de mar e guerra, que não lhe fora concedido, solicitou passagem para o Exercito e no posto de major foi servir em Angola no estado maior do governador D. Miguel de Melo.

Nesse posto comandando uma embarcação, convenientemente artilhada, prestou serviços de guerra na perseguição contra audaciosos corsarios franceses que assolavam o porto de Benguela.

Tais serviços foram recompensados pelo príncipe regente D. João que, em despacho de 20 de fevereiro de 1801, resolveu conferir a FELISBERTO BRANT o habito da Ordem de Cristo e doze mil réis de tença efetiva.

Após dois anos regressou a Lisboa, sendo promovido a tenente-coronel do 1.º regimento de linha de guarnição da Capitania da Bahia.

O prestimo, zelo, inteligencia e atividade de que deu as mais evidentes provas o tenente-coronel FELISBERTO BRANT PONTES no exercicio das

Digitized by Google

funções do seu posto, foram devidamente atestados pelo marechal de campo Florêncio José Correa de Melo e coroneis Joaquim de Melo Cogominho de Lacerda e João de Sousa de Mendonça Corte Real que comandaram, os dois últimos o mencionado regimento e o primeiro as tropas da referida Capitania.

Em 1798, o Dr. Jenner descobriu na Inglaterra o pus vacinico que foi introduzido no Brasil, em 1804, por Felisberto Caldeira Brant.

Havendo aumentado a força militar da Capitania da Bahia, para prover sua importante defesa, o príncipe regente D. João, em decreto de 31 de agosto de 1809, resolveu nomear o coronel de infantaria FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES inspetor geral de todas as tropas de linha e milicias que deviam fazer a guarnição da mesma Capitania, graduando-o no posto de brigadeiro.

Em oficio de 12 de abril de 1810 dirigido ao Conde de Linhares, titular da pasta da Guerra, o brigadeiro FELISBERTO BRANT PONTES apresentou a conta que deu ao Governo da Capitania com o mapa do estado em que achara os regimentos de milicias, indicando judiciosamente os melhoramentos que neles se poderiam fazer sem gravame dos povos e vantagem do real serviço.

O principe regente D. João resolveu que ele continuasse a servir com igual distinção debaixo das ordens e governo do Conde dos Arcos, então capitão e governador geral da Capitania.

Em 1810 o mesmo brigadeiro propôs o estabelecimento de uma fabrica de armas por conta dos particulares, havendo o príncipe regente aprovado o plano apresentado e levantou a carta do reconcavo maritimo da Capitania.

CALDEIRA BRANT em 1811 resolveu, á sua custa, abrir uma estrada de São Jorge de Ilhéos até Minas Gerais com a extensão de quarenta e duas leguas, em beneficio do Estado e do publico.

Em remuneração de tão util serviço o principe regente em alvará de 4 de maio de 1812 concedeu ao mesmo brigadeiro a comenda da Ordem de Cristo.

Em decreto de 17 de dezembro de 1815 CALDEIRA BRANT foi promovido á efetividade do posto de brigadeiro.

Valioso serviço prestou em 1817 oferecendo para o real serviço uma escuna de sua propriedade, para condução de oficiais e praças da Legião que se destinavam á Vila Nova; esse serviço foi agradecido pelo Conde dos Arcos em oficio de 1.º de abril do mesmo ano.

FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES foi graduado em marechal de campo a 6 de fevereiro de 1818 e promovido á efetividade desse posto em 13 de maio do ano seguinte.

Ao marechal de campo FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES, de vasta ilustração e que acompanhava o progresso mundial, não passou desapercebida a maravilhosa invenção de Roberto Fulton fazendo em 1807 a primeira viagem, bem sucedida, em navio movido a maquina.

Em 1818, juntamente com o comendador Pedro Rodrigues Bandeira e o capitão mór das ordenanças da vila de Jaguaripe Manuel Bento de Sousa Guimarães requereu o privilegio para o estabelecimento de embarcações movidas

Digitized by Google

a vapor para navegação dos rios do reconcavo e tentarem mesmo o estabelecimento de paquetes para diversos destinos.

Seu pedido foi atendido por D. João VI em decreto de 3 de agosto do mesmo ano, sendo concedido o privilegio por quatorze anos.

Em 1819 FELISBERTO CALDEIRA BRANT mandou vir da Inglaterra uma maquina e determinou a construção no estaleiro da Preguiça de um barco movido a vapor que fez a primeira viagem a Cachoeira no dia 4 de outubro daquele ano, iniciando-se assim a navegação a vapor no Brasil.

Esteve em evidencia no pronunciamento ocorrido na provincia da Bahia em 10 de fevereiro de 1821, tendo-se retirado para o Rio de Janeiro, onde chegou a 22 de fevereiro de 1822 a bordo da fragata inglesa "Icarus".

Tomou assento em 11 de outubro de 1823, como deputado eleito pela referida provincia á Assembléia Constituinte dissolvida a 12 de novembro do mesmo ano.

Em 12 de outubro de 1824 obteve o titulo de Visconde de Barbacena, com grandeza, e a graduação do posto de tenente-general.

Em 1825 fez parte do 4.º Gabinete de 21 de novembro, ocupando a pasta da Fazenda e interinamente a do Imperio até 26 de janeiro de 1826.

Ocupou-se CALDEIRA BRANT da colonização do Brasil, havendo D. Pedro I em decreto de 2 de dezembro de 1825 criado uma comissão encarregada de propor um plano geral de colonização que servisse para todas as provincias do Imperio.

Ainda em decreto de 22 do referido mês, D. Pedro I resolveu nomear CALDEIRA BRANT presidente da Comissão criada por decreto de 23 de setembro desse ano para conhecer o estado da Fazenda Nacional.

Eleito senador pela provincia de Alagoas foi escolhido a 19 de abril de 1826, em atenção ao distinto merecimento, letras e mais requisitos necessários que concorreram na sua pessoa, conforme declarou D. Pedro I na respectiva carta imperial.

Obteve o titulo de Marquês de Barbacena em 12 de outubro desse ano.

Em 12 de setembro tambem de 1826 foi nomeado comandante em chefe do Exército em operações no Rio Grande do Sul, assumiu as funções desse cargo a 11 de janeiro de 1827.

Tendo de empregar o Marquês de Barbacena em comissão mui honrosa e havendo incompatibilidade de continuar ele no comando em chefe do Exército do Sul, D. Pedro I, em decreto de 18 de agosto de 1827, resolveu dispensá-lo do referido comando, louvando-lhe o zelo e atividade com que procurou restabelecer e manter a disciplina do Exercito e o interesse fidelidade e amor pela imperial pessôa, de que deu provas.

No ano seguinte, 1828, o Marquês de Barbacena solicitou reforma do serviço militar que lhe foi concedida no posto de marechal em decreto de 7 de novembro.

Com a credencial de embaixador partiu para a Europa o Marquês de Barbacena com plenos poderes para tratar o segundo casamento de D. Pedro I.

Digitized by Google

a bordo da fragata brasileira "Imperatriz", conduzindo a segunda Imperatriz do Brasil D. Amelia de Lenchtemberg.

Em 4 de dezembro de 1829, no 8.º Gabinete, o Marquês de Barbacena ocupou a pasta da Fazenda, da qual foi exonerado em 30 de setembro de 1830.

Era conselheiro de Estado por nomeação de 9 de Março de 1830.

Possuia as condecorações das Ordens de D. Pedro I, Cristo, Cruzeiro e Rosa, alem de outras estrangeiras.

O Marechal do Exército FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES, Marquês de Barbacena, faleceu no Rio de Janeiro a 13 de junho de 1842 e foi sepultado nas catacumbas da Igreja de São Francisco de Paula, donde, passado o prazo, a Viscondessa de Santo Amaro, sua filha, coligiu os restos mortais para os inhumar em mausoléu de marmore no Cemiterio de São Francisco Xavier, Quadra 9, Jazigo 13.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do cap. dr. José de Araujo Fabricio, do Rio Grande do Sul:

"Foi com grande júbilo e justificada satisfação que recebi a honrosa comunicação de ter sido meu nome incluido entre o dos sócios do benemérito Instituto Genealógico Brasileiro, tão inteligentemente dirigido por V. S.".

Do sr. Lourenço Luiz Lacombe, 2.º secretário do Instituto Histórico de Petrópolis:

"Renovando os melhores agradecimentos pela remessa de tão proveitosas publicações, e também ao acolhimento que certamente será dado ao pedido dêste Instituto, apresento a V. S., sr. presidente, juntamente com os cumprimentos muito sinceros pela obra que vem realizando (digna dos maiores elogios), os protestos do meu aprêço.

Do sr. Pedro Robles y Chambers, genealogista da República do Equador:

"He recibido todos los números de la *Revista Genealógica Brasileira* con toda pontualidad y lo felicito grandemente por su labor tan llena de merecimientos, cada nuevo número supera al otro en valiosas informaciones".

Do dr. Paulo Emilio d'Alessandro, de São Bento do Sapucaí:

"Recebi o n.º 9 da *Revista Genealógica Brasileira*, correspondente ao 1.º semestre do corrente ano. Está magnifico, apresentando brilhante colaboração assinada por genealogistas e heraldicos dos mais capazes do Brasil".

Do dr. Rafael Cantinho Filho, ex-deputado, do Rio de Janeiro:

"Aproveito a oportunidade para acusar também o recebimento do n.º 9, que veio, como sempre, cheio de matéria interessante e erudita."

Do dr. Romeu Maia Souto, de José Bonifácio:

"Recebí a Revista n.º 9, é uma obra que sempre nos desperta grande interêsse a sua leitura."

Do prof. Jarbas Jaime, de Mataúna (Goiaz):

"Recebí o n.º 9 da Revista, que encerra revelações muito úteis aos estudiosos da ciência genealógica e do passado de nossa gente. Ao esfôrço, dedicação e capacidade do grande mestre Salvador de Moya, se deve a publicação dessa obra realmente meritória, indispensável às pesquisas de natureza histórica."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DE GOIAZ

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Família Pina (de Goiaz)

Sebastião Pompêo de Pina

O Reverendissimo Padre José Trindade da Fonseca e Silva, digno Vigario de Campo Formoso, em Goiaz, encontrou um manuscrito genealogico, sobre a familia Pina e suas ligações, do qual nos mandou copia dactilografada. Dito documento tem a seguinte nota:

"Algumas noticias das personagens "antigas que já não existem foram-me "fornecidas por meus tios Theodoro Gra-"ciano de Pina e Hilário Alves de Amo-"rim. Outras tirei de uma resenha feita "em 1858 *pelo Coronel Antonio Senuca "de Sá Fleury e outras encontrei nos li-"vros* 5.º, 6.º *e* 7.º *de assentamentos de "baptizados feitos no seculo passado, exis-"tentes na Matriz dessa cidade.* Pireno-"polis, 20 de Fevereiro de 1897.

Sebastião Pompêo de Pina

P.e José Trindade da Fonseca e Silva

O documento mandado pelo Padre Trindade é o que publicamos a seguir, apenas, pondo em ordem cronologica os seus dados, para melhor compreensão. Servir-me-á de base e esqueleto para uma futura "Genealogia Goiana". Apelamos para os genealogistas daquele Estado, afim de ampliar, completar e atualizar estes dados.

P I N A

I Braz Luiz de Pina (o I.º), português viveu no Rio de Janeiro. Mudou-se para as Minas do Pilar (Goiaz), devido a seu filho Fidencio ter

Digitized by Google

brigado com o filho do Vice-Rei, espancando-o. Teve dois filhos: o Padre Braz Luiz de Pina (o II.º) vigario de Itú, onde †; e Fidencio que segue:

II Fidencio Graciano de Pina, a 17-V-1803, em Meia-ponte (hoje Pirenopolis), c. c. D. Maria da Conceição, filha natural de Paulo Antônio da Rocha e de Ana Rosa, (esta depois esposa do Comendador Joaquim Alves de Oliveira). Pais de:

F. 1) Ana Sabina de Pina, teve duas filhas:

. 1) Maria.

N. 2) Preciosa.

F. 2) Capitão Braz Luiz de Pina (o III°), c. c. D. Helena das Dôres. Farinha, filha legitima do português Manuel Moreira Farinha e de D. Ana Soares. Pais de:

N. 3) Capitão Braz Luiz de Pina (o IV°). Em solteiro, com Francisca da Gloria do Nascimento, pais de:

Bn. 1) Francisco Herculano de Pina.

N. 3) depois de velho, c.c. Josefa Gomes Pinto, com quem já morava. Pais de:

Bn. 2) Braz Luiz Gomes Pina.

Bn. 3) D. Helena de Pina, c. c. Joaquim de Faria Lobo.

Bn. 4) José Joaquim Gomes de Pina.

N. 4) Capitão Antonio Luiz de Pina, c.c. Ludovina Alves de Amorim, filha legitima do Capitão Luiz Alves de Amorim e de D. Joaquina da Paixão Veiga. Pais de:

Bn. 5) Braz Aristofanes.

Bn. 6) D. Sofia de Pina, c.c. Floriano da Silva Batista.

Bn. 7) Antônio Luiz de Pina.

Bn. 8) Natalia de Pina, c. c. Silvino Odorico de Siqueira.

Bn. 9) Ana, † criança.

Bn. 10) José Joaquim de Pina, c.c. D. Honorina da Veiga. Pais de:

Tn. 1) Maria.

Bn. 11) Sebastião Pompêo de Pina, (antes do manuscrito), c.c. D. Maria d'Abadia Mendonça.

Bn. 12) Joaquim Propicio de Pina, c.c. D. Rosana d'Abadia Mendonça.

N. 5) Capitão Teodoro Graciano de Pina, c.c. Maria Joosefa Alves de Amorim, filha do Capitão Luiz Alves de Amorim (vêr familia "Alves de Amorim") e de D. Ana Joaquina da Paixão Veiga. Pais de:

Bn. 13) D. Hortencia Alves de Pina, c.c. Rubens da Silva.

Bn. 14) D Filomena de Pina, c.c. João Cardoso Farinha.

Bn. 15) José Graciano de Pina, c.c. D. Virginia Pereira Leal.

N. 6) Joaquim Teodoro de Pina, c.c. D. Ana das Chagas Macedo. Pais de:

Bn. 16) Joaquim,

Bn. 17) Braz.

Bn. 18) D. Rita Helena.

Digitized by Google

Bn. 19) Francisco.

N. 7) Capitão Teodolino Graciano de Pina, c.c. sua prima irmã (n.º 13) D. Aristela Melquiades. Pais de:

Bn. 20) Alfeu Adolfo de Pina, c.c. Maria Moreira Farinha.

Bn. 21) José Teofilo de Pina.

Bn. 22) Teodorico Graciano de Pina (filho), c.c. sua prima (Bn. 37) D. Celina d'Austria.

Bn. 23) Manuel Gustavo de Pina.

Bn. 24) Maria Rosalina, c.c. Joaquim Gomes de Pina.

N. 8) D. Maria das Dôres de Pina, 1.ª vez c.c. Manuel Luiz de Aquino, †, s. s.; 2.ª vez c.c. Bernardo José de Sá, s.s.

N. 9) D. Ana Joaquina de Pina, c.c. Gomes de Sousa. Pais de:

Bn. 25) Fidencio Gomes de Pina.

Bn. 26) José Gomes de Pina.

Bn. 27) Manuel Gomes de Pina.

Bn. 28) Benedito Gomes de Pina.

F. 3) D. Francisca d'Austria de Pina, c. c. Manuel Leme de Morais, s.s.

F. 4) D. Maria Mafalda de Pina, c.c. Coronel João Luiz Teixeira Brandão. Pais de:

N. 10) Coronel Joaquim Luiz Teixeira Brandão; em solteiro com Josefa Alves de Amorim, filha de Luiz Alves de Amorim (vêr familia "Alves de Amorim" B. 6). Pais de:

Bn. 29) Dr. João Luiz Teixeira Brandão, medico c.c. D. Barbara das Dores Curado. Pais de:

Tn. 2) Maria, † menina.

Tn. 3) D. Ana das Dôres.

Tn. 4) Rita, † moça, no Rio de Janeiro.

F. 5) D. Rosalina da Conceição Pina, 1.ª vez c.c. Luiz Antônio de Oliveira ss.; 2.ª vez, c.c. Joaquim Gonçalves Dias Goulão. Pais de:

N. 11) Benjamim Constante Dias Goulão, c.c. D. Brigida Maria da Conceição. Pais de:

Bn. 30 D. Maria, c.c. José de Melo.

Bn. 31) Benjamim.

Bn. 32) D. Ana, c.c. Horacio de Sá.

Bn. 33) D. Eugênia, c.c. Sezenando Jayme.

Bn. 34) D. Ernestina.

Bn. 35) D. Josefina.

N. 12) Rubens Herculano de Assunção.

N. 13) D. Aristela Melquiades Goulão, c.c. o seu primo-irmão (N. 7) Teodolino Graciano de Pina, s.s. (vêr).

N. 14) Querobina d'Austria Goulão, c.c. Antônio Fleuri de Sousa Lobo. Pais de:

Bn. 36) D. Regina d'Austria, c.c. seu primo José de Melo.

Bn. 37) Celina d'Austria, c.c. seu primo (Bn. 2) Teodolino Graciano de Pina (filho).

Bn. 38) D. Oradia.

Digitized by Google

Bn. 39) Francisco.

N. 15) D. Ana Eugênia Goulão, c.c. Antônio de Padua Godinho, mudaram-se de Meia-ponte para a cidade de Goiaz. Pais de:

Bn. 40) D. Maria.

Bn. 41) José.

F. 6) Joaquim Teodoro Tocantins, casou-se no Pará e consta que abandonou a familia, indo para a Bolivia onde ficou alguns anos, voltando a Pirenopolis, onde ficou ainda 18 anos e †. Nada se sabe de sua descendência.

F. 7) José Joaquim Graciano de Pina, solteiro, tendo dois naturais, pardos, que se mudaram para Januaria (Bahia), e foram:

N. 16) Antônio Luiz de Pina.

N. 17) José Joaquim de Pina, (depois de viuvo, padre, em Cuiabá, onde †) c.c. D. Maria Teresa de Cerqueira, N. Cuiabá (Mato Grosso), filha de Antônio José de Cerqueira Caldas, português. Pais de:

Bn. 42) José Joaquim Graciano de Pina (neto), foi para Cuiabá e dele não se teve mais noticia em Pirenopolis.

F. 8) Paulo Antônio da Rocha, †, c.c. D. Antônia Alves de Almeida (esta enviuvando, 2.a vez, c.c. Tenente Aleixo Marinho dos Santos, bisneto 6 da familia "Ferraz de Assumpção" (vêr).

N. 18) Joaquim Antônio da Rocha, c.c. D. Laura de Sousa Carvalho, filha legitima do Capitão Inácio de Sousa Carvalho e de Dona Zeferina de Siqueira, residente na cidade de Goiaz.

ACRESCENTAMENTO Á "FAMILIA PINA"
(Escrita por Sebastião Pompêo de Pina)

Pelo Padre José Trindade da Fonseca e Silva, do Instituto Genealógico Brasileiro.

O neto "quatro" da referida "Familia Pina" — Antônio Luiz de Pina, c.c. D. Ludovina Alves de Amorim, filha legitima do Capitão Luiz Alves de Amorim e de D. Joaquina da Paixão Veiga. Vamos ampliar a descendência, atualizando-a até agora, com datas, etc.

Pais de: (8 filhos):

Bn. 5) Braz Aristofanes, c.c. D. Mariana. Pais de:

Tn. 1) Humberto, †, c.c. Eliza, s.s.

Tn. 2) D. Lucrecia, solteira.

Tn. 3) D. Ludegaria, c.c. Jonas Lobo. Pais de (5 filhos):

Qn. 1 a 5) ...

Tn. 4) Bartolomeu.

Bn. 6) Sofia de Pina, c.c. Floriano da Silva Batista. Pais de:

Tn. 5) Homero Batista, c.c. D. Ana Siqueira. Pais de:

Qn. 6) ...um filho.

Tn. 6) Olavo Batista, c.c. D. Georgina Batista. Pais de:

Qn. 7 a 10) ...

Digitized by Google

Tn. 7) D. Brasilia Batista, c.c. Felix Jayme. Pais de:
Qn. 11 a 14) ...
Tn. 8) D. Arminda Batista, c.c. José Joaquim de Sá. Pais de:
Qn. 15 e 16) ...
Tn. 9) Nicomedes Batista, solteiro.
Tn. 10) Segora, † solteira.
Tn. 11) D. Noemia Batista, c.c. Vespasiano Batista.
Tn. 12) D. Abadia Batista, c.c. Cristovam José de Oliveira. Pais de (11 filhos):
Qn. 17 a 27) ...
Bn. 7) Antônio Luiz de Pina (filho), c.c. D. Lucinda da Costa Teixeira. Pais de:
Tn. 13) Benedita de Pina, † criança.
Tn. 14) D. Margarida de Pina, c.c. Benedito Tocantins. Pais de:
Qn. 28) D. Arminda Tocantins, c.c. Benedito Gomes.
Qn. 29) D. Odila Tocantins, c.c. Sebastião Afonso.
Qn. 30) Emilio Reis Tocantins, solteiro.
Tn. 15) João de Pina, c.c. D. Osoria dos Anjos. Pais de:
Qn. 31) Benedito de Pina, c.c. D. Maria Melani Tocantins.
Qn. 32) Joaquim de Pina, c.c. D. Maria do Nascimento. ss.
Qn. 33) José de Pina, solteiro.
Qn. 34) Sebastião de Pina, solteiro.
Qn. 35) D. Amelia de Pina, c.c. Francisco Peixoto da Silva.
Qn. 36) João de Pina, solteiro.
Qn. 37) D. Luiza de Pina, c.c. Pedro Rodrigues de Morais, ss.
Qn. 38) D. Maria de Pina, c.c. Olimpio de Oliveira, ss.
Qn. 39) Antônio de Pina, solteiro.
Qn. 40) Geraldo de Pina, solteiro.
Tn. 16) D. Joaquina de Pina, c.c. seu primo Romero Brasil de Pina. Residente em Bela Vista (Goiaz).
Tn. 17) Francisco Graciano de Pina, casado.
Tn. 18) Jerônimo de Pina, c.c. D. Benedita Lobo.
Tn. 19) Luiz de Pina, solteiro.
Tn. 20) Sebastião, † menor.
Tn. 21) Rosaura, † menor.
Tn. 22) Fabiano, † menor.
Bn. 8) D. Natalia de Pina, c.c. Silvino. Pais de:
Tn. 23) Hormesindo, c.c. D. Maria de Amorim Jaraguá. Pais de:
Qn. 41) Tarcisio.
Qn. 42) Benedita.
Qn. 43) João.
Qn. 44) Ana.
Qn. 45) José.
Tn. 24) D. Arlina, † solteira.
Tn. 25) D. Odilia, c.c. Benedito Nominato. Pais de (6 filhos):
Qn. 46 a 51) ...

Digitized by Google

Tn. 26) Vasco, 1.ª vez, c.c. D. Otilia. Pais de (um filho):
Qn. 52) ...
Tn. 26) 2.ª vez, c.c. D. Olivia. Pais de (6 filhos):
Qn. 53 a 58) ...
Tn. 27) D. Artemisia, c.c. José Lourenço. Pais de (9 filhos):
Qn. 59 a 67) ...
Tn. 28) Gedeão, 1.ª vez, c.c. D. Judite. Pais de (um filho):
Qn. 68) ...
Tn. 28) 2.ª vez, c.c. D. Armenia Maria. Pais de (8 filhos):
Qn. 69 a 76) ...
Tn. 29) Agislau, c.c. D. Magnolia de Siqueira. Pais de (4 filhas:)
Qn. 77 a 80) ...
Tn. 30) D. Natercia, c.c. José Mauricio. Pais de (9 filhos):
Qn. 81 a 89) ...
Tn. 31) D. Isabel, c.c. Joaquim Mendonça. Pais de (6 filhos):
Qn. 90 a 95) ...
Tn. 32) Jonas, c.c. D. Alcina Goulão. Pais de (5 filhos).
Qn. 96 a 100) ...
Tn. 33) Donizete, solteiro.
Tn. 34) D. Branca, c.c. Benedito Siqueira. Pais de (2 filhos):
Qn. 101 a 102) ...
Bn. 9) Ana de Pina †, criança.
Bn. 10) José Joaquim de Pina, c. c. D. Honorina da Veiga.
Pais de:
Tn. 35) D. Maria.
Bn. 11) Sebastião Pompêo de Pina (autor do manuscrito), c.c. D. Maria d'Abadia Mendonça. Pais de (14 filhos):
Tn. 36) Gelon, † solteiro.
Tn. 37) D. Ludovina de Pina, c.c. Argemiro Pompilio de Amorim.
Pais de (6 filhos):
Qn. 103 a 109) ...
Tn. 38) João Luiz Pompêo de Pina: a 26-VII-1913, c.c. D. Maria da Conceição Lopes. Pais de (19 filhos):
Qn. 110) D. Geralda de Pina, N. 17-IV-1914.
Qn. 111) D. Maria de Pina, N. 5-IV-1915; a 9-VI-1932, c.c. Dr. José Mendonça. Pais de:
Pn. 1) Valair. N. 7-III-1933
Pn. 2) Ivan. N 29-VII-1926, † 13-VIII-1937
Pn. 3) Valter. N 7-VI-1937.
Qn. 112) D. Elza de Pina, N. 21-VIII-1916.
Qn. 113) Emanuel de Pina, N. 23-XII-1917, † 23-III-1918.
Qn. 114) Sebastião de Pina, N. 19-VII-1919.
Qn. 115) D. Ludovina de Pina, N. 20-VI-1921; a 21-XII-1940, e c. Luiz Gonzaga Jayme.
Qn. 116) José, N. 26-VII-1922.
Qn. 117) Antonio, N. 4-VIII-1924.

Digitized by Google

Qn. 118) Celia, N. 14-V-1926, † 3-I-1927.
Qn. 119) D. Teresa N. 15-X-1927.
Qn. 120) João, N. 8-X-1928, † 21-XII-1928.
Qn. 121) Ana, N. 10-X-1929.
Qn. 122) Eneri, N. 22-X-1930.
Qn. 123) Joaquim, N. 16-I-1932.
Qn. 124) Onelio, N. 14-I-1934
Qn. 125) Luiz, N. 10-II-1936.
Qn. 126) Inácio, N. 25-IV-1937.
Qn. 127) Olivia, N. 8-XII-1938.
Qn. 128) Nascida †, a 15-XI-1939.

Tn. 39) D. Esistreia Maria de Pina, N. 9-IV-1894, † 2-XII-1920, a 17-II-1917 c.c. José Assuero de Siqueira, N. 30-VII-1898 filho de Droiles Barbo de Siqueira, N. 18-VIII-1869, † 3-VI-1907, e de D. Maria d'Abadia Vale, N. 14-VIII-1877, n.p. de Manuel Barbo de Siqueira, N. 17-XII-1819, † 10-1899 — c.c. Maria Luiza Abrantes em 11-IX-1846 — esta N. 13-III-1829, † 30-XII-1912 — N. M. de Joaquim Pereira Vale e de D. Reduzinda de Faria Albernaz. Pais de:
Qn. 129) D. Maria, N. 27-XII-1918, em Pirenopolis.
Qn. 130) D. Esistreia, N. 4-XI-1920, em Pirenopolis.

Tn. 40) Sebastião Pompéo de Pina, solteiro.

Tn. 41) D. Armenia de Pina, c. c. Gedeão de Siqueira. Pais de (8 filhos):
Qn. 131 a 138) ...

Tn. 42) D. Eugênia de Pina, c. c. Oreste Mendonça. Pais de (5 filhos).

Tn. 43) Benedito Pompêo de Pina, solteiro.

Tn. 44) Antônio Pompêo de Pina, c. c. D. Ofelia Jayme.

Tn. 45) João Pompêo Pina, c. c. Amelia de Oliveira. Pais de (4 filhos):
Qn. 139 a 142) ...

Tn. 46) Aloisio Pompêo de Pina, c. c. D. Marieta Afonso. Pais de (5 filhos):
Qn. 143 a 147) ...

Tn. 46) Wilson Pompêo de Pina, c. c. D. Marieta Afonso. Pais de (6 filhos):
Qn. 148 a 154) ...

Tn. 48) D. Ana Lelia de Pina, solteira.

Tn. 49) Ivone de Pina, c. c. Luiz Curado. Pais de (6 filhos):
Qn. 154 a 159) ...

Bn. Joaquim Propicio de Pina, c. c. D. Rosaura d'Abadia Mendonça Pais de (8 filhos):

Tn. 50) Antônio de Pina, c. c. D. Ernesta. Pais de (9 filhos):
Qn. 160 a 168) ...

Digitized by Google

Tn. 51) D. Eugenia de Pina, c. c. Eugenio da Costa Campos. Pais de (6 filhos):
Tn. 52) Aquiles de Pina, c. c. D. Albertina de Sá.
Tn. 53) Joaquim Propicio Junior, solteiro.
Tn. 54) Luiz, c. c. D. Inacia Lopes.
Tn. 55) Dr. João da Conceição de Pina, † solteiro, médico.
Tn. 56) Agostinho de Pina, solteiro.
Tn. 57) D. Maria de Pina, c. c. Luiz de Godoy.

* * *

I

ALVES DE AMORIM

Antonio Alves de Amorim n. Meiadela (Portugal); c. c. D. Justa Gonçalves, n. Viana, Arcebispado de Braga (Portugal). Pais de:

F. 1) Luiz Alves de Amorim, n. Viana; c. c. D. Maria Josefa Curado, n. Meia-ponte, hoje Pirenopolis (Goyaz), filha legítima do Tenente José Gomes Curado, n. Quintão, termo da vila de Certan, Priorado do Crato (Portugal) e de D. Maria Cerqueira de Assunção, n. Congonhas de Campos (Minas Gerais). Pais de:

N. 1) Antonio Alves de Amorim (neto).

N. 2) Luiz Alves de Amorim (filho), c. c. D. Ana Joaquina da Paixão Veiga. Pais de:

Bn. 1) D. Ludovinia Alves de Amorim, c. c. Capitão Antonio Luiz de Pina.

Bn. 2) Hilario Alves de Amorim, c. c. D. Belisaria Pereira do Vale. Pais de:

Tn. 1) Luiz Astolfo de Amorim, c. s., na cidade de Goyaz.
Tn. 2) D. Adelaide Alves de Amorim.
Tn. 3) D. Rosaura Alves de Amorim.
Tn. 4) Joaquim Artur Alves de Amorim.
Tn. 5) Cesar Roquette de Amorim.
Tn. 6) Felix Orlando de Amorim.
Tn. 7) D. Honorina Alves de Amorim.
Tn. 8) D. Ana Alves de Amorim.
Tn. 9) Hilario Alves de Amorim.
Tn. 10) Argimiro Alves de Amorim.

Bn. 3) D. Bárbara Alves de Amorim, † solteira.

Bn. 4) D. Maria Josefa Alves de Amorim, c. c. Capitão Teodoro Graciano de Pina, c. s. (vêr família "Pina", N. 5).

Bn. 5) D. Teresa Alves de Amorim, solteira.

Digitized by Google

Bn. 6) Josefa Alves de Amorim, com o Coronel Joaquim Luiz Teixeira Brandão teve um filho natural (vêr família "Pina", N. 10).
Bn. 7) D. Ana Alves de Amorim, c. c. Coronel Luiz Gonzaga Confucio de Sá. Pais de:
Tn. 11) Luiz Confucio.
Tn. 12) Otavio Confucio.
Tn. 13) Augusto Confucio.
Tn. 14) José Confucio.
Tn. 15) Joaquim Confucio (sacerdote e monsenhor).
Tn. 16) D. Maria Confucio.

* * *

II

FERRAZ DE ASSUNÇÃO

Antonio Ferraz de Assunção, n. Granja Nova, bispado de Vizeu (Portugal), c. c. D. Teresa Maria de Jesus, n. cidade de S. Paulo. Pais de:
F. 1) Eufrasia Maria da Conceição, c. c. Manuel Rodrigues Georges, também conhecido por Manuel Moreira George, era filho legítimo de Antonio Moreira e de D. Josefa Maria George, os tres naturais do Porto (Portugal). Pais de:
N. 1) Ana Rosa, em solteira, com Paulo Antonio da Rocha teve os três filhos seguintes:
Bn. 1) D. Maria da Conceição, a 17-V-1803, em Meia-ponte (hoje Pirenopolis), c. c. Major Fidencio Graciano de Pina, fundador da família "Pina" (vêr).
Bn. 2) Teodoro Antonio.
Bn.3) Manuel Amancio da Luz (sacerdote).
N. 2) D. Maria Micaela.
N. 3) D. Maria Francisca, c. c. Francisco, teve 16 filhos, dos quais existiam em abril de 1858 sómente dois, que eram:
Bn. 5) Maria Sabina dos Santos.
Bn. 6) Tenente Aleixo Marinho dos Santos, c. c. D. Antonia Alves de Almeida, viuva, c. s. de Paulo Antonio da Rocha F. 8) da família "Pina" (vêr).
N. 4) D. Feliciana, teve 6 (seis) filhos:
Bn. 7) D. Maria, c. c. Alferes José Rafael de Faria Albernaz.
Bn. 8) D. Ana Perpetua, c. c. Alferes Antonio Gomes Bastos.
Bn. 9) D. Feliciana, c. c. José Gomes de Souza.
Bn. 10) Joaquim Rodrigues.
Bn. 11) Paulo Rodrigues.

Digitized by Google

Bn. 12) Damião Rodrigues Leite.
N. 5) D. Francisca, c. c. José da Costa Carvalho. Pais de um único:
Bn. 13) D. Maria Costa.

* * *

III

MOREIRA

Manuel Moreira Farinha, n. Porto (Portugal), filho legítimo de Verissimo Antonio Moura e de D. Maria Josefa da Silva, também do Porto. c. c. D. Ana Soares da Silva, n. Meia-ponte, (hoje Pirenopolis, em Goyaz), filha legítima de José Soares da Silva, n. Amoreira (Lisboa-Portugal), e de sua mulher, D. Helena Maria da Silva, n. Taubaté (S. Paulo). Pais de 9 filhos:

F. 1) Verissimo Moreira Farinha, foi para o Rio de Janeiro.
F. 2) Manuel Moreira Farinha filho, teve um filho natural:
N. 1) Manuel Moreira de Melo, mudou-se para Caxias (Maranhão).
F. 3) José Tomás Moreira Farinha, mudou-se para o Rio de Janeiro.
F. 4) Vicente Moreira Farinha, † para ser roubado, no caminho do Norte (de Pirenopolis), onde negociava, e de onde vinha trazendo ouro e prata; deixou uma filha natural:
N. 2) Carolina.
F. 5) D. Ana Perpetua, † s. s.
F. 6) D. Teresa Moreira Farinha, c. c. Cardoso, português. Pais de:
N. 3) Francisco Cardoso.
N. 4) Joaquim Cardoso.
N. 5) Maria Cardoso.
F. 7) D. Maria da Lapa Farinha, † s. s.
F. 8) D. Helena das Dôres Farinha, c. c. Capitão Braz Luiz de Pina (o III) c. s. (vêr família "Pina").
F. 9) Francisco Moreira Farinha, teve cinco filhos naturais:
N. 6) Luiz Manuel Moreira Farinha, c. c. D. Jesuina das Chagas Macedo. Pais de:
Bn. 1) José Moreira.
Bn. 2) Leonor.
Bn. 3) Ercilia.
Bn. 4) Maria.
Bn. 5) Luiz.
Bn. 6) Antonio.
Bn. 7) Vicente.
Bn. 8) Sergio.

Digitized by Google

N. 7) Antonio Raimundo, c. c. D. Ana Maria.
N. 8) Maria da Conceição Farinha, c. c. Roque da Silva Batista (enviuvando teve um filho natural, — Manuel). Pais de:
Bn. 9) Francisco Batista.
Bn. 10) Pedro Batista.
Bn. 11) Rosa Batista (a 1.a) †.
Bn. 13) D. Ana Batista.
Bn. 14) Rosa Batista (a 2.a)
N. 9) D. Maria José de Oliveira, c. c. Francisco das Chagas Macedo.
N. 10) José Joaquim Pereira Farinha, c. c. D. Lavinia da Cruz. Pais de:
Bn. 15) Joaquim.
Bn. 16) ...

* * *

IV

PEREIRA VALE

Alferes José Pereira Valle, c. c. D. Maria Francisca Castello Branco. Pais de:
F. 1) D. Ursula, casada, mãe de:
N. 1) Padre Jubé.
F. 2) Capitão Joaquim Pereira Valle, n. cidade de Goyaz, c. c. D. Ana Joaquina Pereira da Veiga (irmã do Pe. José Joaquim Pereira da Veiga, Vigário de Pirenopolis), filha de Custodio Pereira da Veiga, n. Braga (Portugal) e de D. Petronilha do Amor Divino; n. p. de Fernandes Pereira e de D. Maria da Costa; n. m. Inácio da Silva Leme, n. Funchal, ilha da Madeira (Portugal) e de D. Maria Teresa de Almeida, n. Itú. Pais de:
N. 2) José Joaquim da Veiga Valle, c. c. D. Joaquina Jardim †. Pais de:
Bn. 1) Henrique.
Bn. 2) Antônio.
Bn. 3) Manuel.
Bn. 4) José.
Bn. 5) ...
N. 3) Hilario da Veiga, † ss. em Pilar, de queimaduras.
N. 4) Joaquim Pereira Valle (filho), c. c. D. Rosaura do Amor Divino.
Bn. 6) Ana Pereira do Valle (também Ana da Veiga), c. c. Adrião, francês. Pais de:
Tn. 1) Artina.
Tn. 2) Hilario.
Tn. 3) Gastão.

Digitized by Google

Bn. 7) Belisaria Pereira do Valle, c. c. Hilario Alves de Amorim, c. s. (vêr família "Alves de Amorim").

Bn. 8) Joaquim Pereira Valle (neto), c. c. sua prima-irmã (Bn. 35), D. Reduzinda de Faria Albernaz. Pais de:

Tn. 4) D. Maria d'Abadia, c. c. Diocles Barbo de Siqueira.

Tn. 5) D. Lina, c. c. Luiz Augusto Curado.

Bn. 8) Em solteiro teve duas filhas naturais, que são:

Tn. 6) D. Ana Joaquina, c. c. Antônio Afonso Pereira.

Tn. 7) D. Maria Honorina da Veiga, c. c. José Joaquim de Pina.

Bn. 9) Custodio Pereira Valle, † em Corumbá. Major e veterano da Guerra do Paraguai, c. c. sua prima D. Reduzinda de Camargo.

Tn. 8) D. Izolina.

Tn. 9) Custodio.

Tn. 10) Cincinato.

Tn. 11) Estanislau.

Tn. 12) Enéias.

Tn. 13) ...

Bn. 10) Augusto Pereira Valle, c. c. D. Messias da Veiga. Pais de (único):

Tn. 14) Joaquim.

Bn. 11) D. Messias Pereira Valle, c. c. Inácio de Sousa Carvalho. Pais de:

Tn. 15) D. Odava.

Tn. 16) D. Virginia.

Tn. 17) D. Ana.

Tn. 18) D. Lidia.

Tn. 19) D. Eugenia.

Tn. 20) Gabriel.

Tn. 21) Zeferina.

Tu. 22) Messias.

Tn. 23) Maria.

Bn. 12) D. Eugenia Pereira do Valle, c. c. João Floriano de Mendonça, filho de Joaquim Gomes de Mendonça e de D. Ana Teixeira Chaves, n. p. do Capitão João Floriano de Mendonça e de D. Isabel Maria Seixas n. m. de João Teixeira Chaves e de D. Margarida de Azevedo, naturais do Arraial de Freiras. Pais de:

Tn. 24) D. Rosaura d'Abadia Mendonça, c. c. Joaquim Propicio de Pina.

Tn. 25) D. Maria d'Abadia Mendonça, c. c. Sebastião Pompêo de Pina.

Tn. 26) Joaquim Gomes d'Abadia Mendonça, †.

Tn. 27) D. Adelaide d'Abadia Mendonça, c. c. Alberico Borges de Carvalho.

Tn. 28) Benedito d'Abadia Mendonça.

Tn. 29) Carlos d'Abadia Mendonça.

Digitized by Google

Tn. 30) D. Eufemia Georgeta d'Abadia Mendonça.
Tn. 31) D. Celestina d'Abadia Mendonça.
Tn. 32) Godofredo Mendonça.
Tn. 33) Luiz d'Abadia Mendonça.
Tn. 34) Joaquim d'Abadia Mendonça.
Bn. 13) Hilario, † criança.
Bn. 14) D. Maria das Dôres Veiga.
Bn. 15) D. Bárbara Generosa da Veiga, c. c. Francisco Herculano de Pina. Pais de:
Tn. 35) Benedito.
Tn. 36) D. Ana.
Tn. 37) D. Zulmira.
Tn. 38) Romero.
Tn. 39) D. Maria.
Tn. 40) .....
N. 5) D. Belisaria Pereira Valle, c. c. Tenente Coronel Antonio Tomás de Aquino Corrêa. Pais de:
Bn. 16) Antonio Tomás de Aquino Corrêa (filho), mudou para Cuiabá (Mato Grosso), onde †, c. s. casado. Pais de:
Tn. 41) Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá.
Bn. 17) Joaquim Corrêa † ss.
N. 6) Roduzinda Pereira Valle, c. c. José Francisco de Camargo Fleury. Pais de:
Bn. 18) D. Amelia.
Bn. 19) D. Regina.
Bn. 20) D. Roduzinda de Camargo..
N. 7) D. Ana Joaquina da Paixão Veiga, c. c. Capitão Luiz Alves do Amorim, c. s. (vêr família "Alves de Amorim").
N. 8) D. Maria Joaquina da Veiga, c. c. Manuel de Faria Albernaz, †, c. c. Tenente-Coronel Bernardo Lobo de Sousa Fleury. Pais de:
Tn. 42) José de Melo Lobo Fleurí.
Tn. 43) Bernardo Lobo de Souza Fleurí.
Tn. 44) Antonio Bernardo Lobo Fleurí.
Tn. 45) Manuel, † em Cuiabá.
Tn. 46) Joaquim de
Tn. 47) D. Maria das Dores, c. c. Tenente-Coronel Luiz Fleurí de Campos Curado.
Bn. 22) D. Maria de Faria Albernaz, c. c. Tenente-Coronel Antonio Tomás (viuvo de Belisaria, N. 4). Pais de:
Tn. 48) D. Brigida.
Bn. 23) D. Libania de Faria Albernaz, c. c. Tenente-Coronel Antonio Tomás de Aquino Corrêa, em segundas nupcias. Pais de:
Tn 49) Teófilo de Aquino Corrêa.
Bn. 24) D. Delfina de Faria Albernaz, solteira.
Bn. 25) Antonio Norberto de Faria Albernaz, † solteiro.

Digitized by Google

Bn. 27) D. Lina de Faria Albernaz, c. c. seu cunhado Tenente-Coronel Bernardo Lobo de Sousa Fleuri (viuvo de Bn. 28 — Ana Joaquina).

Bn. 28) D. Roduzinda de Faria Albernaz, c. c. seu primo-irmão Bn. 8. Joaquim Pereira do Valle (neto), c. s. (vêr).

* * *

V

SILVA LEME

Inácio da Silva Leme, n. Funchal, ilha da Madeira (Portugal); c. c. Maria Teresa de Almeida, n. Itú (São Paulo). Pais de:

F. 1) Manuel Inacio dos Santos Silva.

F. 2) Hilario dos Santos Silva.

F. 3) D. Eugenia Maria da Silva.

F. 4) D. Petronilha do Amôr Divino; c. c. Custodio Pereira da Veiga, n. Braga (Portugal), filho legítimo de Fernando Pereira e de D. Maria da Costa. Pais de:

N. 1) José Joaquim Pereira da Veiga, sacerdote, depois vigário da Vara. † 1841.

N. 2) D. Ana Joaquina Pereira da Veiga, c. c. Capitão Joaquim Pereira do Valle, c. s. (vêr família Pereira Valle").

N. 3) Custodio Pereira da Veiga.

N. 4) D. Perpetua da Veiga.

N. 5) D. Maria da Veiga.

Referências ao Instituto e suas Publicações

"*Do sr. Rui Vieira da Cunha, do Rio de Janeiro:*

"Tenho o prazer de acusar o recebimento do *Annário* correspondente ao corrente ano, publicação simplesmente magnífica e que é mais uma prova do seu abnegado trabalho em prol da Genealogia. Conheço todas as magníficas publicações do Instituto, que tem a honra de ter como Presidente um Salvador de Moya."

Do dr. Teodoro de Sousa Campos Júnior, de Campinas:

"Aproveito a oportunidade para lhe agradecer a remessa dos dois exemplares do n.º 9 da excelente Revista Genealógica Brasileira, que muito apreciei, já tendo feito a entrega do exemplar que o sr. destinou ao nosso Centro de Ciências, Letras e Artes".

Do dr. Edmundo Augusto de Loyola, de São João da Boa Vista:

"*O Annário Genealógico Brasileiro*, vol. 6.º, está esplêndido. Estava ansioso para ver as 150 páginas da Família Bueno. Também, magnífica, estava a *Revista Genealógica Brasileira*, n.º 9."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO DO PARANÁ

FILIADO AO

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Trisavós do dr. Getúlio Vargas

O dr. Manuel Duarte, ilustre presidente do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, que fez pesquisas nos livros de batismos de Encruzilhada, referentes aos antepassados do dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, forneceu ao historiador coronel Aurelio Porto várias notas, entre elas: "Francisco de Paula Bueno, casado com Ana Maria do Nascimento, ou Ana "Joaquina de Vargas, como o regista o dr. Manuel Mariano da Rocha. "era natural da cidade de São Paulo, como se consigna no termo de ba-"tismo do primeiro filho do casal (Teodoro) (1), ou da vila de Curitiba. "como se regista no assento de batismo de seus filhos gêmeos (Jesuino e "Zeferino) (2), nos Livros de Encruzilhada. No ato de batismo do filho "Teodoro se declara que Francisco de Paula Bueno é filho legítimo de Pedro "da Costa de Morais e de Rita Bueno de Morais, ambos naturais da ci-"dade de S. Paulo." (3)

* * *

Pedimos a S. Excia. Revma. D. Attico Eusebio da Rocha, Digníssimo Arcebispo de Curitiba o obsequio de mandar verificar a referência a Curitiba. S. Excia. Revma., com a captivante gentileza de sempre, respondeu assim:

> "Atendendo ao pedido de V. S. constante da carta de 25 "de janeiro p. p., mandei dar busca nos livros de assentamen-"tos de batizados e casamentos desta freguesia de Curitiba, "não encontrando o que se desejava, conforme as certidões "negativas que envio. Posso afirmar que as buscas foram "cuidadosas e diligentes."

* * *

> "CERTIFICO que não consta dos livros de casamentos "de brancos desta Paróquia da Sé Metropolitana de Nossa

(1) Batizado a 18-X-1807; (2) Batizado a 30-V-1814; (3) Confira-se **"Anuário Genealógico Brasileiro"**, V, 31.

Digitized by Google

"Senhora da Luz de Curitiba, no período decorrido de 1732
"até 1790, o termo de casamento de Pedro da Costa de Morais
"com D. Rita Bueno. Curitiba, 28 de fevereiro de 1944. O
"Pároco: Pe. Ladislau."

* * *

"CERTIFICO que não consta dos livros de batizados dos
"brancos, desta Paróquia da Sé Metropolitana de Nossa Se-
"nhora da Luz de Curitiba, no período decorrido de 1761 até
"1790, o têrmo de Francisco de Paula Bueno, filho legítimo
"de Pedro da Costa de Morais e D. Rita Bueno. Curitiba.
"28 de fevereiro de 1944. O Pároco: Padre Ladislau."

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Anselmo Nogueira Macieira, do Rio de Janeiro:

"Meu interesse pela genealogia é simplesmente cultural. Alimento um programa futuro de estudos relativos ao passado colonial e imperial do Brasil. Para êles, na impossibilidade de fazer outra coisa, no momento, estou reunindo bibliografia e documentação. E a contribuição dos estudos genealógicos à compreensão de uma época é inestimavel. Este, pois, o meu interêsse pelo que vem fazendo o *Instituto Genealógico Brasileiro* e o meu desejo de entrar em contato com a brilhante plêiade que trabalha à sua sombra. De outro lado alimento um grande respeito, quasi uma veneração, pelas nossas tradições nacionais, circunstância que justificaria, sózinha, o meu interêsse. Quanto à vossa amável sugestão para que eu colabore nas publicações do Instituto — é um convite que eu aceito, em princípio. Será mesmo um motivo de orgulho para mim. Considerando entretanto, as responsabilidades de uma tal colaboração e as atividades onímodas, absorventes, que me preocupam no momento, não poderei, tão cedo, dar êsse modestíssimo auxílio à grandiosa obra do Instituto que dirigís."

Do dr. Antônio da Gama Rodrigues, de Lorena:

"Acuso recebidos o VI.º volume do *Anuário Genealógico* e a *Genealogia da Zona do Carmo*, que me mandou, e ambos me interessam muito, como me interessarão todas as obras que sôbre esse assunto forem publicadas. Como já por mais de uma vez lhe tenho dito e escrito, a persistência e o esfôrço que o amigo mostra em prol das letras genealógicas são admiráveis e dignos de todo o louvor".

Do sr. Felix Eduardo Eschelbach, do Rio de Janeiro:

"Agradeço muito o envio do vol. VI.º do *Anuário Genealógico Brasileiro* que, como sempre, é muito interessante, especialmente quanto à parte do brasonário."

Do acadêmico Rui Vieira da Cunha, do Rio de Janeiro:

"Acusando o recebimento da sua carta de 7 do corrente não posso deixar de dizer-lhe da minha satisfação por ter sido aceito sócio do douto *Instituto Genaalógico Brasileiro*, ao qual tanto devem os estudos genealógicos no Brasil e que tanto lhe deve. Já li a Revista n.º 9 que continua a série magnífica das publicações do Instituto."

Do coronel Laurenio Lago, do Rio de Janeiro:

"Recebí e muito agradeço o volume VI do *Anuário Genealógico Brasileiro*, muito bem organizado, e o folheto da sua bela conferência *A Liberdade dos Povos*".

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE SANTA CATARINA

Povoamento de Lajes

(segundo recenseamentos do Arq. Públ. de S. Paulo)

Cônego Luiz Castanho de Almeida

Cônego Luiz Castanho de Almeida

1. O capitão-mor regente e fundador, Antônio Correia Pinto de Macedo, tinha 60 anos de idade em 1777. Em 1759 casara-se em Parnaíba com Maria Benta Rodrigues, filha do alferes Baltazar Rodrigues Fam, natural de Barcelos e de Isabel da Rocha do Canto, que vem mencionada na Genealogia Paulistana, título Macieis, vol. XIII, 196. Pais do capitão-mor, que era português, de S. Tomé do Corrilão, vila da Ponte de Lima, foram Luiz Correia Pinto e Antônia de Sousa Macedo. Sem geração.

2. O sargento-mor Antonio Rodrigues de Oliveira tinha 57 anos em 1777. Era o primeiro filho de Baltazar Rodrigues Fam e Isabel da Rocha do Canto, acima. Casaram-se os pais em 1719, segundo Silva Leme, loco cit., e êle nasceu em 1720, segundo o recenseamento manuscrito que consultamos no Arquivo Público de S. Paulo. Era, pois, cunhado do Povoador. Casara-se em Parnaíba com Isabel Antônia de Oliveira, filha do capitão-mor Rafael de Oliveira Leme e Bárbara Garcia, aquele em título Hortas, esta filha de Manuel Garcia Bernardes e Maria de Lima, título Carrascos.

Silva Leme descobriu 6 filhos do sargento-mor Antônio Rodrigues de Oliveira, dos quais só um, Albano José de Oliveira, nasceu em Lajes, mas acompanhou os pais de volta a Parnaíba, o que se deu antes de 1792.

Digitized by Google

3. Substituiu àquele sargento-mor o seu afim, Joaquim José Monteiro, que em 1792 tinha 45 anos de idade, estava casado com Bárbara Garcia de Barros Leite, e já tinha a filha Ana Luiza Clara de Barros Leite, com 6 anos de idade, e mais 14 escravos. Não sabemos porque Silva Leme (Vol. VI, 194), chamou Bárbara Garcia de Matos. Ana Luiza casou-se com o tenente José Mariano de Oliveira, filho do sargento-mor José de Oliveira Borges e Francisca Clara de S. Bernardo. Maria Feliciana de Oliveira, filha deste casal, foi a 1.a mulher do major José Joaquim de Andrade. Tiveram outra Maria Feliciana, casada com o lajense João Antônio do Amaral Castro, filho de Francisco Borges do Amaral Castro e Maria Joaquina Varela (Silva Leme, VI, 194). As filhas Maria Cândida e Ana Cândida, respectivamente, casaram-se em Sorocaba, onde nasceram, com o dr. Vicente Eufrasio da Costa Abreu e o dr. Cândido Barata Ribeiro, médico propagandista da República.

4. Alferes Baltazar Rodrigues de Oliveira, em 1777 estava com 32 anos de idade. E' o mesmo mencionado em Silva Leme, VIII, 199, e último filho do casal Baltazar Rodrigues Fam—Isabel da Rocha do Canto. Era, pois, cunhado do capitão-mor. Antes, casou-se com Maria Oliveira e dela teve, até 1792, os filhos José, João e José Manuel, o que é preciso acrescentar a Silva Leme.

5. Antônio Marques Arzão, com 47 anos em 1777, era casado com Ana Pedrosa; não tinha filhos.

6. O capitão Manuel Rodrigues de Ataide, com 51 anos de idade em 1792, era casado com Maria do Rosário, com 38 anos de idade. Filhos: Francisco de Paula, Guilherme Antônio, Manuel, Ana Delfina, Emidia, Leduina, Rosa Maria, Esmédia. Vem apenas mencionado Manuel, em Silva Leme, VII, 180. Era o primogênito do capitão-mor de Parnaíba Guilherme Antônio de Ataide e Maria Rodrigues de Miranda, casados em 1740; esta, filha do tenente Manoel Rodrigues Fam, português e Maria Marques de Carvalho; aquele, filho de portuguêses. A identificação de Manoel Rodrigues de Ataide, do manuscrito, com o Manuel, da Genealogia Paulitana, se corrobora com o fato do 2.º filho ter o nome do avô paterno.

Identificamos também este Manoel Rodrigues Fam, seu sogro, cujos pais eram Baltazar Rodrigues Fam e Maria Benta, de Barcelos, como irmãos do alferes Baltazar Rodrigues Fam, o pai do mencionado sargento-mor Antônio Rodrigues Oliveira. Porque, Maria Benta, 2.a filha do capitão-mor Guilherme, trouxe o nome da avó.

Temos, assim, os povoadores de Lajes todos aparentados, indo de Parnaíba. Existem Ataides no sul. Aquí, o seu tronco.

7. Em 1792 era tenente de auxiliares Pedro Silva Ribeiro, com 40 anos de idade, e casado com Maria de Saldanha, com 32 anos. Filhos: Inácio, 17 anos; Pedro, 13 anos; Jesuino, 7 anos; João, 5 anos; José, 10 meses; Brites, 16 anos; Eugênia, 11 anos; Maria, 9 anos; mais 7 escravos e 2 agregados.

Digitized by Google

Em 1804, Pedro da Silva Ribeiro aparece como capitão reformado, natural do Viamão; mais os filhos Francisco, Antônio, Firmino e Rafael e 7 agregados. Tinha fazenda de criar.

8. Em 1792 Antônio Rodrigues de Oliveira Fam, com 32 anos de idade, estava casado com Maria Inácia do Amaral Gurgel, de 16 anos, com os filhos Manoel e Bento. E' possível ser um dos filhos de Antônio Rodrigues de Oliveira do n.o 2 e assinou Fam, por diferenciar-se. Maria Inácia é filha de Bento do Amaral Gurgel, pois deu o nome do avô materno ao 2o filho.

9. Em 1792 tinha 50 anos João Damasceno Córdova e casado estava com Maria Boaventura do Amaral e Silva, com 40 anos. Filhos: Henrique, 14 anos; Manoel, 12 anos; Teobaldo; Maria; Antônio; João; 11 escravos e 3 agregados. O Córdova era paulista de Santos. Maria Boaventura podia ser irmã de Bento e José Amaral Gurgel.

Monsenhor Antônio Córdova, natural de Lajes, ordenou-se e foi vigario geral na diocese de Botucatú, em 1930. Deve ser neto.

10. O capitão Joaquim José Pereira foi português do Alemquer, tinha 48 anos em 1777, e 28 anos sua mulher, Ana Maria de Santa Rita. Filhos, Umbelina e Paulo. Teve mais Inez, enviuvou cerca de 1780. Umbelina casou-se com Nicolau Diniz de Abreu, natural de Elvas, Portugal, e em Lajes moravam em 1807.

11. Em 1792 tinha 64 anos de idade Inácio Dias Cortez, casado com Inês de Chaves, 50 anos. Filhos: Salvador, João, Angela, Gertrudes e José.

12. Ainda em 1792, José Antônio Borges, de 22 anos de idade, era casado com Maria Custodia, com 19 anos. Filhos: Francisco e Leduina. Maria Custodia era de Lajes. Da Ilha Terceira, o Borges. Tiveram mais, até 1805: Manoel, José, João, Ana, Maria, Antônio.

(Aqui está a neta, esposa do dr. Cândido Barata Ribeiro, prócer republicano, casamento em Sorocaba).

13. Mateus José de Sousa, natural de Angra, na Terceira, estava em 1804 com 66 anos de idade, casado com Clara Ataide, com 38 anos. Filhos: Balduino, Maria, Mateus, Manoel, João Maria.

14. Em 1795 José Martins Ferraz, casado com Francisca, tinha os filhos: Evaristo, Fabiano, Maria, Senhorinha, Saturnino.

15. Outro sargento-mor, em 1797, foi Miguel Pedroso Leite, de 64 anos, casado com Inocência, 50 anos. Filhos: Maria e Escolástica.

16. Miguel Bicudo de Brito, com 41 anos em 1792, casado com Ana Maria, de 24 anos, tinha os filhos: Manoel, com 10 anos; Diogo, com 5; José, com 3; Maria, com 2 anos.

Ele era de Parnaíba. Há de ser um dos filhos de Manoel Bicudo de Brito (Genealogia Paulistana, VI, 340), que Silva Leme não descobriu.

17. Bento Soares da Mota em 1792 tinha por esposa a Domingas Leite

Digitized by Google

18. Matias Gonçalves Furtado, casado com Bárbara Serena, em 1792 tinha os filhos Alberto, com 13 anos, Manoel, Maria, Ana e Bárbara.

19. Manuel José Correia da Câmara, com 43 anos de idade em 1792, era casado com Catarina Silva, de 33 anos. Filhos: Francisco, 14 anos; Antônio, 13; Joaquim, 9; Manoel, 8; Floriano, 7; Ana, 5; José, 4; Maria, 2; Eufrasia, 8.

20. Manuel Pereira Prisco Bicudo era casado com Esméria, em 1795, curtia couros para vender no Viamão.

21. Francisco José de Santana em 1795 estava com 23 anos de idade, casado com Maria, 15 anos. Tropeiro.

22. Em 1804, Joaquim dos Santos, 42 anos, de Lisboa, c. c. Maria, 18 anos. Clara, filha, 2 anos.

23. Idem, André Guimarães Alboim, 44 anos, de Sta. Catarina. Florinda, sua mulher, 23 anos. Filhos: Maria, Manoel, José, Ana. Era capataz do falecido Manoel Araujo Gomes.

24. Bento Antônio de Camargo, 59 anos. Josefa, sua mulher, de Goiaz, 48 anos. Filhos: José, Manoel, Bibiana, Miguel.

25. Vicente Rodrigues de Oliveira, 39 anos, de Atibaia. Tecla, sua mulher, 29 anos. Filhos: Maria, Antônio, Ana, Tomasia, Gertrudes. Arrematante do passo do rio Pelotas.

26. Manoel Gomes Pereira, 44 anos, do Rio de Janeiro, lavrador. Maria, sua mulher, 28 anos.

27. Antônio Pontes, 50 anos, da ilha de S. Miguel. Sua filha Madalena, 16 anos.

28. Manoel Teixeira de Brito, 45 anos, do Rio Grande. Eufrosina, sua mulher, 21 anos. Filhos: Manoel, Silverio, Luiz, Joaquim e José.

27-A. Manoel Ferreira Prisco, tabelião, nascido no Pôrto, era casado com Esméria. O mesmo Prisco Bicudo. Filhas: Senhorinha e Antônia.

28-A. José Rosa Leite, cabo, de Itapetininga, era casado com Maria Francisca. Filha: Ana.

29. Tenente Joaquim Oliveira, casado com Maria Joaquina, tinha os filhos José Joaquim, com 14 anos, João, José, Manoel, Antônio, Ana.

30. Em 1810, Joaquim Ribeiro Amaral, de Minas, com 43 anos de idade, era casado com Páscoa Rodrigues de Oliveira, do Viamão. O filho Joaquim, de 14 anos, natural do Viamão.

31. Em 1810, André Guerreiro Alboim, de S. Catarina, era casado com Florinda Amaral, de Lajes, 30 anos. Filhos: Manoel, Maria, José, Ana, Isabel, Maria.

32. Joaquim Antônio de Morais, de Sorocaba, 34 anos. Bernardina Luiz, de Paranaguá, 28 anos. Filhos: Maria, Manoel, João, Bernardina.

Digitized by Google

33. Antônio Camargo Moreira, 63 anos, de Sorocaba. Ana Maria, sua mulher, 40 anos, de Pôrto Alegre. Filhos: Páscoa, 22 anos; Maria, 18; Joaquim, 16.

34. Manoel José Moreira, 32 anos, de Sorocaba. Maria, sua mulher. Filhos: Constantino, Ana, Maria, Felicidade.

35. Manoel Diniz, de Taubaté, 67 anos. Gertrudes, sua mulher, de Lajes, 32 anos. Filhos: Manoel, Antônio e Timoteo (8, 4 e 3 anos).

36. Antônio Paes, 48 anos, de S. Paulo. Ana Maria, sua mulher, 40 anos, de Lajes. Filhos: João, Maria, Cândido, Constantino, Felicidade, Antônio, Antônia.

37. Inácio Antunes, de Faxina, casado com Francisca, de Sorocaba. Filhos: Francisco, Lourenço, Dámaso, Inácio, Delfina, Apolônia, Maria.

38. Antônio Guedes, casado com Maria. Filho: Antônio, de Itapetininga.

39. 1816, Floriano Oliveira Branco, c. c. Ana, de Sorocaba.

40. Manoel Joaquim Raposo, do Viamão, c. c. Francisca. Filhos: Bento, Teresa, Escolástica, Maria.

41. 1810, Joaquim Soeiro, 50 anos. Ana, sua mulher, 40 anos. Filhos: Joaquim, Ana e José.

42. Manoel Santana, do Viamão, c. c. Maria Ataide.

OS AMARAL GURGEL, DE LAJES

1. Em 1792, José Amaral Gurgel, 48 anos, c. c. Maria Nascimento Jesus, 38 anos. Filhos: Antônio, 18 anos; Joaquim, 16; Amatildes, 12; Gertrudes, 10; Inácia, 7; Manoel, 5; João, 2.

2. Em 1795, Capitão-mor regente Bento Amaral Gurgel, 70 anos. Genoveva, s. mulher, 17 anos. Bento, filho, 1 ano. 7 escravos.

Nesta descendência está Francisco das Chagas do Amaral Fontoura, pai do ilustre republicano Ubaldino do Amaral, natural da Lapa, advogado e jornalista em Sorocaba.

3. Em 1795, Manoel Cavalheiro Leitão, 23 anos, c. c. Matilde Amaral, 15 anos. Filho: Inácio José, 1 ano.

O mesmo em 1804, natural do Rio Grande, escrivão. Inácio, 6 anos; José, 5 anos; Inocência, 5 anos; Antônio, 2 anos.

Matilde é, evidentemente, a filha de José do Amaral Gurgel, do n. 1. Uma filha de Manoel Cavalheiro e Matilde casou-se com Luciano Gonçalves Pacheco, já em Sorocaba, Pacheco que era também Fontoura, e de Mariana, Minas.

Digitized by Google

NOTA AO POVOAMENTO DE LAJES

N.º 3. Francisca Clara de S. Bernardo, mulher de José de Oliveira Borges (o casamento foi em S. Francisco do Sul) foi filha do capitão Francisco Luiz de Oliveira, que foi dizimeiro em Sorocaba, Curitiba, Paranaguá, S. Francisco, residindo à rua da Ponte, em Sorocaba, onde faleceu em 1814. Pelo seu inventário se vê ter sido natural de Lourinhã, Pontes Vedras, Lisboa, filho de Pedro Martins e Luiza Fonseca. Casou-se em São João del Rei com Maria Rosa, filha de Luiz Gomes do Couto e Antônia Lopes. Assim os atuais descendentes de Ubaldino Amaral e Cândido Barata veem a sua árvore aumentada para Portugal e Minas. O capitão Francisco Luiz teve só mais um filho, o cônego Manuel Caetano de Oliveira, do cabido de São Paulo, mas da segunda esposa, que foi Delfina Mauricia de Sá, da Campanha em Minas, filha de Domingos Inácio de Araujo e Maria Caetana de Sá. O 2.º Domingos Inácio de Araujo foi cunhado de Francisco Luiz, e casou-se na família Mascarenhas. Foi o povoador do Guarapuava. O sul do Brasil é um só nas suas ramificações genealógicas.

N.º 14. José Martins Ferraz veiu para Sorocaba, sua esposa era Pedroso, Francisca Pedroso. Tiveram aqui: Escolástica, Gertrudes e Ana. Senhorinha casou-se com Policarpo Camargo Maria, que assinava tambem Maria Ângela, casou-se com Bento Rodrigues e teve Maria Angélica, Inácio e Francisco. A estes Martins Ferraz pertencem o doador do terreno, em parte, e também vendedor, onde se construiu o quartel do 7.º batalhão, em Sorocaba, e o falecido deputado Nogueira Martins, com geração na Capital.

NOTA A GURGEL DO AMARAL

N.º 1. Matilde do Amaral era casada com Manuel Cavalheiro Leitão, de Porto Alegre. Será o mesmo que Silva Leme chama Cavalheiro Leite. Matilde morou em Sorocaba, à rua de S. Antônio. Os filhos iam buscar tropa na sua estância de Lajes. Sua filha Maria da Gloria casou-se com Manuel, filho de Lenciano Gonçalves Pacheco e Escolástica Maria de Almeida, mineiros. De Matilde vem os Cavalheiro do Amaral, o recentemente falecido desembargador Antonino Vieira do Amaral.

No volume III, 140, Silva Leme dá a filiação de Genoveva, esposa do capitão-mor Bento do Amaral Gurgel. Era Fontoura e talvez daí vem Francisco das Chagas, pai de Ubaldino.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do Exmo. Sr. General J. J. Pires de Carvalho e Albuquerque, de Niterói (neto do Visconde da Torre):

"Recebi o Anuário de 1944 que muito tenho apreciado."

Digitized by Google

INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL
FILIADO AO
INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Genealogia das Famílias Ávila e Carvalho

Celso Martins Schröder

ÁVILA

O Anuário Genealógico Brasileiro, III ano (1941), pág. 491, relata o seguinte:

"Na Península Ibérica os Ávilas tiverram sempre atuação e representação notáveis, quer nos ofícios da guerra, quer nas delícias da paz. Há dêles heróis e mártires, santos e corsários, áulicos e regicidas, escritores e poetas, onzenários e pródigos. A língua castelhana conta mais de um Ávila entre os seus puristas e clássicos. Nos antigos castelos medievos da França, Portugal e Espanha viveram e brilharam cavaleiros e damas famosos, portadores dêsse ilustre nome. Do casamento de Diogo Dias de Béja, neto de Paraguassú, com Isabel de Ávila, filha do velho e primeiro Garcia de Ávila (que veiu em 1549 para o Brasil, chegando sua família a possuir 340 léguas de campo na Bahia), descendeu todos os Ávilas brasileiros, cujas ramificações durante 4 séculos se alastraram por todo o território nacional, desde o Acre ao Rio Grande do Sul".

D.ª Vitória Carvalho de Ávila Chiappetta

Ignoramos a ligação porventura existente entre a estirpe a que se refere o Anuário supracitado e a família Ávila radicada em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, da qual vamos tratar a seguir:

Alexandre José de Ávila, casou com Anacleta Maria da Encarnação. Pais de:

F. 1) Alexandre José de Ávila (filho), nasceu em 1821 † 9-I-1875, casou com Florisbela Maria Machado e faleceu na estância de Guabijú, no município de São Gabriel, onde se radicou e foi fazendeiro. Pais de:

Digitized by Google

N. 1) Eleutério José de Ávila (recebeu provavelmente êsse nome em homenagem à sua avó materna, que, segundo tradição de família, chamava-se Eleutéria), nasceu em Lavras (Rio Grande do Sul), serviu como cabo na guerra do Paraguai, casou com Maria dos Anjos Farinha de Carvalho e faleceu em São Gabriel em 1891. Sua descendência consta na genealogia da família Carvalho.

N. 2) Florisbelo José de Ávila, casou com Cecília Maria da Silveira. Pais de:

Bn. 1) Inácio José de Ávila, nasceu em 1872, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Líbia Coelho Leal e faleceu em 8-VII-1941. Pai de:

Tn. 1) Gabriela, casou com Alfredo de Gouvêia. Pais de:

Qn. 1) José, solteiro
Qn. 2) Pedro, faleceu solteiro
Qn. 3) João, solteiro

Tn. 2) Florêncio, casou com Benigna (1906-1943), filha de Antônio Rigatti, natural de Veneza (Itália) e de Cândida Marques. Pais de:

Qn. 4) Flávio, solteiro
Qn. 5) Carmen, solteira
Qn. 6) Valdemir, solteiro
Qn. 7) Talita, solteira
Qn. 8) Vilma, solteira
Qn. 9) Zulmira, solteira
Qn. 10) Tales, solteiro
Qn. 11) Irma, solteira, falecida.
Qn. 12) Paulo, solteiro
Qn. 13) Maria Cândida, solteira.

Tn. 3) Florentino em VII-1933, casou com Maria Almira Aresço Moreira. Pais de:

Qn. 14) Necí, solteiro
Qn. 15) Valdací, solteira
Qn. 16) Valquíria, solteira
Qn. 17) Pedro Necí, solteiro.
Qn. 18) Rui José, solteiro.

Tn. 4) Libório, em IV-1937, casou com Lenir Jardim Coelho Leal. Pais de:

Qn. 19) Maria Inês, solteira.

Tn. 5) Jurací, solteira

Tn. 6) Silvano José, casou com Maria de Carvalho Goulart. Pais de:

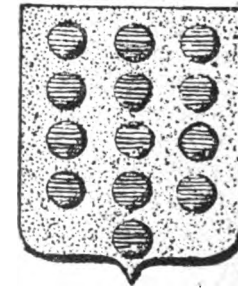
Qn. 20) Lourdes, solteira

Tn. 7) Orací, casou com João Coelho Caminha Pais de:

Qn. 21) Valtir, solteiro.

Tn. 8) Maria, solteira.

Bn. 2) Malvina Maria de Ávila a 16-VI-1888, casou com Júlio de Carvalho Prates. Pais de:



137

Avila (de Espanha): De ouro, com treze arruelas de azul, 3, 3, 3, 3 e 1.

Digitized by Google

Tn. 9) Juvenal, faleceu solteiro.
Tn. 10) Conceição, casou com Paulino Leal Goulart (citados na genealogia Carvalho).
Tn. 11) Belmiro, casou com Georgina. Pais de:
Qn. 22) Vilsa Malvina de Carvalho, solteira.
Qn. 23) João Carlos de Carvalho, solteiro.
Qn. 25) Leonor de Carvalho, solteira.
Tn. 12) Mariana, casou com João de Menêses. Pais de:
Qn. 25 a 31) 7 filhos, alguns casados.
Tn. 13) Nominanda, casou com Joaquim Prates. Pais de:
Qn. 32 a 35) 4 filhos, alguns casados.
Tn. 14) Ester, faleceu solteira.
Bn. 3) Silvina da Rosa Ávila, casou com Cândido José Rodrigues (1.ª espôsa). Pais de:
Tn. 15) Cândido José Rodrigues Filho, nasceu em 1892, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Cacilda Leal Rodrigues (citados na família Carvalho).
Tn. 16) Delfina, casou com Pedro Coelho Leal. Pais de:
Qn. 36) Silvina, casou com Ladislau Machado. Pais de:
Pn. 1) Oscar, solteiro
Pn. 2) Milton, solteiro
Pn. 3) Júlio, solteiro
Pn. 4) Homero, solteiro.
Qn. 37) João, solteiro
Qn. 38) Valdemar, solteiro
Qn. 39) Ocí, solteiro
Qn. 40) Alcí, solteiro
Qn. 41) Osmar, solteiro
Qn. 42) Iris, solteira
Qn. 43) Cecília, solteira
Qn. 44) Ení, solteira
Qn. 45) Maria, solteira
Qn. 46) Nerí, solteiro.
Tn. 17) Marcelino José Rodrigues, casou com Helena Maia de Avila (citados na família Carvalho).
Tn. 18) Otacília Rodrigues, faleceu solteira
Tn. 19) Florisbelo Rodrigues, faleceu solteiro.
Tn. 20) Antônio Rodrigues, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Prudência Holtz, filha de Henrique Holtz e de Edeltrudes Rodrigues. Pais de:
Qn. 47) Dercí, solteira
Qn. 48) Elí, solteiro
Qn. 49) Suelí, solteira
Qn. 50) Cenelí, solteira
Qn. 51) Noelí, solteira
Qn. 52) Lení, solaeira

Digitized by Google

Qn. 53) Derlí, solteiro.

Bn. 4) Cassemira da Rosa Ávila, casou com Simão Coimbra Meyer (citados na família Carvalho).

Bn. 5) Alexandre José de Ávila, nasceu em 1880, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Felicidade Carvalho de Ávila e faleceu em 1929 (citados na família Carvalho).

Bn. 6) Gregório José de Ávila, nasceu na estância de Vista Alegre, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Honorina Silveira (citados na família Carvalho).

N. 3) Valeriano de Ávila, nasceu na estância de Guabijú, morreu na guerra do Paraguai.

N. 4) Firmina Alexandrina de Ávila, casou com Manuel Coelho Leal (citados na família Carvalho).

CARVALHO

O alferes Francisco José de Carvalho, natural de Portugal, foi um dos primeiros povoadores do município de São Gabriel, sendo tradição de família que era sobrinho do marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho Melo, assim como Manuel José de Carvalho.

Tanto Francisco José como Manuel José, que se presume fossem irmãos, receberam sesmárias de campo no Rio Grande do Sul.

Manuel José de Carvalho recebeu em 1817 um campo com 1 légua de frente por 3 léguas de fundo junto ao rio Santa Maria Chico e em 1822 aparece como lindeiro do marechal Bento Manuel Ribeiro, quando foi concedido a êste um campo entre os rios Ibicuí e Jacaquá.

Francisco José de Carvalho recebeu em 1815 do marquês de Alegrete, governador do Rio Grande do Sul, um campo em Missões, no lugar denominado Santiago, "invernada que foi do povo de Santo Ângelo", entre Curuzupacú, Rincão de Santa Rosa, Serra Geral e vertentes do rio Inhacundá. Em 1816, quando foi concedido um campo a João Machado de Sousa, entre os rios Jaguarí e Taquarembó, aparece Francisco José como lindeiro. Em 1819 o conde de Figueira, governador do Rio Grande do Sul, confirmou a Francisco José a posse de um campo que havia comprado de José Pinto de Magalhães entre Rodeio Colorado, coxilha da Linha Divisória e os rios Jaguarí e Taquarembó.

A-pesar-de não termos conhecimento de documentos que a comprove, não achamos descabida a versão de que Francisco José e Manuel José fossem sobrinhos de Pombal.

Como é sabido, após a morte do rei José I, foi o marquês de Pombal demitido e processado, tendo estado na iminência de ser condenado à morte, havendo afinal a rainha Maria I resolvido desterrá-lo para a vila de Pombal, onde faleceu o grande estadista em 1782. Os despojos do eminente homem de estado ficaram muitíssimos anos em um esquife coberto de pano preto à entrada de uma capela, sem serem dados à sepultura. Não seria de estranhar que parentes seus procurassem fugir a êsse ambiente de odiosidade e

Digitized by Google

prevenção, acolhendo-se ao Brasil, onde poderiam encetar nova vida, sem fazer alarde de um parentesco que, na época, lhes seria mais prejudicial do que vantajoso.

Seguindo o exemplo de tantos outros compatriotas seus, que unidos a moças indígenas, deram origem a importantes famílias de nosso país, dos quais citaremos, apenas, Diogo Álvares Pereira (Caramurú), casado com Paraguassú, João Ramalho, unido a Bartira, e Jerônimo de Albuquerque a Muiraubí, troncos das mais ilustres e destacadas famílias da Baía, São Paulo e Pernambuco, Francisco José de Carvalho casou com Águeda Luiza, filha de um chefe nativo da região gabrielense.

O próprio marquês de Pombal, que se presume ter sido tio de Francisco José, era descendente de uma índia: Seu pai, Manuel de Carvalho Ataíde, era casado com Teresa Luiza de Mendonça, 5.ª neta da índia Muiraubí e de Jerônimo de Albuquerque, que citamos acima. Em trabalho recentemente publicado o conhecido historiador e genealogista Aurélio Porto demonstrou que o presidente Getúlio Vargas conta entre seus antepassados as índias Antônia Rodrigues, filha do cacique Piquerobí, F. Guassú, filha do cacique de Carapicuiba, e uma tapuia resgatada da escravidão por Pedro Afonso, que a desposou.

É tradição que Águeda Luiza foi sepultada debaixo de uma grande pedra comum em uma das portas da igreja do Bonfim, em São Gabriel, de acôrdo com o pedido que fizera, em sinal de humildade, a-fim-de que todos, ao passar nela pisassem.

No Museu João Pedro Nunes, de São Gabriel, existem 2 cartas dirigidas a Francisco José pelo marquês de Barbacena, então comandante em chefe do exército brasileiro em guerra com a Argentina, e pelo depois marechal Bento Manuel Ribeiro, e que são as seguintes:

> "Senhor Francisco José de Carvalho. Volta o conductor das minhas carretas levando os bois que Vossa Mercê teve a bondade de emprestar e quanto aos meos qua ahi ficárão disponha delles como seos. Tenho o inimigo quasi a vista e acho-me a pé porque o Brigadeiro Rozado sem deixar o Acampamento de Santa Anna teve a habilidade de consumir 24.000 cavallos. Lembranças ao Senhor Fidelles. Ibicuí mirim 17 de Janeiro de 1827. Seu Venerador e Criado. Marquez de Barbacena".

> "Illm.º Sñr. Francisco José de Carvalho. Rogo a sua bondade remeta o adejunto oficio para o Exm.º Sñr. General Governador das Armas com brevidade e segurança ao Correio da Cachoeira de cujo favor ficará agradecido quem hé — De Vossa Senhoria Obrigado Amigo Bento Manoel Ribeiro. Pavão, 2 de Outubro de 1829. P. D. Vão tão bem oficios para o Comandante da Caxoeira e Coronel Oliverio."

Em 1835 aparece Francisco José de Carvalho como um dos signatários de uma lista de contribuições para que o cemitério existente junto à Igreja

Digitized by Google

do Bonfim, em São Gabriel, fosse transferido para um local próximo à atual chácara José Lima.

Francisco José de Carvalho e Agueda Luiza foram pais de:

F. 1) Cirino José Fernandes de Carvalho, nasceu em São Gabriel, casou com sua sobrinha (N. 22) Ana Cândida de Carvalho Farinha † 11-VI-1863. Com seu irmão Manuel José Fernandes de Carvalho e seu cunhado Luiz Ferreira Vale comprou 18 léguas de campo junto ao arroio de Las Sopas, afluente da margem esquerda do rio Arapey, no departamento de Salto (República Oriental do Uruguai).

Cirino e Ana foram pais de:

N. 1) Alexandre José Fernandes de Carvalho, faleceu solteiro em Bagé.

N. 2) Maria dos Anjos, casou com Eleutério José de Ávila e faleceu em 30 de junho de 1923. Pais de:

Bn. 1) Vitória Carvalho de Ávila, nasceu em 23 de dezembro de 1873, casou com Carlos Chiappetta, nascido em 26-I-1862 em Bucita, comuna de San Fili, província de Cosenza (Itália) e falecido em 12-I-1928. Pais de:

Tn. 1) Miguel Ângelo, nasceu em 11-XII-1891, casou com Gasparina Rolim de Moura e faleceu em 9-XI-1927. Pais de:

Qn. 1) Carlos, solteiro.

Qn. 2) Iva, c. c. Bonemar Cardoso. Pais de Maria Iná e Miguel, solteiros.

Qn. 3) Ivo, solteiro.

Qn. 4) Raul, solteiro.

Qn. 5) Italo, solteiro.

Qn. 6) Haidê, faleceu solteira.

Qn. 7) Maria, solteira.

Tn. 2) Enedina, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 14-V-1893, faleceu em 26-II-1935, casou com Francisco Carlomagno, nascido em Cruz Alta e falecido em 28-II-1920. Pais de:

Qn. 8) Antônio, faleceu solteiro.

Qn. 9) Maria Isabel, nasceu em Cruz Alta em 22-V-1919, professora.

Qn. 10) Francisca, solteira.

Tn. 3) José Gabriel Chiappetta, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 16-V-1895, fazendeiro nos municípios de Ijuí, S. Ângelo e São Gabriel, solteiro.

Tn. 4) Dante Borromeu, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 4-XI-1897, fazendeiro, casou com Hipólita Burtet, sem sucessão.

Tn. 5) Carví, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 17-I-1898, faleceu solteiro em 1-III-1917.

Tn. 6) Diva, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 30-VI-1899, casou com Franklin Ferrugem. Pais de:

Qn. 11) Edí, solteira.

Qn. 12) Rui, solteiro.

Qn. 13) Cleci, solteira.

Digitized by Google

Tn. 7) Eleutério, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 16-IX-1900, fazendeiro nos municípios de Santo Ângelo e São Gabriel, casou com Afra Alves Dias em 24-XII-1932. Pais de:

Qn. 14) Carlos, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 15-X-1933.

Qn. 15) Luiz Osório, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 10-II-1935.

Qn. 16) Francisco José, faleceu solteiro.

Qn. 17) Erasmo José, nasceu em São Gabriel em 2-VI-1943.

Tn. 8) Iracema, nasceu na estância de Monte Alvão (Santo Ângelo) em 31-VII-1906, casou com seu primo Sadí de Ávila Cardoso. Pais de:

Qn. 18) Lucí, nasceu em 25-XII-929.

Qn. 19) Paulo Vinício, nasceu em 13-I-1930.

Qn. 20) Rúbem Dário.

Tn. 9) Haidê, nasceu na estância de Monte Alvão (Santo Ângelo) em 18-X-1912, casou com Carolino Raimundo em 25-VII-1934. Pais de:

Qn. 21) Maria Vitória, nasceu em 2-X-1940.

Tn. 10) Tomásia, nasceu em Ijuí em 3-X-1913, casou com Polí Guasque. Pais de:

Qn. 22) Luiz Carlos, solteiro.

Tn. 11) Pedro, nasceu em 7-II-1914 e faleceu em 10-XI-1914.

Tn. 12) Leovegilda, nasceu em Ijuí em 6-I-1926, solteira.

Bn. 2) Adriana Carvalho de Ávila, nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 1-III-1876, casou em 1895 com o coronel Antônio Cândido Vaz de Oliveira, nascido em São Gabriel em 8-X-1858, juiz distrital de 1897 a 1909, falecido em junho de 1933, filho de Antônio Vaz de Oliveira e de Maria das Dores Menêses Portugal (sobrinha e cunhada do barão de Ijuí) e neto paterno de José Vaz Bragança. O coronel Vaz fundou em 1888 no 4.º distrito de São Gabriel, com seu irmão Nero Vaz de Oliveira e seu tio general Francisco Rodrigues Portugal, o clube republicano "Aparício Mariense". Como capitão do 1.º esquadrão fez parte do 4.º corpo de cavalaria da Guarda Nacional que, sob o comando do tenente-coronel José Narciso Antunes, contribuiu para a reposição de Júlio de Castilhos na presidência do Rio Grande do Sul em 17-VI-1892. Elevado a major, seguiu com a brigada do general Francisco Rodrigues Portugal para Livramento e Dom Pedrito, cuja brigada se destinava a atacar em Bagé o general João Nunes da Silva Tavares, barão de Itaquí. Em II-1893 assumiu como tenente-coronel o comando do 4.º corpo de cavalaria da referida brigada; seguiu de São Gabriel para Livramento, onde se incorporou à divisão do general João Batista da Silva Teles, combatendo em Upamorotí e participando da perseguição aos generais Silva Tavares e Gumercindo Saraiva até os matos de Ana Correia. Daí seguiu com a coluna do general José Gomes Pinheiro Machado e fazendo a vanguarda, nas pontas do rio Jaguarí, imediações da serra de Babaraquá, tomou parte no combate

Digitized by Google

de Jaguarí. Depois da derrota de Cerro do Ouro, em 27-VIII-1893, seguiu com o 4.º corpo para Umbú, Margem de Taquari (hoje General Câmara), Pôrto Alegre e Santa Catarina, onde participou dos combates de Araranguá e Três Forquilhas. De Tubarão voltou para Pôrto Alegre, de onde foi em socorro de Rio Grande, atacada pelo almirante Custódio José de Melo, e daí para Cachoeira. Dêste lugar foi auxiliar a coluna dos generais Francisco Rodrigues de Lima e Pinheiro Machado, que pelejou em Passo Fundo e perseguiu Gumercindo Saraiva até Caroví. Foi mais tarde para Santa Maria e passos do rio Ibicuí, de onde se dirigiu a São Gabriel a-fim-de se incorporar às fôrças do general Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, com as quais combateu o general Aparício Saraiva no rio Santa Maria, município de Dom Pedrito. Foi-lhe conferido em 15-I-1894 o posto de tenente-coronel honorário do Exército e em 22-IX-1895 teve dissolvidas as fôrças que comandava. Pais de:

Tn. 13) Aldo Vaz de Oliveira, nasceu na estância de Bom Retiro (São Gabriel) em 29-V-1899, fazendeiro e comerciante no município de São Gabriel, casou com Isabel Marques Rigatti, filha de Antônio Rigatti e Cândida Marques. Pais de:

Qn. 23) Nize, solteira.
Qn. 24) Aldoir, solteiro.
Qn. 25) Osmar, solteiro.
Qn. 26) Noelí, solteira.

Tn. 14) Ema Vaz de Oliveira nasceu na estância de Bom Retiro (São Gabriel), solteira.

Tn. 15) Hugo Vaz de Oliveira, nasceu em 1900, fazendeiro, casou em 24-X-1942 com Aida Garcia Portugal, filha de Tancredo Vaz Portugal e de Idilia de Miranda Garcia, Pais de Qn. 26a) Ieda Maria, nasceu XI-1943.

Tn. 16) Osmar Vaz de Oliveira, falecido solteiro.

Tn. 17) Oto Vaz de Oliveira, falecido solteiro.

Tn. 18) Ida Vaz de Oliveira, solteira.

Tn. 19) Elba Vaz de Oliveira, solteira, proclamada "Miss São Gabriel" no concurso de beleza realizado no Rio Grande do Sul em 1930.

Tn. 20) Ér Vaz de Oliveira, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Cassiana Viedo Evangelho, filha de Isaias da Silveira Evangelho e de Ida Antunes Viedo. Pais de:

Qn. 27) Antônio Paulo, solteiro.
Qn. 28) Clara Maria, nasceu em 12-XII-1941 e faleceu criança.
Qn. 29) Luiz Carlos, nasceu em 26-II-1943.

Tn. 21) Celí Vaz de Oliveira, solteira.

Tn. 22) Ací Vaz de Oliveira, solteira.

Bn. 3) Nominanda Carvalho de Ávila, nasceu em 31-XII-1877, casou com Cirino Cardoso de Menêses, nascido em 1863. Pais de:

Tn. 23) Sadí (I), faleceu creança.

Digitized by Google

Tn. 24) Sadí (II), nasceu em Suspiro (São Gabriel) em 16-I-1907, casou com sua prima Iracema de Ávila Chiappetta e faleceu em 1941 (já citados).

Tn. 25) Sára, nasceu em Suspiro, solteira.

Tn. 26) Marília, nasceu em Suspiro, solteira.

Tn. 27) Tomásia, nasceu em Suspiro, casou em IV-1936 com o capitão Firmino Barreto de Lima Pereira, com sucessão.

Tn. 28) Iára, nasceu em Suspiro, casou com ... Pacheco, sem sucessão.

Bn. 4) Isabel Carvalho de Ávila, nasceu em Suspiro em 4-XI-1880, solteira.

Bn. 5) Pedro de Alcântara Ávila, nasceu em Suspiro em 19-X-1882, casou em 1906 com Cecília Franco Casado, bisneta do visconde de Cerro Formoso, e faleceu em 14-VIII-1938, fazendeiro no município de São Gabriel. Pais de:

Tn. 29) Maria, casou com Ulisses Retamal Andes, natural do Chile, sem sucessão.

Tn. 30) Aparício, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Bernardina Alves Dias, filha de Francisco Lopes Dias e de Antônia Alves, n. p. de Carlos Diaz, n. ilhas Canárias, e de Afra Lopes da Rosa; n. m. de Manuel Alves de Góis e de Bernardina Joaquina da Rosa. Pais de:

Qn. 30) Francisco José, nasceu em São Gabriel em 3-XII-1941.

Qn. 30-a) Paulo Afonso, n. 20-I-1944, em São Gabriel.

Tn. 31) Catarina, casou em VI-1933 com Adolfo Chiappetta, fazendeiro e comerciante no município de São Gabriel. Pais de:

Qn. 31) José Gilberto, nasceu em São Gabriel em 12-IV-1934.

Qn. 32) Ana Maria, nasceu em São Gabriel em 22-VII-1942.

Tn. 32) Erecí, falecida solteira.

Tn. 33) José Conceição, nasceu em 1915 e faleceu solteiro em 10-X-1938.

Tn. 34) Francisca Conceição, casou com Olmiro de Barcelos Lock, nascido no município de Jaguarí em 1895. Pais de:

Qn. 33) Zara, nasceu em São Gabriel em 16-I-1943.

Qn. 33-a) Horacio Nelson, n. 1-II-1944, em São Gabriel.

Tn. 35) João Conceição, solteiro.

Bn. 6) Felicidade Carvalho de Ávila, nasceu em Suspiro, casou com seu primo Alexandre José de Ávila, fazendeiro no município de São Gabriel. Pais de:

Tn. 36) Ocí José de Ávila, casou em 5-II-1935 com Joaquina Lemes da Rosa, filha de Dionísio Pereira da Rosa (natural da República Oriental do Uruguai) e de Manuela Lemes da Silva (filha do general Honório Lemes da Silva). Pais de:

Qn. 34) Norma, solteira.

Qn. 35) Nirma, solteira.

Digitized by Google

Tn. 37) Jací de Ávila, nasceu em Suspiro, casou com Renato Leal Rodrigues, fazendeiro no município de São Gabriel. Pais de:
Qn. 36) Paulo Edgar, solteiro.
Qn. 37) Zirlêi Marléne, solteira.
Qn. 38) Danglar Alexandre, solteiro.
Qn. 39) Renato, solteiro.
Tn. 38) Rúbem José de Ávila, casou em VIII-1937 com Jair Coelho Leal. Pais de:
Qn. 40) Janice Conceição, solteira.
Qn. 41) João Francisco, solteiro.
Qn. 42) Rúbem Dário, solteiro.
Tn. 39) D.ª Nelí de Ávila, nasceu em Suspiro, casou com Jurandir Coelho Leal. Pais de:
Qn. 43) Sônia Teresa, solteira.
Qn. 44) Marilê, nasceu em 4-VIII-1943.
Tn. 40) Eleutério José de Ávila, solteiro.
Tn. 41) Cecília de Ávila, solteira.
Tn. 42) Maria de Ávila, nasceu em Suspiro, solteira.
Tn. 43) Iris de Ávila, nasceu na estância de Vista Alegre, município de São Gabriel, solteira.
Tn. 44) Paulo José de Ávila, nasceu na estância de Vista Alegre, solteiro.

N. 3) Luiza Francisca Fernandes de Carvalho, nasceu em São Gabriel, casou em 1873 com Zeferino Sarmento de Sá Barata, nascido em Portugal em 1845, filho de Sebastião Teixeira de Sá Sarmento e de Júlia Mafalda da Costa Barata. Ambos faleceram em Portugal e foram pais de:
Bn. 7) Dr. Manuel Tomaz Sarmento de Sá Barata, nasceu em 1875 em São Gabriel, formou-se em Coimbra (Portugal), catedrático da Escola de Medicina de Pôrto Alegre, casou com Maria da Glória Flores Soares, nascida em Pôrto Alegre, filha de José Soares Júnior, natural de Encruzilhada, e de Júlia Flores Soares, natural de Pôrto Alegre. Pais de:
Tn. 45) Júlia Soares Barata, casou com o Dr. Camilo de Almeida Martins Costa, filho do Dr. José de Almeida Martins Costa Júnior e de Maria do Carmo Carvalho Martins Costa. Pais de:
Qn. 45) Sílvia Martins Costa, solteira.
Qn. 46) Fernando de Almeida Martins Costa, fal. solteiro.
Qn. 47) Maria da Glória Martins Costa, solteira.
Qn. 48) Camilo de Almeida Martins Costa Filho, solteiro.
Tn. 46) Dr. José Soares Sarmento Barata, médico, membro da Academia Brasileira de Medicina, casou 1.ª vez com Aidí Eiras de Araujo, filha de Antônio Manuel de Araujo e de Noemí Silveiro Eiras de Araujo e 4.ª neta do general Rafael Pinto Bandeira. Pais de:
Qn. 49) Antônio Manuel, solteiro.
Qn. 50) Vera Maria, solteira.

Digitized by Google

Tn. 46) enviuvando, casou 2.ª vez com sua cunhada Celi Eiras de Araujo. Pais de:
Qn. 51) Maria de Lourdes, solteira.
Qn. 52) José Antônio, faleceu solteiro.
Qn. 53) José Carlos, solteiro.

Tn. 47) Luiza Soares Barata, casou com o Dr. João da Rocha Fernandes, filho de José Antônio Fernandes e de Amabília dos Santos Rocha Fernandes. Faleceu sem sucessão.

Tn. 48) Dr. Luiz Soares Sarmento Barata, médico, n. 22-1-1904 em Porto Alegre, casou com Teresa Martins Costa, filha do Dr. José de Almeida Martins Costa Júnior e de Maria do Carmo Carvalho Martins Costa. Pais de:
Qn. 54) Maria Luiza Sarmento Barata, solteira.
Qn. 55) Jorge Afonso Sarmento Barata, solteiro.
Qn. 56) Beatriz Sarmento Barata, solteira.
Qn. 57) Manuel Tomaz Sarmento de Sá Barata, neto, solteiro.
Qn. 58) Henrique Sarmento Barata, solteiro.
Qn. 59) Carlos Sarmento Barata, solteiro.
Qn. 60) Sérgio Sarmento Barata, solteiro.

Bn. 8) Praxedes Sarmento de Sá Barata, nasceu em 1877 em São Gabriel, casou com Maria das Boas Novas Augusta de Figueiredo, natural de Portugal, sem sucessão.

Bn. 9) Júlia Sarmento de Sá Barata, nasceu em 1881 em São Gabriel, casou com Miguel Cardoso de Carvalho, natural de Portugal. Pais de:
Tn. 49) Maria de la Salette Cardoso de Carvalho, casada.
Tn. 50) Maria Luiza Cardoso de Carvalho, casada.
Tn. 51) Dr. Paulo Cardoso de Carvalho, médico, casado.

N. 4) Adelaide Francisca Fernandes de Carvalho, casou com Sebastião Sarmento, natural de Portugal e primo de Zeferino Sarmento de Sá Barata. O casal faleceu em Bagé, sem sucessão.

N. 5) Romão Farinha de Carvalho, solteiro. Com a idade de 18 anos, quando voltava de um baile, foi transpor a cavalo o arroio de Suspiro (então chamado "Mata Olho"), avolumado por grande chuva, e afogou-se.

F. 2) Manuel José Fernandes de Carvalho, nasceu em 1818, casou com sua sobrinha Tomásia de Carvalho Farinha e faleceu, sem sucessão, em Suspiro em 8-VIII-1886, sendo sepultado em São Gabriel. Em sua estância de Suspiro criou, com sua espôsa, cêrca de 150 crianças orfãs ou abandonadas, entre elas um engeitado, Tomaz Fernandes de Carvalho, que foi perfilhado e faleceu em São Gabriel em 1884.

F. 3) Emerenciana Luiza de Carvalho † 1879, casou com Luiz Ferreira Vale, nascido em Encruzilhada em 20-VII-1810, filho do tenente-coronel Tomaz Ferreira Vale (nascido em Rio Pardo em 1759 e falecido em 10-III-1839) e de Joana Maria Ferreira (nascida em Triunfo em 1759 e falecida em 1864), neto paterno de Jerônimo Ferreira Vale (nascido em Lisboa, Portugal) e de Maria Josefa do Espírito Santo (nascida na illha de Faial, Açores), neto materno de Luiz Ferreira da Costa (nascido em Rio Grande)

Digitized by Google

e de Jacinta Pedroso (nascida em Cunha, São Paulo). Luiz Ferreira Vale era alferes da Guarda Nacional quando foi promovido a capitão em 21-V-1859 e dêste posto foi elevado a tenente-coronel em 25-I-1869. Faleceu em XI-1886. Foram pais de:

N. 5-a) José Ferreira Vale.

N. 6) Anibal Ferreira Vale, nasceu em 28-XII-1840, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Malvina da Câmara Pires e faleceu em 20-VIII-1923. Era 2.º sargento da Guarda Nacional quando foi promovido a alferes em 21-XII-1871. No sobrado de sua residência foi que se hospedou em 1846 o Imperador Pedro II quando de sua 1.ª visita a São Gabriel. Foram pais de:

Bn. 10) Antônio Ferreira Vale, nasceu em São Gabriel em 23-III-1873, fazendeiro, falecido em 1932. Casou com Maria José Arce, filha de Vitoriano Arce e de Gertrudes Nunes Vieira, esta falecida em 7-VII-1923. Pais de:

Tn. 52) Marina, nasceu em 1904, casou com Dario da Costa Borba, nascido em Bagé em 15-IX-1898. Pais de:

Qn. 61) Luiz, nascido em 1925, solteiro.

Qn. 62) Paulo, solteiro.

Tn. 53) Erazine, nasceu em 1906, casou em III-1931 com Aldo Prestes de Carvalho e faleceu em 30-III-1931. Pais de:

Qn. 63) Eunice, solteira.

Tn. 54) Jení, nasceu em 1907, casou com Heitor do Amaral Ribeiro, nascido em Pôrto Alegre em 11-VII-1889, diretor do Banco da Província do Rio Grande do Sul, residente em São Paulo. Pais de:

Qn. 64) Fernando Antônio Ribeiro, solteiro.

Tn. 55) Luiz, faleceu solteiro.

Tn. 56) Celina, nasceu em 1908, casou com Fernando Coelho de Sousa, neto do Dr. Fernando Abbott, sem suc.

Tn. 57) Paulina, casou com o Dr. José Narciso da Silveira Antunes, médico, nascido em São Gabriel em 9-IX-1897. Pais de:

Qn. 65) José Antônio Antunes, solteiro.

Qn. 66) Helena Antunes, solteira,

Qn. 66-bis) Luiz Carlos.

Tn. 58) Dr. Marcos Ferreira Vale, médico veterinário, casou com Vanda Rodrigues Leal. Pais de:

Qn. 67) Lígia, solteira.

Qn. 68) Marta, solteira.

Qn. 69) Maria Helena.

Tn. 59) Maria, casou com o Dr. Almir Rodrigues Palmeiro, médico. Pais de:

Qn. 70) Manuel Antônio Palmeiro, solteiro.

Qn. 71) Celso Afonso Palmeiro, solteiro.

Tn. 60) Vinício, solteiro.

Bn. 11) Gabriel Ferreira Vale, nasceu em 27-VIII-1879, fazendeiro, falecido em 15-V-1909. Casou com Deolmira de Miranda Vieira, nascida em São Gabriel em 22-II-1886, falecida no Rio de Janeiro em

Digitized by Google

18-VIII-1930 (já casada em 2.ªs núpcias com o general Ptolomeu de Assis Brasil), filha de José Bonifácio Nunes Vieira (nascido em Pelotas em 1855) e de Maria Marcelina Monteiro de Miranda (nascida em 13-II-1858), neta paterna de José Bonifácio Vieira (nascido no Rio Grande do Sul em 29-VII-1828) e de Maria Antônia Nunes Gonçalves (nascida no Rio Grande do Sul em 29-IX-1833), neta materna de Marcelino de Miranda (nascido no Rio Grande do Sul em 13-II-1858) e de Teodora Monteiro, terceira - neta de Bonifácio José Nunes (n. 1750, f. 1861) e de Gertrudes Bernarda de Assunção (n. 1765, f. 1864), os quais eram avós dos barões de Itaquí e de Santa Tecla e sogros do visconde de Cerro Alegre e do barão de Itaquí. Gabriel e Deolmira foram pais de:

Tn. 61) Dr. Jomar, nasceu em 1906, fazendeiro no município de São Gabriel, casou com Olímpia de Assis Brasil, sobrinha-neta da baronesa de Cambaí. Pais de:

Qn. 72) Maria, solteira.

Qn. 73) Carlos, solteiro.

Qn. 74) Gabriel, solteiro.

Qn. 75) Roberto, solteiro.

Tn. 62) Jací, nasceu em 1908, casou 1.ª vez com Darwin de Assis Brasil, filho do general Ptolomeu de Assis Brasil. Pais de:

Qn. 76) Marta de Assis Brasil, faleceu solteira.

Qn. 77) Amaurí de Assis Brasil, faleceu solteiro.

Qn. 78) Leda de Assis Brasil, solteira.

Tn. 62) enviuvando, casou 2.ª vez com Miguel Fenianos Nahra, sem sucessão.

Bn. 12) Malvina Ferreira Vale, nasceu em 15-V-1890 e faleceu em 14-XII-1927, casou com João Otacílio de Macedo, fazendeiro no município de São Gabriel e bisneto do visconde de Cerro Formoso. Pais de:

Tn. 63) Antônio Carlos, nascido em 1909, faleceu solteiro.

Tn. 64) Anibal, nascido em 1910, casou com Isar Silveira. Pais de:

Qn. 79) Vina, solteira.

Tn. 65) Amarílio, faleceu solteiro.

Tn. 66) João, solteiro.

Tn. 67) Maria, faleceu solteira.

Tn. 68) Homero, solteiro.

F. 4) Maria Mercedes de Carvalho, casou com Francisco Coelho Leal. Pais de:

N. 7) Manuel Coelho Leal, casou com Firmina Alexandrina de Ávila, filha de Alexandre José de Ávila (filho) e de Florisbela Machado, citados na família Ávila. Pais de:

Bn. 13) Manuel Coelho Leal (filho), faleceu solteiro.

Bn. 14) Carlinda Coelho Leal, casou com Henrique Maia de Castilho (filho), nascido em Pôrto Alegre em 28-I-1847, filho de Henrique Maia de Castilho (natural do Pôrto, Portugal) e de Inácia Rodrigues

Digitized by Google

Alves (nascida em Pôrto Alegre em 3-IV-1819), neto paterno de **Antônio** Joaquim da Silva Maia (natural do Porto, Portugal) e de **Maria** Libânia de Castilho (nascida em Guarda, Portugal, em 1785 e **falecida** em Pôrto Alegre em 27-VI-1874). Pais de:

Tn. 69) Dr. Alcides Maia, nasceu em São Gabriel em 15-X-1878. escritor notável, membro da Academia de Letras, casou com **Ofélia** Baltesan, sem sucessão.

Tn. 70) Carlinda Maia, nasceu em 1880, casou com Vicente **Faillace**, natural da Itália. Pais de:

363

Carvalho (de Gil Fernandes): De azul, com uma estrêla de ouro de oito raios encerrada numa quaderna de crescentes de prata

Qn. 80) Dr. Jandir Faillace, médico, n. Porto Alegre, casou com Arací ... Pais de:

Pn. 1) Raul Faillace, solteiro.

Pn. 2) Renato Faillace, solteiro.

Pn. 3) Roberto Faillace, solteiro.

Pn. 4) F....., solteiro.

Qn. 81) Henrique Faillace, solteiro.

Qn. 82) Jací Faillace, professora de canto e **música** no grupo escolar estadual "Mena Barreto" em **São** Gabriel, casou com Francisco Mena Barreto, **neto** do barão de São Gabriel e bisneto do visconde **de** São Gabriel. Sem sucessão.

Qn. 83) Cecira Faillace, casou com o capitão João Saraiva, nascido em 2-XII-1899. Pais de:

Pn. 5) Carmen Vera, solteira.

Pn. 6) Magda, solteira.

Pn. 7) Beatriz, solteira.

Qn. 84) Talita, casou com o Dr. Gabriel Obino. Pais de:

Pn. 8) Vera Regina, solteira.

Pn. 9) Flávio, solteiro.

Qn. 85) Jurema, solteira.

Qn. 86) Helena, solteira.

Tn. 71) Carilde Maia, casou com Miguel de Ataíde Ávila e faleceu em 5-III-1942. Pais de:

Jn. 87) Helena, casou com Marcelino José Rodrigues. Pais de:

Pn. 10) Cândido José Rodrigues Neto, solteiro.

Qn. 88) Dr. Floriano de Ávila, bacharel em direito, casou com Valesca Recke. Pais de:

Pn. 11) Marco Aurélio, solteiro.

Qn. 89) Leonor, solteira.

Qn. 90) Liana, solteira.

Qn. 91) Maria, solteira.

Qn. 92) Homero, solteiro.

Tn. 72) Otília Maria Maia, nascida em Pôrto Alegre em 3-V-1883, casou com Henrique Coelho Leal. Pais de:

Qn. 93) Itagiba, casou com Elvira, sem sucessão.

Digitized by Google

Qn. 94) Cecí, solteira.
Qn. 95) Jení, solteira.
Qn. 96) Perí, casou com Julieta Carneiro. Pais de:
Pn. 12) João Miguel, solteiro.
Qn. 97) Aciraí, casou com Amália Coelho. Pais de:
Pn. 13) Henrique, solteiro.
Pn. 14) Maria, solteira.
Qn. 98) Sueli, casou com Heraclides Dorneles da Silva. Pais de:
Pn. 15) Heraclides, solteiro.
Pn. 16) Heráclito, solteiro.
Pn. 17) Sérgio, solteiro.
Qn. 99) Juraci, casou com Wilson Müller Ibáñez. Pais de:
Pn. 18) Clovis, solteiro.
Qn. 100) Jandira, diretora do grupo escolar estadual "Mena Barreto" em São Gabriel. Casou com Abir Alexandre Elizalde Diehl, natural de Quaraí, gerente do Banco Nacional do Comércio, em São Gabriel, e distinto escritor e orador. Pais de:
Pn. 19) Juárez Eustáquio, solteiro.
Qn. 101) Carlinda, solteira.
Tn. 73) Henrique Maia de Castilho, nasceu em Pôrto Alegre em 30-VI-1885, casou com Diva de Paiva. Pais de:
Qn. 102) Consuelo, casada, sem sucessão.
Qn. 103) Isis, solteira.
Tn. 74) Olga Maia, casou com Miguel de Pinho. Pais de:
Qn. 104) Carlinda, casou com José Ilarregui. Pais de:
Pn. 20) Carmen Teresa.
Pn. 21) Carmen.
Qn. 105) Dr. Paulo, casado, sem sucessão.
Qn. 106) Dr. Olavo, casado, sem sucessão.
Tn. 75) Geselminda Maia, casou com Ildefonso de Medeiros. Pais de:
Qn. 107) Ildefonso, casou com Glória ... sem sucessão.
Tn. 76) Teotonila Maia, casou com o Dr. Evandro Ribeiro. Pais de:
Qn. 108) Ione, casou com o Dr. Valter da Rosa, sem sucessão.
Qn. 109) Dr. Dinarte, casou com Maria da Glória ... Pais de:
Pn. 22) F ... faleceu solteiro.
Qn. 110) Icléa, solteira.
Qn. 111) Iris, solteira.
Qn. 112) Iná, solteira.
Qn. 113) Inês, solteira.
Tn. 77) Dr. Djalma de Castilho Maia, presidente do Conselho Regional do Trabalho, em Pôrto Alegre, casou com Isis Coelho Pais de:
Qn. 114) Nésio, solteiro.
Qn. 115) Nêi, solteiro.
Qn. 116) Cloé, solteira.
Qn. 117) Cléo, solteira.

Digitized by Google

Tn. 78) Elmonda Maia, casou com Leôncio, filho de Pedro de Abreu Maia e de Maria do Carmo Martins. Pais de:
Qn. 118) Anibal, casou com ... natural dos Estados Unidos da América. Pais de:
Pn. 23) F ... solteiro.
Qn. 119) Haidê, casou com o tenente Junot Fernandes Monteiro, sem sucessão.
Qn. 120) Átila, solteiro.
Qn. 121) Maria do Carmo, solteira.
Bn. 15) Carmosina Coelho Leal, casou com Zeferino da Silveira Goulart. Pais de:
Tn. 79) Alexandre Goulart, casou com Maria Alexandrina de Freitas Pais de:
Qn. 122) Mário da Silveira Goulart, casado, com suc.
Qn. 123) Alcibiades da Silveira Goulart, solteiro.
Qn. 124) Valdomiro da Silveira Goulart, solteiro.
Qn. 125) Amélia da Silveira Goulart, solteira.
Qn. 126) Gení da Silveira Goulart, solteira.
Qn. 127) Isabel da Silveira Goulart, solteira.
Qn. 128) Amália da Silveira Goulart, solteira.
Qn. 129) Virgínia da Silveira Gulart, solteira.
Qn. 130) Maria da Silveira Goulart, solteira.
Tn. 80) Manuel, solteiro.
Tn. 81) Enéas, casou com ... de Freitas, com sucessão.
Tn. 82) José, casou com ... Pais de:
Qn. 131) Córa Goulart, solteira.
Qn. 132) F ... solteiro.
Qn. 133) F ... solteiro.
Qn. 134) F ... solteiro.
Bn. 16) Cândido Coelho Leal, casou com Leonor Paixão Côrtes. Pais de:
Tn. 83) Genês Coelho Leal, casou com Germaine Sachat. Pais de:
Qn. 135) Raul Jancy, solteiro.
Qn. 136) Átila, solteiro.
Tn. 84) Alire Coelho Leal, casou com Alcides Vitorino Chagas, fazendeiro no município de São Gabriel, neto do barão de Candiota, sem sucessão.
Tn. 85) Djalma Coelho Leal, casou com Ilsa de Oliveira Pereira. Pais de:
Qn. 137) Jancy, solteiro.
Qn. 138) Genês, solteiro.
Qn. 139) Francisco, solteiro.
Qn. 140) Iolande, solteira.
Tn. 86) Adroaldo Coelho Leal, casou com Corina de Assis Brasil, filha de Bartolomeu de Assis Brasil (sobrinho da baronesa de Cambaí) e de Alire Mósa Paixão Côrtes. Pais de:
Qn. 141) Zilda, solteira.

Digitized by Google

Qn. 142) Alice, solteira.
Qn. 143) Paulo, solteiro.
Qn. 144) Luiz Carlos, solteiro.
Qn. 145) Clovis, solteiro.
Qn. 146) Lélia, solteira.
Qn. 147) Jorge, solteiro.

Tn. 87) Mário Coelho Leal, casou com Maria Souto Leal. Pais de:
Qn. 148) Cândido Antônio, solteiro.
Qn. 149) Nazy, solteira.
Qn. 150) Luiz Aldo, solteiro.
Qn. 151) Leda, solteira.

Tn. 88) Oscar Coelho Leal, casou com Leonor Alves de Mesquita. Pais de:
Qn. 152) Zilca, solteira.
Qn. 153) Zecy, solteira.
Qn. 154) Claudio, solteiro.
Qn. 155) Marlene, solteira.
Qn. 156) Marize, solteira.

Tn. 89) Argeu Coelho Leal, casou com Marieta da Fontoura Fernandes. Pais de:
Qn. 157) Alcides, solteiro.
Qn. 158) Antônio Reinaldo, solteiro.

Bn. 17) Maria Alexandrina Coelho Leal, casou com Paulino da Silveira Goulart. Pais de:

Tn. 90) Laudelino Goulart, casou com Firmina Rodrigues, sem suc.

Tn. 91) Alexandre Goulart, solteiro.

Tn. 92) Paulino Goulart, casou com Conceição de Ávila Carvalho Pais de:
Qn. 159) Naír, casou com João Luiz Neves. Pais de:
Pn. 24) Egilda, solteira.
Pn. 25) Genecí, solteira.
Pn. 26) Paulo, solteiro.
Pn. 27) Nelí, solteira.
Pn. 28) Devanir, solteiro.
Pn. 29) Janice, solteira.
Pn. 30) Janira, solteira.
Qn. 160) Noêmia, casou com Nilzo Neves da Silva. Pais de:
Pn. 31) Delcí, solteira.
Pn. 32) Vilmar, solteiro.
Pn. 33) Carlos Ubirajara, solteiro.
Pn. 34) Noelí Teresa, solteira.
Pn. 35) Zalmira, solteira.
Pn. 36) Pantaleão, solteiro.
Pn. 37) Délcio, solteiro.
Pn. 38) Lourdes, solteira.
Qn. 161) Osmar, casou com Edite de Borba, sem sucessão.

Digitized by Google

Qn. 162) Juárez, solteiro.
Qn. 163) Sídnei, casou com Alda Goulart de Ávila. Pais de:
Pn. 39) Cecí, solteira.
Qn. 164) Darcí, solteiro.
Qn. 165) Maria, casou com Silvano José de Ávila (já citados na família Ávila).
Qn. 166) Nilda, solteira.
Qn. 167) Vanda, solteira.
Qn. 168) Malvina, solteira.
Qn. 169) Dalva, solteira.
Qn. 170) Lígia, solteira.
Qn. 171) Vilma, solteira.
Qn. 172) Paulino, solteiro.
Tn. 93) Carlinda Goulart, casou com Cândido Coelho Leal. Pais de:
Qn. 173) Abílio, casou com Olga Goulart Rodrigues, sem sucessão.
Qn. 174) Osvaldo, casou com Jení ... Pais de:
Pn. 40) F ... solteira.
Pn. 41) F ... solteira.
Pn. 42) F ... solteiro.
Qn. 175) Neli, solteira.
Qn. 176) Maria, solteira.
Qn. 177) Iracema, solteira.
Tn. 94) Delecardiense Goulart, solteiro.
Tn. 95) Honorina Silveira, casou com Gregório José de Ávila. Pais de:
Qn. 178) Florisbelo José de Ávila, casou com Naír Éberle. Pais de:
Pn. 43) Maria, solteira.
Pn. 44) Antônio Jesús de Ávila, solteiro.
Pn. 45) Gregório, solteiro.
Qn. 179) Marina de Ávila, casou com Medor de Menêses. Pais de:
Pn. 46) Teresa, solteira.
Pn. 47) José, solteiro.
Qn 180) Paulino de Ávila, casou com Jurací da Silveira Goulart. Pais de:
Pn. 48) Benta Carolina.
Pn. 49) Maria Zelina.
Qn. 181) Perí de Ávila, casou com Amália da Silveira. Pais de:
Pn. 50) Natália, solteira.
Qn. 182) Alda de Ávila, casou com Sídnei de Carvalho Goulart (já citados).
Qn. 183) Carlos Maximiliano de Ávila, solteiro.
Qn. 184) Hélio de Ávila, solteiro.
Qn. 185) Cecília de Ávila, solteira.
Qn. 186) Celí de Ávila, solteira.
Qn. 187) José de Ávila, solteiro.
Qn. 188) Noé de Ávila, solteiro.

Digitized by Google

Qn. 189) Celina de Ávila, solteira.
Qn. 190) Antônio José de Ávila, solteiro, n. 5-XI-1933, em São Gabriel.

Tn. 96) Malvina Goulart, casou com Joaquim José Leal Rodrigues. Pais de:
Qn. 191) Néi, solteiro.
Qn. 192) Jení, solteira.
Qn. 193) Olga, casou com Abílio Goulart Leal (já citados).
Qn. 194) Arí, solteiro.
Qn. 195) Darí, solteira.
Qn. 196) Nerí, solteiro.
Qn. 197) Rúbem, solteiro.
Qn. 198) Jací, solteira.
Qn. 199) Jacira, solteira.
Qn. 200) Jandir, solteiro.
Qn. 201) Delci, solteiro.
Qn. 202) Olinda, solteira.
Qn. 203) Maria, solteira.
Qn. 204) Zilda Teresa, solteira.

Tn. 97) Maria José Goulart, casou com Alexandre Clemente de Carvalho. Pais de:
Qn. 205) Léo, solteiro.
Qn. 206) Clélia, casou com Carlos Pais de:
Pn. 51) Clélia, solteira.
Pn. 52) Cléa, solteira.
Qn. 207) Cléo, solteira.
Qn. 208) Suelí, casou com Adib Chedid Teixeira, sem sucessão.
Qn. 209) Célia, solteira.
Qn. 210) Léa, solteira.

Tn. 98) Otília Goulart, casou com Julião Ribas. Pais de:
Qn. 211) Nancí, solteira.
Qn. 212) Helí, solteiro.
Qn. 213) Júlia, solteira.
Qn. 214) Besser, solteiro.
Qn. 215) Isa, solteira.
Qn. 216) José, solteiro.
Qn. 217) Antônio Tairo, solteiro.

Tn. 99) Lucinda Goulart, casou com Alcides Franco de Carvalho. Pais de:
Qn. 218) Teresa, solteira.
Qn. 219) Antônio, solteiro.
Qn. 220) José Afrânio, solteiro.

Bn. 18) Gregório Coelho Leal, faleceu solteiro.

Bn. 19) Isidra Coelho Leal, n. 15-V-1868, casou com Joaquim José Rodrigues, n. 3-IV-1868, irmão de Cândido José Rodrigues (mencionado na família Ávila). Pais de:

Digitized by Google

Tn. 100) Firmina, casou com Lourival de Aguiar. Pais de:
Qn. 221) Edite, casada, sem sucessão.
Qn. 222) Cacilda, solteira.
Qn. 223) Ervandil, solteiro.
Tn. 101) Universina, casou com Alfredo Coelho Leal. Pais de:
Qn. 224) Zilda, casou com Pedro de Madureira. Pais de:
Pn. 53) Joaquim Péricles.
Pn. 54) Zilá, solteira.
Qn. 225) Maria, casou com Albano Peter. Pais de:
Pn. 55) Magda, solteira.
Pn. 56) F ...
Qn. 226) Vanda, casou com o Dr. Marcos Ferreira Vale (já citados)
Qn. 227) Eloá, casou com Salvador Arieta. Pais de:
Pn. 57) Gil, solteiro.
Pn. 58) F ...
Qn. 228) Getúlio, casou com Ilcê Martins. Pais de:
Pn. 59) Cáio, nasceu em 4-8-1942.
Tn. 102) Joaquim José, casou com Malvina Leal Goulart (já citados).
Tn. 103) Corina, casou com João de Deus Coelho Leal, nascido em 1889, fazendeiro em São Gabriel. Pais de:
Qn. 229) Nadir Coelho Leal, casou com Maria Ondina Marques da Silva em VII-1932. Pais de:
Pn. 60) Carlos Eraní Coelho Leal, solteiro.
Pn. 61) José Eclaír Coelho Leal, solteiro.
Qn. 230) Jandir Coelho Leal, casou com Isidra Rodrigues, em IV-1935. Pais de:
Pn. 62) Gilberto Coelho Leal, solteiro.
Pn. 63) Adalberto.
Pn. 64) Alberto Coelho Leal, nasceu em 1937 e faleceu em 29-III-1943.
Qn. 231) Naír Coelho Leal, casou com Édil Coelho Leal em VI-1934. Pais de:
Pn. 65) Edgar Luiz Coelho Leal, solteiro.
Pn. 66) Édison Coelho Leal, solteiro.
Qn. 232) Jaír Coelho Leal, casou com Rúbem José de Ávila (já citados).
Qn. 233) Jurandir Coelho Leal, casou com Nelí de Ávila (já citados).
Qn. 234) Jarí Coelho Leal, solteiro.
Qn. 235) Jurancí Coelho Leal, solteiro.
Qn. 236) Elí Coelho Leal, solteiro.
Qn. 237) Itaír Coelho Leal, solteiro.
Qn. 238) Teresa Coelho Leal, solteira.
Tn. 104) Raul, casou com Olga Fagundes. Pais de:
Jn. 239) Alda, casou com Luiz Neves, sem sucessão.
Qn. 240) Hélio, solteiro.
Qn. 241) Lourdes, solteira.

Digitized by Google

Qn. 242) Ieda, solteira.
Tn. 105) Cacilda, casou em 1918, com Cândido José Rodrigues Filho. Pais de:
Qn. 243) Isidra Rodrigues, casou com Jandir Coelho Leal (já citados).
Qn. 244) Genái Rodrigues, solteiro, nasceu em 1921.
Qn. 245) Gênes Rodrigues, solteiro.
Qn. 246) Otacília Rodrigues, solteira.
Qn. 247) Maria Rodrigues, faleceu solteira.
Qn. 248) Jurema Rodrigues, solteira.
Qn. 249) Jupira Rodrigues, solteira.
Qn. 250) Juecí Rodrigues, solteira.
Qn. 251) Teresa Rodrigues, solteira.
Tn. 106) Carilde, casou com Henrique Paulo Coelho Leal. Pais de:
Qn. 252) Maria Helena, solteira.
Qn. 253) Breno Joaquim, solteiro.
Qn. 254) Anor Alexandre, solteiro.
Qn. 255) Paulo Rui, solteiro.
Qn. 256) José Cândido, solteiro.
Qn. 257) Afonso Celso, solteiro.
Qn. 258) Pedro Nelson, nasceu em IV-1943.
Tn. 107) Renato, nasceu em 1900, casou com Jací de Ávila (já citados).
Tn. 108) Adroaldo, casou com Edite Mazzini. Pais de:
Qn. 259) Léo, solteiro.
Qn. 260) Lourdes, solteira.
Qn. 261) Marisa Lourdes, solteira.
Tn. 109) Diva, n. 12-VII-1903; a 24-XI-1927 casou com Luiz Virgílio da Rosa Rondelli, n. 9-VIII-1897, em S. Paulo, funcionário do Banco da Província do Rio Grande do Sul, em Pôrto Alegre. Filho de Vitor Rondelli, † 23-VI-1906, e de Brasilia da Rosa, n. 15-III-1862. Pais de:
Qn. 262) Zilca, solteira.
Qn. 263) Renato, solteiro.
Qn. 264) Diná, solteira.
Qn. 265) Léa, solteira.
Tn. 110) Isidra, casou com Galdino Alves Dias, fazendeiro no município de São Gabriel, filho de Francisco Lopes Dias e de Antônia Alves. Pais de:
Qn. 266) Lígia, solteira.
Qn. 267) Ana Elisabéte, solteira.
Qn. 268) José Carlos, solteiro.
Qn. 269) Glací, solteira.
Qn. 270) Francisco, solteiro.
Qn. 271) Glecí, solteira.
Qn. 272) Joaquim, solteiro.
Qn. 273) Galdino, solteiro.
Qn. 274) Antônio, solteiro.

Digitized by Google

Qn. 275) Homero Jesús, n. em 5-V-1942.
Tn. 111) Rúbem, nasceu em 1905 e faleceu em 19-VI-1943, casou com Arminda Jardim Coelho Leal em V-1932. Pais de:
Qn. 276) Vanda, solteira.
Qn. 277) Maria Teresa, solteira.
Bn. 20) Francisca Prisca Coelho Leal, casou 1.ª vez com Jónatas Ribeiro Baltar, nascido em São Gabriel em 1856 e falecido em 1912, filho de Manuel Ribeiro Baltar. Pais de:
Tn. 112) Adiles, faleceu solteira.
Tn. 113) Noêmia, faleceu solteira.
Tn. 114) Delmar, nasceu em Lavras em 21-III-1895, solteiro, tem os seguintes filhos ilegítimos:
Qn. 278) Maria Pacheco Baltar, casou com Olinto da Rosa. Pais de:
Pn. 67) Luiz Carlos da Rosa, solteiro.
Pn. 68) Nelí da Rosa, solteira.
Pn. 69) Luiz Francisco da Rosa, solteiro.
Qn. 279) Manuel Coelho Leal Baltar, solteiro.
Qn. 280) Manuel Ribeiro Baltar, solteiro.
Qn. 281) Delmar Leal Baltar Filho, solteiro.
Qn. 282) Magáli Baltar, solteiro.
Qn. 283) Delma Baltar, solteira.
Qn. 284) Maria Baltar, solteira.
Tn. 115) Manuel Ribeiro Baltar Neto, faleceu solteiro.
Bn. 20) enviuvando, casou 2.ª vez com Antônio Barão, sem sucessão.
Bn. 21) Venâncio Coelho Leal, faleceu solteiro.
Bn. 22) Henrique Leal, casou com Otília Maria Leal Maia (já citados).
N. 7) Manuel Coelho Leal deixou também um filho legitimado:
Bn. 23) Alexandre Coelho Leal, nasceu em 1848, casou com Cândida de Gouvêa. Pais de:
Tn. 116) Alfredo Coelho Leal, casou com Universina Leal Rodrigues (já citados).
Tn. 117) Dr. Júlio Coelho Leal, bacharel em direito, casou com Honorina de Sousa. Pais de:
Qn. 285) Aloísio, solteiro.
Qn. 286) Maria, solteira.
Qn. 287) Valter, solteiro.
Qn. 288) Dorval, solteiro.
Qn. 289) Plínio, solteiro.
Tn. 118) Dr. Zélio Coelho Leal, bacharel em direito, casou com Ada Dorneles, sem sucessão.
Tn. 119) Dr. Heráclito Coelho Leal nasceu em 12-VI-1893, major médico do Exército, casou com Ada Scherer Marsiaj. Pais de:
Qn. 290) F ... solteiro.
Qn. 291) F ... solteiro.
Qn. 292) F ... solteiro.
Qn. 293) F ... solteiro.

Digitized by Google

Qn. 294) F ... solteira.

Tn. 120) Henrique Paulo Coelho Leal, casou com Carilde Leal Rodrigues (já citados).

Tn. 121) Arací Coelho Leal, casou com Álvaro Ruff. Pais de:

Qn. 295) Paulo, solteiro.

Qn. 296) Dóra, solteira.

Tn. 122) Aída Coelho Leal, casou com o coronel Armando Cattani, engenheiro geógrafo, nascido em 17-VI-1897, que combateu as revoluções de 1924-1925 e 1932, governador de Alagoas em 1934. Pais de:

Qn. 297) Norma, solteira.

Qn. 298) Marta Leticia, solteira.

Qn. 299) F ... faleceu solteira.

Tn. 123) Helcivia Coelho Leal, casou com António dos Santos. Pais de:

Qn. 300) Sueli, solteira.

Qn. 301) Suzana, casou com ... Pais de:

Pn. 70) F ... solteiro.

Pn. 71) F ... solteiro.

Qn. 302) Nilo, solteiro.

Qn. 303) Clovis, solteiro.

Qn. 304) Alexandre, solteiro.

Qn. 305) F ... solteiro.

Tn. 124) Rui Coelho Leal, faleceu solteiro.

Tn. 125) Clotilde Coelho Leal, casou com Adáuto Fagundes. Pais de:

Qn. 306) José, solteiro.

Qn. 307) Fernando, solteiro.

Qn. 308) Lourdes, solteira.

F. 5) Felisbina de Carvalho, casou com o capitão Francisco Pereira de Sousa. Pais de:

N. 8) Capitão João Pedro Pereira de Carvalho, casou com Luiza Pereira de Sousa, filha do tenente Domingos Pereira de Sousa. Pais de:

Bn. 24) General João Francisco Pereira de Sousa, nasceu em Livramento em 12-IV-1866. Combateu a revolução de 1893-1895, alcançando a vitória de Campo Osório, em cuja ação foi vencido e morto o almirante Saldanha da Gama. Tomou parte nas revoluções de 1924-1925 e 1930 e combateu a de 1932. Casou com Amália Osório Pereira. Pais de:

Tn. 126) Dr. Francisco Pedro Pereira de Sousa, engenheiro, casou com Clotilde Bica Estrázulas. Pais de:

Qn. 309) Carlos Flávio, solteiro.

Qn. 310) Francisco Pedro, solteiro.

Qn. 311) Clotilde Amália, solteira.

Qn. 312) Geraldo, solteiro.

Bn. 25) Domingas Pereira de Sousa, baronesa von Bassewitz, casada com o barão von Bassewitz (1.ª espôsa), sem sucessão.

Digitized by Google

Bn. 26) Tenente Francisco Pedro Pereira de Sousa, solteiro, morto em combate, pelejando contra a revolução de 1893-1895.
Bn. 27) Luiz Pedro Pereira de Sousa, solteiro.
Bn. 28) Capitão Bernardino Pereira de Sousa, casou com Evarista da Cunha Dias.
Bn. 29) Domingos Pedro Pereira de Sousa, casou com Maria Delfina. Pais de:
Tn. 127) Domingas Pereira de Sousa.
Bn. 30) Maria Celina Pereira de Sousa, solteira.
Bn. 31) Joana Luiza Pereira de Sousa, casou com Procópio Pereira, sem sucessão.
Bn. 32) Ana Aldina Pereira de Sousa, casou com Laudelino Vitorino Neto, com sucessão.
Bn. 33) Pedro Nepomuceno Pereira de Sousa, faleceu solteiro.
Bn. 34) Maria Isabel Pereira de Sousa, casou com Clavásio Alves da Silva, com sucessão.
N. 9) Augusto Pereira de Carvalho, casou 1.ª vez com Ana Joaquina. Pais de:
Bn. 35) Teodoro Pereira de Carvalho.
Bn. 36) Leandro Pereira de Carvalho.
Bn. 37) José Luiz Pereira de Carvalho.
Bn. 38) João Pereira de Carvalho.
Bn. 39) Honorina Pereira de Carvalho.
Bn. 40) Bernardina Pereira de Carvalho.
Bn. 41) Áurea Pereira de Carvalho.
N. 9) enviuvando, casou 2.ª vez com Etelvina Ortiz Teles. Pais de:
Bn. 42) Francisco Pedro.
Bn. 43) João Adolfo, fazendeiro no município de Alegrete, casou com ... Pais de:
Tu. 128) F ... casou com o Dr. Juvenal dos Santos Silva.
Bn. 44) Leopoldo.
Bn. 45) Isidoro.
Bn. 46) Felisbina.
Bn. 47) Rita.
Bn. 48) Serafim.
Bn. 49) Joana.
N. 10) João do Prado Pereira de Carvalho, casou com Inês Pereira. Pais de:
Bn. 50) Anibal Pereira de Carvalho.
Bn. 51) Crescêncio Pereira de Carvalho.
Bn. 52) Alexandre Pereira de Carvalho.
Bn. 53) Lanes Pereira de Carvalho.
Bn. 54) Josefina Pereira de Carvalho.
Bn. 55) Cândida Pereira de Carvalho.
Bn. 56) Teresa Pereira de Carvalho.
N. 11) Bernardina Pereira de Carvalho, casou com ...

Digitized by Google

F. 6) Clarinda de Carvalho, casou com ... Vargas Dorneles.
F. 7) Anacleto de Carvalho, foi morto por ocasião da revolução de 1835-1845.
F. 8) Petronilha Luiza de Carvalho, nasceu em 1797, casou 1.ª vez com Francisco José de Farinha e 2.ª vez com Isidoro José Antunes. No inventário que se procedeu por sua morte em 2-IX-1879 foram partilhadas 656 braças de sesmária de campo na estância de Taquarembó, 2.700 braças de campo na estância de Bôa Vista, no Jaguarí, e parte de uma casa sita em São Gabriel na atual praça Dr. Fernando Abbott. Filhos do 1.º matrimônio:

N. 12) Major Gervásio, nasceu em Bagé em 1821, casou com Clarinda dos Santos, a qual faleceu em VIII-1889 e era filha de um xarqueador de Pelotas conhecido por "Manuel das Espadas". Pais de:

Bn. 57) Maria Madalena de Farinha, casou (2.ª espôsa) com Manuel Domingues Alves de Oliveira, nascido em 1852 e falecido em 1914, que tinha 6 filhos do 1.º matrimônio. Sem sucessão.

Bn. 58) Saturnino de Farinha, faleceu solteiro.

N. 13) Maria Cândida, nasceu em São Gabriel, casou com Antônio Joaquim Pereira Coimbra, nascido no Minho (Portugal) em 1822 e falecido em 1897, filho de Antônio Joaquim Pereira e de Maria Joaquina Pereira. Pais de:

Bn. 58-a) Maria.

Bn. 59) Lídia, casou com Fiuzo Francisco Gonçalves, nascido em São Gabriel em 1843 e falecido em XII-1907, filho de Antônio Francisco Gonçalves e de Mariana Soares. Pais de:

Tn. 129) Mariana, nasceu em 1873, casou com Diogo de Assis Brasil, nascido em São Gabriel em 7-XII-1865, formado em agrimensura em 1886 na Escola de Minas, fazendeiro no município de Alegrete, sobrinho da baronesa de Cambaí. Pais de:

Qn. 313) Dr. Mário de Assis Brasil, médico, nasceu a 24-VIII-1892, em São Gabriel, casou com Marina da Fonseca, filha de Januário Dias da Fonseca, prefeito do município de Rosário. Pais de:

Pn. 72) Heloisa de Assis Brasil, solteira.
Pn. 73) Edmundo de Assis Brasil, solteiro.
Pn. 74) Renato de Assis Brasil, solteiro.

Qn. 314) Olavo de Assis Brasil, casou com Eloá Rodrigues, sem sucessão.

Qn. 315) Dina de Assis Brasil, casou com o Dr. Valdemar Masson, advogado, prefeito do município de Alegrete. Pais de:

Pn. 75) Mariana, solteira.

Qn. 316) Oscar de Assis Brasil, solteiro.

Qn. 317) Alzira de Assis Brasil, casou com o Dr. João Solon de Macedônia Soares. Pais de:

Pn. 76) Diogo, solteiro.

Qn. 318) Olinto de Assis Brasil, casou com Ditinha Rodrigues. Pais de:

Pn. 77) Diogo de Assis Brasil, solteiro.
Pn. 78) Paulo de Assis Brasil, solteiro.

Digitized by Google

Pn. 79) Fernando de Assis Brasil, solteiro.

Qn. 319) Dr. Eduardo de Assis Brasil, médico, n. 28-VIII-1905, em Alegrete, casou com sua prima Lisabel de Oliveira Gonçalves. Pais de:

Pn. 80) José Antônio de Assis Brasil, solteiro.

Qn. 320) Dr. Eríco de Assis Brasil, casou com Lucí Bordini, sem sucessão; n. 1909, † 2-XI-1942.

Tn. 130) Antônio, nasceu em São Gabriel em 15-IV-1879, fazendeiro, prefeito do município de São Gabriel, casou com Ana Isabel da Silva Oliveira, filha de José João Machado de Oliveira (nascido em São Gabriel em 26-VI-1852 e falecido em 1936) e de Isabel da Silva, neta paterna de Dionísio Machado de Oliveira (nascido em Rio Pardo e falecido em 17-XI-1883). Pais de:

Qn. 321) Fernando, fazendeiro, casou com Zuleica Gomes da Silveira, filha de Antônio Cândido da Silveira, prefeito do município de São Gabriel, e de Amélia Gomes. Pais de:

Pn. 81) Cloé, solteira.

Pn. 82) Sérgio, solteiro.

Pn. 83) Paulo, solteiro.

Qn. 322) Cecília, casou com Francisco Calero da Costa, sem suc.

Qn. 323) Lisabel, casou com o Dr. Eduardo de Assis Brasil (já citados).

Qn. 324) Norma, casou com o Dr. Hélio Carlomagno, promotor público em São Gabriel, sem sucessão.

Tn. 131) Carlota, n. 1876, casou com Virgílio da Silva. Pais de:

Qn. 325) Átila, nasceu em 5-IV-1892 e faleceu em 25-I-1924. Casou com Francisca da Fontoura Macedo, bisneta do visconde de Cerro Formoso. Pais de:

Pn. 84) Pajeú, solteiro.

Qn. 326) Sadí Hugo, casou com Filomena de Freitas. Pais de:

Pn. 85) Elza, casou com Aristides Dias, sem sucessão.

Pn. 86) Zulma, solteira.

Pn. 87) Córa, solteira.

Pn. 88) Dolores, solteira.

Pn. 89) Vilma, solteira.

Pn. 90) Ilma, solteira.

Pn. 91) Zaira, solteira.

Pn. 92) Iônia, solteira.

Pn. 93) Atos, solteiro.

Pn. 94) Átila, solteiro.

Qn. 327) Córa, casou com o Dr. Edecarlício Correia da Silveira, natural de Encruzilhada, coletor federal em Lavras. Pais de:

Pn. 95) Mabel Correia da Silveira, solteira.

Pn. 96) Átila Zanoni Correia da Silveira.

Qn. 328) Elza, casou com Francisco Meneghello, natural de Santa Maria. Pais de:

Pn. 97) Ramiro, solteiro.

Digitized by Google

Pn. 98) Luiz Virgílio, solteiro.
Pn. 99) Zaira, solteira.
Pn. 100) Nero, solteiro.
Pn. 101) Zoraide, solteira.
Pn. 102) Raquel, solteira.

Tn. 132) Fernando Gonçalves, nasceu em 8-IV-1883, casou com Antonieta Estrázulas e faleceu em 1927. Pais de:
Qn. 329) Ninfa, casou com o Dr. Norman Sefton, major médico do Exército. Pais de:
Pn. 103) Daise, solteira.
Pn. 104) Fernando Wilson, solteiro.
Qn. 330) Conceição, solteira.
Qn. 331) Lídia, casou com Rodolfo Hermann, natural da Alemanha.

Tn. 133) Raquel Gonçalves, casou com Astrogildo Lopes Falcão. Pais de:
Qn. 332) Lourdes, casou com o 1.º tenente Samí Atalla. Pais de:
Pn. 105) Simala Raquel, faleceu solteira.
Pn. 106) Airton, nasceu em 16-X-1942.

Tn. 134) Dr, Ramiro Gonçalves, nasceu em São Gabriel, bacharel em direito, jornalista e escritor notável, residente no Rio de Janeiro, solteiro.

Tn. 135) Dagoberto Gonçalves, Tte. Cel. do Exército, nasceu em 26-I-1898, combateu as revoluções de 1924-1925 e 1932. Casou com Benícia da Rosa. Pais de:
Qn. 333) Fernando Pajeú Gonçalves, solteiro.
Qn. 334) Luiz Guaretan Gonçalves, solteiro.
Qn. 335) Icaraí da Rosa Gonçalves, solteiro.
Qn. 336) Paulo Gonçalves, solteiro.

Tn. 136) Donatila Gonçalves, casou com o Dr. Júlio Cesar de Barros, médico. Pais de:
Qn. 337) Gabriel, solteiro.
Qn. 338) Lídia, solteira.

Bn. 60) Apolinária Coimbra, nasceu em São Gabriel; a 21-IV-1877, casou com Ismael Meyer, nascido na Alsácia (França) em 1843 e falecido em 1888. Pais de:

Tn. 137) Maria Cândida Meyer, n. 1879, casou com Egídio Tito de Almeida. Pais de:
Qn. 339) Maria Isabel, diretora do Conservatório Municipal de Música de São Gabriel. Casou com Mamede Rodrigues Soares, comerciante. Pais de:
Pn. 107) Antônio Flávio.

Tn. 138) Simão Meyer, n. 1878, casou com Cassemira da Rosa ... Ávila. Pais de:
Qn. 340) Carilde, casou com Artur Visintainer. Pais de:
Pn. 108) Artur Oscar, solteiro.
Pn. 109) Antônio Simão, solteiro.

Digitized by Google

Pn. 110) Alba, solteira.
Qn. 341) Florisbelo, solteiro.
Qn. 342) Ismael, solteiro.
Qn. 343) Jení, solteira.
Qn. 344) Hilda, casou com Leandro Alves Salgado, comerciante. Pais de:
Pn. 111) Carlos Anibal, solteiro.
Pn. 112) Luiz Alberto, solteiro
Pn. 113) Teresa, solteira.
Pn. 114) Lucí, solteira.
Pn. 115) Hilda, solteira.

Tn. 139) Rozalie Meyer, n. 1882, casou com José Inocêncio Cócio, nascido em 15-IX-1866 e falecido em 7-XII-1933, capitalista, filho de Inocêncio Cócio (nascido na República Oriental do Uruguai em 1810 e falecido em 1877) e de Maria Isabel Rosauro, neto paterno de Vicente Cócio e de Maria Luciana Quinteros. Pais de:
Qn. 345) Inocêncio, casou com Rosa Souto. Pais de:
Pn. 116) Carlos Inocêncio, solteiro.
Qn. 346) Maria Isabel, casou com Cecílio Fenianos Nahra. Pais de:
Pn. 117) Elinora, solteira.
Qn. 347) Iná, casou com Sully de Sousa Martins. Pais de:
Pn. 118) Saulo, nasceu em 22-VIII-1938.
Pn. 119) Paulo, solteiro.
Pn. 120) Ana Maria, nasceu em 3-VII-1941.
Qn. 348) Sílvia, solteira.

Tn. 140) Gabriel Meyer, nasceu em 2-VI-1882, coletor estadual em São Gabriel, casou com Sará Cahen Jouclá, natural de Pelotas. Pais de:
Qn. 349) Gilda, casou com Fernando Barbosa Correia, nascido em São Gabriel em 2-IV-1901. Pais de:
Pn. 121) Eglon, solteiro.
Pn. 122) Airton, nasceu em 4-I-1942.
Pn. 123) Alda Maria, nasceu em 4-I-1942.
Qn. 350) Gizela, casou com Ciro da Câmara Fagundes. Pais de:
Pn. 124) Sérgio, solteiro.
Pn. 125) Francisco, solteiro.
Pn. 126) Geraldo, solteiro.
Qn. 351) Graziela, casou com o tenente Alamir de Alencar Mesquita. Pais de:
Pn. 127) Carlos Eugênio.
Pn. 128) Maria Helena, solteira.
Pn. 129) Marta Maria, solteira.
Pn. 130) Vera Maria, solteira.

Tn. 141) Carlos Meyer, nasceu em 1885, casou com Altonina Cândiota Traub. Pais de:

Digitized by Google

Qn. 352) Carlos, solteiro.
Qn. 353) Teresa, solteira.
Tn. 142) Isambert Meyer, faleceu solteiro.
Tn. 143) Ismael Meyer, casou com Florisbela Pires Fialho. Pais de:
Qn. 354) Luiz, casou com Maria Irá Rodrigues Machado. Pais de:
Pn. 131) Maria Elisabéte, solteira.
Pn. 132) F... solteiro.
Qn. 355) Wilson, solteiro.

N. 14) Tomásia, casou com seu tio Manuel José Fernandes de Carvalho (já citados). Faleceu sem sucessão em sua estância de Suspiro em 10-V-1906 e foi sepultada em São Gabriel. Dama de notáveis dotes de virtudes e caridade.

N. 15) Capitão Sebastião Farinha, casou com sua sobrinha Maria do Carmo Farinha Metelo. Faz a campanha do Paraguai; era sargento quando foi promovido a alferes do 32.º corpo de cavalaria da Guarda Nacional em 1-III-1867; era alferes-secretário do 19.º corpo de cavalaria quando foi elevado a tenente-secretário em 21-VII-1869, sendo pelo conde d'Eu promovido a capitão do mesmo corpo em 29-III-1870; como alferes do 19.º corpo de cavalaria tomou parte nas batalhas de Avaí e Lomas Valentinas, em 11 e 21-XII-1869; quando tenente foi nomeado cavaleiro da Ordem da Rosa em 18-II-1870. Sem sucessão.

N. 16) Francisca.

N. 17) Anacleta, casou com Leonel Ribeiro de Lemos. Pais de:
Bn. 61) Pedro Ribeiro de Lemos, casou com Afra Lopes. Pais de:
Tn. 144) Manuel Pedro Ribeiro, casou com Afra Lopes da Rosa, prima de sua mãe. Pais de:
Qn. 356) Dr. Francisco Lopes Ribeiro.
Bn. 62) Francisco Ribeiro de Lemos, casado.

N. 18) Brígida Francisca, faleceu solteira em S. Gabriel; ainda viva em 1877.

N. 19) Clara Francisca, ainda viva em 1877; casou com ... Dias de Magalhães. Quando viajava para o Rio de Janeiro com sua filha e netos, faleceu em pleno mar, sendo seu corpo lançado às ondas. Pais de:
Bn. 63) Clara, casou com o capitão Manuel Antunes de Abreu. Pais de:
Tn. 145) Venceslau Antunes de Abreu, residente no Rio de Janeiro.
Tn. 146) Manuel Antunes de Abreu.
Tn. 147) Maria Antunes de Abreu.
Tn. 148) Josefina Antunes de Abreu, casou com dom Manuel de Assis Mascarenhas. Pais de:
Qn. 356-a) Carlos, nasceu em 1874, em São Gabriel.

N. 20) Maria Francisca, casou com o capitão Francisco Xavier Metelo, nascido em Santa Maria da Deveza (Portugal) em 5-7-1790 e falecido em São Gabriel em 13-VIII-1873, filho de Manuel Metelo, nascido em Tolosa, e de Maria Teresa, nascida em Santa Maria da Deveza; neto paterno de João Metelo e de Domingas Dias, naturais de Tolosa; neto materno de Antônio Dias Pereira e da Maria de Assunção, naturais de Santa Maria

Digitized by Google

da Deveza. O capitão Metelo fez no Brasil todas as campanhas militares desde 1812 até 1827, tendo servido no território uruguaio de 1817 a 1822. Pais de:

Bn. 64) Tomásia Angélica da Conceição Metelo, faleceu solteira.

Bn. 65) Major Porfírio da Cruz Metelo, nasceu em São Gabriel em 1831, e faleceu em 31-VII-1875. Casou com Manuela Francisca dos Santos, falecida em 21-VI-1892, filha de Manuel Antônio dos Santos, natural de Rio Pardo, e de Lucinda Francisca Machado de Oliveira, irmã do tenente-coronel Antônio José Machado de Oliveira e do tenente Dionísio Machado de Oliveira, batalhadores da revolução farroupilha. Pais de:

Tn. 149) Major Porfírio da Cruz Metelo, nasceu em São Gabriel em 14-IV-1864, tomou parte nos movimentos revolucionários de 9-II e 17-VI-1892, serviu na brigada do coronel Hermenegildo Laureano da Silva em 1892-1893, foi gerente do jornal liberal "Resistência" em 1886, telegrafista, agente do correio, escrivão da coletoria federal, secretário da prefeitura, guarda-livros, para, finalmente, dedicar-se à advocacia desde 1927. Casou 1.ª vez em 12-III-1904 com Alvorina Borges da Silva, falecida sem sucessão em 30-VI-1907, e 2.ª vez com Emília Ortlieb, natural da Alemanha, em 14-IV-1920. Pais de:

Qn. 357) Porfírio Manuel Xavier Metelo, nasceu em São Gabriel em 23-II-1918, faleceu em 29-X-1923.

Qn. 358) Olga Setembrina Clotilde Metelo, nasceu em São Gabriel em 20-IX-1924, faleceu em 17-III-1926.

Qn. 359) Maria Leonor Lucinda Metelo, nasceu em São Gabriel em 27-X-1919, casou em Pôrto Alegre com Wafik Jacob, natural da Síria. Pais de:

Pn. 133) Vera Maria.

Pn. 134) Sadí.

Tn. 149-a) Cecília.

Tn. 150) Clotilde dos Santos Metelo, casou com Manuel Ferreira Bica, fazendeiro, nascido em 6-II-1859, falecido em 25-VI-1934, bisneto do visconde de Cerro Azul. Pais de:

Qn. 360) José Rodrigues Barbosa Bica, nasceu em 1892, casou com Anita de Lima e Silva, nascida em 1897. Pais de:

Pn. 135) Hélio, casou com Jení da Cunha Sclowitz, notável soprano gabrielense, sem sucessão.

Pn. 136) Clotilde, casou com o Dr. Carlos Eugenio Benavides.

Pn. 137) Neda, casou com Antônio Goulart Coimbra. Pais de:

Sn. 1) Luiz Edmundo.

Sn. 2) José Antônio.

Pn. 138) Maria, casou com Alcides Duarte de Azevedo, funcionário do Banco Nacional do Comércio, de São Gabriel. Pais de:

Sn. 3) Ana Elisabéte, faleceu solteira.

Sn. 4) Clara Maria, nasceu em 28-IX-1943.

Pn. 139) Carlos, solteiro.

Digitized by Google

Pn. 140) Lanes, solteiro.
Pn. 141) Álfio, solteiro.

Qn. 361) Manuel Ferreira Bica Filho, nasceu em 1893, fez como major a revolução de 1930, casou com Germaine Bragard, natural da Bélgica, sem sucessão.

Qn. 362) Manuela, casou com Alfredo Faria, nascido em 20-IX-1878, fazendeiro, prefeito do município de São Gabriel, filho de Perciliano de Faria Corrêia e de Maria Manuela Borges Fortes Jobim. Pais de:
Pn. 142) Alfredo, faleceu solteiro.
Pn. 143) Lígia, casou com Cicero Saldanha Bica, major do Exército, 3.º neto do visconde de Cerro Azul. Pais de:
Sn. 5) Teresa, nasceu em 1929 e faleceu em 16-X-1942.
Sn. 6) Sérgio.
Pn. 144) Eunícia, casou com Raul Henrique Southall, natural da República Argentina. Pais de:
Sn. 7) Alfredo William Lôsco Southall, solteiro.
Sn. 8) Clive Henrique Southall, solteiro.

Qn. 363) Eulália, casou com Olímpio de Faria Estrázulas, fazendeiro, filho de Jacó Olímpio de Lima Estrázulas. Pais de:
Pn. 145) Dr. Olímpio Estrázulas, médico, residente em São Paulo, onde casou com Alda da Rocha Moreira. Pais de:
Sn. 9) Sílvio Eduardo, solteiro.
Pn. 146) Clotilde Estrázulas, casou com o Dr. Francisco Pedro Pereira de Sousa (já citados).

Qn. 364) Clementina, casou com o desembargador Anápio Jobim, filho do comendador Francisco Martins da Cruz Jobim e de Rita Zeferina de Oliveira Cardoso e sobrinho do barão de Cambaí e do Dr. José Martins da Cruz Jobim, senador do Império e médico imperial. Pais de:
Pn. 147) Dr. Telmo Jobim, juiz de direito da comarca de São Gabriel, solteiro.

Qn. 365) Morena, casou com o Dr. José Picorelli. Pais de:
Pn. 148) Maria, casou com Vitor Manuel Paretto. Pais de:
Sn. 10) Vitor Manuel, solteiro.

Qn. 366) Branca, casou com o Dr. Manuel Luiz Romero. Pais de:
Pn. 149) Cléo, solteira.
Pn. 150) Circe, casou em 6-XII-1941 com o Dr. Júlio Pereira dos Santos, sem sucessão.

Tn. 151) Otília dos Santos Metelo, casou com Galdino José Rodrigues, fazendeiro nascido em São Gabriel em 19-X-1865. Pais de:

Qn. 367) Manuel José Rodrigues, casou com Cândida Teixeira. Pais de:
Pn. 151) Odone, solteiro.
Pn. 152) Homero, casou com Deolinda Magrini. Pais de:
Sn. 11) Marlene Maria Magrini Rodrigues, solteira.
Pn. 153) Rúi, solteiro.

Digitized by Google

Pn. 154) Galdino, solteiro.
Pn. 155) Maria Manuela, solteira.
Pn. 156) Dinorá, casou com Alano de Assis Brasil, filho de José de Assis Brasil e de Marçalina Marçal da Silva. Pais de:
Sn. 12) Manuel José de Assis Brasil, solteiro.
Sn. 13) Délio de Assis Brasil, solteiro.
Pn. 157) Conceição Aparecida, solteira.
Pn. 158) Carolina, solteira.
Pn. 159) Gelsa, solteira.
Pn. 160) Solange, solteira.
Qn. 368) Leontina Rodrigues, casou com Manuel Teixeira Sobrinho. Pais de:
Pn. 161) Átila, solteiro.
Pn. 162) Otília, casou com seu primo Manuel Metello Teixeira. Pais de:
Sn. 14) Fernando Antônio Teixeira.
Sn. 15) Maria Teixeira, faleceu solteira.
Pn. 163) Irêne, casou com Eurico Nerva, sem sucessão.
Qn. 369) Olga Rodrigues, casou com José João Machado de Oliveira Filho, filho de José João Machado de Oliveira e de Isabel da Silva. Pais de:
Pn. 164) Alire, casou com o capitão Décio de Assis Brasil, filho de José de Assis Brasil e de Marçalina Marçal da Silva. Pais de:
Sn. 16) Maria Helena de Assis Brasil, solteira.
Sn. 17) Olga Helena de Assis Brasil, solteira.
Qn. 370) Homero Rodrigues, nasceu em São Gabriel em 19-V-1895, comerciante, casou com Diná Abbott, filha do coronel Eliezer Abbott e de Maria José da Silva Santos. Pais de:
Pn. 165) Maria, diplomada pelo Instituto de Belas Artes, de Porto Alegre, solteira, nascida em 3-III-1922.
Pn. 166) Beatriz, nascida em 12-IV-1923, casou com Cássio de Assis Brasil, fazendeiro. Pais de:
Sn. 18) Lenóra de Assis Brasil, nascida em 23-V-1943.
Pn. 167) Ivéte, nascida em 5-III-1925, solteira.
Pn. 168) Teresa, falecida solteira.
Pn. 169) Gabriel, nasceu em 10-XII-1928, solteiro.
Qn. 371) Clotilde Rodrigues, casou com Manuel de Azambuja Caldas, intelectual, filho do major Augusto Cândido Caldas e de Honorina Patrício de Azambuja. Pais de:
Pn. 170) Ilca Guilhermina, solteira.
Qn. 372) Dóra Rodrigues, em 1921 casou com José Benício de Medeiros. Pais de:
Pn. 171) Arí, solteiro.
Pn. 172) Jací, solteira.
Pn. 173) Lêda.
Pn. 174) Ení, solteira.

Digitized by Google

Qn. 373) Diva Rodrigues, casou com Félix Tibiriçá da Silva, nascido em 1894, fazendeiro, filho de José Laureano da Silva e de Maria Júlia de Assis Brasil Jobim. Pais de:
Pn. 175) Solon Hermenegildo, nasceu em 13-IV-1927.
Pn. 176) José Plauto, nascido em 8-VII-1934.
Pn. 177) Ceres, nasceu em 12-IV-1928.
Pn. 178) Marco Antônio, nasceu em 4-I-1936.
Qn. 374) Hilda Rodrigues, casou com Nerí Machado de Bittencourt. Pais de:
Pn. 179) Nero, solteiro.
Pn. 180) Nerilda, solteira.
Pn. 181) Telêmaco, solteiro.
Pn. 182) Neuza, solteira.
Pn. 183) Leatriz ,solteira.
Pn. 184) Edelberto, solteiro.
Qn. 375) Ana Aurora Rodrigues, casou com Antônio Rodrigues Pereira, comerciante e risicultor, filho de Carlos Cândido Pereira e de Josefina Rodrigues. Pais de:
Pn. 185) Carlos Cândido Rodrigues Pereira, solteiro.
Pn. 186) Marlí Rodrigues Pereira, solteira.
Pn. 187) Lía Rodrigues Pereira, solteira.
Tn. 152) Francisco Xavier Metelo, nasceu em 1872, casou com Madalena Nemo. Pais de:
Qn. 376) José, casou com Diná Souto. Pais de:
Pn. 188) Rosa Maria, solteira.
Qn. 377) Luiz, casado.
Qn. 378) Betí, casou com Máximo Pereira Gomes, filho de Antônio Pereira Gomes. Pais de:
Pn. 189) Carmen, solteira.
Qn. 379) Manuela, solteira.
Qn. 380) Carmen, casou com Isidro Antônio da Rosa. Pais de:
Pn. 190) Teresa de Jesús da Rosa Metelo, solteira.
Pn. 191) F ...
Tn. 153) Manuela dos Santos Metelo, n. 1874, casou com Lauro Rodrigues Teixeira, nascido em São Gabriel em 1-IV-1872 e falecido em 13-III-1943, fazendeiro, tomou parte como oficial na revolução de 1893-1895. Pais de:
Qn. 381) Otília, casou com Anibal Candiota Traub, filho de Carlos Jorge Traub e de Júlia Candiota. Sem sucessão.
Qn. 382) Zamira, casou com Marcos Ormínio Traub, irmão do precedente. Pais de:
Pn. 192) Eduardo, n. 2-IX-1931.
Pn. 193) Suzana.
Qn. 383) Manuel, casou com Otília Rodrigues Teixeira (já citados).
Qn. 384) Arací, casou com Belmira Dias Dória, filha de Janoto de Menêses Dória e de Maria do Carmo Dias. Pais de:

Digitized by Google

Pn. 194) Lauro, n. 29-VII-1928.
Pn. 195) Luiz, n. 12-XII-1931.
Pn. 196) Leonardo, n. 21-XII-1932.
Pn. 197) Lenes.
Pn. 198) Teresa.
Pn. 199) Marlene.

Bn. 66) Perciliana da Conceição Metelo, faleceu solteira.
Bn. 67) Maria Francisca da Conceição Metelo, faleceu solteira.
Bn. 68) Maria do Carmo Metelo, casou com seu tio capitão Sebastião de Carvalho Farinha. (Já citados).
Bn. 69) Rita Amália Metelo, casou com Francisco Carlos da Costa Aguiar. Pais de:
Tn. 153-a-b) João da Costa Aguiar, n. 1864; Carlos da Costa Aguiar, nasceu em 1880.
Tn. 154) João Carlos da Costa Aguiar.
Tn. 155) Alfredo da Costa Aguiar.
Tn. 156) Francisco Xavier da Costa Aguiar, n. 1872.
Tn. 157) Corina da Costa Aguiar, casou com .... Bustamante.
Bn. 70) Josefina Metelo, casou com Caetano José Nogueira, natural de Portugal. Pais de:
Tn. 158) José, casado residente em Mato Grosso.
Tn. 159) Estefânia, casou com ... Araujo, com descendência em Rosário (Rio Grande do Sul).
Tn. 160) Leonor, casou em Santa Maria com ... Pais, entre outros filhos, de:
Qn. 385) Alzira Nogueira.

N. 21) T.te C.el Vasco José de Farinha, casado, fez a campanha de 1935 e do Paraguai. Era major da Guarda Nacional quando foi nomeado em 3-IX-1865 pelo ministro da guerra tenente-coronel comandante do 32.º corpo provisório de cavalaria, tendo essa promoção constado na ordem do dia de 11-XII-1865 do conde de Pôrto Alegre em São Borja. Pai de:
Bn. 71) Francisco.
Bn. 72) Rita de Farinha, casou com o tenente-coronel Antônio Marques França.
Bn. 73) Manuel José de Farinha, casou com ... Pais de:
Tn. 161) Vasco de Farinha.
Tn. 162) Ricardina de Farinha.

N. 22) Ana Cândida Farinha, casou com seu tio Cirino José Fernandes de Carvalho (já citados, — F 1).

F 9) Cecília de Carvalho, que em 1855 fez seu donativo para construção da igreja de S. Gabriel.

Ao terminarmos esta genealogia, expressamos nossa profunda gratidão à respeitável dama sr.ª Vitória Carvalho de Ávila Chiappetta, ilustre vergôntea de uma antiga e tradicional família gabrielense que se tornou credora do apreço e veneração dos seus conterrâneos pelos seus assinalados dotes de coração e de espírito. Foi ela quem nos ministrou os dados básicos para a organização dêste trabalho genealógico.

Digitized by Google

COLEÇÃO DE EX-LIBRIS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

(continuação)

360) Dr. Alceu de Campos Pupo — Engenheiro civil, numismata e ex-librista residente em São Paulo. A concepção é do próprio titular e o desenho do grande artista brasileiro J. Wasth Rodrigues. Foi impresso em rotogravura em dois tamanhos, 7 x 4,5 cms. e 11 x 7 cms. O mesmo reflete os pendores do seu possuidor pelos estudos de história, genealogia e numismática. A cena principal passa-se no antigo Largo de São Bento desta Capital, e representa os preparativos para a partida de uma "bandeira paulista" em busca do sertão desconhecido e fascinante. A moeda cujo anverso e reverso se vêm em cima do pórtico é o exemplar máximo da coleção numismática brasileira, conhecida como a "Peça da Coroação" ou seja a primeira moeda do Brasil independente, cunhada para comemorar a coroação de D. Pedro I. No degrau, o gibão, a espada e a pistóla do bandeirante, assim como a batéia e o almocafre, instrumentos dos mineradores do ouro.

361) Dr. Carlos da Silveira — advogado e emérito genealogista, Vice-Presidente do Instituto Genealógico Brasileiro, autor de vários trabalhos genealógicos, publicados em jornais e revistas da Capital do Estado de São Paulo. (Vide biografia e retrato na Revista n.º 5, p. 188) O seu ex-libris é trabalho da Srta. Jenny Dreyfus e foi impresso em um único tamanho, 5,5 x 9 cms. e representa a homenagem do genealogista a seus ascendentes: os Lemes, Alvarengas, Proenças, Morais, Cubas e Pretos.

362) Dr. F. Peixoto Filho — advogado, serventuário da justiça e destacado ex-librista residente no Rio de Janeiro. E' o segundo ex-libris e impresso em um único tamanho, em papel azul e com o tamanho de 7 x 4 cms.

363) Coronel Lysias Rodrigues — da Fôrça Aérea Brasileira, é também historiador. O seu ex-libris, desenho de Luiz Gomes Loureiro, impresso em um tamanho, 3,5 x 5 cms. representa um aráuto seiscentista simbolizando o militar historiador.

364) Solon Pires — comerciante, residente em Santos.

Digitized by Google

365) Dr. Álvaro da Veiga Coimbra — engenheiro, jornalista, numismata e ex-librista, é redator do Estado de' São Paulo. Ex-libris em dois tamanhos — 10 x 12 cms. e 5 x 6 cms. é desenho de Nery Amaro.

366) Felix Pacheco — advogado, jornalista, político, poeta, ensaista e bibliófilo. Foi redator do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, deputado e senador pelo Estado do Piauí, Ministro das Relações Exteriores (1922-1926), membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira n.º 16 (patrono — Gregorio de Matos) na vaga de Araripe Júnior. Faleceu em 1935 no Rio de Janeiro, tendo deixado muitas obras de valor. O seu ex-libris foi impresso em um tamanho, 7 x 8,5 cms., e é desenho de Maurício Jobin.

367) Horst Flatau — de São Paulo. Engenheiro, filatelista e genealogista. Ex-libris em um tamanho, 6 x 8 cms.

368) D. Luiza Xavier, esposa do Dr. Ferdinando Krackowizer, residente em São Paulo. O desenho é da própria titular e em um só tamanho, 9 x 13 cms.

369/372) Henri de Lanteuil — conhecido educador residente no Rio de Janeiro. Êstes ex-libris foram impressos separados em papel azul com os tamanhos respectivos de 7 x 3,5, 2 x 4, 3 x 4 e 5 x 7,5 cms., sendo êste último em 4 côres e em conjunto, numa planchete de 14 x 12,5 cms., em papel rosa, todos em preto.

373) Claudio Mariano Carneiro da Cunha, — comerciante residente no Rio de Janeiro. Desenho de W. Kiel e impresso em 3 tamanhos: 7 x 12, 5,2 x 9 e 3 x 5 cms.

374) Dr. Edgard de Toledo Malta — magistrado residente em São Paulo. O seu ex-libris, que representa o valor e o poder da cultura, é desenho de Paulo Florençano e impresso em um tamanho: 5 x 6 cms.

375) Antonio Benedito Martins Aranha — bancário, residente no Rio de Janeiro. O seu ex-libris é desenho de José Wasth Rodrigues e impresso no tamanho de 7,5 x 12,5 cms. Em um quadro com moldura de motivos marajoara, os brasões de seus antepassados — Martins, Cunha e Aranha; a imagem de São Paulo representa a cidade de seu nascimento e a cruz, a sua crença religiosa.

376) Dr. Aprigio Guimarães — tabelião residente em São Paulo; desenho de Bruno Collich e impresso em um tamanho — 5 x 10,5 cms.

377) Professor dr. Ernesto de Sousa Campos. Médico e engenheiro. Professor catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, da qual já foi diretor; também foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de nossa Universidade. Grande técnico em engenharia hospitalar é atualmente consultor do Ministério da Educação. Pesquisador, historiador e escritor, tem publicado várias obras; destaca-se em sua vasta bagagem científica, os trabalhos publicados sôbre: "Instituições culturais e de ensino superior no Brasil" e "Educação superior

Digitized by Google

no Brasil". O seu ex-libris representa um asclepio, onde nasceu a primeira escola de medicina; a ampulheta, o primeiro aforismo de Hipocrates. "Ars longa, vita brevis"; o livro, a ciência; a cobra, a medicina e a coruja, o estudo contínuo e persistente. O desenho é do próprio titular e foi impresso em um só tamanho, 4,5 x 5 cms.

378) Dr. Geraldo Cardoso de Mello — delegado de policia de Penapolis. Ver biografia e retrato na Revista, n.º 5, p. 194. O desenho é de sua esposa D. Maria Dulce Cardoso de Mello e impresso em um tamanho — 5 x 9 cms.

379) Benedito Nunes Dias — estudante de direito residente em São Paulo. Desenho de Bruno Collich e impresso em um tamanho — 7,5 x 9,5 cms.

380) Dr. Rafael Cantinho Filho — advogado e capitalista residente no Rio de Janeiro. Já foi delegado de policia em São Paulo, onde chegou a ocupar os mais altos cargos da carreira, aposentou-se como chefe do Gabinete de Investigações. O seu ex-libris foi impresso em um tamanho — 3 x 6 cms.

381) Álvaro Catão — residente no Rio de Janeiro. Desenho de W. Kiel e impresso em vários tamanhos: 8 x 13,5, 6,5 x 12 e 5,5 x 9 cms. e com fundo de várias côres: amarelo claro, amarelo forte e azul.

382) Biblioteca Universitária do Serviço de Difusão Cultural do Estado do Rio de Janeiro. Impresso em dois tamanhos — 6,5 x 9,5 e 4,5 x 6,5 cms.

383) Arquivo do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro. Desenho de Sphan e impresso em um tamanho — 5 x 6,5 cms. Reproduz a estola do abade, tendo ao centro as armas do Mosteiro de São Bento da cidade do Rio de Janeiro.

384) Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Desenho de dom Paulo Lachenmayer e impresso em dois tamanhos — 6,5 x 8 e 5 x 6.5 cms. O sol com mitra representa Cristo, que domina os escudos com as armas do Mosteiro de São Sebastião da Bahia (1581) e da Congregação Beneditina Brasileira (1596).

385) Jenny Dreyfus, — do Rio de Janeiro. Historiadora, heraldista, funcionária do Museu Histórico Nacional.

386) Dr. Silvio Abreu Fialho.

387) Antônio M. Espanha.

388) Otávio Tavares — advogado e escritor residente no Rio de Janeiro Desenho de Alberto de Lima, impresso em um tamanho 5 x 7,5 cms e em duas côres de papel, branco e azul.

389) Adolf Flaschner.

390) Alfredo de Sequeira Filho — residente no Rio de Janeiro. Desenho de W. Kiel impresso no tamanho de 5 x 6,5 cms. e uma agua forte com o tamanho de 8 x 11 cms.

Digitized by Google

391) D. Paulus Gordan — sacerdote beneditino. Representa o apóstolo São Paulo, padroeiro do titular. Desenho do Padre Leo Kunz, filho do conhecido pintor sacro Fritz Kunz, da Suiça.

392) Senhora Elly Schmidt — casada com o Sr. Max Schmidt, conhecido orquicultor de São Paulo.

393) Dr. José Farani Mansur Guerios — doutor em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Paraná; fundador da Academia Paranáense de Letras. Ver biografia e retrato na Revista, n.º 7, p. 72.

394) Dr. Zolachio Diniz — advogado e jornalista, residente no Rio de Janeiro. A palmeira representa a serenidade e a altivez, o raio (velocidade e poderio) que a traspassa mas não a derruba, mostra que nada pode vencer a serenidade e a altivez; o triangulo representa a expressão máxima da intelectualidade e a chuva simboliza a fertilidade. Desenho de Aristóteles.

322) Dr. Aldo Mario Azevedo — engenheiro, industrial e publicista residente em São Paulo. Ver biografia na Revista n.º 9, p. 193. O seu ex-libris é um trevo de 4 fôlhas estilizado e simboliza a boa fortuna, representa o número de pessoas de sua família (4), reunidas em torno de um ideal comum (a aste).

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do sr. Pedro Werneck Corrêa e Castro, do Rio:

"Recebí a útil e instrutiva publicação do Anuário (vol. VI), sôbre os brasões de Portugal. Interessa-me sempre o que exista sôbre essas armas, pois foi à procura de sua justificação no brasão de meu tio-visavô Pedro Corrêa e Castro, 1.º Barão do Tinguá, que comecei a tomar gosto pelos estudos genealógicos."

Do sr. Ferdinand de Trazegnies, diplomata belga:

"J'ai reçu avec plaisir votre dernier envoi et je vous en remercie vivement. L'annuaire est très intéressant et j'ai décidé de m'y abonner, aansi qu'à la revue."

Do dr. Jaime Moniz de Aragão Dáquer, do Rio:

"Quero transmitir-lhe as minhas calorosas felicitações pela publicação do volume VI (1944) do Anuário, dos "*Brasões de Portugal*", com a reprodução de milhares de brasões e respetivas descrições, trabalho de grande valor e que muito dignifica e enobrece a obra que congrega em seu seio figuras de alta representação social e na qual repousa a segurança de uma pátria moldada nos sentimentos do que há de mais puro: o respeito à família."

Do sr. Waldemar Magalhães Matos, da Bahia:

"Em meu poder a nossa Revista Genealógica Brasileira (n.º 9). Gostei imensamente dessa última publicação. Especialmente do trabalho do nosso distinto amigo e confrade Herman Neeser. Reputo um estudo indispensável para os que enveredam pelo estudo da genealogia, ciência auxiliar da história."

Do sr. Waldemar Magalhães Matos, da Bahia:

"Através das publicações do Instituto, venho observando, com muita atenção, o dinamismo e a dedicação que o amigo vem dispensando para o franco desenvolvimento dos estudos genealógicos em nosso país. E' uma obra douradora e digna de aplausos."

Digitized by Google

360) Alceu de Campos Pupo

361) Carlos da Silveira

362) F. Peixoto Filho

363) Lysias Rodrigues

Pertence este Livro a SOLON PIRES

"QUEM NÃO RESTITUE O LIVRO ESTÁ NO CAMINHO DE NÃO RESTITUIR O DINHEIRO"

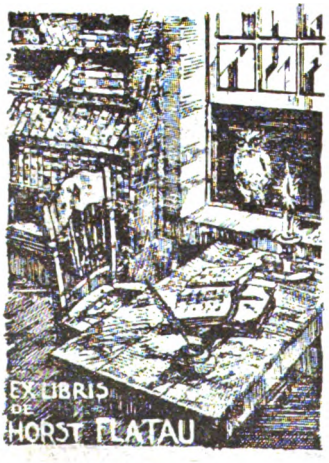
Maxima do Dr. Ubaldino do Amaral.

364) Solon Pires

Digitized by Google

365) Alvaro da Veiga Coimbra

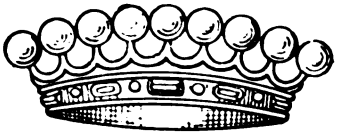
366) Felix Pacheco

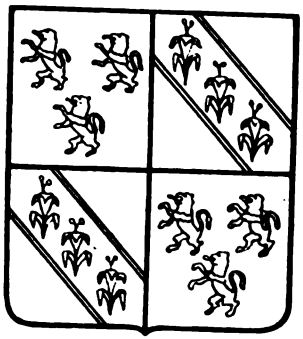


367 Horst Flatau

363) Luiza Xavier

Digitized by Google





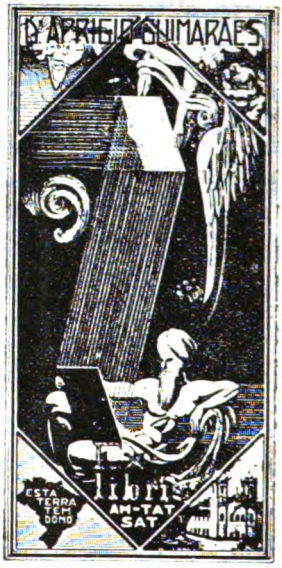
369/372) Henri de Lanteuil

373) Claudio Mariano Carneiro da Cunha

374) Edgard de Toledo Malta

Digitized by Google

375) Ant.º B. Martins Aranha



376) Aprigio Guimarães

377) Ernesto de Sousa Campo

Dr. Geraldo M. Cardoso de Mello

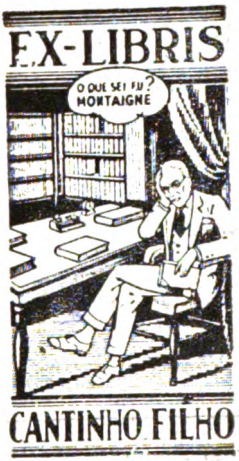
Delegado Regional de Polícia de

PENÁPOLIS

378) Geraldo M. Cardoso de Mello

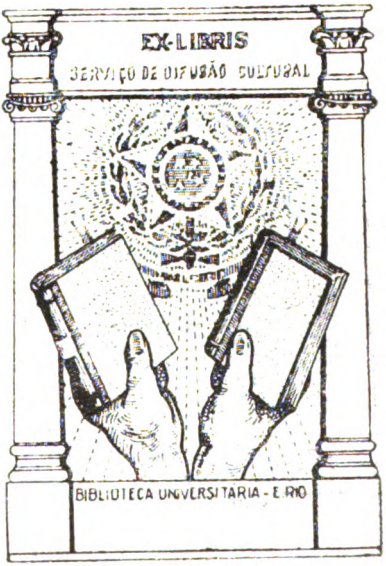
Digitized by Google

379) Benedito Nunes Dias



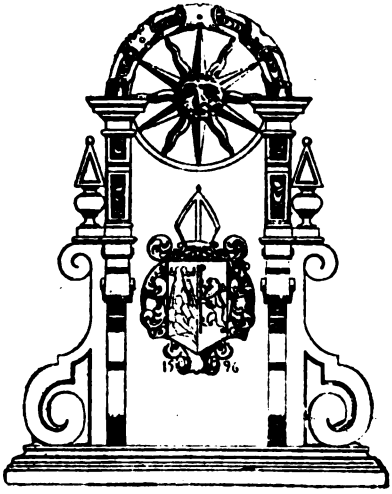
380) Cantinho Filho

381) Alvaro Catão



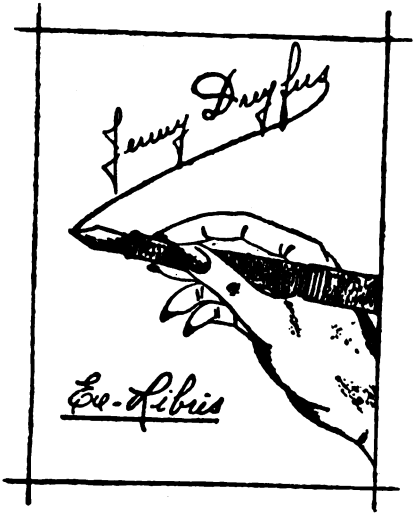
382) Biblioteca Universitária do Serviço de Difusão Cultural

Digitized by Google



383) Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

384) Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.



385) Jenny Dreyfus

386) Silvio Abreu Filho

Digitized by Google

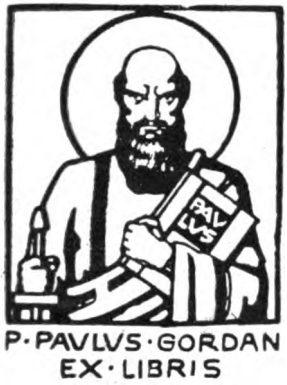
387) Antônio M. Espanha

388) Otávio Tavares

389) Adolfo Flaschner

390) Alfredo de Sequeira Filho

Digitized by Google



391) Paulus Gordan

392) Elly Schmidt

393) José Farani Mansur Guerios

EX LIBRIS

322) Aldo Mario Azevedo

394) Zolachio Diniz

Digitized by Google

Pequenas Biografias

Salvador de Moya

Dr. Albino de Oliveira Esteves

Dr. Albino de Oliveira Esteves, n. 16-X-1883, em Aparecida, municipio de Sapucaia (Estado do Rio), † 18-VII-1943, em Juiz de Fóra (Minas Gerais). Fez seus estudos primários em São João d'El-Rei e os secundários em Juiz de Fóra, onde se formou em 1915, em odontologia. Jornalista, poeta, cirurgião dentista, crítico literário, historiador, conferencista, teatrólogo, escrivão de órfãos, assistente técnico da Secção de Documentação Histórica do Serviço Nacional do Recenseamento. Membro fundador da Academia Mineira de Letras, — cadeira Visconde de Araxá. Publicou: *"Brocados"* (1901); *"Album do Municipio de Juiz de Fóra"* (1916); *"Miniaturas"* (1905); *"Passaros e flores"* (1905; 2.a ed. 1926); *"Sirtes"* (1907); *"Juiz de Fóra na Exposição Nacional"* (1908); *"Almanaque Mineiro"* (1908); *"Naufragio"* (1909); *"Naufragos"* (1909); *"Tristezas à Beira-Mar"* (1909); *"Como um sonho"* (1910); *"Vamos ao Cinema"* (1910); *"Borboleta de Ouro"* (1910); *"O teatro em Juiz de Fóra"* (1911); *"Pontos de Vista"* (1911); *"Almanaque de Juiz de Fóra"* (1913, 1915); *Mapa dos Minis-*

Digitized by Google

térios de Jesus" (1925); *"O estudo sintético da Biblia"* (1925); *"Canteiro em flor"* (1929); *"Estetica dos Sons* (1933); *"Estetica Aplicada"* (1934); *"Bernardo Mascarenhas"* (1938); *"Algumas Sugestões para a propaganda do Recenseamento de* 1940 (1939); e *"Arvore Literária"* (1941). Deixou muitos inéditos. Fundou os jornais *"O Alfinete"* (1898), *"O Lirio"* (1899), *"Jornal Espirita"* (1904), *"A Peteca"* (1908), *"O Dia"* (1917). Redator dos jornais *"Domingo"* (1904); *"Mercantil"*; *"O Farol"* (1907); *"P. R. B. 3."*; *"Renascença"*; *"Literarte"*. Usou dos pseudonimos de Lúcio d'Alva e Fran-Vial. Era filho do dr. Nicolau Martins Esteves e de d.ª Silveria de Oliveira; n. p. de Alexandrino Martins Esteves e de d.ª Maria; n. m. de Joaquim de Oliveira e de d.ª Albina. O dr. Albino, a 11-II-1911, em Juiz de Fóra, c. c. d.ª Firmina Braga, professora, filha de Augusto da Silva Braga e de d.ª Presciliana. Pais de: 1) Dr. Aurílio, médico veterinário; e 2) D.ª Alvair, farmaceutica e pianista.

Dr. Aureliano Leite

Aureliano Leite, n. 20-XI-1886, em Ouro Fino (Minas Gerais), fez todos os estudos em S. Paulo, onde se diplomou em XII-1910, pela Faculdade de Direito. Foi delegado fiscal do Ginásio do Estado; delegado auxiliar de policia e chefe de policia interino; deputado federal. Emissário de S. Paulo, na Revolução de 1932, em Minas e Rio Grande do Sul. Representante politico de S. Paulo na questão de limites com Minas-Gerais. Esteve varias vezes preso por motivos políticos, sendo exilado na Europa, em 1932. Colaborou n"O Advogado", n"A Alvorada", "Ariel", "Cigarra", "Comentario", "Diario Popular", "Diario Nacional", "Folha da Manhã", "Ilustração", "Ilustração Brasileira", "Revista Genealógica Brasileira" e jornais do Rio: "Diário Carioca" e "Jornal do Comércio". Membro do Instituto Historico Brasileiro; dos Institutos Historicos de S. Paulo e Minas-Gerais; Argentina; do Instituto Brasileiro de Cultura; e Letras de S. Paulo, na qual ocupa a cadeira da Associação de Historia e da Academia de Ciências de José Bonifacio, o Moço. Publicou: 1) Dias de Pavor (1924); 2) Por Aguas e Terras (1925); 3) Brio de Caboclo (1926); 4) Terra de cacique (1926); 5) Retratos a pena, 1.a e 2.a série (1929 e 1930); 6) Memorias de um revolucionario (1931); 7) Martírio e gloria de S. Paulo (1934); 8) A questão de limites entre São Paulo-Minas (1935); 9) A questão ortográfica (1935); 10) Língua Brasileira? Não. Lingua Portuguesa (1935); 11) O Brigadeiro Couto de Magalhães (1936); 12) Episódios do Exilio (1938); 13) Amador Bueno (1938); 14) Pequena Historia da Casa Verde (1940); 15) São Francisco de Paula de Ouro-Fino (1940); 16) Biografia exata de Amador Bueno (in-Centenários Portugueses); 17) Origem dos

Digitized by Google

homens agigantados de S. Paulo (in-Centenários Portugueses); 18) Breve Resumo da História de S. Paulo, com bibliografia da Historia de S. Paulo (1944).

Filho de João Monteiro de Meireles Leite e de d.ª Maria Vilhena de Almeida; n. p. de Antônio de Meireles Leite, n. Portugal, e de d.ª Ana Gonçalves Monteiro, n. Guaratinguetá; n. m. de Aureliano Batista Pinto de Almeida,(1) n. São João d'El-Rei, e de d.ª Maria A. de Vilhena. (2).

O General Francisco de Paula Cidade nasceu a 22-XII-1883, no Rio Grande do Sul, sentando praça a 17-VI-1902, aspirante a oficial a 2-I-1909, 2.º tenente a 5-VI-1912. Foi da arma de infantaria e tem os cursos de Infantaria e Cavalaria pelo regulamento da Escola Militar, de 1905. Pro-

General Francisco de Paula Cidade

movido a 1.º tenente em 27-III-1918, a capitão em 12-IX-1922, e a major em 17-XII-1931. Escritor, publicou várias obras referentes a sua arte, sendo colaborador da renomada revista "*Defesa Nacional*". Fez o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Estado Maior pelos regulamentos de 1920,

(1) Bisneto de Caetano Furquim de Campos, deescendente dos Cabrais.
(2) Bisneta de d.ª Iria, irmã de Barbara Heliodoro, a da Inconfidência.

Digitized by Google

tendo tambem o Cúrso de Alto Comando. Promovido a tenente-coronel a 2-X-1934, a coronel a 25-XII-1937 e a General de Brigada, a 29-XII-1942, tudo por merecimento. Oficial da Ordem do Mérito Militar, Comendador da Ordem do Condor dos Andes (Chile). Medalha de ouro de bons serviços militares e Medalha de Prata do cincoentenário da Proclamação da República. Atual com.te da 8.ª Região Militar (Pará). O seu *ex-libris*, desenho de Alberto Lima, foi publicado nesta Revista, no n.º 9, pg. 271, e é uma concepção original das mais expressivas que conhecemos.

Cap. dr. João Francisco da Cruz

Capitão dr. João Francisco da Cruz, n. 4-XII-1877, em Timbaúba (Pernambuco), estudou em Pernambuco, formando-se em direito, a 4-XII-1909, em S. Paulo. Advogado, escritor e professor de português e latim. Capitão professor reformado da Força Policial de S. Paulo. Publicou: "*Tratado de Policia*", "*A pena em face do Código*", "*Pontos de Lógica*", "*Metodologia didática*" e vários folhetos. Colaborou em jornais do Estado. Filho de Antônio Francisco de Lima e de d.ª Claudiana Maria da Conceição. Irmão de Manuel, †, José, †, Joaquim, †, e Josefa. O capitão dr. Cruz c. c. d.ª Joana Martins, filha de Francisco Martins e d.ª Joana Rodrigues Esteves. Pais de: 1) Moema, n. 15-III-1907 e Semiramis, n. 19-VIII-1939.

Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, n. 23-IV-1867, em Paraíba do Sul, (Estado do Rio) † 29-III-1935, em Niterói. Estudou no Colégio do Matoso, no Rio, e no colégio de S. Luiz, de Itú (S. Paulo), formando-se em 1892, em S. Paulo, pela Faculdade de Direito. Advogado, em Paraíba do Sul, foi promotor público em Aracajú e Fiscal da Inspetoria de Seguros, em Niterói. Genealogista, estudou várias famílias, algumas das quais publicaremos. De Carlos de Laet: "*José Geraldo Bezerra de Menezes é uma das inteligências mais primorosamente cultivadas que eu tenho conhecido*" (artigo no Jornal do Brasil. Rio 15-XI-1914). Em conferencia realizada no Instituto Histórico de S. Paulo, pelo seu presidente dr. Torres de Oliveira, referindo-se ao colégio de Itú, período de 1879-1883, disse que José Geraldo Bezerra de Menezes sobressaiu extraordinariamente, apontando-o como um notável sábio da língua brasileira. Agripino Grieco foi seu discípulo.

Filho do dr. Leandro Bezerra Monteiro, n. 11-VI-1826, em Joazeiro, † 15-XI-1911, em Niterói, e de (c. 31-I-1842, em Sergipe) sua parenta d.ª Emerenciana de Siqueira Maciel Bezerra, n. 9-XII-1830, no Engenho Ser-

Digitized by Google

ra-Negra (Sergipe), † 9-I-1887, na fazenda Santa Rosa, freguesia de Santa Antônio da Encruzilhada; n. p. do coronel José Geraldo Bezerra de Menezes e de sua prima d.ª Jerônima Bezerra de Menezes; n. m. do coronel Antônio Luiz de Araujo Maciel e de d.ª Rosa Siqueira de Melo. † 30-VI-1898, em Paraíba do Sul, c. c. d.ª Lucinda Montedonio, n. 9-II-1877, em Lisboa (Portugal), filha do ator e autor português João Batista Montedonio e de sua 3.ª esposa d.ª Ana da Conceição Casquilho. Pais de: F 1) D.ª Sara, professora no Distrito Federal; F 2) Dr. Leandro Bezerra Monteiro, delegado de polícia especializado, na capital de S. Paulo, c. c. d.ª Rute de Miranda. Pais de: Lúcia e Maria José; F 3) D.ª Raquel, c. c. tenente-coronel Raul de Albuquerque. Pais de Raul e Ronaldo; F 4) D.ª Debora, c. c. dr. Rubens Rocha Freire, médico. Pais de: Cristovão, Rubens e Guilherme; F 5) João M. Bezerra de Menezes, c. c. d.ª Cacilda Scorzelli. Pais de Marta; F 6) Dr. Inácio M. Bezerra de Menezes, c. c. d.ª Amí Sales Pinheiro. Pais de: Selma e Sergio; F 7) Maria; F 8) Dr. Geraldo M. Bezerra de Menezes, n. 11-VII-1915, em Niterói (ver sua biografia na Revista Genealógica Brasileira); a 18-II-1941, em Niterói, c. c. d.ª Odete Pereira, n. 25-XII-1919, em S. José d'Alem Paraíba (Minas) filha de Francisco Machado Pereira e de d.ª Idalina. Pais de: Angela, n. 21-III-1942, e Ana Maria, n. 20-VI-1943, ambas em Niterói; F 9) Cefas; e F 10) Rute.

Notas do dr. Geraldo Bezerra de Menezes.

Dr. Carlos de Oliveira Ramos

Dr. Carlos de Oliveira Ramos, n. 2-IV-1908, em Aquiraz (Ceará), onde fez seus estudos primários; os secundários no Liceu do Ceará, em Fortaleza. A 8 de dezembro de 1930 formou-se pela Faculdade de Direito do Ceará. Magistrado, no Ceará, em Soure, comarca de Fortaleza, e, desde 13-XII-1940 juiz no Distrito Federal. Foi oficial de gabinete da Interventoria Federal no Ceará, em 1930-31. E' jornalista-diretor substituto do "*Jornal do Fôro*", do Rio. Foi redator-chefe de "*A Epoca*", 1928; e diretor da "*Vanguarda*" (diário de Fortaleza) 1935-37. Publicou: "*Da Proteção Legal ao Trabalho das mulheres e dos menores*", 1937; e "*Justiça do Trabalho*", 1937. Membro da Academia Cearense de Letras, ocupante da cadeira de Valdemiro Cavalcanti; membro da Federação das Academias de Letras do Brasil; socio titular do Instituto Brasileiro de Cultura e seu 1.º Secretario; professor catedrático de Direito Constitucional e Civil da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará; Professor de Direito Comercial da Academia de Comércio do Ceará; Professor

Digitized by Google

de Legislação de Menores da Escola Técnica de Serviço Social, do Rio de Janeiro; socio da Associação Brasileira de Imprensa; da Sociedade de Geografia do Ceará; sócio honorário da Fenix Caixeiral do Ceará; membro da Comissão elaboradora do ante-projeto da nova lei do Registro Civil; membro do 1.º Congresso Cultural Brasileiro.

Filho de João de Oliveira Ramos, n. 28-X-1866, e de (c. 26-IV-1902) d.ª Alice de Oliveira Ramos, n. 15-XII-1883; n. p. de Francisco Raimundo da Silveira Ramos, n. 28-XI-1839, e de d.ª Angélica de Oliveira Ramos, n. 11-VI-1842; n. m. de Vicente Ferreira de Freitas Ramos, n. 7-VI-1843, e de d.ª Herminia de Freitas Ramos, n. 4-XII-1842, todos nascidos e casados em Aquiraz (Ceará). O dr. Carlos, que é solteiro, tem um único irmão: Dr. Ivan de Oliveira Ramos, n. 30-VI-1909, tambem em Aquiraz.

LUIZ CRULS

Dr. Luiz Cruls, n. 1848, em Diest (Bélgica), † 1908, no Rio de Janeiro, engenheiro, diretor do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, oficial da Legião de Honra, comendador da Ordem da Rosa, prêmio Valz de Astronomia. 1.º Tenente de engenharia do Exército Belga. Publicou: "Organisation de la Carte Geografique et de l'Histoire Physique et Politique du Brésil (1877); Memoire sur Mars, taches de la planéte et durée de sa rotation" (1878); Question du méridien de l'Observatoire du Rio de Janeiro" (1883); "Descrição e Teoria do Barômetro Diferençal destinado aos Nivelamentos Barometricos" (1888); "Methode Gráfique pour la determination des heures approchées des éclipses du soleil et des occultations" (1888); "Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil" (1894); "Atlas Celeste contendo o aspecto do céu para cada mês na latitude do Rio de Janeiro" (1896); "O Clima do Rio de Janeiro" (1894). Naturalizou-se brasileiro e c. c. brasileira. Filho do dr. Augusto Cruls, engenheiro.

Bibliografia: 1) Nação Armada, n.º 8 pág. 103; 2) Galeria Nacional, n.º 839.

Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, n. Ceará, fundador do Joazeiro, cujo nome figura numa das ruas do Rio de Janeiro, no bairro da Copacabana. Já retratado na magnífica biografia do insigne poeta e escritor paranaense Joaquim Dias da Rocha Filho. O barão de Studart, publicando este trabalho, obra póstuma do grande escritor, em carta dirigida à viuva d.ª Isabel Bezerra Dias da Rocha acentuou que, "*fazendo publico a vida do brigadeiro Leandro Monteiro, buscava concorrer com os conhecimentos dos fatos em que esteve envolvido um vulto egrégio por muitos títulos da histó-*

Digitized by Google

ria da terra cearense". O brigadeiro era filho de Antônio Pinheiro Lobo e de d.ª Joana Bezerra de Menezes; n. p. do sargento-mór José Pinheiro Lobo e de d.ª Perpetua de Mendonça. O brigadeiro c. c. sua prima d.ª Rosa Josefa do Sacramento (Menezes), n. Sergipe, filha do capitão-mór Semeão Telês de Menezes e d.ª Luiza Maria da Conceição; n. p. do capitão-mór Gonçalo Tavares de Menezes e d.ª Josefa Freire de Andrade Mesquita. Pais de:

F1) Coronel José Geraldo Bezerra de Menezes, c. c. sua prima d.ª Jerônima Bezerra de Menezes. Pais de:

N1) Dr. Leandro Bezerra Monteiro, ver sua biografia adiante, neste volume.

Notas do dr. Geraldo Bezerra de Menezes.

Dr. Leandro Bezerra Monteiro, n. 11-VI-1826, em Joazeiro (Ceará), † 15-XI-1911, em Niterói. Parlamentar do Império, tomando parte saliente na questão religiosa, defendendo os bispos do Pará, d. Antônio Macedo Costa, e de Olinda, d. Frei Vital. (*Bibliografia*: 1) Anais parlamentares, de 2-IX-1874; 2) Padre Sena Freitas (de Portugal), "Escritos Católicos de Hontem"; 3) Vilhena de Morais, "Gabinete Caxias"; 4) Padre Júlio Maria, "Centenário"; 5) Dr. Antônio Manuel dos Reis, "O Bispo de Olinda perante a Histórа"; 6) Dom Antônio de Almeida Lustosa, (arcebispo do Pará), "Dom Macedo Costa".)

Como presidente da Câmara Municipal da Paraíba do Sul, fundou a Casa de Caridade e o Asilo de N.ª S.ª da Piedade. Dedicou-se a estudos genealógicos. Era filho do coronel José Geraldo Bezerra de Menezes e de (sua prima) d.ª Jerônima Bezerra de Menezes; n. p. do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, n. Ceará, fundador de Joazeiro e de (sua prima) d.ª Rosa Josefa do Sacramento (Menezes), n. Sergipe. O dr. Leandro, a 31-I-1852, em Sergipe, c. c. (sua parenta) d.ª Emerenciana de Siqueira Maciel Bezerra, n. 9-XII-1830, no Engenho Serra Negra (Sergipe), † 9-I-1887, na fazenda Santa Rosa, freguesia de Santo Antônio da Encruzilhada (irmã do senador por Sergipe dr. Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel) filha do coronel Antônio Luiz de Araujo Maciel e de d.ª Rosa Siqueira de Melo. Pais de:

F1) Rosa, n. 19-IV-1853, no Engenho Serra Negra, freguesia N.ª S.ª do Rosario do Catete (Sergipe), † Niterói.

F2) D. Maria Diniz, n. 6-IV-1857, em Sergipe, residente, atualmente (1944), em Niterói.

F3) Leonor, n. 16-IX-1861, no Engenho Magalhães, freguesia de N. S. da Saúde de Japaratuba, (Sergipe), † Niterói.

F4) D.ª Isabel, n. 17-VII-1865, em Sergipe, †, c. c. o poeta dr. Joaquim Dias da Rocha Filho, † s. s.

Digitized by Google

F5) Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, ver sua biografia neste mesmo volume.

F6) Dr. João S. Bezerra de Menezes, n. 26-VI-1868, na chácara "Pacheco", freguesia de Santo Antônio da Encruzilhada, termo da Paraíba do Sul; c. c. d.ª Jandira Portocarrero, c. s. (ver Anuário Genealógico Brasileiro).

F7) Francisco, n. 14-XI-1872, na Paraíba do Sul, † 8-V-1891, no Rio, de febre amarela.

Notas do dr. Geraldo Bezerra de Menezes.

Luiz Barbalho Bezerra, † 15-IV-1644, no Rio de Janeiro, sendo sepultado na Igreja dos Jesuitas, hoje Hospital Militar. Marechal de Campo, fidalgo, comendador, cognominado o "Xenofonte Brasileiro", que muito se celebrizou na guerra contra os holandeses e como governador da Baía e do Rio de Janeiro. No admirável livro *"Bôa Gente"* Elísio de Carvalho encerra o longo capítulo intitulado *"O Regresso de Ulisses"*, no qual focaliza a figura do bravo companheiro de Matias de Albuquerque e de tantos heróis, com estas palavras incisivas:

> "Luiz Barbalho Bezerra não foi só uma das mais brilhantes personificações do heroismo na história brasileira, cuja glória vai refulgir entre os nomes de Caxias e Osório, mas exerceu influência fecunda na formação da nacionalidade. E, por isso e por tudo mais, é de lastimar que até hoje não recebesse a consagração definitiva do bronze". (S. A. Monitor Mercantil, Rio, 1921, pg. 35).

Notas do dr. Geraldo Bezerra de Menezes.

Sebastião do Rego Barros, n. 18-VIII-1803, em Pernambuco, † 7-III-1863. Tte. coronel de engenheiros, escritor e estadista. Comendador das ordens de Aviz e da Rosa; do Conselho do Imperador. Bacharel em matemáticas pela Universidade de Gottingen (1826). Deputado desde 1830 até falecer. Ministro da Guerra em 19-IX-1837, presidente do Pará. Ferido na revolução de Pernambuco. Publicou: "Cartas de um americano sobre as vantagens do governo federativo". "Noções elementares das ciências aplicadas à agricultura".

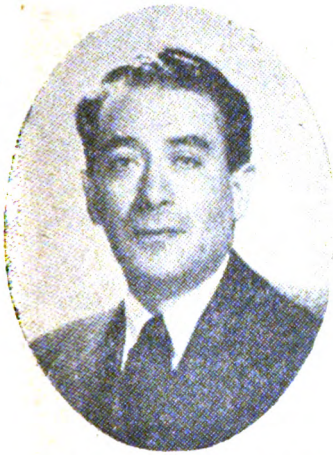
Filho do coronel Francisco do Rego Barros e de d.ª Mariana Francisca de Paula Cavalcanti e Albuquerque.

Bibliografia: 1) Nação Armada, n.º 31, pág. 105; 2) Galeria Nacional, n.º 263.

Digitized by Google

Urbano Duarte de Oliveira, n. 2-1-1855, em Lençóis (Bahia). † 10-11-1902, no Rio de Janeiro. Major de artilharia, jornalista, literato, poeta, humorista e teatrólogo; fundador da Academia de Letras. Publicou: "Anjo da Vingança", "O Escravocrata", "Os gatunos" "Onde está a felicidade" (in-Almanaque da Gazeta de Noticias); "O Naturismo"; "Dom Quixote", "Humorismos", com o pseudônimo de J. Guerra. Traduziu "A Princesa Trabison" e "Educação moral do soldado".

Bibliografia: Nação Armada, n.º 11, pág. 117.



Dr. Vicente Lombardo Toledano

O prof. dr. Vicente Lombardo Toledano nasceu em 1894, em Puebla (México). Formado em Direito pela Universidade Nacional do México e doutor em Filosofia e Letras. Foi deputado federal pelo seu Estado natal e Governador do mesmo. Foi secretário de governo, chefe do Departamento de Bibliotecas e conselheiro municipal na cidade do México. Casado com d.ª Rosa Maria Otero. Atualmente é presidente da Confederação dos Trabalhadores da America Latina, da qual foi fundador e Reitor da Universidade Operária do México (Distrito Federal). Presidiu o Congresso Operário das Américas, reunido em Montevideu, em 1944. De volta para o México, em sua passagem por S. Paulo, foram-lhe prestadas excepcionais homenagens, por muitas instituições culturais, entre elas: Instituto Brasil-México, Associação dos Amigos do México, Consulado Mexicano, Câmara de Comércio Brasil-México, Clube Piratininga, Associação dos Profissionais da Imprensa de São Paulo e Instituto Genealógico Brasileiro, este representado em todas as homenagens pelo seu presidente coronel Salvador de Moya. Em todas as associações foram pronunciados vários discursos aos quais S. S. respondeu com interessantes e instrutivas conferências. O prof. dr. Vicente Lombardo Tole-

José Feliciano

Digitized by Google

Manuel de Melo Franco

dano, visitou museus, bibliotecas, autoridades governamentais, repartições públicas, deixando em S. Paulo largo círculo de admiradores.

José Feliciano, chefe da revolução mineira de 1842. Ver Nação Armada, n. 33, pg. 8 a 18.

Dr. Manuel de Melo Franco, médico, um dos chefes da revolução de 1842 em Minas. N. 31-I-1812, em Paracatú (Minas), † 3-XI-1871, no Rio de Janeiro. Deputado, presidente de Minas.

Bibliografia: 1) Nação Armada, n.º 33, pág. 12; 2) Galeria Nacional, n.º 227.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do dr. Antônio da Gama Rodrigues, de Lorena:

"Recebi o n. 9 de *Revista Genealógica Brasileira,* correspondente ao 1.º semestre de 1944. Realmente o seu esforço é admiravel e pena é que, de quando em quando, permita (1) a publicação de alguns artigos verdadeiramente absurdos. No numero a que me reporto, e tenho presente, o do sr. Mario Wanderley é deveras lastimavel. Só o posso compreender como mais uma das tragedias da *Casa dos Albuquerque"!* (O artigo é uma salada, confundindo familias de Albuquerque de Portugal e de Espanha com terras e titulares dos dois paizes, que não têm nem remota ligação entre si).

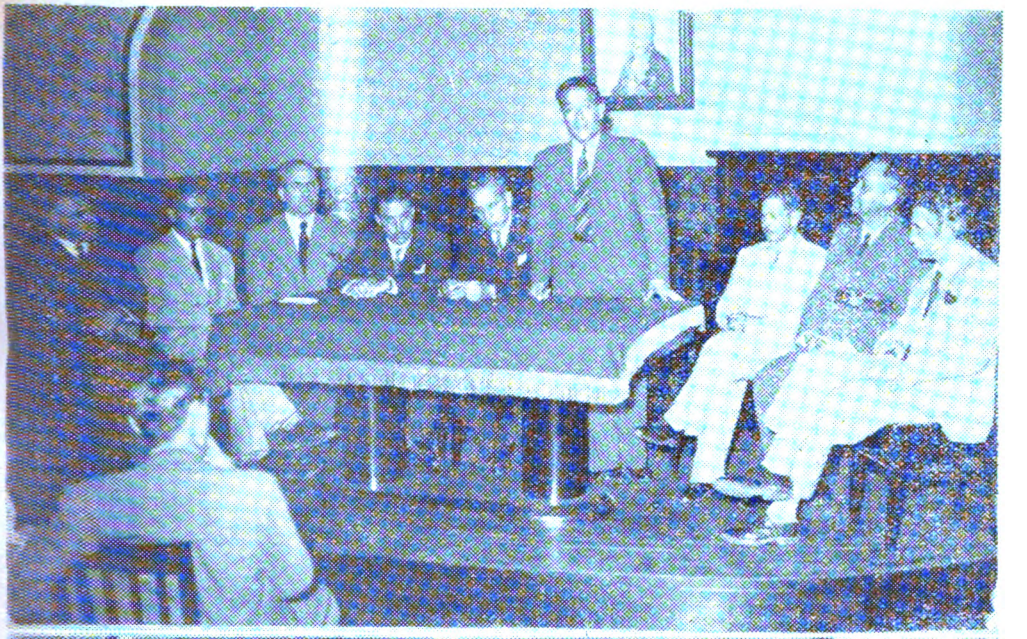
Da Exma. Sra. Condessa de Serra Negra, de S. Paulo:

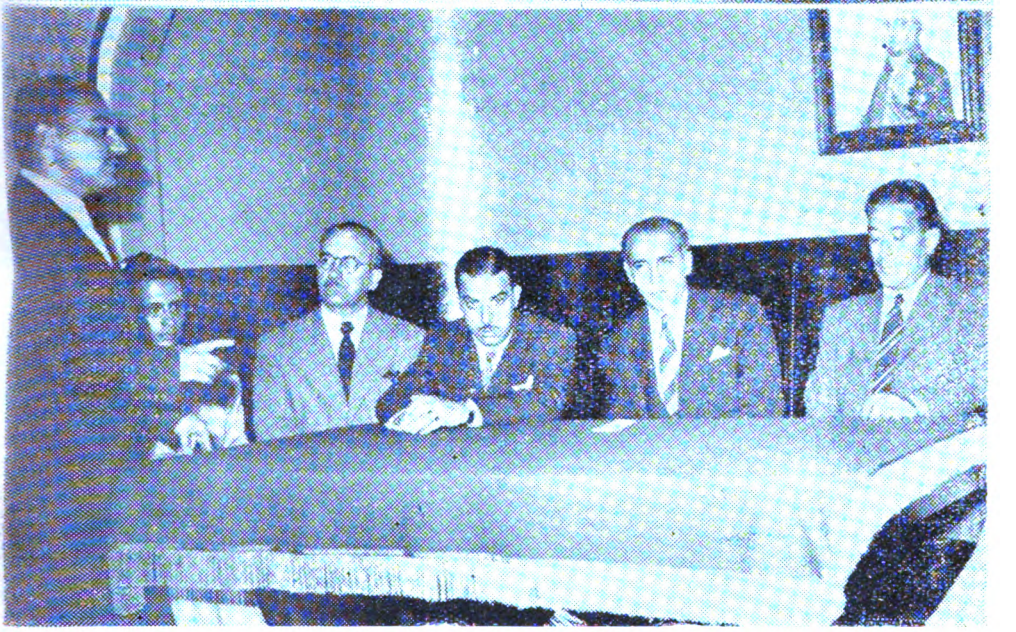
"Acabo de ler na Revista Genealógica n.º 9 (1.º semestre de 1944) pg. 136, que d. Beltran de La Cueva, 1.º duque de Albuquerque, que morreu em 1492 casou-se com d.a Galiada Teles e Menezes, filha única do alcaide e senhor de Cazilla, d. Rodrigo de Queiroz Teles. Creio que deve haver algum engano, porque não me consta que d. Beltran de La Cueva, favorito da rainha d.a Joana de Portugal, esposa de Henrique IV rei de Castela, tivesse tido uma esposa com esse nome. D. Beltran casou-se três vezes: 1.º com d.a Mencia de Mendonça e Luna, neta do infeliz d. Alvaro de Luna e filha do 1.º duque do Infantado. Dessa primeira esposa teve um filho, d. Francisco, nascido em 1461, que herdou os títulos e bens do pai; 2.º com d. Mencia Enriques de Toledo, filha do 1.º duque de Alba; e 3.º com d.a Maria Fernandes de Velasco, duquesa de Roa, viúva do 1.º duque de Escalona. Foi talvez com outro duque de Albuquerque, (*) descendente de d. Beltran, que se deu o caso narrado pelo Snr. Mario D. Wanderley, pois este senhor não cita datas (nem biografia).

(1) **Nota da Redação.** A revista depende de 7 redatores, da diretoria, do n.º diminuto de sócios, do **deficit** de quarenta contos... Tudo isso faz pressão e impede a independência e liberdade de escolha. Em última análise, o melhor castigo para um artigo ruim, — que o autor "faz questão" de publicar, — é publicá-lo...

(*) **Nota da Redação.** Tambem não foi com nenhum outro duque de Albuquerque, como se poderá ver no Anuário Genealógico Brasileiro, ano II (1940) págs. 247 a 250, onde figuram todos os duques de Albuquerque, com seus casamentos e descendência. De acôrdo com o artigo 10.º do Regulamento da Revista, o sr. dr. Mario D. Wanderley não poderá mais colaborador nela.

Digitized by Google





Ao alto o prof. Lombardo Toledano pronunciando sua aplaudida conferência, e a mesa que presidiu os trabalhos (da direita para a esquerda do leitor): Silveira Peixoto, da "Gazeta"; Coronel Salvador de Moya e Comendador Domingos Laurito, respectivamente, presidente e 1.º secretário do Instituto Genealógico Brasileiro; prof. Lombardo Toledano; Dario de Barros, presidente da Apisp; dr. Santa Paula Neto, secretário da Agência Nacional; prof. Vieira de Andrade, presidente do Instituto Brasil-México; Protasio de Carvalho, secretário da Apisp. *Em baixo*, o acadêmico Bandechi Brasil, quando saudava ao prof. Lombardo Toledano.

Digitized by Google

Homenagem prestada a 1.º de junho de 1944, ao 1.º secretário do Instituto Genealógico, Comendador Domingos Laurito, consul geral do México.

Digitized by Google

Biografias de Sócios

Salvador de Moya

Alberto Lima

Alberto Lima, n. 29-VII-1898, no Distrito Federal, onde é redator artístico da "Revista da Semana", (há 25 anos) e "Nação Armada", colaborando em todos os números. Condecorado com a Medalha de Prata do Cincoentenário da República e Medalha de Mérito da Casa da Moeda. Colaborou no "D. Quixote", "Correio da Manhã", "Eu Sei Tudo", "Cena Muda", "O Radical", "O Jornal", "Excelsior", etc. Fez seus primeiros estudos no Liceu de Artes e Ofícios. Artista de finissimo gosto, tem desenhado algumas dezenas de *Ex-Libris* originais, já publicados por esta Revista. O seu nome figura em mais de 300 capas de livros de história e literatura, desenhadas por ele. Pertence à Associação Brasileira de Imprensa; ao Instituto Genealógico Brasileiro; e é Sócio Benfeitor da Casa dos Artistas; Sócio Benemerito do Centro Excursionista Brasileiro. Funcionário do Ministério da Guerra. O livro "Poesias", de Afonso de Carvalho (Rio, 1943), traz uma longa biografia de Alberto Lima, com retrato. Filho de José de Almeida Costa Lima e d.ª Ana Mendes Ladeira; n. p. de Antônio d'Almeida e Costa e de d.ª Maria do Carmo Lima, todos de Viseu (Portugal); n. m. de Antônio Mendes Ladeira, de Lisboa, e de d.ª Maria Rosa Ladeira, de Viseu. São seus irmãos: Maria, n. 6-V-1900; Antônio, n. 15-VII-1902; Ana, n. 27-II-1905, José, n. 25-IV-1907, Antonino, n. 12-VI-1908; e Elza, n. 17-IV-1914, todos nascidos no Distrito Federal. Alberto Lima, em 1920, c. c. d.ª Manuela Teresa Joana Casas, n. Barcelona (Espanha) filha de Arsenio Casas

Digitized by Google

e de d.ª Josefa Llop. Pais de: Vitor José Lima, n. 22-X-1920 no Distrito Federal, jornalista e funcionário público.

Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara

Dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara, n. 14-III-1898, em Mossoró (Rio Grande do Norte), onde fez seus estudos primários. Os estudos secundários, em Natal, formando-se Bacharel em Direito a 17-III-1924, em Recife. Jornalista, advogado, professor, funcionário público. Deputado à Constituinte Estadual, 1926; Deputado Estadual, 1924 a 1928; Chefe de Polícia do Rio Grande do Norte, 1928 a 1930; Diretor da Imprensa Oficial do mesmo Estado; do Instituto Histórico e da Academia de Letras, do Rio G. do Norte. Venerável das Lojas Maçônicas "Evolução 2.ª" e "21 de Março", de Natal. Professor Catedrático de História do Brasil do Ateneu Norte-Riograndense, 1919 a 1930, professor interino de Português do mesmo estabelecimento, em 1926. Fundador e Diretor do *Colégio Metropolitano*, do Rio de Janeiro, 1932 a 1939; professor do mesmo estabelecimento, desde 1932. Representante do Governo do Rio Grande do Norte no 1.º Congresso das Academias de Letras e Instituições Culturais, no Rio de Janeiro, em 1937; representante da Academia de Letras do mesmo Estado no 2.º Congresso das Academias de Letras, Rio de Janeiro, 1939; delegado da Academia Norte-Riograndense de Letras, junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, desde 1938. Publicou: *História de Nísia Floresta*, 1941; *A Revolução de 1817 no R. G. do Norte* (1938); Biografia do Padre Miguelinho (elogio academico) in-Revista das Academias, Rio, 1938; Conferências sobre "A ação da Maçonaria na Independencia", Natal, 1922; Centenário do Ensino Primário, 1927; Centenário de Deodoro; o Preconceito Nacionalista e o ensino da História (tese-1937); Um Senador do Império (Rio-1943); Câmaras e Miranda--Henriques (S. Paulo-1944). Colaborou na Revista do Centro Polimático, Natal, 1919, 1920; na *Ordem*, na *Liberdade*, na *Revista do Centro Acadêmico*, de Natal (jornais de estudantes); foi fundador e redator d'*A Nota*, hebdomadário literário, Natal, 1917; redator-secretário da *Imprensa*, diário já desaparecido, Natal; redator e diretor da *República*, órgão oficial dos poderes do Estado do Rio Grande do Norte, 1924 a 1930. Colaborador do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e da "Revista das Academias de Letras", órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil. Filho de Teódulo Adolfo Raposo da Camara, n. 26-VII-1867, em S. José de Mipibú e de (c. 21-XII-1895, em Mossoró) d.ª Aura Augusta de Miranda n. 26-VI-1881; n. p. de Miguel Soares Raposo da

Digitized by Google

Câmara, n. 24-III-1838, em S. José de Mipibú, onde † 23-VI-1923, e de d.ª Urbana Leopoldina de Sales Câmara, n. 10-I-1844, em S. José de Mipibú, onde † 23-XI-1924; n. m. de Augêncio Virgílio de Miranda Henriques, n. 26-VI-1854, no Rio G. Norte, † 23-X-1916, em Natal, e de d.ª Josefa Nazaré de Miranda, n. 17-IX-1864, no Rio Grande do Norte. São seus irmãos: Mário n. 8-XI-1896, em Mossoró † 14-IX-1921, em Natal; José, n. 2-IV-1900, em Mossoró, † 2-VIII, do mesmo ano; Gilberto, n. 24-XII-1901, em Mossoró, † 14-X-1905; Godofredo, n. 4-I-1904, em Mossoró, † 19-VII-1919, em Natal; Aura Iarací, n. 2-V-1905, em Natal; Gilberto, n. 5-II-1908, em Natal, onde † a 2-X, do mesmo ano; Maura Jací, n. 13-VII-1910, em Natal; Alberto, n. 3-XII-1911, em Natal; e Clélio, n. 28-VIII-1915, em Natal.

O dr. Adauto, a 22-XII-1928, em Natal, c. c. d.ª Vanda Zaremba, n. 14-II-1912, no Rio de Janeiro, filha de Vitoldo Zaremba e de d.ª Pere Bouzas; n. p. de José Estanislau Nanencz Zaremba e de d.ª Amélia Nanencz Zaremba (nascida Condessa Dombski); n. m. de Eduardo Bouzas e de d.ª Josefa Peralva. Pais de: Mário, n. 3-X-1929, em Natal; e Henrique, n. 13-I-1939, no Rio de Janeiro.

Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto

Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, n. 10-XI-1881, em Recife (Pernambuco) onde fez seus estudos primários, secundários e superiores, bacharelando-se em direito em 1906. Advogado, genealógista e professor em Recife, Vitória e Capital Federal. Em Vitória foi chefe de polícia, prefeito, consultor jurídico, procurador geral, presidente da Côrte da Justiça, presidente do Tribunal Eleitoral, secretário geral do Estado, secretário da Presidência, diretor da Faculdade de Direito, redator-chefe do "Diário da Manhã". Colaborou no "Jornal Pequeno", "O Comércio de Vitória" e "Diário de Pernambuco". *Membro*: dos Institutos Históricos da Baía, Espírito Santo, Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Minas-Gerais; da Academia Espiritossantense de Letras e Federação das Academias de Letras do Brasil, da qual foi presidente; do Instituto Genealógico de Pernambuco e do Instituto Genealógico Brasileiro; da Societé Academique de Histoire International, de Paris; da National Geographique Society U. S.; do Centro de Ciências e Letras de Campinas; do Instituto de Ciências e Letras do Recife; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da qual é orador; da Sociedade de Escritores Brasileiros (presidente); da Sociedade de Filosofia; e do Instituto Brasileiro de Cultura. Publicou: Projetos de Organização Administrativa; Projeto de Organização Municipal; Projeto de Cons-

Digitized by Google

tituição; Questões de Limites Espirito Santo-Minas; Discursos e Conferências; Questões de Limites Espírito Santo-Baía; Memorial em Defesa do Município de Pau Gigante; Feriados do Brasil; Limites interestaduais; O crime, o criminoso e a pena; Razões e pareceres; Concurso em Matéria Penal; Vida Judiciária do Espírito Santo; Indelinquentes. Processualística Criminal; Constituição do Estado Novo; José de Anchieta; Personalidade e Idéias Torreana; De Anchieta a Marcelino Duarte; Estatutos Penais; Dos crimes contra o patrimônio; e José Higino Duarte Pereira. A vários congressos cientficos apresentou as seguintes téses: Ensino de Geografia; Memória sôbre o Espírito Santo; A Bandeira Nacional; Lições de História; Apontamentos Históricos, Geográficos e Etnográficos do Espírito Santo; A Antiguidade da América; Resumo das Questões de Limites do Espírito Santo; Município do Rio Formoso; Periculosidade no Projeto do Código Penal; e Le Juge et la Loi.

Filho do dr. Manuel Xavier Paes Barreto, n. 4-IV-1841, em Rio Formoso (Pernambuco), onde † a 3-I-1901, e de (c. Roma) D. Maria Ridolfi, n. 31-III-1849, em Roma (Itália), † Vitória; n. p. de Manuel Xavier Paes Barreto, n. 7-II-1808, em Rio Formoso, † 24-VI-1879, coronel da Guarda Nacional, e de sua sobrinha, D. Margarida Francisca Paes de Melo, também n. Rio Formoso; n. m. do dr. Giacomo Ridolfi, eng., n. e † Roma, e de D. Antonia Savelí, n. Roma e †. O desembargador Carlos Xavier, a 9-V-1916, em Vitória (Espírito Santo), c. c. D. Edite Wanderley, n. 11-V-1889, em Recife, filha do desembargador Francisco de Paula Mendes Wanderley e de D. Isabel Séve. Pais de: Elí, n. 4-IV-1917; Carmelita, n. 3-IX-1919; Carlos, n. 7-VIII-1920, † 8-IX-1921; Marieta, n. 12-III-1922; Noêmia, n. 24-IV-1923; Clovis, n. 27-IX-1924; Penha, n. 17-VII-1927; e Iza, n. 15-I-1929.

Dr. Alceu de Campos Pupo

Alceu de Campos Pupo, n. 8-IX-1905, em Santos. Fez seus estudos primários na Escola Americana e os secundários no Ginásio S. Bento e no Mackenzie College. Formou-se engenheiro-civil, a 26-III-1931, pela Escola de Engenharia Mackenzie. Gerente da firma Carvalho, Meira & Cia. Ltda., desde janeiro de 1933. Tem publicado artigos sobre numismática brasileira na "Rotogravura do Estado" e na "Revista Numismática". E' colecionador de moedas e de *ex-libris*. Membro da Sociedade Numismática Brasileira, onde ocupa na atual diretoria o cargo de consultor técnico; da Sociedade Numismática e Filatélica Cearense e do Instituto Genealógico Brasileiro. Tem em organização uma árvore completa dos ascendentes de seus filhos e um estudo sobre a família Fleurí. Filho de Luciano Pupo Nogueira e de d.ª Maria de Campos Nogueira; n. p. de João Batista Pupo de Morais e de d.ª Luiza

Digitized by Google

Gabriela Teixeira Nogueira; n. m. de Luiz Antônio de Campos Bicudo e de d.ª Teresa Laudelina do Amaral Melo. A 8-IX-1936, em S. Paulo, c. c. d.ª Maria Fleurí Silveira, filha de Gustavo Fleurí Silveira e de d.ª Augusta Corrêa. São seus filhos: Luiz Antônio, n. 17-II-1938; Maria Regina, n. 18-X-1941; e Vera Maria, n. 2-I-1944, todos de S. Paulo.

Dr. Francisco Klörs Werneck

O dr. Francisco Klörs Werneck é natural de Niterói, Estado do Rio, onde nasceu a 28 de março de 1905.

Fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar Joaquim Leitão, em sua cidade natal, passando-se depois para o Colégio Salesiano, para o Instituto Universitário Fluminense e para o Externato Central, todos da capital de seu Estado. Matriculou-se depois na Faculdade de Direito de Niteroi, pela qual colou gráu a 14 de dezembro de 1935.

Suas primeiras atividades profissionais foram no ramo de café, no comércio exportador daquêle produto, trabalhando para a Associação Nacional de Exportadores de Café.

Depois de formado, passou a exercer a advocacia no Rio de Janeiro, em cuja atividade se mantém até o presente.

— E' filho do engenheiro-agrônomo Napoleão Werneck (n. 20-XI-1861 em São José do Rio Preto) e de D. Maria Carlota Klörs (n. 29-XIII-1869 em Vassouras, Estado do Rio), casados a 1-VII-1889, em Angustura, Estado de Minas.

— Neto paterno de Inácio Barbosa dos Santos Werneck (Barão de Bemposta), (n. 19-XII-1828 em Vassouras, Estado do Rio) e de D. Luiza Amelia d'Oliveira Werneck (Baronesa de Bemposta), (n. 1-XI-1831 em Vassouras, Estado do Rio).

— Neto materno de Matias Eberhard Ludolph Klörs (n. 25-VI-1802 na Cidade Livre de Lübeck), e de D. Mariana Adolfina de Lima da Costa (n. 1-VII-1834 em São João Del Rei Estado de Minas).

— São seus irmãos: 1) Maria da Conceição (†); 2) Luiza (†); 3) Valdemar (†); 4) Julieta, solteira; 5) Gilberto, casado e com 3 filhas; 6) Renato (†); 7) Lucia, solteira; 8) José, casado, com 2 filhos e 2 filhas; 9) Francisco, casado, com 1 filho; 10) Luiz Gonzaga (†). Todos os falecidos estavam solteiros.

— A 28-III-1932, em Niterói, Estado do Rio, c. c. D. Maria Josefa Santos Dias, natural de Campos, Estado do Rio, onde nasceu a 28-XII-1898, filha de Emilio Diaz y Muñiz (Emilio Dias, no Brasil), natural de Santander, Espanha, e de D. Josefa Santos de López (Josefa Santos, no Brasil), natural

Digitized by Google

de Almuñecar, Espanha. Emilio Dias é de família de Gijón e Luanco, Asturias, e Josefa Santos é de uma família de Granada. Pais de: Frank Dias Werneck (único), n. a 25-XI-1934, em Niterói.

Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro

Dr. Francisco Alberto Veiga de Castro. Natural de Portugal, onde nasceu a 5-11-1887. Fez seus estudos primários em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro e seus estudos secundários em Niterói. Matriculou-se em 1906 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1911. E' clínico em Tietê, S. Paulo, e desde 1914 médico da Sta. Casa de Misericórdia dessa cidade e membro da Mesa Administrativa da mesma Santa Casa, desde 1917. Publicou: "Da puberdade na mulher", tese de doutoramento. Tem colaborado em diversos jornais e revistas: "Rev. do Arq. Municipal de S. Paulo", "Revista Genealógica Brasileira", "Eu Sei Tudo", do Rio de Janeiro, etc. E' filho de Justino Rodrigues de Castro e de D. Flora Maria Pinto Pereira da Veiga; n. p. de Pedro Rodrigues de Castro e de Teresa de Vila; n. m. de Dionisio Pinto P. da Veiga e de Luiza Gonçalves de Azevedo. Em 1916 em Tietê, casou com D. Zilda Vaz de Camargo, filha do coronel Indalecio Ferreira de Camargo e de D. Adolfina Vaz de Almeida, tendo seis filhos vivos, naturais de Tietê.

Dario Machado Oliveira

Dario Machado Oliveira, n. 8-VIII-1904, em Santa Bárbara (S. Paulo), onde fez os estudos primários e secundários. Matriculou-se na Escola de Farmacia e Odontologia, não concluindo o curso. Comerciário, trabalhando desde 1924 na Casa Fretin, onde é gerente da loja. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Fundador e 1.º tesoureiro da Associação Paulista de Belas Artes. Filho de João Machado Oliveira, n. 21-IV-1875, em Sta. Bárbara, onde † 26-XI-1921, e de D. Mariana Batalha, alí nascida a 5-VI-1887; n. p. de José Machado de Campos, n. Limeira, † 1892, em Santa Bárbara e de (c. Limeira) D. Rita Maria de Campos, n. Santa Bárbara, onde † 1913; n. m. de Alexandre Batalha, n. 1841, na Suissa, † 1923, em Santa Bárbara, e de (c. 18-I-1879, em Rio Claro, S. Paulo, 2as. nupcias) D. Madalena Peter, n. 1859, em Rio Claro, † 1941, em Santa Bárbara. São irmãos de Dario: Silvio e Zul-

Digitized by Google

miro, nascidos, respectivamente, a 26-XI-1911 e 26-VI-1916, em Santa Bárbara. Dario, a 24-IX-1924, em Limeira, c. c. D. Maria do Carmo Serra, n. 7-XI-1904, em Dois Córregos (S. Paulo), filha de Cândido Mendes de Arruda Serra, † 1921, em Araras (S. Paulo), e de D. Josefina de Toledo. Pais de: Dario, n. 4-IX-1926, em S. Paulo; Lucí, n. 29-V-1928, no Distrito Federal; e Lila, n. 5-IV-1930, no Distrito Federal.

Sua Alteza, Príncipe Igôr Dolgorukij

Dr. Igôr N. P. Dolgorukij, n. 28-X-1894, em Mosdok, prov. Kaukaso (Russia). Educação particular até o curso ginasial. Doutor em filologia pelas Universidades de Cambridge, Heidelberg e S. Peterburgo. Cursou: Academia Imperial Naval Russa, Academia Militar Imperial Russa e Serviço Diplomático Imperial Russo. Coronel de todas as armas imperiais russas, capitão de mar e guerra do Império Russo e Ataman dos Cossacos do Don. Príncipe do Império Russo. Membro do Conselho Imperial Russo. Adido militar extraordinário junto às potências aliadas, durante a guerra de 1914-1918. Portador de todas as condecorações do Império Russo, e condecorações de guerra da Inglaterra, França e Itália. Desde 1920 no Brasil, onde exerceu os cargos de secretario do The National City Bank of New York, em Santos; e diretor-gerente da Industria Stearica Paulista Ltd., em São Caetano. Autor de obras (em russo): "Rurik, fundador do Império Russo"; "Príncipes Dolgorukij"; e "Príncipes democráticos do Império Russo"; (em português): "Roberto Southey, sua vida e obra". Membro efetivo das seguintes instituições culturais: Instituto Histórico e Geográfico, Instituto Genealógico Brasileiro (onde é conselheiro), Sociedade Numismática Brasileira, Sociedade de Escritores Brasileiros, Sociedade de Estudos Filologicos Sociedade Hans Staden, todas de São Paulo; e Sociedade Nacional de Geografia, de Washington. Filho do Príncipe Dolgorukij Nicolai Paulo e da Princesa Imperial Dolgorukij N. P. Anastasia Romanoff. O Príncipe Igôr c. c. D. Dolgorukij I. Luiza, s. s. Ocupa proeminente posição de destaque entre os bibiofilos brasileiros, possuidor de admiravel bibliotéca composta de obras de arte, com exemplares únicos em Sul-América, uma rara brasiliana, obras de história e de literatura. Uma rara coleção de encadernações artísticas do seculo XVII-XVIII e modernas.

Digitized by Google

João de Almeida Leite Morais

Dr. João de Almeida Leite Morais, n. 27-I-1877 em Araraquara (S. Paulo). Fez o curso primário em Araraquara (1887 a 90), Ouro Preto, no Colegio Caraça (1891 a 94) e Poços de Caldas (1895); o secundário, na capital (S. Paulo) em 1902 e 1903; e o superior de 1903 a 1907, tambem em S. Paulo. Delegado de polícia e depois magistrado, aposentando-se em 1931. Filho do coronel João de Almeida Leite Morais, n. 8-V-1839, em Tietê, e de (c. 8-I-1859, em Araraquara) D. Luzia Corrêa da Rocha, n. 16-XI-1840, em Araraquara; n. p. de Joaquim de Almeida Leite Morais, n. XII-1793, em Porto Feliz, e de D. Isabel Rodrigues Silva, n. Tietê; n. m. do comendador Joaquim Lourenço Corrêa, n. 10-VIII-1811, em Tietê, e de D. Francisca Miquelina Leite Morais, tambem de Tietê. A 11-XI-1919, em Jaú, c. c. D. Letícia de Toledo Morais, n. 8-VII-1898, em Jaú, filha de José Corrêa de Morais e de D. Ana de Toledo Piza. Pais de: F1) D. Célia, n. 10-II-1921, em Jaú. F2) D. Ivone, n. 8-II-1921, em S. Paulo. F3) Mário, n. 13-VI-1925, em São Paulo. F4) D. Maria Lúcia, n. 19-VII-1930, em Mocóca.

Dr. Geraldo Bezerra de Menezes

Dr Geraldo Bezerra de Menezes, n. 11-VII-1915, em Niterói, onde fez todos os seus estudos, diplomando-se a 10-XII-1936, pela Faculdade de Direito, sendo o orador da turma. Professor da Faculdade Fluminense de Comércio, desde 1937; e presidente da Segunda Junta de Conciliação e Julgamento, do Distrito Federal. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro, do Inst. Bras. de Direito do Trabalho, da Ordem dos Advogados; presidente da Fed. das Congregações Marianas de Niterói. Colaborou: "Revista do Serviço Público", "O Estado" (de Niterói), "Jornal do Comércio", além das revistas especializadas de Direito Social. Publicou "Homens e Idéias à Luz da Fé" (1942); e "Política Sindical Brasileira" (1943), que tem recebido elogios unânimes; e vários discursos e conferências, publicados na Imprensa. São seus irmãos: Sara, Leandro, Raquel, Debora, João, Inácio, Maria, Cefas e Rute. (Vêr família "Bezerra de Menezes", no Anuário Genealógico Brasileiro). Filhos do dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, n. 23-IV-1867, em Paraíba do Sul, † 29-III-[illegible]5, em Niterói, e de

Digitized by Google

(c. 30-VI-1892, em Paraíba do Sul) D. Lucinda Montedonio, n. 9-II-1877, em Lisboa (Portugal); n. p. do dr. Leandro Bezerra Monteiro, n. 11-VI-1826, em Joazeiro, † 15-XI-1911, em Niterói, e de (c. 31-I-1852, em Sergipe) sua parenta D. Emereciana de Siqueira Maciel Bezerra, n. 9-XII-1830, no Engenho Serra-Negra (Sergipe), † 9-I-1887, na fazenda Santa Rosa, freguesia de Santo Antônio da Encruzilhada; n. m. do ator e cantor português João Batista Montedonio e de sua 3.ª esposa D. Ana Conceição Casquilho. O dr. Geraldo, a 18-II-1941, em Niterói, c. c. D. Odete Pereira, n. 25-XII-1919, em S. José d'Além Paraíba (Minas), filha de Francisco Machado Pereira e de D. Idalina. Pais de: F. 1) Angela, n. 21-III-1942; e Ana Maria, n. 20-VI-1943, ambas em Niterói.

Coronel Otávio Pires Coelho

Otávio Pires Coelho, n. 26-X-1875, em Pelotas (Rio G. Sul). Coronel de Cavalaria do Exército. Comandante dos Dragões da Independência, diretor da Cudelaria de Saycan, comandante do 4.º R. C. I. e do 12.º R. C. I. Foi Ajudante de Ordens do General Diretor de Artilharia e Cavalaria e Comandante da 1.ª Divisão de Cavalaria. Organizou uma Arvore Genealógica dos Coelhos, da cidade de Porto Alegre, catalogada no Instituto Histórico da mesma cidade. Membro do Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul e do Instituto Genealógico Brasileiro, sendo colaborador nas publicações deste. Colaborou na revista do Estado Maior do Exército e na imprensa do Rio G. Sul. O "Dever", jornal da cidade de Bagé, publicou uma conferência sua sobre a personalidade de Deodoro da Fonseca, por ocasião do centenário de seu nascimento. Filho de Catão Vicente Coelho n. 5-IV-1850 em S. Borja (Rio G. Sul), engenheiro agrimensor, † 3-III-1937, em Santa Maria (Rio G. Sul) e de (c. 24-I-1875, em Porto Alegre) D. Maria Venancia Simões Pires, n. 16-VII-1855, em S. Sepé (Rio G. Sul); n. p. de João Antônio Coelho, major da 2.ª linha, n. 29-VIII-1818, em Porto Alegre, onde † a 6-IV-1876, e de D. Matilde Palma, n. e † em S. Borja; n. m. de Joaquim Simões Pires, n. 1802, em Rio Pardo (Rio G. Sul), † 1864, em S. Sepé, capitão de 2.ª linha, e de D. Maria do Carmo Gonçalves, n. S. Sepé (prima-co-irmã do General Bento Gonçalves da Silva, chefe farroupilha). O coronel Otávio, a 10-XII-1906, no Rio de Janeiro, c.c. D. Marieta de Aguilar Pantoja, n. 27-XI-1883, no Distrito Federal (S. Cristovão), filha do engenheiro Jácinto Adolfo de Aguilar Pantoja, † 21-VI-1927. Pais de: 1) Jacinto, n. 27-XII-1907, no Distrito

Digitized by Google

1 Otávio Pires Coelho (Coronel de Cavalaria)

2 Catão Vicente Coelho (Engenheiro)

3 Maria Venancia Simões Pires

4 João Antônio Coelho (Major).

5 Matilde Palma.

6 Joaquim Simões Pires (Capitão).

7 Maria do Carmo Gonçalves, prima-co-irmã do General Bento Gonçalves da Silva, crefe farroupilha.

8 Antônio José Coelho.

9 Antônia Maria do Carmo.

10 José Palma (Cacique da Tribu dos Charrúas, que habitavam São Borja).

11

12 Sargento-mór Antônio Simões Pires.

13 Maria do Carmo Violante de Queiroz e Vasconcellos.

14

15

16 José Inácio Farinha.

17 Jacinta Inácia.

18 Francisco Gonçalves.

19 Apolonia Maria do Carmo.

20

21

22

23

24 Mateus Simões Pires.

25 Catarina Inácia Gonçalves Dias.

26 Alexandre Luiz de Queiroz e Vasconcelos.

27 Maria Eulalia Pereira Pinto, filha de Manuel de Oliveira Luiz e de Josefa Maria de Queiroz, esta filha do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, fundador do Rio Pardo.

28

29

30

31

Digitized by Google

Federal; 2) Alcides, n. 3-XII-1908, em S. Gabriel (Rio G. Sul); 3) Maria Venancia, n. 6-X-1909, no Distrito Federal, †; 4) Celina, n. 16-X-1911, no Distrito Federal, †; 5) Carmen, n. 4-X-1913, em Sant'Ana (Rio G. Sul); 6) Alvaro, n. 2-X-1914, em Sant'Ana; 7) Célia, n. 8-XI-1915, no Distrito Federal; 8) Carmelita, n. 19-III-1917, no Rio Pardo (Rio G. Sul); 9) João, n. 3-XII-1921, no Distrito Federal.

Manuel Pinto Moniz de Aragão — Natural da cidade de Sousa, na Paraíba do Norte, onde nasceu a 3-X-1911. Fez seus primeiros estudos em sua cidade de nascimento e seus estudos secundários na Capital da República. Comerciário. E' gerente de uma firma comercial. Filho de Franklin Pinto Moniz Barreto de Aragão e de D. Francisca Alves de Moura Pires de Aragão; n. p. de Antônio Francisco Pires de Carvalho e Aragão e de D. Delmira Alves Branco Moniz Barreto; n. m. de Clementino Trajano Pires de Carvalho e Aragão e de D. Francisca Alves de Moura. Casou-se em Rio de Janeiro, Distrito Federal com D. Mercedes Santos, filha de José dos Santos Jr. e de D. Umbelina Pereira. São seus filhos: Franklin Santos Moniz de Aragão, n. em 1939, no Rio de Janeiro e † no mesmo ano.

Manuel Pinto Moniz de Aragão

Dr. Mario D. Wanderley

Dr. Mario D. Wanderley, n. 11-XI-1893, em Porto Calvo (Alagoas). Fez seus estudos primários e secundários no Colegio Salesiano de Recife. Na Faculdade de Direito dessa cidade, formou-se em 10-XII-1915. Advogado. Membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Genealógico Brasileiro. Publicou: "Palavras dolorosas" (ficções romanticas); "Dialogos dos Abutres" (ficções sentimentais); "No Tempo da Força" (exaltações históricas); "Domingos Jorge Velho" (cronica dos Palmares); e "Imperatriz nunca serás" (romance). Filho do dr. Francisco Izidoro Rodrigues da Costa e de D. Maria de Albuquerque Lins. C.c. D. Benedita de Sá Barbosa.

Digitized by Google

Otavio Ferraz de Camargo Junior

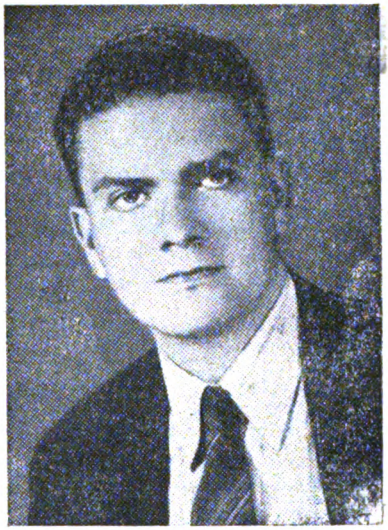
Otávio Ferraz de Camargo Junior, n. 11-XI-1909, em Mogi-Mirim (Estado de S. Paulo). Funcionário Bancário. Trabalhou no Banco Comercial do Estado de S. Paulo, sendo agora Inspetor de Filiais e Agências do Banco Nacional da Cidade de S. Paulo. Fundador e Diretor da Sociedade Radio Bandeirante e é membro do Instituto Genealógico Brasileiro. Filho de Otávio Ferraz de Camargo e de D Ana Flóra Penteado Cruz Ferraz de Camargo; n. p. de Manuel Ferraz de Camargo e de D. Maria Carolina de Barros Ferraz; n. m. do dr. Hipólito Ladislau Alves Cruz, advogado pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1881, e de D. Ana Leite Penteado Alves Cruz.

Dr. Plinio dos Santos Barroso

Dr. Plínio dos Santos Barroso, n. 3-11-1889, em S. Paulo. Estudou nos Ginásios Carmo e S. Bento, ambos em S. Paulo, onde se formou a 25-XII-1910 pela Faculdade de Direito. Foi advogado em Santos e São Paulo, sendo atualmente oficial do Registro de Imóveis da 1.ª Circunscrição de Santos. Membro do Instituto Genealógico Brasileiro, ex-presidente do Rotari Clube e do Tenis Clube, ambos de Santos; ex-diretor do Hospital S. José, em S. Vicente. Colaborou nas revistas "Miscelania" (1923); "Vida Moderna" (1924); "Rotari Brasileiro" (1934); e "Poliantéia do 1.º Congresso Brasileiro de Estudantes (1909); "Revista Academica" e "Onze de Agosto" (1908-9). Publicou: "Considerações sobre a Cláusula Penal" (1916) tése; "Marinha Portuguesa" (1932) discurso; "Cooperação" (1933), além de usar bom numero de folheto contendo arrazoados forenses. São seus irmãos (ver a família "Barroso", no Anuário Genealógico Brasileiro): Bartolomeu, Dalila, Lucilia, Armando, Maria Carlota, Luiz, Maria Luiza, Silvia, Elza, Flavio e Zilda. Filhos de Luiz Augusto Barroso, n. 25-XII-1857, em Matozinhos (Porto — Portugal), † 29-IX-1909, em S. Paulo (Brasil) e de (c. 22-IX-1877, em S. Paulo, Igreja da Consolação) D. Joaquina dos Santos, n. 22-X-1860, em Nazaré (S. Paulo), † 7-III-1909, em S. Paulo; n. p. do major do Exército Português, Bartolomeu Augusto Barroso, e de D. Maria da Luz Ferreira, portuguesa, † V-1909, em Lisboa; n. m.

Digitized by Google

de Joaquim Rodrigues dos Santos Sobrinho, n. 6-IX-1839, em Portugal, † 21-XII-1893, em S. Paulo, e de D. Maria Josefa dos Santos, n. 13-IX-1843, em Nazaré, † 12-I-1896, em S. Paulo. O dr. Plínio a 21-VI-1913, em S. Paulo, c.c. D. Idalva de Sousa Pereira, n. 7-XI-1892, filha de Francisco de Sousa Pereira, † 26-IV-1910, em S. Paulo, e de D. Manuela Dias de Sousa, † 3-VII-1925, em S. Vicente. Pais de: F. 1) Luiz Augusto, n. 18-V-1914, em S. Paulo, onde † 28-I-1930; F. 2) 6.ª Maria Flora, n. 1-V-1915, em S. Paulo, onde a 29-V-1939, c.c. dr. José Reinaldo Marcondes, — com uma filha: Maria Lúcia; F. 3) D. Maria Helena, n. 10-VIII-1916, em S. Paulo, onde a 12-V-1936, c.c. dr. Dario Sebastião de Oliveira Filho; pais de Edite Maria, Dario Sebastião e Plínio.



Pedro Robles y Chambers

Pedro Robles y Chambers, n. 24-VIII-1912, em Guayaquil (República do Equador), onde fez todos os seus estudos. Historiador e genealogista, publicou "Contribuición para el estudio de la sociedad colonial de Guayaquil", que lhe deu entrada como Membro do Centro de Investigações Históricas de Guayaquil, Instituto Genealógico Brasileiro, Instituto Argentino de Ciências Genealógicas. Membro: do Centro Vallecaucano de História e Antiguidades de Cali (Colombia); do Instituto Hispano-Americano de Relações Culturais (de Guayaquil); do Centro Histórico Larense (de Barquisimeto, Estado Lara, Venezuela); do Centro de Estudos Históricos e Geográficos de Azuay (Cuenca, Equador) e do Centro Boliviano de Guayaquil. Colaborou nos diários "El Telégrafo" decano da imprensa de Guayaquil; no "Universo" e "La Prensa"; na "Revista de la Universidad" e nos órgãos oficiais da municipalidade de Cuenca Guayaquil. Atualmente bancário, no Banco de Desconto de Guayaquil. Filho de Francisco Robles e Macias, n. 15-IX-1874, em Guayaquil, † 30-VI-1927, Consul da Argentina (1902), e de (c. 6-VI-1896) D. Simona Chambers e de Vivero, n. 24-IV-1977, em Guayaquil, onde † 28-VI-1914, benemerita da comunidade Salesiana, por esta distinguida com Diploma. N. p. de Inácio Robles e de Santistevão, n. 17-I-1839, em Guayaquil, onde † 14-VI-1915, Governador de Guayas, consul do México (filho do general Francisco Robles e Garcia, n. 1812, presidente da República do Equador em 1856) e de (c. 25-III-1870, em Guayaquil) D. Rafaela Macias de Treviño, n. 14-VII-1894, em Balzar (Guayaquil), † 21-IX-1906, no Havre; n. m. do capitão Geo Chambers Stocks, n. 1827, na Inglaterra, † 13-VII-

Digitized by Google

1899, em Guayaquil, consul de S. M. Britanica e de (c. 22-X-1865, em Guayaquil), D. Eufemia de Vivero Garaycoa, n. 12-V-1835, † 2-XII-1917.

Luciano de Almeida Ramos Nogueira

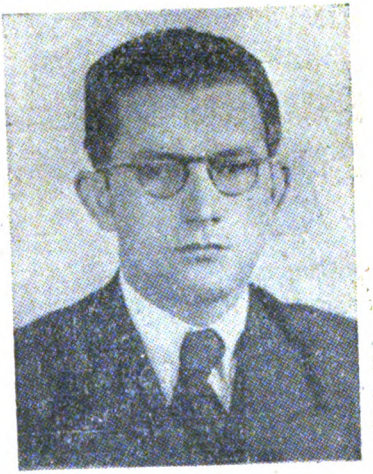
Luciano de Almeida Ramos Nogueira, n. 13-V-1873, na fazenda da Loanda (Bananal, Estado de São Paulo), sendo batizado a 21-IX, do mesmo ano, na fazenda Campo Alegre, freguesia do Espírito Santo (Barra Mansa, Estado do Rio). Coronel da Guarda Nacional. Fez o curso primário na fazenda Paineiras, continuando-os em Bananal. Em 1885, no Rio, cursou o colegio Alberto Brandão; em 1887, em Bananal, o colegio dr. Demetrio Colete; e em 1888, em Lorena, o colegio S. Luiz. De 1896 a 1899 foi supiente de delegado de polícia de Bananal, assumindo varias vezes o cargo. Em 1901 foi eleito vereador, sendo reeleito varias vezes. Ainda em Bananal ocupou os cargos de inspetor escolar, presidente da camara, prefeito municipal e presidente da Junta Militar, até 1909, em que assumiu o cargo de coletor federal, aposentando-se em 1937. Provedor da Santa Casa de 1923 a 1926; e de 1930 a 32. Em 1893 combateu, como voluntário, ao lado do governo legal. Fez parte sempre do Partido Republicano Paulista, até 1930, em que abandonou a política; por muitos anos foi presidente do partido em Bananal. Filho de Pedro Ramos Nogueira, n. 26-I-1852, † 19-VII-1888, coronel da Guarda Nacional; e de (c. 1870) sua prima D. Cândida de Almeida e Silva Nogueira, n. p. dos Barões de Joatinga; n. m. do capitão Manuel de Freitas e Silva e de D. Francisca de Almeida. O coronel Luciano c.c. sua prima D. Maria Joaquina de Almeida Gouvea, filha de Pedro Ramos Nogueira de Gouvea e de D. Amalia de Almeida e Silva. Filhos: F. 1) Guilherme, n. 21-IV-1901, † 1902; F. 2) Pedro, n. 30-X-1902, casado; F. 3) D. Maria Cândida, n. 21-III-1906, casada; F. 4) Eduardo, n. 25-X-1907; F. 5) Maria Luiza, n. V-1911, † 1912; F. 6) Otaviano, n. X-1913, † 1914; F. 7) Guilhermina, n. 21-VIII-1914, casada; F. 8) Luciano José, n. 29-VI-1916; e F. 9) Margarida, n. 31-III-1918, solteira

Pio Corrêa de Almeida Morais, n. 21-XI-1870, em Araraquara (E. Paulo), onde fez o curso primário e o curso secundário em Ouro Preto, em 1887 e 1888. Foi juiz de paz em Matão e Araraquara (1896 e 1899; c 1901 a 1905), Prefeito e Vereador da Camara durante esse período, eleito anualmente pelos seus pares. Tenente-coronel da Guarda Nacional. Filho do coronel João de Almeida Leite Morais n. 8-V-1839, em Tietê, e de (c. 8-1-1859), em Araraquara) D. Luzia

Digitized by Google

Pio Corrêa de Almeida Morais

Corrêa da Rocha n. 16-XI-1840, em Araraquara; n. p. de Joaquim de Almeida Leite Morais, n. XII-1793, em Porto Feliz, e de D. Isabel Rodrigues Silva n. Tietê; n. m. do comendador Joaquim Lourenço Corrêa, n. 10-VIII-1811, em Tietê; e de D. Francisca Miquelina Leite Morais, tambem de Tietê. A 7-IX-1893, em Araraquara, c.c. D. Juventina Borba, ali nascida a 17-VII-1873, filha do major Antônio Borba e de D. Lucrecia Xavier. Pais de: F. 1) Pio, n. 11-IX-1894, em Araraquara, † 11-VIII-1918. F. 2) Maria Rita, gemea, n. 1-V-1895, em Araraquara, † menor. F3) Maria Benta, gemea, n. I-V-1895, em Araraquara, † menor. F. 4) Sylvio Borba de Almeida Morais, 28-X-97. F. 5) Nair Borba de Almeida Morais, 28-V-900. F. 6) João n. 26-XI-1901 em Araraquara, † a 30 do mesmo mês e ano. F. 7) Iolanda, n. 11-I-1903, em Araraquara. F. 8) Lucí, n. 18-I-1905, em Araraquara. F. 9) Maria de Lourdes, n. 17-VII-1917, em Araraquara, † 21-IV-1918.

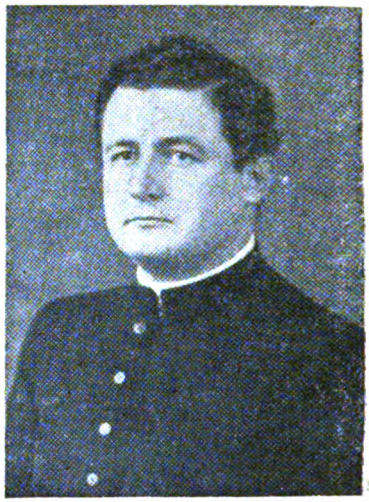


Sebastião Almeida Oliveira

Sebastião Almeida Oliveira — Natural de Monte Azul, São Paulo, onde nasceu a 8 de Março de 1904. Incansável estudioso das nossas coisas, da nossa história e da nossa gente. Colaborador de vários periódicos. Escreveu: "Expressões do Populário Sertanejo", "... de extraordinário mérito e "Garcia Redondo", e diversos ensaios de menor vulto. Socio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; da Sociedade de Etnografia e Folclóre de São Paulo; da Sociedade de Geografia, do Rio; do Centro de Estudos Arqueológicos, do Rio; da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, do Rio; da Sociedade Geográfica Americana, de Buenos Aires; da National Geographic Society, de Washington, do Pan Clube, do Rio, da Associação dos Escritores Brasileiros, alem de outras sociedades culturais. E' escrivão de paz e tabelião em Tanabí, neste Estado, ha 17 anos. Filho de José de Almeida Oliveira e de D. Augusta Antônia de Jesus, fazendeiros em Rio Preto. E' casado em 30-9-930 com D. Carmen Pargas de Oliveira.

Digitized by Google

Padre Pio José Busanello — Natural de Vasconcelos Filho, Município de Julio de Castilhos, onde nasceu a 13 de Outubro de 1904. Fez seus estudos primários na sua cidade natal. Seus estudos secundários foram feitos em S. Leopoldo. Cursou seus estudos superiores no Seminário Central S. Leopoldo, por onde se formou a 21-IX-1929. Já residiu em José Bonifácio, S. Leopoldo. E' atualmente Vigário, exercendo seu apostolado na cidade de Juí, no Rio Grande do Sul, desempenhando o cargo de Ministro Eclesiástico desde 22-I-1932. Filho de Luiz Antônio Busanello e de d. Teresa Lotto; n. p. de Pedro Busanello e de d. Luiza Botos; n. m. de Luiz Lotto. São seus irmãos: Mateus, †; Carlos, Angela, †; Luiz, †; Eduardo, Amabile, †; Adelaide, †; Amalia, Albina e Amelia.



Padre Pio José Busanello

Cônego Raimundo Trindade

Raimundo Otávio da Trindade, n. 20-XI-1883, em Furquim (Minas Gerais). Seus primeiros estudos foram no lar paterno e seus estudos secundários e superiores no Seminário de Mariana, de onde saiu a 4-IV-1908, quando se ordenou sacerdote. Foi vigário em Rio Doce, Limeira (Minas Gerais), em S. Domingos do Prata — Barra Longa e em Ponte Nova, onde foi eleito Presidente da Câmara Municipal, serviu o cargo apenas por 36 dias, exonerando-se logo. Quando no desempenho de Vigário de Barra Longa, nomeou-o cônego efetivo do Cabido Metropolitano o grande arcebispo Dom Silverio Gomes Pimenta. Promovido no governo do Exmo. Snr. Dom Helvécio Gomes de Oliveira a tesoureiro e a chantre. E' atualmente Diretor do Arquivo Eclesiástico e Secretário do Arcebispado de Mariana, desde 1924, com interrupção de 9 anos, reassumindo em IV-1940; e durante êste intervalo dirigiu o Ginásio "Dom Helvécio", em Ponte Nova. Publicou: "Semana Santa", "Monografia de Barra Longa", "Genealo-

Digitized by Google

gias Mineiras", "Efemérides da Arquidiocese de Mariana", "Arquidiocese de Mariana", "A Família Pontes", "A Família dos Andradas" e "Genealogias da Zona do Carmo", obras de incontestável e merecido valor. Filho de José Pereira da Trindade, †, e de sua prima carnal D. Maria Belmira da Trindade; n. p. de José Felizardo Pereira Guimarães, †, e de D. Maria Madalena da Trindade, †; n. m. de Francisco Ferreira da Trindade, † (irmão de sua avó paterna), e de D. Cornélia Belmiro Xavier, †. São seus irmãos: D. Maria Amélia da Trindade, José Pereira da Trindade Junior, D. Margarida Maria da Trindade, D. Maria Nazaré Trindade, D. Cecília Trindade, Domingos Trindade, D. Maria das Mercês Trindade e o Padre Geraldo Trindade.

Dr. Rafael Franco de Melo

Dr. Rafael Franco de Melo, n. 13-IV-1907, em S. Paulo. Solteiro. Formado em medicina em 31-X-1932. Membro de varias instituições culturais, entre elas fundador do Instituto Genealógico Brasileiro. Médico de nomeada em S. Paulo. Ex-interno por concurso do Hospital Pró Mater, serviço do Prof. Fernando de Magalhães, ex-interno da 3.ª enfermaria do Hospital S. Francisco de Assiz, clínica médica propedeutica serviço do Prof. Rocha Vaz, aperfeiçoado em psiquiatria pela clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro serviço do Prof. Henrique Roxo; ex-presidente da seção de Neurologia Psiquiátrica da Sociedade Academica de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro com curso de aperfeiçoamento de Urologia-Pediatria São seus irmãos: Raul, n. 31-VII-1910, médico, c.c. D. Charlotte Frank; e Rubens, n. 14-III-1919 advogado, c.c. D Lia Junqueira. Filhos do coronel Joaquim Franco de Melo, n. 27-XI-1880, † 9-XII-1937, em S. Paulo, fundador de cidade Lavinia, e de (c. 20-VI-1906) D. Lavina Dauntre Sales Leme, n. 9-IX-1885; n. p. de Rafael Silveira Melo, † 9-IX-1895, e de D. Ana Franco de Morais, † 2-II-1914; n. m. de José de Sales Leme, n. 11-IX-1852, † 31-IX-1930, em S. Paulo, fundador da cidade de Barra Bonita, e de (c. 1875) D. Winifrida Owlpen de Camargo Medella, n. 1857.

Laurenio Lago (Coronel honorário do Exército), n. 21-XII-1869, em Barra do Piraí (Rio). Fez seus estudos em Rezende, no Colegio S. Carlos e no Rio de Janeiro, nos Colegios Pedro II e Naval. Em 1895, por concurso foi nomeado amanuense da Secretaria de Estado da Guerra, onde galgou todos os cargos até o de diretor, — cargo em que está aposentado. Publicou os seguintes

Digitized by Google

trabalhos históricos: 1) O Marechal Salvador José Maciel; 2) A Secretaria de Estado da Guerra; 3) O Estado Maior General; 4) Medalhas e Condecorações Brasileiras; 5) Caxias na Numismática Brasileira; 6) Marechal Julio Anacleto Falcão da Frota; 7) Brigadeiros e Generais de Dom João VI e D. Pedro I, no Brasil; 8) Dados Biográficos dos Diretores da Secretaria de Estado da Guerra; 9) Dados Biográficos do Brigadeiro dr. Manuel Antonio Henrique Tota (e outros; 10) Marechal José Simeão de Oliveira; 11) O Ministério da Guerra em 1838 (biografia); 11) O Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro; 12) Marechal Graduado Inocencio Galvão de Queiroz; 13) Relação nominal dos generais efetivos do Exército Brasileiro; 14) Supremo Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal (biografias). Veja-se esta Revista Genealógica Brasileira, n.º 7, pg. 19. Filho de João Maria Lemos do Lago.

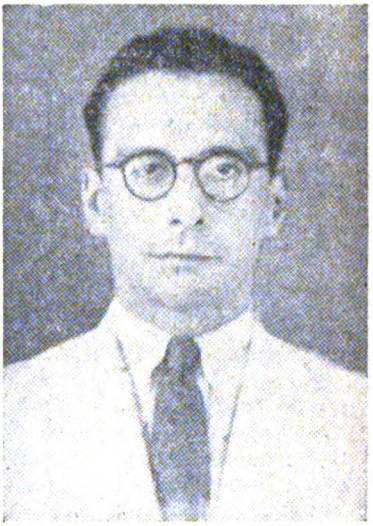
Coronel Laurenio Lago

Dr. Waldo Leite de Magalhães Pinto

Dr. Waldo Leite de Magalhães Pinto, n. 18 de julho de 1906, em Juiz de Fóra (Minas Gerais), magistrado. Foi promotor em Jacuí; juiz municipal em Araguarí e Curvelo; e juiz de direito em Monte Azul, Cristina e Machado. Estudou em Mar de Espanha e Belo Horizonte, formando-se pela Universidade dessa cidade, a 25-XII-1929. Filho do dr. Astolfo Leite de Magalhães Pinto, n. 19-II-1874, em Mar de Espanha, † 27-X-1911, promotor de Caldas e Juiz de Fóra, deputado estadual, e de (c. 1902, em Belo Horizonte), D. Antonia Luiza Monteiro de Barros, n. Vitória (Espírito Santo); n. p. do dr. Francisco Leite de Magalhães Pinto, n. Minas, e de D. Mariana Alexandrina de Sales Pinto, n. Além Paraíba (Minas), † 2-XI-1932; n. m. do dr. José Cesario de Miranda Ribeiro Monteiro de Barros, n. Minas, governador de Alagôas, senador constituinte, procurador geral do Estado do Espírito Santo, e de D. Maria José Ribeiro Monteiro da Silva. São irmãos do dr. Waldo: Ivon, n. 11-IV-1904, em Além Paraíba; Jerson, n. 11-X-1907; e Rute, n. 6-III-1909, ambos em Juiz de Fóra. O dr. Waldo, a 30-VII-1931, em

Digitized by Google

Guaranesia (Minas) c.c. D. Olga Proença de Alcantara Soares, n. 5-X-1911 em S. Sebastião do Paraiso (Minas), filha de José Bento Soares Junior e de D. Judite Proença de Alcantara. Pais de: Weber, n. 19-IV-1932, em Araguarí; Wanda, n. 18-IX-1937, em Cristina (Minas); e Wanderley, n. 25-IX-1938, tambem em Cristina.



Cap. dr. José de Araujo Fabricio

Capitão dr. José de Araujo Fabrício, n. 31-I-1903, em Porto Alegre, onde fez os estudos primários e secundários. Formou-se em 1925, no Rio de Janeiro. Médico do Exército. Genealogista, membro de varias instituições científicas e culturais, entre elas o Instituto Genealógico Brasileiro. Irmão de: Maria, n. 15-IV-1904, em Alegrete; Ilza, n. 15-VII-1905, em Barra do Ribeiro (Rio G. Sul); e Célia, n. 13-VII-1912, em Porto Alegre. Filhos do coronel Alcides de Oliveira Fabrício, n. 1-VII-1872, em Uruguaiana, e de (c. 1901, em Barra do Ribeiro) D. Maria das Dores de Araujo Ribeiro, n. 20-III-1882, em Barra do Ribeiro; n. p. de José Luiz Fabrício, n. 1829 em Uruguaiana, onde † 1884, e de D. Zelinda Martins de Oliveira, n. 1850, em Uruguaiana, † VIII-1934, no Rio de Janeiro; n. m. José Carlos de Araujo Ribeiro, n. 1838, em Barra do Ribeiro, onde † 1915, e de D. Josefina da Costa Ribeiro, n. 1840, em Barra do Ribeiro, † 1934 em Porto Alegre. O capitão dr. José de Araujo Fabrício, a 18-II-1928, em Porto Alegre, c.c. D. Jení Ribeiro Machado, n. 21-IX-1905, em Bagé (Rio G. Sul), filha de Ambrosio Vasconcelos Machado e de D. Olga Ribeiro. Pais de: F. 1) Vera Fabrício Machado, n. 19-XI-1928, no Rio de Janeiro; F. 2) Cléo Fabrício Machado, n. 17-I-1931, em Porto Alegre.

BIBLIOGRAFIA

Para a Biblioteca do Instituto Genealógico Brasileiro, recebemos e muito agradecemos os trabalhos seguintes. De muitos dêles oportunamente daremos uma notícia bibliográfica desenvolvida.

1) M. Nogueira da Silva — Bibliografia de Gonçalves Dias — Imprensa Nacional — Rio, 1942.

2) Anais do Itamaratí — Vols. VI e VII-II — Coleção Cisplatina — Imprensa Nacional — Rio, 1942. E' publicação do Ministério das Relações Exteriores, sendo a direção de Aurelio Porto. Constitue fonte utilíssima para o estudo da ocupação Cisplatina.

3) Écos Marianos — Revista Católica — Ano XVII-1943.

Digitized by Google

4) Jorge Godofredo Felizardo — A hora das Américas — Livraria Continente — Porto Alegre, s/d. — Discurso de paraninfo dos agrônomos da Universidade de Porto Alegre, feito por êsse nosso distinto consócio.

5) Revista Brasilera de Geografia — Rio de Janeiro — Os últimos números a partir de Julho-Setembro de 1942.

6) Cultura do Cafeeiro no Brasil — Estado do Paraná — Levantamento de 1940. Ensaio de uma corografia estatística — Rio, 1941.

7) Boletim del Centro de Investigaciones Historicas — Guayaquil. 1941 — Boa revista de história equatoriana.

8) Alberto Lamego — Terra Goitacá — Vol. V — Nitèrói, 1942. Reunião de páginas avulsas da história do Rio de Janeiro, ou mais propriamente, de Campos dos Goitacazes, escritas por êsse nosso erudito consócio.

9) Revista do Arquivo Municipal de São Paulo — Os últimos números a partir do n.º LXXXIV Bis — São Paulo, 1942. — E' das melhores revistas que conhecemos no gênero.

10) Geraldo Cardoso de Melo — O Barão de Mambucaba — Piracicaba, 1943 — Estudo genealógico dêsse nosso prezado consócio e sôbre o qual oportunamente faremos uma apreciação, pois o seu autor é dos mais competentes no assunto.

11) Boletim do Departamento Estadual de Estatística — São Paulo, 1942-1943 — Os últimos números a partir do n.º 9.

12) Anais da Sociedade Brasileira de Filosofia — Rio, 1942 — Ano II — N.º 2.

13) Subsídios para a história da educação brasileira — Boletins n.ºs 17 e 18 do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — I, 1940 — II, 1941 — Esta contém as efemérides do ensino no Brasil — Rio, 1942.

14) O Bi-Centenário da Colonização de Porto Alegre — Rio, 1941 — Excelente trabalho do nosso consócio general Sousa Docca.

15) Paranhos Antunes — Charles Mauras e a Action Française — Recife — 1942.

16) Caça e Pesca — Os últimos números desta magnífica revista no gênero, que vem cumprindo galhardamente a sua finalidade — N.º a partir de Janeiro de 1943.

17) Revista do Instituto de Geografia do Rio de Janeiro — Agôsto 1942 — Traz um desenvolvido artigo de Adolfo Morales de los Rios sôbre "Tropas no Rio de Janeiro e no Brasil até metade do século XIX", no qual vem larga descrição das Ordens Militares do Brasil. Também uma biografia do marquês de Barbacena, trabalho do nosso consócio sr. Sousa Docca e um brasão das armas do biografado, desenho do sr. Loureiro.

18) Bosquejo histórico de Bom Jesus do Amparo — Juiz de Fóra — Minas Gerais — 1942.

19) Nação Armada — Os últimos números dessa excelente revista de assuntos militares, a partir dos volumes 39 — 4.º ano.

20) Caxias — Bela conferência do nosso consócio general Sousa Docca — Rio, 1940.

21) Estudos Brasileiros — Os últimos números dessa bem feita revista a partir do n.º maio-julho de 1942.

22) Poetas Norte-Americanos — Prólogo de Gastão Figueira — Rio, 1942.

23) Biblioteca da Academia Carioca de Letras — Cadernos n.ºs 1 e 2. — Gráfica Sauer — Rio, 1942. — O 1.º trata de Moacir de Almeida e o 2.º de Raul Pederneiras — Trabalhos de J. Paula Medeiros e Cumplido Sant'Ana.

24) Rodolf Bölting — Dicionário Greco-português — Imp. Nac. Rio, 1941.

25) Boletim do Inst. Hist. do Ceará — N.º 6 — Trata de Capistrano de Abreu.

26) Francisco Antônio Lopes — História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto — Rio, 1942. Excelente trabalho sôbre a arte brasileira.

27) Arquivos do Museu Paranaense — Vol. II — Curitiba, 1942.

28) Diego Dublé y Rutia — Memoria genealogica de la familia Dublé — Satniago, 1942. — Bom trabalho genealógico, impresso em papel de luxo, com ótimas fotografias de retratos.

29) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Os últimos números a partir do n.º 3. Essa revista é das melhores que conhecemos no gênero — Rio, 1939.

(Continua na pg. 523)

Digitized by Google

1 Dr. Manuel Xavier Paes Barreto, n.º 4-IV-1841, † 3-I-1900, c. c. d.ª Maria Ridolfi (Paiz do desembargador Carlos Xavier Paes Barreto).

2 Coronel Manuel Xavier Paes Barreto, n. 27-I-1808, † 24-VI-1879

3 Margarida Francisca Paes de Melo (2.ª) c. c. seu tio

4 Coronel Francisco Xavier Paes de Melo (2.º) n. 14-IV-1764, † 10-II-1835.

5 Maria Rita Wanderley c. c. seu primo-irmão.

6 Capitão José Luiz Paes de Melo

7 Margarida Cândida Paes de Melo (2.ª).

8 Mestre de Campo e Cap.-mór José Luiz Paes de Melo (1.º), n. 1740.

9 Ana Florência da Conceição Wanderley.

10 General Francisco Xavier Paes de Melo (1.º).

11 Ana Rita Mauricia Wanderley.

12 Coronel Francisco Xavier Paes de Melo (2.º) n. 4.

13 Maria Rita Wanderley, n. 5.

14 José de Barros Pimentel, (3.º).

15 Margarida Francisca Paes de Melo (1.ª).

16 Capitão João Paes Barreto de Melo (2.º). 3 3

17 Inez Brites Xavier Barreto. 3 3

18 Capitão Sebastião Lins Wanderley. 3 3

19 Maria de Barros Wanderley. 3 3

20 Capitão João Paes Barreto de Melo (2.º) n.º 16. 4 4

21 Inez Brites Xavier Barreto, n.º 17. 4 4

22 Manuel de Barros Wanderley. 4 4

23 Maria Lins (5.ª). 4 4

24 José Luiz Paes de Melo (1.º), n.º 8. 4 4

25 Ana Florência da Conceição Wanderley, n.º 9. 5 5

26 General Francisco Xavier Paes de Melo (1.º), n.º 10. 5 5

27 Ana Rita Mauricia Wanderley, n.º 11. 5 5

27 Fernão Pereira do Rego. 5 5

29 Engracia Maria Rita de Barros. 5 5

30 José Luiz Paes de Melo (1.º), n.º 8. 6 6

31 Ana Florência da Conceição Wanderley, n.º 9. 6 6

Digitized by Google

2 Sargento-mór João Paes Barreto (4.º).

3 Rosa Mauricia Wanderley.

4 João Paes Barreto, morgado.

5 Maria Maior de Albuquerque.

6 Cap. José de Barros Pimentel (2.º).

7 Isabel de Almeida Wanderley.

8 Cap. Sebastião Lins.

9 Inácia Vitória Barros Wanderley.

10 Sargento-mór Cristovão Paes Barreto, n.º 32.

11 Rosa Mauricia Wanderley, n.º 33.

12 Morgado João Paes Barreto, n.º 34.

13 Maria Maior de Albuquerque, n.º 35.

14 Cristovão da Rocha Wanderley.

15 Feliciana Melo e Silva.

16 Manuel Coelho Nigromante.

17 Adriana Wanderley.

18 João Paes Barreto de Melo (2.º), n.º 16.

19 Inez Brites Xavier Barreto, n.º 17.

20 Capitão Sebastião Lins Wanderley, nº 18.

21 Maria de Barros Wanderley, n.º 19.

22 João Paes Barreto de Melo (2º) nº 16.

23 Inez Brites Xavier Barreto, n.º 17.

24 Manuel de Barros Wanderley, n.º 22.

25 Maria Lins (2.ª), n.º 23.

26 Cap. Fernão Pereira do Rego (4.º)

27 Inez de Almeida Pimentel.

28 Capitão Cosme Damião de Barros.

29 Maria Joséfa Fernandes Caldas.

30 João Paes Barreto de Melo (2.º), n.º 16

31 Inez Brites Xavier Barreto, n.º 17.

32 Sebastião Lins Wanderley, n.º 18.

33 Maria de Barros Wanderley, n.º 19.

64 Cap. João Paes de Melo (1.º)
65 Margarida Alves de Castro.

66 Cap. João Mauricio Wanderley.
67 Maria Rocha.

68 Cap. Estevão Paes Barreto, morgado.
69 Maria Barreto Albuquerque.

70 Coronel José de Sá Albuquerque.
71 Catarina de Albuquerque.

72 Cap. José de Barros Pimentel (1.º).
73 Maria Acioli.

74 Capitão João Mauricio Wanderley n.º 66.
75 Maria Rocha, n.º 67.

76 Cristovão Lins.
77 Adriana Wanderley.

78 Cap. João Batista Acioli.
79 Maria de Barros Wanderley (1.ª).

80 Cap. João Paes Barreto de Melo (1.º), n.º 64.
81 Margarida Alves de Castro, n.º 65.

82 Cap. João Mauricio Wanderley, n.º 66.
83 Maria Rocha, n.º 67.

84 Cap. Estevão Paes Barreto, morgado, n.º 68.
85 Maria Barreto Albuquerque, n.º 69.

86 Coronel José de Sá Albuquerque, n.º 70.
87 Catarina de Albuquerque, n.º 71.

88 Cap. João Mauricio Wanderley, n.º 66.
89 Maria Rocha, n.º 67.

90 Cap. Feliciano Melo e Silva.
91 Brites de Barros Rego.

92 Francisco Coelho Nigromante.
93 Brasilia Monteiro.

94 João Mauricio Wanderley, n.º 66.
95 Maria Rocha, n.º 67.

96 Cristovão Paes Barreto, n.º 32.
97 Rosa Mauricia Wanderley, n.º 33.

98 João Paes Barreto (5.º), n.º 34.
99 Maria Maior de Albuquerque, n.º 35.

100 José de Barros Pimentel (2.º), n.º 36.
101 Isabel de Almeida Wanderley, n.º 37.

102 Sebastião Lins, n.º 38.
103 Inácia Vitória Barros Wanderley, n.º 39.

104 Cristovão Paes Barreto, n.º 32.
105 Rosa Mauricia Wanderley, n.º 33.

106 João Paes Barreto, n.º 34.
107 Maria Maior de Albuquerque, n.º 35.

108 Cristovão da Rocha Wanderley, n.º 44.
109 Feliciana Melo e Silva, n.º 45.

110 Manuel Coelho Nigromante, n.º 46.
111 Adriana Wanderley, n.º 47.

112 Paulo de Amorim Salgado.
113 Francisca Acioli.

114 Rodrigo de Barros Pimentel (2.º).
115 Cosma Lins.

116 Coronel José de Barros Pimentel (2.º) n.º 36.
117 Isabel de Almeida Wanderley, n.º 37.

118 Vasco Marinho Falcão (3.º).
119 Rosa Manelli.

120 Cristovão Paes Barreto, n.º 32.
121 Rosa Mauricia Wanderley, n.º 33.

122 João Paes Barreto, n.º 34.
123 Mauricia Maior Albuquerque, n.º 35.

124 José de Barros Pimentel (2.º) n.º 36.
125 Isabel de Almeida Wanderley, n.º 37.

126 Sebastião Lins, n.º 38.
127 Inácia Vitória Barros Wanderley, n.º 39.

Digitized by Google

1 Dario Machado Oliveira

2 João Machado Oliveira, n. 21-IV-1875, em Santa Barbara

4 José Machado de Campos
c. em Limeira

8 Inácio Antônio de Olivei
ra, irmão de Francisca de
Paula Leite, n.º 11.

Antônio de Oliveira.
gas Maria.

tião de Sousa Paes de Campos.
de Arruda Cabral.

Vaz Justiniano.
de Arruda.

Vaz Celestino.
Almeida Paes.

9 Ana Francisca.

Machado do Prado.
sa de Toledo.

o, o mesmo de n.º 42.
a mesma de n.º 43.

Pedroso da Silva.
Jesus do Prado.

ião, o mesmo de n.º 66.
a mesma de n.º 67.

5 Rita Maria
c. em Limeira

10 João Machado de Toledo,
irmão por pai de Ana
Francisca, n.º 9.

lau Furquim Pedroso.
Campos.

de Oliveira d'Horta.
Pedroso de Jesus.

11 Francisca de Paula Leite.

3 Mariana Batalha, n. 5-VI-1887, em Santa Barbara

6 Alexandre Batalha
n. 1841, na Suiça.
c. 1879, em Rio Claro

12 João Batalha, n. Suiça.

13 Maria Freyer, n. Suiça.

7 Madalena Peter, n. 1859,
em Rio Claro
c. 1879, em Rio Claro

14 Cristiano Peter, n. Suiça.

15 Ana Lantenschlager, n.
Suiça.

Digitized by Google

zen- Tin- 32 José Luiz dos Santos, n. Portugal.
33 Inácia Maria do Rosário, n. Borda do Campo.

eck, 34 Inácio de Souza Werneck, n. 25-VII-1742 - † 2-VII-1822 - Sargento-mór.
35 Francisca Lauriana das Chagas, n. 24-IV-1746, † 20-X-1811, do Rio.

Ilha 36 Francisco Machado, N. Ilha Terceira.
37 Maria das Candeias, N. Ilha Terceira.

Bor- 38
39

zen- Tin- 40 Ver n.º 32.
41 Ver n.º 33.

eck, 42 Inácio de Souza Werneck, n. 25-VII-1742 † 2-VII-1822, Sargento-mór.
43 Francisca Lauriana das Chagas, n. 24-IV-1746, † 20-X-1811, do Rio.

em 44 Manoel de Azevedo Ramos, c. c. sua prima-irmã.
45 Ana Maria Werneck, n. 25-III-1743.

Vas- 46
47

715 48 Jochen Klöres, de Wustrow.
49

n. 50 Hans Lüneborg, de Wustrow.
51

n. de 52 Johann Pogenter, n. 24-II-1681, em Lübeck.
53 Margarethe Fhencke, n. 22-VI-1683 em Lübeck.

24, 54 Johann Kantzler.
55

em 56
57

em 58
59

60
61

62
63

64
65

66
67

68 Manoel de Azevedo Matos.
69 Antonia Ribeiro do Pilar Werneck.

70 Francisco das Chagas Monteiro.
71 Isabel Maria da Vizitação.

72
73

74
75

76
77

78
79

80 Manoel de Azevedo Matos.
81 Antonia Ribeiro do Pilar Werneck.

82
83

84 Ver n.º 68.
85 Ver n.º 69.

86 Ver n.º 70.
87 Ver n.º 71.

88 Manoel de Azevedo Matos.
89 Antonia Ribeiro do Pilar Werneck.

90 Fabião Pereira de Azevedo.
91 Angela de Souza Werneck.

92
93

94
95

96
97

98
99

100
101

102
103

104 Claus Pogenter, n. 1630 em Lübeck.
105 Ana Köster.

106
107

108
109

110
111

112
113

114
115

116
117

118
119

120
121

122
123

124
125

126
127

Digitized by Google

1 José de Araujo Fabricio

2 Alcides de Oliveira Fabricio

4 José Luiz Fabricio 1829-1884

8 Frederico Fabricio.

9 Catarina Roth.

5 Zelinda Martins de Oliveira 1850-1934

10 Bernardino Martins de Oliveira.

11 Cândida de Barros Leite.

3 Maria das Dores de Araujo Ribeiro

6 José Carlos de Araujo Ribeiro 1838-1915.

12 Francisco das Chagas de Araujo 1795-1851.

o Meleiro.
Gomes.

sco Xavier de Azambuja.
Menezes.

gos Araujo.
la Guterres.

le Morais.
de Menezes.

13 Clara Carolina de Araujo - 1812-1892.

Borges da Silva.
Francisca Vaz da Silveira.

gos de Araujo.
a Guterres.

gos Ribeiro da Cunha.
Pacheco.

7 Josefina da Costa Ribeiro 1840-1934.

14 Manuel Rodrigues Ribeiro 1801-188 .

Gonçalves Meireles.
da Costa Barbosa.

Rodrigues Mendes.
Barbosa Rangel.

Lopes Guimarães.
a Seria.

15 Ana Eulalia da Costa - 1808 -

Meleiro.
Gomes.

co Xavier de Azambuja.
enezes.

Digitized by Google

32 Capitão Antônio Raposo Leme, † 1744.
33 Luzia Machado Leme, 2.ª, 1732 - S. L., VI, 329-445.

34

35

36 Pedro Rodrigues de Almeida Leal, português.
37 Isabel da Silva Leme.

38 Antônio Rodrigues Pinto.
39 Ana Joaquina da Conceição, † 1814.

40 Pedro Rodrigues de Almeida Leal, nº 36
41 Isabel da Silva Leme, n.º 37.

42 Antônio Rodrigues Pinto, n.º 38, c. no Turvo (Aiuruoca), 25-XII-1767).
43 Ana Joaquina da Conceição, n.º 39.

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56 Pedro Rodrigues de Almeida Leal, nº 36
57 Isabel da Silveira Leme, n.º 37.

58 Antôni oRodrigues Pinto, n.º 38.
59 Ana Joaquina da Conceição, n.º 39.

60

61

62

63

64 Manoel Moniz Pereira, português, † Taubaté, 1696.
65 Maria Raposo Barbosa (S. L., VI, 328).
66 Capitão Roque Bicudo Leme, n. Guaratinguetá, † em 10-1 1751 (S. L. VI, 443).
67 Ana Vieira de Barros (S. L., VII, 202).

68

69

70

71

72

73

74 Capitão Pedro da Silva Góes.
75 Catarina Leme do Prado (Geneal. Paulistana, VI, 433).

76

77

78 João Garcia.
79 Ana Maria.

80

81

82 Capitão Pedro da Silva Góes, n.º 74.
83 Catarina Leme do Prado, n.º 75.

84 José Rodrigues.
85 Maria dos Santos.

86 João Garcia.
87 Ana Maria de Oliveira.

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114 Capitão Pedro da Silva Góes, n.º 74.
115 Catarina Leme do Prado, n.º 75.

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

Digitized by Google

1 Manoel Pinto Moniz de Aragão

2 Franklin Pinto Moniz Barreto de Aragão, n. 1863 em Souza - Paraíba do Norte - † 1935

64 Antônio Francisco Pires de Carvalho e Aragão, n. 1835 em Santo Amaro - Bahia e † 1915.

8 José Francisco Pires de Carvalho e Aragão, 1803, Bahia e † 1879.

estre de Campo José Pires de Carvalho e
buquerque.
onor Pereira Marinho.
guel dos 9njos Pires de Aragão, n. Bahia
37 e † 1825.
bel Juaquina Corrêa de Aragão.
tônio Vasqueanes Camello de Aragão, n.
hia 1730 e † 1794.
efa da Cunha Menezes.
é da Rocha Pitta Deus-dará, n. Bahia em
32 e † 1800.
aria da Costa Lima.
lson Ribeiro Teles de Menezes.
ncisca Alvares Lapenha.

9 Clementina Moniz Barreto de Aragão e Menezes, n. 1810 - Bahia e † 187

aldo Bezerra de Menezes.
eria da Gloria Lemos.
tônio Corrêa de Sousa e Aragão Menezes.
ancisca Moniz Barreto de Góes Araujo.
. Alberto Xavier Lopes de Souza.
rieta Moniz Garcia de Aragão, n. Bahia em
31 e † 1799.

5 Delmira Alves Branco Moniz Barreto, n. 1838 em Bahia e † 1873.

10 Domingos Alves Branco Moniz Barreto, n. Bahi † 1895.

onel Julio Alberto de Menezes.
genia Cardoso Teles de Menezes.

pitão Francisco da Silva Holanda Caval-
ti. n. 1731 e † 1802.
alia Dutra de Góes Araujo, n. Bahia 1729
1800.

11 Maria Cavalcanti de A
buquerque, n. 1808
Pernambuco e † 1894.

3 Francisca Alves de Moura Pires de Aragão, n. Cajazeiras - Paraíba do Norte em 1873 e † 1927

7 Francisca Alves de Moura, n. 1863 em Paraíba do Norte e † 1901.

6 Clementino Trajano Pires de Carvalho e Aragão, n. 1837 em Santo Amaro - Bahia e † 1898.

12 José Francisco Pires Carvalho e Albuquerque, n. 1803 - Bahia e † 187

stre de Campo José Pires de Carvalho e
uquerque.
sor Pereira Marinho.
guel dos Anjos Pires de Aragão, n. Bahia
7 e † 1825.
uel Juaquina Corrêa de Aragão.
ônio Vasqueans Camello de Aragão, n. Ba-
1730 e † 1794.
efa da Cunha Menezes.
é da Rocha Pitta Deus-dará, n. Bahia em
2 e † 1800.
ria da Costa Lima.
son Ribeiro Teles de Menezes.
ncisca Alvares Lapenha.

13 Clementina Moniz Barreto de Aragão e Menezes, n. 1810 - Santo Amaro Bahia e † 1873.

aldo Bezerra de Menezes.
eria da Glória Lemos.
ônio Corrêa de Sousa e Aragão Menezes.
ncisca Moniz Barreto de Góes Araujo.
. Alberto Xavier Lopes de Souza.
rieta Moniz Garcia de Aragão.

14 Dr. Paulo de Lima Alv de Moura, n. 1805 Cajazeiros - Paraíba Norte e † 1885.

rio Peixoto Ramos de Lemos.
nor Lemos de Brito.

erto da Cunha Lopes Galvão, n. Currais
os 1725 e † 1801.
mentina Francisca de Souza Galvão.

15 Maria Lopes Galvão, 1806 - Currais Novos Rio Grande do Norte † 1887.

uina Fernandes Carrilho do Rego Barros,
1730 e † 1800.
ia da Silva Carrilho, n. Ceará-Mirim em
9 e † 1798.

Digitized by Google

753, 32 Pedro Dias Ferraz, n. 1694, † 1757, c. 1725.
33 Maria Pais de Campos (ou Maria Dias Leite).

34 Francisco Gonçalves de Oliveira (português).
35 Francisca de Siqueira Morais.

36 José de Camargo Pais.
37 Barbara Pais de Barros.

38 Antônio Gonçalves de Barros.
39 Rita Pompeu Pais.

es. 40 José de Sampaio Góes.
41 Ana Ferraz.

42 Sargento-mór Domingos Dias Leme.
43 Isabel de Lara e Morais.

44 João Leite Penteado.
45 Ana de Arruda.

46 Francisco de Campos Pires.
47 Maria de Campos Almeida.

de 48 Cap.-mór Antônio Galvão de França
ão). 49 Isabel Leite de Barros.

50 Antônio Corrêa de Lemos.
51 Clara de Miranda.

Pe- 52 João de Almeida Pedroso.
53 Gertrudes Ribeiro.

os. 54 José Gonçalves de Barros.
55 Ana de Arruda Leite.

56 Fernão Pais de Barros.
57 Angela Ribeiro Leite.

58 José Gonçalves de Barros.
59 Maria Dias Leite (1.ª m.).

Pe- 60 João de Almeida Pedroso.
61 Gertrudes Ribeiro.

ros, 62 José Gonçalves de Barros.
63 Ana de Arruda Leite (2.ª M.).

64 Cap. Pedro Dias Leite (n. S. Paulo, Juiz em Itú 1715).
65 Antonia de Arruda.

66 João Paes Rodrigues.
67 Margarida Antunes Bicudo.

68 Pedro Gonçalves (espanhol).
69 Maria Pires Oliveira (portuguesa).

70 Cap. José de Almieda Lara.
71 Mariana de Siqueira Morais.

72 Tomaz Lopes de Camargo.
73 Paula Costa.

74 Antônio Rodrigues Penteado.
75 Rosa Maria da Luz Prado.

76 Cap. Francisco Gonçalves Oliveira.
77 Maria Dias de Barros.

78 José Pompeu Paes.
79 Francisca de Arruda Leite.

80 Cap. André de Sampaio Botelho.
81 Inácia Góes.

82 Pedro Dias Ferraz (n.º 32)
83 Maria Paes de Campos (n.º 33).

84 Cap.-mór José Dias Ferreira (port.)
85 Maria Leme do Prado.

86 Luiz Castanho de Almeida.
87 Francisca Soares de Araujo.

88 Cap. André de Sampaio Botelho.
89 Maria Leite da Escada.

90 José Pompeu Paes.
91 Francisca Arruda Leite.

92 Matias de Campos.
93 Margarida Silva e Morais.

94 Felipe de Campos Bicudo.
95 Isabel de Arruda.

96 Manuel de França (port.)
97 Agueda Maria (port.).

98 Gaspar Leite Corrêa.
99 Maria Leite Pedroso.

100 Antônio Corrêa de Lemos.
101 Mariana da Luz Prado.

102 Pascoal Leite Penteado.
103 Luzia Leme de Barros.

104 José de Barros Bicudo Leme.
105 Inácia de Góes Castanho Taques.

106 André de Sampaio Botelho.
107 Maria Leite da Escada.

108 Francisco Gongçalves Oliveira.
109 Maria Dias de Barros.

110 Antônio Bicudo de Barros.
111 Josefa de Arruda.

112 Manoel Corrêa Penteado.
113 Beatriz de Barros.

114 Francisco Leite Ribeiro.
115 Maria Cerqueira Paes.

116 Francisco Gonçalves Oliveira.
117 Maria Dias de Barros.

118 Pedro Vaz Justiniano.
119 Isabel de Arruda.

120 José de Barros Bicudo Leme.
121 Inácia de Góes Castanho Taques.

122 André de Sampaio Botelho.
123 Maria Leite da Escada.

124 Francisco Gonçalves de Oliveira.
125 Maria Dias de Barros.

126 Antônio Bicudo de Barros.
127 Josefa de Arruda.

Digitized by Google

1 Pedro Robles y Chambers, n. 24-VIII-1912, em Guayaquil (Equador)

2 Francisco Robles Macias, n. 15-IX-1874, † 39-VI-1927. Consul de Argentina

3 Simonia Chambers y de Vivero, n. 24-IV-1877, em Guayaquil, † 28-VI-1914

4 Inácio Robles Santistevan, n. 17-I-1839, em Guayaquil, onde † 14-VI-1915. Governador de Guayas. Consul do México.

5 Rafaela Macias de Treviño, n. 14-VII-1849, em Balzar (Guayaquil) onde casou-se a 25-III-1870. † 21-IX-1906. Havre.

6 Cap. Geo Chambers Stocks, n. 1827, † 13-VII-1899, em Guayaquil. Consul de S. M. Britânica.

7 Eufemia de Vivero Garaycoa, n. 12-V-1835, † em 2-XII-1917, c. 22-X-1865, em Guayaquil.

8 General Francisco y Garcia, n. 5-V-1[illegible] Guayaquil. Presidi[illegible] República, 1856.

9 Carmem de Santi[illegible] de Aviles, n. 3-V-1[illegible] Daule, † 30-II-1[illegible] Guayaquil.

10 Miguel Maria de [illegible] Pacheco, n. 18[illegible] em Baltar, onde [illegible] 10-I-1853.

11 Joana de Trevi[illegible] teau, n. 13-VIII-[illegible] Baltar, onde se [illegible] 27-XII-1818, [illegible] 1883, em Gua[illegible]

12 Frederick Cha[illegible] D. J. P. n. 1[illegible] em Inglaterra, 1884, em Marga[illegible] of Margatte 18[illegible]

13 Ana Stocks, † [illegible] em Margatte.

14 Dr. Luiz Fern[illegible] vero Toledo, a[illegible] em Pujili, † [illegible] em Guayaqui[illegible]

15 Francisca de [illegible] Llaguno, n. 3[illegible] Guayaquil, o[illegible] 28-XI-1872.

4 Cap. João de Robles Afonso - Sánchez de Zea
5 Rosalia de Herrera - Campusano Castro.

6 Cap. João Pacheco Ramirez de Arellano.
7 Ana de Noboa Telles de Menezes.

8 Carlos Garcia Doblado.
9 Manuela Coutinho Falco.

0 Tomaz Coronel Bazan.
1 Ana de Unzueta Alvares de Aviles.

2 Cap. Domingos de Santistevão Moran de Butron.

3 Jacinta Ruiz - Cano Ramirez de Arellano.

4 Fernando de Olvera e Montoya.
5 Ana de Castro Goyonete.

6 Cap. Nicolas Alvares de Aviles Aguirre.
7 Manuela del Castillo - Navarro Navarrete.

8 Cap. Vicente Carbo de Cerezo.
9 Manuela de Unzueta Alvares de Aviles.

0
1

2
3

4 Cap. José Antônio Pacheco Noboa.
5 Joana Tomasa Crespo Lozano - Palacios.

6 José Roza de Lima e Solis.
7 Joana Maria de Herrera Campusano Ramirez Arellano.

8 Gabriel de Treviño.
9 Margarida Carcamo.

0
1

2 Julião de Barboteau.
3 Francisca Rabreate.

4
5

6
7

8
9

0
1
2
3

4
5

6
7

8
9

10
11

12 José de Vivero.
13

14
15

16 Luiz Fernando de Toledo.
17 Ana Maria de Vivero e Noboa.

18 José Gonçalo de Vela Pirro y Oña
19 Maria de Soto y Ortega.

20
21

22
23

24 Antônio de Llaguno.
25 Francisca de Larrea.

26 Cap. Miguel de Labayen Iriarte.
27 Ana de Santistevão Moran de Butron.

Digitized by Google

Francisco Corrêa de Morais - v. 2.º 378.	64	Simião Corrêa de Lemos e Morais.
Inez Cordeiro Monteiro, v. 6.º 467 - Bicudos.	65	Isabel da Silva Pinto.
	66	Antônio Freire Farto.
	67	Ana Luiz de Faria.
Antônio de Anhaia Lobo - v. 4.º 410 - Almeida	68	Antônio de Barros Freire.
Ana Cardoso, v. 6.º 410 e 5.º 242.	69	Isabel de Anhaia.
	70	João Gonçalves de Aguiar.
	71	Maria Leite de Miranda.
Antônio de Almeida Falcão - Mestre de Campo- v. 2.º 313.	72	Cap. mór Fernando Dias Falcão.
Gertrudes de Arruda, 2.º 313 e 4.º 124 - Arrudas.	73	Lucrecia Pedroso de Barros.
	74	Pascoal de Arruda Botelho.
	75	Michaela Corrêa.
Marcelino Pinheiro de Almeida, v. 5.º 26	76	Batista Maciel de Almeida.
	77	Josefa Pinheiro Cardoso.
Joana Bicudo Aranha.	78	João Aranha Sardinha.
	79	Tereza Bicudo.
José Rodrigues - Notas Genealógicas - pág. 8.	80	
	81	
Domingas Gonçalves.	82	
	83	
Antônio Luiz Coelho (português) v. 5.º 242 e 252.	84	José Lins.
Maria Leite de Miranda.	85	Maria da Silva.
	86	João Gonçalves de Aguiar.
	87	Maria Leite de Miranda.
Francisco Corrêa de Morais.	88	Simão Corrêa de Lemos e Morais.
Inez Cordeiro Monteiro, v. 6.ª, 467 - Biandos.	89	Isabel da Silva Pinto.
	90	Antônio Freire Farto.
	91	Ana Luiz de Faria.
Antônio de Anhaia Lobo.	92	Manoel de Barros Freire.
	93	Isabel de Anraia.
Ana Cardoso.	94	João Gonçalves de Aguiar.
	95	Maria Leite de Miranda.
Tomaz Corrêa de Morais.	96	Francisco Corrêa de Morais.
	97	Cordeiro Monteiro.
Isabel de Anhaia Leite.	98	Antônio de Anhaia Lobo.
	99	Ana Cardoso.
Domingos da Rocha Abreu, v. 2.º 517 - Borges da Cerqueira.	100	Domingos Afonso da Rocha.
	101	Luisa Abreu.
Francisca Cardoso de Siqueira - 3.º 517 - Borges da Cerqueira.	102	Alexandre de Siqueira Cardoso.
	103	Ana Bicudo.
	104	
	105	
	106	
	107	
	108	
	109	
	110	
	111	
Francisco Corrêa de Morais.	112	Simião Corrêa de Lemos e Morais.
	113	Isabel da Silva Pinto.
Inez Cordeiro Monteiro.	114	Antônio Freire Farto.
	115	Ana Luiz de Faria.
Antônio de Anhaia Lobo.	116	Antônio de Barros Freire.
	117	Isabel de Anhaia.
Ana Cardoso.	118	João Gonçalves de Aguiar.
	119	Maria Leite de Miranda.
Antônio de Almeida Falcão, Mestre de Campo - 2.º 313.	120	Fernando Dias Falcão.
	121	Lucrecia Pedroso de Barros.
Gertrudes de Arruda - 2.4.º - 124 - A. Botelho.	122	Pascoal de Arruda Botelho.
	123	Michaela Corrêa.
Marcelino Pinheiro de Almeida, v. 5.º 26 - Cunha Gago.	124	Batista Maciel de Almeida.
	125	Josefa Pinheiro Cardoso.
Joana Bicudo Aranha, v. 5.º 26.	126	João Aranha Sardinha.
	127	Tereza Bicudo.

Digitized by Google

1 Drs. Rafael, Raul e Rubens Franco de Melo, n. 1907, 1910 e 1919

2 Coronel Joaquim Franco de Melo, n. 27-XI-1880, † 9-XII-1937

3 Lavinia Dauntre Sales Leme, i. 9-IX-1885, c. 20 VI-1906

4 Rafael Silveira Melo † 9-IX-1895.

5 Ana Franco de Morais, † 2-II-1914.

6 José de Sales Leme, n. 11 IX 1852, † 31-IX-1930.

7 Winifrida Owlpen de Camargo Melella, n. 1857; c. 1875, † 1928.

8 Comendador Joaquim veira Melo (Genea Paulistana, IV, 151)

9 Ana Teodolinda da veira.

10 Antônio Messias F n. 15-II-1837, em † 8-III-1886.

11 Cândida Morais (Genealogia Paul VII, 79) irmão d Prudente de Morais ros, Presidente da blica.

12 Comendador José de pos Saes (Genealogi istana, VIII, 157) e tio do dr. Manue raz de Campos Sale sidente da Repúblic

13 Maria Barbosa.

14 Dr. Ricardo Gum Daunt, n. 1818, † 1893.

15 Ana Francelina d margo (Genealogia listana, I, 223).

64 Antônio da Silveira Goulart, n. ilha Fayal, † 1771.
65 Maria Leite da Silva, c. 1733 (Genealogia Paulistana, II, 212).
66 João Vieira Falcão.
67 Lucrecia Pedroso.
68 Dr. Manuel de Melo Rego, c. 1749.
69 Ana Barbosa Leme, n. Pindamonhangaba.
70 Bento Leme Cesar.
71 Isabel de Melo Rego.
72
73
74
75
76
77
78
79
80
71
82
83
84
85
86
87
88 Fernando de Figueiró de Camargo.
89 Isabel de Morais (Geneal. Paul., VII, 508).
90 Cap. Inácio Barbosa de Araujo.
91 Maria Leite de Barros Penteado.
92 Gaspar Nunes de Brito.
93 Isabel Vieira da Silva.
94 Tenente Manuel José Machado.
95 Ana de Morais Camargo.
96 Capitão Bento de Sales Ribeiro.
97 Ana de Pontes Heitor, c. 1749.
98 Tenente Domingos da Costa Machado n.º 52.
99 Maria Barbosa do Rego n.º 53.
100 Inácio de Camargo Paes.
101 Ana Vicencia Paes de Barros.
102 Francisco de Campos Pires.
103 Maria de Campos e Almeida.
104
105
106 Capitão Francisco Barreto Leme do Prado.
107 Rosa Maria de Gusmão.
108 Inácio de Camargo Paes.
109 Ana Vicencia Paes de Barros.
110 Vicente Ferrer do Amaral.
111 Brigida Soares de Camargo.
112 Joseph Daunt.
113 Sarah Rasleigh.
114 Richard Gumbleton.
115 Elisabeth Conner de Bandonbridge.
116
117
118
119
120 Sebastião dos Santos Pereira, n. 1690, † 1760.
121 Joana Garcia Soares.
122 Cap. Inácio Soares de Barros.
123 Marta de Camargo Lima.
124
125
126
127

Digitized by Google

2	Bento Pinto de Magalhães.	64	
		65	
3	Maria do Rosário Acioli de Albuquerque.	66	Francisco do Rego Barros.
		67	Arcangela Furquim da Luz.
4	Sargento-mór José Leite Ribeiro, n. em 1723, † 4-X-1801.	68	Francisco Leite (port.)
		69	Isabel Ferreira (port.).
5	Escolastica Maria de Jesus, † 25-VI-1823	70	Lourenço Corrêa Sardinha, nat. de Argantil - Portugal.
		71	Maria de Assunção Morais (brasileira).
6	Sargento-mór José Leite Ribeiro, n. em 1723, † 4-X-1801.	72	Francisco Leite.
		73	Izabel Ferreira.
7	Escolastica Maria de Jesus, † 25-VI-1823	74	Lourenço Corrêa Sardinha, nat. de Argantil - Portugal.
		75	Maria de Assunção Morais (brasileira).
8		76	
		77	
9		78	
		79	
		80	
		71	
		82	
		83	
		84	
		85	
		86	
		87	
	Bento Pinto de Magalhães.	88	
		89	
	Maria do Rosário Acioli de Albuquerque.	90	Francisco do Rego Barros, n.º 66.
		91	Arcangela Furquim da Luz, n.º 67.
	Sargento-mór José Leite Ribeiro, n.º 34.	92	Francisco Leite, n.º 68.
		93	Izabel Ferreira, n.º 69.
	Escolastica Maria de Jesus, n.º 35.	94	Lourenço Corrêa, n.º 70.
		95	Maria de Assunção Morais, n.º 71.
8	Guarda-mór Manoel José Monteiro de Barros, nat. Barcelos - Port.	96	João Vieira Repincho (Genealogia da zona do Carmo - fls. 465).
		97	Mariana Mont. Barros.
	Margarida Negreiros da Cunha Matos.	98	Alexandre Cunha Matos.
		99	Antonia Batista de Negreiros.
9	Domiciano Ferreira de Sá e Castro.	100	Francisco Ferreira dos Santos.
		101	Helena Negreiros de Castro.
	Maria do Carmo Monteiro de Barros.	102	Guarda Mór Manoel José Mont. Barros.
		103	Margarida Negreiros Cunha de Matos.
2	Teotonio Mauricio de Miranda Ribeiro.	104	
		105	
3	Antonia Luiza de Negreiros Saião Lobato.	106	André Sayão de Faria Lobato.
		107	Delfina Negreiros Cunha Matos.
3	Comendador Romualdo Monteiro de Barros, Barão do Paraopeba.	108	Guarda Mór Manoel José Mont. Barros.
		109	Margarida Negreiros Cunha Matos.
	Francisca Constança Leocadia da Fonseca (Geneal. Paul. IX, 268, nota).	110	José Verissimo da Fonseca.
		111	Ana Felizarda de Oliveira.
		112	
		113	
		114	
		115	
		116	
		117	
		118	
		119	
	Capitão Elias Antonio da Silva Rezende.	120	Cap. José Antônio da Silva.
		121	Maria Helena Jesus.
	Ana de Jesús Góes Lara.	122	Cap. Francisco Pinto Rodrigues.
		123	Ana Maria Bernardes de Góes e Lara.
	Domiciano Ferreira de Sá Castro.	124	Francisca Ferreira dos Santos.
		125	Helena Negreiros de Castro.
	Maria do Carmo Monteiro de Barros.	126	Guarda Mór Manoel José Mont. de Barros.
		127	Margarida Negreiros Cunha Matos.

Juiz de Fora - Minas

Aurélio Pôrto, Historiador e Genealogista

Gastão Ferreira de Almeida

Desde muito que o nosso ilustre consócio dr. Aurélio Porto se impôs como historiador e genealogista dos mais probos e acatados do País.

Caraterizam a sua obra, especialmente interessante para a reconstituição do expansionismo sulino, que é dos mais elevados gestos "bandeirantes" da nossa "gens", uma grande segurança documental, e um raro vigor de pesquisa através dificuldades sem conta, que seu muito amor á história da sua Terra, e seu alto sentido da importancia nacional dessa espécie de trabalhos, acabam vencendo brilhantemente.

Graças ao influxo que a operosidade patriótica de Salvador de Moya infundiu aos estudos e escritos genealógicos, levando-os além das fronteiras, grande é o número de quantos, no Brasil e no Estrangeiro, puderam apreciar, mediante os *Anuários* e *Revistas* do *Instituto Genealógico Brasileiro*, aquelas qualidades do emérito historiador e genealogista patrício, que ainda há bem pouco nos brindava com a valiosa genealogia do eminente Chefe da Nação, sob todos aspectos brilhante, e que agora, pela sua "HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI", novamente opulenta as letras históricas e genealógicas brasileiras, firmando-se como um dos seus mais robustos e autênticos epígonos.

Êsse recente trabalho do dr. Aurélio Porto, editado pelo benemerito "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", sob os auspícios do *Ministério da Educação e Saúde* (n.º 9, Rio de Janeiro, 1943), contém, efetivamente, riquíssimo manancial de informes genealógicos, de primordial importância para os estudos que vêm ultimamente sendo realizados em toda parte, e que, ainda uma vez, tamanho impulso têm recebido do Instituto Genealógico Brasileiro. Pois na verdade, vem de lance observar que já em Março de 1943 se aventou, em sessão do Instituto, a tése da "Gens paulistana no Rio Grande do Sul", e particularmente, a da genealogia de tantos copartícipes da heróica emprêsa e conquista das Missões, assim, p. ex., Ribeiro de Almeida, Antonio de Almeida Lara, e muitos outros, quando então ignoravam achar-se no prélo êste monumental labor do dr. Aurélio Porto, precisamente sôbre as Missões, e que decide e esclarece magistralmente tais personagens,

Digitized by Google

revelando-nos até mesmo a grata nova de que o Autor dr. A. Porto decende daquele mesmo Almeida a que deve o Brasil a imensa área das Missões.

Assim, e deixando de nos referir ao enorme valor histórico, próprìamente dito, sociológico, etnográfico, desta última obra do dr. Aurélio Porto, sôbre a qual aguardamos saúde que nos permita mais extensa referência, — impõe-se-nos recomendá-la de logo, pelo quanto de matéria nova proporciona aos genealogistas (vide, v. g., 1.ª Parte, Cap. 4 e 5; e 3.ª Parte, Cap. 5), certos de êxito e dos aplausos que êsse grandioso tentame do nosso ilustre consócio dr. Aurélio Porto, em parte nenhuma receberá, mais vivos e sinceros, do que entre os doutos componentes do Instituto Genealógico Brasileiro.

UMA OBRA DE VALOR

Dr. Carvalho Franco

O nosso consócio, sr. dr. Alexandre d'Alessandro, acaba de editar uma obra de real valor e que denominou A ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO — HISTÓRIAS DE SUA HISTÓRIA. Engenheiro dos mais acatados desta Capital, o sr. Alexandre conhece nos seus mínimos detalhes o histórico da Escola Politécnica paulista. A sua obra, como êle a classificou "é, apenas, um livro de saudade". Entendemos que ela porém vai muito mais longe e é um livro de registo histórico de grande valor. Eis o que sôbre a mesma escreveu êle na introdução do trabalho:

"A obra que hoje entrego ao público e à sua benevolência, é o produto de um plano que foi esboçado há muito, mas cuja execução as circunstâncias teimaram em retardar. E porque esse retardamento me deu tempo de pensar e repensar em semelhante empreendimento, é que eu avalio a magnitude da obra que me abalancei e para cujo complemento empregarei o melhor de minhas forças. De fato, contar a vida, não propriamente a da Escola Politécnica de São Paulo, mas a de certos fatos escolares ainda que sem preocupações doutrinárias, por pequeno que seja o período considerado, é já obra de vulto."

Por isso é que a denominamos justamente uma obra de valor. O autor vai narrar a história vivida pelos alunos da Escola Politécnica de São Paulo durante seus cincoenta anos de existência. Já está êle no segundo volume dessa interessantíssima e valiosa narrativa e pretende completá-la num terceiro volume. Que este saia breve são os nossos votos, pois o trabalho do sr. dr. Alexandre d'Alessandro é desses que se lê com grande prazer e com grande aproveitamento, cabendo-nos agradecer a oferta dos exemplares e cumprimentar vivamente o dr. Alexandre pelo magnífico legado feito às letras brasileiras.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"Recebi o *Anuário Genealógico Brasileiro*, volume 6º; felicito o ilustre amigo e seus dignos colaboradores pela magnífica confecção de mais esse numero de tão útil e benemérita publicação."

Digitized by Google

INSTITUTO GENEALÓGICO FEMININO

filiado ao Instituto Genealógico Brasileiro

Séde: Rua Voluntários da Pátria, 75 — Rio de Janeiro

Em 30 de dezembro de 1943 fundou-se no Rio de Janeiro o Instituto Genealógico Feminino, filiado ao Instituto Genealógico Brasileiro, sendo eleita na mesma data e empossada a seguinte Diretoria:

Presidente: Dr. Adalzira Bittencourt.
1.ª *Vice-Presidente*: Marieugenia Catta-Prêta de Faria.
2.ª *Vice-Presidente*: Nini Miranda.
1.ª *Secretária*: Nair de Mesquita.
2.ª *Secretaria*: Laura Ganns Sampaio.
1.ª *Tesoureira*: Olga de Carapebús.
2.ª *Tesoureira*: Jenny Dreyfus.
Bibliotecária: Yaya Silveira Lima.

* * *

Para as Seções do Instituto Genealógico Feminino nos Estados, foram nomeadas as seguintes presidentes: (com o endereço das sédes das Seções):

Pará: Miriam de Morais, rua Alcindo Cancela, 716 - Belém.
Ceará: Dra. Henriqueta Galeno, rua General Sampaio, 1128 - Fortaleza.
Rio Grande do Norte: Palmira Wanderley, poetisa - Natal.
Paraíba: Prof. Olivina Olivia Carneiro da Cunha, rua Venancio Neiva, 38 - João Pessoa.
Pernambuco: Marta de Holanda, rua do Lima, 280 - Recife.
Alagoas: Dra. Antonieta Duarte, rua Miguel Omena, 371 - Maceió.
Bahia: Prof. Anfrisia Santiago, av. Joana Angélica, 149 - Salvador.
Espírito Santo: Maria Stella Novais, rua Coronel Monjardim, 65 - Vitória.
Estado do Rio: Elóra Possolo Chaoul, Quarteirão Brasileiro, 1133 (Rancho do Moinho) Petrópolis.
São Paulo: Exma. Snra. Condessa de Serra Negra, rua das Palmeiras, 342.
Minas Gerais: Arlete Corrêa Neto, rua Santo Antônio, 705 - Juiz de Fóra.
Goiaz: Consuelo Caiado, Farmácia Caiado - Goiaz.
Paraná: Dra. Ilnah Secundino, rua dr. Pedrosa, 65 - Curitiba.
Rio Grande do Sul: Walkiria Neves - Pelotas.
Uruguai: Eunice Tavares, calle Treinta y três, 247 - Salto.
Argentina: Lydia Besonchet, calle Corrientes, 300 (Escritório do Brasil), Buenos Aires.
Estados Unidos: Eula K. Long, 371, Albermarle Avenue. S. W. Roanoke Va.

SÓCIAS FUNDADORAS DO INSTITUTO GENEALÓGICO FEMININO:

Adalzira Bitencourt, dra.
Albertina Berta.
Alice Tibiriça
Anfrisia Santiago, prof.
Antonieta Duarte, dra.
Arlete Corrêa Neto
Berthe Grandmasson Salgado
Clara Calmon da Costa Pinto
Condessa de Serra Negra
Consuelo Caiado
Elóra Possolo Chaoul
Eula K. Long

Digitized by Google

Eunice Tavares
Gilda Guimarães de Barros e Azevedo, dra.
Hecilda Clark
Heloisa de Assumpção, dra.
Heloiza Cabral da Rocha Werneck
Henriqueta Galeno, dra.
Ilnah Secundino, dra.
Jení Prado Dias
Jenny Dreyfus
Laura Ganns Sampaio
Lydia Besouchet
Maria Dulce Torres de Albuquerque Cardoso de Melo
Maria Luiza Franco da Rocha
Maria Torres de Carvalho Barreto
Marieugenia Catta-Preta de Faria
Marta de Hollanda
Myriame de Morais
Nair Mesquita
Nini Miranda
Olga de Carapebús
Olivina Oliva Carneiro da Cunha, prof.
Palmyra Wanderley
Silvia de Sousa Prates
Walkiria Neves
Yaya Silveira Lima.
Zulmira de Moya Neto.

BIOGRAFIAS FEMININAS

Esta Revista já publicou as seguintes biografias femininas:

1 — Viscondessa de Castro Lima, n.º 1. pg. 53.
2 — D. Maria Dulce Torres de Albuquerque de Melo, n.º 5 pg. 199.
3 — Condessa de Serra Negra, n.º 5, pg. 201.
4 — D. Berthe Grandmasson Salgado, n.º 6, pg. 357
5 — Silvia de Sousa Prates, n.º 6, pg. 358
6 — Nini Miranda, n.º 9, pg. 144.
7 — Rita Joana de Sousa, n.º 10, pg. 517.
8 — Adalzira Bitencourt, n.º 10, pg. 509.

COLABORADORAS
(e as colaborações já publicadas)

1 — Adalzira Bitencourt, dra. "A Primeira Poetisa Brasileira" (Rev. n.º 10, pág. 517).
2 — Carmencita da Silveira Betenfeld, varias colaborações (Anuário, I, 326).
3 — Clara Calmon da Costa Pinto, varias colaborações (Anuários, II, 90 e 91; IV, 72).
4 — Condessa de Serra Negra, "Os Principes de Thurn und Taxis" (Rev. n.º 2, pg. 459).
5 — Edite Kok de Sá Moreira, varias colaborações (Anuários, V, 94, 241 e 253).
6 — Elisa Osvaldo Cruz (Anuário III, 351).
7 — Heloisa de Assumpção, dra., varias colaborações (Anuários III, 355; IV. 56; Revista n.º 4. 413).
8 — Heloisa Cabral da Rocha Werneck, varias colaborações (Revista, n.º 8, pg. 326; n.º 9, pg. 3).
9 — Jení Prado Dias, varias colaborações (Anuário I, 268; II, 313; IV, 137; V, 214; Revista n.º 3, pg. 51).
10 — Jenny Dreyfus, varias colaborações (Revista n.º 6, pg. 383; n.º 10, pg. 525).
11 — Laura Ganns Sampaio, várias colaborações (Anuários III, 35 e 159, V, 181 e 237).
12 — Maria Luiza Franco da Rocha, "Dom Bernado José de Lorena" (Revista n.º 2, pg. 265).
13 — Maria Torres de Carvalho Barreto, (Revista n.º 7, pg. 253).
14 — Marieugenia Catta-Preta de Faria, várias colaborações (Anuários III, 252; V, 102;; Revistas: n.º 1, pg. 77; e n.º 8, pg. 401).

Digitized by Google

1) Baronesa Germana Barbosa

2) Marieugenia Catta Preta de Faria

3) Maria Dulce Torres de Albuquerque Cardoso de Melo

4) Nini Miranda

Digitized by Google

5) D.ª Bertha Grandmasson Salgado

8) D.ª Silvia de Sousa Prates

7) Condessa de Serra Negra

8) D.ª Maria da Gloria Biolchini

Digitized by Google

Adalzira Bittencourt

Salvador de Moya

Dra. Adalzira Bittencourt

Nasceu em Bragança, Estado de S. Paulo, a 2 de Novembro de 1904, filha de João Teodoro Bittencourt, nascido em Bagé no Rio Grande do Sul, oriundo da tradicional família gaucha, e de d. Carmina Albuquerque Cavalcanti de Bittencourt, nascida no Ceará, prima do Visconde de Albuquerque, do Barão de Muribéca, do Visconde de Suasuna pertencentes à nobreza pernambucana.

Fez seus estudos primários em Bragança, tendo como professoras as Sras. d.d. Georgina e Leonidia Furquim Leme irmãs do Cardeal Sebastião Leme. Fez o curso secundário no Ginásio Osvaldo Cruz e foi aluna de Silvio de Almeida e Álvaro Guerra.

Em 1923 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se diplomou a 11 de Agosto de 1927, com distinção em todas as cadeiras.

Versejando desde os 9 anos, aos 12 anos era colaboradora de vários jornais de São Paulo e de outros Estados do Brasil.

Aos 14 anos sustentou em São João do Curralinho hoje Joanópolis, renhida polemica com vários jornalistas. Aos 15 anos publicou o seu primeiro livro de versos: *"Mal-me-queres..."* prefaciado pelo grande lírico Vicénte de Carvalho, da Academia Brasileira de Letras.

Êsse pequeno livro de estréia mereceu elogiosas críticas de nomes como Monteiro Lobato, Gilka Machado, Diniz Júnior, Francisca Julia da Silva, Cleomenes Campos, Aristeu Seixas, Corrêa Júnior, Alfredo Pujol, Lellis Vieira,

Digitized by Google

Júlio Cesar da Silva, Luiz Guimarães Filho, Galeão Coutinho, Amadeu Amaral e muitos outros.

Aos 16 anos iniciou-se na tribuna fazendo conferências literárias e declamando seus próprios versos.

Aos 17 anos fundou e dirigiu durante um ano um pequeno jornal em Piracáia, denominado *"Miosotis"*. A seguir na mesma cidade fundou e foi a primeira presidente do *"Miosotis Club"*.

Quando cursava o 1.º ano da Faculdade de Direito, ainda caloura, fez a sua primeira defesa perante o juri, o que deu motivo a um grande alarido na imprensa que procurou entrevistar a jóvem estudante. Entre essas entrevistas citamos a da *Gazeta* de 24 de Maio de 1923 publicada em sua primeira página; a da *Folha da Noite* do dia seguinte, etc.

Tomando gosto pela tribuna judiciária fez todo o seu curso acadêmico defendendo quer em São Paulo, Santos e outras cidades do interior paulista cujas tribunas jamais haviam sido ocupadas por uma mulher.

Desde então se fez oradora, conferencista, falando sempre de improviso o que muitos de seus admiradores lamentam que se percam no ar peças de oratórias de alto valor, pois ultimamente tem feito dezenas de conferências sem escrevê-las e apenas uma ou outra tem sido taquigrafadas, tanto no Brasil como no estrangeiro. Em 1926 quando cursava o 4.º ano da Faculdade de Direito, aluna que era de Direito Penal, do Professor Cândido Mota, tendo que apresentar uma tése sôbre certo ponto do programa, apresentou-a em versos e na aula seguinte o ilustre Senador Cândido Mota respondeu essa tése com uma poesia escrita pelo seu próprio punho, suspendendo a aula em honra a jóven poetisa.

Desse fato se ocupou a imprensa paulista da época.

Em 1926 publicou um folheto: *"Menores Perante a Lei"*.

Em 1928 publicou: *"A Mulher no Direito Brasileiro"*, pequena tése para se candidatar a eleitora, sendo uma das primeiras mulheres no Brasil a encaminhar requerimento e justificação pedindo a inclusão do seu nome no ról dos eleitores do Distrito da Bela Vista em São Paulo, levantando nova celeuma na imprensa de todo o Brasil.

Sendo o seu pedido indeferido, apelou para a Junta de Recursos e ao Tribunal Superior.

Em 1929 publicou mais um livro de versos: *"Corça e Leão"* versos cálidos e ousados que provocaram mais de uma polêmica e duas edições sucessivas de 8.000 exemplares se esgotaram em menos de três meses.

Também desse livro se ocuparam, nomes de alto valor nas letras brasileiras.

Em 1930 e 1931 percorreu vários países da Europa, estudando Sociologia na Itália, e Direito Internacional na Holanda.

Voltando ao Brasil, entusiasmada com a vitória da Revolução de 1930, fundou e vem dirigindo o *"Lar da Criança"* estabelecimento modelar para internamento de meninas pobres por onde até fins de 1943 haviam passado cêrca de 1.000 menores, que são o enlêvo da Diretora.

Digitized by Google

Em 1934 publicou o seu primeiro livro de ficção, uma novela estilo Wells, intitulada *"Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500"*, bem acolhido pela crítica, merecendo dentre outros, um rodapé do *Jornal do Brasil,* firmado pelo academico Mucio Leão; outro na *Vanguarda,* assinado pelo Sr. Prof. Dr. Lemos Britto; um soneto humorístico de Raul Pederneiras e outro de Telles de Meirelles; elogios de Pereira da Silva, Ministro Gustavo Capanema, Padre Assis Memória, Leoncio Corrêa, Presidente Benedito Valadares, Mario Mattos, Gastão Penalva, Berilo Neves, Embaixador Alfonsus Reys, Cristovão Camargo e tantos outros.

Em 1932 criou no Rio de Janeiro a primeira organização pacifista do nosso país, a *"Liga Infantil Pro-Paz"* que em pouco se tornou conhecida em 52 países do mundo, onde encaminhou uma propaganda de brasilidade através de cartas, albuns e presentes enviados às crianças de todos os países do globo, pregando sempre o evangelho da paz, do amor fraternal e da concórdia.

Recebeu também de todos os recantos do mundo, mimos feitos por mãozinhas infantís.

Criou o Club *"Cruz Verde"* para despertar nas crianças brasileiras o amor à natureza, principalmente ao reino vegetal.

Em 1939 percorreu os Estados Unidos da América do Norte, depois visitou o México e outros países da América do Sul.

Em Nova York fez parte do 3.º Congresso de Escritores Americanos, presidido pelo Sr. Eduardo Benes, saudando os congressistas em nome do Brasil. Fez nos Estados Unidos um curso de Assistência Social e do sistema educativo norte-americano.

De volta da América do Norte publicou mais um livro de versos, *"Alegria"* e a seguir fixou residência em Buenos Aires, onde vem divulgando a literatura brasileira e onde tem feito conferências sôbre arte, educação, folklore, costumes, legislação e ciências do nosso país.

Em 1941 foi convidada pela Sociedade Brasileira de Urologia para um dos 15 membros relatores do *"Primeiro Congresso Brasileiro da Saúde da Raça"*, sendo nesse certame a única mulher. Coube-lhe o 5.º têma desse conclave, *"Direito de Curar"* que relatou com o eminente Desembargador Dr. A. Saboia Lima e o ilustre professor Dr. Helio Gomes. Publicou então a sua tése que foi fartamente elogiada nos centros cinetíficos, com êsse mesmo nome: *"Direito de Curar"*.

Em 1942, criou em Buenos Aires a "Hora da Poesia Brasileira" sob o patrocínio da *"Associación Cultural Argentino-Brasileño "Julia Lopes de Almeida"*, para divulgar o nome e o valor dos nossos poetas.

Criou no Rio de Janeiro sob a orientação do Professor Martagão Gesteira, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, a primeira *"Escola de Puericultura"* e a *"Liga das Mãezinhas"* para meninas do curso primário, manejando com bonecas, tendo já diplomado várias menores.

Em 1942 e 1943 ainda convidada pela Sociedade Brasileira de Urologia e como única representante feminina tomou parte novamente no 2.º e 3.º Congresso da Saúde da Raça.

Digitized by Google

Em 1942, fez parte dos relatores do 2.º Congresso de Brasilidade onde relatou na falta do relator oficial Sr. Dr. Fernando de Azevedo o têma: *"Unidade Cultural"*.

Em 1941 foi nomeada "Professora Honorária na Escola Integral da "Associação Prometeu" de Buenos Aires e recebeu em ato solene o seu diploma de honra.

A convite de vários centros de cultura universitária, realizou em Buenos Aires um curso de conferências sôbre a Literatura Brasileira e depois iniciou outro sôbre História do Brasil.

Pertence em Buenos Aires ao *Palácio da Cultura Americana* onde realizou conferências em castelhano no Rádio do Estado; é sócia honorária da *"Associación Cultural Argentino-Brasileño Julia Lopes de Almeida"*; Presidente Honorária do *Comité Cultural Argentino*.

No Uruguai pertence como Membro Correspondente do *"Confraternité Universelle Balzacienne"*.

No Rio de Janeiro pertence ao Instituto Brasileiro de Cultura, à Sociedade de Homens de Letras do Brasil; Diretora da Intercambio Social do "Instituto dos Professores Públicos e Particulares do Rio de Janeiro"; da Sociedade dos Amigos da América; do Instituto Brasil-Estados Unidos, e acaba de ser convidada a fazer parte da Diretoria da "Sociedade de Medicina Social e do Trabalho" recentemente fundada no Rio de Janeiro, por professores de Medicina.

Fundou com um grupo de amigas, em 1936, o Jornal "Blague" de efemera duração. Foi secretária geral e depois presidente da Associação Feminina de Copacabana de 1936 a 1937.

Realizou no estrangeiro entre outras as seguintes conferências:

a) — *O movimento intelectual moderno do Brasil*, no 3.º Congresso de Escritores Americanos em Nova York, em Maio de 1939;

b) — *Um golpe de vista pela História do Brasil*, na Associación del Profesorado a 19-11-1940, em Buenos Aires;

c) — *O Código de Menores do Brasil*, na Faculdade de Direito de Buenos Aires;

d) — *As intelectuais brasileiras do século XVIII*, no Rádio do Estado, para o Palácio da Cultura Americana, a 5-2-1941 em Buenos Aires;

e) — *A Paz e a Escola* no Centro Cultural Florencio Varela em Novembro de 1940 em Buenos Aires;

f) — *Crianças prodigios do Brasil*, na Escola Tambor do Taquari a 11 de Setembro de 1940;

g) — *Mitologia Brasileira* — na Peña de Buenos Aires;

h) — *O Ressurgimento da Sociedade de Homens de Letras do Brasil* no Instituto Cultural Argentino-Brasileiro de Buenos Aires;

i) — *O sistema educacional do Brasil*, na Universidade Teológica de Buenos Aires;

Digitized by Google

j) — *La fecha maxima argentina, vista por una brasileña,* na Associación Prometeu de Buenos Aires a 25-5-1942;

k) — *Bandeiras do Brasil,* no Instituto de Segunda Enceñanza da Capital Argentina;

l) — Na Asociación Cultural Argentino-Brasileño Julia Lopes de Almeida fez ainda entre outras as seguintes conferências em Buenos Aires:

1 — Bilac e Vicente de Carvalho;
2 — A poesia de Cassiano Ricardo;
3 — Guiomar Novaes a inconfundível artista do teclado:
4 — A poesia no movimento futurista do Brasil;
5 — Getúlio Vargas e as leis trabalhistas do Brasil;
6 — Georgina Albuquerque, Lucilia Ferreira e Nicolina Vaz de Assis. três expressões das artes plásticas do Brasil;
7 — O Aleijadinho;
8 — A poesia feminina brasileira;
9 — Euclides da Cunha, sua vida e sua obra;
10 — Monteiro Lobato e a Literatura infantil;
11 — Erico Veríssimo e sua obra;
12 — A Mulher — na Federação Argentina de Mulheres Universitárias: Buenos Aires;
13 — Pintores Brasileiros;
14 — Ouro Preto — a cidade Museu —;
15 — As termas do Brasil;
16 — Caxias o Homem simbolo —;
17 — Mujeres ilustres de mi patria;
18 — Sarmiento el Maestro;
19 — Hombres y cosas argentinas;
20 — Terra dos deuses —
e outras.

Em 1942 fez no Instituto Brasileiro de Cultura uma conferência: — *"A Mulher nas letras e na História"* no dia de sua posse como membro daquele Instituto.

Em 1943 realizou uma longa viagem por terra, do Rio Grande do Sul à Amazonia, conhecendo assim todo o Brasil, realizando conferências literárias e estudando a literatura regional de cada Estado brasileiro.

A 10 de Março de 1943 fundou com várias intelectuais a Academia Brasileira Feminina de Letras, sendo eleita a sua primeira presidente, ocupando a cadeira n.º 17 que tem como patrona a grande parnasiana paulista Francisca Julia da Silva.

Em Fevereiro de 1943 realizou no Palace Hotel do Rio de Janeiro a 1.ª *Exposição do Livro Feminino Brasileiro,* com êxito invulgar por haver apresentado cêrca de 600 volumes subscritos por penas femininas do Brasil.

Digitized by Google

FONTES DE ESTUDOS

a) — *Dicionário Bio-Bibliográfico* do Velho Sobrinho, 1.º Volume pág. 54.
b) — *Antologia de Poetas Paulistas* de M. Palacios.
c) — *Feminismo e Voto Feminino* de Diva Wolf Nazario;
d) — *O Chapéu do Lobishomem* — de Alberto Sousa que transcreve o discurso com que apresentou Adalzira Bittencourt ainda menina, na sua primeira conferência realizada no Espírito Santo do Pinhal;
e) — *Puericultura* do Prof. Dr. Martagão Gesteira da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, etc.

BIBLIOGRAFIA DE ADALZIRA BITTENCOURT

"*Mal-me-queres...*" — poesias	1919	esgot.
"*Menores perante a lei*"	1926	"
"*A Mulher no Direito Brasileiro*"	1928	"
"*Corça e Leão*" — poesias	1929	"
"*Sua Excia. a Presidente da República no ano* 2500"	1934	"
"*Alegria*" — poemas	1940	"
"*Direito de Curar*	1942	"
"*Llamaradas* — em castelhano	1942	—
"*37 Dias em Nova York*" — viagem	1943	—
"*Surgiu no Céu mais uma estrêla*"	1943	esgot.

A PUBLICAR

1 — A Taça de Champanhe — teatro
2 — Porque não fomos ao baile — teatro
3 — São Paulo no século 40 — ficção
4 — Lições de português — Castelhano
5 — Versos de amor
6 — Teatro Infantil
7 — O Maior problema do século
8 — Polenta, dinamite e pó de arroz — romance
9 — Elza — romance
10 — Cock-tail envenenado — contos
11 — Literatura grega
12 — História da Borracha — no prélo
13 — Como cantam as mulheres da América
14 — A África que eu vi
15 — Buenos Aires por dentro

Digitized by Google

16 — A volta do mundo em 1021 dias
17 — Por entre cerejeiras em flor — viagem ao Japão
18 — Correndo o Celeste Império — viagem à China
19 — Mujeres ilustres de mi patria — castelhano
20 — La literatura brasileña — curso de conferências em castelhano
21 — Dicionário Bio-Bibliográfico de Mulheres Intelectuais, Ilustres e Notáveis do Brasil
22 — Louros e Livros — no prélo

Referências ao Instituto e suas Publicações

De D. Daniel Hostin, O.F.M., Bispo de Lajes (Santa Catarina):

"Ao mui distinto sr. Coronel Salvador de Moya, o D. Daniel Hostin, com votos de abençoadas festas pascais, agradece, penhorado"... "bem como a gentil oferta dos ns. 8 e 9 da excelente *Revista Genealógica.*"

Do Revmo. Padre João Baptista Ch. R. (m. d. Reitor dos Padres Redentoristas de Nossa Senhora Aparecida):

"Venho acusar o recebimento do VI.º volume do *Anuário Genealógico Brasileiro* que muito nos agrada e interessa e cuja remessa à nossa Biblioteca muito penhorado agradeço."

De ESTUDOS BRASILEIROS, ns. 31-32-33:

"*Revista Genealógica Brasileira.* Ano V, n. 9 — 1.º semestre de 1944. — São Paulo, 1944. — Publicada com toda a regularidade, a *Revista Genealógica Brasileira,* órgão do Instituto Genealógico Brasileiro, com séde em São Paulo e ramificado por todo o país, vem prestando grandes serviços à história do Brasil, no setor que lhe diz respeito.

O n. 9 da referida publicação, correspondente ao primeiro semestre de 1944, contém excelente colaboração, que tanto se prende à história da família portuguesa, tronco da brasileira, como desta mesma.

Estão no primeiro caso os seguintes artigos:

"O Nobiliário de Tôrres, da Bibliotéca Nacional", pela senhorita Heloisa Cabral da Rocha Werneck; "Lusitanos radicados na Argentina colonial", pelo sr. Celso Martins Schröeder; e "As tragédias da Casa dos Albuquerques", pelo Dr. Mário D. Wanderley.

Pertencem ao segundo grupo estas colaborações:

"Genealogia do Plutarco Maranhense" (Antônio Henriques Leal), pelo Dr. Antônio Henriques Leal; "Câmaras e Miranda-Henriques" (do Rio Grande do Norte), pelo dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara; "Genealógia", conferência do Sr. Herman Neeser, do Instituto Genealógico da Bahia; "O Batistério do Duque de Caxias", da redação; "Achegas a um brasonário paulista", pelos srs. dr. Carvalho Franco e Roberto Thut; "Silva Leme e o conceito de genealogia", conferência do sr. Carlos da Silveira, no Instituto Genealógico Brasileiro; "Os Reis", de Tietê, pelo dr. F. A. Veiga de Castro; "Trisavós do Presidente Getúlio Vargas", documentos apresentados pelo cônego Raimundo Trindade, da Cúria Metropolitana do Arcebispado de Mariana; "Troncos genealógicos de Goiaz", pelo padre José Trindade da Fonseca e Silva; "Marcos Konder Senior", pelo sr. Carlos Viana, de Santa Catarina.

Além desses artigos contém o n. 9 da *Revista Genealógica Brasileira* as habituais secções de *Ex-Libris,* Galeria biográfica e Galeria de Sócios (com árvores de costado), aquela a cargo do sr. Nery da Siqueira e Silva, as duas últimas redigidas pelo incansável presidente do Instituto e diretor da *Revista,* coronel Salvador de Moya.

Helio Vianna."

Digitized by Google

DELEGADOS DO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO

Foram nomeados *Delegados* e *Representantes Oficiais* do Instituto nas localidades abaixo, os seguintes sócios, com plenores poderes (inclusive receber quantias) (1)

Anápolis (Goiáz)	Padre José Trindade da Fonseca e Silva
Anicuns (Goiáz)	Oscar Jaime
Araxá (Minas)	Sebastião de Afonseca e Silva
Barão Homem de Melo (Rio)	Reinaldo Maia Souto
Botucatú (S. Paulo)	Fausto Teixeira
Cachoeiro de Itapemirim (Esp. St.)	Dr. Wilson Lopes de Resende
Campina Grande (Paraiba)	Epaminondas Camara
Campinas	Dr. Teodoro de Sousa Campos Junior
Campos (Estado do Rio)	Dr. Alberto Frederico de Morais Lamengo
Caruarú (Pernambuco)	Capitão Luciano Cerqueira Pereira
Corrêias (Rio)	Lourenço Luiz Lacombe
Fartura	João Jacques Ribeiro do Vale
Formiga (Minas)	Dr. Coriolano Pinto Ribeiro
Franca	José Pedro Carvalho Junior
Goiânia (Goiáz)	Albatênio Caiado Godói
Guaranesia (Minas)	Dr. Jorge Bueno de Miranda
Guaratinguetá (S. Paulo)	Frei Adalberto Ortman, O.F.M.
Itapolis	Julio da Silveira Sudário
José Bonifácio	Dr. Romeu Maia Souto
Lins	Dr. Elias Alves Corrêa
Livramento (R. G. do Sul)	Coronel Francisco Flores da Cunha
Lorena	Dr. Antonio da Gama Rodrigues
Machado (Minas)	Dr. Waldo Leite de Magalhães Pinto
Mariana (Minas)	Cônego Raimundo Otávio Trindade
Ouro Fino (Minas)	Dr. Pompeu Rossi
Palmeiras (Goiáz)	Prof. Jarbas Jayme
Paracatú (Minas)	Prof. Olimpio Gonzaga
Paraíba do Sul	Pedro Gomes da Silva
Paranaguá (Paraná)	Major Guilherme de Lara Tupper
Pelotas (Rio G. Sul)	Exma. Srta. Doutora Heloisa de Assumpção
Petrópolis	Dr. Mario Aloisio Cardoso de Miranda
Piedade	Benedito Bueno de Camargo
Pindamonhangaba	Cap. Dr. Gustavo Adolfo Ramos de Melo
Pirenópolis (Goiáz)	Prof. José Assuêro de Siqueira
Ribeirão Preto	Prof. Dr. Oscar de Moura Lacerda
Rio Grande (Sul)	Octacilio Grafulha
Santos	Dr. Severino de Novais e Silva
São Bento Sapucaí	Dr. Paulo Emilio d'Alessandro
São Carlos	Prof. Nelson Camargo
São Gabriel (Rio G. Sul)	Celso Martins Schröder
São José dos Campos	Dr. Luiz de Azevedo Castro
Tanabí	Sebastião Almeida Oliveira
Taubaté	Dr. Felix Guisard Filho
Tietê	Dr. Francisco Veiga de Castro

(1) Uma das funções do Delegado será colher dados e documentos das principais famílias locais; bem como dados biográficos de pessoas de destaque, de preferência falecidas.

Digitized by Google

Rita Joana de Sousa

A PRIMEIRA POETISA NASCIDA EM TERRAS DO BRASIL

Especial para a Revista Genealógica Brasileira

Dra. Adalzira Bittencourt

Quasi no olvido de todos os que se interessam pelas cousas de cultura, jaz o nome da primeira poetisa brasileira.

O descaso que havia no passado e que ainda hoje existe pela literatura feminina, parece uma prevenção contra as mulheres de espírito.

Gracia Hermelinda, a nossa primeira pensadora, discípula do Marquês de Maricá, já dizia:

— *"Há muitos homens que perdoam com mais dificuldade às mulheres o talento do que os vícios"*.

Daí o olvido em que jaz as nossas intelectuais do passado.

J. Norberto, no seu livro *"Brasileiras Célebres"*, publicado em 1860, diz: "Pernambuco, a província heróica, pátria de tantos filhos beneméritos, deve ufanar-se de poder contar entre os nomes de seus filhos ilustres, o da jóven Rita Joana de Sousa, que muito honrou as belas artes e as belas letras", e de cujo talento fazem honrosas referências o abade Barbosa Machado na *"Biblioteca Luzitania"*, Fróes Perim no *"Teatro Heróico"*, Ferdinand Dénis no *"Resume de l'histoire litteraire du Brésil"*, o conselheiro Baltasar da Silva Lisbôa nas *"Notas Biográficas"*, Inês Sabino em *"Mulheres Ilustres do Brasil"* e muitos outros.

Nasceu no ano de 1696 sob aquele formoso e límpido céu, entre o farfalhar das palmeiras e as endeixas do mar, na mais encantadora cidade pernambucana que o próprio nome diz ser *linda*, na cidade heróica que serviu de teatro às guerras holandesas, essa Olinda legendária. Na mesma época Gregorio de Matos expirava com a poesia do arrependimento nos lábios e o canhão anunciava o aniquilamento da república africana dos Palmares.

Poetisa inspirada! A primeira cronológicamente nascida na terra poética de Santa Cruz, passou a sua mocidade alegre e descuidosa entre as musas,

Digitized by Google

ora fazendo versos, ora pintando a paisagem encantadora do seu Estado, ora estudando história e geografia que faziam o seu encanto, tendo escrito sôbre esses assuntos algumas páginas de investigações, as quais, diz J. Norberto "talvez ainda se conservem sob a poeira dos anos, ou tenha, o que é mais certo, levado o descaminho que tem tido tanta riqueza literária, graças ao nosso descuido e incuria, e o nenhum apreço das nossas coisas".

A vida lhe correu breve e suave passada no seio de uma família fidalga. Seus dedicados pais lhe propiciaram a mais sólida instrução, pondo em suas mãos os livros dos sábios e dos mestres. Nêsse ambiente rico era-lhe enlevo e passatempo o cultivo das letras.

Não chegaram até nós os seus poemas, o que é uma pena, pois tantos são os autores antigos que deles fazem menção. Nas buscas dadas aos arquivos publicados e nas reliquias das famílias mais antigas, nada se encontrou. Ouçamos ainda J. Norberto:

"Breve correu-lhe a vida, passada tão suavemente no meio de tão desvelada educação, em que tanto se esmeraram seus pais, recreando-se, tanto ela como eles naquele cultivo doce e socegado das letras e das artes à semelhança dum faceiro e travesso regato, que brinca, que saltita, que serpeja, espreguiçando-se por entre areias e seixos, beijando relvas e flôres; mas veio o ano de 1718, e a morte com a sua mão mirrada ceifou tanta flôr, que começava a desabrochar, tanta esperança que ia realizar-se como se tudo fôra um sonho, despenhando-se no fundo do sepulcro apenas na florescente idade de 22 anos!

Qual flôr, que da manhã aos raios murcha,
Apenas desabrocha
Assim ela morreu, tão jóven ainda
Anjo do céu descido, aos céus se volve!..."

Foi um talento precoce, o da nossa primeira poetisa. Meteoro brilhante que atravessou o céu tão ràpidamente que nem sequer deixou vestígios dessa passagem luminosa!

É a irmã mais velha das poetisas do Brasil, a virgem formosa que lá está na orla do oceano em Olinda, e que precedeu cantando, a todas nós, com uma dianteira de quasi três séculos, e de quem a pátria guardou apenas o nome: Rita Joana de Sousa.

Quem eram os seus pais? Quem teriam sido os seus mestres? Ninguém sabe. Como seriam os seus poemas? Nada se sabe. Que seja o seu nome cultuado por todas as mulheres de letras do Brasil!

O silêncio e o incognito que pairam sôbre a sua produção literária, são bem o símbolo do desapreço em que ainda hoje é tida a inteligência das mulheres, as quais, aqui como em tôdas as partes do mundo, vão abrindo caminho em todos os setores das atividades humanas, indiferentes à coorte dos que fingem ignorar o seu esfôrço.

Digitized by Google

Dicionario Bio-Bibliografico

de Mulheres Intelectuais e biografias de Mulheres Ilustres e Notáveis do Brasil

Dra. Adalzira Bittencourt

1.º VOLUME

Serão biografadas as Intelectuais:

1 — Abel Juruá — pseudonimo de Iracema Guimarães Vilela
2 — Abiah Lopes — nome de Silvia Patricia
3 — Abigail B. de Almeida
4 — Abigail Sampaio
5 — Abigail Soares de Souza
6 — Abu-Merby
7 — Aci Carvalho
8 — Acylina Ribernat de Carvalho
9 — Acyr Cabral Silva
10 — Ada Maccaggi Bruno Lobo
11 — Adag Tabor — pseud. de Aida Guimarães
12 — Adail Roseli
13 — Adalcinda Camarrão
14 — Adalgisa Nery Fontes
15 — Adalzira Bittencourt
16 — Adamantina Neves
17 — Adda Coaracy
18 — Adelaide Amaral
19 — Adelaide Andrade
20 — Adelaide Arnaud
21 — Adelaide Augusta Camara
22 — Adelaide Castro Alves Guimarães
23 — Adelaide Lucinda de Moraes
24 — Adelaide Regina
25 — Adelaide Ruttini von Engenschwar Fróes
26 — Adele Pinheiro
27 — Adele Simi de Castro
28 — Adele Sobral de Oliveira
29 — Adelia Canongia de Medeiros Corrêa
30 — Adelia Ennes Bandeira
31 — Adelia França
32 — Adelia Josefina de Castro Fonseca
33 — Adelia Lacerda
34 — Adelia Macedo Soares
35 — Adelia de Oliveira Rosa
36 — Adelia Mariano de Oliveira
37 — Adelina Amelia Lopes Vieira
38 — Adelina Carriel Pinheiro
39 — Adelina Fernandes

Digitized by Google

40 — Adelina Ribeiro de Oliveira
41 — Adelina Teixeira Mendes
42 — Adelpha Rodrigues Figueiredo
43 — Adila Adernard
44 — Adilia de Albuquerque Moraes
45 — Adilia de Lima Freire
46 — Adilia Nunes
47 — Adyjynan Coutinho
48 — Afra Costa e Silva
49 — Agalma Rodrigues Muss
50 — Agenora Carvolina
51 — Agostinha Ferreira
52 — Aida Guimarães Mesquita de Barros
53 — Aida Helena Perdigão Bezerra de Menezes
54 — Aida Maragliano
55 — Aida Mendes
56 — Aimée F. Ramalho
57 — Alady Berlese de Lima
58 — Alayde Borba
59 — Alayde Burlamaqui Paz
60 — Alayde Maranhão
61 — Alayde Lisbôa de Oliveira
62 — Alayde Ubrick
63 — Alba Canizares Nascimento
64 — Alba Magaly
65 — Alba Maranhão
66 — Alba Mello
67 — Alba Valdez
68 — Albertina Bertha
69 — Albertina de Castro
70 — Albertina Cividanes
71 — Albertina Corrêa Lima, Dra.
72 — Albertina Ferreira Ramos
73 — Albertina Fortuna de Barros
74 — Alcina Backheuser
75 — Alcina Gonçalves Maranhão
76 — Alcina Junqueira de Carvalho
77 — Alcina Leite Pindahyba
78 — Alcina Moreira de Souza
79 — Alda Pereira da Fonseca
80 — Alda Avelino da Cunha
81 — Alda Leal
82 — Alda Pereira Pinto
83 — Alesa
84 — Alexandrina Francelina de Souza Marinho
85 — Alexina de Magalhães Pinto
86 — Alice Afra de Carvalho
87 — Alice Aurea Samico Saldanha
88 — Alice Clapp
89 — Alice Dayrell Brant
90 — Alice Fairbanks Belfort de Mattos
91 — Alice França
92 — Alice Leonardos da Silva Lima
93 — Alice Lins de Azevedo
94 — Alice de Azevedo Monteiro
95 — Alice Maeffer
96 — Alice Marques dos Santos
97 — Alice Meirelles Reis
98 — Alice Moderno
99 — Alice Ogando
100 — Alice Piffer Canabrava
101 — Alice Sarthon
102 — Alice Tibiriçá
103 — Alice Wanderley
105 — Alice Cordeiro Parigot de Souza
106 — Aline Olivaes Costa
107 — Alma Branca
108 — Alma Cunha Miranda
109 — Alma Doris
110 — Almerinda Avelar Sintra
111 — Almerinda Grama
112 — Altair Cunha Corrêa Netto
113 — Altair Gitahy Miranda de Freitas
114 — Altair Mallon D'Angrogner
115 — Altair de Moura
116 — Altair Thaumaturgo de Azevedo
117 — Altina Rodrigues de Freitas
118 — Alydéa Galvão de Amorim
119 — Alvina Moraes
120 — Alzira Bezerra de Castro

Digitized by Google

121 — Alzira Cruz
122 — Alzira Freitas Taques
123 — Alzira Rêgo
124 — Alzira Reis Vieira Ferreira, Dra.
125 — Alzira Sarmanho Vargas do Amaral Peixoto, Dra.
126 — Alzira Siqueira Alves
127 — Amalia Gostawska
128 — Amalia dos Passos Figueirôa
129 — Amalia Santos
130 — Amalia Xavier de Oliveira
131 — Amanda Alvaro Alberto
132 — Amanda Paranaguá Brandão
133 — Amasile Corimbaba
134 — Ambrosina Leitão da Cunha Rodrigues Pereira
135 — Ambrosina Maia
136 — Ambrosina Savard de Saint-Brisson — Viscondessas de Sande
137 — Amelia Alencar
138 — Amelia Alves
139 — Amelia Arruda Alves
140 — Amelia Augusta Eugenia Napoleão de Beauharnais
141 — Amelia Carvalho
142 — Amelia de Castro Alves Cunha
143 — Amelia de Castro Monteiro
144 — Amelia Cavalcanti
145 — Amelia Duarte — Dra.
146 — Amelia de Freitas Bevilaqua
147 — Amelia de Godoy — Dra.
148 — Amelia Guillon de Souza
149 — Amelia Isolete de Oliveira
150 — Amelia Leiria
151 — Amelia Maria Gaspar da Rocha
152 — Amelia Monteiro Gondin
153 — Amelia Napoli
154 — Amelia de Oliveira
155 — Amelia Pinheiro
156 — Amelia Pedroso Benebien — Dra.
157 — Amelia Rezende Martins
158 — Amelia Augusta Rodrigues
159 — Amelia Sapienza — Dra.
160 — Amelia Tomás
161 — America Monteiro
162 — America Xavier da Silveira
163 — Americana — pesud. de Revocata dos Passos F. de Melo
164 — Amerita Mariani
165 — Ana Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque
166 — Ana Alves Vieira Sampaio — Dra.
167 — Ana Alvim
168 — Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça
169 — Ana Aurora do Amaral Lisbôa
170 — Ana Autran
171 — Ana Batista
172 — Ana Bittencourt
173 — Ana Brandão Bandeira
174 — Ana de Castro Osório
175 — Ana Cintra
176 — Ana Eufrosina Euridice Barandas
177 — Ana Cadaval
178 — Ana Patricia Vieira Rodrigues Cesar
179 — Ana Facó
180 — Ana Freire
181 — Ana Gertrudes Lobo de Medeiros
182 — Ana Joaquina da Silva Santos
183 — Ana Josefina dos Reis
184 — Ana Leonor Fontes
185 — Ana Lima
186 — Ana Lossio e Seilbitz
187 — Ana Luiza Silva Prado
188 — Ana Margarida da Frota
189 — Ana Maria Kenna Flack
190 — Ana Maria Haddock Lobo
191 — Ana Maria de Sampaio Freire
192 — Ana Mauricio de Medeiros
193 — Ana Meirelles da Costa Pinto Marback

Digitized by Google

194 — Ana Menezes
195 — Ana Oliveira Santos
196 — Ana Pompeu C. Telles
197 — Ana de Queiroz Telles Tibiriçá
198 — Ana Rita Malheiros
199 — Ana Rocha Miranda — (Nini Miranda)
200 — Ana Saboia Viriato de Medeiros
201 — Ana Tereza de Castro
202 — Ana Wey Meyer
203 — Anadyr Bretas Bastos
204 — Anadyr Miranda Medrado Dias
205 — Anadyr Pires de Argolo Nobre
206 — Analia Franco
207 — Analia Nascimento
208 — Analice Caldas de Barros
209 — Ancilla Domini — (Hilda Leite Guimarães)
200 — Andradina de Oliveira
211 — Anezia Afonso Monteiro
212 — Anezia Andrade Lourenção
213 — Anezia do O' de Almeida Hermann
214 — Anfrisia Santiago
215 — Angela do Amaral
216 — Angela Vargas
217 — Angelica Rosa Cesar
218 — Angelica Rezende Garcia
219 — Angelica Vidigal
220 — Angelina Almenda do Amaral
221 — Angelina Corrêa Frias
222 — Angelina Macedo
223 — Anita Ayres de Carvalho
224 — Anita Carvalho
225 — Anita de Castilho Marcondes Cabral
226 — Anita Corrêa
227 — Anita Fonseca
228 — Anita Italia Garibaldi
229 — Anita Lopes Ferreira
230 — Anita Martins de Souza
231 — Anita Paes Barreto
232 — Anita Philipowsky
233 — Anita Ribas de Andrade
233 — Anita Ribeiro Menna Barreto
234 — Anne Marie Conrad
235 — Annemarie Standacher
236 — Annete Macedo
237 — Antonia Bastos
238 — Antonia Cosma dos Santos
239 — Antonia Eleônora Dable
240 — Antonia de Figueiredo Sá
241 — Antonia Pimentel
242 — Antonia Ribeiro de Castro Lopes
243 — Antonia Viana Agra
244 — Antonieta Aquino
245 — Antonieta de Barros
246 — Antonieta Camara de Barros
247 — Antonieta Clotilde
248 — Antonieta Gonçalves Gilioli
249 — Antonieta Lisbôa Saldanha Lins
250 — Antonieta Pantoja Mendes de Moraes
251 — Antonieta de Souza
252 — Antonieta Vieira Duarte — Dra.
253 — Antonina Prado
254 — Aplecina do Carmo
255 — Arabela Artemis
256 — Aracy Conceição
257 — Aracy Dantas de Gusmão
258 — Aracy Fróes
259 — Aracy Martins
260 — Aracy Muniz Freire
261 — Acelina Mochel — Dra.
262 — Archimia Barreto
263 — Arlette Braga Bispo
264 — Arlette Corrêa Netto
265 — Arlette. Cypreste
266 — Arlette Rezende Pacheco
267 — Armanda Gedder de Souza
268 — Aspasia Vieira Ayres
269 — Augusta Bittencourt
270 — Aura Celeste
271 — Aura Chagas Pereira Lemos
272 — Aura Mattos

Digitized by Google

273 — Aurea Miranda
274 — Aurea Pires da Gama
275 — Aurea Queiroga
276 — Aurea da Soledade Getirana
277 — Aurea Xavier
278 — Aurora Deifilia
279 — Aurora Gypsophila Costa
280 — Aurora Jardim Arantes
281 — Aurora Maciel
282 — Aurora Marques
283 — Aurora Nunes Wagner — Dra.
284 — Aurora Rodrigues
285 — Auta de Souza
286 — Avelina Barêm

BIOGRAFIA DE MULHERES ILUSTRES E NOTÁVEIS

287 — Abigail Alexis Parecis
288 — Abigail Maia
289 — Adriana de Holanda
290 — Amalia Bainha
291 — Ana Tristê
292 — Ana Alencar Araripe
293 — Ana Jansen
294 — Ana Lins
295 — Ana Nery
296 — Ana Paes
297 — Anesia Pinheiro Machado
298 — Anita Garibaldi
299 — Anita Malfati
300 — Antonia Bezerra
301 — Antonia Gonçalves
302 — Antonieta Rudge
303 — Apolonia Pinto
304 — Ada Sacchi Simonetta
305 — Aristhéa de Araujo Jorge
306 — Aida de Azevedo Coimbra
307 — Adele Maria Luiza Singaud
308 — Alayde Alessandro
309 — Alda Pereira da Fonseca
310 — Alice Azevedo Monteiro
311 — Ambrosina Leitão da Cunha
312 — Ana Maria Mac Dowell da Costa Tornaghi
313 — Anadil Roselli Cavalcanti — Dra.
314 — Annais Guisard
215 — Amalia Oliveira de Morais
316 — Amelia Mesquita
317 — Anne Marie Monteiro da Costa
318 — Annita Carpenter Ferreira
319 — Aracy Pinheiro Lima
320 — Arlete Mota Guimarães
321 — Astrogilda Moura

Qualquer alteração em nomes ou informações será obsequio se dirigir à Dra. Adalzira Bittencourt - Rua Voluntarios da Patria. 75 - Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA *(continuação da pg. 478)*

30) Artur Martins Franco — Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava — Edição comemorativa do 250.º aniversário da fundação de Curitiba — 1943 — Edição do Museu Paranaense — Trata-se do coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal e o trabalho é empleto sôbre o assunto.

31) Revista da 1.ª Junta de Estudios Historicos de Mendoza — 1940. — Tomo XVI. — Traz um excelente estudo sôbre o conquistador americano Pedro del Castillo.

32) Relatório anual do Departamento de Botânica do Estado — São Paulo, 1942.

33) Homero Pires — Rui Barbosa e seus livros — Rio, 194 . 2

34) Universidad de Antioquia — Medellin — Colombia — Os últimos números dessa ótima revista a partir do n.º 51.

35) Anuário do Museu Imperial — 1941-1942 — Revista no gênero das mais perfeitas e caprichadas que conhecemos.

36) Francis Ruellas — Les methodes modernes d'enseignements de la geographie — Rio, 1942.

Digitized by Google

37) Poranduba Paulistana — Composta por Piratininguara e oferecida a sra. d. Carmem Murgel — São Paulo, 1943 — E' autor o sr. dr. Joaquim Branco.

38) Fortunat Strowski — Le livre français dans la bibliothéque de Rui Barbosa — Rio, 1942.

29) Augusto Frederico Schmidt — Ruy Barbosa — Rio, 1942.

40) Didio Costa — Tamandaré — Almirante Joaquim Marques Lisbôa — Rio, 1942.

41) Bulcão Junior — Figuras contemporâneas — Roosevelt — Rio, s/d.

42) Heloisa Cabral da Rocha — Werneck — A classificação decimal universal — Rio, 1938.

43) Anales de la Universidad de Santo Domingo — Trujillo, Republica Dominicana, 1941 — 2 vols.

44) Armando Dias de Azevedo — Aos meus amigos — Como conquistei a cátedra de Direito Civil na Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre — Porto Alegre, 1943.

45) Revista das Academias de Letras — Os últimos números a partir do n.º 42.

46) O Bispado de Aterrado — Dados Históricos e Estatísticos de tôdas suas Paroquias — Com ilustrações — Minas Gerais, 1941.

47) Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná — Curitiba, 1940-1942.

48) J. da Silva Campos — Fortificações da Bahia — Rio, 1940 — Trabalho erudito e muito bem impresso.

49) Revista de Derecho y Ciencias Politicas — Lima, 1942 — N.º II.

50) Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis — Vols. V, VI e VII — Petrópolis, 1942-1943 — Ótimos trabalhos históricos e corográficos sôbre a linda cidade fluminense da autoria de vários consócios do nosso Instituto.

51) Academia Carioca — Aspectos do Distrito Federal — Conferências de vários membros daquele erudito cenáculo — Muito interessante. — Rio, 1943.

52) Edición homenaje en comemoración de la investidura del generalissimo doctor Rafael de Trujillo Molina na Universidad de Pittsburgh — Pensilvania, E.U.A. — Ciudad de Trujillo, 1942.

53) Guilherme Auler — Antônio Sardinha — Recife, 1943 — Ótimo trabalho de crítica literária dêsse nosso prezado consócio.

54) Alfredo Issa — Dulval Vilalva — São Paulo, 1943 — Magnífica conferência do douto Secretário da Segurança Pública de São Paulo, sôbre o delegado auxiliar dr. Vilalva, figura muito estimada na sociedade paulistana.

55) Wilson Rezende — História Geral para a primeira série — S/l-1943.

56) Revista do Instituto Argentino de Ciências Genealógicas — N.º 1. — Buenos Aires, 1942. — O aparecimento dêsse órgão do erudito Instituto Argentino de Genealogia correspondeu à espectativa. Traz magníficos trabalhos da especialidade e ótimos olichés. Mais de espaço havemos de retornar à apreciação de tão apreciado exemplar.

57) Carlos Xavier — José Higino Duarte Pereira — Rio, 1942.

58) Revista do Instituto Histórico de Sergipe — N.º 16 — Vol. XI — Aracajú, 1942.

59) Revista do Instituto Histórico de Santa Catarina — 1.º Semestre — 1943.

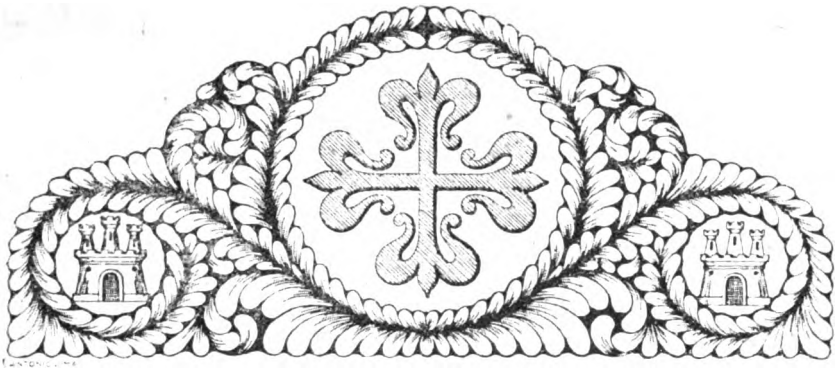
60) Antônio F. de Carvalho e Silva — Um pouco da vida estatística brasileira. — São Paulo, 1943.

61) Luis Enrique Azarola Gil — Apellidos de la patria vieja — Buenos Aires, s/d. — Todos os trabalhos do sr. Azarola Gil se destacam pelo aprimorado da forma e pelo aprofundado conhecimento do assunto de que trata. Este, estudando vários troncos genealógicos do Uruguai, não fica a dever nada aos anteriores. O sr. Azarola Gil é nosso consócio e muito agradecemos o belo exemplar do seu livro que nos enviou.

62) Francisco de Paula e Silva — Apontamentos para a história e estatística do Maranhão — Bahia, 1922. Excelente fonte de informações.

63) Hugo Vitor — Notas à Nobiliarquia — Cinco titulares de nacionalidade estrangeira falecidos no Ceará — Fortaleza, 1943.

Digitized by Google



EXPOSIÇÃO DE LOUÇA BRASONADA NO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

Jenny Dreyfus
Conservador do Museu Histórico

HISTÓRICO

Realizando-se pela primeira vez no Rio de Janeiro uma exposição de porcelanas dos titulares brasileiros, não poderiamos deixar de fazer um ligeiro histórico sôbre os principais berços produtores dessa indústria mundialmente apreciada, tão estimada por nossos antepassados, tão disputada por nossos contemporâneoos.

Para isso teremos que nos dirigir primeiramente para o Oriente onde se acha localizado o berço cuja influência foi incontestavelmente a maior, fornecendo riquíssimas baixelas, não só às casas reinantes como aos titulares.

Êsse, nos legou a louça conhecida pelo nome de Companhia das Indias, que mais não era do que a preciosa porcelana chinesa, ou melhor a porcelana oriental fabricada para os mercados estrangeiros, com os quais manteve um intenso comércio até o último quartel do século XVII, diminuindo daí por diante a proporção que a própria Europa ia lançando seus produtos.

Devemos o nome de Companhia das Indias a essa louça, tão sómente ao fato de ser o seu transporte feito pelas Companhias das Indias Holandesas, Inglesas e pelos veleiros portugueses que viajavam para o Oriente.

O seu aparecimento no Brasil deve ter se dado na segunda metade do século XVIII, pois as primeiras referências à peças avulsas dessa porcelana são encontradas nos inventários daquela época.

Porém, a sua intromissão em grande escala em nosso país deve ter-se dado com a chegada da Família Real Portuguesa. Não só o Príncipe Re-

Digitized by Google

gente procurou trazer os objetos de valor, salvando-os da invasão napoleônica, mas todos os que formavam o séquito real procuraram fazer o mesmo. Esta é, portanto a razão do grande número de peças da Companhia das Indias encontradas no Brasil até nossos dias, não só no mercado, como em coleções particulares e nos Museus.

A Bahia foi a grande introdutora dêsse material. Pela sua posição geográfica, tornara-se a escala forçada das náus que voltavam do Oriente pelo Cabo da Boa Esperança, evitando a costa ocidental da África — a chamada viagem redonda. — Assim sendo, descarregavam naquele porto os maiores e melhores carregamentos dos preciosos "amarrados de louça".

Embora houvessem leis e tratados severos impedindo esses desembarques, clandestinamente era feito o descarregamento, simulando, para isso, arribadas forçadas.

Por outro lado, fazendo os navios portugueses o tráfego normal, recebia o Brasil grande quantidade de porcelana chinesa.

O seu nome de "*louça de Macau*" em Portugal e em nosso país, surge na segunda metade do Século XVIII. A razão dêsse nome é muito simples. Sendo Macau o porto obrigatorio de embarque da louça da China para êsses países, deu-se insensivelmente aquêle mimetismo.

Vamos encontrar a mesma cousa na Inglaterra; tendo seu porto obrigatório em Gombron, essa louça naquele país passou a ser conhecida por "*louça de Gombron*".

A porcelana da Companhia das Indias, não teve em seu começo um aspecto esmaltado, liso, como a que surgiu na Europa. Era de pasta grossa semelhante a uma papa de arroz e é conhecida pelo nome de arroz cozido. Sómente na segunda metade do século XIX é que surge para essa louça a pasta translúcida.

Nessa fabricação não se conhece nenhum exemplar assinado e é mesmo com raríssimas exceções que alguns apresentam marca de origem.

Como ficou dito acima, a proporção que o comércio com a louça européia florescia, emurchecia o que era feito com a louça oriental chegando mesmo a quasi se extinguir com a descoberta do caolin semelhante ao da China, na Europa.

E assim, insensivelmente, chegamos ao segundo berço dessa preciosidade, já então na Europa ou melhor em Saxe, isto ao alvorecer do século XVIII.

Foi ali que um homem chamado Boettger, aluno de farmácia em Berlim e grande químico, conseguiu descobrir o meio de produzir porcelana tão fina e tão pura quanto a fabricada na China.

Êste homem, com a credulidade peculiar à época, resolveu levar seu campo experimental para a pesquisa do ouro quimicamente feito.

Ao ter conhecimento de sua ousadia, o rei da Prússia manda perseguí-lo; Boettger consegue fugir para Saxe, mas aí, novamente, recebe ordem de prisão.

Frederico Augusto I, rei da Polônia e eleitor de Saxe, evitou-lhe a prisão, preferindo guardar para si aquele "fabricante de ouro", como era cha-

Digitized by Google

mado. Assim protegido Boettger resolve continuar suas pesquisas num laboratório de um sábio mineralogista por nome Tschirnaus.

Depois de várias tentativas infrutíferas, desanima. Porém, inteligente e empreendedor como era, não deixando de todo sua pesquisa sôbre o ouro, volta-se para o terreno da porcelana, a grande riqueza da China.

O seu primeiro processo consistiu em reunir uma certa quantidade de vidro, dando-lhe maior opacidade, procurando obter um aspecto, semelhante ao da louça. Falhou por completo em sua primeira experiência.

Por volta de 1704, Boettger descobre um produto ao qual deu erroneamente o nome de porcelana e que nada mais era senão uma espécie de grés em terra vermelha de Okrilla, região perto de *Meissen*.

Obtendo resultados inesperados, abandona por completo suas pesquisas em relação ao ouro. Abre-se-lhe um novo caminho e para o país o começo de uma nova riqueza. Vemos aparecer dessa época peças com o brilho de laca japonesa e outras semelhantes ao "bocaros" (louça em grés mui estimada na China). Êstes produtos receberam o nome de "porcelana vermelha".

Tschirnaus, seu companheiro, falece em 1708; Boettger não desanima e prossegue em seu trabalho, procurando sempre aperfeiçoar seus produtos; mas o grés que possuia ainda não lhe dava a perfeição desejada.

Seu esforço e sua tenacidade são finalmente coroados. Um dia, ao colocar sua cabeleira, notou que o pó que a cobria tinha um peso diferente do habitual. Isto despertou-lhe a atenção e procurou indagar a procedência do mesmo, chegando a conclusão que havia finalmente encontrado o segrêdo que há anos procurava e desejava.

A partir daquele momento Saxe havia encontrado sua verdadeira fortuna Os resultados obtidos com as primeiras experiências foram de tal monta que se instalaram imediatamente em Meissen, uma fábrica cercada de todo cuidado evitando a divulgação do segrêdo.

A argila de "Aúe" (o primeiro caolin descoberto na Europa) era conduzida à fábrica por operários acompanhados por soldados e havia também proibição de exportar.

Boettger que se tinha tornado diretor daquela manufatura, bafejado pela glória e pela fortuna perde o ardor primitivo e, levando uma vida de luxo, morre em 1719, tendo apenas 35 anos.

As primeiras porcelanas fabricadas em Meissen copiaram por tal forma as belas porcelanas orientais que, sem olhar a marca, ficava-se em dúvida sôbre a procedência.

Entre 1740 e 1781 esta manufatura consegue grande destaque graças aos conhecimentos de Horoldt quanto ao emprego de côres e de Kandler quanto a parte escultural, adquirindo nesta ocasião um carater europeu definitivo em sua produção.

Durante a guerra dos Sete Anos, Frederico II mandou transportar produtos e operários para Berlim afim de proteger essa imensa riqueza.

Em 1763, uma comissão real ficou encarregada de sua administração, mas nessa época já havia uma certa estagnação, o que em arte equivale a um

Digitized by Google

começo de decadência. Em 1774, sob a direção do Conde Marcolini, foi se acentuando essa decadência, indo desta forma até a sua morte, em 1814, sem conseguir reerguer o seu prestígio.

No século XIX a concorrência já se fazia sentir não podendo Meissen competir com as demais fábricas. E assim, com momentos melhores e outros piores veiu se mantendo até nossos dias.

Várias foram as marcas dessa manufatura. Para o comércio a primeira que surge é a "Vara de Esculápio" grosseiramente traçada em azul sob coberta, como alusão a primeira profissão de Boettger. Logo depois foi substituida pelos dois floretes cruzados extraídos das armas de Saxe, variando o feitio de acôrdo com o período da porcelana.

Hoje, fraudulentamente, com o auxílio das antigas formas, fabricam porcelanas com as marcas primitivas.

Naquele mesmo século, na França, particularmente em Vincennes, fabricava-se em grande escala porcelana terra artificial de muita delicadeza e finura de pasta. Esta, porém, já não satisfazia as exigências de ceramistas e amadores, conhecedores dos grandes resultados obtidos por Saxe. Foi, então, intensificada a procura do produto por meio do qual se conseguia a porcelana dura igual a da China.

Todo êsse trabalho não foi em vão. Conseguiram enfim, aquêle precioso barro tão cubiçado. Esta descoberta, assim como a de Saxe e muitas outras deu-se de modo imprevisto.

Mme. Darnet, esposa de um cirurgião de Saint-Yrieix, próximo à Limoges, encontrou num terreno baldio uma jazida de um barro esbranquiçado, viscoso, que lhe pareceu ótimo para clarear roupa. Achando interessante e fóra do comum aquela matéria, mostrou-a a seu marido que suspeitou imediatamente do conteúdo daquele barro. Foi, então, ao local, colheu uma certa quantidade de argila e a remeteu para Bordeaux afim de ser convenientemente estudada por um farmacêutico seu amigo. Naquele laboratório, após cuidadoso exame, foi positivada a presença de caolin no barro.

Ainda não confiante na informação recebida de Bordeaux, envia maior quantidade do produto a Macquer, célebre químico em Paris. Com este último exame, desapareceu toda e qualquer dúvida sôbre o valor daquela argila caolínica.

E assim, 60 anos após Saxe, estavam satisfeitas as exigências da grande indústria francesa. Êste episódio deu-se em agosto de 1768, revolucionando toda a produção de porcelana da França. As primeiras experiências realizadas em Sèvres foram por tal forma brilhantes que a manufatura tomou um impulso inesperado. E, desta forma, progredindo sempre, crescendo em beleza e qualidade chegou ao ano de 1815, quando dirigida por Broignart produziu porcelana dura, de pasta muito branca, de esmalte bem vitreo e muito fino. Broignart, que foi também diretor do Museu de Sèvres, exerceu sua gestão até o ano de 1848.

Nos primeiros anos de sua direção, sabedor do estado de miséria e esquecimento em que vivia Mme. Darnet, a descobridora ocasional daquela preciosidade, Broignart, interessou-se junto ao rei Luiz XVIII em lhe conseguir

Digitized by Google

uma pequena pensão, suavizando, assim, a amargura de seus últimos anos de vida.

Nada mais nos resta dizer sôbre a ascenção progressiva de Sèvres, pois é sabido que os produtos dessa manufatura tornaram-se por tal forma preciosos, que, num crescente espalharam-se pelo universo fornecendo a quasi todas as casas reinantes do globo e ao comércio em geral.

Ainda em nossos dias Sèvres é considerada uma das primeiras, senão a primeira do mundo, produzindo peças de rara beleza e de uma delicadeza e transparência invenjáveis.

Em pleno sécullo XX, a par das porcelanas translucidas, aparècem peças ornamentais, de um branco cinza, de aspecto grosso e poroso, mas de pasta tão boa e tão fina quanto a que é empregada nas peças de maior delicadeza.

As marcas de porcelana de Sèvres são em número considerável, não se limitando a marcas de fábrica. São encontradas também siglas e monogramas pertencentes a decoradores e pintores da fábrica.

E assim, damos por finda essa peregrinação com a passagem pelo terceiro grande berço dessa arte magnifica. Dêste último, colhemos até hoje os preciosos frutos, e oxalá consiga permanecer intangível às sacrílegas bombas dessa guerra sem limites que atravessa o mundo impiedosamente. (*)

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

DA COLEÇÃO: AVELAR FERNANDES, ANTÔNIO

D. JOÃO VI

1 *Prato* — paisagem no centro, porcelana inglesa — DERBY — Fábrica da qual não se conhece o fundador nem tão pouco a data de fundação. A primeira referência sôbre seu fabrico aparece em 1750.

2 *Cremeira* — friso azul e ouro, no oval pequena paisagem em sepia. Aparelho de uso da fazenda de Sta. Cruz. Cia. das Indias. S/M.

3 *Tijela* — grega trabalhada e paisagem em sepia. Da fazenda de Sta. Cruz. Cia. das Indias. S/M.

D. PEDRO I

4 *Prato*, muito decorado, flores policrômicas. No centro o brasão imperial. Porcelana francêsa trazendo apenas a marca do representante B. WALLERSTEIN & Cie. Paris e Rio de Janeiro. Estilo Império.

D. LEOPOLDINA

Arquiduquêsa d'Austria; 1.ª *esposa de D. Pedro I. Nasceu a* 22-1-1797 *e faleceu a* 11-12-1826.

(*) Histórico e catálogo organizado por nossa consócia Jenny Dreyfus.

Digitized by Google

5 *Prato.* Borda alaranjada com cercadura de fôlhas douradas, grandes ramos floridos no centro. S/M.

D. PEDRO II

6 *Chícara.* Na borda, as armas completas da Casa de Bragança, e as iniciais P II em letras grandes,várias vezes repetidas. Êste aparelho foi oferecido por D. Luiz de Portugal a D. Pedro II, por ocasião de sua visita aquêle país s/m.

7 *Tijela* — porcelana azul e ouro, com flores policrômas — Coroa Imperial — Porcelana francêsa s/m.

8 *Chicara,* porcelana rosa em tudo semelhante à peça anterior.

9 *Chicara,* rosa avermelhada também semelhante à anterior variando apenas a côr.

2.º REINADO

10 *Chicara,* com brasão Imperial que serviu no Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Paris em 1889. Tem a seguinte inscrição: "EMPIRE DU BRÉSIL".

MARQUÊS DE S. JOÃO MARCOS

Pedro Dias Paes Leme — Nasceu em 1772 — *Marquês em* 12-10-1826.

11 *Chicara* — com o brasão dêsse titular encimado por uma coroa de Marquês. Porcelana francêsa Limoges (H. A.)

BARÃO DE ITAMBÉ

Francisco José Teixeira — 1780 - 1866 (*Barão por decreto de* 15-11-1846).

12 *Prato* — borda decorada em arabescos verde e ouro com uma reserva branca onde se lê: "B. de Itambé" — s/m.

BARÃO DE SOROCABA

Boaventura Delfim Pereira — nasceu em 1788 — (*Barão por decreto de* 12-10-1826).

13 *Pequeno prato* — friso dourado e folhas de parreira em azul com as iniciais B. D. P. Louça da Cia. das Indias — s/m.

14 *Cremeira* — do mesmo aparelho.

BARÃO DE POTENGÍ

Inácio José de America Pinheiro — Nasceu em 1785 (*Barão por decreto de* 17-6-1882).

15 *Prato* — Decoração de flores na côr rosa. Monograma B. P. coroado. Porcelana de Limoges (Haviland & Cie.).

Digitized by Google

2.º BARÃO DE PATÍ DO ALFERES

Francisco Peixoto de Lacerda Werneck — 1795 - 1861 (*Barão em* 15-12-1832; *com Grandeza em* 2-7-1853).

16 *Prato* — Faixa azul na bórda e pendentes de uma fita as insígnias das Ordens de Cristo e da Rosa — s/m. Além dêstes temos:

17 *Prato de sobremesa.*

18 *Uma chicara.*

19 *Uma cremeira.*

MARQUÊS DE PARANÁ

Honório Hermeto Carneiro Leão — 1801-1856 (*Visconde c. Gr. em* 26-6-1852; *Conde em* 12-10-1853 *e Marquês em* 2-12-1854).

20 *Prato de sobremesa* — na borda, o monograma dêsse titular encimado por uma corôa de marquês. Porcelana francêsa.
Julien Fils Ainé — Paris — Êste aparelho chegou a seu destino após a morte do Marquês, razão porque muitos autores dão-no como pertencente à Marquêsa do Paraná.

VISCONDE DE MAUÁ

Irineu Evangelista de Souza — 1813-1899 (*Barão em* 30-4-1854 *e Visconde c. Gr. em* 26-6-1874).

21 *Fruteira* — cercadura dourada; no centro o monograma com corôa de Visconde — s/m.

VISCONDE DO RIO BRANCO

José da Silva Paranhos — 1819-1880. (*Visconde c. Gr. por decreto de* 20-6-1874).

22 *Prato de sobremesa* — Iniciais no centro encimadas por uma corôa de conde. Marca H&C.º - L (Haviland e Cie. — Limoges). Dêsse mesmo serviço temos mais um

23 *Prato*

VISCONDE DO RIO BRANCO

24 *Prato de sobremesa* — Serviço "Lei do Ventre Livre". Na borda uma faixa verde e o monograma encimado por uma corôa de visconde e terminada por um listél com os dizeres: "28 *de Setembro de* 1871". Porcelana francêsa — Pillivuyt, época 1872. Além dêste há mais um

25 *Prato raso*

VISCONDE DE UBÁ

Joaquim Ribeiro de Avelar 1821-1888 — (*Visconde por decreto de* 14-3-1887).

Digitized by Google

26 *Prato* — com uma corôa de conde na borda.

27 *Prato de sobremesa* — borda decorada com flores e no centro uma corôa de conde — Porcelana francêsa. — Ed Honoré — Paris. Ancienne maison DAGOTY, mais tarde sob a proteção da Imperatriz Josefina, tomando em 1815 o nome de MANUFACTURE Mme. la DUCHESSE d'ANGOULÈME.

28 *Cremeira.*

BARÃO DE TEREZÓPOLIS

29 *Cremeira* — monograma BT encimado por uma corôa de barão. Porcelana francêsa decorador Victor Etienne. — Encontra-se nêste mesmo aparelho peças assinadas: JP - L. (J. Pouyat — Limoges).

VISCONDE DE OURO PRETO

Afonso Celso de Assiz Figueiredo — 1837-1912 (*Visconde c. Gr. por decreto de* 13-6-1888).

30 *Cremeira* — bórda decorada em dourado e monograma O. P. encimado por uma corôa de visconde — Porcelana francêsa Limoges — JP - L, decorador J. Klotz — Paris.

BARÃO DE GUAMÁ

Francisco Acácio Corrêa — 1842-1924 (*Barão em* 3-3-1883).

31 *Prato* — Monograma C. G. encimado por uma corôa de barão. Porcelana francêsa Ch. Pillivuyt.

CONDE DA MOTA MAIA

Claudio Velho, 1845-1897 (*Barão em* 6-2-1886; *Visconde c. Gr. em* 20-6-1887 *e Conde em* 8-8-1888).

32 *Prato* — Monograma MM coroado. Decoração de flores na côr rosa. s/m. Segundo o Dr. Mota Maia, êste aparelho é da fábrica que esteve sob a proteção do Conde de Artois.

BARÃO DO PARANÁ

Henrique Hermeto Carneiro Leão — 1847-1916. (*Barão por decreto de* 16-5-1888).

33 *Prato de sobremesa* — Louça em gômos com decoração em dourado e monograma H. H. Porcelana francêsa. Casa Victor Etienne et Fils — Paris.

BARÃO DE GUARIBÚ

Claudio Gomes Ribeiro de Avelar — faleceu em 1868 (*Barão por decreto em* 31-7-1860).

Digitized by Google

34 *Chicara* — porcelana sem marca. Dêsse mesmo titular há um aparelho cuja decoração no centro mostra algumas nozes nas côres naturais.

BARÃO DO RIO PRETO

Domingos Custódio dos Guimarães — faleceu em 1868. (*Barão por decreto de* 1-12-1854; *Visconde em* 14-3-1868).

35 *Prato* — No bórdo dentro de uma cartela, as iniciais dêsse titular encimadas por uma corôa de barão. Porcelana francêsa Ch. Pillivuyt; data aproximada, 1853. Do mesmo aparelho temos

36 *Prato de sobremesa.*

37 *Terrina*

38 *Chicara.*

BARÃO DE TINGUÁ

Pedro Corrêa de Castro — faleceu em 1869. (*Barão por decreto de* 11-10-1848).

39 *Prato* — aparelho que serviu a D. Pedro II quando visitou à cidade de Vassouras. S/m.

CONDE DE PASSÉ

Antonio da Rocha Pita Argolo — faleceu em 1877 (*barão em* 11-9-1843; *Visconde c. Gr. em* 2-12-1854; *Conde em* 14-3-1860).

40 *Cremeira* — bórda decorada em azul e reservas branco e ouro. No centro o brasão dêsse titular nas côres heráldicas. Possivelmente porcelana francêsa — s/m.

BARÃO DE S. SEBASTIÃO

Manuel Ribeiro da Mota — faleceu em 1890. (*Barão em* 24-3-1881; *Visconde em* 14-5-1883)..

41 *Cremeira* — Bórda desenho dourado imitando renda — No centro, em um listél "BARÃO DE S. SEBASTIÃO" encimado por uma corôa de barão — Porcelana francêsa — Julien Fils Aîné — Paris.

41a *Prato*

2.º BARÃO DE PIRACICABA

42 *Cremeira* — No centro o monograma R. A. B. — Porcelana francêsa — *J. Mansard Paris* — atelier decorativo. Esta peça não é marcada.

2.º BARÃO DE IPANEMA

João Antonio Moreira Filho — faleceu em 1900 (*Barão por decreto de* 24-11-1888).

Digitized by Google

43 *Cremeira* — Friso verde e dourado iniciais B. I. coroadas. — Porcelana francêsa — Pillivuyt.

44 *Cremeira.*

BARÃO DE MIRANDA

Julio de Miranda e Silva — faleceu em 1901 (*Barão por decreto de* 7-9-1882).

45 * *Prato* — Bórda toda em gômos completamente decorada com pequenas flôres em sépia — No centro o brasão d'armas dêsse titular. Porcelana de Limoges (Haviland & Cie.).

BARÃO DE ARAUJO MAIA

Honório — Faleceu em 1904 (*Barão por decreto de* 9-7-1884).

46 *Prato* — Frisos azul e ouro, monograma A. M. encimado por uma corôa de barão — Porcelana francêsa — LIMOGES — William Guérin & Cie.

2.º BARÃO DE SOLEDADE

José Pereira Viana — (*Barão por decreto de* 10-4-1867).

47 *Cremeira* — Monograma B. S. encimado por uma corôa de barão. Porcelana francêsa — JULIEN FILS AINÉ. Por especial obsequio do Sr. Lejvor Minski.

BARÃO DE S. CARLOS

Carlos Pereira Nunes — (*Barão por decreto de* 28-7-1877).

48 *Prato de sobremesa* — Frisos rosa e ouro, monograma B.S.C. encimado por uma corôa de barão — Porcelana LIMOGES (Ch. Haviland & Cie.).

BARÃO DE AVELLAR E ALMEIDA

Laurindo de — (*Barão por decreto de* 7-1-1881).

49 *Prato* — Porcelana de inspiração japonesa — Na margem o monograma A.A. coroado. Marca H & C.º, (Limoges). — Esta marca aparece até 1839. Dêste aparelho há mais:

50 *Cremeira.*

51 *Chicara para chá.*

51a *Copo para ovo.*

BARÃO DE ANAJAZ

Antonio Emiliano de Sousa Castro — (*Barão por decreto de* 22-10-1888).

(*) Vêr reprodução à pág. 551.

Digitized by Google

52 *Cremeira* — bela grega dourada e vermelha. Iniciais B. A. coroadas. — Limoges — Havilland & Cie.

BARÃO, VISCONDE E CONDE DE S. CLEMENTE

Antonio Clemente Pinto.

52a *Prato raso,* com barra azul e frisos dourados e no centro o brasão d'armas de suas côres naturais, corôa de barão e timbre.

DA COLEÇÃO: CARVALHO, CLINIO JOSÉ DE

REGÊNCIA D. JOÃO VI

53 (*)*Prato — Real Fazenda de Santa Cruz* — No centro dentro de um círculo, uma paisagem chinesa — Cia. das Indias — s/m.

D. JOÃO VI

54 *Prato — Serviço das Côrças* — Cia. das Indias — Um dos mais ricos das baixelas de D. João VI — s/m.

55 *Prato — Fazenda de Santa Cruz* — No centro dentro de um pequeno oval, uma paisagem em sépia — Cia. das Indias — s/m.

56 *Prato — Serviço dos Pássaros* — Caracterizado por um pássaro policrômo no centro — Porcelana francesa — NAST — Fábrica iniciada em 1783, recebendo em 1817 o auxílio de pintores de Sèvres — Decorações ao gosto da época.

D. AMELIA — DUQUESA DE LEUCHTENBERG

2.ª esposa de D. Pedro I — Nasceu em 1812 *e faleceu em* 1873 — *Serviço comemorativo do seu casamento com D. Pedro I — Muito decorativo, estilo império — No centro, flores. Há outros com paisagem no centro —*

57 *Prato de sobremesa* — Porcelana francesa.

D. PEDRO II

58 *Prato raso* — Escudo com as armas imperiais na bórda, sob a qual se acham as iniciais P. II em tamanho grande.

59 *Prato de sobremesa — Serviço de Caça* — Bórda e centro semeados de flores policrômas; ricamente decorado sôbre fundo azul — Dizem ter sido oferecido por Napoleão III a D. Pedro II — Alguns dêsses pratos tem a marca — D. P. — em relêvo na pasta e segundo Jeanick é marca alemã desconhecida.

(*) Vêr reprodução à pág. 552.

Digitized by Google

DUQUE DE SAXE

Luiz Augusto (Coburgo — Gotha) 1845-1907 — *Marido de D. Leopoldina — Princesa brasileira, filha de D. Pedro II.*

60 *Prato* — porcelana branca friso verde na bórda e corôa imperial. — s/m.

MARQUÊS DE ABRANTES

Migugel Calmon du Pin e Almeida — 1796-1865 — (*Visconde c. Gr. por decreto de* 18 *de julho de* 1841 — *Marquês em* 2 *de dezembro de* 1854).

61 *Prato* — muito decorado, flores campestres policrômas. Na bórda o brasão daquêle titular encimado por uma corôa de conde. — Porcelana de Saxe, da qual já nos ocupamos.

CONDE IPANEMA

João Antonio Moreira — 1797-1875 — (*Barão por decreto de* 24 *de março de* 1847 — *com Grandeza em* 25 *de março de* 1849 — *Visconde com Grandeza em* 2 *de dezembro de* 1854 — *Conde em* 20 *de fevereiro de* 1868.

62 *Prato* — Porcelana branca, faixa verde, e iniciais B. de I., encimadas por uma corôa de conde na bórda.

NOTA — Esta louça foi muito tempo atribuída ao *Barão de Itacurussú;* mais tarde passou a ser considerada como pertencente ao *Conde de Ipanema* e atualmente tudo nos leva a crêr que tenha sido o serviço do *Barão de Itapagipe* (titular baiano). Informação dada a Gastão Penalva por quem adquiriu esta louça naquele Estado.

2.ºBARÃO DO RIO BONITO

João Pereira Larrigue de Faro — 1803-1856 — (*Barão por decreto de* 25 *de março de* 1854 *e Visconde com Grandeza em* 2 *de dezembro de* 1854).

63 *Prato* — No bordo o brasão d'armas dêsse titular — Porcelana francêsa s/m. Há alguns pratos exatamente iguais a êste, trazendo a marca Pillivuyt com data de 1878. Por esta data verifica-se pertencerem ao 3.º Barão do Rio Bonito — José Pereira de Faro — 1832-1899 (Barão em 1873).

BARÃO DE PENEDO

Francisco Inácio Carvalho Moreira — 1815-1906 — (*Barão em* 29 *de julho de* 1864).

64 *Prato* — Bordo azul e no centro o escudo de armas dêsse titular. Marca — COPELAND — da 2.ª metade do século XIX.

Digitized by Google

65 *Prato* — Em porcelana branca tendo no bórdo um P em negro — (Conhecida por "louça pobre"). Porcelana francesa "Le Rosey".

BARÃO DE TEREZÓPOLIS

Francisco Ferreira de Abreu — 1823-1885 — (*Barão por decreto de 23 de setembro de* 1874).

66 *Prato* — Na borda o monograma dêsse titular, coroado — Fábrica — LIMOGES — com a marca VICTOR ETIÈNNE ET FILS — PARIS. Época, aproximadamente, 1842.

2.º VISCONDE DE PELOTAS

José Antonio Corrêa da Camara — 1824-1893 — (*Barão por decreto. Visconde com Grandeza por decreto de 17 de março de* 1870).

67 *Sopeira* — Inicial P coroada — s/m.

BARÃO DE CAMPINAS

Joaquim Pinto de Araujo Cunha — 1834-1894. — (*Barão por decreto de 13 de agosto de* 1899).

68 *Prato* — Monograma encimado por uma coroa de conde, no bordo do prato — Marca J. M. KLOTZ 22 RUE DU PARADIS.

CONDE DO PINHAL

Antonio Carlos de Arruda Botelho — 1827-1901. (*Barão por decreto de 19 de julho de* 1879 — *Visconde com Grandeza em 28 de Fevereiro de* 1885. — *Conde em 7 de maio de* 1887).

69 *Prato* — Faixa vermelha no bordo semeada de frutos; ainda no bordo as iniciais dêsse titular encimadas por uma corôa de conde — Porcelana não identificada; possivelmente francêsa.

BARÃO DO RIO BRANCO

José Maria da Silva Paranhos — 1845-1912. (*Barão por decreto de 30 de maio de* 1888).

70 *Prato* — De uma das baixelas do Barão do Rio Branco — Brasão d'armas no centro. Encomenda da casa BOURGEOIS — PARIS ET MARSEILE — porcelana francesa.

BARÃO DE QUARTIM

Antonio Tomaz Quartim — *Nasceu em* 1854.

71 *Prato* — No bordo o brasão daquêle titular encimado por uma corôa de barão — Porcelana francesa de Manufatura Nacional de SÈVRES — O interessante nessa louça é a data na marca da fábrica — Alguns pratos mostram a de 1896, 1899 e outros 1900 — Como se vê essa

Digitized by Google

encomenda deve ter sido feita bem depois da proclamação da República. (Barão por decreto de 16 de fevereiro de 1884).

2.º BARÃO DE PIRACICABA

Rafael Tobias de Aguiar Paes de Barros — Faleceu em 1898. (*Barão por decreto de* 31 *de dezembro de* 1880).

72 *Prato de sobremesa* — No centro o monograma B. P. encimado por uma corôa de barão — Porcelana de Paris — J. MANSARD — R. DU PARADIS 34 — Atelier decorativo sob a direção de Mansard — Época provável, 1830 — Da mesma coleção temos uma:

73 *Sopeira.*

BARÃO DE POCONÉ

Manuel Nunes da Cunha — 1817-1881. — (*Barão por decreto de* 14 *de dezembro de* 1861).

74 *Prato* — Faixa azul turquesa, tendo no bordo a inicial P coroada. — Porcelana francesa LIMOGES — decorador J. H. Klotz — Paris.

BARÃO DE ITABAIANA

Manuel Rodrigues Gameiro — Faleceu em 1846 — (*Visconde com Grandeza por decreto de* 12 *de outubro de* 1828).

75 *Prato* — porcelana branca com circulos concentricos em verde e ouro —Monograma coroado no centro — Louça francesa — Fábrica do Conde de Artois (1771-1828) período sob a direção de Schoelcher.

PEDRO JOSE' BERNARDES

76 *Prato* — Ricamente ornamentado, no centro uma paisagem chinesa policrôma — encimado pelas iniciais P. J. B. Êste belo serviço da Cia. das Indias foi encomendado por Pedro José Bernardes e mais tarde usado por sua filha a Marquesa de Itamaraty.

DA COLEÇÃO: GARCIA BRAGA

REGÊNCIA DE D. JOÃO VI

77 *Prato de sobremesa* — Octogonal. Serviço dos Galos. Fazenda de Santa Cruz. Porcelana chinesa. "Família Rosa". Cercadura de flores. No centro "uma briga de galos". Embora seja uma louça chinesa a cêna dos galos é puramente européia s/m.

D. JOÃO VI

78 *Prato de sobremesa* — Poligonal. Serviço dos Pavões. Fazenda de Santa Cruz. Porcelana chinesa. Um misto de "Família Rose e Família verde". No centro pavões policrômos s/m.

Digitized by Google

D. PEDRO I

79 *Prato* — Louça "INDEPENDÊNCIA". Peça rara. No centro as armas imperiais. Na borda, dentro de reservas formadas por ramos de fumo e café, Brasões imperiais e o dístico: "VIVA A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL". Cia das Indias. Segundo a tradição, presenteada a D. Pedro I por um grupo de patriótas em 1823.

80 *Prato* — Louça do "Versinho". Porcelana branca. No centro o versinho em dourado. Na borda, dentro de reservas. "VIVAM OS BRASILEIROS" "VIVAM OS MINEIROS" "VIVAM OS PAULISTAS" "VIVAM OS FLUMINENSES". s/m. O fabrico dessa louça é muito discutido.

DD. ISABEL E LEOPOLDINA

Princesas brasileiras.

81 *Prato* — Na borda uma lista verde. Iniciais I. L. entrelaçadas, encimadas pela corôa imperial. Aparelho de uso das duas princesas. Porcelana de SÈVRES, ano de 1863, decorada por JACQUEL, 3 Rue de la Paix. Paris.

82 *Prato* — Cercadura, iniciais entrelaçadas encimadas pela Corôa Imperial, tudo em dourado. Porcelana francesa H. & Cie. - L (Haviland & Cie. Limoges).

D. PEDRO II

83 * *Prato* — Poligonal. Serviço do Palácio de São Cristovão. Armas imperiais no centro em esmalte roxo. Louça de uso diário s/b.

84 *Prato fundo.* Lista verde na borda e Armas Imperiais no centro, sob as quais vemos as iniciais P. II, tamanho pequeno s/m.

85 *Chicara de café* do mesmo aparelho.

86 *Prato.* Serviço de Caça. Borda azul. Semeado de flores policrômas. Reservas com faisões. O centro também azul com as mesmas flores. Aparelho que dizem ter sido oferecido a D. Pedro II por Napoleão III. Sente-se bem a influência francesa na decoração s/m.

DUQUE DE SAXE

87 *Prato fundo.* Serviço com frisos dourados na borda, ornatos azues e Corôa imperial s/m.

MARQUÊS DE BARBACENA

Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta — 1772-1842. (*Visconde com Grandeza em* 13-10-1824. *Marquês em* 12-10-1836).

88 (**) *Terrina.* Porcelana não identificada, possivelmente austríaca. Bela peça com brasão dêsse titular.

(**) Vêr reprodução à pág. 553. Saiu na capa do Catálogo.
(*) Vêr reprodução à pág. 554.

Digitized by Google

BARÃO DE CAJAíBA

Alexandre Gomes de Argolo Ferrão — 1800-1870 — (*Barão com Grandeza em* 25-3-1899).

89 *Chicara,* porcelana branca, tendo por extenso o nome "*Cajaíba*", encimado por uma corôa de barão, s/m.

BARÃO DE JEQUIÁ

Manuel Duarte Ferreira Ferro — 1800-1870 — (*Barão em* 11-4-1859 *e com Grandeza em* 14-3-1860).

90 *Prato de sobremesa* — Borda verde com reservas. Em uma delas lê-se: "BARÃO DE JEQUIÁ", encimado por uma corôa de conde. Porclana Ch. Pillivuyt. 1867.

BARÃO DO RIO BONITO

91 (*) *Prato de sobremesa.* Borda azul escuro com belíssima grega dourada na beira. Dentro de uma reserva as armas dêsse titular. No centro uma paisagem. Porcelana não identificada. Dos aparelhos pertencentes a Larrigue de Faro, êste era o mais riço.

1.º BARÃO DE ARARAQUARA

José Estanislau de Oliveira — 1803-1884. — (*Baro de Araraquara por decreto de* 30-5-1867; Visconde do Rio Claro por decreto de 19-7-1879).

92 *Prato.* Ramo de flores pegando a borda e o centro. Iniciais coroadas, s/m.

BARÃO DE PENEDO

Francisco Inácio Carvalho Moreira.

93 *Floreira.* Brasonada. Porcelana já descrita.

BARÃO DE PALMA

Antonio de Freitas Paranhos. Nasceu em 1815 (*Barão por decreto de* 27-3-1872).

94 *Prato de sobremesa.* Porcelana branca; inicial P encimada por uma corôa de barão, s/m.

BARÃO DE CAMPINAS

Joaquim Pinto de Araujo Cunha.

95 *Prato de sobremesa.* Monograma coroado no centro do prato. Porcelana já descrita.

(*) Vêr reprodução à pág. 555.

Digitized by Google

VISCONDE DE OURO PRETO

Afonso Celso de Assiz Figueiredo.

96 *Prato raso.* Porcelana J. P. - L., já descrita.

VISCONDE DE GUAÍ

Joaquim Elisio Pereira Marinho — 1841-1914 — (*Barão em* 26-4-1879. *Barão com Grandeza em* 3-10-1887; *Visconde em* 31-10-1889).

97 *Chicara de chá.* Um ramo de flores, um passarinho e no centro uma corôa de conde, tudo em dourado. Porcelana francesa W. G. & Cie. Limoges. (William Guérin & Cie. Limoges).

CONDE DE FIGUEIREDO

Francisco de Figueiredo — 1843-1917 — (*Visconde em* 19-7-1879 *e Conde em* 31-10-1889).

98 *Prato de sobremesa.* Porcelana branca, grinalda de flores no centro. Na borda ás armas dêsse titular encimadas por uma corôa de visconde. Marca FH (desconhecida). Há quem atribua a Charles Haviland.

BARONESA DE SÃO JOAQUIM

Joaquim de Oliveira de Araujo Gomes — 1849-19 — (*Título do marido. Barão por decreto de* 5-7-1888).

99 *Prato pequeno,* formato de um coração, tendo no centro as iniciais coroadas s/m.

BARÃO DE GUARIBÚ

Claudio Gomes Ribeiro de Avelar.

100 *Prato de sobremesa.* Faixa azul na borda. Ao centro nozes ao natural, muito perfeitas. Embora a marca não seja identificada parece tratar-se da fábrica Vista-Alegre (Portugal). Marca do escultor Anselmo Ferreira / riscada na pasta. Monograma e coroa de barão.

CONDE DE PASSÉ

Antonio da Rocha Pita Argolo.

101 (*) *Prato de sobremesa.* Do serviço mais rico dêsse titular. Desenho em azul e ouro na borda. Brasão no centro. Porcelana francesa não identificada.

BARÃO DE DRUMOND

João Batista Viana Drumond. (*Barão por decreto de* 19-8-1888).

(*) Vêr reprodução à pág. 556.

Digitized by Google

102 *Prato.* 2 grandes iniciais, encimadas por uma corôa de barão. Porcelana francesa Ch. Pillivuyt.

BARÃO DO PASSÉ

Antonio da Rocha Pita Argolo.

102a *Prato raso,* com ligeiro friso dourado na borda e no centro brasão d'armas encimado por coroa de barão.

CONDE DE S. MAMEDE

José Pereira Ferreira Felicio. Nasceu no Rio de Janeiro em 1853. — *Título português.*

102b *Prato de sobremesa,* com borda azul e ouro, brasão d'armas e uma paisagem no centro. Aparelho dos mais ricos conhecidos no Brasil.

DA COLEÇÃO GASTÃO PENALVA

D. JOÃO VI

103 *Travessa.* Serviço da Real Fazenda de Santa Cruz. Azul ouro e sépia. Louça Comp. das Indias s/m.

104 *Travessa,* Idem.

D. PEDRO I

105 *Prato.* Comemorativo do casamento do Imperador com D. Amélia de Leuchtenberg. Paisagem no centro. Porcelana já descrita.

PRÍNCIPE DE JOINVILLE

Francisco Fernando Luiz de Orléans. — 1818-1900 — *Casado com D. Francisca, Princesa brasileira, irmã de D. Pedro II.*

106 *Travessa.* Porcelana branca, com faixa azul de Sèvres, desenhos dourados s/m. Possivelmente Sèvres.

107 *Prato de arroz.*

PRÍNCIPE DE MAETTERNICH

Clemente Wenceslau — 1773-1859.

108 (*) *Prato.* Porcelana azul-negro. Na borda, entre arabescos dourados, 3 reservas com cênas estivais. No centro as armas dêsse titular. Peça muito rica. Marca: *Vienna-Austria* 1718-1864, fundada pelo artista holandês Claude Pacquier.

(*) Vêr reprodução à pág. 557.

Digitized by Google

DA ILUSTRÍSSIMA CÂMARA MUNICIPAL

109 *Terrina.*. Na borda uma grinalda de flores policrômas. No centro os ramos de fumo e café. Porcelana francesa *Deroche.* Decorador estabelecido à rua Jean Jacques Rousseau n.º 6 - Paris.

VISCONDE DE VILA REAL DA PRAIA GRANDE

Caetano P. Montenegro.

110 *Fruteira.* Na borda, barra verde e o monograma coroado. Porcelana francesa Pillivuyt.

111 *Molheira.*

VISCONDE DE MERITÍ

Manuel Lopes Pereira Bahia. — 1787-1860 — (*Barão por decreto de* 23-10-1853; *c. gr. em* 2-12-1854 *e Visconde em* 2-12-1858).

112 *Travessa.* Borda muito parecida com o serviço de "Caça", porém em fundo branco. No centro, grandes flores. O interessante nêsse serviço é que cada peça apresenta um desenho diferente. — Porcelana francesa. Iniciais P. B.

CONDE DE IPANEMA

João Antônio Moreira.

113 *Travessa,* porcelana já descrita.

114 *Fruteira.*

MARQUÊS DO PARANÁ

Honório Hermeto Carneiro Leão.

115 *Prato fundo,* porcelana já descrita.

BARÃO DE BAMBUÍ

Francisco das Chagas Andrade. — 1805-1877. — (*Barão por decreto de* 26-12-1866).

116 *Prato de sobremesa,* porcelana branca com uma coroa de barão na borda s/m.

BARÃO DE PENEDO

Francisco Inácio Carvalho Moreira.

117 *Prato,* porcelana branca na borda um P encimado por uma coroa de Barão. Porcelana francesa *Le Rosey* — atelier decorativo mantido por J. Rihouet, associado mais tarde a Le Rosey. Rue de la Paix n.º 11.

BARÃO DE TEREZÓPOLIS

Francisco Ferreira de Abreu.

118 *Travessa,* porcelana já descrita.

Digitized by Google

2.º VISCONDE DE PELOTAS

José Antônio Corrêia da Camara.

119 *Travessa.* Porcelana já descrita.

120 *Prato.* Porcelana já descrita.

BARÃO DE CAMPINAS

Joaquim Pinto de Araujo Cintra.

121 *Prato,* já descrito.

BARÃO DE SANTA HELENA

José Joaquim Monteiro da Silva. — 1827-1897. — (*Barão por decreto de* 13-12-1876).

122 *Prato fundo,* ramo de rosas na borda pegando o centro; monograma coroado. Porcelana francesa — Haviland & Cie.

BARÃO DE GUAJARÁ

Domingos Antônio Raiol. — 1830-1912. — (*Barão por decreto de* 3-3-1883).

123 *Chicara para caldo.* No centro o monograma coroado, em dourado. Fábrica francesa H & Pl. — V. (Hache Pepin le Halleur — Vierzon.

VISCONDE DE OURO PRETO

Afonso Celso de Assiz Figueiredo.

124 *Travessa,* porcelana branca apenas com as iniciais, A. C. Porcelana francesa J. P. L., pelo seu representante Klotz. Dêste serviço há também:

125 *Chicara.*

126 *Travessa,* extremidades douradas e no centro o monograma coroado Porcelana já descrita.

BARÃO DE GUARIBÚ

Claudio Gomes Ribeiro de Avellar.

127 *Travessa,* porcelana já descrita.

BARÃO DE S. SEBASTIÃO

Manuel Ribeiro da Mota.

128 *Travessa,* porcelana já descrita.

2.º BARÃO DE PIRACICABA

Rafael Tobias de Aguiar Paes e Barros.

129 *Travessa,* porcelana já descrita.

130 *Sopeira,* porcelana já descrita.

Digitized by Google

BARÃO DE ANAJAZ

Antônio Emiliano de Souza e Castro.

131 *Prato de arroz,* porcelana já descrita.

132 *Travessa,* porcelana já descrita.

BARÃO DE SOLEDADE

José Pereira Viana.

133 *Prato de arroz,* porcelana branca. Monograma coroado, tendo por originalidade o S deitado. Porcelana já descrita.

VISCONDE DE CAMPO ALEGRE

Joaquim de Sousa Leão (*Barão por decreto de* 12-4-1867; *Visconde em* 9-8-1884).

134 *Travessa,* porcelana branca com o brasão daquêle titular no centro, encimado por uma coroa de marquês. Porcelana Vista Alegre (Portugal). Fundada em 1824; seus produtos entre 1836 e 1852 rivalizaram com os de Sèvres no período correspondente.

2.º BARÃO DE DOURADO

José Luiz Borges. (*Barão por decreto de* 13-8-1889).

135 *Travessa.* Muito decorativa. Flores e cupidos em tons muito suaves. Monograma nas duas extremidades da peça. Porcelana francesa M. R. - France - Limoges, de 1842 a nossos dias. Do mesmo serviço há mais um

136 *Prato.*

BARÃO DE MORENOS

Antônio de Sousa Leão. Faleceu em 1882. (*Barão por decreto de* 24-8-1870).

137 *Prato.* Porcelana, faixa azul na beira. Na bórda uma corôa de barão encimada pelo timbre dos Sousa Leão. Mais abaixo um listél onde se lê: *"B. de Morenos"* Porcelana francesa.

VISCONDE DE GUAÍ

Joaquim Elisio Pereira Marinho.

138 *Prato,* porcelana branca, brasão dêsse titular com elmo e timbre.

CORONEL GOMES NETO — *Antônio*

139 *Prato de sobremesa.* Faixa verde na bórda. Por extenso "Coronel Gomes Neto", encimado por uma corôa imperial, também em verde, s/m. — Êste aparêlho serviu a D. Pedro II.

 Digitized by Google

MARQUÊS DE TORRES NOVAS

D. Antônio de Noronha Abranches Castelo Branco. 1.º *Marquês de Torres Novas e 7.º de Valadares. Nasceu em* 1776. *Mordomo-mór dos Reis D. João VI e D. Pedro IV.*

140 *Chicara,* porcelana da China, motivos típicos do país. Louça *Mandarim* — s/m. Êste titular teve a honra de coroar D. João quando ascendeu ao trono do Brasil.

---

141 *Chicara com brasão desconhecido.* Peça muito fina com brasão, paquiíes corôa de marquês de um titular desconhecido. Está ligado ao Brasil, por uma pedra d'armas que se encontra no Museu Histórico, na qual entre outros três brasões se encontra êste. (Pedra não identificada). A chicara é de Limoges J. P. L.

DA COLEÇÃO: LEAL DA COSTA, JAIME

D. JOÃO VI

142 *Anfora.* Do Serviço das Corças da Cia. das Indias, já descrito.
143 *Anfora.* Idem.

DA COLEÇÃO: MARQUES DOS SANTOS, FRANCISCO

D. PEDRO II

143 *Prato,* idêntico ao serviço do Duque de Saxe, sendo pintado a óleo no centro o retrato de D. Pedro II a) Augusto Petit — Porcelana s/m.

BARÃO DE ITABAIANA

Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa. Faleceu em 1846 — *Barão por decreto de* 12-10-1825; *Visconde em* 12-10-1826; *Visconde com Gr. em* 12-8-1828.

144 *Azeitoneira,* forma de concha toda raiada em ouro e verde e na extremidade o monograma encimado por uma corôa de barão. Porcelana francesa Schoelcher. Paris. Fábrica do Conde de Artois.

FERREIRA...

145 *Prato.* Na borda o brasão dêsse titular e no centro pintado a mão o Convento da Piedade em Salvador. Bahia. a) H. Waldec 87. Porcelana s/m.

Digitized by Google

2.º BARÃO DE VARGEM ALEGRE

Luiz Otávio de Oliveira Roxo — (*Barão em* 16-8-1882. *Visconde em* 11-4-1888).

145a *Prato de sobremesa,* borda azul de Prussia com barra dourada. No centro as armas dêsse titular sobreposta a uma insígnia da Ordem da Cruz de Malta. Porcelana francesa Vierzon (Hache et Pepin le Halleur) — 1878.

146 (*) *Prato amostra.* Existente nos representantes das fábricas para livre escolha de monogramas, iniciais e corôas. Estas, se acham disposta na borda e no centro, as armas imperiais ladeados pelos ramos de fumo e café atados com fita azul de onde pende uma insígnia da Imperial Ordem da Rosa. Porcelana francesa s/m.

DA COLEÇÃO: NEWTON DA SILVA CARNEIRO

D. JOÃO VI

147 *Travessa.* Serviço das corças. Louça da Cia. das Indias s/m. Caracterizado pela pequena côrça carregando sôbre o lombo um vaso de flores.

BARÃO DE NOVA FRIBURGO

Antônio Clemente Pinto, 1795-1869. (*Barão por decreto de* 28-3-1854; *c. Gr. em* 23-4-1860.

148 *Chicara.* Na borda uma pintura larga de assunto oriental. No centro dentro de um oval, as iniciais A. C. P. Louça da Cia. das Indias.

BARÃO DE SOROCABA

Boaventura Delfim Pereira. Nasceu em 1788. (*Barão por decreto de* 12-10-1826).

149 *Travessa.* Fôlhas de parreira na borda, iniciais no centro. Porcelana já descrita.

BARÃO DE SANTA ISABEL

Luiz da Cunha Feijó 1817-1881. (*Barão por decreto de* 14-3-1872; *Visconde c. Gr. em* 23-9-1874).

150 *Prato de Sobremesa.*

151 *Prato raso.* Iniciais coroadas na borda e flores no centro. Porcelana francesa. Pillivuyt, 1867.

(*) Vêr reprodução à pág. 558.

Digitized by Google

BARÃO DE TEFFÉ

Antônio Luiz von Honholtz. 1837 - 1881. (*Barão por decreto de* 11-6-1883).

152 *Prato.* Porcelana francesa. Depósito — rue Drouot 21, Paris. Borda azul-negro, grandes iniciais atravessadas por uma corôa de barão, tudo em dourado.

BARÃO DE S. CLEMENTE

Antônio Clemente Pinto. 1830-1898. (*Barão por decreto de* 3-6-1863; *Visconde em* 11-4-1888; *Conde por decreto de* 1888.

153 *Prato de sobremesa,* borda azul com as iniciais S. C. No centro, flores. Porcelana francesa *Julien Fils Aîné.*

DA COLEÇÃO: HILDA FONTENELLE

BARÃO DE ENTRE RIOS

Antônio Barroso Pereira, faleceu em 1862. (*Barão em* 14-12-1852).

154 *Prato.* Porcelana de influência oriental vendo-se uma geisha de um lado e do outro as iniciais coroadas.

BARÃO DE SANTA ISABEL

Luiz da Cunha Feijó.

154a *Prato,* porcelana branca. Na borda faixa rosa e o monograma encimado por uma corôa de barão. Porcelana francesa Ch. Pillivuyt. — 1867.

DA COLEÇÃO SOUSA FARIA CASTRO, ARMANDO

VISCONDE DE ANDARAÍ

Militão Máximo de Sousa, faleceu em 1888. (*Barão por decreto de* 10-7-1872, *Visconde com Grandeza em* 30-5-1888).

155 *Prato.* Porcelana branca; na borda uma grega dourada e no centro o monograma dêsse titular encimado por uma corôa de visconde.

Digitized by Google

DA COLEÇÃO: D. CORINA PEIXOTO DE ARAUJO,

neta dos Barões de Villa Flôr

BARÃO DE VILA FLÔR

João Manuel de Sousa (*Barão por decreto de* 28-1-1871).

156 *Cremeira*
157 *Prato*
158 *Chicara para chá*
159 *Copo para ovo*

Porcelana francesa de Haviland e Cia. Barra verde monograma V. F. coroado.

Os Barões de Vila Flôr hospedaram Suas Majestades Imperiais, três vezes, sendo que êsse aparêlho serviu pela 3.ª *vez em* 1878.

DA COLEÇÃO: A. F.

CONDE DA BÔA VISTA

Francisco do Rego Barros. 1802 - 1870. (*Barão por decreto de* 18-6-1841; *Barão com Grandeza em* 2-12-1854; *Visconde c. Gr. em* 12-12-1858 *e Conde em* 29-8-1860).

160 *Cremeira.* Porcelana branca com escudo d'armas dêsse titular. Fábrica francesa; conforme informação da família. Sèvres, embora não apresente marca.

161 *Cremeira.* Idem.

162 *Bandeja.* Idem.

DA COLEÇÃO: J. WANDERLEY PINHO

VISCONDE DE CACHOEIRA

Luiz José de Carvalho Melo. 1764-1826. *Visconde com Gr. por decreto de* 12-10-1824.

163 *Travessa,* com ornatos azul e ouro, tendo no centro as iniciais L. J. C. M. Louça da Cia. das Indias.

VISCONDE DE ARAMARÉ

Manuel Lopes da Costa Pinto. 1809-1889. *Barão em* 6-9-1866. *Visconde com Gr. em* 26-4-1879.

164 *Prato,* porcelana branca com frizo verde e iniciais douradas.

Digitized by Google

CONDE DE SUBAÉ

Francisco Moreira de Carvalho. Barão em 6-9-1866 *com Gr. em* 3-4-1867; *Visconde com Gr. em* 25-2-1871 *e Conde em* 16-8-1882.

165 *Prato*, porcelana branca com frizos amarelos e um B. S. com corôa de barão em dourado.

CONDE DE SERGIMIRIM

Antônio da Costa Pinto. 1807-1880. *Barão em* 14-3-1860. *Visconde com Gr. em* 13-12-1875 *e Conde em* 16-2-1880.

166 *Prato*, ornato de rosas e escrito em dourado: Costa Pinto. Porcelana francesa.

ÍNDICE DAS 8 PEÇAS QUE REPRODUZIMOS

45 — *Barão de Miranda;*
53 — *Prato da Real Fazenda de Santa Cruz;*
83 — *D. Pedro II. Prato do Serviço de S. Cristovão;*
88 — *Marquês de Barbacena;*
91 — *Barão do Rio Bonito;*
101 — *Conde de Passé;*
108 — *Principe de Maetternich;*
146 — *Prato de amostra.*

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do Revmo. Padre Frederico Hobold, secretário do Arcebispado de Florianópolis:

"Em nome de s. excia. revma. o sr. Arcebispo Metropolitano, cabe-me agradecer a v. excia. a remessa da *Revista Genealógica Brasileira*, 2.º semestre de 1943, n.º 8. Como sempre, trabalho muito interessante e, por vezes, sumamente instrutivo. Entre outros, apreciou o que trata, e com tanta proficiencia, do "*O último governador da Bahia no século desoito*".

Do sr. Epifanio da Fonseca Doria, secretário do Instituto Histórico de Sergipe:

"Recebeu ontem o Instituto Histórico, por intermédio do professor Sebrão Sobrinho, um exemplar do volume VI do Anuário Genealógico Brasileiro, publicado sob sua competente direção. Cumpre-me, o que ora faço, agradecer-lhe a bondade com que se lembra da Biblioteca do Instituto, que é atualmente uma das melhores que o Estado

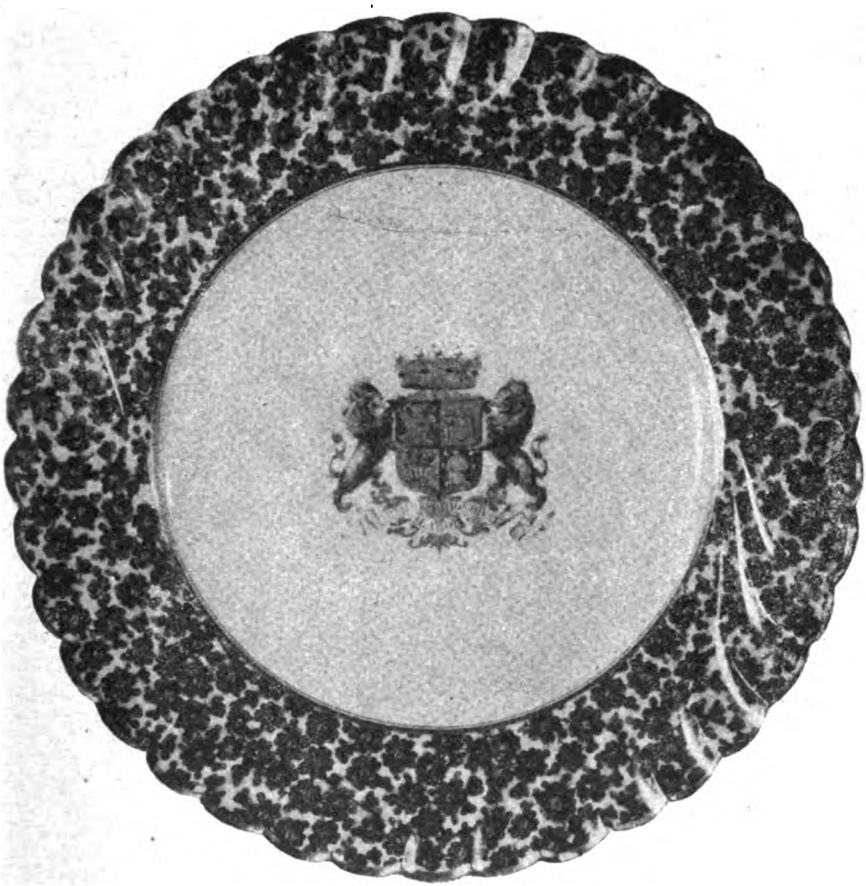
Do sr. Celso Martins Schröder, do Rio Grande do Sul:

"Recebi o Anuário Genealógico Brasileiro, vol. VI; felicito o ilustre amigo e seus dignos colaboradores pela magnífica confecção de mais êsse número de tão útil e benemérita publicação."

Do dr. Carlos Drummond de Andrade, Chefe do Gabinete do Sr. Ministro da Educação:

"Ao prezado amigo, cumprimentando cordialmente, venho agradecer a oferta do n.º 9 da *Revista Genealógica Brasileira*, do vol. VI do *Anuário* e do n.º 2 dos *Indices*, publicações essas que muito recomendam o Instituto sob sua competente direção."

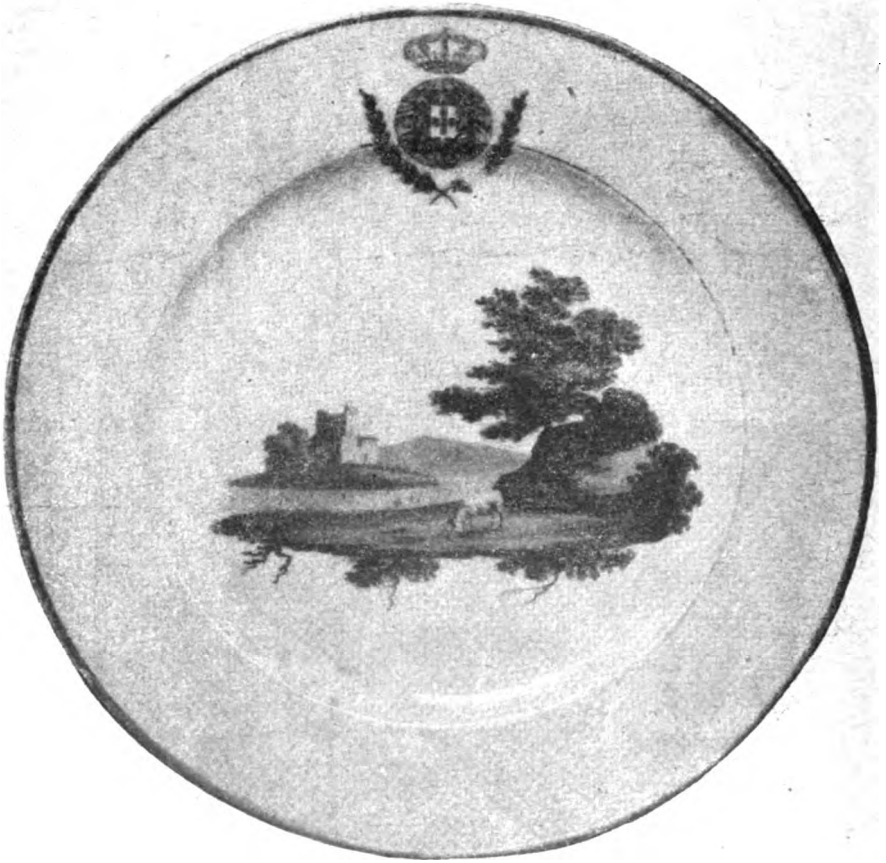
Digitized by Google



Da Coleção Avelar Fernandes

45 Barão de Miranda

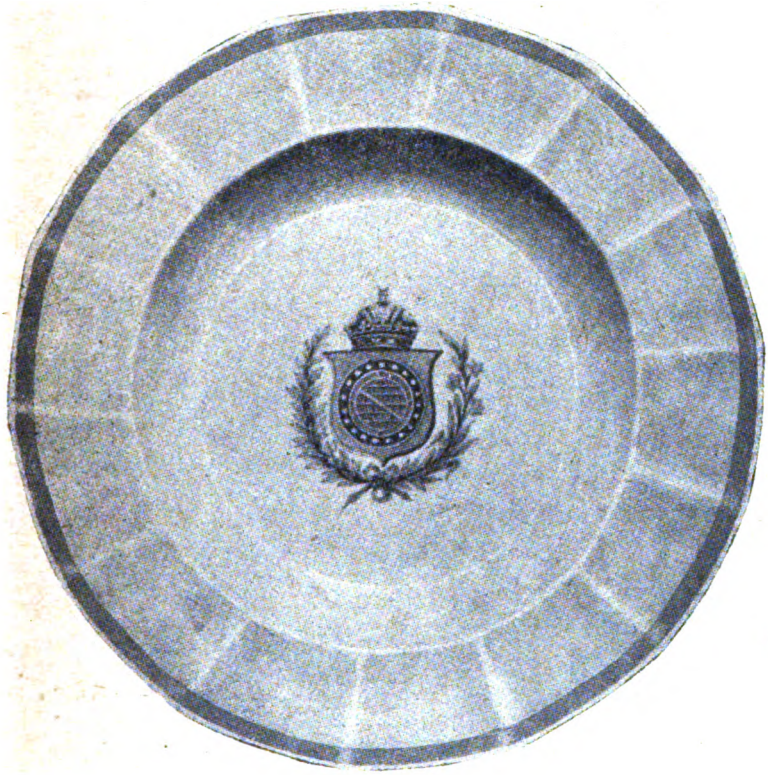
Digitized by Google



Da Coleção Clinio José de Carvalho
Regencia de D. João VI

53 Prato da Real Fazenda de Santa Cruz com brasão das Armas do Reino Unido no bordo e paisagem no centro

Digitized by Google



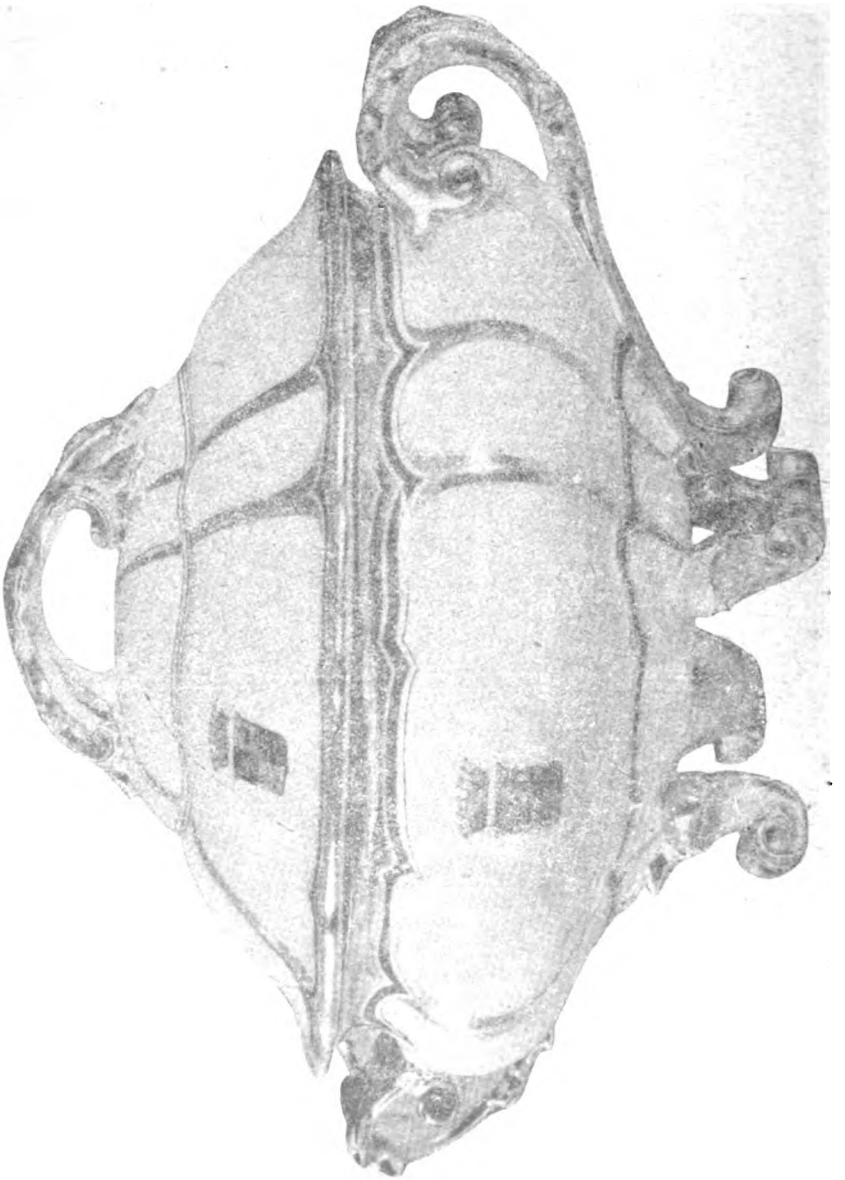
(Na capa)

Da Coleção Garcia Braga

D. Pedro II

83 Prato do Serviço de S. Cristovão

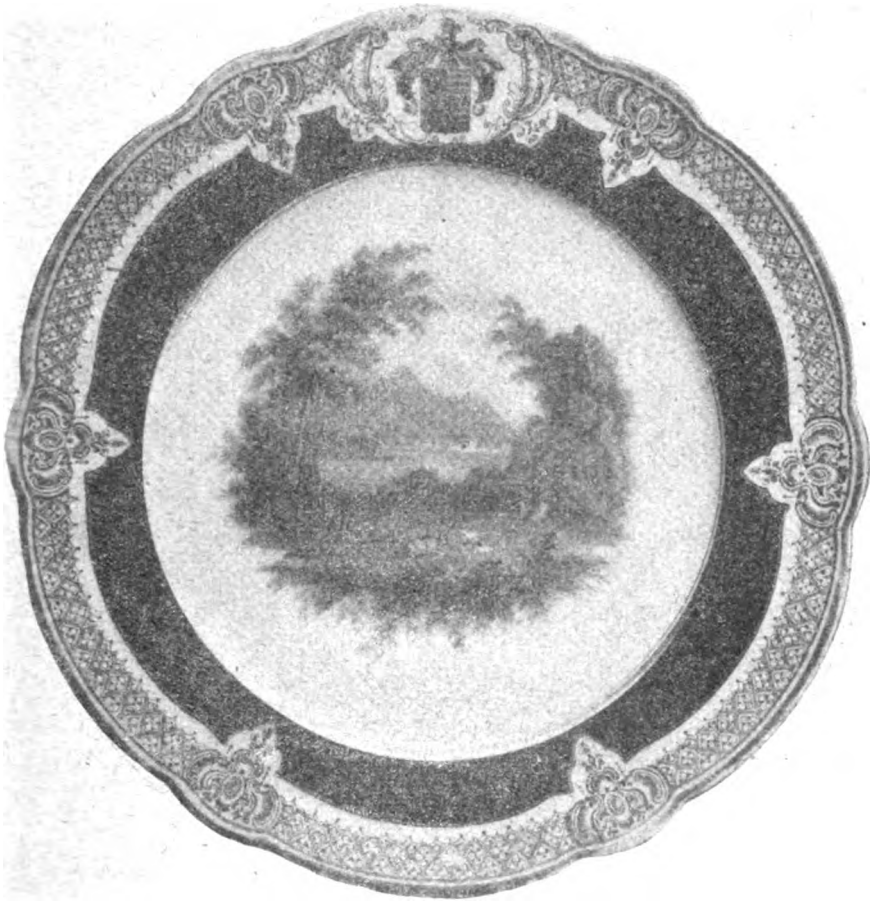
Digitized by Google



88 Marquês de Barbacena

Da Coleção Garcia Braga

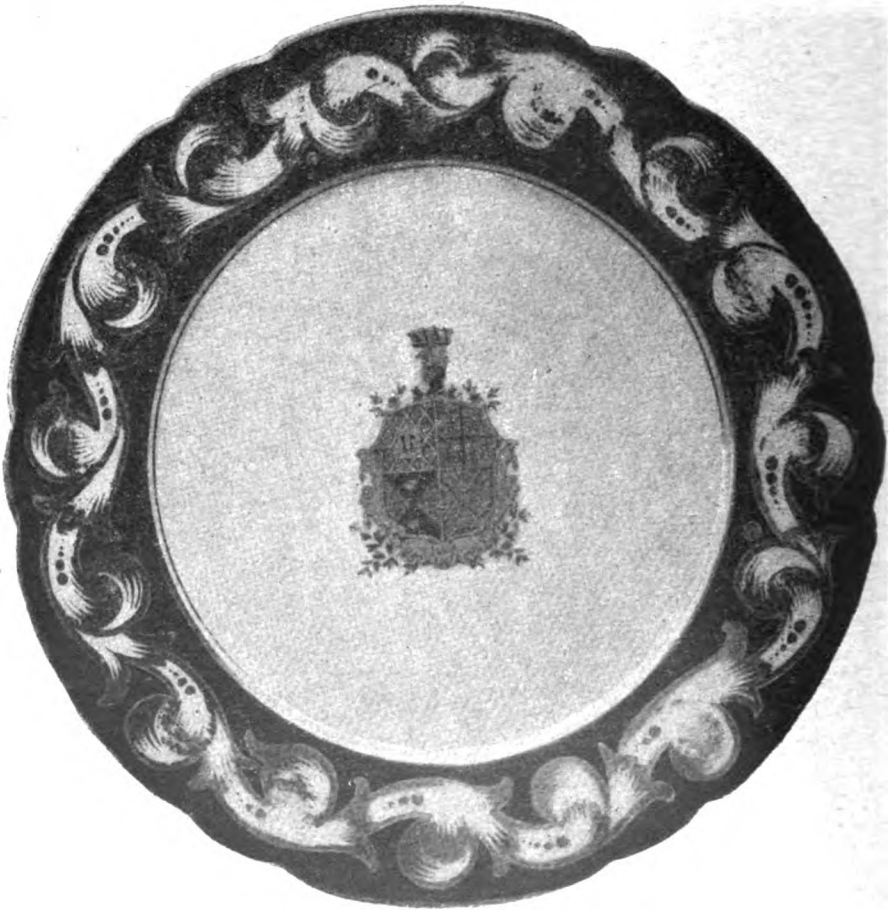
Digitized by Google



Da Coleção Garcia Braga

91 Barão do Rio Bonito

Digitized by Google



Da Coleção Garcia Braga

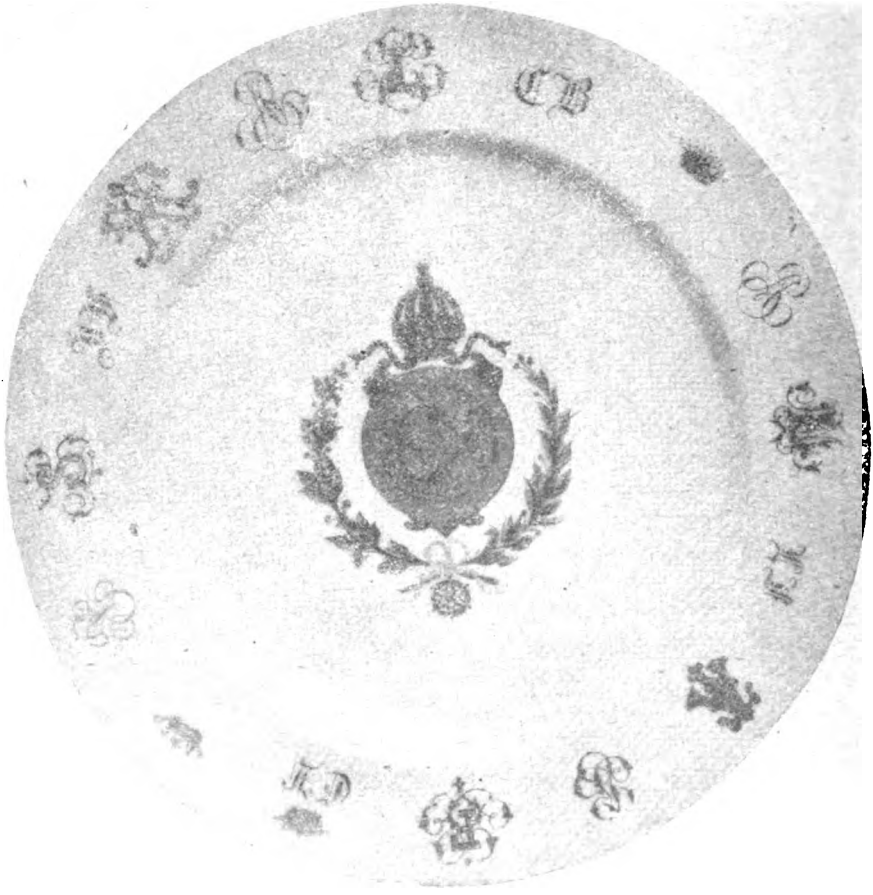
101 Conde Passé

Digitized by Google

Da Coleção Gastão Penalva

108 Principe de Metternich

Digitized by Google



Da Coleção Marques do Santos, Fco.

146 Prato amostra

Digitized by Google

INDICE DAS PEÇAS

D. Amélia, Imperatriz, 57.
D. Isabel, Princesa, 81,82.
D. João VI, 1, 2, 3, 54 a 56 78, 103, 104, 142, 143, 147.
D. Leopoldina, Arquiduquesa, 5.
D. Leopoldina, Princesa, 81, 82.
D. Pedro I, 4, 79, 80, 105.
D. Pedro II, 6, 7, 8, 9; 58, 59, 83 a 86, 143.
Joinvile, Principe, 106 e 107.
Maetternich, Principe, 108.
Saxe, Duque, 60, 87.
Regencia D. João VI, 53, 77.
Segundo Reinado, 10.
Ilustríssima Câmara Municipal, 109.
Coronel Gomes Neto, 139.
Ferreira, 145.
Pedro José Bernardes, 76.

TITULARES:

Abrantes, Marquês, 61.
Anajaz, Barão, 52, 131, 132.
Andaraí, Visconde, 155.
Aramaré, Visconde, 164.
Araraquara, 1.º Barão, 92.
Araujo Maia, Barão, 46.
Avelar e Almeida, Barão, 49 a 51-A.
Bambuí, Barão, 116.
Barbacena, Marquês, 88.
Boa Vista, Conde, 160 a 162.
Cachoeira, Visconde, 163.
Cajaíba, Barao, 89.
Campo Alegre, Visconde, 134.
Campinas, Barão, 68, 95, 121.
Dourado, 2.º Barão, 135, 136.
Drumond, Barão, 102.
Entre Rios, Barão, 154.
Figueiredo, Conde, 98.
Guaí, Visconde, 97, 138.
Guajará, Barão, 123.
Guamá, Barão, 31.
Guaribu, Barão, 34, 100, 127.
Ipaneira, 2.º Barão, 43, 44; Conde, 62, 113, 114.
Itabaiana, Barão 75, 144.
Itambé, Barão, 12.
Jequiçá, Barão, 90.
Mauá, Visconde, 21.
Meriti, Visconde, 112.
Miranda, Barão, 45.
Morenos, Barão, 137.
Mota Maia, Conde, 32.
Nova Friburgo, Barão, 148.
Ouro Preto, Visconde, 30, 96, 124 a 126.
Palma, Barão, 94.
Paraná, Marquês, 20, 115; Barão, 33.
Passé, Conde, 40, 101, 102-A.
Patí do Alferes, 2.º Barão, 16 a 19.
Pelotas, 2.º Visconde, 67, 119, 120.
Penedo, Barão, 64, 65, 93, 117.
Pinhal, Conde, 69.
Piracicaba, 2.º Barão, 42, 72, 73, 129, 130.
Pocené, Barão, 74.
Potengi, Barão, 15.
Quartim, Barão, 71.
Rio Bonito, 2.º Barão, 63, 91.
Rio Branco, Visconde, 22 a 25; Barão, 70.
Rio Preto, Barão, 35 a 38
Santa Helena, Barão, 122.
Santa Isabel, Barão 150, 151, 154-A.
São Carlos, Barão, 48.
São Clemente, Conde, 52-A, 153.
São João Marcos, Marquês, 11.
São Joaquina, Baronesa, 99.
São Mamede, Conde, 102-B.
São Sebastião, Barão, 41 e 41-A, 128.
Sergimirim, Conde, 166.
Soledade, 2.º Barão, 47, 133.
Sorocaba, Barão, 13, 14, 149.
Subaé, Conde, 165.
Tefé, Barão, 152.
Terezópolis, Barão, 29, 60, 118.
Tinguá, Barão, 39.
Torres Novas, Marquês, 140.
Ubá, Visconde, 26 a 28.
Vargem Alegre, Barão, 145-A, 146.
Vila Flôr, Barão, 156 a 159.
Vila Real da Praia Grande, Visconde, 110, 111.
Desconhecido, 141.

Referências ao Instituto e suas Publicações

Monsenhor Mário Silveira, de Minas Gerais.

"Aqui fica os votos mais sinceros para que Deus lhe conceda a felicidade de trabalhar, ainda por muitos anos, pela grandeza da patria estremecida".

Digitized by Google

INSTITUTOS NOS ESTADOS, FILIADOS AO INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIRO (endereço e presidente)

AMAZONAS: Rua Barroso, 307 - Manaus. Presidente: Paulo de Melo Rezende.

PARÁ: Praça Pedro II, 35 — Belém. Presidente: Major Adolfo Pereira Dourado.

MARANHÃO: Caixa Postal, 11 — São Luiz. Presidente: Monsenhor José Maria Lemercier.

PIAUÍ: Rua Álvaro Mendes, 30 - Teresina. Presidente: Nei Ferraz.

CEARÁ: Rua João Lopes, 14 - Fortaleza. Presidente: Dr. Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE: Rua Conceição, 622 - Natal. Presidente: Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. Vice-presidente, em exercício: Dr. Nestor Lima.

PARAÍBA: Rua Roggers, 119 - João Pessoa. Presidente: D.ª Analice Caldas de Barros.

PERNAMBUCO: Rua da Hora, 474 — Presidente: Eugênio de Mendonça Paes Barreto.

ALAGOAS: Caixa Postal, 66 - Maceió. Presidente: prof. Luiz Lavènere.

SERGIPE: Rua Itabaianinha, 41 - Aracajú. Presidente: José Sebrão de Carvalho, sobrinho.

BAHIA: Av. 7 de Setembro - Salvador. Presidente: Dr. João da Costa Pinto Dantas Júnior.

ESPÍRITO SANTO: Caixa Postal, 1 - Vitória. Presidente: Dr. Francisco Eugênio de Assiz.

RIO DE JANEIRO (Distrito Federal): Avenida Rio Branco, 114 (4.º andar - sala 423) Rio de Janeiro. Presidente: General Emilio Fernandes de Sousa Dócca.

S. PAULO: Caixa Postal, 3363 - S. Paulo. Presidente: Dr. Carlos da Silveira.

MINAS: Rua Felipe dos Santos, 68 - Belo Horizonte. Presidente: Dr. Decio de Vasconcelos.

GOIAZ: Rua 15 de Novembro, 32 - Goiaz. Presidente: Desembargador João Francisco de Oliveira Godói.

MATO GROSSO: Rua 13 de Junho, 173 - Cuiabá. Presidente: Desembargador José de Mesquita.

PARANÁ: Rua Buenos Aires, 200 - Curitiba. Presidente: Dr. Artur Martins Franco.

SANTA CATARINA: Largo Benjamim Constant, 4 - Florianópolis. Presidente: Coronel Silvino Elvídio Carneiro da Cunha.

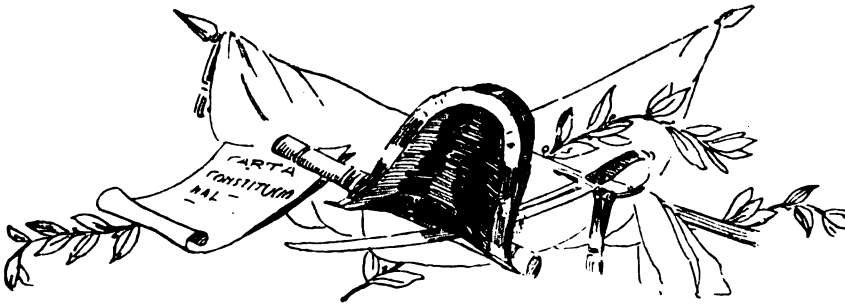
RIO GRANDE DO SUL: Rua Duque de Caxias, 1234 - Pôrto Alegre. Presidente: Coronel Luiz Carlos de Morais.

Referências ao Instituto e suas Publicações

De S. Excia. Revma. Dom Antonio Reis, Bispo de Santa Maria (Rio G. Sul):

"... sobre minha mêsa a Revista Genealógica Brasileira, n.º 8, que sempre me tem chegado bem aqui e que muito aprecio pelo seu interessante e momentoso assunto. Receba V. Excia. os meus profundos e sinceros agradecimentos pelo belo presente da Revista, que tanto honra e enriquece minha biblioteca episcopal. Faço os mais ardentes votos a Deus pela saude e felicidade pessoal de V. Excia. pela prosperidade constante da patriótica *Revista Genealógica Brasileira*. Para tanto envio-lhe mais uma vez e a quantos consigo cooperam nesse trabalho de benemerência para a história de nossos grandes homens, a minha mais escolhida e dadivosa benção".

Digitized by Google



PERGUNTAS E RESPOSTAS

A Revista mantém uma seção de perguntas e respostas, formuladas por seus leitores. A redação não intervirá nelas; limitar-se-á a publicá-las. Poderá ser usado pseudônimo, porém, para uso da redação, devem constar o nome e o endereço autêntico. Várias pessoas poderão responder à mesma pergunta. Tanto as perguntas, como as respostas deverão ser curtas e concisas.

PERGUNTAS

75) Um curioso de genealogia do Vale do Paraíba desejava saber, da descendência de Manuel Gomes Sandim e Maria do Rego Barbosa, alguma coisa mais do que dá Silva Leme, no volume III, título RAPOSOS GOIS, página 67. Haverá quem possa informar?

76) Antonio de Sousa de Siqueira e Francisca Leme do Prado residiam em Guarulhos (Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos), município da cidade de São Paulo (então vila), na segunda metade do século DEZESSETE e princípios do DEZOITO. Desse casal sairam numerosos Sousas, de Campinas, como Sousa Campos, Sousa Aranha, Sousa Camargo. Quem seriam os pais de Antonio de Sousa de Siqueira e de Francisca Leme do Prado?

77) Muito se tem escrito sôbre judeus, no Brasil, havendo até quem se apegue aos nomes das pessoas, para tirar conclusões sôbre a matéria. E' problema que interessa, no campo da genealogia. Assim posto, pergunta-se se será possível escrever, a respeito de judeus e nomes de judeus, sem haver lido a obra do grande mestre português Dr. José Leite de Vasconcelos, intitulada "Antroponimia portuguesa?"

João da Silva Ramos

78) Deseja-se saber os pais de Miguel José da Costa Meira, nascido em 1843, em Recife, onde † 1902, c. c. d.ª Rita Amalia da Silva Brum. Pais de Orlando da Costa Meira, n. 20-X-1890, em Recife.

Orlando da Costa Meira.

Digitized by Google

79) Desejava alguns dados sôbre a descendência de Manuel Joaquim Carneiro da Cunha, Barão de Vera Cruz, senhor do Engenho Monjope.

Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, de Florianópolis.

80) Recebemos milhares de fotografias. Apesar de pedirmos que venham com o nome escrito no verso, alguns colaboradores esquecem-se disso. A fotografia junta foi-nos enviada como sendo de um titular: qual?

80) Quem é?

81) Antes da proclamação da República houve em Pôrto Alegre uma reunião da Assembléia Liberal, da qual damos o clichê à pg. 563 Desejamos identificar as pessoas que alí figuram. Até agora identificamos: 3) Coronel Joaquim Pedro Salgado, pai do atual Ministro da Aeronáutica, dr. Salgado Filho; 4) Gaspar da Silveira Martins; e 9) Coronel Orlando Carneiro da Fontoura.

82) Deseja-se filiação, data e lugar de nascimento e obito e qualquer outro dado biográfico, referente ao conselheiro Antônio Inácio de Azevedo que foi presidente da província da Bahia, no tempo do Imperio.

Arnoldo Wildberger

83) Deseja-se saber nome completo, filiação e outros dados do general Madeira, chefe geral da Guarda Civica, em Pernambuco, no tempo do Imperio. Era casado na família Acioli.

Alcyr de Madeira Vidigal

RESPOSTAS:

73) Tendo lido no número 9 da "Revista Genealógica Brasileira", a pergunta número 73 a respeito da família Jansen, do Maranhão, a que está ligada a minha família, por parte de uma tia-avó (irmã de meu avô paterno), tenho a informar que mora nesta Capital de São Paulo um membro daquela família Jansen, Dr. Raul Jansen Ferreira, médico, residente à Rua Apeninos, 845, a quem o consulente poderá dirigir-se.

Dr. Carlos Alberto da Costa Nunes

62) Qual a ascendência paterna e materna de Antonio Manuel de Andrade Cotrim, que foi morador na Ressaca? Essa ascendência vem exposta em Silva Leme, entre outros, nos volumes V, 117 e VI, 148

Digitized by Google

Antes da proclamação da Republica houve em Porto Alegre uma reunião da Assembléia Liberal, da qual damos o cliché supra. Desejamos identificar as pessoas que ali figuram. Até agora identificamos os seguintes: 3) Coronel Joaquim Pedro Salgado (pai do atual Ministro da Aeronautica); 4) Gaspar da Silveira Martins; e 9) Dr. Orlando Carneiro da Fontoura

Digitized by Google

À convite da direção de "A Gazeta" visitou esse importante vespertino, a 16-XII-1943, a diretoria e mais alguns sócios do Instituto Genealógico Brasileiro: 1) José Benedito da Silva Peixoto; 2) Coronel Salvador de Moya; 3) Dr. Felipe Neri de Siqueira e Silva; 4) S. A. Príncipe Igôr Dolgorukij; 5) Dr. Alfredo Freire; 6) Clavo Dias da Silva; 7) Dr. Ciro Mondim; 8) Dr. Carlos da Silveira; 9) Pedro de Freitas Gouvêa; e 10) Gumercindo Padua Fleurl

Digitized by Google

e 190. Verificamos que o dr. Ricardo Daunt, o genealogista, desde 1885, tinha toda essa ascendência, em uma carta, escrita pelo próprio Antonio Manuel de Andrade Cotrim. Verifica-se desse documento, que estive lendo no arquivo particular do dr. Ricardo Daunt, neto, que pelo lado paterno, o tronco da geração provinha de Manuel Ribeiro da Silva, natural de Torres Vedras, que foi casado com Isabel Maria Cotrim, natural de Lisbôa.

Carvalho Franco.

PRINCIPIANTES EM GENEALOGIA

Os principiantes em genealogia lutam com dificuldades para organizar a sua ascendência e árvore de costado. Não é possível estudar qualquer família brasileira limitando-se a um Estado. As famílias brasileiras do Norte, Centro e Sul, estão intimamente entrelaçadas, sendo necessário consultar, *no mínimo*, as sete seguintes, indispensáveis a todo o principiante. Para facilitar damos o preço e também o endereço onde podem ser adquiridas:

1.º) *"Catálgo Genealógico"*, de frei Jaboatão (Bahia). No Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, rua Augusto Severo, 4 - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 12,00.

2.º) *"Nobiliarquia Pernambucana"*, de Borges da Fonseca, 2 grossos volumes, de cêrca de 1.000 páginas. Na Biblioteca Nacional, Avenida Rio Branco, 219 - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 60,00.

3.º) *"Nobiliarquia Paulistana"*, de Pedro Taques. No Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, à rua Benjamin Constant, 152 - 2 volumes. Preço: Cr$ 40,00.

4.º) *"Genealogia Mineira"*, 4 grossos volumes, com o autor - Artur Rezende, rua Cascata, 44 (Muda da Tijuca) - Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 80,00.

5.º) *"Genealogia Paranaense"*, de Francisco Negrão, com a viuva, ao cuidado do Dr. Artur Martins Franco, rua Buenos Aires, 200 - Curitiba - 4 volumes Preço: Cr$ 60,00.

6.º) *"Genealogia Riograndense"*, com o autor, Dr. Jorge Godofredo Felizardo. Caixa Postal, 299 - Rua Sarmento Leite, 425 - Pôrto Alegre - 1.º volume. Preço: Cr- 20,00.

7.º) *"Genealogia Paulistana"*, de Silva Leme, na séde administrativa do Instituto Genealógico Brasileiro, rua Voluntários da Pátria, 2912 - 9 volumes, com cêrca de 600 páginas cada um. Preço: Cr$ 180,00 (tem pequeno defeito numa capa).

REFERÊNCIAS AO INSTITUTO E SUAS PUBLICAÇÕES

Do Cônego Raimundo Trindade, de Minas:

"A *Revista* cada vez que nos visita, traz nos coisas magnificas. O n.º 9 está, sem lisonja, uma verdadeira preciosidade. As conferência de Neeser, de Carlos da Silveira, esplêndidas, luminosas. As do último ainda com a vantagem de dissipar preconceitos contra a genealogia e de avivar a memoria do Mestre, o insigne Silva Leme."

De S. Excia. Revma. D. Manuel Nunes Coelho, Bispo de Aterrado (Minas):

"Mais duas edições da *Revista Genealógica Brasileira* (n.º 8 e 9) entram a figurar na biblioteca do Paço Episcopal, enriquecendo-a com os tesouros preciosíssimos do seu brilhante conteúdo, graças à nimia gentileza de V. Excia. em ofertá-los e graças, ainda, ao seu dinamico esforço e inteligente labor em fazê-la cada dia mais rica, mais interessante, mais indispensável aos estudiosos dos fatos e das tradições de nossa terra e de nossa gente. Sem favor nenhum, a ninguém é lícito desconhecer que a execução do plano e programa a que se propoz V. Excia. é, na expressão lídima, gigantesco e insuperável. Agradecendo a gentileza da remessa dos 2 volumes, que a sua atenciosa delicadeza fez acompanhar de honroso cartão, — "formulo os mais ardentes votos a Deus, pela sua felicidade pessoal, e pela mais ampla divulgação da inimitável e insubstituível *Revista Genealógica Brasileira* que lhe conquista e garante a palma e o renome de *Príncipe dos Arqueólogos e Arquitetos* de nossa Pátria".

Digitized by Google

São Paulo, 2 de Fevereiro de 1944.

Senhor Interventor

O Instituto Genealógico Brasileiro, com séde nesta Capital e filiais na cidade do Rio de Janeiro e em quasi todos os Estados da República, é uma sociedade cultural, especializada, cujos intuitos se desvendam logo à primeira vista, pelo próprio nome adotado.

Nascida aqui, em fins de 1939, vem realizando há quatro anos os seus objetivos de estudo das famílias brasileiras, ou estrangeiras radicadas no Brasil, sem nenhum preconceito de caráter nobiliárquico, tendo em vista apenas règistar fatos relativos ao desenvolvimento normal das gerações que se sucedem, assim como das que passaram, procurando descobrir os elos que unem, sob êsse ponto de vista, o presente ao passado; e também criar tantas bases quantas possível seja para que os estudos ora feitos apresentem material copioso para as pesquisas vindouras.

Esclarecendo como esclarecem as indagações genealógicas a situação das famílias através dos quatro séculos de existência do Brasil, é obvio que numerosos problemas históricos vão surgindo para análises minuciosas, à vista da necessidade de se reajustarem muitos elementos constitutivos dêsses fatos históricos em que as famílias atuais estejam representadas por algum dos seus membros e, por isso, tenham tido qualquer papel nas ocorrências.

Dessas necessidades de estudos rigorosos, precisos, decorre, para o Instituto Genealógico Brasileiro, função altamente cultural consistente em andar à cata de arquivos nacionais (federais, estaduais e municipais), bem como dos arquivos eclesiásticos, e até dos particulares, quando existam.

Não só isso. São Paulo foi o povoador inicial do Paraná, de Minas Gerais, de Goiaz, de Mato Grosso, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Inúmeras são as famílias dessas zonas, que teem ligações seculares aqui, com os troncos primeiros vicentinos e piratininganos, e, posteriormente, com os troncos litoreanos de São Sebastião, Ubatuba, Iguape, Cananéia; e os da região interior — Itú, Sorocaba, Taubaté, Mogí das Cruzes, etc. Seria fácil exemplificar, em casos sem conta.

A elucidação de todos êsses liames genealógicos vai lançando na população esta idéia fundamental de que o material humano brasileiro tem afinidades

Digitized by Google

oriundas de origens comuns. Nasce, de tal sorte, toda uma cadeia de vínculos afetivos da mais alta importância, máxime em tão vasto país, como o Brasil, trabalhado, num ou noutro ponto, por fatores de desagregação de ordem diversa, salientando-se entre êles a própria extensão da terra e grupos coesos de gentes estranhas, imigradas.

Fixada assim a finalidade do Instituto Genealógico Brasileiro, cabe agora uma ligeira exposição do qual tem sido o seu esfôrço durante os quatro anos em que se vem desempenhando das suas obrigações estatutárias.

Postas de lado as reuniões ordinárias, semanais, das quais a CENTESIMA foi realizada no dia 11 de Novembro de 1943, e não levando em conta as atividades das seções da Capital Federal e dos Estados, sobreleva o número de publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, como é fácil verificar na sinópse abaixo:

a — REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA (edições de 1500 exemplares).

número 1	1.º semestre de 1940	226 páginas
número 2	2.º semestre de 1940	274 páginas
número 3	1.º semestre de 1941	222 páginas
número 4	2.º semestre de 1941	284 páginas
número 5	1.º semestre de 1942	338 páginas
número 6	2.º semestre de 1942	192 páginas
número 7	1.º semestre de 1943	288 páginas
número 8	2.º semestre de 1943	274 páginas
número 9	1.º semestre de 1944	246 páginas
	Soma	2344 páginas

Grande porção das quais em papel assetinado. Todos os volumes são fartamente ilustrados com retratos de sócios e de individualidades estudadas, e com outras gravuras.

b — BIBLIOTECA GENEALÓGICA BRASILEIRA (edições de 1500 exemplares).

número 1	"Os Almeidas e os Nogueiras do Bananal", por Geraldo Cardoso de Melo	112 páginas
número 2	"O Conde de Moreira Lima", por Antônio da Gama Rodrigues	185 páginas
número 3	"Subsídios Genealógicos", por Carlos da Silveira	245 páginas
número 4	"Nobiliário Colonial", por Francisco de Assiz Carvalho Franco	160 páginas
número 5	"Cinco vultos meia-pontenses (ensaios biográficos)", por Jarbas Jaime	115 páginas
número 6	"Os Camargos de São Paulo", por Francisco de Assiz Carvalho Franco	166 páginas
	Soma	983 páginas

com ilustrações em muitas delas.

Digitized by Google

c — ÍNDICES GENEALÓGICOS BRASILEIROS (edições de 1500 exemplares).

número 1	"Catálogo genealógico", de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão	84 páginas
número 2	"Nobiliarquia Pernambucana", de Antônio José Vitorino Borges da Fonseca	153 páginas
números conjuntos 3 e 4	"Nobiliarquia Paulistana", de Pedro Taques de Almeida Pais Leme; e "Genealogia Sul-riograndense", de Jorge Godofredo Felizardo	134 páginas
	Soma	371 páginas

d — ANUÁRIO GENEALÓGICO BRASILEIRO (edições de 1500 exemplares).

2.º ano, 1940	410 páginas
3.º ano, 1941	546 páginas
4.º ano, 1943	406 páginas
5.º ano, 1943	412 páginas
6.º ano, 1944, na tipografia	416 páginas
Soma	2190 páginas,

das quais muitas e muitas em papel assetinado, com ilustração abundante.

Inúmeras são as referências elogiosas de altas personalidades brasileiras e estrangeiras, relativas ao valor da matéria impressa nos volumes já publicados e distribuidos regularmente. Muito mais amplas seriam tais publicações se outra fosse a situação financeira do Instituto Genealógico Brasileiro.

Vivendo, como tem vivido, de contribuições de sócios, e de uma pequena verba federal de três mil cruzeiros anuais, recebidos em 1943, verba essa elevada para seis mil cruzeiros a serem recebidos neste corrente ano de 1944, está o Instituto Genealógico Brasileiro precisando de auxílio pecuniário, afim de continuar a cumprir o dever que a si mesmo se impôs.

O custo do papel, sobretudo, avulta extraordinariamente dentro do quadro do encarecimento de qualquer trabalho tipográfico. O que se obtinha, não há muito tempo, pelo preço de dez cruzeiros a página, para mil unidades impressas, prontas para serem distribuidas, custa agora mais de trinta cruzeiros, com tendência constante para mais altos preços.

Nestas difíceis circunstâncias, vem muito respeitosamente o Instituto Genealógico Brasileiro apelar para os Poderes Públicos Estaduais, representados na pessoa de Vossa Excelência, no sentido de lhe ser facultado um auxílio anual em dinheiro, bem como a impressão, nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado, DE DOIS VOLUMES (um para cada semestre) da RE-

Digitized by Google

VISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA, permitindo-se cêrca de quinhentas páginas para cada volume, em edições de mil e quinhentos exemplares.

Tal pedido não é de modo algum excessivo, como à primeira vista poderia parecer, porque igual já foi outorgado, por Vossa Excelência, ao Instituto Heráldico-Genealógico, que funciona nesta Capital, e que, desde 1940 apenas publicou à própria custa um único exemplar de 242 páginas da sua revista (1.º semestre de 1940), sendo o outro, de 309 páginas (2.º semestre de 1940 e 1.º e 2.º semestre de 1941), já feito a expensas dos cofres públicos, nas sobreditas oficinas da Imprensa Oficial do Estado. Além dessa ajuda valiosíssima, o mesmo Instituto Heráldico-Genalógico foi aquinhoado ainda com a vultosa dádiva de vinte mil cruzeiros, constantes do orçamento de 1943.

O Instituto Genealógico Brasileiro, sociedade cultural especializada que é, só encontra palavras de louvor a Vossa Excelência, por ambos êsses gestos tão liberais, em relação ao referido Instituto Heráldico-Genealógico, igualmente estendidos, há pouco, ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e à Academia Paulista de Letras.

É sem dúvida uma função do Estado, altamente simpática, o amparo às associações culturais, que representam notáveis conjugações de esfôrços sem o mínimo intuito de lucro comercial. Cabe, portanto, aos homens de govêrno, esclarecidos, realizar êsse indispensável apoio, com uma oportuna e equitativa distribuição de auxílios, por isso que as sociedades culturais, vivendo como vivem, entre nós, das exiguas mensalidades dos associados, e de uma ou outra raríssima e incerta liberalidade de pessoas abastadas, jamais conseguiriam cumprir os seus planos de trabalho sênão quando subsidiadas pelos Poderes Públicos.

O Instituto Genealógico Brasileiro, tem pronto para imprimir o índice completo dos milhares de nomes (CERCA DE CEM MIL) da "Genealogia Paulistana" (1903-1905), a obra notável do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme (Bragança, 1852 — São Paulo, 1919). De que maneira, porém, poderá dar à publicidade êsse indispensável auxiliar e guia das pesquisas genealógicas bem cuidadas, se não obtiver a importância de trinta e dois mil cruzeiros, que a tanto monta o último orçamento da tipografia, para a feitura das mil páginas do vultoso índice, numa edição de 1500 exemplares?

Como documentação de vitalidade no cumprimento do seu programa, além dos quatro quadros sinópticos das publicações, atrás mencionadas, o Instituto Genealógico Brasileiro toma a liberdade de apresentar, a Vossa Excelência, uma pasta de recibos e envelopes, provindos do Brasil e de fora, de INDIVIDUALIDADES com que costuma estar em contacto (Presidente da República, Ministros de Estado, Autoridades Civis e Militares, Alto Clero, Diplomatas, etc.) e de INSTITUIÇÕES CULTURAIS (Escolas, Bibliotecas Públicas e outras) e ainda de REPARTIÇÕES ADMINISTRATIVAS (Federais, Estaduais e Municipais). Tais papéis, assaz demonstrativos da vida social do Instituto, vão numerados de 1 a 468 e relacionados convenientemente num índice junto.

Lendo-se, embora ligeiramente, êsses documentos tão simples quando isolados, mas tão expressivos se em conjunto, é possível ajuizar da ampla

Digitized by Google

esfera de ação abrangida pelas atividades do Instituto Genealógico Brasileiro, que, com essas credenciais e contando com a bôa vontade e o espírito de justiça de Vossa Excelência, espera ser atendido equitativamente, no apêlo que ora faz.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os protestos de mais elevada estima e distinta consideração.

ACADEMIAS, INSTITUTOS E ASSOCIAÇÕES GENEALÓGICAS

Às quais são enviadas as publicações do Inst. Genealógico Brasileiro

ARGENTINA: Instituto Argentino de Ciências Genealógicas.

BRASIL: Institutos Genealógicos de: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro (Distrito Federal), São Paulo, Minas Gerais, Goiáz, Paraná e Rio Grande do Sul. Sociedade Hans Staden.

ESTADOS UNIDOS: American Heraldy Society; The Genealogical Society of Utah; The Institute of American Genealogy; New England Historical Society e The New York Genealogical and Biographical Society.

ALEMANHA: Zentralstelle fuer deutsche Personen - und Familiengeschichte (Instituto Central de Genealogia Alemã); Deutsche Gesellschaft fuer Familienknde und Eugenik (Sociedade Alemã de Genealogia e Eugenia); Heraldische Gesellshaft Adler (Sociedade de Heráldica Adler); Verein Herold (Sociedade Herold); Gothaische Genealogische Taschenbuecher (Almanaques Genealógicos de Gotha).

BÉLGICA: Conseil Heraldique de Belgique.

ESPANHA: "Archivo Heraldico".

FRANÇA: Academie Heraldique Universel; "Bulletin de l'Association de la Noblesse Française"; College Heraldique de France; Institut Historique et Heraldique de France; e Society Française d'Heraldique.

HUNGRIA: Magyar Heraldical es Genealogical.

ITÁLIA: Collegio Araldico; Consulta Araldica del Regno; Reale Commissione Araldica Lombarda e "Revista Araldica".

INGLATERRA: College of Arms; Court of the Lord Lyon; Herald's College; International College of Heraldy; London Genealogical Society; Lyon King of Arms; e The Society of Genealogists.

POLÔNIA: Kolegium Heraldyeznego; Polskie Towarzystwo Heraldyczzne; e Societé Heraldique.

SUIÇA: Convention International d'Heraldique; e Societé Suisse d'Heraldique (três com o mesmo nome: em Basiléia Friburg e Lausana)

Referências ao Instituto e suas Publicações

Do Cônego Luiz Castanho de Almeida, Reitor do Seminario de Sorocada:

"Quando o snr. receber, pois, registrado com minha procedência, 50 cruzeiros, está certo de ser minha quota de 1944. Sinto não o fazer já nestes dias e não o fazer dez vezes mais; tanto vale o seu hercúleo esforço pelo bem comum. O último numero da Revista (9º) não desmente os anteriores"

Do Revmo. Sr. Cônego Raimundo Trindade, de Mariana (Minas Gerais):

"Recebí o Anuário. Vale por uma biblioteca o capítulo *Brasonário*. Magnífico o trabalho de Arí Florenzano. Sempre de parabens o Instituto, que vale o mesmo que Salvador de Moya, o grande benemérito da genealogía nacional."

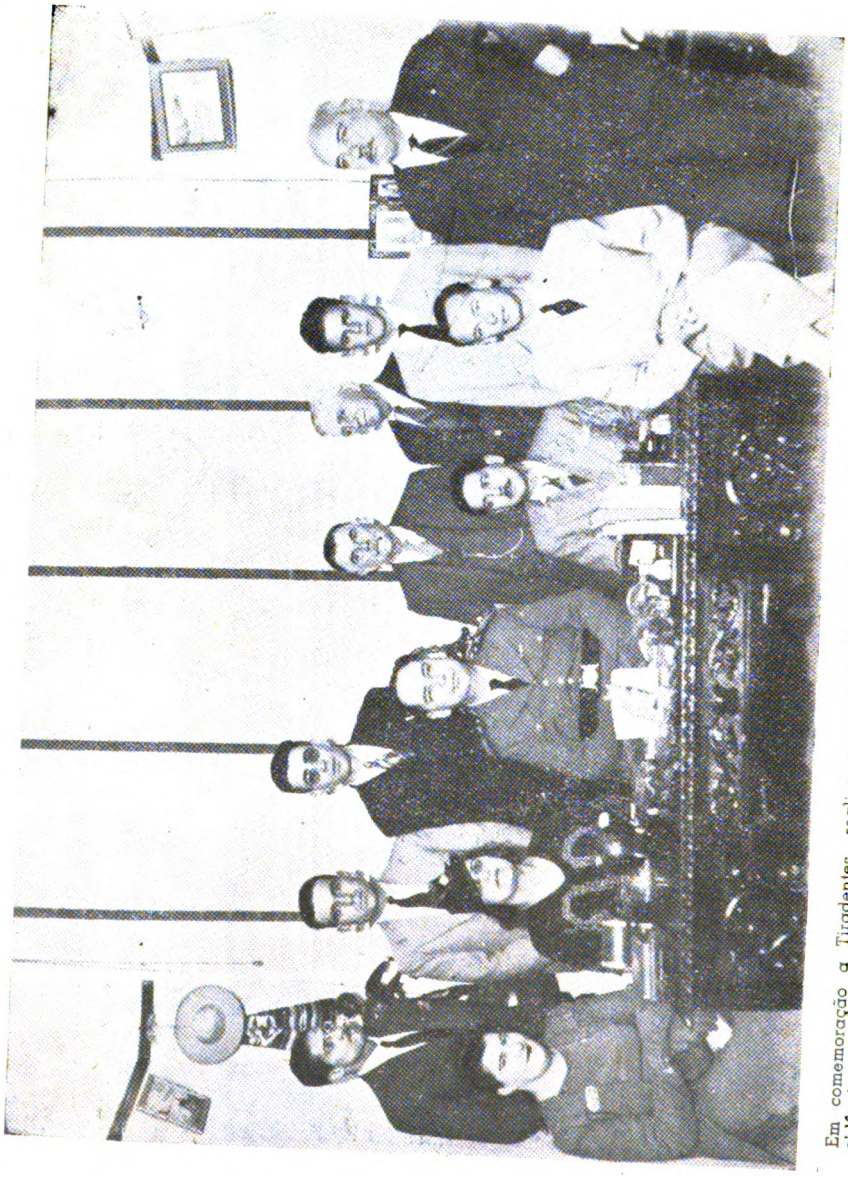
De S. Excia. Revma. Dom José Baréa, bispo de Caxias (Rio G. do Sul):

"Agradeço a oferta de dois números da *Revista Genealógica Brasileira* (8 e 9), tendo estudos importantíssimos sôbre a origem e ramificação das famílias que mais tinguiram na formação e engrandecimento de nossa Pátria."

Digitized by Google

No dia 14-IV-1943 realizou-se uma sessão comemorativa do Dia Panamericano no Instituto Brasil-México, presidida pelo Coronel Salvador de Moya (seu presidente 1942-43). Fizeram uso da palavra o comendador dr. Domingos Laurito, consul do México, o orador oficial dr. Bandechi Brasil, João Santisteban Dias, Alvaro Soares de Oliveira e prof. Vieira de Andrade. Tambem estiveram presentes os srs. Frederico Derico e Darci Teixeira Monteiro

Digitized by Google



Em comemoração a Tiradentes, realizou-se a 21-IV-1943 uma sessão cívica, no Instituto Brasil-México, sob a presidência do coronel Salvador de Moya. Falou sobre a data o orador oficial prof. Romeu de Campos Vergal. Estiveram presentes: o sr. Consul do México, comendador dr. Domingos Laurito, capitão José de Moya e os assistentes consulares André Ortega, Felix de Moura e José Gomes.

Digitized by Google

Aniversarios

Julho — A 3, S. Excia. Revma. Dom Jaime de Barros Camara; a 4, Deoclecio De Paranhos Antunes; a 6, Antônio Ferreira de Morais; a 10, José Arantes Junqueira; a 12, João Jacques Ribeiro do Vale; a 18, Benedito Bueno de Camargo, Mário Duprat Fiuza e Paulo Pinheiro de Viveiros; a 19, Luciano Cerqueira Pereira; a 25, Daví Carneiro e Antônio da Gama Rodrigues; a 30, Vitor de Azevedo Pinheiro; a 31, Telésforo de Sousa Lobo.

Agosto — A 1.º, Nestor dos Santos Lima; a 5, Julio Teixeira de Vasconcelos Mota e Celso de Melo Pupo; a 6, José Sebrão de Carvalho Sobrinho; a 8, Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa; a 9, Manuel Hipólito do Rego; a 14, Elisiário Dupas; a 19, Mário Linhares; a 20, Braulio Goulart; a 22, Alexandre Guimarães dos Santos e Renato Kehl; a 23, João Batista de Magalhães Gomes; a 28, João da Costa Pinto Dantas Júnior; a 30, Paulo da Costa Azevedo; a 31, Miguel Ney de Carvalho.

Setembro — A 1.º, Paulo de Matos Rudge; a 3, Geraldo de Melo; a 5, Heloisa Cabral da Rocha Werneck e Paulo Olinto de Oliveira; a 9, Carlos Fouquet; a 10, S. Excia. Revma. Conde Dom José Tupinambá da Frota e Jenny Dreyfus; a 12, Adolfo Carlos Lindemberg; a 13, Monsenhor Antônio Paes Cintra; a 17, Olavo Dias da Silva e Silvino Elvídio Carneiro da Cunha; a 18, Luiz Felipe de Sá Campelo Faveret; a 19, Décio Vasconcelos e João Francisco de Oliveira Godoi; a 20, Herman Neeser e Mário Antônio Barata; a 25, Mário Aloisio Cardoso de Miranda; a 28, Armando de Arruda Pereira.

Outubro — A 1.º, Agenor Guerra Corrêa; a 3, Raimundo Girão; a 5, Nelson Camargo, Pedro de Freitas Gouvêa e Orozimbo Morais Navarro; a 6, José Carlos de Macedo Soares; a 9, Alberto Frederico de Morais Lamego; a 11, Nelson Senna; a 15, Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti; a 21, Paulo Eduardo Stempniewski; a 22, Aldo M. Azevedo.

Novembro — A 5, Hélio Viana; a 7, Servilio de Abreu Soares; a 9, Jorge Godofredo Felizardo; a 12, José Armando Vicente de Azevedo; a 20, Cônego Raimundo Trindade; a 21, Alcindo Brito; a 22, João Pedro Barra; a 24, Henrique Oscar Wiederspahn; a 30, Alcindo de Azevedo Sodré.

Dezembro — A 2, General Pedro Aurélio de Góes Monteiro e Jení Prado Dias; a 3, General Miguel Costa; a 4, Mário da Cunha Rangel e Eli-

Digitized by Google

siario da Cunha Bahiana; a 10, Julio da Silveira Sudário; a 11, Oscar de Arruda Sampaio; a 13, Hernani de Campos Seabra; a 31, Olintho Sanmartin.

NASCIMENTO

O lar de nosso consócio Antônio Benedito Martins Aranha está em festa, com o nascimento de Maurício Antônio, ocorrido a 21-I-1944. Parabens.

— A 8 de junho, no Rio de Janeiro, nasceu Afonso Henrique, filho de nosso consócio dr. Jaime Moniz de Aragão de Góis Dáquer. Parabens.

CASAMENTO

A 5-IX-1943 realizou-se o casamento do dr. Pedro Luiz Pereira de Sousa, médico da Aeronáutica, em Natal, filho de Otaviano Valim Pereira de Sousa e de d.ª Helena Junqueira, com d.ª Maria de Lourdes Moitinho Neiva, filha de João Augusto Neiva Júnior e de d.ª Alaide de Proença Moitinho. A noiva é sobrinha de nossa consócia d.ª Maria Torres de Carvalho Barreto. Felicidades.

NOIVADO

Nossa consócia colaboradora dra. Heloisa Assumpção, de Pelotas (Rio Grande do Sul), contratou casamento com o 1.º tenente Jonas Plinio do Nascimento, do 9.º R. I. Parabens.

NECROLOGIA

— Faleceu em S. Paulo, o comendador Tiburtino Mondin Pestana, pai do nosso consócio e bibliotecário dr. Ciro Mondim. Veja-se sua biografia à pág. 70 da Revista n.º 7. O Instituto fez-se representar em todas as homenagens. Pesames.

— A 13-XII-1943 faleceu na Capital Federal a Exma. Snra. D.ª Carlota Moreira Braga, filha dos Barões de Castro Lima e sogra de nosso consócio e colaborador dr. Antônio da Gama Rodrigues. Pesames.

— A 15-XII-1943 faleceu em S. Paulo a Exma. Snra. D.ª Gabriela Guerra Gonçalves, sobrinha do poeta Paulo Eiró e mãe de nosso consócio dr. José Antônio Gonçalves. Pesames.

— A 2-I-1944, no Rio de Janeiro, faleceu nosso consócio Sebastião de Sousa, mais conhecido como escritor, com o pseudonimo Gastão Penalva. Ver sua biografia na Revista n.º 7 pág. 68.

— A 8 de abril, em S. Paulo, faleceu nosso prezado consócio dr. Omar Simões Magro. (Vêr sua biografia na Revista n. 8, pág. 308). Pésames à família enlutada.

Digitized by Google

— A 16 de abril em Mariana (Minas), faleceu a progenitora de nosso colaborador Cônego Raimundo Trindade, historiador e genealogista mineiro. Pésames.

— A 9 de junho, em S. Paulo, faleceu o dr. Fernando Guastini Sobrinho, nascido a 14-VII-1911, filho de nosso consócio e redator-secretário, comendador Mário Guastini. Em outro número desta Revista daremos sua biografia. O Instituto prestou várias homenagens póstumas. Pésames.

— A 2 de julho em S. Paulo, faleceu o sr. Francisco de Paula Assiz, irmão do nosso consócio dr. Alfredo de Paula Assiz. Pésames.

— A 2-V-1944 faleceu o dr. Sebastião Fleurí Curado, nascido em Goiaz aos 22-1-1864, político, deputado federal constituinte, de 1891, professor de direito, procurador da República. Filho do coronel João Fleurí de Campos Curado e de D. Mariana Gaudie. Em 1891 c. c. D. Augusta de Faro Fleurí, filha do conselheiro André Augusto de Padua Fleurí. Deixou 8 filhos:

1 — André Fleurí Curado, funcionário federal em Uberaba, c. c. D. Maria Coelho;

2 — D. Maria Paula Fleurí, brilhante escritora goiana, c. c. dr. Albatenio Caiado de Godoi, procurador da República no Estado de Goiaz, filho do nosso brilhante colaborador desembargador João Francisco de Oliveira Godoi;

3 — D. Mariana Augusta Fleurí Curado, c. c. dr. Agnelo Arlington Fleurí Curado, professor do Colégio Oficial de Goiaz;

4 — Dr. Augusto Fleurí Curado, procurador fiscal do Tesouro Nacional, c. c. D. Ivani Craveiro;

5 — Dr. Sebastião Fleurí Curado Júnior, funcionário da Fazenda, em São Paulo, c. c. D. América de Barros.

6 a 8 Clarisse, Hermínia e Josefina, solteiras.
Pésames à família enlutada.

FORMATURA

Diplomou-se em direito, com brilhantismo o dr. Sebastião L. de Carvalho e Silva, filho de nosso consócio prof. Lauro Monteiro de Carvalho e Silva. Parabens.

GRANDE CONSELHO

Foi eleito, por unanimidade, presidente do Grande Conselho, órgão técnico diretor do Instituto Genealógico Brasileiro, o historiador dr. Carvalho Franco, um dos nomes mais em evidência entre os atuais homens de letras. Ver sua biografia na Revista n.º 8, pág. 303. Parabens ao Instituto.

Digitized by Google

NOMEAÇÃO

A 28-XII-1943 nosso consócio e colaborador dr. Décio de Vasconcelos, foi nomeado pelo Govêrno Mineiro para chefiar o Serviço de Águas e Energia Hidráulica do Estado. Parabens.

PROMOÇÕES

A 1.º-III-1944 foram promovidos pelo Govêrno do Estado de S. Paulo, os seguintes consócios, aos quais apresentamos nossas felicitações: O dr. Oscar Drumond Costa a Diretor do Serviço Social do Estado; o sr. José Marcondes de Matos a chefe da Seção de Derivados do Leite, do Departamento de Produção Animal, e o sr. Marcelo Figueira Neto a 3.º escriturário da Secretaria da Fazenda.

HOMENAGEM

Realizou-se a 27-I-1944 o jantar em homenagem a nosso consócio capitão médico dr. Tito Ascoli de Oliva Maia, que foi saudado pelos snrs. tenente Abrão Brickmann, capitão Edgar Braga, capitão Eusinio Batista, tenente-coronel Valdemar Pio dos Santos e Domingos Salun. O homenageado falou agradecendo. O Instituto se associa à justa homenagem.

IMPRENSA NACIONAL

Nosso consócio conde Armenio Jouvin acaba de publicar uma *"Carta Aberta ao Exmo. Snr. Dr. Rubens Porto, Diretor da Imprensa Nacional,* folheto com 29 páginas documentadas, onde expõe o que foi a sua brilhante atuação como Diretor da Imprensa Nacional, na presidência do Marechal Hermes.

GENEALOGIA PARANAENSE

O saudoso genealogista Francisco Negrão, além dos 4 volumes de sua monumental "Genealogia Paranaense", deixou mais dois volumes inéditos (5 e 6) que vão ser publicados pela prefeitura municipal de Curitiba, estando o 5.º volume já prestes a ser distribuido. Felicitamos o sr. Prefeito de Curitiba pelo patriotismo de que dá provas salvando tão preciosos documentos.

— A 25 de março procedeu-se à eleição da Diretoria do Instituto, para o bienio 1944-46; resolvendo-se criar o cargo de orador. Ficou assim constituída:

Presidente: Coronel Salvador de Moya.
1.º Vice-Presidente: Dr. Carlos da Silveira.
2.º Vice-Presidente: Dr. Agenor Guerra Corrêa.

Digitized by Google

1.º Secretário: Comendador Domingos Laurito.
2.º Secretário: Pedro de Freitas Gouvêa.
1.º Tesoureiro: Coronel Kyval da Cunha Medeiros.
2.º Tesoureiro: Dário Machado de Oliveira.
Bibliotecário: Dr. Ciro Mondim.
Orador oficial: S. A. Príncipe Igôr Dolgorukj.

— A 21 de abril o nosso consócio Capitão dr. Tito Ascoli de Oliva Maia foi condecorado com a medalha humanitária de 1.ª classe, de ouro, por haver salvo uma pessoa, num incêndio, ocorrido em Itapetininga. Felicitações.

— A 29 de abril, por ocasião do aniversário do dr. Carvalho Franco, presidente do Grande Conselho Técnico, a diretoria do Instituto foi cumprimentá-lo em seu gabinete, saudando ao homenageado o orador-oficial do Instituto, Príncipe Igôr Dolgorukj. O dr. Carvalho Franco, respondeu, agradecendo.

— A 17 de maio, em carta dessa data, nosso consócio dr. Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, ofereceu aos associados menos providos de recursos e suas famílias, consultas e tratamentos médicos mediante 50% de redução. Seu consultório é na rua Marconi, 34, 1, sala 12, fone 4-8667. Gratos.

— A 1.º de junho, amigos e admiradores do comendador dr. Domingos Laurito, cônsul do México e 1.º secretário do Instituto Genealógico Brasileiro, ofereceram-lhe um banquete, ao qual se associou o Instituto, sendo representado pelo seu presidente e orador oficial, que saudou o nomenageado. Este respondeu agradecendo.

— A 1.º de junho, na Bahia, o nosso consócio Herman Neeser discorreu sôbre o tema: *"O que nos conta uma árvore genealógica"*. Na mesma sessão o Instituto Genealógico da Bahia tratou da publicação trimestral de uma revista. Parabens.

— A 19 de junho, em outra sessão do mesmo Instituto Genealógico da Bahia, o dr. Mário Torres, secretário, falou sôbre o tema: *"Os Torres na Bahia"*, sendo muito aplaudido. Para a próxima sessão está inscrito o professor J. J. Nascimento Junqueira, que discorrerá sôbre: *"O simbolismo zoológico na heráldica"*.

— A 23 de junho, nosso consócio dr. Ulisses Lemos Torres foi eleito sócio correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Felicitações.

— No Anuário Geneálogico, vol. 6.º, pág. 60, foi omitida na composição uma linha, resultando D. Francisca de Paula Camargo Bueno parecer ser a mãe da Condessa Vicente de Azevedo, quando é avó.

— A brilhante revista *Nação Armada*, que se publica mensalmente no Rio de Janeiro, em seu n.º 53 de abril de 1944, pág. 56, transcreveu o nosso artigo *"O Batistério do Duque de Caxias"*, publicado no n.º 9 da *"Revista Genealógica Brasileira"* — fazendo-o preceder das seguintes palavras:

Digitized by Google

"A certidão de batismo do Duque de Caxias durante muito tempo esteve em destino ignorado. Com a devida vênia, transcrevemos da *"Revista Genealógica Brasileira"*, superiormente dirigida pelo Coronel Salvador de Moya, os documentos que vem elucidar completamente a questão."

Agradecemos a transcrição e, principalmente, a indicação da fonte, pois nem todos procedem assim.

DONATIVO

Pela quarta vez recebemos do sr. Olegário Camargo, m. d. prefeito municipal de Tietê, o donativo anual de cem cruzeiros, como auxílio às nossas publicações. Gratíssimos. Si todas as prefeituras municipais destinassem um pequeno auxílio anual ao Instituto, que trabalhos grandiosos poderiam ser feitos! Ampliariamos a Revista em quantidade de páginas e clichês, melhorando o papel. Sairia trimestralmente ou mesmo mensalmente. Unificariamos e uniformizariamos a genealogia dos Estados, em uma só, — a Brasileira. Para isso publicariamos um Dicionário das famílias brasileiras, em dezenas de volumes, — talvez uma centena. Ampliariamos o nosso Arquivo de documentos e fotografias. Mas nem vale a pena sonhar com o que fariamos... A realidade dura é a precaria situação financeira do Instituto.

O INSTITUTO GENEALÓGICO DE PERNAMBUCO

Fundado em 24 de novembro de 1943, instalado a 24 de janeiro de 1944, a 6 de junho do mesmo ano registou seus Estatutos, no Primeiro Cartório de Recife, sob o n.º 280, Livro 4, fls. 1. Recebemos atencioso ofício do secretário, sr. Orlando Cavalcanti, comunicando que, por proposta do presidente sr. Eugênio de Mendonça Paes Barreto, foi o nome do nosso Redator Chefe coronel Salvador de Moya, incluido no Quadro Social, como Honorário.

O Instituto Genealógico de Pernambuco está trabalhando assiduamente em assuntos genealógicos, tendo traçado um vasto programa a executar. Parabens.

GENEALOGIA PARANAENSE

Avisamos os interessados que vai sair o 5.º vol. da Genealogia Paranaense, de Francisco Negrão. Os interessados em adquiri-lo poderão fazê-lo por intermédio desta Redação.

GENEALOGIA PAULISTANA, DE SILVA LEME

Avisamos os nossos consócios que os 9 vols. da Genealogia Paulistana, de Silva Leme, estão se tornando raros, alguns exemplares que se encontram em livrarias de livros usados, estão pedindo 300 cruzeiros, com tendência a aumentar. Dispomos de três coleções que cedemos a 20 cruzeiros cada volume.

Digitized by Google

Manual de Heráldica Portuguesa

(extrato, da pagina 241 a 244, da edição de 1941, Pôrto)

Conde Armando de Matos

Aproximadamente há um século, divulgou-se em Portugal a moda de constituir o nome individual ao contrário do que até então, tão portuguesmente, se fazia. O apelido paterno, que era o único a juntar ao nome próprio ou ao sobrenome, se o havia, passou a ser acompanhado dos apelidos de linhas femininas, chegando por vezes a condenáveis exageros de extensão numa infantil demonstração nobiliárquica.

Nesta altura, surge a moda de passar o apelido paterno para o final do nome.

Uns assim fizeram e a designação da varonia mantem-se. Mas a maior parte não alterou o nome, constituindo erradamente o dos filhos. Os pais foram buscar para apelidos dos seus filhos, como principais, os últimos que usavam, que eram de linhas secundárias, sem se lembrarem que os apelidos varonis estavam a seguir ao nome próprio ou ao sobrenome.

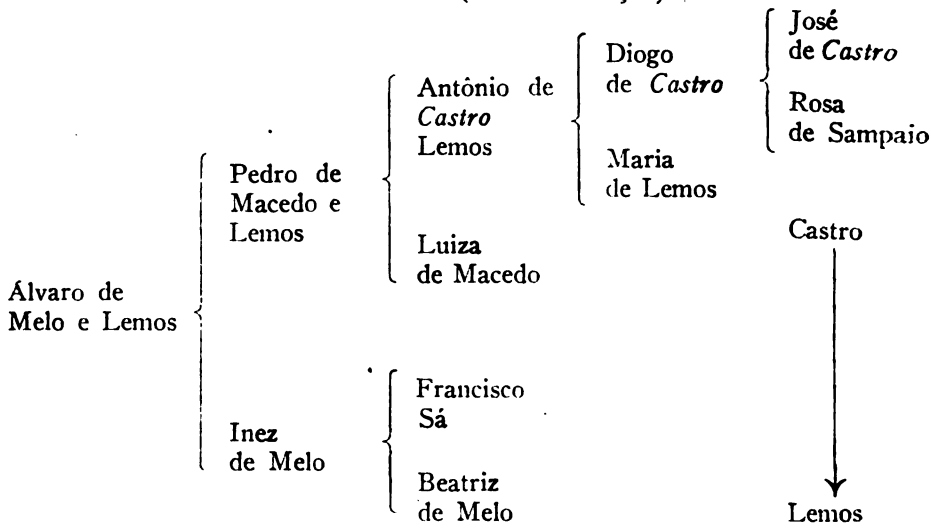
E assim, em três gerações, foi a confusão máxima na organização dos nossos nomes. Isto, com uns exemplos, melhor e mais facilmente se compreende:

1.º EXEMPLO (dentro da tradição)

Manuel de *Melo,* c. c. Luiza de Macedo	Melo
↓	↓
Antônio de *Melo,* c. c. Maria de Macedo	
↓	
José de *Melo,* c. c. Antônia de Pinho	
↓	
Diogo de *Melo.* etc.	Melo

Digitized by Google

2.º EXEMPLO (fóra da tradição)



Tudo isto vem a propósito para dizer que, pelo fato de essas pessoas não terem os apelidos dos seus nomes certos com os apelidos representados nas armas a que têm direito de uso, não devem alterar essas armas para as pôr de acôrdo com os seus nomes. Só dentro de um critério heráldico é que elas devem ser alteradas, compostas ou reformadas.

Para fazer o acêrto que, na verdade, se impõe, só com um trabalho lento e persistente, organizando os nomes de nossos filhos de maneira que vão retomando a perdida tradição. (1)

(1) É certo que êste meu modo de ver vai esbarrar com a doutrina do decreto n.º 22.018 de 22-XII-1932, que já tem merecido de esclarecidos espíritos lúcidos comentário. Não é descabido, pois juntar eu também nesta nota, as minhas razões de igual discordância com tal medida legislativa, que atraiçôa, flagrantemente, o espírito de reabilitação da família, que o Estado Novo tão dignamente defende e impõe.

Transcreve-se o art. 42 e seu parágrafo.

"Os nomes próprios não serão superiores a dois e deverão ser "escolhidos de entre os que se encontram nos diferentes calendários "e de entre os que usaram as personagens conhecidas na história e "não devem confundir-se com os nomes de família, nem com os de "coisas, qualidades ou animais, excepto tratando-se de nomes muito "vulgares, nem envolver referências políticas.

"§ único: O número de apelidos não será superior a três e deverão "ser escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, "devendo os últimos ou o último ser o do pai".

* * *

Evidentemente que o critério seguido neste decreto provoca, pelo menos os seguintes comentários:

Digitized by Google

1) Ter cortado com a maneira tradicional de organizar o nome individual;

2) a obrigatoriedade do apelido materno;

3) esta obrigatoriedade, enxertando no nome individual, em todas as gerações, novos elementos, fatalmente leva a que dentro de 2 ou 3 gerações, a família mude de designação;

4) provocar a perda da designação da família o que é absolutamente condenável pois só pode ter como conseqüência o enfraquecimento da tradição familiar, cujo principal esteio é o *nome*. E' prejudicar fundamente o prestigio da instituição familiar, naquilo que ela tem de mais nobre, que é a lembrança dos seus antepassados, que devem estar sempre presentes na memória dos apelidos usados por seus descendentes.

5) A limitação dos apelidos, que, em princípio, merece a nossa aprovação, para evitar exageros que nada valem nem significam, tem tambem inconvenientes grandes, se não for regulado de maneira criteriosa. Casos há em que uma família é conhecida, desde séculos, por dois apelidos, que sempre se enunciam juntos. Isto é, por sua vez, um valor histórico e moral de família que, de forma alguma se deve prejudicar. Fazê-lo, é uma violência. Mas, se acontecer, que um indivíduo a quem vai ser dado um nome, pelo Pai e pela Mãe, pertencer a famílias conhecidas por dois apelidos, como conciliar a razão histórica, com a fôrça da lei? E' claro que manda quem pode, obedece quem deve, mas fica com a razão quem tiver! E, neste caso, pena é que não seja a lei a ficar com a razão, por todos os motivos e mais um.

Há, porém, o direito de mutilar um nome? Não, evidentemente; o que se impõe, é uma nova disposição de lei que responha este assunto dentro da tradição portuguesa.

Aqui, nas modestas linhas dêste comentário, chamamos a atenção para quem de direito, a ver se êste assunto, de mais conseqüências que aparentemente parece, pode ser reparado, tanto mais que essa reparação tem de estar dentro, absolutamente dentro, do espírito nacionalista da *hora* que, graças a Deus, estamos vivendo.

Sócios quites (até 30-VI-1944)

(OS QUE NÃO FIGURAM AQUÍ, SERIA OBSÉQUIO POREM-SE EM DIA)

Sócios efetivos (Cr$ 120,00 anuais) — Conselheiros, orientadores técnicos do Instituto:

Adalzira Bitencourt, dra.
Adolfo Konder
Afonso José de Carvalho
Agenor Guerra Corrêa
Alberto Clementino de Azevedo
Alceu de Campos Pupo
Alcyr de Madeira Vidigal
Alcindo Brito
Alexandre Guimarães dos Santos
Aluízio de Faria Coimbra
Alfredo Penteado Filho
Amadeu Gomes de Sousa
Amilcar Salgado dos Santos
Ana de Queiroz Teles Tibiriçá.
Antônio Felipe de Miranda Rosa
Antônio da Gama Rodrigues
Antônio Regis Filho
Argemiro Martins Barbosa
Artur de Vasconcelos
Benedito Alípio Bastos
Carlos Fouquet
Carlos Grandmasson Rheingantz
Carlos da Silveira

Digitized by Google

Cristiano Klingelhoefer
Ciro Onesimo Maria Mondin
Dagoberto Sales
Diogenes Pereira do Vale
Djalma Forjaz
Domingos Laurito, Comendador
Eduardo Vaz
Egon Prates Pinto
Enéas Cesar Ferreira
Ernesto de Morais Leme
Ernesto Sampaio de Freitas
Ervin Hirschowicz
Esaú Corrêa de Almeida Morais
Eugênio Lindenberg
Felipe Nery de Siqueira e Silva
Flávio Xavier de Toledo
Francisco de Assiz Carvalho Franco
Francisco Flores da Cunha
Francisco Osorio de Oliveira
Francisco Pires Martins
Geraldo Augusto Procópio Junqueira
Geraldo Cardoso de Melo
Hernani de Campos Seabra
Horácio Rodrigues da Costa
Igôr Dolgorukij, Príncipe
Joaquim Gomes da Fonseca Ferreira
Joaquim Libanio Leite Ribeiro
José Armando Vicente de Azevedo
José Ataliba Leonel
José Augusto Bezerra de Medeiros
José Hildebrando da Silva Leme
Luiz Felipe de Araujo Paiva Meira
Luiz Sampaio Arruda
Luiz Sérgio Tomaz
Lysias Augusto Rodrigues
Manuel Lopes de Oliveira Neto
Mário Guastini, Comendador
Mário de Sousa Lopes
Odila de Sales Pujol
Olavo Dias da Silva
Oscar Drummond Costa
Otávio Nunes Sousa
Oscar de Moura Lacerda
Pascoal José Napoleão Isoldi
Paulo Ainérico Passalacqua
Pedro de Freitas Gouvêa
Péricles Silveira
Rafael Franco de Melo
Raimundo Girão
Raul Leme Monteiro
Renato Egídio de Sousa Aranha
Salvador de Moya
Silvio de Campos
Silvio de Campos Filho
Tito Ascoli de Oliva Maya
Vasco Smith de Vasconcelos
Zenon Pereira Leite

Sócios contribuintes (Cr$ 60,00 anuais) — Colaboradores da Revista:

Abel Ribeiro Camelo (Cônego)
Alberto Cardoso de Melo
Alberto Carlos d'Araujo Guimarães
Aldo Mário de Azevedo
Alfredo de Paula Assiz
Anibal Ruppi, Padre
Antônio Soares de Lara
Armando de Arruda Pereira
Armando dos Santos Barroso
Armando Sestini
Armênio Jouvin, Conde
Aroldo Edgar de Azevedo
Artur Martins Franco
Artur Vieira de Rezende e Silva
Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho
Braulio Goulart
Breno Bernardes de Oliveira
Carlos Augusto Amaral
Carlos Ribas de Melo Leitão
Carlos Stellfeld
Carlos Xavier Paes Barreto
Condessa de Serra Negra
Machado de Oliveira
Edgar de Toledo Malta
Edmundo Augusto de Loyola
Edmur de Barros Sousa
Elisario da Cunha Bahiana
Elisario Ramos de Camargo
Eurico Branco Ribeiro
Felix Eduardo Eschelbach
Francisco Klors Werneck
Francisco Maria da Rocha Werneck
Gaspar Eugênio dos Passos
Geraldo Bezerra de Menezes
Guilherme Pires de Carvalho e Albuquerque
Guiomar de Carvalho Franco
Haroldo Monteiro Junqueira
Herman Neeser
Horts Flatau
Inácio da Costa Ferreira
Itamar Bopp
Ives de Matos Vieira
Jaime Moniz de Aragão Dáquer
João Oliveira de Barros
Johann Otto Roosen Runge
Jorge Moreira da Rocha
José de Arruda Campos
José Bonifácio de Arruda
José Eusebio de Queiroz Mattoso
José Marcondes de Matos
José Oliveira de Barros
Juan Voltas Nogués
Licurgo de Castro Santos
Manuel Aguiar Pereira de Sousa
Manuel Nogueira Viotti
Manuel de Paiva Ramos
Manuel Pinto Moniz de Aragão
Manuel Vieira de Andrade
Marcos Corrêa
Maria Torres
Máximo Cruz de Azevedo Marques
Miguel Ney de Carvalho
Miguel de Paula Lima
Otávio Ferraz de Camargo Júnior
Paulo de Melo Rezende
Plínio dos Santos Barroso
Plínio de Oliveira Adams
Raul Drummond Gonçalves
Reinaldo Maia Souto
Renato Alvim Maldonado
Ricardo Xavier da Silveira
Rivadavia Dias de Barros
Sergio De Lamare
Silvia de Sousa Prates

Digitized by Google

Sócios assistentes (Cr$ 50,00 anuais)

Abraão Carvalho
Adalberto Ortmann, frei, O.F.M.
Adauto da Câmara
Adolfo Carlos Lindenberg
Adolfo Dourado
Adriano de Azevedo Pondé
Afonso Bertagnoli
Afonso Costa
Afonso Rui de Souza
Alain de Almeida Carneiro
Alcides Romeiro da Roza
Alexandre d'Alessandro
Alfredo Freire
Alfredo Teodoro Rusins
Altamirando Requião
Américo Alves de Sene
Amilcar Montenegro Osorio
Analice Caldas de Barros
Anfrisia Santiago
Anibal de Freitas
Anselmo Nogueira Macieira
Antônio B. Martins Aranha
Antônio Paes Cintra, Monsenhor.
Antônio Pinto de Avelar Fernandes
Antônio Rubbo Muller
Arlindo de Carvalho Pinto
Armando Dias de Azevedo
Arnold Wildberger
Augusto Cesar Santos Monteiro
Augusto Cesar Viana
Basílio de Magalhães
Benedito Bueno de Camargo
Benedito Pires de Almeida
Benno Frederico Mentz
Bento Antônio de Morais
Cândido Torres Guimarães
Carlos Alberto Roxo Júnior
Carlos Migueiz Garrido
Carlos Borromeu Ebner
Celidônio d'Afonseca e Silva
Celso Martins Schroeder
Clara Calmon da Costa Pinto
Claro Augusto de Godói
Claudio Mariano Carneiro da Cunha
Dulphe Pinheiro Machado
Edmur de Aguiar Whitaker
Eduardo Carlos Viana
Eli de Azambuja Germano
Elisiário de Camargo Branco
Elisiário Dupas
Elisio de Carvalho Lisboa
Elisio Moreira da Fonseca
Emilio Fernandes de Sousa Docca
Ernesto Horácio da Cruz
Eudoro Ferraz de Campos
Eudoxio Ferraz de Campos
Eurico Brito de Oliveira Andrade
Ezequiel Ubatuba
Fausto Teixeira
Fernando de Freitas Filho
Flávio de Freitas Gouvêa
Fortunato Bernardo do Nascimento
Fortunée Levy
Francisco Alberto Veiga de Castro
Francisco Carneiro de Camargo
Francisco Eugênio de Assis
Francisco Marques dos Santos
Francisco Peixoto, filho
Francisco Ribeiro Júnior
Gastão Ferreira de Almeida
Gastão José da Silva Abbott
Getúlio Antônio Paiva
Gilda Guimarães de Barros e Azevedo, dra.
Godofredo Rabelo de Figueiredo
Guilherme Echenique
Guilherme Echenique Filho
Guilherme Lara Tupper
Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira
Hélio Bandeira Moreira
Helio Viana
Heitor Basto Cordeiro
Heloisa de Assumpção
Heloisa Cabral da Rocha Werneck
Henrique Oscar Wiederspahn
Hildebrando Barbosa e Silva
Hildebrando Newton de Barcelos
Hugo Fernandez Burzaco, hijo
Hugo Tapajós
Hugo Vitor Guimarães e Silva
Humberto Sales de Moura Ferreira
Isaias Vieira de Morais
Jarbas Ourique de Carvalho
Jairo da Cunha Gama e Abreu
Jerônimo Vintg-Un Rosado
João de Almeida Leite Morais
João Batista de Arruda Sampaio
João da Costa Pinto Dantas Junior
João Dantas Martins dos Reis
João Francisco de Oliveira Godói
João Gabriel Sant'Ana
João Gumercindo Guimarães
João Luiz de Oliveira
João Luiz Pompeo de Pina
João de Melo Macedo
João Pacheco de Almeida Prado Filho
João Rabelo de Aguiar Valim
João Vitor Jacobina
Jorge Alberto Martins Tinel
Jorge de Allande Salazar Arrau
Jorge Bueno de Miranda
José Antônio Gonçalves
José Antônio do Prado Valadares
José de Araujo Fabrício
José Gomes Pereira Pinto
José Guimarães
José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque
João José Nascimento Junqueira
José Ligotti
José de Mesquita, desemb.
José Pedro Carvalho Júnior
José de Rezende Enout
José Sebrão de Carvalho, sobrinho
José Vilela da Costa Pinto
Júlio Marino de Carvalho
Julio da Silveira Sudário
Jurandir Martins de Castro
Kyval da Cunha Medeiros

Digitized by Google

Laura Ganns
Laurênio Lago
Lauro Monteiro de Carvalho e Silva
Luciano Cerqueira Pereira
Lúcio Corrêa e Castro
Luiz Alves de Oliveira Belo
Luiz de Azevedo Castro
Luiz Castanho de Almeida
Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa
Luiz Philipe de Sá Campelo Faveret
Luiz Torres
Licurgo de Castro Santos Filho
Manuel Augusto Velho da Mota Maia
Manuel Hipolito do Rego
Manuel Luiz Osorio
Manuel Pombo Piñeres
Manuel Viana de Castro
Maria Luiza Franco da Rocha
Marieugênia Catta-Preta de Faria
Mario Abatti
Mario de Barros
Mário Batista Mendes de Matos
Mário Belfort Ramos
Mário Duprat Fiuza
Mário Duvivier Goulart
Mário Linhares
Miguel Ângelo de Oliveira
Miguel Calmon du Pin e Almeida
Mozart da Silva Pinto
Nelson de Oliveira Mafra
Nilza Vilela Botelho
Olga de Carapebús
Olinto Sanmartin
Oscar Miranda de Freitas
Osvaldo Benjamin de Azevedo
Osvaldo Piedade Trindade
Osvaldo Valente
Otacílio Grafulha
Otaviano Raimundo da Silva
Otávio Corrêa de Guamá
Otávio Ramos
Palmira Vieira da Silva
Paulo da Costa Azevedo
Paulo Eduardo Stempniewki
Paulo Emilio d'Alessandro
Paulo de Matos Rudge
Pedro Gonsalves de Almeida
Pedro de Paranaguá
Pedro Silveira Avancini
Pedro Virginio Martins
Pedro Werneck Corrêa e Castro
Pio Corrêa de Almeida Morais
Pio José Busanelo, Padre
Rafael Pinheiro de Ulhôa Cintra
Raimundo Trindade, Cônego
Renato Ferraz Kehl
Ricardo W. Staudt
Romeu Maia Souto
Rosário Farani Mansur Guérius
Rui Serra, Monsenhor
Rui Vieira da Cunha
Sebastião de Afonseca e Silva
Sebastião de Almeida Oliveira
Sebastião Moreira de Azevedo
Sebastião Eugênio de Camargo
Servílio de Abreu Soares
Silvino Elvídio Carneiro da Cunha
Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra
Sinésio Trindade
Sinval de Andrade
Sílvio da Cunha Echenique
Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra
Telésforo de Sousa Lobo
Teodoro de Sousa Campos Júnior
Tomaz Pompeu Brasil Sobrinho
Ulisses Lemos Torres
Valdomiro Borges do Canto
Viriato Dutra
Vital Pimentel de Barros Bitencourt
Vivaldi de Magalhães Castro
Waldemar Magalhães de Matos
Waldo Leite de Magalhães Pinto

Resumos

Efetivos	80
Contribuintes	74
Assistentes	207
Total	361

ÍNDICE DOS APELIDOS TRATADOS

(O algarismo romano indica o volume da Revista Genealógica Brasileira e o algarismo arábico a página).

Aguiar - I, 289
Albuquerque - II, 55; III, 399
Alessandro - I, 34
Almeida - III, 469
Alves - I, 231
Antunes - II, 105
Araujo - I, 133; II, 51
Arruda - IV, 111, 381
Assiz - I, 445
Assunção - II, 413
Ave-Lallemant - II, 455
Ávila - V, 401
Azambuja - II, 181
Azeredo - III, 5
Azevedo - I, 134, 329; II, 115, 433
Barcelos - I, 241
Barbosa - I, 38; II, 39
Barreiro - V, 25
Barreto - I, 420
Barros - II, 247
Bastos - II, 150
Batista - I, 134
Baumann - I, 421
Belos - II, 403
Berredo - V, 26
Bezerra - IV, 329
Borges - II, 417, 427
Braçal - V, 27
Bragança - I, 435; II, 26, 175, 317
Brant - V, 375
Brasil - I, 445
Brito - II, 327
Bueno - III, 51
Bulcão - II, 201
Bulhão - V, 27
Caiado - II, 142
Caldeira - V, 375
Câmara - V, 41
Camargo - IV, 241

Digitized by Google

Campos - I, 305; II, 3, 225; III, 69
Cantanhede - V, 27
Canto - I, 324
Cardia - II, 105
Carrilhos - II, 47; III, 23
Carvalho - I, 245, 488; II, 55; IV, 193
Castro - I, 53.
Catta-Preta - I, 77
Coelho - IV, 333
Cordeiro - IV, 401
Corrêa - I, 135, 461; II, 365
Costa - II, 31, 51, 289; IV, 281
Coutinho - III, 5
Couto - II, 75
Cunha - IV, 367
Curado - III, 139; IV, 191
Dantas - I, 135, 379, 439
Diederichsen - II, 467
Ebner - II, 43
Faria - I, 77
Favacho - V, 27
Fernandes - I, 136
Ferraz - IV, 371
Ferreira - II, 327; III, 469
Fonseca - II, 327
Forster - I, 91
Fortes - II, 417, 427
Frota - V, 114
Gago - IV, 367.
Galvão - I, 136; II, 303
Gama - I, 451; III, 83
Gomes - II, 133
Gonzaga - I, 109
Henriques - V, 41
Jaufret - V, 28
Konder - IV, 203
Lago - V, 29
Lamagner - V, 29
Leal - V, 21
Leite - I, 324; II, 327; III, 415
Lima - I, 53, 231
Lindenberg - I, 21, 277
Lisboa - V, 29
Lopes - I, 136; II, 303
Lorena - I, 9, 265, 431; II, 83; III, 439
Loyola - IV, 437
Machado - IV, 31
Maia - I, 134
Marcondes - IV, 385
Marques - II, 433
Martins - I, 299; II, 102, 153
Matos - I, 253
Medeiros - II, 202; IV, 329
Melo - II, 51
Mendes - I, 441; II, 327
Mendonça - II, 139
Miranda - V, 41
Moniz - I, 420
Montes - II, 297
Morais - II, 247
Moreira - IV, 400
Nioac - II, 453
Oliveira - II, 39
Orleans - I, 5; II, 26, 175
Ornelas - I, 37; II, 452; III, 215
Paes - II, 111; IV, 381
Paiva - I, 131
Palhano - V, 30
Pereira - I, 133
Pessanha - IV, 353
Pimenta - I, 136
Pina - III, 139
Pinheiros - III, 61
Pires - I, 249; II, 55
Pompêu - I, 493
Prestes - III, 399
Pujol - I, 192, 319
Pupo - I, 317
Quadros - V, 31
Rego - V, 32
Reis - V, 33 e 101
Rheingantz - II, 261
Ribeiro - IV, 395
Rodrigues - I, 83, 441; II, 31; III, 441
Sá - I, 461; II, 365
Sales - II, 3
Salgados - III, 403
Silva - I, 131
Silveira - III, 439; IV, 333
Simões - V, 121
Siqueira - IV, 419
Sodré - IV, 41
Sousa - IV, 31, 79, 385
Toledo - I, 299; II, 102
Tourinho - V, 39
Thurn und Taxis - I, 459
Vale - V, 39
Valente - II, 51
Vaz - I, 245
Veiga - III, 141
Viana - V, 283
Werneck - IV, 315, 326
Whitaker - I, 289
Xavier - V, 113

ÍNDICE DOS COLABORADORES

Adalzira Bittencourt, d.ra 517 e 519.
Adauto Miranda Raposo da Câmara, 41
Afonso Costa, 275
Antônio Henrique Leal, 21
Armando de Matos (Conde), 579
Carlos da Silveira, 93
Carlos Viana, 117
Celso Martins Schröder, 131 e 401
Felipe Nery de Siqueira e Silva, 175 e 435
Francisco Alberto Veiga de Castro, 101
Francisco de Assis Carvalho Franco, 75 e 307
Gastão Ferreira de Almeida, 503
Guilherme Martinez Auler, 269
Heloisa Cabral da Rocha Werneck, 3 e 251
Herman Neeser, 59
Jenny Dreyfus, 525
Joaquim de Campos Serra Filho, 355
José Gomes Pereira Pinto, 273
José Trindade da Fonseca e Silva (Padre), 113 e 379
Luiz Castanho de Almeida (Cônego), 395
Manuel Viana de Castro, 283
Mario D. Wanderley, 135
Otávio Pires Coelho, 121
Raimundo Trindade (Cônego), 111
Rui Serra (Monsenhor), 365
Salvador de Moya (Coronel), 73, 143, 171, 191, 231, 267, 282, 339, 393, 447, 459, 509, 573.

Digitized by Google

INDICE DO 5.º ANO DA REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA

Acadêmia Mexicana de Genealogia e Heraldica, *redação* 282
Achegas a um brasonário paulista, *dr. Carvalho Franco e Roberto Thut* .. 75 e 307
Adaizira Bittencourt, *coronel Salvador de Moya* 509
Arvores de Costado, *Joaquim de Campos Serra Filho* 355
Aurélio Pôrto, historiador e genealogista, *dr. Gastão Ferreira de Almeida* 503
Balancete 354
Barão de Abiahy (o), *redação* 267
Batistério do Duque de Caxias (o), *redação* 73
Bibliografia 503
Biografia de socios, *coronel Salvador de Moya* 459
Câmaras e Miranda-Henriques, *dr. Adauto Miranda Raposo da Câmara* 41
"Catalogo Genealógico" (o), de Jaboatão, *Afonso Costa* 275
Códice do Conde de Iguassú (o), *Heloisa Cabral da Rocha Werneck* 251
Conselheiros vitalicios, *redação* 249
Coronel Joaquim Vicente dos Reis (o) e sua descendência, *Manuel Viana de Castro* 283
Delegados do Instituto Genealógico Brasileiro ..... 2 e 516
Dicionário Bio-Biográfico de mulheres intelectuais, e biografias de mulheres ilustres e notáveis do Brasil, *d.ra Adalzira Bittencourt* 519
Déz retificações ao "Arquivo Nobiliarquico", *dr. Guilherme Auler* 269
"Ex-libris", dr. Felipe Neri de Siqueira e Silva ..... 175 e 435
Expediente (Regulamento da Revista), *redação* ..... 58 e 272
Exposição de louça brasonada no Museu Nacional de Belas Artes, *Jenny Dreyfus* 525
Família Pina, de Goiaz, *Padre José Trindade da Fonseca e Silva* 379
Famílias Sergipanas, *dr. José Gomes Pereira Pinto* 273
Galeria biográfica, *coronel Salvador de Moya* 143
Galeria feminina, *redação* 507
Galeria de socios, *coronel Salvador de Moya* 191
Genealogia, *Herman Neeser* 59
Genealogia das famílias Ávila e Carvalho, *Celso Martins Schröder* 401
Genealogia do Plutarco Maranhense, *dr. António Henrique Leal* 21
Instituto Genealógico Feminino, *redação* 505
Institutos genealógicos estrangeiros 120
Institutos genealógicos nacionais ..... 232 e 560
Livros indispensaveis aos principiantes 190
Localidades onde há socios ou leitores da *Revista* 171
Manual de Heraldica Portuguesa, *conde Armando de Matos* 579
Marcos Konder Senior, *Carlos Viana* 117
Marechal do Exército Felisberto Caldeira Brant Pontes, marquês de Barbacena, *coronel Laurenio Lago* 375
Mateus Simões Pires, *coronel Otávio Pires Coelho* 121
Nobiliário de Torres (o), da Biblioteca Nacional, *Heloisa Cabral da Rocha Werneck* 3
Noticiário, *redação* ..... 231 e 573
Obras à venda ..... capa
Pequenas biografias, *coronel Salvador de Moya* 447
Pequeno Indice, da Genealogia Paulistana, *coronel Salvador de Moya* 339
Perguntas e respostas ..... 186 e 561
Povoamento de Lajes, *Cônego Luiz Castanho de Almeida* 395
Reis, de Tietê (os), *dr. Francisco Alberto Veiga de Castro* 101
Relação dos livros de batismos, casamentos e óbitos, do Bispado de S. Carlos, *Monsenhor Rui Serra* 365
Requerimento ao sr. Interventor 566
Rita Joana de Sousa, a primeira poetisa nascida em terras do Brasil, *d.ra Adalzira Bittencourt* 517
Silva Leme e o conceito da genealogia, *dr. Carlos da Silveira* 93
Socios quites ..... 139 e 566
Tragédias da Casa dos Albuquerques (as), *dr. Mario D. Wanderley* 135
Trisavós do dr. Getulio Vargas, *Cônego Raimundo Trindade* ..... 111 e 393
Troncos genealógicos, de Goiáz, *Padre José Trindade da Fonseca e Silva* 113

Digitized by Google

ÍNDICE DAS REFERÊNCIAS

Agnelo Arlington Fleurí Curado, 72
Albatenio Caiado Godoi. 274
Alcibiades Valerio Silveira de Souza, 170
Alvaro Augusto Lopes, 305
Amilcar Montenegro Osorio, 170
Auselmo Nogueira Macieira, 394
Antônio B. Martins Aranha, 72 e 112
Antônio da Gama Rodrigues, 174, 394 e 456
Antônio Paes Cintra (Monsenhor), 241
Antônio Reis (Dom). 560
Arlete Corrêa Neto, 176
Armenio Jouvin, conde, 268
Benedito Pires de Almeida, 72
Carlos Drumond de Andrade, 550
Carlos Xavier Paes Barreto, 72
Celso Martins Schroder, 142, 170, 306, 504 e 550
Claro Augusto de Godoi, 272
Condessa de Serra Negra, 456
Cristovão Leite de Castro, 268
Daniel Hostin (Dom), 515
Decio de Vasconcelos, 120, 141 e 306
Edgar Batista Pereira, 141
Edmundo Augusto de Loyola, 19 e 392
Eduardo de Brito e Cunha, 268
Elisiario de Camargo Branco, 189 e 250
Epifânio da Fonseca Doria, 338, 374 e 550
Fausto Teixeira, 133 e 266
Felix Eduardo Eschelbach, 394
Ferdinand de Trazegnies, 438
Francisco Alberto Veiga de Castro, 72 e 268
Frederico Hobold (Rev.mo P.e), 550
Gastão Abbott, 250
Geraldo Bezerra de Menezes, 274
Geraldo Cardoso de Melo, 274
Gustavo Adolfo Gonzaga de Siqueira, 134 e 327
Gustavo Capanema, 142, 170 e 274
Helio Fernandes Ferreira Viana, 327, 356 e 515
Heloisa de Assumpção, 170
Heloisa Cabral da Rocha Werneck, 40, 170, 232 e 281
Jaime Moniz de Aragão Daquer, 19 e 438
Jarbas Jayme, 250 e 378
João Batista Ch. R. (Padre), 394 e 515
João Dantas Martins dos Reis, 120
João Francisco de Oliveira Godoi, 19, 58, 134 e 281
João Jaques Ribeiro do Vale, 134
José de Araujo Fabricio, 176, 327 e 378
José Assueiro de Siqueira, 133
José Baréa (Dom), 570
José Corrêa Pinto, 232
José Guimarães, 134 e 306
José Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque, 400
José N. de Paula Leite, 250
José Sebrão Sobrinho, 338
Julio de Vasconcelos Teixeira da Mota, 142
Laurênio Lago, 40, 120 e 394
Lourenço Luiz Lacombe, 378
Luiz Castanho de Almeida (Cônego), 189 e 570
Luiz Enrique Azaroia Gil, 250
Luiz Felipe de Castilhos Goycochea, 58 e 189
Manuel de Aguiar Pereira de Souza, 142
Manuel Nogueira Viotti, 133, 189 e 274
Manuel Nunes Coelho (Dom), 565
Maria de Lourdes de Souza Brèves, 327
Mário Barata, 190
Mário da Silveira (Monsenhor), 142 e 559
Mário Torres, 120
Nestor dos Santos Lima, 250
Olimpio Gonzaga, 189
Olinto Sanmartin, 266
Orlando Marques de Albuquerque Cavalcanti, 250
Paulo Emilio d'Alessandro, 170 e 378
Pedro Maciel Vidigal (P.e), 19
Pedro Robles y Chambers, 378
Pedro Werneck Corrêa e Castro, 438
Pompeu Rossi, 327
Rafael Cantinho Filho, 306 e 378
Raimundo Trindade (Cônego), 170, 565 e 570
Raul de Lima, 241
Regina Amoroso Lima, 250
Roberto Amorim de Santa Vitória, 241
Romeu Maia Souto, 250 e 378
Rui Vieira da Cunha, 392 e 394
Sebastião Almeida Oliveida, 189
Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, 190 e 306
Teodoro de Sousa Campos Junior, 392
Valdemar de Assiz Ribeiro, 353
Valdemar de Magalhães Matos, 438
Valter Spalding, 356
"Boletim Municipal" (de Porto Alegre), 356
"Correio do Povo", 241
"Diario de Noticias", 241
"Estudos Brasileiros", 327, 356 e 515
"Nação Armada", 268
"Tribuna" (a), de Santos, 305

Digitized by Google

BIBLIOGRAFIA *(conclusão da pág. 524)*

64) Arquivo Nacional — Elenco das publicações e dos documentos originais, etc., em execução de parte do programa de colaboração com a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, presidida pelo general de divisão Francisco José Pinto — Rio, 1941.

65) Manuel Anselmo — Manuel Lubambo, a amizade luso-brasileira e a latinidade. — Recife, 1943.

66) Prof. Barreto Campelo — A dupla nacionalidade dos portugueses no Brasil. — Recife, 1942.

67) Gabriel Molina — Boletin Bibliográfico n.º 77 — Ano de 1943 — Madrid. — Cadernos do cultura brasileña — N.º 6 — Monumento a la vitoria — Manuel Ubatuba — Santiago, abril de 1943.

68) Revista da Faculdade de Direito de São Paulo — Vol. XXXVII — 1942.

69) Gilberto Osorio de Andrade — Os fundamentos da neutralidade portuguesa — Recife, 1943.

70) Raimundo Girão — O comendador José Antônio Machado e sua descendência. — Fortaleza, 1943.

71) Hugo Vitor — Chefes de Polícia do Ceará — Fortaleza, 1943 — Oferta do autor que é nosso prezado consócio. O livro além de muito valioso como fonte biográfica, traz várias ilustrações. Gratos.

72) Cônego R. Trindade — Genealogias da Zona do Carmo — Ponte Nova, 1943. Este autor mineiro é nosso consócio e colaborador. O seu trabalho tem valor genealógico e se compõe de vol. in-4.º com mais de 530 páginas. Aborda muitas genealogias como sejam as dos Abreu e Lima, Aires Gomes, Barbosa Lage, Corrêa e Castro, Cotas, Drumonds, Martins Chaves, Pinto e Castro, Rabelos, Rodrigues Afonso, Vieira Braga, etc. etc. Tem também várias ilustrações, sendo o volume de boa feitura. Agradecemos penhorados ao nosso distinto consócio a valiosa oferta.

73) Relatório anual da Sociedade Suiça de Beneficência da Bahia — Bahia, 1943. Exercício de 1942. Oferta do nosso consócio, sr. H. Nesser.

74) A conquista da Independência — Prof. J. J. Nascimento Junqueira — Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda — Bahia — Oferta do nosso consócio H. Nesser.

75) Revista de Educação Pública — Prefeitura do Distrito Federal — N.º I. — Janeiro-Março, 1943.

76) Revista das Academias de Letras — Rio, maio-junho de 1943. — Traz além de outros bons artigos, um do nosso consócio Carlos Xavier Paes Barreto sôbre "Fatos reais ou lendários atribuidos à família Barreto".

77) Castilhos Goycochêa — A América e a sucessão de d. Quixote — Rio, 1943 — O ofertante é nosso estimado consócio e muito lhe agradecemos mais este valioso trabalho da sua lavra.

78) Nini Miranda — A vida do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca — Rio, 1942. Excelente biografia bastante ilustrada da lavra da nossa prezada consócia a quem agradecemos o exemplar enviado.

79) Bastos Tigre — Martins Fontes — Conferência realizada em Santos a 23 de junho de 1942 — Santos, 1943.

80) Mario Hermes da Fonseca e Ildefonso Escobar — Primordios da organização da defesa nacional — Rio, 1943 — Patriótico trabalho dos nossos prezados consócios cuja oferta muito agradecemos.

81) Anais das Faculdades Católicas — Vol. II — Rio, 1943.

82) André Carrazzoni — Perfil do estudante Getulio Vargas — 2.ª edição — Rio, 1943.

83) Padre Aristides Greve — Subsídios para a história da restauração da Companhia de Jesus no Brasil — 1842-1942 — São Paulo, 1942 — Album do Colégio de São Luis no seu 75.º aniversário — Itú — São Paulo — 1867-1942 — Muito agradecemos as ofertas destes exemplares para a nossa Biblioteca.

84) Melville J. Hereskovits — Pesquisas etnológicas na Bahia — Bahia, 1943.

85) Laurenio Lago — Manuel Bernardo Vasques — Dados biográficos — Rio, 1937.

CARVALHO FRANCO

Digitized by Google